OS EXPERIMENTOS LEONARD E SOULE

EM INVESTIGAÇÃO PSÍQUICA

LYDIA W. ALLISON

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

OS EXPERIMENTOS LEONARD E SOULE

EM

INVESTIGAÇÃO PSÍQUICA

Também Experiências com Sanders, Brittain, Peters e Dowden

LYDIA W. ALLISON

Material Suplementar pelo INVESTIGADOR RESPONSÁVEL DA

SOCIEDADE DE INVESTIGAÇÃO PSÍQUICA DE BOSTON

Fevereiro, 1929 Sociedade de Investigação Psíquica de Boston 346 Beacon Street Boston, Mass.

Copyright 1929 pela Sociedade de Investigação Psíquica de Boston, 346 Beacon Street, Boston, Mass.

ÍNDICE

Investigações por Lydia W. Allison
Introdução da Sra. Allison
Experiências com a Sra. Soule
Experiências com a Sra. Sanders O Sinal "X"
Experiência com a Sra. Brittain
Experiência com o Sr. Peters
Experiências com a Sra. Leonard
Experiências com a Sra. Dowden
Observações Finais pelo Investigador Responsável
Investigações por W. F. Prince
Introdução do Dr. Prince ... Experiências com a Sra. Soule

INTRODUÇÃO

A impressão de material mediúnico pode ser justificada de duas formas: por lançar uma nova luz sobre os problemas envolvidos, ou

por, pelo menos, acrescentar novas evidências à massa que já foi cientificamente apresentada e criticamente discutida. Mas raramente, suponho, é de esperar a primeira. No entanto, enquanto as fontes de conhecimento aparentemente supranormal continuarem a ser uma questão de debate, a adição de novas recolhas de factos terá o seu valor. Apenas, contudo, quando houver prova satisfatória de que estes factos devem ter sido adquiridos através de canais supranormais.

Pessoalmente, estou convencida de que um grande número de afirmações feitas por médiuns foram obtidas dessa forma. Os meus fundamentos para esta convicção residem, por um lado, na natureza das próprias afirmações e, por outro, nas precauções tomadas e no modo de investigação empregue, ambos os quais serão demonstrados em parágrafos posteriores desta Introdução e em comentários sobre os textos. A minha preocupação em não ser enganada por qualquer falta de precauções, ou por uma vontade de acreditar, é, espero, aparente no método de abordagem aos vários médiuns, o qual foi declarado em cada caso individual.

Uma vez despertado o meu interesse na possibilidade de comunicação de inteligências anteriormente encarnadas na terra, ou o que pelo menos apresenta fortes argumentos de o ser, fui atraída pelas primeiras evidências aparentemente confirmatórias e fiz novas tentativas para satisfazer o meu sentido crítico. Nem direi que já me sinto inteiramente satisfeita — talvez seja da natureza humana esperar demasiado. Ou talvez se exijam mais tipos de evidência do que a natureza dos fenómenos apresentados torna possível.

Estes registos não foram reunidos com qualquer expectativa de futura publicidade. Tendo, para minha própria satisfação, consultado o Dr. Prince para obter a sua estimativa do valor da evidência sob as condições da sua acumulação, foi-me pedido que permitisse a sua publicação. Ao consentir, estipulei que o Investigador Responsável da Sociedade de Investigação Psíquica de Boston editasse e avaliasse finalmente os registos como um todo. Preferiria a avaliação do Dr. Prince a qualquer outra e não posso expressar adequadamente a minha gratidão para com ele pela sua paciência e ajuda incansáveis. Insisto neste ligeiro reconhecimento apesar do protesto expresso do Dr. Prince de que este não deveria aparecer impresso.

O meu interesse na investigação psíquica data do falecimento do meu marido, em junho de 1920. Ao longo deste artigo referir-me-ei a ele como "E. W. A.". Ele era médico e grandemente interessado em investigação psíquica, e favorecia a teoria da sobrevivência da personalidade após a morte, uma atitude que eu não partilhava. As minhas atividades começaram subsequentemente ao falecimento de E. W. A. Após dois anos, durante os quais houve uma série de sessões com vários médiuns, na maioria das quais E. W. A. pretendia comunicar, iniciei uma série com a Sra. Osborne Leonard, a célebre psíquica inglesa.

Em 1924, o Dr. Hyslop pretendeu comunicar pela primeira vez através dela, apropriando-se daí em diante de uma grande parte do tempo. E. W. A. tinha conhecido o Dr. Hyslop numa ocasião memorável, mas eu não o conhecia. Assumindo a sobrevivência, parece que a minha própria sinceridade de propósito e orientação inteligente desde as minhas primeiras sessões, combinadas com o conhecimento do Dr. Hyslop e o entusiasmo característico de E. W. A. quando interessado em qualquer assunto, bem como o ponto de partida emocional — por tantos considerado essencial — que ambos devemos ter tido, proporcionaram uma oportunidade excecional para a comunicação.

A primeira parte deste artigo ocupa-se de relatos verbais de sessões anónimas com vários médiuns cujo trabalho é mais ou menos familiar aos leitores da literatura atual sobre investigação psíquica. No interesse do espaço, omiti várias sessões com outros médiuns, obtidas durante este período geral, que devem ser classificadas como fracassos totais, embora estes mesmos médiuns sejam conhecidos por terem dado excelentes evidências a outros assistentes.

Estes fracassos incluem duas tentativas com a Sra. Sanders, ver *Proceedings A. S. P. R.*, 1924, pp. 1-177; três com a Sra. Bowden, ver *Journal A. S. P. R.*, out., 1922, pp. 556-582; nov., 1922, pp. 604-650; out., 1924, pp. 585-616; e quatro com a Sra. Elliott (Violet Ortner), a última em Londres. Nas sessões com a Sra. Sanders sou obrigada a admitir que o registador bastante competente fornecido pela A. S. P. R. afetou desagradavelmente tanto a médium como a mim própria, parecendo agir como uma barreira.

Nota 1: Esta cláusula deixa a porta aberta para uma possibilidade, e uma possibilidade torna-se uma teoria para um cético determinado. Não poderia ter havido muitas sessões com médiuns profissionais, com a consequência de que afirmações corretas pudessem ter sido passadas de um médium para outro, afetando o caráter até destes registos relatados? Inquiri a Sra. Allison, e descobri que ela teve, durante esses dois anos, cerca de dez sessões com a Sra. C., uma pessoa privada com cuja boa reputação e caráter eu próprio estou familiarizado, além das sessões com outros médiuns conforme declarado por ela mais adiante.

A Sra. Sanders é uma senhora também sem motivação financeira ou filiação profissional, igualmente bem conhecida por mim. A Sra. Bowden é também uma pessoa privada que eu conheço. Muito pouco, além do facto de se supor que o marido da Sra. Allison estava a comunicar, surgiu através de qualquer destas que pudesse ter auxiliado as afirmações nos registos aqui impressos. É dificilmente necessário acrescentar que a regularidade da conduta da Sra. Soule é protegida pelo escrutínio crítico de muitos anos, e que qualquer médium teria de possuir clarividência para prever que psíquicos a Sra. Allison visitaria no estrangeiro e fornecer-lhes informação. Assim, a porta está suficientemente fechada. — W. F. P.

Eu tinha sentido isto antes de a médium me mencionar o facto após o registador ter saído. Curiosamente, vários anos depois, após a minha amiga, a Sra. Helen C. Lambert, me ter telefonado numa noite para perguntar se eu aceitaria a sua sessão com a Sra. Sanders na manhã seguinte, visto que ela estava doente e incapaz de ir, recebi uma comunicação verídica muito interessante relativa à Sra. Lambert — uma comunicação que descrevia condições das quais eu não tinha conhecimento — embora a sessão, que durou duas horas, não tenha rendido nada para mim própria. Nesta ocasião tomei as minhas próprias notas.

Várias sessões em julho de 1927, com a Sra. Elliott, que é sem dúvida uma psíquica de dotes excecionais, foram uma desilusão, pois aproximei-me delas com grandes expectativas. A própria Sra. Elliott não conseguia compreender a causa; ela observou mais tarde que tinha tido o pressentimento de que seria bem-sucedida comigo. No ano

seguinte acompanhei uma amiga à Sra. Elliott como registadora. Após o encerramento da sessão, que foi um fracasso, a Sra. Elliott concordou comigo que eu poderia ter agido como a barreira. Uma semana depois a minha amiga foi sozinha e relatou uma excelente sessão. Com a Sra. Bowden, também, o resultado negativo permanece sem explicação.

Tentativas conscientes de telepatia nunca foram bem-sucedidas comigo. Antes das minhas sessões de 1923, o Dr. Gardner Murphy sugeriu que, algumas horas antes de uma sessão, eu me concentrasse em quatro comunicações verídicas que tinham pretendido vir de E. W. A. em sessões anteriores, e que depois as esquecesse; e também que, diretamente antes ou durante uma sessão, pensasse em quatro outros factos relativos a E. W. A. que não tivessem sido dados por nenhum médium. Embora tenha seguido fielmente as sugestões do Dr. Murphy, em meia dúzia de sessões, nada mencionado pelos médiuns teve qualquer relação com os oito itens nos quais me tinha concentrado. Por outro lado, onde não era aparente nenhum esforço consciente, experienciei frequentemente o que poderia ser considerado como telepatia espontânea.

A característica, comum a todas as minhas sessões, que me impressiona como tendo algum significado é a precisão seletiva evidenciada ao situar apenas aqueles indivíduos apropriados ao meu próprio historial e ao de E. W. A. Estou na posição algo única de não ter familiares diretos vivos. O meu pai, mãe e E. W. A. eram os meus únicos familiares próximos, e todos foram repetidamente situados como comunicadores. Nenhum outro familiar próximo, como por exemplo uma irmã, irmão ou filho, nenhum dos quais tive, exceto filhos bebés da minha mãe que morreram na semana do nascimento antes de eu nascer ou quando eu era criança, foi descrito por qualquer médium como pertencendo a mim.

Da mesma maneira, os três familiares vivos próximos de E. W. A. foram corretamente situados, bem como os dois outros que já faleceram. Ninguém no seu círculo imediato foi omitido ou erradamente indicado. Em suma, nenhum dos médiuns com quem me sentei cometeu um único erro ao identificar os membros da minha família e da de E. W. A.

Os meus registos verbais incluem uma massa de material da qual certas passagens omitidas são ou irrelevantes para o problema particular envolvido, demasiado confusas para anotação, ou de natureza demasiado pessoal. Em caso algum omiti qualquer matéria factual que pertença ao mesmo grupo integral do qual estou a imprimir uma parte. Ao preparar estes registos tentei incluir espécimes característicos de porções omitidas, mas o espaço e a paciência do leitor não admitem a repetição de longas passagens que não levam a lado nenhum.

Ao longo de todas as minhas sessões habituei-me a encorajar os médiuns através de respostas frequentes a tudo o que pudessem dizer. As expressões habituais, tais como "sim", "estou a ver", "diga-me mais" e "compreendo", eram dadas de forma não comprometedora meramente para manter o diálogo a fluir. Parece inútil registá-las em cada instância. Sempre que as minhas respostas tinham algum significado, anotei-as. Em nenhuma das sessões usei luto.

Estas sessões foram todas registadas em estenografia.

Nota 2: Em resposta a questões, a Sra. Allison escreveu-me:

"Em momento algum mencionei qualquer coisa nas minhas sessões à Sra. Leonard. Ocasionalmente fiz uma pergunta, como: 'O que sabe sobre a A. S. P. R.?' [relatado na Secção IX], ou, após a sessão de xadrez, 'Como chamou àquela coisa em que jogava?' [relatado na Secção XIX]. Tenho o cuidado de não comentar as respostas. Após a sessão de 4 de junho de 1927, referi-me pela primeira vez ao meu comunicador (p. 134). A resposta da Sra. Leonard à minha primeira pergunta provocou uma admissão virtual na minha pergunta seguinte: 'Estou a ver. Tem alguma ideia de qual era a ocupação dele?'. Mas não a esclareci sobre o Dr. Bertrand Allison [relatado na Secção XXI]. Deixo sempre a Feda tagarelar sem comentários esclarecedores, o que ela está perfeitamente disposta a fazer, desde que encorajada."

PREFÁCIO

Em junho de 1921, tive quatro sessões anónimas com a Sra. Soule, a bem conhecida psíquica de Boston, deslocando-me de Nova Iorque para o efeito. Estas foram marcadas para mim pela Miss Gertrude O. Tubby, então Secretária da Sociedade Americana de Investigação Psíquica. As minhas instruções tinham sido para ir à morada da Sra. Soule à hora marcada e esperar no alpendre até que a registadora, Miss Crawford, me admitisse. Miss Tubby também tinha providenciado para que Miss Crawford tomasse as minhas notas.

Os meus conhecidos em Boston na altura não incluíam ninguém interessado em assuntos psíquicos, tanto quanto eu tinha conhecimento. Miss Crawford não me conhecia e disse que pensava que eu era Miss Hyslop. Não a esclareci quanto à minha identidade. Na fase subliminar de uma destas quatro sessões de Imperator, a Sra. Soule disse: "Vou chamar-lhe (à assistente) Sra. Star", nome pelo qual fui subsequentemente registada.

Em todas as sessões registadas pela Miss Crawford, não entrei na sala de sessões senão depois de a Sra. Soule estar em transe, saindo antes de ela acordar. A cadeira para o assistente estava colocada diretamente atrás da poltrona da Sra. Soule, pelo que parece razoável concluir que, mesmo que os seus olhos estivessem abertos, ela não me poderia ter visto.

As sessões foram dececionantes, embora um certo número de afirmações se aplicassem a mim de uma forma geral. Teria preferido o Controlador de Sunbeam. Imperator muito raramente dá evidências e passa muito tempo a moralizar. Este também parece ser o caso com o Controlador Imperator da Sra. Piper.

No início de julho de 1922, tive novamente várias sessões com a Sra. Soule, marcadas por Miss Tubby, sob condições semelhantes às do ano anterior, pelo que tenho todas as razões para acreditar que o meu anonimato foi preservado. Para minha grande deceção, fui informada de que as sessões teriam novamente de ser de Imperator. Desta vez Miss Tubby registou. Os resultados não foram impressionantes; a médium divagou sobre coisas nas quais eu não estava interessada. Desde o início que eu clamava pelo controlador de

Sunbeam. Finalmente, foram organizadas várias sessões, sendo a primeira marcada para 27 de julho de 1922.

Fiquei instalada com uma amiga que vivia nos subúrbios de Boston e que não tinha qualquer ligação com a Investigação Psíquica. Não vejo como poderia ter havido qualquer fuga através de canais normais. Os muitos acertos evidentes parecem estar fora do alcance da coincidência por acaso, mesmo que tivesse havido uma fuga.

SESSÃO COM A SRA. SOULE, BOSTON, 27 DE JULHO DE 1922

NOTAS VERBAIS PELA ASSISTENTE, L. W. A.

Sessão de Sunbeam

A Sra. Soule admitiu-me. Não tomei notas da conversa antes desta sessão, mas mantive uma guarda rigorosa nas minhas observações, que consistiram meramente em reconhecimentos aos vários tópicos que ela introduzia enquanto me conduzia ao andar de cima para preparar a sessão. Falou de não ter empregada e de assuntos semelhantes; nada que exigisse qualquer comentário especial da minha parte. Pouco depois de nos sentarmos na sala de sessões, ela entrou em transe com Sunbeam no controlo.

SUNBEAM: Olá! Olá! (Olá! Estou contente por estar aqui.) Vou falar-lhe das pessoas de quem quer ouvir, mas primeiro quero falar sobre si própria.

Nota: Seguiram-se cerca de uma dúzia de afirmações sobre mim própria, que eram suficientemente verdadeiras, mas que poderiam ter-se aplicado a muitos outros assistentes, ou poderiam facilmente ter sido intuídas pela Sra. Soule. Portanto, desconto-as como evidência, mais especialmente desde que soube de outros assistentes enlutados com esta médium cujas sessões começaram da mesma forma geral. Tão recentemente como em fevereiro de 1928, um assistente enlutado, após uma primeira sessão com a Sra. Soule, repetiu algumas das mesmíssimas frases que ocorreram na abertura da minha própria sessão.

SUNBEAM: Agora sobre as pessoas de quem quer ouvir. Estão aqui três homens e duas mulheres. Os homens parecem um rapaz pequeno, o seu pai e o seu "amigo".

Nota: Isto poderia referir-se a um irmão bebé, ao meu pai e a E. W. A. A palavra "amigo" é um substituto para a palavra real dada pela médium, que era o termo frequentemente usado por E. W. A. tanto ao escrever-me como em conversa pessoal quando se referia à sua relação comigo. A palavra não era invulgar.

SUNBEAM: Duas mulheres, parecem uma mãe e a outra uma avó.

Nota: Tanto a minha mãe como a minha avó tinham falecido. Parece bastante interessante que os cinco tenham sido corretamente situados, dos quais três eram os mais próximos de mim. Situar cinco pessoas rápida e precisamente como a médium fez pareceria uma suposição arriscada.

SUNBEAM: Agora o "amigo"; ele vai dar-lhe algumas coisas evidentes, mas primeiro quer dizer —

Nota: Omito aqui vinte palavras que constituem uma mensagem muito pessoal e apropriada de E. W. A. para mim, expressando exatamente o que acredito que teria sido a sua atitude mental se a comunicação fosse genuína.

SUNBEAM: Havia coisas que ele queria terminar. Muitas vezes tinha grandes pilhas de papel com que trabalhava. [Totalmente incorreto.] Em contacto com homens, muitos homens. [Verdade, mas os seus interesses sociais e profissionais incluíam tanto homens como mulheres. Ele fazia contactos facilmente com as pessoas em geral, por isso considero esta afirmação fraca.] Ele adora mulheres. [Enfaticamente verdadeiro. Talvez isto enfraqueça o meu comentário anterior quanto aos homens.] Ele partiu rapidamente. [Faleceu no auge da vida com menos de quinze minutos de aviso.] Conseguia escrever uma boa carta. [Escrevia uma carta muito espirituosa.] Letra pequena. [Tal como muitos homens grandes, escrevia com uma letra muito pequena.] Ele apercebeu-se da possibilidade da sua partida, mas não a esperava. É como se ele dissesse: "Percebi que o jogo tinha acabado".

Nota: Esta teria sido uma forma de expressão característica. E. W. A. avisou-me, de facto, da sua partida inesperada pouco antes de entrar em estado de inconsciência. Sendo médico, ele reconheceu, sem dúvida, os sintomas.

SUNBEAM: [Um comentário característico sobre o seu falecimento é aqui omitido.] Ele tinha algum conhecimento de coisas psíquicas. É por isso que lida com isso tão naturalmente. [E. W. A. tinha estado muito interessado em fenómenos psíquicos.] Ele tem o grupo de investigação psíquica à sua disposição. Eles gostam dele, ajudam-no, e ele conta-lhes algumas coisas. Ele ri-se e diz: "Eu contei-lhes algumas coisas". [Isto seria muito característico.] Ele fez o que pôde para tornar estas coisas diferentes para si. [De tempos a tempos, E. W. A. tentara interessar-me no assunto, apenas para encontrar repetidas rejeições.] De certa forma, você tem idade para ser mãe dele; de outra forma, é jovem o suficiente para ser filha dele.

Nota: Embora isto, logicamente, se aplique a muitas pessoas casadas, parece especialmente verdade no nosso caso. E. W. A. tinha idade para ser meu pai, mas com um espírito tão juvenil e uma natureza tão pouco prática, que despertava em mim um instinto protetor e desenvolveu em mim um sentido prático.

SUNBEAM: Eddie Neddie, era assim que lhe chamava. [Correto: eu chamava-lhe "Neddie" — ou "Ned".] Ele é do tipo que não desiste facilmente das suas ideias. [Enfaticamente verdadeiro, com referência às suas ideias tanto em tópicos profissionais como outros. Mensagem pessoal característica aqui omitida.] Ele adora música. [Ele era apaixonadamente fã de música e assistia constantemente a concertos e recitais.] Ele faz um ruído com a boca; não é cantar — nem um murmúrio — nem um assobio. [Isto é um acerto certeiro. E. W. A. tinha o hábito, enquanto ocupado com outras coisas, de fazer um "ruído com a boca" tal como descrito. Para ser exata, ele soprava uma melodia.]

Nota: Segue-se uma série de comunicações que se ajustam aos factos, mas são de natureza tão pessoal e poderiam aplicar-se a tantos outros casos que as omito.

SUNBEAM: Ele é engraçado. [Todos os que conheceram E. W. A. apreciavam o seu sentido de humor excecional.] Ele lia indiscriminadamente. [O interesse de E. W. A. abrangia uma grande variedade de literatura.] Ele não gostava de jornais. Eles são tão maus agora, não melhoraram nada desde que parti. [Isto é divertidamente verdade, pois E. W. A. habitualmente vociferava contra os jornais.] Ele não é tão moreno como você. [Correto.] Algo sobre um anel — ele tem mãos bonitas. Ele conseguia fazer quase tudo com as mãos.

Nota: O anel pode ter sugerido as mãos. Amigos e conhecidos comentavam frequentemente a forma e a beleza das mãos de E. W. A. Ele usava um anel, uma aliança de casamento.

SUNBEAM: Ele tinha muitos artigos de pescoço, como que alqueires de gravatas — de todas as cores, todos os tipos, todas as variedades. Você pensa: "Gostaria de poder fazer algo com elas". Tem pensado muito nisso. Ele era picuinhas com as gravatas — algumas vistosas. Ele conseguia ser exuberante. Nem sempre exuberante. Algumas vistosas, o resto para todas as ocasiões.

Nota: E. W. A. deixou, de facto, centenas de gravatas, de todos os tipos, cores e variedades, incluindo algumas muito "vistosas". Ele era continuamente provocado pela sua paixão por gravatas. Na altura da sessão, eu tinha cerca de duzentas das suas gravatas cuidadosamente guardadas na prateleira do meu armário, e é verdade que tinha "pensado muito nelas". Tinha considerado mandar fazer uma colcha com elas e tinha ido aos *Flambeau Weavers* em Nova Iorque, que me aconselharam a mandar tecer as sedas em vez de as remendar. Rejeitei esta sugestão, preferindo manter os padrões, pois eles recordavam excursões de compras em Londres, Paris, Itália, e por aí fora. Não desejava destruir estas recordações.

SUNBEAM: Ele era um rapaz para si, tal como um rapaz. Eu não atribuo a mesma importância às coisas que visto que costumava atribuir — ou que você atribui. Se eu tivesse ficado, elas não significariam muito para si. [Esta última frase reforça o facto de que as coisas de E. W. A. significam muito para mim agora, embora eu mal desse por elas enquanto ele estava aqui.] Sabe se ele adorava

jarras — porcelana bonita — jarras antigas? Ele adora cerâmica — coisas bonitas. Ele adora cores orientais.

Nota: Isto é especialmente verdade. E. W. A. adquiria frequentemente peças de porcelana ou cerâmica invulgares e belas em leilões, e sentia o maior prazer em exibir os seus "achados". Ele gostava muito de coloração oriental.

SUNBEAM: Água — adorava a natureza — ar livre, adorava o ar livre. Conseguia ficar parado a ouvir sinos. Ele tinha uma audição maravilhosa.

Nota: Periodicamente, vivíamos próximos da natureza durante meses a fio, e ele adorava-a. Mas quando vivíamos na cidade, ele nunca se dava a qualquer incómodo particular para procurar a natureza. O ouvir sinos eu não consigo situar. É verdade que ele tinha um ouvido aguçado e preciso.

SUNBEAM: Ele adorava cães — adorava-os. [Enfaticamente verdadeiro.] Na sua vida ele teve mais do que um. [Verdade.] Quando era um rapaz a caminhar pelos bosques, costumava ir com um cão, de pelo comprido, encaracolado, escuro. Seria um spaniel?

Nota: A irmã de E. W. A. recorda-se de um cão assim, um vadio que seguiu o pai de E. W. A. até casa um dia, foi adotado pela família, e do qual E. W. A. gostava muito. A família vivia no campo, perto de bosques.

SUNBEAM: Sino? Sino de navio?

Nota: Durante muito tempo, E. W. A. teve um sino de navio no seu consultório, um objeto interessante para ele por ser o presente de um amigo. Além disso, vivemos num barco a motor durante cinco meses numa ocasião, altura em que este sino de navio era o nosso relógio. Talvez a menção anterior ao sino tenha sido uma tentativa de combinar a referência à natureza e aos sinos.2

---

2 *Ocorreu-me que talvez a Sra. Allison, ao dizer "Não consigo situar o ouvir sinos", não tivesse sintetizado suficientemente várias declarações nesta sessão e na seguinte, relativas a "água",*

"natureza", ouvir "sinos", "sino de navio" e "relógio". Por isso, dirigi-lhe várias perguntas e obtive os seguintes factos:

1. *O Dr. e a Sra. Allison viveram numa casa flutuante durante cinco meses e "cruzeiraram em águas interiores do Leste, desfrutando continuamente da deliciosa paisagem ribeirinha; portanto, 'água-natureza-ar livre' com referência a 'sino de navio' aplicar-se-ia".*

SUNBEAM: Ele acha que tirou muito proveito da vida universitária. Ele achava que havia muita tolice nela. [Muito característico. Ele referia-se ocasionalmente à vida universitária como "um monte de disparates" ou "um lugar onde aprender o que não fazer". Mas eu sempre pensei que ele estava apenas a falar meio a sério.] Conhece o pai dele? (Diga-me.) Ele está bem, mas ele e o homem mais velho nem sempre concordavam. Sem problemas, mas o homem mais velho não o compreendia.

Nota: Nunca conheci o pai de E. W. A., mas percebi que não tinham sido afins, embora não houvesse ressentimento real. O pai dele não o compreendia.

2. *O "sino de navio", usado como relógio no barco, era um relógio náutico que toca as horas e as meias-horas. Os termos náuticos para as 12:00, 12:30, 1:00, 1:30, etc., são 8 sinos, 1 sino, 2 sinos, 3 sinos, e assim sucessivamente até às 4:30, que é novamente 1 sino.*

3. *O Dr. e a Sra. Allison utilizavam este costume náutico de designar o tempo por "sinos", "primeiro em tom de brincadeira, depois como hábito. Viver num barco foi uma experiência emocionante na qual entramos com um entusiasmo sem limites, e éramos tão náuticos quanto possível em todos os aspetos".*

4. *"O comprimento do barco era de 38 pés, portanto o toque do sino de navio podia ser ouvido igualmente bem nas cabines ou no convés de popa. Devemos ter ouvido o sino centenas de vezes". Bem, então, a afirmação no texto, "Conseguia ficar parado a ouvir sinos", é perfeitamente congruente.*

Na sessão seguinte ocorrem as palavras, "Olha para relógio móvel", sem relação aparente com o que precede e segue imediatamente. Sobre isto, a Sra. Allison comenta: "Nenhuma pertinência descoberta". Possivelmente, trata-se de uma referência tardia ao "sino de navio", que foi retirado do barco quando este foi vendido e guardado no consultório de E. W. A. até à sua morte e, posteriormente, no escritório da Sra. Allison no seu local de trabalho. Um pouco depois desta referência no registo a um "relógio móvel", a Sra. Allison pergunta, a propósito da menção de Sunbeam à sua profissão: "Qual era a profissão dele?". Quando as coisas estão a correr favoravelmente, como acontecia aqui, a interjeição súbita de uma pergunta no fluxo espontâneo é, mais provavelmente do que não, geradora de algo insatisfatório. A primeira frase da resposta foi assumidamente falsa em relação à sua profissão, embora tudo o resto que se seguiu na sessão fosse verdadeiro ou sugestivo da verdade. "Sempre atado a um relógio" é incorreto tal como está, e deve ser contabilizado como tal no balanço probatório. Mas, psicologicamente, a explicação pode ser que "Olha para relógio móvel" foi uma impressão válida mas atrasada relacionada com o sino de navio, enquanto "Sempre atado a um relógio" foi uma inferência inválida do subconsciente da médium a partir da sua impressão de o comunicador olhar para o relógio.

*Devemos ter constantemente em mente que, se existem comunicações de inteligências de pessoas falecidas, elas consistem em vários tipos de impressões produzidas na consciência submersa do psíquico e têm de lutar, por assim dizer, com a tendência desse subconsciente para se misturar com as suas próprias inferências e automatismos associativos. Se existe um espírito intermediário ("*controlador *"), uma espécie de perito na "máquina", então o processo complica-se ainda mais, e o que finalmente obtemos é análogo a uma história contada em terceira mão e distorcida nas recontagens.*

Espero que todos os leitores percebam o que quero dizer: que, por um lado, "Sempre atado a um relógio" no lugar onde a frase ocorre e no sentido que implica, está probatoriamente errado; mas que, por outro lado, é psicologicamente explicável como

possivelmente o resultado composto de uma impressão previamente válida do comunicador a olhar ou ouvir frequentemente um relógio (sino de navio) e de uma inferência inválida de que o relógio tinha a ver com a sua profissão. Se uma alegada comunicação fosse uma mixórdia de disparates ou um mero acaso, nenhuma explicação psicológica de qualquer afirmação específica seria exigida.

Mas se num registo probatoriamente protegido como este, ou em vários tomados em conjunto, as afirmações verdadeiras (considerando tanto o número como a qualidade) excedem em peso as falsas, enormemente além do alcance credível do acaso, então tanto uma explicação maior como uma menor são necessárias.

A explicação maior necessária é, naturalmente, aquela que se refere à fonte, à causa e ao processo de produção de afirmações verdadeiras não devidas ao conhecimento normal e inferência, e que transcendem enormemente o cálculo da coincidência fortuita. Uma vez forçados a admitir que alguma fonte, causa e processo supranormais estão envolvidos, então, como corolário, é exigida uma explicação menor para o facto de se encontrarem afirmações erradas no registo. Se a causa de tanta verdade se encontra em inteligências desencarnadas com vontade de comunicar (mais infiltrações ocasionais de telepatia dos vivos), então a causa dos erros encontra-se provavelmente nas dificuldades inerentes ao processo.

Admitindo a comunicação, e que esta é essencialmente um processo telepático, deveríamos, por razões psicológicas, esperar que ocorressem erros, tal como ocorrem numa série probatória de experiências de telepatia entre vivos. Mas deve haver vestígios discerníveis de tempos a tempos nos registos, sugerindo as razões psicológicas para as aberrações factuais. Neste local e noutras partes deste livro e em outras publicações, analisei passagens que me sugerem fortemente processos psicológicos para explicar a sua imprecisão factual.

Estes processos são aparentemente consistentes com, e incidentais à comunicação espírita. Na verdade, não me surpreenderia se chegasse o tempo em que as peculiaridades dos erros e confusões que surgem num mediunismo de alto grau

probatório sejam de tal forma analisadas e mostradas como consistentes com a teoria espírita acima de todas as outras, que se tornem um dos maiores argumentos para a sua adopção. — W. F. P.

3 *Façamos uma estimativa das expectativas do acaso.*

1. *"Castanho" (poderia ter sido branco, preto, amarelo, etc.). Digamos 1 probabilidade em 3.*

2. *"Osso" (poderia ter sido madeira, metal, tartaruga, etc.). Digamos 1 probabilidade em 3.*

SUNBEAM: [Mensagem pessoal omitida, probatória.] Ele tira uma faca do bolso, velha, de osso castanho, com um pedaço partido perto da extremidade metálica. Procure por ela; vai encontrá-la. [Esta última frase foi dita com uma segurança quase indiferente.]

Nota: Não me lembrava de tal faca. Quando regressei a Nova Iorque, um mês depois desta sessão, o meu primeiro pensamento foi procurar a faca. Procurei nas gavetas da cómoda, da secretária e da estante de E. W. A. e, embora tenha encontrado várias facas, nenhuma correspondia à descrição.

Os seus objetos pessoais tinham permanecido intactos. Ao chegar a casa, telefonei à Srta. Gertrude Tubby, que veio mais tarde naquela noite. Passado algum tempo, fomos à cozinha buscar *ginger ale.* A Srta. Tubby procurou um abre-garrafas. Eu disse: "Puxa a gaveta", indicando a gaveta onde se guardavam os talheres de cozinha e onde E. W. A. também guardava certas pequenas ferramentas domésticas.

A Srta. Tubby deixou a gaveta aberta e, quando por acaso olhei para dentro dela, fiquei quase petrificada. Ali, num canto de um cesto de facas, jazia um canivete com um pedaço partido perto da extremidade metálica. Peguei nele. Era castanho, de osso, e muito velho, uma faca que me surpreendeu não ter sido deitada fora há muito tempo. Não me recordo de alguma vez a ter visto antes. Nem sequer podia afirmar que pertencia a E. W. A., embora não pudesse pertencer a mais ninguém, não havendo outro homem no apartamento. Claro que é remotamente possível que tivesse pertencido a um criado que a tivesse deixado lá. Mas, mesmo que tivesse sido esse o caso,

ajustava-se à descrição dada e estava numa gaveta com outras coisas que E. W. A. usara ocasionalmente.

SUNBEAM: Chaves numa gaveta pequena, cinco ou oito chaves de metal. [Havia vários molhos de chaves na gaveta rasa da cómoda de E. W. A. Três gavetas pequenas e rasas percorriam a cómoda acima das maiores. Infelizmente, não contei as chaves; o número escapou à minha atenção.]

Tinha passado agora uma hora e, como a Sra. Soule me instruíra para a acordar ao fim desse tempo, assim fiz, e a sessão terminou.

RESUMO DAS AFIRMAÇÕES NESTA SESSÃO

Correto

Cinco espíritos, o pai da consultante, "amigo" (marido), mãe, avó e um rapazinho (a congruência confere algum valor probatório).

O "amigo" queria terminar algumas coisas (sem valor), tinha contacto com muitos homens (pouco valor), amava as mulheres, morreu subitamente, escrevia uma boa carta, a sua caligrafia era pequena, tinha algum conhecimento de coisas psíquicas, tentou influenciar as opiniões da Sra. Allison em relação a estas coisas, de certa forma era jovem comparado com ela, de outras formas velho o suficiente para ser seu pai (bastante invulgarmente verdadeiro), o seu nome, "Eddie-Neddie, era assim que lhe chamava", não desistia facilmente das suas ideias, fã de música, "faz um ruído com a boca, não é cantar, nem um murmúrio, nem um assobio" (caracteristicamente correto), era engraçado, lia indiscriminadamente (verdade no sentido em que lia muitos tipos de literatura), não gostava de jornais (característico), não tão moreno como a Sra. Allison, tinha mãos bonitas, implicação de que usava um anel (pouco valor por si só), tinha "muitos artigos de pescoço, como que alqueires de gravatas, todas as cores, variedades... picuinhas com as gravatas — algumas vistosas" (surpreendente e invulgarmente correto em todos os detalhes), adorava jarras antigas e porcelana bonita e coisas bonitas, adorava cores orientais, adorava a água e a natureza, ficava parado a ouvir "sinos" (o termo náutico exato que usava para a hora do dia no seu barco), tinha uma audição maravilhosa, adorava cães, teve mais do que um cão durante a sua vida, achava que tirou muito proveito da

vida universitária — muita tolice, não teve problemas com o pai mas não era compreendido por ele.

3. *"Velha" (poderia ter tido um aspeto quase ou totalmente novo). Digamos 1 probabilidade em 2.*

4. *"Pedaço partido". (As probabilidades de que não estivesse partida seriam certamente tão boas). Digamos 1 probabilidade em 2.*

5. *"Partido perto da extremidade metálica" (pelo menos tão provável ter partido na outra extremidade, ou no gume da lâmina). Digamos 1 probabilidade em 2.*

Isto significaria 1 probabilidade em 72. Mas suponhamos que, em média, se encontram três canivetes. Temos agora 1 probabilidade em 24. [Eu tenho três canivetes, entre a minha casa e o escritório. Um é castanho, um amarelo (dourado) e um branco. Um tem cabo de osso (não o castanho), um cabo de metal e um de madeira. Dois são velhos (incluindo o castanho) e um é novo. Um tem um pedaço partido (o castanho). Nenhum tem um pedaço partido na ou perto da extremidade metálica. Que uma faca entre as três devesse combinar os três detalhes nomeados, mas carecer dos outros dois, coincide quase exatamente com a expectativa do acaso conforme estimada acima. Assim, "o longo braço da coincidência" não me teria tocado, tivesse eu sido o consultante.] — W. F. P.

"Sino de navio" (coincide com o facto de ele ter um sino de navio que estimava).

A consultante está a pensar muito no que fazer com as suas muitas gravatas, ela pensa mais nas coisas dele do que quando ele era vivo, ela encontrará uma faca velha e castanha com um pedaço partido perto da extremidade metálica.

Quase Correto

Existem chaves numa gaveta pequena — seis ou oito delas. (Chaves encontradas numa gaveta, o seu número não foi contado, mas provavelmente eram mais. Valor deste item muito reduzido.) Quando rapaz, ia caminhar com um cão, de pelo comprido, encaracolado, escuro e provavelmente um spaniel.

Conhecido como Incorreto

Trabalhava frequentemente com pilhas de papel.

Deixado fora de conta

Expressões que soam como ele, como "the jig is up" [o jogo acabou] e "I told them a few things" [eu contei-lhes umas coisas], um termo comum omitido que ele costumava aplicar a si próprio, vários lugares-comuns omitidos, verdadeiros mas talvez passíveis de inferência, várias declarações pessoais verdadeiras mas demasiado simples de pouco valor omitidas, e uma declaração demasiado pessoal de peso probatório omitida.

II

SESSÃO COM A SRA. SOULE,

BOSTON, 28 DE JULHO DE 1922

NOTAS VERBATIM PELA CONSULTANTE, L. W. A.

Sessão de Sunbeam

A Sra. Soule conversou durante algum tempo antes de entrar em transe. Entre as coisas que mencionou estava um cavalo chamado Silvertail e o quanto ela detestava falar com as pessoas após um serviço religioso sobre trivialidades, dizendo que podia adorar igualmente bem debaixo de uma árvore. Contou-me como um consultante, numa ocasião, trouxera uma lista de cerca de vinte e cinco palavras indígenas dos Comanches como teste e perguntara o seu significado. Embora ela não conhecesse uma palavra da língua indígena, cada definição que o seu guia deu ao consultante estava correta.

Como tem sido meu costume com todos os médiuns com quem me sentei, tentei mostrar um interesse simpático em qualquer coisa que ela escolhesse dizer, sendo a minha única resposta frases não comprometedoras como "isso é muito interessante", "sim" ou "compreendo". Quando ela fez uma pausa, eu disse: "Sunbeam deu-me o primeiro nome de um amigo, ontem. Acha que ela conseguiria o

apelido?". Referia-me ao nome correto, "Neddie", dado por Sunbeam no dia anterior. A Sra. Soule respondeu que, se eu perguntasse a Sunbeam, ela poderia ser capaz de mo dar imediatamente ou, mais provavelmente, numa sessão seguinte, quando tivesse tido tempo de entrar em contacto com o comunicador.

Continuou dizendo que os repórteres ocasionalmente a incomodavam mascarando-se de consultantes, e eu perguntei: "Como se pode proteger contra isso?". Ela respondeu com total confiança: "Oh, a Sunbeam sabe sempre, e não lhes dá nada". Isto pareceu-me uma indicação muito marcante da sinceridade da Sra. Soule.

SUNBEAM: Olá, olá. Parece que somos amigas. O espírito de Neddie está a tentar dizer — [seguem-se algumas observações preliminares sem importância]. Quando ele se interessava por algo, entregava-se totalmente. Investigava como fazer as coisas. [palavra indecifrável] vezes mesmo que você tentasse não estar.

Nota: Quando E. W. A. se interessava por algo, ele certamente "entregava-se totalmente", por vezes até um grau alarmante. Eu fingia frequentemente indiferença quando achava as suas ideias pouco práticas.

SUNBEAM: [Assunto pessoal que é simultaneamente probatório e muito característico, omitido.] Não sei o que ele quer dizer. (É muito bom, eu compreendo.) Fato de roupa muito claro e fino, parece ser cinzento claro. Vejo-o como se estivesse a caminhar de um lado para o outro.

Nota: E. W. A. usava cinzento com muita frequência, porque gostava e eu preferia, e costumava ter um fato cinzento muito claro. Ele usava o peso de Verão durante todo o ano, por isso a palavra "fino" é apropriada.

SUNBEAM: Ele não era um grande homem de desporto. Não participava muito em desportos, mas jogava bem, fosse o que fosse. Click, como o golfe. Bom tiro. Isto era nos velhos tempos, com uma bola. Bom tiro. [Isto está correto, exceto que ele jogava bilhar, não golfe. Na sua juventude, fora um entusiasta jogador de basebol.] Há uma rapariga na família. [Seguem-se quatro afirmações corretas sobre a rapariga, demasiado pessoais para registar.

São as únicas quatro afirmações sobre ela, e ela é a única rapariga na família. Sem erros.] Muitos homens usavam de subterfúgios. Ele não conseguia. Ele nasceu assim. [Especificamente correto. Ele não conseguia usar de evasivas, mesmo quando era pouco diplomático não o fazer.] Um dente incomodava-o na parte de trás da boca. Parecia estar a olhar para o dente ao espelho. Não tão bons como os seus.

Nota: E. W. A. tinha feito alguns trabalhos dentários na parte de trás da boca pouco antes do seu falecimento. Os dentes dele não eram tão bons como os meus, mas sinto-me aqui impressionada, como em tantos casos, por uma oportunidade perdida. Em poucas palavras, Sunbeam poderia ter-me dado uma declaração muito probatória sobre os dentes dele, que tinham sido motivo de grande piada entre nós.

SUNBEAM: Muito fã de porcelana delicada. Pega nelas com amor — manuseia-as, utiliza-as, não se limita a olhar para elas. Pega nas coisas de uma forma delicada, manuseando-as quase com afeição.

Nota: E. W. A. gostava muito de porcelana bonita e insistia em que a mais requintada que possuíamos fosse usada diariamente.

SUNBEAM: Casa — como se o visse através de uma janela. Ele é tão educado consigo. [Estávamos sempre atentos um ao outro pela janela. E. W. A. era naturalmente polido e cortês com todos, e não o era menos comigo. Várias mensagens pessoais são aqui omitidas, apropriadas, mas sem peso probatório num sentido ou noutro.] Ele tinha dois relógios, um maior. Olhar para o pulso. *Fob* [Relógio de bolso com corrente].

Nota: E. W. A. tinha dois relógios, um grande à moda antiga e um mais pequeno e fino. Não usava relógio de pulso. Tinha um relógio com corrente (*fob*) de que gostava muito.

SUNBEAM: Ele guardou as suas bugigangas, as coisas que tinha quando era rapaz. Grande tendência para guardar coisas.

Nota: Isto é enfaticamente verdadeiro. Qualquer coisa que alguém lhe tivesse dado, ele guardava, e entre elas bugigangas da sua infância que ele estimava muito.

SUNBEAM: Há um livro de canções com o nome dele — uma capa de cartão. Essa página tem várias coisas escritas. Meio solto, fora

da capa. Você vai rir-se quando o vir. [Não consegui localizar isto.] Ele usa tudo. [E. W. A. nunca punha de lado coisas novas para as poupar, mas usava-as imediatamente.] Ele tem um roupão de casa, bonito, macio. Você não consegue suportar dar as coisas dele. Eu quereria ter feito a mesma coisa.

Nota: Naturalmente, E. W. A. tinha um roupão e, na altura, eu não teria pensado em dar as coisas dele.

SUNBEAM: Ele tem um nariz bonito — de bom tamanho, aristocrático. Fico fascinada a olhar para ele. [E. W. A. tinha traços aristocráticos, o seu nariz era bem formado, de bom tamanho.] Olha para relógio móvel. [Nenhuma pertinência especial descoberta.] Acha que ele deveria ter vivido? (Sim.) Eles não tinham bem a certeza das causas. [Verdade.] Ele estava consciente de estarem a fazer algo ao corpo dele — autópsia? Eu disse: "Não". E ainda bem.

Nota: No curso normal dos acontecimentos, teria havido uma autópsia. Um amigo médico nosso evitou-a. O legista fez apenas uma visita formal. Isto impressiona-me como sendo um detalhe invulgarmente significativo, já que as autópsias são pouco frequentes e a Srta. Gertrude Tubby, que está familiarizada com o trabalho da Sra. Soule, não se recorda, de imediato, de qualquer outra referência a uma autópsia nos registos publicados. Recorda-se de uma implicação de uma referência, mas de nenhuma menção direta.

SUNBEAM: Ele esteve num hospital? [Para meu grande arrependimento, respondi: "Sim".] Pareceu-me. Vejo um braço branco. (Espere um momento. Quer dizer, se ele estava doente num hospital?) [Claro que a minha pergunta foi um erro crasso. Embora Sunbeam estivesse aparentemente no caminho certo, eu posso ter sugerido a resposta.] Não. Ele trabalhava num hospital? Pessoas por todo o lado em fardas. Experiência hospitalar, prática hospitalar, trabalho hospitalar.

Nota: Isto é, logicamente, correto. Afinal de contas, a minha pergunta desastrada pode ser interpretada de modo a reforçar a evidência.1

SUNBEAM: Ele vestia branco? Ele faz parte desse trabalho agora.

Nota: E. W. A. usava batas brancas no seu consultório quando via pacientes e, frequentemente, no apartamento, quando eu não me opunha.

SUNBEAM: Freiras. Ligadas à profissão dele. [E. W. A. gostava muito das freiras do Convento Sacré Coeur, onde tinha sido médico assistente.] (Qual era a profissão dele?) Sempre atado a um relógio. [Verdade para os médicos em geral, não tão verdade no caso dele.]2 Levou-o a muitas pessoas diferentes. Ele estuda desenhos, diafragmas, suponho que sejam diagramas. Ele percebe de diafragmas. Muitos frasquinhos e vidros, para ver como se desenvolvem os germes — sim — ele conhecia a teoria dos germes — germes colocados em vidros.

---

1 *Se se pensar que a pergunta "Quer dizer, se ele estava doente num hospital?" possa ter dado uma pista, a referência às freiras contribui muito para sugerir uma fonte supranormal de informação, dado que a maioria dos médicos não está ligada a hospitais onde as freiras prestem assistência. Além disso, a sua afeição especial pelas freiras dá ênfase a este detalhe. E "Quer dizer, se ele estava doente num hospital?", se ele tivesse realmente estado doente num hospital, poderia ser tão facilmente considerado uma pista nesse sentido.* — W. F. P.

2 *O que vem antes e depois indica-me que, durante todo o tempo, a prática hospitalar está a ser indicada. Naturalmente, naquele período da sua vida, ele estava "atado a um relógio". Não há razão para isolar esta frase e aplicá-la ao período posterior da sua vida que não estava associado a um hospital.* — W. F. P.

[Tendo sido médico, E. W. A. conhecia naturalmente estas coisas.] (Sunbeam, estás cansada?) Não, minha senhora, vou ficar mais tempo. Ele acha que consegue transmitir-lhe as coisas. Nunca vi mãos tão bonitas como as que ele tem. [Isto já foi comentado. A repetição, no entanto, enfatiza um facto que identifica particularmente E. W. A.] Vejo o termómetro que se põe na boca quando eu tinha febre. Morgue. Ele alguma vez esteve numa morgue? (Imagino que sim.) Ele queria mais. Ele tinha conquistado muito. [controlador a sair,

depois regressou.] Ele gostava imenso de espargos? Nunca ouvi isso antes. [Espargos era o vegetal favorito de E. W. A.] Wheeler.

Nota: Se a última letra tivesse sido "n" em vez de "r", o nome teria tido um significado especial. A Srta. Wheelen estava encarregada do sanatório presidido pelo médico de E. W. A. Ela era também nossa amiga pessoal. Mas se fosse ela a pretendida, creio que E. W. A. teria dito "Josie", o nome pelo qual sempre a tratávamos.3 É de interesse referir que soube recentemente que o "Wheeler", tal como dado pela médium, é mais ou menos constantemente aplicado de forma errada para "Wheelen" no caso desta amiga, tanto na conversação como na correspondência.

Ao encerrar a sessão, perguntei a Sunbeam se ela conseguia obter o apelido de "Neddie". Ela disse que seria bastante difícil, mas que tentaria.

Cessou a sessão.

RESUMO DAS AFIRMAÇÕES NESTA SESSÃO

Correto

Primeira nomeação de "Neddie", identificando assim a pessoa descrita; quando interessado, entregava-se totalmente; usava um fato claro e fino, aparentemente cinzento claro; não conseguia usar de subterfúgios; os dentes não eram tão bons como os da consultante; gostava de porcelana bonita (uma repetição, enfaticamente verdadeira); "Casa — como se o visse através da janela" (característico vigiarem-se um ao outro pela janela); tão educado com a consultante; tinha dois relógios, um maior que o outro; tinha um relógio com corrente (*fob*); guardava bugigangas que tinha em rapaz; usa tudo; tem roupão de casa (pouco valor); a consultante não suporta dar as coisas dele; tinha um nariz fino, de bom tamanho e aristocrático; "relógio móvel" (se interpretado como referindo-se à remoção do "sino" ou relógio do barco para o seu consultório); eles não tinham bem a certeza das causas da sua morte; consciente de estarem a fazer algo ao seu corpo — autópsia?

3 *Se assumirmos, como a Sra. Allison, que o que chega o faz por intenção, não é de todo claro para mim que E. W. A. "teria dito 'Josie'" por preferência. Se o seu objetivo fosse simplesmente conversar, sem dúvida que assim seria, mas como o objetivo era dar provas, seria inteligente preferir o apelido ao nome próprio, se ele pensasse que o conseguiria transmitir.* — W. F. P.

Eu disse "Não" (se interpretado como significando que, fosse o que fosse que foi feito, não foi uma autópsia); indicação de que tinha tido experiência e prática hospitalar e vestia branco; freiras associadas ao seu trabalho profissional; designação adicional da sua profissão por "sempre atado a um relógio" (se o sentido for quando estava no hospital), "diagramas" (gráficos de temperatura, etc.?), "frascos e vidros" para "germes"; tinha mãos bonitas (repetido e enfaticamente verdadeiro); indicação de que gostava imenso de espargos.

Quase Correto

Jogava um jogo, "click, como o golfe". Bom tiro (correto, se o sentido for que o jogo era como o golfe no facto de se usarem bolas e se fazerem bons tiros); o dente incomodava-o na parte de trás da boca (tinha feito trabalhos dentários ali pouco antes de falecer); Wheelen (ocorrência do nome explicável por associação de ideias. A cadeia pode seguir — quebrada apenas por "espargos", que por si só pode ser um elo indeterminável — assim: hospital, a sua própria doença, o seu médico, o hospital privado do seu médico, a senhora que presidia a esse hospital).

Errado

Se "olhar para o pulso" significava que E. W. A. usava relógio de pulso, estava incorreto.

Não verificado

Um livro de canções, com o seu nome e várias coisas escritas nele, capa solta; "Ele alguma vez esteve numa morgue?".

Omitido

Assunto pessoal, característico e probatório; quatro afirmações pessoais corretas relativas a "uma rapariga na família"; várias mensagens pessoais sem peso probatório.

III

SESSÃO COM A SRA. SOULE,

BOSTON, 2 DE AGOSTO DE 1922

NOTAS VERBATIM PELA CONSULTANTE, L. W. A.

Entre a última sessão e a que aqui se regista, esteve mais ou menos constantemente no meu pensamento se Sunbeam daria, nesta sessão, o nome "Allison", que era o apelido de "Neddie".

SUNBEAM: Olá! [Respostas habituais.] Alguém quase veio [palavra indecifrável]. Você vai atravessar a água para fazer coisas interessantes, trazê-las de volta.

Nota: Esta previsão foi cumprida um ano depois, e não por iniciativa minha. A passagem para a Europa foi-me, de facto, comprada antes de eu ser consultada, e eu não tinha qualquer interesse na viagem, nem sequer o suficiente para me opor a ela. Trouxe de volta registos das sessões com Brittain, Vout-Peters e Leonard de extraordinário interesse para mim.

SUNBEAM: Você daria uma excelente experimentadora. Primeiro quer conhecer o seu assunto. Todos os botões têm de estar no seu lugar. [Isto é engraçado, pois detesto métodos desleixados.] Daqui a cinco anos, dirá: "que longo caminho percorri". [Certamente que os últimos anos viram uma inversão completa dos meus interesses anteriores. Seguem-se seis linhas de comunicações muito pessoais de E. W. A., que são apropriadas e probatórias.] Ele trouxe várias coisas hoje. Duas coisas que não sei o que significam. Uma parece a parte de trás de uma máquina, uma linha que gira como uma mesa de operações. Refere-se a uma operação em que ele estava interessado, a primeira operação — deve ter estado muito nervoso. Da mesma forma que eu entrei nesta experiência, mas não teria desistido por nada.

Nunca deixa as pessoas contornarem um ponto ignorando o que quer que seja. Culturas. Não se esqueça de dizer culturas. Ele estava avançado na sua profissão.

Nota: E. W. A. não era cirurgião. Era clínico geral. Interpreto estas afirmações meramente como situando-o na sua profissão.

SUNBEAM: Ele esperava partir [palavra indecifrável]. Tenho estado tão contente por ter tido exatamente a formação profissional que tive. [E. W. A. exultava com o facto de ter recebido a sua formação médica sob a direcção do Dr. William Pepper e do Dr. David H. Agnew, que foram os seus chefes na Universidade da Pensilvânia e por quem a sua admiração era ilimitada.] E deu-me uma ideia interior do corpo físico e das características mentais daqueles que mais precisavam de ajuda, e tem sido da maior utilidade para mim desde que morri. E tenho sido capaz de ver onde por vezes falhei em estabelecer contacto com alguém através de quem você deseja que eu comunique consigo.

E também tenho sido capaz de ajudar tantos que estão aqui e que estão perplexos com os novos cenários e novas pessoas desta vida. Tantos vêm para aqui tão relutantes em largar a vida que conhecem, e no entanto, quando alguns de nós tentamos dar-lhes uma mão amiga, eles tornam-se tão dóceis como se tivessem tomado um anestésico. Experimentei o método de anestesia mental, por isso o trabalho da minha vida continua, e sinto-me grato por cada hora que lhe dediquei. Tão melhor do que o mero ganhar dinheiro.

Nota: Esta última frase é característica, pois E. W. A. acreditava firmemente que o dinheiro e a prática da medicina não deveriam estar associados, que os clérigos e os médicos deveriam ser providos pelo Tesouro do Estado e que ninguém que quisesse adquirir riqueza deveria seguir medicina. A prática da medicina, contudo, era apenas uma parte da vida de E. W. A., certamente não o seu "trabalho de vida".

SUNBEAM: Sabe alguma coisa sobre o Extremo Oeste? Viagens — [E. W. A. viveu durante um curto período na Califórnia. Isto foi antes de eu o conhecer.] Estou quase sempre pronto para saltar e ir.

Ele viveu tanto nos seus anos como algumas pessoas viveriam até aos oitenta.

Nota: E. W. A. tinha um caso crónico de "Wanderlust" [desejo de viajar]. A frase "pronto para saltar e ir" é difícil de interpretar. Ele estava sempre pronto a considerar queimar as pontes e tentar algum esquema de vida novo e invulgar. Antes de eu conhecer E. W. A., ele tinha vivido em várias ocasiões em Inglaterra, França, Itália, Califórnia, Wyoming, Nova Iorque e Pensilvânia, o seu estado natal. Por "vivido" quero dizer que se tinha estabelecido por um tempo indefinido. Ele não estava, contudo, distintamente pronto para "saltar e ir" num momento. Fazia tudo deliberadamente. Estas peregrinações continuaram durante toda a nossa vida de casados, mas tudo era decidido de forma excecionalmente pausada.

SUNBEAM: Não creio que tenha muito protesto a fazer. Os meus anos foram duplamente preenchidos. Senti-me como se tivesse feito uma fuga antes de estar perfeitamente pronto. Refere-se a [palavra indecifrável] que ele tinha. Apreciador de pedras preciosas.

Nota: E. W. A. gostava muito de pedras preciosas. Um conhecido era o perito em pedras preciosas num dos maiores joalheiros de Nova Iorque, e E. W. A. apreciava imenso examinar as coleções e falar sobre elas longamente mais tarde.

SUNBEAM: De um certo tipo. O que acha que é? (O que é?) Pérolas, safiras — gostava de diamantes. Alguma associação com safiras.

Nota: Não conheço nenhuma associação com safiras, exceto que são a pedra do meu mês de nascimento, mas não tenho a mínima ideia de que E. W. A. estivesse consciente desse facto.

SUNBEAM: Creio que ele não sabia que ia morrer. Sabia da possibilidade. Foi uma surpresa quando se viu morto. Ele foi rápido. Parece que não houve hipótese para ele.

Nota: Isto é suficientemente verdade, pois eu estava sozinha com ele e ignorava o estimulante adequado a administrar.

SUNBEAM: Se eu tivesse feito isto ou aquilo, mas não houve hipótese. Eu estava [palavra indecifrável] antes de isto acontecer. Ele

estava em dificuldades. Não conseguia voltar. Parece que você disse: "Devias ter um casaco de peles". Ele não queria um. [Eu tinha sugerido muitas vezes que E. W. A. tivesse um casaco de peles. Ele não gostava deles para homens.] Ele é bastante alto. [Correto.] Letra K. [Não identificada.] Creio que ele gostava muito de quadros, coisas bonitas. Ele não gosta de tudo. Tanta coisa é lixo. Há um quadro — fotografia colorida. Coisas coloniais. O seu Neddie adorava estas coisas. Não pinturas absurdas — tipos coloniais, era isso que ele adorava. Tão limpo e branco e artístico, como as casas de Wallace Nutting.

Nota: E. W. A. preferia coisas coloniais a quaisquer outras no que respeita a mobiliário. O tipo de casas de Wallace Nutting era muito do seu agrado. Pelo menos meia dúzia de fotografias coloridas estavam penduradas nas paredes do nosso apartamento, mas nenhuma de temas coloniais.

SUNBEAM: Ele gostava de cavalos? Tinha algum? Vejo uma propriedade no campo. Vejo um cavalo, e estava a pôr o nariz de fora de uma baia, preto, nariz branco, um grande animal de estimação.

Nota: E. W. A. foi criado no campo, a sua família tinha cavalos e a mãe dele tinha uma pequena égua preta que era uma grande favorita. A irmã dele pensa que esta égua provavelmente teria o nariz branco. Tudo isto foi antes de eu conhecer E. W. A.

SUNBEAM: Ele tem muitas noções românticas na cabeça. Sempre a voltar ao tempo em que era rapaz. [E. W. A. adorava recordar a sua infância.] Vejo um homem, aparentemente o pai dele. Parece um homem bom, jovial, como se todos gostassem dele. É o tipo de *Squire* [fidalgo rural]. Toda a gente o conhece. É como um pai da cidade. Quando morreu, toda a gente ao redor se sentiu mal — um homem bom que partiu para o outro lado. Muito liberal, a menos que alguém lhe pise os pés, então saem logo de cima. Resolvia as coisas pelos seus méritos. Ele tinha feito muito bem às pessoas. Ele não teria acreditado nisto.

Nota: Não conheci o pai de E. W. A. A irmã dele disse-me que ele não era o tipo jovial, o *Squire*, mas muito calmo e retraído — distinto, reservado, de aspeto severo. Era muito firme, capaz de se

impor. A sua maneira de ser tinha peso. Ninguém se atreveria a pisar-lhe os calos. Resolvia as coisas pelos seus méritos. Sei que tinha feito muito bem. A filha dele disse-me que ele não teria acreditado em coisas psíquicas.

SUNBEAM: A mãe, ela está deste lado? (O que acha?) Creio que ela está aqui. A mãe, tipo diferente. Calma — do tipo que não se importa. Harmonizava tudo. Ela acha que nunca houve um rapaz como o Neddie. Ela tinha partido muito tempo antes dele. Há um quadro dela. [Existe.] Mulher boa, sensata, verdadeira. Se tinha problemas, guardava-os para si. O pai era diferente. [A irmã de E. W. A. disse-me que todas as afirmações acima estão corretas, exceto que o pai falava muito pouco.] Ambos cristãos, não apenas de nome. Tudo o que é bom. Congregacionais. Pertenceram a uma igreja durante muito tempo. [Verdade, mas era a Igreja Episcopal.] Você não conheceu a mãe dele. Ela já tinha partido antes de você chegar. [Correto.] Prata e porcelana. Um bule ou jarro azul velho e esquisito, com a asa baixa, bojudo. Peça muito simples, mas partida. Eles guardam-na.

Nota: Negligenciei a verificação deste último item durante três anos e meio. Numa visita às irmãs de E. W. A., em Filadélfia, aproveitei a oportunidade para perguntar. Levaram-me ao armário da porcelana onde se guardavam as peças antigas da família. Entre elas estava um antigo jarro de leite de louça azul *Willow-ware*. Tem uma forma estranha, bojudo, com a asa baixa, muito simples, estando a asa partida. Perguntei: "Porque guardam isto?". A irmã de E. W. A. respondeu: "Pelo padrão".

SUNBEAM: Prata — dividir entre duas ou três pessoas.

Nota: Errado, a prata permanece indivisa. Havia três filhos entre os quais a prata poderia devidamente ter sido dividida. E. W. A. disse-me em vida que nunca se tinha importado em ter a propriedade pessoal, preferindo que as suas duas irmãs, que sempre viveram juntas, a guardassem.

SUNBEAM: Eles não eram pobres. O pai tinha uma carteira de dinheiro grande e gorda. Um porta-notas. [A irmã diz que provavelmente o pai tinha uma carteira. Não eram pobres.] Muitas

coisas no porta-notas. Recortes, bugigangas. [A irmã de E. W. A. não crê que sim.] O pai trazia muito dinheiro. Nunca tinha medo de nada. Transportava o que queria. [Provavelmente. Não era um homem tímido.] Agora sobre o nome: W. Isso pertence ao Neddie? [Surpresa e hesitante] (Sim.) O seguinte é uma letra pequena — "i"? Não, uma letra pequena? (Sim.) "o". Dois, não podiam ser dois "o"s — sim. A letra seguinte é como um "d". Há mais alguma coisa? (O que acha?) Wood. Acho que há outra letra. Quero pôr outro "W" ali, ligado a ele. [Sunbeam parecia intrigada.]

Nota: "W" era a primeira letra do meu nome de solteira. O nome completo de E. W. A. era Edward Wood Allison. "Wood", também, curiosamente, era o apelido de casada de uma das suas irmãs. Como eu estava bastante satisfeita com o resultado e Sunbeam continuava a tatear ineficazmente, disse:

(Quer que lhe diga o nome?) Oh, não. *Imperator,* eles... sabe alguma coisa sobre pássaros quando ele estava na faculdade? Havia um sítio que tinha montes de pássaros. Eu fiz algumas dissecções. [A sessão cessou.]

Nota: E. W. A. frequentou a faculdade antes de estudar medicina. Naturalmente fez dissecções, mas os "pássaros" seriam quase impossíveis de verificar agora — tendo isto ocorrido há mais de quarenta anos. "Wood" [Bosque/Madeira] pode ter despertado uma memória de bosques repletos de pássaros perto da faculdade.

RESUMO DAS AFIRMAÇÕES NESTA SESSÃO

Correto

Previsão de que a consultante atravessaria o oceano e faria coisas interessantes para trazer de volta; afirmação de que a consultante daria uma excelente experimentadora e é cuidadosa no seu método (inferível); previsão implicando que a consultante, dentro de cinco anos, terá avançado muito em algum aspeto (pouco valor); referências a mesa de operações, culturas, etc. (se pretendidas como indicadores adicionais da formação médica de E. W. A.); estava contente por ter tido exatamente a formação profissional que teve; o seu trabalho

profissional era muito melhor do que o mero ganhar dinheiro (sem grande peso, mas coincide com opiniões enfaticamente defendidas por ele); menção ao "Extremo Oeste" em ligação com E. W. A.; "Quase sempre pronto para saltar e ir" (correto no sentido em que ele fizera muitas vezes um "salto" para ir viver indefinidamente para outro Estado ou país; mas se "saltar e ir" for interpretado como significando que o faria sem consideração prévia, é incorreto); apreciador de pedras preciosas; "alguma associação com safiras" (pesa pouco, mas como a safira é a "pedra de nascimento" da Sra. Allison, é impossível negar a afirmação); ele não sabia que ia morrer, mas conhecia a possibilidade; "ele foi rápido"; ele não queria um casaco de peles; gostava de quadros — tinha uma fotografia colorida (pouco valor, mas verdadeiro, havia várias fotografias coloridas nas paredes da sua casa); gostava de coisas coloniais; gostava de chalés do tipo Wallace Nutting.

Um grupo de afirmações aparentemente relacionadas com a casa de infância de E. W. A., com os seus familiares, etc.: uma propriedade no campo; um cavalo preto com o nariz branco, um grande animal de estimação (apenas o detalhe do nariz branco não é certo); "sempre a voltar ao tempo em que era rapaz"; o pai falecido, fez muito bem às pessoas, não permitia que ninguém lhe pisasse os calos, resolvia as coisas, não acreditava em alegações psíquicas; a mãe falecida, era calma, do tipo que não se importa, uma harmonizadora, muito fã de E. W. A., morreu muito antes dele, existe um quadro dela (pouco valor), boa mulher, sensata, verdadeira, guardava os seus problemas para si; os pais pertenceram à igreja durante muito tempo; a consultante não conheceu a mãe de E. W. A.; a mãe morreu antes de a consultante chegar; prata e porcelana — um bule ou jarro azul velho, esquisito e bojudo com asa baixa, simples, mas partido, ainda o guardam; a família não era pobre; o pai não tinha medo de nada; indicação de que "W" pertencia ao nome de E. W. A. ("Neddie") e soletração espontânea do mesmo, Wood; ele esteve na faculdade (já afirmado); ele fez dissecções (sem valor após a revelação anterior da sua formação médica).

Possivelmente Significativo

"Quero pôr outro W ali, ligado a ele [Sunbeam parecia intrigada]." (W. era a letra inicial do nome da sua esposa, também a primeira letra do apelido de casada de uma irmã, bem como "Wood".)

Provável

O pai de E. W. A. trazia bastante dinheiro; tinha uma carteira de notas gorda.

Improvável

O pai de E. W. A. trazia bugigangas na sua carteira.

Errado

"Primeira operação" (se a implicação for de que E. W. A. a realizou e era cirurgião. Mas não há necessariamente tal implicação); indicação de que a sua vida foi dedicada à sua profissão; ele adorava quadros de tipo Colonial (pelo menos não é oferecida prova disto); o pai de E. W. A. como o tipo jovial de *Squire* (antes o contrário); "o pai é diferente" (se significar que ele desabafava os seus problemas, é incorreto; se significar que ele era diferente da sua esposa nalguns dos detalhes nomeados, a afirmação tem pouca força); os pais pertenciam à Igreja Congregacional (não, à Episcopaliana); "prata — dividir entre duas ou três pessoas" (a palavra não é "dividida". Contudo, nem a prata tinha sido dividida, nem era minimamente provável que E. W. A. aconselhasse a sua divisão, dado que as irmãs que a possuem vivem juntas).

Não verificável

E. W. A. estava muito nervoso na primeira operação [assistida?]; afirmações sobre o que ele está a fazer na sua vida atual; indicação de que havia um local com muitos pássaros, associado à sua vida universitária.

Omitido

Uma afirmação pessoal, apropriada como vinda de E. W. A., e probatória. Também omitidas do resumo várias afirmações que é impossível avaliar, dado que o seu significado é indeterminável. Por exemplo, "Os meus anos foram duplamente preenchidos" poderia significar que ele estava excecionalmente sobrecarregado de trabalho,

caso em que seria falso, ou que levava uma espécie de vida mental dupla, sendo parte do seu tempo dedicado à profissão e outra parte a outros assuntos, caso em que seria verdadeiro.

IV

SESSÕES COM A SRA. C. G. SANDERS

Em Fevereiro de 1921, tive duas sessões com a Sra. Sanders que foram marcadas anonimamente para mim pela Srta. Gertrude Tubby, então Secretária da Sociedade Americana de Investigação Psíquica. Ambas foram muito dececionantes. A Sra. Sanders é bem conhecida como uma médium de alto nível na América. Tanto o Dr. James H. Hyslop como o Dr. Walter Franklin Prince publicaram extensos relatórios das suas experiências com ela. Ver publicações da Sociedade Americana de Investigação Psíquica (*American Society for Psychical Research*).

Durante todas as minhas sessões, a Sra. Sanders pareceu estar ocupada num tatear fútil que não levava a lado nenhum. É justo dizer em relação à Sra. Sanders que ela me disse, após as sessões, que a personalidade da pessoa que tomava as notas a irritava excessivamente. Pode ter sido apenas uma excentricidade da médium. Eu estava, contudo, demasiado encorajada para fazer mais tentativas com a Sra. Sanders.

Na noite de 24 de Março de 1926, a minha amiga, a Sra. Helen Churchill Lambert, telefonou-me e perguntou-me se eu gostaria de ocupar o lugar dela na sessão com a Sra. Sanders na manhã seguinte, pois ela não estava suficientemente bem para cumprir o compromisso. A Sra. Lambert explicou que telefonaria à Sra. Sanders para dizer que outra senhora, que já lá tinha estado antes, iria na manhã seguinte. Fui conforme solicitado e a sessão, que durou duas horas, foi bastante equivalente aos meus dois fracassos anteriores, salvo por uma instância muito marcante, que a seguinte nota da Sra. Lambert explica. Tomei as minhas próprias notas *verbatim* nesta sessão.

NOTA DE H. C. LAMBERT,

15 DE OUTUBRO DE 1926

Na Primavera de 1926, tive uma série de sessões com a Sra. Sanders, a quem fui de forma anónima. A minha saúde estava má, mas não fiz menção disso a ela, nem tal foi abordado durante qualquer uma das minhas sessões pelo controlador, embora tenham sido dados muitos factos probatórios e pessoais. Eu estava a ser tratada por problemas cardíacos, mas o médico também receava diabetes. Os meus tornozelos estavam inchados e um pé que outrora fora operado doía-me muito.

A 25 de Março senti-me tão mal que pedi à Sra. Allison para ocupar o meu lugar na sessão com a Sra. Sanders na manhã seguinte. Ela teve a gentileza de o fazer e almoçou comigo depois. Quando ela estava a sair, eu disse que iria com ela ao meu calista (*chiropodist*). Ela pareceu bastante sobressaltada e perguntou-me o que eu queria fazer. Expliquei-lhe e ela disse: "Bem, acho melhor mostrar-lhe uma página da sessão; não tencionava lê-la para si, pois parecia não haver nada que valesse a pena ver". As notas diziam o seguinte:

"Ou a senhora que deveria vir hoje, ou alguém ao redor dela, tem uma condição na perna ou no pé. O guia diz que ela não deve picar nem cortar de forma alguma esse pé. Talvez o médico queira fazer isso. O guia diz que há algo sobre esse pé ou perna que não deve ser picado nem cortado. Seja qual for a condição, ela pode ser eliminada."

Como eu já tivera problemas suficientes com o pé anos atrás, e estivera no sanatório do Dr. William T. Bull durante duas semanas por causa de uma operação ao mesmo em 1907, senti-me inclinada a atender a este aviso e, para grande diversão da Sra. Allison, decidi omitir a minha visita ao calista, especialmente porque numa sessão anterior me tinham perguntado se eu recordava um sanatório, ou no número 33, ou na Rua 33, que recordei como tendo sido onde ficava o sanatório do Dr. William T. Bull naqueles dias, em 1907. O nome "Dr. Bull" também fora mencionado na mesma sessão, mas no momento pensei que se referia ao seu primo, o Dr. Titus Bull, que eu via frequentemente.

Mais tarde, naquela semana, contei tanto ao Dr. Bull como ao meu médico de família o incidente na sessão da Sra. Allison. Ficaram

bastante chocados com a ideia de eu ter contemplado ir a um calista e disseram que não tinham pensado em avisar-me, pois supunham que eu já tinha experiência suficiente para saber que, na minha condição, isso poderia significar o risco de perder a perna, se não a vida. Acrescentaram que eu não devia sequer permitir que uma manicure me tocasse. Como previsto, a condição foi eliminada e recuperei completamente a minha saúde. Por nenhuns meios normais poderia a Sra. Sanders saber do problema com o meu pé ou da minha intenção de ir ao calista.

V

O SINAL "X"

É bem sabido por muitos estudiosos americanos de investigação psíquica que um sinal que pretende representar o Dr. Hyslop tem sido dado através de vários médiuns. Parece-me quase incrível, contudo, que um académico com o conhecimento e experiência do Dr. Hyslop tivesse escolhido o mais simples e fácil de todos os sinais, mais fácil até do que um círculo, pois ele deveria saber que isso impressionaria a pessoa comum como sendo pueril.

Por outro lado, o Dr. Hyslop poderia ter selecionado este mesmo símbolo precisamente porque é quase o último que se esperaria que ele escolhesse. As afirmações acima são apenas as minhas impressões pessoais e eu gostaria particularmente que o Dr. Prince expressasse as suas opiniões.

Eu tinha discutido o sinal com o Sr. Eric Dingwall, em 1922, antes de qualquer um de nós saber o que era, mas estando cientes da sua existência. O Sr. Dingwall disse na altura: "Claro, depende de qual é o sinal. Se for algo tão simples como uma cruz ou um círculo, não teria muito peso". A teoria da telepatia poderia facilmente ser aplicada para explicar os dois incidentes que se seguem.

Durante o Inverno de 1922-23, fui um de um pequeno grupo que assistiu a uma série de sessões em casa do Dr. Titus Bull. Entre os consultantes estavam a Sra. Bull, a Srta. Muriel Bull e uma amiga do Dr. e da Sra. Bull, a Sra. Gertrude Ramsey, todas as quais exibiram evidências de força psíquica. Não havia médium profissional nas sessões. Era costume relatar quaisquer impressões psíquicas ao grupo.

Eu parecia ser a única pessoa presente que nunca tinha nada com interesse suficiente para comentar.

O Dr. e a Sra. Bull tinham estado entre as primeiras pessoas a receber o sinal do Dr. Hyslop, mas tinham tomado precauções especiais para manter o símbolo em segredo. Após a sessão em Fevereiro de 1923, que estou prestes a descrever, ambos declararam que ninguém do grupo tinha recebido qualquer conhecimento do sinal através deles. Estávamos sentados às escuras há algum tempo e os outros tinham estado a relatar as suas impressões. Senti-me interiormente desanimada, pois estava muito ansiosa por evidências diretas.

Mentalmente, instei séria e repetidamente o Dr. Hyslop, se ele realmente sobreviveu, a dar-me o seu sinal. Eu sabia que havia algum sinal, mas não tinha a mínima ideia da sua natureza. Quase imediatamente após eu ter feito este pedido mental urgente, Muriel Bull disse: "Parece muito tonto, mas continuo a ver a letra X, como a marca a seguir a uma lição que está errada. Tenho-a visto repetidamente, mas não tenho a mínima ideia do que significa". Ela estava prestes a concluir o seu curso universitário e os exames andavam no ar.

A Sra. Ramsey, que estava sentada no lado oposto da sala, respondeu: "Parece tão tonto que detesto dizê-lo, mas tenho uma sensação do Dr. Hyslop em ligação com esse X". Então eu disse: "Bem, está tudo bem. Talvez não seja tão tonto como pensam". O Dr. e a Sra. Bull nada disseram. Depois de regressar a casa, telefonei à Srta. Tubby. Eram cerca das 11:30. Pedi-lhe que me dissesse o sinal do Dr. Hyslop. Ela disse: "Você recebeu-o?". Eu respondi: "Não sei. O que é?". A Srta. Tubby respondeu: "Diga-me você". Naturalmente, nenhuma de nós queria dar a informação primeiro. Finalmente eu disse: "Um X?" e ela disse: "Sim".

DE UMA SESSÃO COM A SRA. OSBORNE LEONARD,

4 DE AGOSTO DE 1924

Cerca de meia hora antes do fecho da sessão:

L. W. A.: [Mudando de assunto.] Feda, o senhor mais velho [Dr. Hyslop] está aí?

FEDA: Sim.

L. W. A.: Ele já deu algum sinal de si mesmo?

FEDA: Sim, ele deu-o a alguém.

L. W. A.: Ele poderia dar-mo a mim?

FEDA: Sim, ele aponta com a mão. Veja! [Desenha no ar.]

L. W. A.: Poderias desenhá-lo, Feda?

FEDA: Vou tentar.

---

1 *Mais uma vez, há razões para lamentar que material de extensão considerável e de carácter complexamente probatório, no registo de 4 de Agosto, não possa ser utilizado, devido à sua relação com dois americanos vivos, sendo pouco lisonjeiro para um deles. As observações sobre um destes, de quem é dada a inicial correta do primeiro nome, são demasiado variadas e adequadas para confundir a sua aplicação, e a atitude do outro, de quem foi dada a inicial do apelido (conforme o seu nome próprio completo fora dado numa sessão anterior), é corretamente declarada. Foi feita uma previsão, algo vaga quanto ao seu significado preciso, mas cujo sentido pleno o futuro justificou. Àquela data não havia aparência de que o que aconteceu viria a acontecer. Ninguém seria capaz de fazer melhor a afirmação acima, relativa às páginas omitidas, do que eu próprio. É-me incrível que a Sra. Leonard pudesse possuir o conhecimento exibido naquelas páginas.* — W. F. P.

Nota: L. W. A. deu bloco e lápis à médium, que muito rapidamente desenhou uma mão apontando para um X torto.

FEDA: Como se houvesse algo em falta. Mal você pediu um sinal, ele levantou as mãos, como se houvesse mais alguma coisa que ele quisesse fazer, e no entanto ele está contente. Como se houvesse

algo mais que eu quisesse fazer também. Não sei o que ele quer dizer, mas ele diz: "Eu dei esse sinal recentemente".

Nota: Tanto quanto sei, não há mais nada ligado ao sinal, e o prolongamento de Feda enfraquece a evidência. Pode dever-se ao seu costume frequente de "encher" o conteúdo (*padding*).

COMENTÁRIOS DE W. F. P.

A Sra. Allison diz que se afirma que o X tem sido recebido por vários médiuns como o sinal escolhido pelo Dr. Hyslop para indicar a sua presença. Torna-se meu dever, por causa desta parte do seu registo e do seu convite, dizer por que razão penso que esta prova apresentada deve ser encarada com cautela.

1. É incompreensível que o Dr. Hyslop, com a sua mente analítica e o seu vasto conhecimento, tivesse escolhido o cruzamento de dois traços rectos como o seu sinal. Ele deveria saber que a cruz e o círculo são os símbolos gráficos mais comuns em todo o lado e em todas as épocas. Não apenas isto, mas ele estava muito familiarizado com o facto de que um tipo de cruz era o bem conhecido símbolo para "Imperator", que a cruz, sozinha ou num círculo, era dada por alguns médiuns como um sinal supostamente associado a William James, e que a cruz tinha surgido através de outros médiuns sem ligação nem com Imperator nem com James. As suas próprias publicações tinham tornado estes factos muito familiares para ele. (Ver *Journal A. S. P. R.*, V, 644, 646; VI, 314-315, 318; VII, 36, 618, 628; IX, 512-523, 559; *Proceedings A. S. P. R.*, III, 147, 363; V, 99-100, 533; XIII, 174, etc.) A dificuldade aqui é psicológica. Como poderia o Dr. Hyslop, sabendo quão comum é este sinal, quão quase instintivo é incluí-lo entre os traços rabiscados até num devaneio, e o perigo de o confundir com os sinais que pretendem ser os de Imperator, William James, etc., selecionar o cruzamento de duas linhas como o seu símbolo? Enquanto vivo, ele nunca o teria feito; o carácter grego para *psi* (ψ) ele poderia ter selecionado, mas o sinal elementar da cruz nunca.

Em relação à engenhosa observação da Sra. Allison de que "o Dr. Hyslop poderia ter selecionado este mesmo símbolo precisamente porque é quase o último que se esperaria que ele escolhesse", apenas tenho a dizer que isso equivale à sugestão de que ele poderia ter feito algo ridículo porque sabia que não se esperaria que ele fizesse algo ridículo! Qualquer que fosse o motivo, continuaria a ser verdade que, como disse o Sr. Dingwall, "uma cruz ou um círculo não teria muito peso". Ninguém saberia isso melhor do que o Dr. Hyslop, e é para mim incrível que, deliberada e conscientemente, ele tivesse viciado o seu propósito de dar evidências para frustrar as expectativas de que ele mostraria senso comum.

2. Mas se for concebível que o Dr. Hyslop selecionasse este sinal, o facto é que uma cruz simples é extraordinariamente provável de ser produzida por acidente, ou antes por certas tendências da mente humana, e apenas sob um número de condições apuradas e certas pode ser considerada como um sinal probatório.

(1) É um dos símbolos universais. Como diz a *Encyclopedia Britannica*: "Pela simplicidade da sua forma, a cruz tem sido usada tanto como símbolo religioso como ornamento, desde o alvorecer da civilização humana". Na Índia, Pérsia, Egipto, Europa, América, em todo o lado a cruz se encontra desde tempos pré-históricos.

(2) O seu uso aumentou enormemente em terras cristãs pelo seu significado bem conhecido em relação à morte de Cristo. Nas e sobre as igrejas e em ligação com objetos e literatura religiosos, o sinal é continuamente forçado sobre a nossa atenção.

(3) De forma derivada, várias formas de linguagem aumentam a frequência com que pensamos ou visualizamos uma cruz. Qualquer problema é uma "cruz" (*cross*), qualquer movimento entusiástico uma "cruzada" (*crusade*), etc.

(4) A heráldica e as condecorações militares aumentam ainda mais a tendência.

(5) Uma cruz é o sinal comum para o anonimato. Quando nos referimos a um homem cujo nome não deve ser mencionado, chamamos-lhe geralmente "Sr. X".

(6) É o sinal algébrico para uma quantidade desconhecida.

(7) É a marca usada por um homem que não sabe escrever o seu nome.

(8) É um sinal que significa o algarismo 10.

(9) É um sinal frequentemente empregado na correção de exames.

(10) Até há pouco tempo, pelo menos, recipientes de farinha e barris de cerveja eram marcados com cruzes, etc.

(11) Cruzes estão constantemente a cruzar-se com o olhar pelos acidentes de construção e localização. Na sala onde me sento, as vigas acima e os painéis nas paredes e portas formam cruzes, duas cadeiras dobráveis mostram cada uma cruzes debaixo do assento, atrás de mim três caixas de arquivo cujas etiquetas devem ser mudadas estão marcadas com cruzes, e na minha secretária um lápis, deixado cair sobre uma caneta, resulta numa cruz.

Por tais considerações, seria psicologicamente certo, mesmo que não demonstrado, que tanto pessoas anormais como psíquicas veriam frequentemente uma cruz e desenhariam frequentemente uma cruz, como mero automatismo, já que o subconsciente está tão abastecido de memórias associadas a cruzes.

3. Mas a inspeção real mostra quão frequente é a cruz nas impressões dos médiuns. Não quero dizer que isto seja prova de que tais impressões nunca se originam além do subconsciente. O ponto aqui é que o sinal é excessivamente comum; creio ser o mais comum de todos nesta ligação. Em cerca de duas horas, dificultado pelo facto de a maioria dos registos consultados não possuir índice, encontrei a cruz ocorrendo nos seguintes casos, além dos já citados: Sra. Smead (desta vez sem ligação com Imperator), *Proceedings A. S. P. R.*, VII, 507; Srta. Ritchie, *Ib.*, VII, 508; Moriarty, *Ib.*, XII, 175;

Sra. Rathbun, *Ib.*, III, 147; Sr. Thompson, *Ib.*, III, 363; médium de "I Heard a Voice"; médium de "Across the Barrier", p. 71; uma "fotografia de espírito" de Boursnell, *Photographing the Invisible* de Coates, p. 96; uma "fotografia de espírito" de Wyllie, *Ib.*, p. 168. Seria uma questão apenas de tempo e paciência acrescentar a esta lista indefinidamente.

4. Certas alegadas instâncias do suposto X de Hyslop não podem ser levadas seriamente em conta. Não deve ser tomado como uma acusação ao interessante *General Survey of Psychical Phenomena* da Sra. Helen C. Lambert o facto de eu considerar as cruzes na gravura oposta à página 124 pouco convincentes. A gravura mostra vários riscos grosseiros supostamente feitos por um processo supranormal. O que estes riscos representam é uma questão de opinião na qual a imaginação pode desempenhar um papel decisivo.

> Por exemplo, o que é interpretado como sendo "um grande V intersectando uma elipse" poderia tão facilmente ser visto como dois V sobrepostos ou como um W rudimentar, ou, olhado ao contrário, um V (ou um T ou X) e um F. Há três instâncias do que se designa por X. Uma delas poderia ser tão facilmente um F ou um f, de tão distorcida que está. Outra é composta por uma linha torta que se estende por metade da gravura, cruzada por uma linha curva quase tão longa. Se pretendia ser um X, era um extraordinariamente mau.
>
> O terceiro consiste numa linha longa cruzada perto de uma extremidade por uma curta. O que é interpretado como sendo um H é feito de duas linhas curtas que se cruzam sobre a longa linha curva de um suposto X, e tem de pedir emprestado ao "X" para se tornar um H. Ora, quaisquer duas linhas não paralelas, se suficientemente prolongadas, cruzar-se-ão. Experimente fazer uma série de linhas rápidas e aleatórias em todas as direções numa pequena folha de papel. Se forem rápidas e aleatórias, é certo que resultarão várias cruzes.

Vi uma vez um número de X produzidos por diferentes médiuns e supostamente referentes ao mesmo indivíduo. Um destes, um escritor automático privado, tinha-o recebido primeiro de outro médium, juntamente com a revelação do seu significado. Naturalmente, um caso destes deve ser posto de lado. Outro produziu-o, tanto na forma latina como na de Santo André, mas também um número de outros sinais na mesma ligação. Igualmente, claro, seria ilegítimo escolher uma destas cruzes e exibi-la como se estivesse isolada.

5. Suponha-se que um falecido Sr. Brown (sugiro este presumivelmente pouco crítico Sr. Brown para não embaraçar o nosso pensamento nesta fase com o sentimento de que o Dr. Hyslop não poderia ter feito uma escolha tão pouco inteligente e continuar por muito tempo felizmente inconsciente de que era pouco inteligente) se dizia ter dado o seu sinal X através de um número de médiuns. Esse sinal é tão comum, tão provável de surgir como mero automatismo ou em resposta a qualquer desejo expresso de que um sinal seja dado, que o leitor crítico, antes de atingir qualquer grau de convicção, teria de exigir as seguintes garantias:

(a) Que os médiuns ligassem inequivocamente o X ao Sr. Brown.

(b) Que o fizessem sem serem ajudados por quaisquer pistas involuntárias da parte do consultante.

(c) Que nenhum deles estivesse em posição de pedir emprestado a outro do conjunto de médiuns.

(d) Que o segredo do sinal e o seu significado fossem de tal forma preservados que nenhum médium na série pudesse ter ouvido falar dele antes de ser adicionado ao grupo. Uma fuga no decurso de experiências que ocupam muito tempo poderia viciar parcialmente os resultados de uma forma difícil de rastrear.

(e) Que o experimentador não sugerisse aos médiuns, ou a qualquer um deles, que algum tipo de sinal era desejado, dado que fazê-lo teria tendência a suscitar este automatismo

tão comum e certamente o faria numa grande percentagem de casos.

(f) Que, em qualquer caso onde o X fosse apenas um dos sinais dados pelo médium, os outros sinais fossem relatados e, se o médium finalmente se fixasse apenas no X, o processo pelo qual este resultado foi alcançado fosse exposto na íntegra.

(g) Que, juntamente com a lista de X dados por um número declarado de médiuns, fossem relatados todos os outros sinais que aparentassem estar relacionados com a pessoa falecida por um número declarado de outros médiuns.

Voltemos agora às instâncias apresentadas pela Sra. Allison. Não tenho a menor dúvida de que tudo ocorreu exatamente como ela afirma, mas penso que os factos estão bem ao alcance da coincidência, da telepatia e das tendências que mencionei.

Nada sabemos sobre as circunstâncias sob as quais o Dr. e a Sra. Bull receberam o sinal. É-nos dito que não tinham informado ninguém, mas não que nenhuma sugestão de um "sinal" lhes tivesse sido dada antes de o receberem. Eles estiveram "entre" as primeiras pessoas a recebê-lo. A Sra. Allison sabe que alguém tem estado a recolher instâncias. Há quanto tempo sabe ela isto? Resposta: Pelo registo, ela sabe isto e até o que o sinal era já desde as 11:30 da noite de um dia de Fevereiro de 1923.

Quantas mais pessoas foram informadas no decurso do processo de recolha de casos de X? Quão cedo foram informados outros amigos? Eu próprio soube do sinal e do que ele era, da forma mais casual, pelo menos já em 1922, embora não creia que o meu informante se desse conta de que eu estava a ser informado. Temos de pôr de lado o Dr. e a Sra. Bull no que diz respeito a esta publicação, por falta de conhecimento.

Temos agora o caso da Srta. Muriel. Durante o Inverno, tinha sido realizada uma série de sessões nas quais as pessoas, sentadas às escuras, relatavam as suas impressões, quase sensoriais, etc. Nesta sessão, várias impressões tinham sido recitadas. Não é estranho que, entre elas, esta jovem tivesse tido a imagem alucinatória de um X,

uma vez que este é um símbolo tão comum que estaria sujeito a surgir a qualquer momento, e provavelmente já o tinha feito, com diferentes pessoas, repetidamente no decorrer da série não registada de sessões às escuras. Mais do que isso; é altamente provável que a observação inocente da Srta. Muriel de que o X que via era "como a marca a seguir a uma lição que está errada" seja reveladora de que o X visual era uma reação ao seu receio de ver X nas suas folhas de exame. O facto de ela ter visto a marca logo após a Sra. Allison ter instado mentalmente o Dr. Hyslop a dar o seu sinal seria apenas uma coincidência, e uma coincidência tão simples como esta não é infrequente.

A impressão da Sra. Ramsey de que o X da Srta. Muriel estava ligado ao Dr. Hyslop não é probatória, à margem de garantias que dificilmente seria possível fornecer agora. Teria a Sra. Ramsey ouvido algo sobre o sinal de Hyslop? Se não tivesse, como podemos saber agora que não houve qualquer menção ao Dr. Hyslop em conversas anteriores naquela noite, o que ao mesmo tempo explicaria o facto de a Sra. Allison se ter lembrado de pedir mentalmente o sinal, e de o nome dele ter surgido na mente da Sra. Ramsey? O Dr. Bull era amigo do Dr. Hyslop, e o nome do Dr. Hyslop andava no ar. E, de qualquer modo, as condições eram excelentes para a transmissão de inteligência telepática de um membro do grupo para outro.

Agora, quanto à declaração da Sra. Leonard. A sua força como evidência de um sinal do Dr. Hyslop é enfraquecida por dois motivos. (1) A Sra. Allison deu a entender que queria um sinal do Dr. Hyslop. Isto evocaria do subconsciente da médium alguma resposta para satisfazer a exigência, com a probabilidade de que um dos sinais "universais" aparecesse, e o X parece ser o mais frequente de todos entre os "sensitivos". (2) Havia condições ideais para a telepatia, por duas razões.

(a) A Sra. Allison tinha agora a sua atenção mental centrada no X.

(b) A emergência do X na mente da médium seria provavelmente mais fácil, uma vez que qualquer força proveniente do pensamento da Sra. Allison no X reforçaria e direcionaria a tendência natural da

mente da médium para produzir um dos símbolos universais. Naturalmente, na medida em que Feda, ao dizer que "há algo em falta", prejudicou a referência para a teoria telepática, prejudicou-a também para a teoria espírita.

VI

SESSÃO COM A SRA. ANNIE BRITTAIN,

LONDRES, INGLATERRA, 6 DE JUNHO DE 1923

NOTAS VERBATIM PELA CONSULTANTE, L. W. A.

Dois dias após a minha chegada a Londres, visitei a Sra. J. Hewat McKenzie, a Secretária do Colégio Psíquico Britânico. Tinham passado cerca de doze anos desde a minha última visita a Londres. Não tinha tido contactos em Inglaterra com ninguém ligado à investigação psíquica, tanto quanto era do meu conhecimento.

Apresentei uma carta de introdução à Sra. McKenzie que não fornecia qualquer informação de natureza pessoal sobre mim, e tive o cuidado de não mencionar nada a meu respeito na nossa breve entrevista. A Sra. McKenzie fez-me algumas perguntas gerais sobre a Sociedade Americana de Investigação Psíquica e eu perguntei se ela poderia recomendar algum médium. Ela escreveu dois nomes para mim: o da Sra. Brittain e o do Sr. Vout Peters. Isto deu por terminada a nossa entrevista.

Na noite seguinte, às 9 horas, ocorreu-me que poderia ser uma experiência interessante tentar uma sessão na manhã seguinte, que era o aniversário do falecimento de E. W. A. Procurei o nome do Sr. Vout Peters na lista telefónica, mas não o encontrei. Tentei então a Sra. Brittain com mais sucesso e liguei para o número. Um senhor atendeu. Perguntei se seria possível marcar uma hora para a manhã seguinte, não dando nome nenhum, mas dizendo que poderia fornecer credenciais. Ele pediu-me que esperasse enquanto consultava o livro de marcações e informou que as 10 horas seriam convenientes.

Não contei a ninguém sobre o compromisso, exceto à amiga com quem tinha ido para o estrangeiro, quando ela regressou ao hotel por

volta da meia-noite. A fuga de informação através desta amiga está inteiramente fora de questão por várias razões, além do seu carácter, uma das quais é que ela partiria para o *Derby* muito cedo na manhã seguinte.

A Sra. Brittain atendeu a campainha quando cheguei à hora marcada no dia seguinte, conduziu-me à sua sala de visitas, um andar acima, e preparou-se para a sessão de imediato. Ela possui uma personalidade calma e refinada. Esta sessão decorreu sem perturbações, tendo sido a única que tive com a Sra. Brittain na qual não houve interrupções devido a exigências domésticas. Ela entrou num estado secundário.

SRA. B.: [Algumas observações preliminares sem importância, depois —] Vejo rosas do espírito, umas rosas vermelhas pequenas e curiosas — não das caras — do tipo que cresceria num jardim de um chalé, penduradas sobre uma cerca — elas surgem apenas no aniversário de um nascimento ou de uma morte. *Nota: O dia 6 de Junho é o aniversário do falecimento de E. W. A. Ele preferia rosas de jardim à variedade de estufa.*

SRA. B.: Conhece o Walter? [Não que me lembre.] Há muito tempo, ligado à sua infância. Estou a aproximar-me um pouco mais de um que tem ao seu redor, que morreu a voar. Bastante alto — de constituição muito boa — parecia que ele era tudo para os seus familiares — um rapaz a quem nunca tinham dito que não. Estava ligado ao mar.

Nota: Um familiar inglês de E. W. A. morreu a voar sobre o mar, durante a guerra. Sabia isto pelos jornais. Quando, após esta sessão, encontrei a família em Londres, vi o seu retrato e ele parecia ser alto e de boa constituição como o seu pai, que mo mostrou. Mencionei propositadamente Margaret Bancroft, uma ligação familiar que fora uma conhecida investigadora psíquica, ao pai, esperando que isso abrisse um canal para prosseguir com a verificação desta comunicação. Tal não aconteceu. Fui obrigada a largar o assunto como se fosse uma brasa.

SRA. B.: Há aqui um homem tão simpático — certamente gosta de si — ele é um pouco vaidoso — está como que a mexer no colarinho, como se quisesse estar apresentável antes de você o ver.

Nota: Isto pode muito bem servir para introduzir E. W. A. Ele era muito meticuloso e cuidadoso.

SRA. B.: Ele é bastante alto, tenho a certeza que tem um metro e oitenta e três. [Ele tinha um metro e oitenta e três só de meias.] Bons ombros largos, constituição maravilhosa, tão forte. Uma pele tão limpa e clara. Rosto um pouco comprido. Uma testa bonita, alta e arredondada nas têmporas. Cabelo muito liso. Eu diria que é castanho.

Nota: Embora o rosto de E. W. A. não fosse comprido, era "um pouco comprido", e os outros pontos da descrição são excelentes. O seu cabelo, que ainda dava a impressão geral de ser castanho, já era branco nas têmporas muito antes do seu falecimento.

SRA. B.: Os olhos um pouco azuis.

Nota: Incorreto. Os olhos de E. W. A. eram castanhos e escuros. A este respeito, tenho ficado impressionada com a dificuldade que as pessoas parecem ter em recordar a cor dos olhos de outrem, mesmo quando estiveram intimamente associadas a elas. Perguntei a dois amigos que conheceram E. W. A. há tanto tempo como eu, um dos quais passara connosco várias semanas em duas ocasiões: "Qual era a cor dos olhos de E. W. A.?". Um deles respondeu: "Cinzento". O outro: "Azul escuro".

Perguntei-lhes separadamente, para que não fossem influenciados pela resposta um do outro. Ambos eram, pelo menos, comummente observadores. Diverti-me várias vezes desde então a perguntar a amigos a cor dos olhos de conhecimentos mútuos e surpreendi-me com o tatear e a hesitação da pessoa média ao tentar recordar a cor dos olhos de amigos vivos. A afirmação da Sra. Brittain no início da sessão, "Vejo", e o seguimento da descrição parecem ser clarividência. Talvez ela sinta a mesma dificuldade que os meus amigos.

O Dr. Prince, contudo, assinala que a minha analogia entre os casos dos meus amigos e o caso da Sra. Brittain não é exata. Eles

estavam a recordar o que talvez nunca tivessem observado particularmente, ela supostamente está a descrever o que vê e examina. Não se segue que os meus amigos teriam cometido os mesmos erros se tivessem descrito a cor dos olhos com a pessoa à sua frente.

O Dr. Prince constata que as mulheres, pelo menos algumas mulheres, muitas vezes não conseguem recordar se um visitante masculino tem bigode ou se está barbeado, mas saberiam dizer, se lhes fosse perguntado, quando o homem estivesse presente. Pode ser, afinal, que a Sra. Brittain receba a sua impressão telepaticamente de um intermediário e o "Vejo" seja uma mera frase de rotina.

SRA. B.: Ele era um pouco retraído, embora saiba como dar-se com as pessoas.

Nota: E. W. A. dava-se excecionalmente bem com todo o tipo de pessoas, mas era retraído no sentido de que raramente as procurava. Estava sempre na margem da multidão, nunca fazia parte dela. Mas esta palavra "retraído", como tantas afirmações de médiuns, parece aberta a quase qualquer interpretação que o consultante deseje. A dele não era uma personalidade agressiva.

SRA. B.: Ele é teimoso como um burro. Podia-se levá-lo [pelo bom caminho], mas não se conseguia obrigá-lo.

*Nota: Isto é excelente, se "stupid" for aqui equivalente a "teimoso" [stubborn]. E. W. A. não suportava oposição direta, mas era muito permeável à sugestão. Quatro anos após a data deste registo, registei uma sessão com a Sra. Brittain para um conhecido. Enquanto a médium estava num estado secundário, aproveitei a oportunidade para perguntar: "O que quer dizer quando fala de uma pessoa como sendo 'stupid'?". "Ora, teimosa", respondeu ela.*1

SRA. B.: Ele tem um sentido de justiça muito forte. [Uma característica marcante.] Ele é muito alegre. [Qualquer pessoa que o conhecesse atestaria isto.] Ele ainda tinha o coração de um rapaz, embora já não fosse tão jovem, o coração de um rapaz. Uma espécie de felicidade no seu coração.

Nota: As pessoas comentavam frequentemente a disposição juvenil de E. W. A. "Coração de um rapaz" é excelente.

SRA. B.: Cerca de quarenta e cinco anos.

Nota: E. W. A. tinha sessenta e dois anos quando partiu, mas quase ninguém lhe dava mais de cinquenta. Dois anos antes, ele propusera dar a sua idade como quarenta e cinco, em ligação com o trabalho de guerra, onde teria sido impedido pelo limite de idade. Ele sentia-se em condições muito mais aptas para suportar o esforço do que muitos homens mais jovens. Pediu conselho a vários amigos, que lhe garantiram que a sua afirmação nunca seria questionada. Portanto, se o "cerca de quarenta e cinco" se baseia na observação visual da médium, ela está correta.

SRA. B.: Gostaria que ele se aproximasse. [Pausa.] Conhece o George? Um homem que parece mais um pai. Teve um interesse maravilhoso em si. Um homem absorto nas coisas. [Não consigo situar o George de todo. Pausa.] Tenho um sentimento de pesar — o outro homem chamava-se Ted? (Não.) Bem, é um nome curto como esse. Era Fred? (Não.) [Ambos os "Nãos" foram não comprometedores, embora os nomes dados estivessem muito próximos. E. W. A. era sempre chamado de Ned.] Você tem uma mãe adorável. Ela morreu com [sem hesitar a médium nomeou a causa da morte da minha mãe]. Ela tem uma pequena Tia Mary com ela.

Nota: A minha mãe gostava muito da sua Tia Malie [Amália], que era pequenina e habitualmente chamada de "Little Auntie" [Tiazinha] pela família. Quando, um ano mais tarde, questionei "Feda" numa sessão com a Sra. Leonard, "Feda, vês ou ouves?", ela respondeu: "Às vezes vejo e às vezes ouço". O mesmo pode ser verdade para a Sra. Brittain. Se ela obteve o nome de forma clariaudiente, pode ter havido apenas um erro auditivo de "Mary" por "Malie", especialmente porque se desconfiaria de "Malie", dado ser um nome tão invulgar.

---

1 *Num número de instâncias descobriu-se, ao perguntar, que a médium usava uma palavra num sentido invulgar, como neste caso, em que para a Sra. Brittain "stupid" significava "teimoso", um sentido*

não autorizado pelo dicionário; e que o seu sentido se ajustava ao facto externo. Mas não se deve deixar de fora que podem existir instâncias em que o sentido incorreto foi registado como ajustando-se ao facto externo, enquanto o sentido verdadeiro ou usual, tivesse ele sido apurado, não se ajustaria. É provável, então, que os erros de ambos os lados se acabem por equilibrar. — W. F. P.

SRA. B.: Muito amor do Tom — com um H pelo meio. Não sei o que o H significa. [Eu também não.] Ele inspirou-a. (Quem?) Ele trouxe as rosas. [Compare a página 41.] Ele está a usar um anel bastante bonito. Não sei se ele o usou aqui. [Dito de forma intrigada.]

Nota: Associações com anéis são, obviamente, muito comuns, mas a observação "Não sei se ele o usou aqui" é de interesse. E. W. A. queria muito um anel de design invulgar, para ser feito a partir da aliança de casamento do meu pai e da sua própria. Vários designs tinham sido submetidos, mas nenhum decidido na altura do seu falecimento.

SRA. B.: Pergunto-me se está a usar o relógio dele. (Não.) Bastantes influências orientais. Não sei se o homem estava interessado no Oriente; estou a captar coisas orientais.

Nota: E. W. A. estava especialmente interessado em metafísica e filosofia orientais, e a sua posse mais preciosa era uma escultura de parede japonesa.

SRA. B.: O espírito do lar como o mundo para ele.

Nota: E. W. A. estava no seu melhor e mais feliz no seu lar, onde quer que esse lar estivesse. Ele infundia a atmosfera de lar até em quartos de hotel temporários.

SRA. B.: Está tudo em equilíbrio consigo. Um dia terá um lar novamente. Algo acontecerá para a colocar na direção certa.

Nota: Tinha desmantelado o nosso lar três semanas antes desta sessão e sentia-me muito instável. Era a primeira vez na minha vida que estava sem um lar.

SRA. B. [lentamente]: Chamar-lhe-ia um homem preguiçoso — como se ele se tivesse abandonado absolutamente ao lazer. Ele sabe como tirar férias.

Nota: Ninguém sabia melhor como desfrutar ou empregar o lazer, do qual E. W. A. tinha muito.

SRA. B.: Pergunto-me quem é a Winnie? [Não situo a Winnie. A Sra. Brittain não esperou pela minha confirmação ou negação das afirmações, mas continuou quase alheia à minha presença, e eu respondi apenas onde era absolutamente necessário. Os olhos dela tinham estado fechados desde o início da sessão, mas neste ponto ela entrou sob controlo. Soube mais tarde que o controlador se autodenominava Bell.]

BELL: [Algumas afirmações sem importância, mas apropriadas, depois —] Ele diz May ou Mary para lhe mostrar que consegue lembrar-se. Ela não está muito bem, e não é como você. Um pouco frágil, muito sensível.

Nota: Mary é a irmã dele. Ela é chamada de May com muita frequência. Ela não tinha estado muito bem durante a Primavera. O resto da descrição é bom.

BELL: Charlie Jack. [De todos os conhecidos de E. W. A., os dois homens de quem ele mais gostava chamavam-se Charlie e Jack.] Ele chama-lhe qualquer coisa, conforme lhe apetece. [Verdade, E. W. A. tinha inúmeras alcunhas para mim.] Há uma senhora consigo muito presente na vida espiritual. Ela morreu em ligação com uma criança. É um espírito há muito tempo. Ligação consigo pelo lado da mãe.

Nota: A minha avó materna morreu no nascimento da minha mãe.

BELL: Talvez seja o vosso dia de casamento, porque ele lhe dá flores de laranjeira. Não hoje — no dia 14. O dia mais feliz da vida dele. O grande dia feliz. Não quinta-feira, não terça-feira — entre — você sabe.

Nota: Isto foi assombrosamente preciso. Não creio que ninguém de todo o meu círculo de conhecimentos se lembrasse de que eu me casei numa quarta-feira, 14 de Junho, dezoito anos antes. Posso

sublinhar isto devidamente, porque as quatro testemunhas da cerimónia tinham morrido antes da data da sessão. Tanto quanto sei, não tinha estado a pensar em quarta-feira, 14 de Junho. Os meus pensamentos estavam concentrados na data de aniversário desta sessão. Em vida, sinto-me bastante segura de que E. W. A. se teria lembrado tanto do 14 de Junho como da quarta-feira, embora E. W. A. e eu não fôssemos dados a celebrações de aniversários. O Dr. Prince assinala que apenas uma vez em cada sete anos é que a quarta-feira coincide com uma data específica do calendário.

BELL: [Omito aqui uma série de frases que eram mensagens muito pessoais, dadas com grande intensidade de sentimento, e sublinhando este dia em particular e o que ele tinha significado para mim e presumivelmente para ele. Se as observações não se tivessem ajustado inteiramente ao dia, teriam sido absurdas.] Ele apenas quer que saiba que hoje as rosas são o seu melhor e mais querido amor para si.

Nota: "Hoje", como afirmado na página 41, era um aniversário e a variedade particular de rosas mencionada "surgia" apenas num aniversário de um nascimento ou morte.

BELL: Terrível às vezes — curiosa, súbita tragédia — você teve, ele não. [Foi uma tragédia súbita. Pausa. Depois Bell prorrompeu espontaneamente:] Ele adora cãezinhos. [E. W. A. era dedicado a cães.] Bungalow — longas caminhadas de forma espasmódica.

Nota: Passámos um Inverno num bungalow no Sul onde dois cães eram grandes favoritos. Em todos os anos que conheci E. W. A., ele dava longas caminhadas de forma espasmódica. Poderia fazê-lo todos os dias durante um mês e depois omitir as caminhadas durante meses a fio. Enquanto esteve no bungalow, seguiu o seu costume habitual.

BELL: Ele encontrou a sua mãe. Ela ainda tem convicções e ideias. Ela não sabe muito sobre espíritos.

Nota: Em vida, a minha mãe tinha sido vítima de muitas provocações, pois era dada a adotar novas ideias e interesses estranhos às convenções do seu meio. A sua determinação era inabalável. Ela nunca esteve, que eu saiba, interessada em "espíritos".

BELL: Uma amiguinha a quem chamava Winnie partiu há bastante tempo. [Não situo a Winnie. Algumas observações sem importância, o controlador retira-se lentamente.] Deus a abençoe.

Nota: Esta expressão, "God bless you" [Deus a abençoe], era característica de E. W. A. nas poucas ocasiões em que nos separávamos por qualquer período de tempo. Em vida, impressionou-me particularmente porque não estava habituada ao seu uso. Seria interessante descobrir se é habitual Bell retirar-se com as palavras "Deus a abençoe".

SRA. B.: [Saindo do transe, ainda atordoada.] Vi "Edward" escrito ao acordar — escrito como pequenos diamantes ou luzes entre as rosas vermelhas.

Nota: O nome de E. W. A. era Edward.

SRA. B.: Alguma vez teve um amigo médico chamado Anthony, que era tão bondoso?

Nota: O médico a quem liguei diretamente após o falecimento súbito de E. W. A., e que tomou todas as providências necessárias e foi "bondoso", chamava-se Anthony.

Após o fecho desta sessão, marquei mais duas datas com a Sra. Brittain, ainda de forma anónima. A primeira destas teve lugar quatro dias depois. Salvo por uma comunicação surpreendentemente probatória, demasiado pessoal para relatar, o resultado foi inteiramente negativo. A Sra. Brittain parecia irremediavelmente perdida num labirinto de impressões que não se aplicavam ao meu caso. A terceira sessão foi um vazio. Foi-me dito por vários conhecidos em posição de julgar que este procedimento é perfeitamente característico do trabalho da Sra. Brittain; que embora ocasionalmente dê uma primeira sessão brilhante, é incapaz de lhe dar continuidade.

RESUMO DAS AFIRMAÇÕES NESTA SESSÃO

As condições em que esta sessão foi realizada parecem excelentes. A Sra. Allison em Inglaterra após cerca de doze anos de ausência, o seu interesse em investigação psíquica recente e acredita-se que desconhecido no estrangeiro, encontrou o intermediário apenas

dois dias após a chegada e nada contou sobre si mesma (e se se conceber como possível que a informação vazasse do Colégio Psíquico Britânico se fosse conhecida, mencionarei que também obtive o nome da Sra. Brittain lá em 1927 e a sessão foi um fracasso completo, embora muitos factos sobre mim fossem conhecidos pelas pessoas no escritório dessa organização), marcou o seu compromisso com a Sra. Brittain de forma anónima e não contou a ninguém sobre o compromisso, exceto a uma amiga da América que está acima de qualquer suspeita.

Era o aniversário da morte de E. W. A. Quase de imediato a Sra. Brittain viu rosas vermelhas, para ela um símbolo de morte ou nascimento. Mais tarde, após identificação por muitos detalhes, surge o início do reconhecimento de que o dia era um aniversário, a princípio suposto ser do casamento da consultante, suposição essa corrigida instantaneamente, e depois, com nova ênfase sobre o dia, o símbolo das rosas novamente e "Terrível às vezes — curiosa, súbita tragédia — você teve, ele não", o que certamente implica morte e não nascimento. Finalmente, no final da sessão, a psíquica viu "Edward" escrito como pequenas luzes entre as rosas vermelhas.

Dividindo as últimas referências, surgiu a afirmação inequívoca de que no dia 14 do mês (Junho), também numa quarta-feira, a consultante se casou. De facto, o seu casamento ocorreu na quarta-feira, 14 de Junho de 1905.

Pareceu valer a pena medir o valor deste acerto extraordinário quanto à data do casamento. Submeti o assunto a Alan S. Hawkesworth, F.R.S.A., um dos matemáticos mais competentes do país. Vejamos isto em linguagem matemática.

"À superfície das coisas, ela tinha uma probabilidade em 2.550 de adivinhar corretamente a data e o dia da semana do casamento daquela cliente. Uma vez que, para adivinhar com precisão a data exata, 14 de Junho, ela tinha uma probabilidade em 364,25; e isso quer consideremos a probabilidade direta de uma data no ano, ou calculemos a 'probabilidade de uma probabilidade' do mês correto (uma em 12) e da data correta nesse mês (uma em 30+); já que 364,25=12×30+.

E assim, tendo passado triunfalmente o primeiro portão (1 em 364,25), ela tem agora uma probabilidade em 7 de adivinhar o dia correto da semana. Este rácio de 1 em 7, sendo cíclico, permanece o mesmo; qualquer que seja a duração do casamento ou a ocorrência de anos bissextos, dado que o prolongamento do número de anos apenas multiplica no mesmo rácio o número de ciclos, e os deslocamentos do ano bissexto anulam-se.

Assim, a 'probabilidade de uma probabilidade' final é 364,25×7=2.549,75, ou digamos uma probabilidade em 2.550."

Mas o Sr. Hawkesworth acrescenta verdadeiramente: *"Se, contudo, a 'psíquica' soubesse que a sua cliente era uma devota devota da Igreja Anglicana ou Católica Romana, para quem o casamento durante a Quaresma (43 dias) ou durante o Advento (média de 28 dias) estava interdito, isto reduziria os possíveis 364,25 dias para uns possíveis 250,25. A preferência comum por um casamento em Junho daria, por sua vez, a esse mês um valor duplo, digamos; enquanto uma indisponibilidade comum para casar a uma sexta-feira ou a um domingo reduziria os dias da semana para, digamos, 5,5. Tudo isto, cooperando, elevaria a probabilidade do acerto correto para, digamos, uma em 1.270."*

A médium nada sabia sobre as ligações religiosas da consultante, que de facto não tinha tais inibições em relação a casar na Quaresma ou no Advento. Mas, de qualquer modo, como o seu casamento ocorreu fora dessas épocas, se a médium tivesse sequer suposto incorretamente que a consultante era Católica Romana ou devota da Igreja, as suas probabilidades de acertar na data real teriam sido aumentadas. Vários dos factores que entraram no cálculo do Sr. Hawkesworth eram demasiado teóricos para mim. Ocorreu-me ver quais eram os factos estatísticos reais num grande número de casamentos na ordem da sua listagem no *Who's Who*. Deixo que o matemático exponha o resultado.

"O Dr. Prince, através de um cálculo minucioso a partir do Who's Who, determinou a partir de uma lista de 600 pessoas que 32 casaram em Janeiro; 21 em Fevereiro; 19 em Março; 45 em Abril; 27 em Maio; 129 em Junho; 45 em Julho; 42 em Agosto; 67 em

Setembro; 65 em Outubro; 56 em Novembro; e 52 em Dezembro. De modo que as probabilidades de que qualquer casamento tenha ocorrido no mês favorito de Junho é de 129/600; ou um pouco melhor do que uma em cinco. Uma expectativa surpreendentemente alta; e bem o dobro do que se anteciparia primariamente.

"Da mesma forma, ele descobriu que, de 300 casamentos listados no Who's Who, 22 ocorreram numa segunda-feira; 54 numa terça-feira; 98 numa quarta-feira; 73 numa quinta-feira; 12 na azarada sexta-feira; 32 num sábado; e apenas 9 num domingo. De modo que a probabilidade de um casamento à quarta-feira é de 98/300; ou digamos uma em três. Novamente, um rácio surpreendentemente grande; e o dobro do que se poderia antecipar a priori.

Sendo a ordem tanto dos meses como dos dias da semana cíclica, ou recorrente, a duração do casamento não entra no problema. Pois os anos decorridos multiplicam todos os diversos factores de igual modo, deixando os seus rácios internos inalterados. Nem os anos bissextos fazem qualquer diferença. Pois, embora cada um, ao adicionar um dia extra, desloque a sequência dos dias da semana nessa medida, tal cancela-se ao fim de alguns anos e, em qualquer caso, não tem efeito sobre a preferência deliberada que é aparente por Junho e por uma quarta-feira.

Finalmente; há 30 dias no favorito mês de Junho. De modo que a probabilidade total de que algum casamento, de duração não especificada, tenha ocorrido na quarta-feira, 14 de Junho, de um ano não especificado, é de 129/600×98/300×1/30=12642/5400000=0,002341; ou cerca de 2,3 probabilidades em mil; ou uma probabilidade em 427."

Mas a questão não ficou por aqui. Houve também o reconhecimento de que o próprio dia da sessão era um aniversário. A interpretação mais natural das observações seria a de que o homem descrito, quase exclusivamente o tema desta sessão, morreu a 6 de Junho. Nesse caso, a probabilidade de ambos os palpites, em conjunto — o relativo à data e dia do casamento e o relativo à data da morte — seria de (427×365) 1 em 155.855.

Se ignorarmos as sugestões de tragédia, como possivelmente não se referindo ao dia da morte, então, se estivermos convencidos de que o homem é o referido, o dia seria ou o do seu nascimento ou o da sua morte, e a probabilidade seria de 1 em 77.927. Se pensarmos que a tragédia da morte é o que se pretende dizer, mas que a morte de qualquer pessoa tão próxima da Sra. Allison que a morte fosse uma tragédia para ela se ajustaria suficientemente à linguagem empregada, então a probabilidade aumenta, digamos, 10 vezes, para 1 em 7.792, ou o que se preferir.

Tudo o que podemos dizer é que as probabilidades de 1 para 427 relativas ao casamento são indefinidamente, mas muito grandemente, aumentadas pela inclusão do facto de que algo memorável ocorreu a 6 de Junho, de algum modo relacionado com o Dr. e a Sra. Allison, provavelmente uma morte, mas de qualquer forma um nascimento ou uma morte.

DESCRIÇÃO FÍSICA, APLICADA A E. W. A.

Detalhes corretos Bastante alto... um metro e oitenta e três. Ombros largos. Boa constituição, forte. Pele clara. Rosto um pouco comprido. Testa bonita, alta e arredondada nas têmporas.

Detalhes corretos com qualificação Cabelo castanho (falando de modo geral).

Detalhe incorreto Olhos um pouco azuis.

---

2 *Testemos isto: Numa lista aleatória de 500 mortes, 45 ocorreram em Janeiro, 49 em Fevereiro, 40 em Março, 50 em Abril, 36 em Maio, 40 em Junho, 47 em Julho, 33 em Agosto, 31 em Setembro, 45 em Outubro, 37 em Novembro e 47 em Dezembro. A probabilidade de adivinhar que a morte de uma pessoa desconhecida ocorreu em Junho era sensivelmente a mesma que a média de todos os meses, ou seja, 1 em 12+. Se alguém fosse adivinhar com base no conhecimento dos rácios de mortalidade, não escolheria Junho, que*

está entre os meses mais saudáveis. Multiplique-se 12+ por 30, o número de dias em Junho, e chegamos novamente a uma probabilidade em 365 para adivinhar que a morte ocorreu a 6 de Junho. — W. F. P.

OUTROS ITENS DE DESCRIÇÃO, APLICADOS A E. W. A.

Correto Cuidadoso com a aparência pessoal. Um pouco retraído. Mas dava-se bem com as pessoas. Podia ser conduzido, mas não forçado. Um sentido de justiça muito forte. Muito alegre. Espírito juvenil. Interessado em coisas orientais. Gostava da sua própria casa. Tinha muito lazer e desfrutava dele. Chamava a esposa por muitos nomes. Adorava cães. Dava longas caminhadas de forma espasmódica.

Correto com qualificação Cerca de quarenta e cinco anos (na aparência; 62 na realidade).

AFIRMAÇÕES DIVERSAS

Correto A doença de que a mãe da Sra. A. morreu. Facto de a casa da Sra. A. estar agora desmantelada. Mulher ligada à Sra. A. pelo lado materno morreu há muito tempo em ligação com uma criança (a mãe da sua mãe). A mãe da Sra. A., uma mulher de convicções e ideias; sabia pouco de espíritos. Bungalow pertinente a E. W. A. Referência a um aviador, morto (reconhecido por descrição, ver abaixo).

Plausível Referência a um anel.

Duvidoso Referência a um aviador, morto (factos conhecidos pelos jornais pela consultante).

Errado Sugestão de que a Sra. A. estava a usar o relógio de E. W. A.

NOMES

Correto O homem cuja descrição e caracterização, quase sem erro, é a de Edward W. Allison, é primeiro chamado de "Ted", depois

"Fred", depois (após dois nãos da consultante, visto que o que ela lhe chamava era "Ned"), seguindo-se uma pausa, "Tom"; finalmente, ao sair do transe, vê-se "Edward" escrito entre rosas vermelhas. "Ele diz May ou Mary para lhe mostrar que consegue lembrar-se. Ela não está muito bem e não é como você. Um pouco frágil, muito sensível." (Tudo se aplica à irmã de E. W. A.) "Charlie-Jack." Nenhuma afirmação no texto sobre quem eram, mas o emparelhamento dos dois nomes merece nota, visto que os dois amigos masculinos favoritos de E. W. A. eram Charlie e Jack. "Um amigo médico chamado Anthony, que era tão bondoso." (A Sra. A. chamou um médico chamado Anthony logo após a morte do marido, e ele encarregou-se dos preparativos com muita gentileza.)

Quase Correto

A mãe da Sra. A. tem a pequena Tia Mary com ela. (Ela tinha uma "pequena" Tia Malie favorita.)

Desconhecido

"Walter", ligado à infância da consultante. "George", como um pai, etc. "Winnie" partida há muito tempo.

Errado

"Tom" como nome do Comunicador descrito.

Vale a pena prestar atenção ao facto de que uma sessão seguinte foi negativa em resultados, exceto por uma prova pessoal, e que a terceira e última sessão com a Sra. Brittain foi um vazio no que diz respeito a provas. Porquê a diferença?

Se, apesar do que é afirmado pela Sra. Allison e do que se sabe da sua disposição cautelosa e crítica, se supuser que ela deixou escapar informações inconscientemente na primeira sessão, o que a impediu de o fazer nas duas seguintes?

Se se supuser que a Sra. Brittain tinha uma agência de detetives em operação com a sua rede estendida sobre a América (!), porque não conseguiu obter mais nada quando a Sra. Allison estava em Londres?

A Sra. Brittain teve pouco sucesso na segunda e terceira sessões porque estava apenas a tentar adivinhar sobre uma estranha? Sim, pareceu ser esse o caso. Então, como é que ela "adivinhou" tão assombrosamente melhor na primeira sessão?

Acreditar-se-á que tal número de afirmações verdadeiras, variando em valor desde a nomeação da data e do dia do casamento para baixo, fazendo as devidas deduções pelos erros e cancelando os detalhes desconhecidos, resultou do acaso?

VII

SESSÃO COM A. VOUT PETERS, LONDRES,

INGLATERRA, 3 DE JULHO DE 1923

NOTAS VERBATIM PELA CONSULTANTE, L. W. A.

A Sra. McKenzie, do Colégio Psíquico Britânico, tinha-me dado o nome do Sr. Vout Peters ao mesmo tempo que me dera o da Sra. Brittain. Uma vez que a primeira sessão da Sra. Brittain se revelara tão satisfatória, e naquele período específico eu preferia terminar com um médium antes de tentar experiências com outro, não dediquei a Vout Peters outro pensamento até à tarde de 2 de Julho. Por volta das 16:30 desse dia, dirigi-me à sua residência. Um senhor atendeu a campainha e, em resposta à minha pergunta pelo Sr. Vout Peters, apresentou-se como tal. Não entrei, limitei-me a perguntar se seria possível uma sessão na manhã seguinte, e ele deu-me logo uma marcação.

Cheguei às 10:30 da manhã de 3 de Julho, conforme combinado. O Sr. Vout Peters deixou-me entrar, conduziu-me a uma sala de visitas muito pequena nas traseiras da casa, tirou um pano de algum lado e começou a limpar o pó da sala. Explicou que gostava de tudo escrupulosamente limpo numa sessão. Depois mergulhou as mãos numa bacia de água, comentando que tocava sempre em água antes de iniciar uma sessão. Vendou os olhos com um lenço de seda, dizendo que tem tendência a acordar subitamente, mesmo em transe, e que a luz lhe cansa os olhos. Eu não tinha dito absolutamente nada, exceto "Bom dia", ao chegar. O Sr. Vout Peters entrou sob controlo muito facilmente.

V. P.: Estou contente por vê-la. Espero vir a ajudá-la. Tem vivido uma vida plena e ativa. Nunca desperdiçou muito tempo. [Puramente introdutório, e poderia significar qualquer coisa. Desperdiçar tempo, na minha ideia, é inteiramente uma questão de interpretação. Quanto à vida plena e activa, eu poderia dizer tanto "sim" como "não".]

V. P.: [Exclamou subitamente] Que mulher maravilhosa você é a fazer planos!

Nota: Um acerto bastante engraçado. Despendi tanto entusiasmo a fazer planos que, metade das vezes, o meu interesse esmorece antes de começar a agir.

V. P.: Geralmente consegue obter o que quer. Tenta colocar-se no lugar das outras pessoas. Esse é o segredo. [Tento ver outros pontos de vista e sou geralmente capaz de seguir as minhas preferências.]

V. P.: Você sabe escrever. Se ainda não o fez, fá-lo-á. Tem uma pena fluida, uma pena clara. Escreverá. [Pausa.] Você escreve? Porque vejo provas. Não são jornais? É um jornal especializado, ou revista. (Compreendo.)

Nota: Edito uma publicação semanal. A palavra "Journal" [Jornal/Revista] aparece na capa.

V. P.: Você recorre à sua imaginação. Deveria escrever com clareza. Você retrata a vida das pessoas.

Nota: O meu trabalho é uma apresentação de factos, não de material imaginativo.

V. P.: Não sofreu muito com a cabeça, especialmente nevralgia — lado esquerdo — dor intensa — melhorou, mas ainda tem pequenas crises? É um ligeiro deslocamento de uma daquelas vértebras abaixo do osso áxis, na parte de trás da cabeça. Um pouco mais abaixo. Quando era rapariga, teve uma queda feia ou foi derrubada. Estava numa escola grande nessa altura, muitas crianças, rapazes e raparigas. Um trambolhão feio. Sem danos aparentes. Suscetível de se tornar sério. Vá a um quiroprático no seu próprio país. Essa é a causa do problema.

Nota: Durante muitos anos fui muito incomodada por nevralgias na cabeça. Quando rapariga, frequentei um colégio interno misto. Tive muitos trambolhos enquanto patinava e andava de trenó, mas não me recordo de uma "queda feia" em particular.

V. P.: Está aqui um senhor idoso, não muito alto, um pouco largo, rosto redondo, olhos escuros, cabelo cinzento, sobrancelhas grossas, nariz razoavelmente comprido, lábios cheios. Numa altura usou barba. Figura um pouco cheia — alegre — sofreu muito antes de partir. Coração mau. Dor no peito forte. Era o seu pai? (Creio que sim.)

Nota: Esta é uma descrição aproximadamente correta do meu pai, embora ele não desse a impressão de ser "um senhor idoso". O médium acertou ao dizer: "não muito alto" [a altura do meu pai era cerca de 1,73 m], "olhos escuros, sobrancelhas grossas, nariz razoavelmente comprido, lábios cheios, numa altura usou barba, figura um pouco cheia, sofreu muito antes de partir, coração mau, dor no peito forte". O "um pouco largo" dificilmente se aplica, eu diria médio; o rosto não era "redondo", mas mais oval, o cabelo não inteiramente "cinzento". A disposição do meu pai era mais temperamental do que "alegre". Ele morreu de angina de peito, o que explica "sofreu muito antes de partir, coração mau, dor no peito forte". Um bigode espesso era o traço mais conspícuo do rosto do meu pai; não foi feita referência a ele, mas a barba, que eu apenas conhecia por fotografias antigas, foi corretamente descrita.

V. P.: Um contacto com uma senhora, mais ou menos da sua constituição, um pouco mais baixa, rosto um pouco comprido, olhos escuros, cabelo a ficar cinzento, nariz não grande. Antes de partir sabia como morder a língua. Como ela sofreu antes de partir. Alguém por quem ela estava ansiosa, alguém está aqui que morreu de [Nome da doença omitido]. Era a sua mãe? (Diga-me você.) Ela de um lado, condição de [mesmo nome omitido] do outro. Numa altura houve uma ida para fora para ela melhorar, ida para outra cidade para obter uma opinião.

Nota: O médium acertou ao descrever a minha mãe como sendo "mais ou menos da minha constituição mas um pouco mais baixa"

[7,5 cm], "rosto um pouco comprido, olhos escuros, cabelo a ficar cinzento, nariz não grande". Também é correto que a minha mãe sabia guardar um segredo e que sofreu muito antes de partir. "Alguém por quem ela estava ansiosa" é obscuro. O médium nomeou corretamente a doença de que a minha mãe morreu, a mesma dada pela Sra. Brittain. Também é correto que a minha mãe foi levada para outra cidade para a opinião de um especialista.

V. P.: Houve algo que se tentou que não era propriamente um tratamento ortodoxo, que realmente a aliviou, tornou menos doloroso.

Nota: A minha mãe interessou-se pela Ciência Cristã, o que tanto o meu pai como eu e os médicos dela encorajámos. Estes tratamentos beneficiaram-na consideravelmente a nível mental e, sem dúvida, aliviaram a dor por um curto período.

V. P.: Ela tem vindo em três modos de comunicação.

Nota: Se três modos puderem ser interpretados como três médiuns, o acima exposto aplicar-se-ia.

V. P.: Ela e você compreendem-se melhor agora do que na carne. Você não compreendia a sua mãe e ela não a compreendia a si perfeitamente.

Nota: A minha mãe e eu éramos temperamentalmente muito diferentes, mas muito ligadas uma à outra.

V. P.: Está aqui um homem, razoavelmente alto, rosto comprido, não careca, mas o cabelo um pouco ralo no topo da cabeça. Testa alta, lábios um tanto cheios. Anteriormente este homem sofria de muita dificuldade em respirar. Gosto tanto dele. Conhece-o? (Creio que sim.)

Nota: A minha resposta foi calculada para encorajar o médium; os meus pensamentos estavam naturalmente centrados em E. W. A. "Não careca, mas cabelo um pouco ralo no topo da cabeça, testa alta" aplicam-se, bem como "anteriormente este homem sofria de muita dificuldade em respirar", o que era verdade para E. W. A. sob o mais pequeno esforço físico. "Razoavelmente alto" não descreve um metro e oitenta e três, o "rosto comprido" era suavizado por uma mandíbula quadrada, "lábios um tanto cheios" não é correto. Este

médium é desconcertante na sua aplicação frequente de termos qualificativos como razoavelmente, um tanto, um pouco, cerca de, etc. Parece uma tentativa de salvar qualquer situação.

V. P.: Ele está a envolvê-la. Isto [inclinando-se para a frente, tocando num anel de sinete no dedo mindinho da minha mão direita] teve algo a ver com ele. [Tirei o anel e dei-o ao médium.] Ele usava isto como uma gravata.

Nota: O sinete tinha sido anteriormente um alfinete de gravata que E. W. A. estimava particularmente. Representava Mercúrio.

V. P.: O seu homem pertence a algo apenas em ligação com homens. [Demasiado geral para merecer comentário.] Após a partida, houve algo nos seus assuntos que você não conseguia compreender. Ele diz-me que não conseguiu deixar o que queria. Assuntos um pouco confusos. Alguém ajudou, resolveu a confusão, ajudou-a nos seus assuntos.

Nota: E. W. A. não deixou o que esperava e o que acreditava ter um interesse definido. Não compreendi isto durante algum tempo. Uma certa pessoa ajudou-me de todas as formas possíveis, resolvendo o problema, pendente na altura do falecimento de E. W. A. e durante algum tempo depois, relativo a um testamento antigo.

V. P.: O seu homem é muito inteligente. Coisas que ele fez, levou-as até ao fim e terminou-as bem.

Nota: Nunca conheci E. W. A. a empreender algo que não levasse a cabo.

V. P.: Ele tinha um sentido de humor tremendo. [Esta era uma característica predominante.] Ele via sempre através das pretensões das pessoas. [E. W. A. detestava particularmente pessoas pretensiosas e reconhecia interiormente as suas fraquezas.] Ele estava interessado no México? Povos antigos de civilizações antigas — sinto que estou a tocar numa linha lateral. Vou largar isso. *Nota: E. W. A. estava especialmente interessado em civilizações antigas, embora, que eu saiba, não particularmente no México.*

V. P.: Vou voltar ao seu homem. Ele é calmo na sua maneira de ser, não é excitável — forte determinação de vontade — sabe o que

quer. [Isto é tudo enfaticamente verdadeiro.] O que quer que ele faça, fá-lo-á bem, e você e ele davam-se bem porque ele era companheiro. Ele tratava-a como a sua esposa, a sua amiga, a sua companheira. Nem sempre concordavam, mas isso não importava. [Inteiramente correto.] William está a surgir em ligação com o seu homem. [William era o nome do pai dele.] Recebo George e Harry. [George não situo.

O cunhado dele chamava-se Harry.] Muita risota. Agora recebo um homem mais novo, algo loiro, alto, rosto juvenil, olhos não grandes, lábios um pouco cheios, as mãos razoavelmente longas, tremendamente ativo. Ele aproxima-se de si, mas volta este sentimento de risota. Este homem partiu subitamente quando se foi. Este homem partiu através de um acidente.

Tem um amigo perdido num acidente, ligado ao campo e à cidade, viveu em ambos? Possivelmente na guerra. Ele veio com o seu homem. O seu homem queria que você entrasse em contacto com a família dele. (Compreendo.) Quer fazer uma pergunta — rápido. (Qual foi a natureza do acidente?) Ligado a maquinaria. Recebo maquinaria vagamente sobre isso. Ele era inteligente. Duas pessoas choram-no muito. Um pouco preconceituoso em entrar em contacto através de meios espiritualistas. Tremenda excitação na altura do acidente.

Nota: Os parágrafos precedentes têm alguns pontos interessantes. Vários itens indicavam que este poderia ser um primo de E. W. A., um jovem aviador, que morreu num acidente envolvendo maquinaria, durante a guerra. O seu pai mantinha casas tanto no campo como na cidade. Quando encontrei o pai dele, após a sessão, lancei propositadamente um forte isco ao mencionar Margaret Bancroft, uma prima que estivera muito interessada na investigação psíquica, mas não obtive resposta. Um esforço semelhante parece ter sido feito na sessão com Brittain.

V. P.: Depois de o seu homem partir, uma foto foi tirada ou copiada. [Uma fotografia foi copiada, mas isto, claro, é um procedimento habitual.]1 Parece que está em contacto próximo com a família dele. [Estou em contacto com eles.] Voltando ao seu homem: antes da sua última doença, ele tinha estado doente antes e melhorou.

[E. W. A. tivera uma doença muito séria e recuperou, mas não houve uma "última doença".] Numa altura ele esteve num acidente enquanto se movia. Pode ter sido um acidente numa bicicleta ou carro, enquanto se movia. Curioso, marcou-o por algum tempo.

Nota: E. W. A. estivera outrora num acidente de elétrico [surface-car] enquanto o carro se movia. Foi curioso. Houve uma colisão súbita. A cabeça de E. W. A. fora forçada através do vidro da janela, posição em que se encontrou subitamente, no instante em que se deu conta de que o acidente tinha ocorrido. Teve de usar de grande cuidado para se desenvencilhar. A sua cabeça foi cortada pelo vidro em vários sítios e "marcou-o por algum tempo".

---

1. Um procedimento não infrequente, mas duvido que seja "habitual". Das pessoas que viveram na casa da minha infância e na do meu tio ali perto, nove morreram. Após a morte de apenas uma delas é que a fotografia foi copiada, tanto quanto sei ou creio. — W. F. P.

V. P.: Ele gostava de cães ou de um cão. [E. W. A. gostava imensamente de cães.] Cão castanho grande, de raça não muito boa, inteligente, fiel, amava-os.

Nota: Incapaz de verificar. E. W. A. tivera cães antes de eu o conhecer. Mas tínhamos tido pelo menos meia dúzia de cães de que me lembro distintamente e aos quais éramos dedicados. Por que não mencionar alguns deles?

V. P.: O seu homem teve três períodos de vida: infância precoce — segundo período — e quando a conheceu.

Nota: E. W. A. tinha quarenta e seis anos quando nos conhecemos.

V. P.: Ele não gostava de ser fotografado. [Roguei-lhe durante anos para que tirasse uma nova fotografia, mas sem sucesso.] Teve de mandar copiar alguma foto depois de ele partir. [Correto.] Feita maior a partir do negativo original. [Mandei fazer uma ampliação a partir do negativo original.] O vosso foi um casamento curioso. Eram

distintamente diferentes em individualidade, mas eram companheiros. [Verdade.] Ele era muito jovem para a sua idade.

Nota: E. W. A. manteve sempre o seu espírito juvenil e sentia um prazer espontâneo em coisas bastante sem importância.

V. P.: Ele era um homem extremamente meticuloso. [Característica marcante.] Setembro — Junho — Julho — revelaram ser aniversários.

Nota: O meu aniversário era em Setembro. Casámos em Junho. Conhecemo-nos em Julho. Mas como E. W. A. achava os aniversários um incómodo, duvido que esta comunicação pudesse ter vindo dele. Ele costumava despachar as obrigações de aniversário para comigo cerca de um mês antes do tempo, para as tirar da cabeça. Mas lembrava-se das datas quando lhe perguntavam. Recordo-me distintamente de o desafiar a dizer-me o meu aniversário e a data do casamento, e ele acertou em ambos.

---

2 *Se E. W. A. tivesse regressado de uma longa viagem e não tivesse necessidade de se identificar, a sua falta de interesse em aniversários teria, de facto, provavelmente impedido a sua menção numa conversa. Mas se ele for concebido como um espírito desejoso de dar provas para a sua própria identificação, então os aniversários poderiam ocorrer-lhe à mente como úteis para o propósito, independentemente do facto de, em vida, ele achar um incómodo ser obrigado a observá-los. Parece que ele se tinha lembrado das datas de alguns, incluindo as do casamento e do aniversário da esposa. Não há razão para que ele não pudesse, enquanto vivo, ter-se lembrado do mês do seu encontro.*

O dia 14 de Junho, como data precisa do casamento, surgira na sessão com Brittain. Mas que peso daremos à ocorrência de aniversários nos meses nomeados? Não se poderiam encontrar aniversários noutros meses da mesma forma? Perguntei à Sra. Allison que aniversários significativos conseguiria encontrar em Fevereiro, Outubro e Dezembro, por exemplo. Ela respondeu que o pai nasceu em Fevereiro, a mãe em Dezembro e não conseguia pensar em nenhum em Outubro. Ora, não só ela falha em fazer com que

qualquer um destes três meses sugeridos arbitrariamente se ajuste a algo, como aqueles que se ajustam têm a ver com eventos que não seriam do mesmo interesse para E. W. A. (e provavelmente nunca estariam na sua memória) como os três eventos de "Setembro, Junho, Julho". Estes três eram diretamente pessoais à consultante: o seu próprio nascimento, o seu primeiro encontro com E. W. A. e o seu casamento com ele. — W. F. P.

V. P.: [controlador a retirar-se.] Uma vez ele magoou o joelho e andou um pouco coxo durante uns tempos... [Saindo do transe.] Hugh.

Nota: Em Gibraltar, ao descer a escada de um navio, E. W. A. rompeu um tendão e andou coxo durante um mês ou mais. Mas isto foi há muitos anos, e a minha impressão é de que foi o pé ou a perna em vez do joelho. Não situo o nome Hugh.

A sessão encerrou às 11:45. Alguns dias depois tive uma segunda sessão com Vout Peters que se revelou uma perda total, pois o médium tateou sem rumo durante toda a sessão.

RESUMO DAS AFIRMAÇÕES NESTA SESSÃO

Correto

"Geralmente consegue obter o que quer" (reconhecido pela Sra. Allison, embora muitos o negassem em aplicação a si mesmos); "tenta colocar-se no lugar das outras pessoas" (vejo a consultante, pelo meu conhecimento dela, como ela se vê a si mesma neste detalhe); indicação de que a consultante escreve, não para jornais, mas para uma publicação especializada ou revista; a consultante sofreu muito de nevralgia; quando rapariga, a consultante frequentou uma escola mista (pouco valor, pois aplicar-se-ia a uma vasta maioria de americanos).

Descrição de uma pessoa, sugerida como sendo o pai da consultante, corretamente dito ter "partido"; "não muito alto... olhos escuros... sobrancelhas grossas, nariz razoavelmente comprido, lábios cheios. Numa altura usou barba, figura um pouco cheia... sofreu muito antes de partir, coração mau, dor no peito forte" (considerando os detalhes incorretos listados em Errado, a ausência de referência a um

bigode espesso e as probabilidades de um progenitor se assemelhar à filha, isto não é tão impressionante quanto poderia ser. Mas "numa altura usou barba" e os sintomas da doença têm peso e não eram inferíveis).

Descrição de uma mulher, sugerida como sendo a mãe da consultante, corretamente alegada como falecida; com constituição próxima da consultante mas mais baixa, rosto um pouco comprido, olhos escuros, cabelo a ficar cinzento, nariz não grande, sabia guardar um segredo, sofreu antes de partir, levada para outra cidade para obter uma opinião sobre a sua condição física, nome da doença; um tratamento não ortodoxo aliviou-a (sim, até certo ponto por pouco tempo).

Relativamente a E. W. A. ["O seu homem"]: rosto comprido, não careca, mas cabelo um pouco ralo no topo, testa alta... sofrera muita dificuldade em respirar [Ver em Errado]; o anel de sinete da Sra. Allison fora usado por ele numa gravata (o sinete era de Mercúrio, o que poderia possivelmente sugerir que pertencera a um homem); não conseguiu deixar o que queria (poucos conseguem, mas verdade com ele especialmente), os seus assuntos um pouco confusos, alguém ajudou a resolver o assunto (este detalhe seria extremamente provável, admitindo os outros); levava a cabo o que empreendia; tinha grande sentido de humor, via através de pessoas pretensiosas, interessado em civilizações antigas [ver em Errado]; calmo, não excitável, tinha determinação, tratava a esposa como amiga e companheira, nem sempre concordavam mas não importava, uma fotografia dele tirada e copiada após a morte (pouco valor); consultante em contacto com a família dele (muito pouco valor); outrora teve um acidente enquanto se movia, talvez numa bicicleta ou num carro, um acidente curioso, marcou-o por algum tempo; gostava de cães; não gostava de ser fotografado; uma ampliação feita de uma fotografia dele após a sua morte; distintamente diferente da esposa em temperamento; muito jovem para a sua idade; era extremamente meticuloso; aniversários em Setembro, Junho e Julho (valor discutível).

Quase Correto

A consultante não compreendia a mãe nem a mãe a compreendia perfeitamente (muito ligadas mas temperamentalmente diferentes); uma vez magoou o joelho e andou coxo por pouco tempo (provavelmente não foi o joelho que magoou, e talvez poucos homens não tenham ficado, em algum momento, coxos por algum tipo de acidente em alguma parte da perna).

Errado

Pai da consultante "largo" (na verdade médio), com rosto redondo (quase oval), cabelo cinzento (apenas em partes), disposição alegre (temperamental); E. W. A. era "razoavelmente alto" (alto), lábios um tanto cheios (enfaticamente não); sugestão de que ele estava interessado no México (não o suficiente, aparentemente, para merecer menção especial desta "civilização antiga").

Verdadeiro ou não, conforme o sentido

A mãe da consultante veio em três modos de comunicação; ele estivera doente antes da sua última doença e melhorou (a Sra. Allison diz que não houve última doença; eu creio que houve, mesmo que tenha durado não mais de quinze minutos. Mas a afirmação do médium pouco significa, pois seria verdadeira para quase todos os que morreram); E. W. A. conheceu a Sra. Allison no segundo de três períodos da sua vida (questionável, pois o primeiro período é chamado de "infância precoce". Supor-se-ia que o segundo período, então, seria o da juventude e o terceiro o mais longo dos anos posteriores. Ele conheceu a Sra. Allison aos 46 anos).

Não verificável ou não verificado

Nevralgia da consultante causada por "deslocamento" de uma vértebra; a mãe da consultante estava ansiosa por alguém (teria pouco valor); um homem descrito morreu num acidente com maquinaria, viveu tanto na cidade como no campo, vem com E. W. A. (Poderia ser um primo dele que viveu na cidade e no campo e que morreu num acidente com maquinaria, mas sabe-se demasiado pouco sobre ele para provar algo); tivera um cão castanho grande e inteligente.

Nomes

"William está a surgir em ligação com o seu homem. Recebo George e Harry." ("William" era o nome do pai de E. W. A. George, tanto quanto se sabe, é irrelevante. Harry é o nome de um cunhado.)

VIII

SESSÃO COM A SRA. OSBORNE LEONARD,

LONDRES, INGLATERRA, 6 DE AGOSTO DE 1923

NOTAS VERBATIM PELA CONSULTANTE, L. W. A.

Estou grandemente grata a Lady Troubridge e à Srta. Radclyffe-Hall, que generosamente cederam uma das suas próprias sessões com a Sra. Leonard, proporcionando-me assim uma oportunidade que eu desejava acima de tudo. A marcação para a sessão foi feita por Lady Troubridge, que disse à Sra. Leonard que ia enviar uma amiga que sofrera uma perda. Lady Troubridge sabia bem que esta era a abordagem mais segura para obter o consentimento da Sra. Leonard para a mudança, pois o desejo da Sra. Leonard de ajudar pessoas enlutadas supera qualquer outra consideração. Quando cheguei a casa da Sra. Leonard, ela deixou-me entrar antes de eu poder tocar à campainha e levou-me para a sua sala de visitas.

Após algumas observações de circunstância, sentámo-nos e ela disse: "Sabe que é a Feda quem me controla". Respondi: "Sim". Eu estava bastante familiarizada com o procedimento da Sra. Leonard e sentia-me realmente como se fosse encontrar em Feda uma velha amiga, de tanto que tinha lido cuidadosamente vários relatórios sobre o mediunismo da Sra. Leonard. Em poucos minutos a Sra. Leonard entrou em transe e começou a emitir sons de assobio, depois frases curtas sussurradas. Escutei atentamente e captei: "Gosto dele", ou "dela", e "depois há a senhora idosa também". Isto foi repetido várias vezes. Durante esta sessão, sempre que a ocasião parecia exigir uma resposta minha, eu dizia geralmente "Compreendo" ou, por vezes,

"Sim", de forma não comprometedora. Estas observações incidentais omiti-as frequentemente do registo.

FEDA: Bom dia. (Bom dia.) Estão aqui duas pessoas, um senhor que parece estar no seu auge, de boa aparência — ativo, enérgico. Ele era de boa aparência, bom cérebro, boa mente.

Nota: Isto pode novamente servir para introduzir E. W. A. Todos os pontos se aplicam.

FEDA: A cabeça dele tinha uma forma redonda, não oval. Rosto um pouco comprido, mandíbula quadrada — firme — comprida e quadrada.

Nota: Todos os pontos corretos. A sua cabeça — o crânio — era redonda, o rosto "um pouco comprido", a mandíbula quadrada e firme.

FEDA: A boca não é pequena. [Errado; a boca era média.] Lábios um pouco cheios. [Novamente errado.] A cana do nariz sobressai um pouco. [Correto.] Pele pálida. [Errado.] Sobrancelhas bem marcadas — primeiro retas, depois arqueadas. [Exatamente certo.] Boa testa, reta, não recuada. [Uma bela testa reta.] As têmporas notam-se bem. [Correto.]

Nota: O Dr. Prince perguntou se eu tinha algum retrato de E. W. A. em Inglaterra que pudesse ter sido visto por outros. Tinha um retrato dele comigo, bem como uma série de instantâneos, mas estes não tinham sido mostrados a ninguém e eu não tinha levado convidados ao meu quarto no hotel. O Sr. e a Sra. Dingwall, que devem ter visto frequentemente fotografias de E. W. A. no meu apartamento em Nova Iorque, eram as únicas duas pessoas em Londres ligadas à investigação psíquica com quem eu tinha algo mais do que o conhecimento mais casual. Dificilmente poderia ter havido uma fuga de qualquer tipo.

FEDA: Ele partiu depressa. [Correto.] Foi um pouco inesperado quando chegou ao outro lado; não ficou satisfeito por ter partido logo ao princípio; não tinha contado com a partida.

Nota: Algumas frases omitidas por não contribuírem em nada como prova. O falecimento de E. W. A. foi inteiramente inesperado.

FEDA: Não esteve muito bem durante pouco tempo antes de partir.

Nota: Três semanas antes, E. W. A. tinha-me falado da primeira repetição de certos sintomas sentidos antes de uma doença grave dez anos antes. Ele dissera: "Tive aquela sensação estranha no peito hoje, a mesma que tive em Londres". Vários dias depois observou: "Auscultei o meu coração hoje e está tudo bem". Grandemente aliviada, afastei o assunto da mente.

FEDA: Ele já esteve consigo antes de hoje.

Nota: E. W. A. pretendeu comunicar em muitas sessões.

FEDA: Tem-se aproximado muito — escrever é difícil, como se ele não se fosse dar ao trabalho de escrever.

Nota: A escrita automática não produziu comigo nenhuns resultados definitivos.

FEDA: Você tem outra viagem para fazer, não vai para novas condições. Vai reatar com o que é antigo, muito em breve.

Nota: A Sra. Leonard deve ter reconhecido imediatamente que eu era americana, portanto estas observações não podem ser consideradas como tendo peso.

FEDA: Ele estava ligado a locais além-mar, dois locais.

Nota: Nova Iorque era a casa de E. W. A. e Filadélfia o seu local de nascimento, onde a família ainda vive. Ele permaneceu numa série de países e cidades, mas estas eram as suas duas casas.

FEDA: Se não tivesse partido, ele deveria ter ido para o local chamado C.

Nota: Estávamos a planear ir a Siasconset para passar férias na altura do seu falecimento. Este é um exemplo de som correto e grafia errada, uma ocorrência que experimentei ocasionalmente. Se a comunicação fosse auditiva, explica-se por si só.

FEDA: Ele interessava-se por locais, tinha falado de todo o tipo de mudanças se não tivesse partido.

Nota: E. W. A. adorava mudanças de ambiente. Estávamos a planear viver no estrangeiro.

FEDA: A mente dele estava focada em viver, não em morrer, no que ele ia fazer.

Nota: E. W. A. estava muito entusiasmado com o futuro. A irmã dele observara, poucas semanas antes do seu falecimento: "Pergunto-me se ele pensa que vai viver para sempre".

FEDA: É uma altura importante para ele, como se fosse um tempo de aniversário, Julho é uma altura importante para si e para ele, como se o aproximasse de si. Ele olhava para isto como uma espécie de tempo especial; olhando para trás, seria bastante importante para ele e para si também.

*Nota: Julho não significava nada de especial em nenhuma das nossas vidas, mesmo sendo o mês em que nos conhecemos.*1

FEDA: Mesmo antes de partir estava a pensar muito numa viagem. Ele acredita que você se lembrará.

Nota: E. W. A. estava provavelmente a pensar nisso porque estava irritado com a ideia de deixar o seu confortável apartamento para ir para a beira-mar, mas, ajudadas e instigadas por um amigo, não lhe deixámos alternativa.

FEDA: "H" muito importante para ele — gostava muito dele. Homem que está no outro lado agora.

Nota: Isto pode referir-se ao Dr. Hyslop, mas é uma suposição muito forçada. E. W. A. teve uma noite memorável com o Dr. Hyslop. Foi durante a visita de Palladino a Nova Iorque. E. W. A. visitou o Dr. Hyslop e conversaram durante mais de três horas. E. W. A. ficou muito impressionado mas, tanto quanto sei, esta foi a única vez que se encontraram. Seguem-se aqui cerca de vinte afirmações que são muito pessoais. Com um esforço de imaginação, todas poderiam aplicar-se, mas são demasiado gerais para terem peso probatório. Segue-se então uma afirmação definitivamente errada.

FEDA: Há um anel — um que você está a usar, um de que estou a tentar lembrá-la.

Nota: Eu estava a usar um anel feito a partir do alfinete de gravata de sinete de E. W. A.

FEDA: Você tem algo aqui que era uma ligação muito pessoal com ele quando ele estava na terra — por dentro — por dentro — algo que tem a ver com marcação. (Não, creio que não.) Sim, marcação, ele diz que você se vai rir quando o vir. (Pode dizer-me o que é?) Deixe isso até que a Feda não esteja a pensar nisso — algo duro, um pouco frio ao toque, liso, há outra coisa que não tem consigo, um duplicado disto, guardado — não exatamente um duplicado, mas ligado.

Nota: Tinha levado os óculos de E. W. A., bem embrulhados, e colocado discretamente no canto da grande poltrona em que me sentei. Havia dois ou três outros pares de óculos dele entre as minhas coisas, o que poderia explicar o "duplicado". Tinha levado um par para a sessão no caso de Feda pedir um objeto para psicometrizar. Não compreendo o termo "marcação".

---

1 *Mais uma vez parece-me que a Sra. Allison presta demasiada atenção ao que ela e o marido costumavam focar em vida, e muito pouca aos factos reais que ele poderia agora considerar valer a pena mencionar como prova. Não creio que encontrar algum aniversário em Julho seja uma prova de peso, por si só. Mas, sem dúvida, as observações do transe aplicam-se pertinentemente ao que existe. Se o Dr. e a Sra. Allison se conheceram em Julho, esse foi o mês que os "aproximou" um do outro e, como prenúncio do que estava para vir, foi "um tempo bastante importante" para ambos.* — W. F. P.

FEDA: Há uma pequena fotografia boa dele. Depois de ele partir, você mandou fazer uma a partir de uma que ele tinha na terra — como se ele gostasse dela — uma foto tirada ao ar livre — não tão boa — não um retrato esplêndido, mas característica — tirada lá fora. O local onde foi tirada, uma fotografia separada, você pode não se lembrar da fotografia do local sem ele.

Nota: Eu possuía uma boa fotografia de cerca de sete por doze centímetros. Depois de E. W. A. partir mandei fazer uma ampliação.

Também gostava particularmente de uma fotografia de "Kodak" tirada dele fora de um bungalow, com os nossos dois cães. Era muito característica, mas não um "retrato esplêndido". Tenho várias outras fotografias do bungalow e do terreno.

FEDA: Ele estava familiarizado com outra língua que não o inglês, duas que ele costumava ouvir além do inglês, uma mais do que a outra. Mostra-me uma carta, não muita língua estrangeira — uma ou duas palavras numa carta nesta outra língua.

Nota: E. W. A. estava familiarizado com francês e italiano, mais com francês.

FEDA: Você não tem todas as suas coisas num só lugar — tudo separado. *Nota: Os meus pertences estavam espalhados por meia dúzia de locais.*

FEDA: Não tem o seu lar.

Nota: Tinha desmantelado o meu lar cerca de três meses antes.

FEDA: Apenas por pouco tempo. Como se fosse fazer duas mudanças. Tem estado instável, preocupada, sem saber o que fazer de diferente. Condição instável, sem saber o que é melhor ser feito. *Nota: Sentia-me muito instável e indecisa sobre viver num hotel ou encontrar um novo lar.*

FEDA: Embora ele seja tão bondoso e muito paciente de certas formas, é muito determinado se quisesse fazer algo — não valia a pena discutir com ele — teria de o deixar fazer. Não valia a pena dizer-lhe que estava errado até que ele descobrisse por si mesmo.

Nota: É verdade que E. W. A. era habitualmente bondoso e paciente mas, uma vez decidido, a sua determinação era como um rolo compressor. Em tais ocasiões eu nunca me lhe opunha; teria sido inútil.

FEDA: Se ele decidia algo, levava-o até ao fim. Não quebrava a palavra. Podia-se depender dele. [Enfaticamente verdadeiro.] Havia algo que ele devia ter escrito — algo que ele teve de negligenciar. Ele pensou que isso poderia criar dificuldades. Se ele tivesse tido a certeza, teria arranjado isso. [Verdadeiro, e aplica-se a um assunto

pessoal.] Ele não se deu conta de que ia partir. [Não creio que ele tivesse qualquer suspeita disso.] Nada mais poderia ter sido feito por ele. [Dois médicos expressaram essa opinião.] Lembra-se de que ele partiu perto de um aniversário? [Uma semana antes do nosso aniversário de casamento.]

Ele sentiu muito que você ficasse com as duas coisas para recordar. Quero dizer, todos os anos pensar nelas juntas. Uma tornaria a outra triste. Isso irritou-o. Como se estragasse a outra também. [Isto é evidente por si só.] Foi lembrada disso há pouco tempo. [Há menos de dois meses.] Algo, algo que você está a segurar lembrá-la-ia disso. [Eu estava a usar os meus anéis de noivado e de casamento, mas não segurava nada.] Lillie — Lillie — Lillie — tão perto, continuo a cair em Lillie — o fim não está bem certo — eles estão a construir. [Desenha letras no ar.] (Diz as letras, Feda.) L-I Lidi — Lidi — Lidi — não consigo chegar mais perto, muito perto — não está bem certo — algo de errado com a última letra, não posso perder tempo. [O meu nome é "Lydia". E. W. A. chamava-me "Lidi" metade do tempo.] S — alguém com quem ele tinha a ver. [Não situo o "S".] Isto não se refere a alguém em Inglaterra — no estrangeiro — local com uma ponte, o local é onde ele costumava conhecer as pessoas começava por "S" — assuntos financeiros.

Nota: Isto poderia ter ocorrido antes de eu conhecer E. W. A., mas por que razão ele mo mencionaria a mim?

FEDA: Você devia ter feito algo em relação ao banco? (Creio que não.) Ele ainda sente que quer tomar conta das coisas para você as fazer. [Isto seria apenas natural.] Você mudou um pouco os seus planos. Eu tinha a ideia de que você ia para um sítio que deixou de parte, mas ele acha que é uma coisa boa. Não importa muito.

Nota: Quando Lady Troubridge escreveu, oferecendo-me a sessão da Srta. Radclyffe-Hall para uma data cinco semanas mais tarde, a minha aceitação exigiu uma mudança completa de itinerário. Seguem-se várias afirmações que se aplicam de uma forma geral, mas que, pela minha observação, são características de Feda para com qualquer consultante quando esta está a ganhar tempo pouco antes de fazer um acerto certeiro.

FEDA: Amy — creio que alguém partiu há bastante tempo. Creio que conseguirá descobrir.

Nota: Amy era um nome de que E. W. A. gostava acima de todos os outros, mas não conheço nenhuma Amy em particular.

FEDA: Ele está igual e ri-se. Você disse-lhe algo especial sobre os olhos dele. Lembra-se de dizer algo como: "Não estão bem iguais?" [Não me recordo.] Estão ambos iguais. Você disse-o a propósito de uma fotografia e ele está com um ar engraçado. Você tinha-o provocado. Sabe de algo que o irritou em relação a um dente? [Ver página 21.]

Nota: E. W. A. estivera incomodado e visitara o dentista pouco antes do seu falecimento. "Dente" sugere uma grande piada entre nós e, mais uma vez, demonstra uma oportunidade perdida.

FEDA: Não há razão para preocupação agora. Diz-lhe como os dentes dele estão bonitos. Pouco tempo antes, os dentes tinham estado na mente dele. [Correto.] Como se ele lamentasse um pouco o tempo em que não esteve consigo. Como se pudesse ter estado consigo mais cedo. [E. W. A. tinha quarenta e seis anos quando nos conhecemos.] Como se pudessem ter-se unido mais cedo. Você saberá o que quero dizer. Há outras três pessoas — três em particular em quem ele está interessado. Não estão consigo — num pequeno grupo — uma senhora mais velha — não tem estado muito bem ultimamente — ele não está satisfeito com a condição de saúde dela. Ele gosta muito dela.

Nota: E. W. A. tinha apenas três familiares diretos vivos: duas irmãs e a filha de uma delas, que vivem juntas. A senhora mais velha, que poderia significar a sua irmã mais velha, não tinha estado bem recentemente. Ele era apegado a ela.

FEDA: Claro que você tem pessoas, mas está sozinha.

Nota: Tenho muitos familiares, mas vivo inteiramente sozinha.

FEDA: Ele vai na viagem consigo. Há um pouco de atraso em relação a isso, como se não fosse agora e pudesse haver um atraso.

Nota: A minha passagem de regresso à América estava marcada para dois dias depois e foi inesperadamente adiada por oito dias.

FEDA: Quando chegar ao fim da viagem — como se pudesse ir noutra viagem. Vejo um pequeno grupo, água lá, atravessando a água — mais espaço — ar — muita fruta — sentindo e falando de fruta — alguém psíquico lá em quem ele deitou o olho.

Nota: Eu esperava, após desembarcar na América, ir num dia ou dois para Atlantic Highlands, a casa de Verão de uns amigos. Isto implicava uma viagem sobre a água. Havia, naturalmente, mais espaço e ar. A "fruta" é uma previsão curiosa. Uma manhã, um dia ou dois após a minha chegada, uma filha da família chamou-me: "Queres ir de carro até à quinta buscar ovos?". Quando chegámos, vi um grande cesto de belos pêssegos no patamar e observei que não sabia que uma variedade tão boa crescia tão a norte. A minha amiga disse: "Levo-te ao pomar se quiseres". Fui então e encontrei-me entre "muita fruta", uma experiência muito invulgar para mim, pois não me recordo de estar num pomar há anos. Tinha-me esquecido completamente da afirmação de Feda e fiquei muito surpreendida algum tempo depois, ao ler as minhas notas, por encontrar a menção à fruta. Não conheço ninguém psíquico lá.

FEDA: Jean, alguém em quem ele está interessado.

Nota: Desde o seu falecimento, conheci e tornei-me muito amiga de uma mulher chamada Jean, na qual sei que E. W. A. estaria interessado.

FEDA: Ouve alguma música e gosta. Ele gosta de música. Fã de música. Não há muitos homens que gostem, mas ele gosta. [E. W. A. era extravagantemente fã de música.] Houve algo no sábado. Ele estava a tentar fazê-la sentir que estava consigo.

Nota: Eu tinha estado numa situação embaraçosa no sábado anterior. Atravessei de Ostende para Inglaterra e descobri que tinha perdido o meu passaporte. Como os regulamentos ingleses eram muito rigorosos, duvidei que me deixassem entrar e, como o propósito da viagem era a sessão com a Sra. Leonard, senti-me muito preocupada.

FEDA: Ele está a ir-se da Feda.

Cessou sessão.

RESUMO DAS AFIRMAÇÕES NESTA SESSÃO

Correto

O espírito masculino representado como presente era de boa aparência, tinha uma mente brilhante (Verdade em E. W. A.); cabeça (crânio?) redonda, rosto um pouco comprido, mandíbula quadrada e firme... [Ver em Errado], a cana do nariz sobressai um pouco... [Ver em Errado], sobrancelhas bem marcadas, primeiro retas, depois arqueadas, testa boa, reta, não recuada, têmporas bem visíveis; partiu depressa, um pouco inesperado quando chegou ao outro lado (pelo menos é verdade que a sua morte não era de todo esperada meia hora antes de ocorrer); não esteve bem por pouco tempo antes de partir; esteve com a Sra. Allison antes (no sentido em que pretendeu comunicar); tem-se aproximado — escrever é difícil (implica que a consultante tentara a escrita automática, o que fizera, sem resultados satisfatórios); consultante vai fazer outra viagem, etc. (não probatório); estava ligado a dois locais além-mar (a dois locais especialmente, verdade); se não tivesse partido, teria ido para um local C (corresponde ao som inicial do local para onde planeava ir); interessava-se por locais e falava de mudanças; a mente focada em viver e no que ia fazer (pouco valor, pois seria verdade para a vasta maioria); tenta lembrar a consultante do anel que ela está a usar (probatório apenas no sentido em que o sinete era familiar a E. W. A., ao passo que poderia ter sido comprado após a sua morte); a consultante trouxe algo que é uma ligação pessoal com ele quando ele estava na terra (altamente provável), algo duro, um pouco frio ao toque, liso, um duplicado de algo que ela tem guardado — não exatamente um duplicado mas ligado [Ver em Errado] (aplicado aos óculos que ela trouxera, no que toca à descrição muito pobre — o objeto poderia ter sido de tecido ou de outra forma ser inadequado aos detalhes dados); uma boa fotografia pequena dele, uma feita após a sua morte a partir de uma que ele tinha, um retrato característico mas não esplêndido tirado ao ar livre, também fotografia do local sem ele (todos os detalhes verdadeiros, embora prováveis em conjunto); familiarizado com duas línguas além do inglês — com uma mais do que a outra; as coisas da consultante não estão todas num só lugar; a

consultante não tem casa atualmente e tem estado instável, sem saber o que é melhor fazer; era bondoso e paciente de certas formas, mas determinado quando decidia algo — inútil discutir nessa altura; podia-se depender da sua palavra; negligenciou escrever o que deveria ter sido escrito, temendo que criasse dificuldades, caso contrário teria providenciado isso (reconhecido, mas demasiado pessoal para relatar, portanto o valor do item não pode ser estimado por outrem que não a consultante); não se deu bem conta de que partiria, nada mais poderia ter sido feito por ele; a morte foi perto de um aniversário (uma semana antes do casamento) — duas coisas para recordar juntas todos os anos, como se uma estragasse a outra; você foi lembrada [da conjunção dos aniversários, o contexto implicaria] há pouco tempo (menos de dois meses); algo que a consultante segura lembrá-la-ia disso (como os anéis de noivado e casamento eram visíveis, o valor disto reside apenas em indicar qual era o aniversário que o da morte tendia a "estragar"); "Lillie — Lillie — Lillie... o fim não está bem certo... Lidi — Lidi — Lidi — muito perto, não está bem certo" (o nome da consultante é Lydia, e E. W. A. chamava-lhe muito frequentemente "Lidi"); a consultante mudou os planos sobre ir a um sítio (pouco valor); "algo o irritou em relação a um dente...

Pouco tempo antes [da morte, provavelmente] os dentes tinham estado na mente dele"; os dentes eram "bonitos"; uma sugestão [por interpretação razoável] de que o comunicador casou tarde; outras três pessoas [além da consultante] em quem ele está particularmente interessado, formando um grupo; "uma senhora mais velha", de quem ele gosta, não tem passado bem ultimamente; a consultante tem familiares mas vive sozinha; haverá um atraso na viagem que a consultante vai fazer.

Provavelmente Correto

Estava a pensar muito numa viagem pouco antes de partir.

Possivelmente Significativo

O nome "Amy", embora não seja possível dizer se E. W. A. conhecia uma pessoa com esse nome que tivesse morrido há muito tempo, era o seu nome favorito. A afirmação de que ele "está interessado na Jean", embora não possa ser provada, é provável, se ele estiver de facto a comunicar e minimamente consciente das atuais relações da esposa.

Verdadeiro ou não, dependendo da interpretação

Julho foi uma altura importante para E. W. A. e para a Sra. Allison, "como se o aproximasse de si... olhando para trás seria bastante importante" para ambos. (Se isto significa que qualquer data no mês era guardada como aniversário ou vista com sentimento, não é correto; mas se significa que historicamente o mês marcou o tempo do encontro deles e era um aniversário por esse motivo, é correto); "Houve algo que aconteceu no sábado. Ele estava a tentar fazê-la sentir que estava consigo."

(Se o sentido é que algo importante aconteceu no sábado de modo que ele estivesse a tentar fazê-la sentir que estava perto em simpatia, então a primeira parte disto era verdadeira e a última parte pode ter sido. Mas se o sentido é simplesmente que ele estava a tentar fazer sentir a sua presença e que algo aconteceu que indicou isso a ela, então a afirmação parece não ser correta. Mas, de qualquer modo, ela não é capaz de dizer: "Nada de especial aconteceu nesse dia, e não havia razão especial ligada a esse dia para que ele quisesse que eu sentisse a sua presença". Se ele está a comunicar nesta sessão, estaria presumivelmente interessado na tentativa de contactar a Sra. Leonard.)

Errado

A boca [de E. W. A.] não era pequena (Para mim a boca, vista em retratos, parecia pequena quando fechada, de tamanho médio quando vista aberta e a sorrir. — W. F. P.); lábios um pouco cheios, pele pálida; nenhum significado reconhecido para "marcação" em relação ao par de óculos; sugestão de que a consultante deveria ter feito algo em relação ao banco (pelo menos ela nada sabia que devesse ter feito).

Não verificável

Pessoas que ele costumava conhecer, S, num local no estrangeiro com uma ponte — assuntos financeiros; Amy, que partiu há muito tempo; consultante disse-lhe uma vez algo sobre os olhos dele — "Não estão bem iguais" (não recordado).

Impossível de avaliar

Sugestão de que a consultante faria duas mudanças (sem limite de tempo definido. A consultante fez pelo menos duas mudanças, que eu saiba. — W. F. P.); "Quando chegar ao fim da viagem — como se pudesse ir noutra viagem, vejo um pequeno grupo, água lá, atravessando a água — mais espaço — ar — muita fruta — sentindo e falando de fruta — alguém psíquico lá em quem ele deitou o olho". (Embora seja de certo modo impressionante que a Sra. Allison, quase logo após a sua chegada à América, tenha visitado inesperadamente um pomar pela primeira vez em anos, e seja de interesse saber que ela pensou em ir para Atlantic Highlands, o que teria cumprido outras partes das sugestões de Feda, considero esta mistura de objetivo e subjectivo na interpretação, e o corte do grupo em dois para o aplicar, duvidosos.)

Omissões

Algumas frases sem significado probatório; cerca de 20 afirmações muito pessoais, demasiado gerais para avaliar probatoriamente, exceto uma, que é definitivamente errada; algumas afirmações que se aplicam de forma geral como se aplicariam à maioria das pessoas.

IX

DECLARAÇÃO SOBRE A SRA. LEONARD

Após a minha primeira sessão com a Sra. Leonard, perguntei se haveria possibilidade de outra dentro de poucos dias. A Sra. Leonard pensou que haveria uma hipótese, pois esperava um cancelamento por parte de um senhor. Eu estava tão interessada no desenvolvimento do mediunismo da Sra. Leonard que lhe perguntei se estaria disposta a contar-me um pouco sobre o assunto, em qualquer altura conveniente para si. A Sra. Leonard disse que se poderia arranjar e perguntou onde

me poderia contactar, pois não tinha telefone. Isto colocou-me num dilema.

Era Agosto e todos os meus amigos tinham deixado Londres. Eu tinha vindo do Continente propositadamente para a sessão. Após alguma hesitação, sugeri que a Sra. Leonard escrevesse uma nota a uma amiga minha, uma Sra. Allison, no Victoria Hotel, que eu tinha a certeza de que faria chegar a nota até mim. Dois dias depois chegou uma nota da Sra. Leonard, pedindo-me que passasse lá na noite seguinte para uma pequena conversa sobre o seu desenvolvimento, lamentando não poder realizar uma "sessão", pois o senhor que ela esperava que cancelasse tinha escrito a dizer que vinha.

Visitei a Sra. Leonard na hora marcada e ela deu-me gentilmente um relato muito interessante da sua experiência. Tive muito cuidado em não dizer nada sobre mim e apenas evidenciei o meu interesse em tudo o que ela dizia. Também marquei algumas sessões para o Verão seguinte. Como a Sra. Leonard não me podia dar as datas exatas nessa altura, pedi-lhe que escrevesse à Sra. Starr, que expliquei não ser o meu nome real, aos cuidados da Sociedade Americana de Investigação Psíquica (*American Society for Psychical Research*), e que eu deixaria instruções para que a carta me fosse reencaminhada.

Alguns meses mais tarde, chegou uma carta da Sra. Leonard com as minhas datas, pela qual lhe agradeci, mantendo ainda o meu anonimato. Ela respondeu, aos cuidados da Sociedade Americana de Investigação Psíquica: "Sabe, creio que você é realmente a Sra. Allison, e achei melhor dizer-lhe". Não vi razão para mais tentativas de anonimato e escrevi-lhe confirmando que ela estava correta.

É lamentável que eu não tenha conseguido pensar num estratagema mais astuto do que "Sra. Allison, Victoria Hotel" na altura, embora isso não afete a minha própria opinião sobre o valor de qualquer uma das comunicações, nem afetará, sinto-me segura, ninguém que conheça a Sra. Leonard e esteja convencido da sua escrupulosa honestidade. Felizmente, muitas das comunicações mais probatórias não dependem minimamente do que a Sra. Leonard pudesse saber sobre mim. Quanto à probabilidade de a Sra. Leonard ter qualquer conhecimento sobre a Sociedade Americana de

Investigação Psíquica, apresento as seguintes notas de uma conversa que teve lugar após uma sessão em 11 de Junho de 1924.

L. W. A.: Sra. Leonard, posso fazer-lhe algumas perguntas? São muito importantes e dizem respeito a várias afirmações da Feda.

SRA. L.: Certamente, tudo o que quiser.

L. W. A.: O que sabe sobre a Sociedade Americana de Investigação Psíquica?

SRA. L.: Muito pouco. Creio que há uma Srta. Tubby ligada a ela e o Sr. Bird é o editor. Depois, uma senhora veio aqui o ano passado para uma sessão e disse que era membro.

Nota: Àquela data, o Sr. Bird não tinha qualquer ligação oficial com a Sociedade Americana de Investigação Psíquica, e a demissão da Srta. Tubby tinha tido efeito em 1 de Junho de 1924. A Sra. Leonard provavelmente confundiu o facto de o Sr. Bird ser editor da Scientific American, que realizou uma célebre investigação sobre médiuns. O Sr. Bird estivera em Inglaterra cerca de um ano antes.

L. W. A.: O que ouviu sobre a Sociedade Americana desde Março?

SRA. L.: Bem, aí posso dizer honestamente que nada de todo, nada desde há muito tempo antes disso.

L. W. A.: Nada desde Janeiro?

SRA. L.: Oh, não, nada desde há muito tempo.

L. W. A.: Obrigada, isso é muito interessante.

Nota: Negligenciei perguntar se a Sra. Leonard alguma vez vira as publicações da A. S. P. R. (embora nada relativo ao "desmantelamento de condições" descrito por Feda tivesse sido publicado). Um aviso relativo à demissão da Srta. Tubby foi publicado, mas apenas no Journal de Julho de 1924. Encontrei, no decorrer desse Verão, doze ou quinze membros proeminentes e ativos da S. P. R. em Londres, nenhum dos quais tinha uma noção sequer aproximadamente correta dos problemas da A. S. P. R. após a morte do Dr. Hyslop, ao passo que Feda mergulhou de cabeça numa

discussão íntima dos detalhes, exibindo um conhecimento do status quo.

A fiabilidade e a escrupulosa honestidade da Sra. Leonard são atestadas por todos os seus consultantes habituais que conheci. A Srta. Radclyffe-Hall e Lady Troubridge contrataram uma agência de detetives após as suas primeiras sessões, para apurar se a Sra. Leonard poderia ter adquirido conhecimento normal que cobrisse o trabalho probatório de Feda para elas, com resultados inteiramente favoráveis à Sra. Leonard. Ver *Proceedings S. P. R.*, Parte LXXVIII, Vol. 30, páginas 342-343. Fiquei perplexa com o conhecimento de Feda e escrevi uma carta de inquérito à Srta. Nea Walker, secretária de Sir Oliver Lodge, à qual Sir Oliver respondeu diretamente. Uma cópia da sua carta é anexada.

"Normanton House "Lake, Salisbury.

"2 de Julho de 1924.

"Cara Sra. Allison:

"A Srta. Walker enviou-me a sua carta sobre as sessões recentes para eu ver; e felicito-a por obter bons resultados.

"Pergunta a minha opinião sobre a fiabilidade da Sra. Leonard em revelar qualquer informação normal que possa ter adquirido. Escrevo, portanto, para dizer que tenho absoluta confiança na sua completa e transparente honestidade; e se ela diz definitivamente que não leu um livro ou uma publicação, pode-se depender da sua afirmação.

"Sempre que ocorreu qualquer fuga através de um consultante anterior ou de outra forma, ela teve o cuidado de me informar do facto sempre que este chegou ao seu conhecimento consciente. Ela é muito cuidadosa com as suas leituras e abstém-se de ler muito do que poderia interessar-lhe, por medo de assim estragar as provas. Ela está bem ciente da importância das suas afirmações a este respeito; e considero-a uma mulher extremamente honesta e direta. Sinto-me seguro de que a sua afirmação é verdadeira, de que ela não sabe praticamente nada sobre a Sociedade Americana de Investigação

Psíquica. Não é o tipo de informação que provavelmente chegaria até ela, e ela quase certamente abster-se-ia de ler os seus Proceedings.

"Atenciosamente,"

"(Assinado) OLIVER LODGE."1

X

REGISTO DA SESSÃO COM A SRA. LEONARD,

4 DE JUNHO DE 1924

NOTAS PELA CONSULTANTE, L. W. A.

FEDA: Bom dia. O seu senhor está aqui outra vez. (Bom dia, Feda.) Bom dia, bom dia. Ele está contente por falar outra vez. Sabe que ele ficou desapontado porque pensou que você estava a estabelecer contacto antes de vir. Foi muito mal comportada. Ele não se importou realmente — apenas queria que fosse como aconteceu.

Nota: Uma semana antes de embarcar, vi a Sra. Piper socialmente enquanto visitava Boston, e ela deu-me voluntariamente algumas impressões que achei que se ajustavam a E. W. A. de uma forma geral. Durante o mesmo fim-de-semana, telefonei à Sra. Soule solicitando uma sessão que ela não pôde dar-me.

FEDA: Sabe que há pouco tempo ele teve uma sensação um pouco desconfortável sobre esta viagem, ele chama-lhe passeio [*trip*]. Ele pensou que ia ser difícil. Ele teve a sensação de que algo ia impedir e não teve essa sensação logo antes de você começar. Estavam a acontecer coisas não consigo, mas ele pensou que isso ia estragar as coisas; ele ficou irritado, queria que você viesse, tentou impressioná-la para vir, continuou a dizer-lhe para não prestar atenção, mas havia algo a acontecer a outras pessoas que era muito perturbador. Ele ficou um bocadinho zangado com isso, mas soube o tempo todo que estaria tudo bem você vir. Não significa que tenham estado a acontecer coisas tão diferentes, é na indefinição que a impediu de fazer planos facilmente para o futuro.

---

1 *No início da minha terceira sessão com a Sra. Leonard, em 1927, ela perguntou: "Você é o Dr. Walter Prince?". Perante a minha confirmação, ela observou que, como ouvira, desde a última correspondência, que o Dr. Prince estava em Inglaterra, lhe ocorreu que eu pudesse ser ele, por isso achou melhor dizer-me.* — W. F. P.

Nota: A amiga que esperava acompanhar-me a Inglaterra fora impedida de o fazer pela má saúde da mãe. Foi a "indefinição" que foi perturbadora e, durante um tempo, considerei cancelar também a minha passagem, pois a série de sessões com a Sra. Leonard era o meu único objetivo e não gostava da ideia de atravessar sozinha. Apenas a dificuldade de assegurar outra série numa data futura me fez decidir levar por diante o meu plano original.

FEDA: Tem sido especialmente difícil para si este ano. Vai ficar tudo bem, mas não se surpreenda se as coisas correrem de forma um pouco diferente daquela que tem estado à espera. Espere um momento.

Nota: Tinha estado muito interessada e preocupada com uma "dificuldade especial" que envolvia os principais membros da equipa da A. S. P. R., todos os quais eram meus amigos. Como as declarações seguintes de Feda pareceram ser uma tentativa de descrever o Dr. Hyslop, a "dificuldade especial" parece ser a

introdução a muito do que se segue nesta e em sessões subsequentes relativas a problemas nos quais o Dr. Hyslop estaria especialmente interessado.

FEDA: Ele tem outro senhor hoje. Ele já esteve consigo antes, um senhor mais velho. Este homem parece ter uns 65 ou 70 anos, barba bastante cinzenta, não comprida, um bigode também, olhos profundos, não claros, sobrancelhas bem marcadas, testa alta, um pouco inclinada, cabelo ralo no topo. Ele fora na terra um homem muito grave, estivera doente algum tempo. Ele apenas desistiu mesmo no fim, quando teve de o fazer. Este homem não é um familiar, é apenas alguém que vem. Ele chama-se a si mesmo um amigo, mas quando disse amigo ele sorriu, ele não partiu há muito tempo. Tenho a sensação de que partiu apenas há três ou quatro anos. Espere um momento.

Nota: O Dr. G. H. Hyslop afirma que estes detalhes estão corretos. A barba do pai era "bastante cinzenta" no sentido de que era cinzenta num grau considerável (um sentido de "grey" comum tanto em Inglaterra como na América), a barba era um pouco curta, ele tinha bigode, olhos profundos, uma testa alta e ligeiramente inclinada, com cabelo ralo no topo. A cor dos seus olhos não era clara, mas média. Ele era mais geralmente sério na maneira de ser, embora capaz de se expandir e rir entusiasticamente. Ele apenas desistiu "quando teve de o fazer". Naturalmente, o Dr. J. H. Hyslop era uma figura pública, estivera em Inglaterra e o seu retrato era facilmente acessível.

FEDA: Ele está interessado no seu trabalho. Ele disse que você conhece muito bem duas ou três pessoas pelas quais ele também se interessava intensamente. Uma delas, uma mulher, não tem estado nada bem; tem estado preocupada. Creio que não contou a muita gente; tem sido penoso.

Nota: Isto, presumo, refere-se à Srta. Gertrude O. Tubby, secretária do Dr. Hyslop durante muitos anos, pois os detalhes relativos a "uma mulher" ajustam-se a ela com precisão.

FEDA: Você viu dois ou três retratos dele, um grande, uma cópia mais pequena, embora possa ter-se esquecido desta última. Viu outro

com letras impressas, não numa moldura — num livro ou jornal. Estou a virar páginas, ainda está lá num local acessível.

Nota: Naturalmente, eu tinha visto vários retratos do Dr. Hyslop, entre eles uma cópia pequena de um grande, e outros em livros. O "local acessível" poderia referir-se aos escritórios da A. S. P. R., onde eu tinha visto as outras fotografias.

FEDA: [*Sotto voce*.] Você vivia num escritório? [Alto.] Não percebo bem, mas sinto um ambiente de escritório. Não trabalhou terrivelmente arduamente neste local, sentava-se lá, falar era o trabalho.

Nota: De acordo com a Srta. Tubby, uma parte menor do tempo do Dr. Hyslop era passada no escritório da A. S. P. R. para ditar a sua correspondência oficial, conferenciar com os seus assistentes e, ocasionalmente, entrevistar outras pessoas. Assim, "falar era o trabalho". Todo o outro trabalho do Dr. Hyslop era feito noutro local.

FEDA: O livro vermelho ainda está lá, embora eles pudessem bem passar sem os outros. Este é um local, um escritório, que você pode verificar, verificar particularmente sobre esse livro. Não terá desaparecido quando você voltar; cordel perto dele, sinto uns pedaços longos de cordel. Este livro tornou-se uma espécie de instituição naquela sala, ele está a rir-se, você pode examiná-lo, algo mais que ele quer que você veja, página 55, um pouco perto do topo, um nome lá, significativo para si tendo em conta o facto de ele estar a comunicar agora mesmo, ele está a sorrir agora mesmo, é um teste que você apreciará, ele quer que você mande uma linha, pedindo que o livro não seja removido. Ele não supõe por um momento que vá ser removido, mas seria tão irritante. Perto do início, algo sobre ferros e metais, será um ponto interessante.

Nota: (Feita a 18 de Maio de 1925.) Por W. F. P. É lamentável que esta passagem não me tenha sido comunicada de imediato. Dois meses após a data da sessão, o escritório da A. S. P. R. foi mudado para a Lexington Avenue, n.º 15. Parece haver uma sugestão de perigo no atraso em enviar-me a informação e perguntar, e o perigo tem a ver com a remoção de livros. Certamente não é demonstrado conhecimento de que a remoção iria, de facto, ocorrer, mas é

interessante que existam sequer sugestões de remoção dos livros e da conveniência de apressar a verificação. Apenas a 18 de Maio (o dia em que escrevo isto) vi uma cópia do registo, embora creia que o assunto me foi mencionado há algum tempo.

Nota: Vários dias após o meu regresso a Nova Iorque, no final de Agosto de 1924, visitei o Dr. Prince e deixei-lhe cópias de todas as minhas sessões com Leonard, pedindo-lhe que as analisasse quando lhe fosse conveniente e acrescentando que não havia pressa especial. Isto é lamentável. A mudança da A. S. P. R. foi uma decisão súbita da qual eu estava totalmente alheia, caso contrário teria enviado ao Dr. Prince uma cópia dos meus registos logo após a sessão.

Nota por W. F. P.: Dos livros vermelhos no escritório que mais apropriadamente poderiam ser chamados pelo termo "instituição", o "Who's Who?" (última edição) era o que melhor se candidatava. Não tenho aqui nenhuma cópia deste. O seguinte era um Atlas do Mundo, no qual nada há de pertinente.

O livro no escritório que melhor responde ao nome "instituição", creio que seria o "London" de Muirhead, que, desde a data da minha visita a Inglaterra, eu tinha consultado tanto, especialmente os seus mapas de ruas, em referência a certos escritos psíquicos relacionados com elas. Mas este não é vermelho, mas azul. A página lv [55 em numeração romana] tem na primeira linha uma referência a St. James's Park, e a um quarto da página uma referência a "os irmãos Robert e James Adam". Mais à frente, James Adam, St. James Street e St. James Square são mencionados, mas estas últimas referências são mais para o fundo.

As referências são relevantes quando consideramos as palavras da mensagem: "significativo para si tendo em conta o facto de ele [Hyslop] estar a comunicar agora mesmo x x x é um teste que você apreciará". Naturalmente, o primeiro nome do Dr. Hyslop era James. Nos registos de Soule, ele era frequentemente chamado de "St. James"; se a Sra. Allison estava familiarizada com esse facto, não sei. [Não estava. L. W. A.] Ele também tinha um irmão chamado Robert, pelo que "os irmãos Robert e James" são estranhamente relevantes.

É também uma coincidência bizarra, tendo em conta o que o texto diz, que na mesma página existam menções a "claraboias de ferro e balaústres de escada" e a "portões de ferro". Mas estas passagens não estão "perto do início", mas na última metade da página. Antes de obter este guia de Londres, eu tinha um antigo (que ainda estava guardado algures no escritório e lá ficou quando saí) que costumava consultar para o mesmo fim, e esse era vermelho. Além disso, eu guardava o livro azul junto com o livro vermelho vivo sobre Malvern, que consultava em relação ao mesmo tópico. E ambos eram guardados numa pilha de escaninhos grandes, não longe do escaninho onde o cordel era habitualmente guardado.

Portanto, o livro que eu escolheria sem hesitar como a "instituição", embora não sendo vermelho como o seu predecessor imediato ou o outro livro guardado com ele e consultado para o mesmo fim, continha na página lv e perto do início, bem como noutros locais, referências agudamente relevantes ao alegado comunicador das mensagens, devido ao seu nome próprio, e também referências a ferro, embora não na parte da página especificada; ocorrem também "Robert", o nome do irmão do Dr. Hyslop, e "St. James", uma designação que lhe foi dada no trabalho de transe da Sra. Soule.

O caso é duvidoso; não se pode negar que a coincidência poderia explicar os pontos corretos e as várias relevâncias. Mas por que não encontrar também coincidências tão marcantes, perguntei a mim próprio, na página seguinte ou na anterior? De facto, decidi examinar as cinco páginas seguintes e as cinco anteriores. Foi isto que encontrei. Deve entender-se que por "nenhuma relevância para o Dr. Hyslop" quero dizer que não ocorre nenhum nome ou outra terminologia que o traga à mente pelas suas associações.

Pág. 50. Uma referência a "James", mas perto do fundo; nenhuma a ferro ou metais. Pág. 51. Nenhuma relevância para o Dr. Hyslop. Nenhuma menção a ferro ou metal. Pág. 52. Nenhuma relevância para o Dr. Hyslop. Três referências a "bronze", uma perto do topo. Pág. 53. Nenhuma relevância para o Dr. Hyslop. Nenhuma referência a ferro ou metal. Pág. 54. Nenhuma relevância para o Dr. Hyslop. Uma referência a ferro perto do topo. Pág. 56. Nenhuma relevância para o Dr. Hyslop. Uma referência a ferro perto do topo.

Pág. 57. Uma referência a "St. James", mas na metade inferior. Nenhuma a ferro ou metais. Pág. 58. Uma referência a "James", mas na metade inferior. Nenhuma a ferro ou metal. Pág. 59. Nenhuma relevância para o Dr. Hyslop. Nenhuma menção a ferro ou metal. Pág. 60. Nenhuma relevância para o Dr. Hyslop. Nenhuma menção a ferro ou metal.

Suponhamos que atribuímos um ponto para uma relevância para o Dr. Hyslop, um para a sua localização correta, um para uma referência a ferro ou metais, e um para a sua localização correta; o balanço é o seguinte:

Pág. 50, 1 ponto; pág. 51, 0 pontos; pág. 52, 2 pontos; pág. 53, 0 pontos; pág. 54, 2 pontos; pág. 56, 2 pontos; pág. 57, 1 ponto; pág. 58, 1 ponto; pág. 59, 0 pontos; pág. 60, 0 pontos.

Pág. 55, 3 pontos, não fosse pela expressão adicional aguçada, "os irmãos Robert e James", que merece outro ponto, totalizando 4, o que é um pouco mais de quatro vezes a expectativa gerada pela média das outras dez páginas imediatamente precedentes e seguintes à página designada.

FEDA: Creio que o coração deste senhor estava mau, condição do coração má, muito, apenas pouco tempo antes de ele partir. Continuo a ver um J grande. [O Dr. G. H. Hyslop diz que este não foi o caso do seu pai. — W. F. P.] Alguém em quem ele está interessado, o nome soa a Walter, ele continua a dizer Walter, muito perto dele, muito próximo dele, Doutor também. [*Sotto voce.*] Doutor que lhe dá remédios? Mas o nome Doutor em ligação com ele. A razão por que não tenho a certeza de ser um médico comum é que, se ele for um médico, não tem estado a exercer; este doutor ainda está na terra.

Nota por W. F. P.: Naturalmente, "Walter" é o nome de uma pessoa que estava próxima do Dr. Hyslop, e claro que ele é um "Doutor" e não um médico. Não há razão para que a Sra. Leonard não pudesse conhecer estes factos, pelo que o único valor probatório reside no facto de serem ditos à Sra. Allison, a quem se presume que ela não poderia saber estar de forma alguma relacionada comigo ou interessada em mim, ao passo que a Sra. Allison conhecia-me muito

bem e visitou-me no meu escritório para falarmos precisamente sobre estas sessões propostas, etc., antes de ela embarcar.

Nota por L. W. A.: De acordo com as próprias declarações da Sra. Leonard, como explicado na introdução a esta sessão, a sua informação relativa à A. S. P. R. era muito vaga, e ela não mencionou o Dr. Prince ao contar-me o que sabia. Feda, contudo, menciona frequentemente americanos que se sentaram com ela a novos consultantes americanos, por vezes para irritação destes últimos quando não estão interessados e ressentem-se de gastar os minutos preciosos com estranhos ou meros conhecidos. Deparei-me com uma série de tais instâncias. A maioria das mensagens dadas são geralmente entregues, uma vez que a maioria dos consultantes americanos da Sra. Leonard está mais ou menos ligada através das Sociedades de Investigação Psíquica.

FEDA: Há um desmoronamento nas condições em que ele estava tão interessado, e ele diz que tem estado angustiado, mas não houve forma de evitar, como pessoas a separarem-se, a alterarem as condições. Ele acha que você já sabe disto, ele acha que há mais separação de que você ouvirá falar mais adiante, mesmo enquanto estiver aqui.

Nota por W. F. P.: As expressões sobre o desmoronamento das condições em que o Dr. Hyslop estava tão interessado, "pessoas a separarem-se" e "a alterarem as condições", eram de facto muito relevantes. Um dos membros da equipa tinha acabado de se demitir. Todo o tipo de mudanças tinha sido, estava a ser e iria ser feito, e estávamos prestes a mudar para outro escritório, com arranjos que forçosamente causariam dificuldades. Estas mudanças levaram, sete meses mais tarde, à minha demissão também.

FEDA: Este outro senhor que veio hoje com o seu senhor, parece-me que conheço o rosto dele, sinto como se ele devesse ter vindo a uma senhora, como se devesse ter tentado comunicar através de uma; ele esteve aqui com a Feda, e também esteve com alguém na América. *Nota: De acordo com a Srta. Tubby, o Dr. Hyslop pretendera comunicar através da Sra. Leonard à Srta. H. A. Dallas,*

um membro da S. P. R., em Outubro de 1923, e através de vários psíquicos na América a uma série de consultantes.

FEDA: Ele tem sido um comunicador muito bom através de uma mulher. Ele diz: "Também comuniquei através de um homem, mas não na mesma medida que através da mulher". Mas ele diz: "Estive com o homem, mas é com a mulher que tenho estado mais em contacto".

Nota: Uma série de sessões tinha sido realizada para as comunicações do Dr. Hyslop com a Sra. Soule e a Sra. Sanders.

FEDA: Sabe que ele é um homem bom e bondoso, mas é apenas um bocadinho impaciente, a energia dele quer que as coisas sejam feitas.

Nota: Característico do Dr. Hyslop, de acordo com vários dos seus amigos.

FEDA: Vejo uma letra sinuosa [desenha no ar] parece um S, G (Diz as letras, Feda?) [Feda soletrou Gertrude.]

[*Sotto voce.*] Perdeu alguma coisa? Não, não perdi nada. [Alto.] Gertrude, e ele tem estado com ela. Ele parece ter estado com ela bastantes vezes. Espere um momento. *Nota: Gertrude é o primeiro nome da Srta. Tubby. Ela tinha realizado uma longa série de sessões nas quais o Dr. Hyslop pretendia ser o principal comunicador.*

FEDA: Agora ele está a receber o Walter outra vez. Oh, meu Deus! É uma piada? Quem tem medo de engordar, e ele ri-se. Não sei o que ele quer dizer. Estas palavras são bastante significativas se você conseguisse apenas perceber o significado. Alguém que você conhece, ele diz que você se lembrará mais tarde, alguém que você verá logo que regresse. Não conte a ninguém, espere que seja mencionado. Apenas lembre-se do que ele diz. (Podes repetir?) Alguém que você verá.

Nota por W. F. P.: A Sra. Leonard não poderia saber que a referência ao medo de engordar tinha qualquer significado para mim. Mas tinha-o enfaticamente. Durante vários anos, receei essa tendência, que estava a ser travada precisamente no período da sessão. Eu era alguém que a Sra. Allison de certeza iria "ver" quando

regressasse. Não sei se ela esperou ou não que eu dissesse algo sobre o assunto, mas eu estava num estado de satisfação por ter perdido peso. Embora tivesse receio de engordar, não tinha estado morbidamente preocupado com isso e, nas minhas poucas referências ao assunto, tratava-o sempre com humor, pelo que o tom da passagem é exatamente correto.

Nota por L. W. A.: Nunca me tinha ocorrido que o Dr. Prince estivesse a "engordar". Segui naturalmente a sugestão de Feda e não lho mencionei.

FEDA: Ele tem conseguido passar em alguma escrita, passar através de escrita automática. Isto é alguém ligado à Gertrude outra vez, e ele diz que eu também tentei controlar diretamente. Também tentei controlar para conseguir agarrar.

Nota: As séries de sessões da Srta. Tubby com a Sra. Soule eram largamente de escrita automática em transe, e ocasionalmente havia uma tentativa de controlador *direto....*

FEDA: Esta Gertrude é alguém que ele conheceu quando estava aqui, ele conhecia-a muito bem, e ela ainda tem coisas para se lembrar dele. O que é que ela usa, que ele costumava usar para escrever; ela usa algo ao escrever que ele usou. (Lamento, eu sei o que é.) Um incómodo. Não é um incómodo, um perfeito incómodo. (Lamento, Feda. Diz-lhe que eu também já o usei.) Ele está a rir-se. Um laço de união entre os três, ocasionalmente uma arma de defesa.

Nota: Isto refere-se a um dos porta-canetas muito usados pelo Dr. Hyslop, agora na posse da Srta. Tubby, e que ela me tinha entregado um dia no seu escritório para assinar um documento, mencionando o facto de ter pertencido ao Dr. Hyslop.

FEDA: Há um segundo artigo que você também usou. Apanhei-a aí, você não sabe disso. (Receio que saiba.) [Eu estava a pensar na cadeira do Dr. Hyslop.] Não está exposto, sinto que está por baixo de algo, algo dele que você usou, que tem umas linhazinhas, não uma ou duas ou três, muitas linhazinhas todas paralelas; você usou-o, olhou para ele muitas vezes. (Não me lembro disso.) Não, ele diz que espera que não se lembre. Ele tem receio que você o faça inconscientemente.

Nota: Isto, de acordo com a Srta. Tubby, pode referir-se a um recetáculo de vidro para clipes, guardado numa gaveta da secretária no escritório, que tinha muitas pequenas linhas paralelas. Mas não me recordo de alguma vez ter visto o artigo. Parece ser uma característica do mediunismo dar seguimento a um acerto bem-sucedido, como a "caneta", expandindo-se na mesma linha, uma prática que me parece ser mero preenchimento [padding].

FEDA: Ele quer T quando lá vai. T para beber? **L. W. A.:** Quando vai onde? **FEDA:** Ele espera ter algum T pronto. Não sei se isso é alguma piada. Ele está sempre à procura de T. Ele diz que você está a pensar em T assim [desenha no ar], existem dois Ts. Penso numa pessoa e numa bebida. Mais tarde você compreenderá. Ele gostaria que você soubesse quão frequentemente ele está lá e se junta à conversa, embora ele não estivesse lá.

Nota: T é evidentemente uma alusão à Srta. Tubby [Nota do tradutor: soa como "Tea" - Chá].

FEDA: Há um ruído que o irrita às vezes naquele local. *Clang* [estrondo metálico]. Muito perturbador, não o tempo todo, mas em intervalos. (Está lá agora?) Está lá especialmente agora. Sabe que terá de se fazer algo à porta, algo renovado ou consertar a porta. Sabe que alguém tem falado sobre ter uma cadeira nova ultimamente, porque ele consegue ver um pensamento forte sobre uma cadeira nova, ter uma cadeira nova um tanto especialmente naquela sala. Olhando para baixo. Consegue olhar para baixo quando olha pela janela? Ir à janela, querer olhar para baixo pela janela. Tenho de deixar isso um bocado. Não consigo bem explicar o que ele quer dizer. Conhece alguém que tem estado a tirar os sapatos naquela sala? Ele está a rir-se, a tirar os sapatos naquela sala. Ele acha que isso vai divertir a Gertrude.

Nota por W. F. P.: Uma fechadura nova tinha acabado de ser colocada na porta do escritório. Eu diria por volta de 2 de Junho, mas não tenho a certeza da data precisa.

Não me recordo nesta data de qualquer "estrondo" que me irritasse, mas não posso dizer que nada existisse para justificar esta afirmação.

Lembro-me de que tivemos várias cadeiras novas algures por essa altura, mas não consigo, pela minha própria memória, fixar a data. Adquiri uma cadeira especial para a minha secretária. (Ver nota da Sra. Guinan.) O escritório ficava no terceiro andar, por isso podia-se "olhar para baixo". Eu fazia-o frequentemente "naquela sala".

Até a referência a tirar os sapatos "naquela sala" é recordada distintamente. Uma senhora que costumava vir e com quem eu realizava experiências de telepatia, costumava por vezes ter uma cãibra dolorosa no pé, e ela tirava discretamente o sapato até que o espasmo passasse. Eu, naturalmente, não registei as datas de tais ocorrências, mas não tenho dúvidas de que tinha havido pelo menos uma durante o mês.

Nota pela Sra. C. B. Guinan: Por volta de 2 ou 3 de Junho de 1924 (altura em que eu estava empregada como Secretária de Negócios da Sociedade Americana de Investigação Psíquica), recebi instruções do Presidente para mandar mudar a fechadura da porta e fazer chaves novas. A fechadura foi efetivamente mudada a 5 de Junho, mas a ordem para o fazer foi dada ao superintendente do edifício no dia anterior, 4 de Junho [data da sessão].

Também, na última parte de Maio, comprei para a Sociedade seis cadeiras novas e depois enviei para reparar três cadeiras: duas cadeiras giratórias e uma poltrona. Uma das cadeiras giratórias era a cadeira da secretária do Dr. Prince e a poltrona era também da sala dele. A 5 de Junho as cadeiras foram trazidas de volta, reparadas, e ao testar as duas cadeiras giratórias que tinham sido reparadas, o Dr. Prince decidiu que a cadeira que não era a que ele vinha a usar era mais confortável, e ficou com essa cadeira até deixar a A. S. P. R.

FEDA: [*Sotto voce.*] E sobre a mensagem do Sul? Ele continua a falar de alguma mensagem, algo do Sul. Ele está a construir uma letra C grande na América. Algumas mensagens importantes estão a ser recolhidas e nas quais ele próprio está interessado; creio que serão analisadas e provarão ser de importância ao fornecerem evidências

que não podem ser explicadas como telepatia. Algo vai revelar-se muito importante.

Nota: Isto pode referir-se à Srta. Belle Cross, uma psíquica do sul da América que recebeu mensagens que pretendiam vir do Dr. Hyslop.

FEDA: [*Sotto voce.*] O que foi aquilo? Prince, Prince, Prince. "É o Prince", diz ele, deve ser alguém em quem ele está muito interessado. Eu já dei isso antes. (Deste o quê?) Esse nome, como se tivesse sido importante dá-lo. Ele diz que, quando ele próprio estava na terra, estava muito interessado neste assunto e que sabia bastante sobre ele.

Nota: A referência ao Dr. Prince e o interesse do comunicador em "este assunto" parece situar definitivamente o Dr. Hyslop.

FEDA: Ele diz: "Vejo o Harry às vezes". Harry, alguém em quem ele está muito interessado no outro lado.

Nota: Harry era um irmão falecido do Dr. Hyslop. Este facto tinha sido publicado. De acordo com a Srta. Tubby, existem razões especiais para que ele estivesse interessado no Harry, um irmão mais novo que tinha apresentado certos problemas psicológicos de interesse e preocupação para o Dr. Hyslop durante a sua vida. Estes factos eram-me desconhecidos.

FEDA: Pergunto-me quem é, a pensar definitivamente em nós esta manhã e a perguntar-se se eu comunicarei; parece-lhe tão estranho, mas ele pressente isso e pressente-o com bastante força, você poderá descobrir mais tarde. Ele quase sente como se alguém estivesse a tentar pressentir isso. Não é alguém que está a pensar na própria viagem muito em breve? É esse o pensamento que ele capta, ele está a sentir isso, sente-o com força.

Nota: A Srta. Tubby sabia que eu teria uma sessão com a Sra. Leonard por esta altura e disse-me mais tarde que, naturalmente, se perguntava se seria feita qualquer referência ao Dr. Hyslop ou aos problemas da A. S. P. R. A Srta. Tubby tinha decidido, no prazo de uma semana após a data da sessão, ir ela própria para o estrangeiro, embarcando cerca de três semanas mais tarde.

RESUMO DAS AFIRMAÇÕES NESTA SESSÃO

Correto

Sugestão de que E. W. A. estava desapontado porque a Sra. Allison não conseguiu entrar em contacto com ele antes de embarcar (os factos apoiam a afirmação, embora esta não seja definitiva); aconteceram coisas não à Sra. Allison, mas a outra pessoa, o que foi perturbador, pois ameaçava interromper a viagem da consultante — a indefinição tornou difícil planear (exatamente certo); as coisas têm sido difíceis para a consultante este ano (num certo aspeto, e a interpretação da consultante é apoiada pelo contexto); o Dr. Hyslop mais velho que E. W. A.; uma série de detalhes relativos à aparência e aos últimos dias do Dr. Hyslop, todos corretos (sujeitos ao desconto de que os factos se tornaram mais ou menos públicos); a consultante conhece bem duas ou três pessoas pelas quais o Dr. Hyslop se interessava muito, uma delas uma mulher que não tem estado bem e tem estado preocupada (provavelmente reconhecida); a consultante viu várias fotografias do Dr. Hyslop, uma grande, uma cópia pequena, uma num livro ou jornal (seria bastante provável); o Dr. Hyslop não trabalhava arduamente no seu escritório, e a sugestão de que falar fazia parte do seu trabalho lá (o último detalhe é provável, o anterior provavelmente improvável, embora verdadeiro); interessado num Walter, muito próximo dele, vivo, um doutor, sem certeza de que seja médico, não exercendo se o for (embora verdadeiro, não são afirmações protegidas); desmoronamento das condições em que o Dr. Hyslop estava tão interessado, pessoas a separarem-se, e mais por vir (improvável que fosse conhecido pela Sra. Leonard); o Dr. Hyslop comunicou antes tanto através de Feda como a alguém na América (o último altamente provável), foi um comunicador muito bom através de uma mulher (alguns podem pensar que sim) e fez menos através de um homem (aplicar-se-ia a mais do que um homem, mas dificilmente de forma probatória); é um homem bom e bondoso, mas um bocadinho impaciente pelo desejo enérgico de ver as coisas feitas (uma nuance muito improvável de ser conhecida pela Sra. Leonard);

Gertrude (nome da mulher "preocupada" referida anteriormente), ele tem estado com ela bastantes vezes; Walter tem medo de engordar (não poderia ser conhecido); ele tem passado através de escrita automática ligada à Gertrude (a Sra. Leonard conhecia o apelido de Gertrude, e provavelmente o primeiro nome, e havia tantas pessoas informadas sobre a grande série de registos que pretendiam ser do Dr. Hyslop que a afirmação aqui não está cientificamente protegida), e tentou controlar diretamente (pouco probatório, pois a afirmação não poderia ser negada mesmo que não houvesse aparência de tal tentativa); Gertrude usa na escrita algo que ele tinha usado; algo que foi usado pelo Dr. Hyslop, com muitas linhazinhas todas paralelas, guardado debaixo de algo [Ver em Errado]; algo feito para renovar ou consertar a porta na A. S. P. R. (uma ordem acabara de ser dada para mudar a fechadura, e a nova fechadura foi efetivamente colocada no dia seguinte à sessão); ter uma cadeira nova um tanto especialmente naquela sala (várias cadeiras tinham sido reparadas recentemente e o Dr. Prince selecionou o que era para ele uma cadeira nova para usar na sua secretária); alguém tem estado a tirar os sapatos naquela sala, isso divertirá a Gertrude (poderia tê-lo feito, se ela tivesse ouvido falar, pois a senhora que tirou o sapato era um tanto imponente e meticulosa); indicação de que se pode olhar para baixo pela janela; mensagens do Dr. Hyslop, do Sul, letra C; Prince é alguém em quem o Dr. Hyslop está interessado (naturalmente o mesmo que "Walter", mas não é fácil supor que a Sra. Leonard não conhecesse ambos os nomes); o Dr. Hyslop está muito interessado em Harry no seu lado (corresponde ao facto de ter tido um irmão Harry, falecido, facto que foi publicado); sugestão de que alguém está a pensar em nós esta manhã e a perguntar-se se o Dr. Hyslop comunicará — alguém que está a pensar em fazer a viagem em breve (corresponde aos factos, salvo o detalhe não verificável de pensar naquela manhã).

Errado

O coração do Dr. Hyslop estava mau antes de ele partir; a Sra. Allison viu aquilo que tem linhazinhas paralelas (a menos que signifique que ela tem um semelhante. De facto, ela também tem um "recetáculo de vidro" de clipes).

Teste do Livro

O livro que naquele período mais merecia o nome de "instituição" tinha, perto do topo, não uma mas duas referências ("St. James" e "os irmãos Robert e James"); "Significativo tendo em conta o facto de ele estar a comunicar agora mesmo", e tinha na mesma página, mas não "perto do início", "algo sobre ferros e metais". E o livro era guardado perto de "cordel". Mas o livro não era "vermelho", mas azul. Um livro consultado com muito menos frequência para o mesmo fim, e guardado ao lado dele, era vermelho.

Não verificável

Um estrondo muito perturbador ouvido no escritório da A. S. P. R. em intervalos (não muito provável mas, devido ao tempo decorrido antes de o registo ser visto, não pode ser negado com total certeza. Possivelmente o relógio na Madison Square Tower ali perto); previsão de que se estão a reunir mensagens que serão analisadas e serão importantes na oposição à teoria da telepatia.

Omissões

Cento e oitenta e sete palavras, incorporando parte do material mais probatório, devido às suas nuances delicadas relativas a uma situação na América da qual a Sra. Leonard dificilmente poderia ter tido conhecimento.

XI

DE UMA SESSÃO COM A SRA. LEONARD,

6 DE JUNHO DE 1924

FEDA [após saudações preliminares]: Ontem ele [E. W. A.] estava a tentar avisar que estava consigo, tentando avisar que estava lá, receio não ter tido muito sucesso, não passando através da Feda, fazendo uso do poder de alguém, tentando passar através de uma pessoa que ele não conhecia muito bem ou que você conhece bem, mas tentando fazer uso do poder dela. Mas ele vai tentar outra vez, isto se eu tiver oportunidade. Algo em relação a ontem com que ele ficou um pouco desapontado, algo que sinto que ele queria fazer

ontem e não conseguiu bem fazer. Você pode não compreender bem o que era o que ele estava a tentar fazer.

Nota: A Srta. Underhill tinha jantado comigo na noite anterior, 5 de Junho. Ela fez muita escrita inspiracional. Por iniciativa própria, falou-me de certas impressões relativas a mim, embora nada de muito definido. Conhecia a Srta. Underhill apenas ligeiramente naquela altura. Os pontos de interesse são que, na data especificada, eu estava com alguém que conhecia, mas não bem, e que E. W. A. não conhecia de todo, e que pretendia usar o seu "poder".

FEDA: Sabe se o senhor mais velho que está a falar foi feito membro de algo desde que partiu? É engraçado. Deve ter surgido para ele desde que partiu. Algo como um diploma, um reconhecimento do seu trabalho num certo sentido, mas na verdade veio depois de ele partir. Ele ficou satisfeito com isso. Pode provar-se mais tarde um facto que se supunha que você devia saber, pelo que pode não ser um teste estanque. Embora você possa não saber, ele tem receio que outras pessoas digam que você devia ter sabido.

Nota: De acordo com a Srta. Tubby, quando o Dr. Hyslop ficou seriamente doente, o Conselho de Curadores da A. S. P. R. aprovou resoluções de apreço pelos seus serviços à Sociedade e à Investigação Psíquica, o que o deixou muito satisfeito. Uma cópia iluminada destas resoluções foi entregue à sua família após a sua morte. Tudo isto me era desconhecido, pois não tive interesse ativo em investigação psíquica até cerca de cinco meses após a morte do Dr. Hyslop.

FEDA: Sabe se ele tinha gostado muito de algo, não tulipas, isso está errado. Vejo três flores. Eu disse tulipas porque existe uma pequena forma de taça, ele está a mostrar um desenho ou padrões. Algo que ele usou bastante. Você também já o viu. (Não me lembro.) Não, mas verá algum dia. Tantas vezes usado. Desenho com 3 flores. Isso você pode verificar na sala do escritório. Não sei se é original.

Nota: A flor favorita do Dr. Hyslop era o lírio-tigre, que produz três ou mais flores num caule. Tem uma forma de "taça pequena", mas não mais do que dezenas de flores de jardim.

FEDA: Recebo o nome James perto dele. Sinto que o nome James é importante nesta ligação com ele. Ao receber James, ele diz,

sim, mas há o James comigo também. James que ele gosta de estar junto no outro lado, e o James de quem ele está a falar agora partiu antes dele próprio. Depois diz que o Walter conhece o James de quem ele está a falar agora. Diz que o Walter que ele quer dizer está na terra. Walter tem boas razões para conhecer o James de quem ele fala agora porque ele tem um livro com a assinatura dele.

Nota por W. F. P.: Se o "James" referido for William James, eu tenho várias cartas dele na minha coleção de autógrafos, mas nenhuma assinatura dele num livro. "Um livro com a assinatura dele" tem uma relevância enviesada para mim, visto que o meu passatempo favorito é colecionar livros e panfletos com assinaturas e outras inscrições de pessoas notáveis. O Dr. Hyslop conhecia este facto em vida. Pelo menos uma das cartas de James foi-me dada pelo Dr. Hyslop. Tenho, no entanto, três livros com a assinatura do primeiro "James" mencionado no parágrafo — o próprio Dr. Hyslop — dados por ele. Pode ser que, no fluxo de ideias sobre dois homens chamados James, Walter, um livro e uma assinatura, Feda tenha ficado um pouco confusa. Estas são meras sugestões de um possível valor explicativo; probatoriamente, não alteram o facto de existir um erro no parágrafo.

FEDA: Depois ele diz que ambos vão falar consigo através da escrita em breve. Ambos vão ter com alguém a quem você será levada em breve, através de quem eles conseguirão obter uma escrita muito boa. O seu senhor também. Sinto que é uma condição que você já conhece. Não vai já, um pouco mais tarde. Eles acham que você não obterá essa escrita senão depois destas poucas sessões com a Feda. Querem que saiba isso. Vão pô-la em contacto com uma pessoa que fará escrita. Você não estará sozinha. Alguém consigo, mesma condição. Vai ter outras sessões de um tipo diferente das da Feda. Eles têm a ideia de que é mais uma sessão física do que esta. Como se eles fossem capazes de fazer voz. Mais uma para o que chamam fenómenos físicos.

Nota: Previsão das sessões com Dowden [ver páginas 162 seg.], onde não ocorreu o que habitualmente se chama fenómenos físicos, mas onde o modo era mais físico no sentido em que se usava um aparelho — o tabuleiro ouija.

FEDA: Este senhor mais velho faz sons como Derrick. Não está bem certo o início. Eric. Eric, na terra. Ele diz: "Estou interessado nele, embora ele não esteja atualmente na condição em que eu estaria mais interessado". Mas ele diz que o Eric estava ligado à condição em que ele se interessava. O Eric está interessado num local, um local em que este senhor se interessava quando estava na terra. Ele diz que o Eric não é velho, é um Eric um tanto jovem. Não creio que um rapazinho. Ele é um homem. Tentei comunicar com ele, tentei passar até ele, como se pudesse ser apenas há umas semanas. O Eric sabe. Ele provavelmente tentará entrar em contacto com ele.

Como se o Eric estivesse à espera que ele tente entrar em contacto com ele. Ele está nalguns aspetos na mesma posição que a sua, sobre saber e tentar saber, ele quer saber. Cheio de dificuldades e complicações tanto para si como para o Eric. Mas ambos terão a certeza com o tempo. O Eric vai para algum lado, viagem muito longa. Há algo em que o quero ajudar. Fazendo uma mudança na condição. Este Eric tem estado um bocado incerto sobre o que fará no futuro, como se pudesse ir para uma nova condição. Queremos ajudá-lo. Sei que ele está preocupado. Vou ajudá-lo. O Eric está a fazer dois tipos diferentes de trabalho neste momento. O Eric trabalhou em algo recentemente um bocado, que é mais uma linha lateral. Ele escreve? Sinto que ele deve fazer mais disso, portanto trabalhará mais na escrita. Não escrita automática, mais da sua cabeça. O Eric estará a tirar as atas. Tirando umas notas em breve numa reunião. Mas ele continua a dizer: "Tentei comunicar duas vezes não há muito tempo, desde muito recentemente".

Nota pelo Sr. Eric J. Dingwall: Assumindo a identidade do comunicador, este parágrafo teria algum significado. Não conheço nenhuma tentativa por parte do comunicador para comunicar recentemente, embora em sessões tenha muitas vezes o nome dele em mente como um possível comunicador. A viagem longa poderia ser uma visita aos Estados Unidos [realizada no Outono de 1924], ou possivelmente uma à Polónia. A incerteza mencionada é correta e já fora mencionada antes por Feda com outro consultante. Os "dois tipos diferentes de trabalho" também está correto e, de momento, estou a tentar providenciar a publicação do primeiro volume de uma

obra totalmente não relacionada com investigação psíquica. Não me recordo de ter tirado notas numa reunião desde há um tempo considerável.

Nota por W. F. P.: O Sr. Dingwall iria "fazer uma mudança na condição", se isto significa uma mudança radical na espécie do seu trabalho, mas apenas na Primavera de 1927.

FEDA: Sabe se ele tentou dizer algo, dizer algo através de S? (Onde foi isso?) Aqui não, lá na América. Tentei comunicar através de S. Soul. Soul. Soul. Estive com ela. Estive com ela. Comuniquei através dela.1 Sei quem ele quer dizer. Uma senhora. Ela tem uma menina como a Feda, muito parecida com ela em muitos aspetos. [Sunbeam, um dos controladores da Sra. Soule, tem muitos pontos de semelhança com Feda.]

---

1 *O pretendido Dr. Hyslop diz que comunicou através da Sra. Soule. Ele não diz com que sucesso, a menos que haja uma sugestão em "Tentei". É verdade que uma massa de material foi acumulada como resultado do desejo de um consultante em particular de obter comunicações do Dr. Hyslop. Poderia bem ser que ele "tentasse" e que até conseguisse passar alguns pensamentos e uns pouquíssimos itens probatórios, mas o seu sucesso foi certamente muito pequeno. Este facto é de grande interesse e provável significado, uma vez que a Sra. Soule conhecia o pretendido comunicador há tanto tempo, tinha tal fundo de conhecimento em relação a ele, e poderia tão facilmente ter forjado, a partir das suas memórias, um conjunto de "mensagens" que apresentasse uma aparência prima facie de grande evidencialidade, por muito pouco convincente que fosse, devido às circunstâncias que rodearam as experiências, para mentes críticas.*

O facto de que, apesar de todos os seus recursos de conhecimento e inferência, as declarações do transe da Sra. Soule continham um factor proporcionalmente muito menor de afirmações corretas sobre o Dr. Hyslop do que o que ela obtém frequentemente quando tanto o comunicador como o consultante lhe são desconhecidos, é uma indicação esmagadora da integridade do seu trabalho. Mas o seu significado estende-se mais longe. Aponta para a

conclusão de que quando um médium genuíno possui um fundo de memórias de associação pessoal com uma pessoa desde então falecida, bem como de factos de outras fontes sobre ela, estas memórias, juntamente com as reações emocionais e inferências subconscientes delas resultantes, tendem a construir um pseudo-comunicador que pode realmente, na maior parte do tempo, bloquear o caminho do real. Ilustrações deste facto aparente podem ser encontradas no trabalho de outros psíquicos genuínos. Sou fortemente de opinião que, embora para um "médium" fraudulento e forjador a posse de conhecimento normal sobre um "comunicador" seja obviamente de grande vantagem para o propósito de apresentar provas prima facie, é uma desvantagem distinta para um médium genuinamente psíquico possuir tal informação. — W. F. P.

Uma pessoa com quem você esteve, não uma nem duas, mas muitas vezes. [Verdade.] Ele conhece-a e tentou dizer algo sobre o Eric através dessa mulher. Sinto que alguém que você conhece, que ele conhece também, esteve com essa mulher e ouviu-o mencionar o Eric. Ele falou sobre o Eric a essa mulher. Ele está a dar isto como uma espécie de teste. Alguém que você conhece bastante bem.

Ele quer que eu lhe diga, não que ele está interessado no Eric porque você calha de o conhecer, mas ele está interessado nele pessoalmente. O Eric levou consigo algo que tinha pertencido a este senhor. Ele tinha todo o direito de o levar consigo e levou-o para o local onde está agora. Algo que pertenceu e foi manuseado por este senhor quando estava na terra. E novamente estou a receber [palavra indecifrável] outra vez. Ele quer que você descubra sobre este mesmo Eric. Ele não se importa que ele o tenha. Ele apenas queria que ele soubesse que ele sabia que ele o tinha. Não sei o que isto significa, mas parece que não está bem completo. Parece que precisa de algo mais para o tornar íntegro. Esse é um ponto bastante importante.

Nota pelo Sr. Dingwall: Nunca tive uma sessão com a senhora que Feda designa como S., mas foi-me dito que fui mencionado pelo mesmo comunicador em sessões com outros consultantes. Quando a Sra. Allison me deu estas notas pela primeira vez, eu não tinha

consciência de que possuía algo pertencente ao comunicador. É verdade que eu gostaria de ter tido algo, mas não tinha memória de ter conseguido obter nada. Na noite de quinta-feira (31/07/24) vi a Srta. Tubby, que me perguntou, a este respeito, se eu tinha ficado com uns formulários que o comunicador mandara preparar para certas experiências em fenómenos mentais. Disse-lhe que sim, mas não fazia ideia de que eram do comunicador, pensando que eram propriedade da Sociedade Americana de Investigação Psíquica. A Srta. Tubby disse-me então que os formulários vinham da casa do comunicador e que um conjunto de cartões os completava, os quais eu nunca vi, que me lembre.

Nota por L. W. A.: Na altura da sessão a Srta. Tubby estava na América. Cerca de um mês depois chegou a Londres. Subsequentemente, perguntei-lhe se sabia de algo que o Sr. Dingwall pudesse ter que tivesse pertencido ao Dr. Hyslop. A Srta. Tubby fora a secretária da A. S. P. R. no ano em que o Sr. Dingwall estivera na equipa.

FEDA: A Gertrude também pode estar interessada um pouco no Eric, mas não terrivelmente interessada. [*Sotto voce.*] Ela ama-o? Não! [Resposta brusca.] Eu só queria saber se ela o amava. Mas ele empertigou-se, ficou com este ar [fazendo cara severa] Não! Ele disse-o de uma forma terrivelmente brincalhona. Não! Ele disse Não. Depois pude ver como se ele se estivesse a rir por dentro.

Nota pelo Sr. Dingwall: Isto é muito bom. A Srta. Gertrude Tubby e eu somos, espero, bons amigos, embora eu desaprove fortemente a sua propaganda espiritualista, e ela, creio, desaprova fortemente o que considera ser a minha atitude ultracrítica. O quadro desenhado por Feda é excelente. Quando questionado, eu tentaria parecer severo e inabalavelmente "científico", mas o tempo todo estaria um pouco a rir-me, porque gosto realmente da Srta. Tubby, e o mundo é demasiado pequeno para que diferenças de opinião estraguem amizades pessoais quando as opiniões são defendidas honestamente de ambos os lados.

Nota pela Srta. Tubby: O "Não" brincalhão seria apropriado de alguém que tivesse ouvido os "combates" entre "Gertrude" e "Eric"

em Nova Iorque, quando ambos estavam na equipa da A. S. P. R. "Eric" era dos ultra-cépticos em matéria de evidência para o supranormal e, especialmente, para a sobrevivência; "Gertrude" era uma firme defensora da evidência acumulada para ambos, com a qual tinha muito maior familiaridade por experimentação do que "Eric". O ponto de vista dele, portanto, era mais divertido do que outra coisa nestas matérias, e para ele a falta de interesse comparativa dela nos fenómenos físicos do mediunismo era igualmente fonte de diversão e espanto. Havia, portanto, numerosos combates amigáveis entre os dois.

Nota por W. F. P.: Também eu fico impressionado com a verosimilhança do retrato de Feda das relações entre "Gertrude" e "Eric". As reações dela ao pensamento friamente crítico dele eram tais que tornam o "Ela ama-o? Não!" ridiculamente apto. Ele disse-me pouco sobre o calor da devoção dela ao que estimava ser uma causa, mas por vezes proferia uma observação seca que derivava a sua importância sobretudo da sua maneira de ser e expressão facial, por vezes de uma solenidade exagerada.

FEDA: Ferraduras, ferraduras. Nunca ouvi um nome assim. Continua a ver um sinal como ferraduras. Só estão a dizer ferraduras o tempo todo. Tenho a certeza de que é um tipo de símbolo, não para o Eric, para si outra vez. O seu próprio senhor está a mostrar esta ferradura, creio eu. É para dar sorte? O seu próprio senhor quis dizer que é para si. Claro que, mais tarde, você poderá lembrar-se de algo com isso. Ele diz: "Eu tive uma ferradura" [com ênfase].

Nota: E. W. A. e eu ambos alimentávamos a superstição de que as ferraduras traziam boa sorte. Eu trazia uma comigo desde os meus tempos de colégio interno, e uma das primeiras coisas que invariavelmente fazíamos ao instalar uma nova morada era pendurar esta ferradura sobre a porta. No Inverno anterior ao falecimento de E. W. A., calhou eu descer de um elétrico debaixo de uma chuva torrencial e vi uma ferradura enorme caída na lama, evidentemente perdida por um cavalo de carga. Corri para uma banca de jornais, comprei um jornal e com ele apanhei a ferradura e levei-a para casa. Foi saudada como um grande tesouro, especialmente porque ainda tinha vários cravos. Cada cravo, explicou E. W. A. a rir-se,

significava um ano de boa fortuna. Limito-me a relatar os factos acima; não pretendo enfatizá-los como prova. As ferraduras são demasiado comuns. Se se pudesse apurar que esta é a única vez que Feda falou de ferraduras, isso reforçaria a evidência. Por outro lado, as ferraduras aplicam-se particularmente a E. W. A., e "Eu tive uma ferradura" àquela que ele possuía.

FEDA: Ele pretendia falar da última vez. Veio outra vez. Tempo importante. Um tempo de aniversário. Ele tem estado a pensar nisso, ultimamente, no aniversário. Deve ser algures muito perto de agora, muito próximo. Ele tenta lembrar-se de aniversários, embora não tenha tempo deste lado. Ele tem de se lembrar do tempo vindo até si. Lembrar-se pelas coisas que você está a fazer. E ele diz que tem estado espantado ao ver como os anos estão a passar. Quando ele partiu pela primeira vez, não teria gostado de olhar para a frente para tantos anos.

Nota: Esta sessão realizou-se no aniversário do falecimento de E. W. A., mas não a meu pedido. Foi uma das várias datas que me foram atribuídas, sendo o período sugerido por mim entre 1 de Junho e 15 de Agosto.

L. W. A.: Quantos anos, Feda?

FEDA: Como se ele só tivesse partido há pouco tempo. Mas parecem anos. Algum tempo antes de você vir à Feda pela primeira vez.

Nota: Este é um exemplo da esquiva inteligente de Feda. Ela evidentemente não foi capaz de dizer o número de anos. Mas o que disse espontaneamente antes de eu fazer a pergunta estava correto no que toca ao tempo, pois quatro anos tinham passado desde a morte de E. W. A. "Vim à Feda pela primeira vez" dez meses antes desta sessão.

FEDA: Sabe que há algo que você pôs de lado, algo que ele usava muito, e você usou muito, por um bocadinho. Mas você usou-o novamente ultimamente. Não é um anel. Não é o anel. Algo de diferente, de todo. É algo, sensação de algo aqui [bate no peito]. Ele acena com a cabeça e diz que está certíssimo, você usa-o aqui [batendo no peito dela precisamente no local onde se usa uma

pregadeira]. Você usou-o muito. Guardou-o durante um tempo. Sabe que há outra coisa também, algo que você usa à cintura. Aperta com bastante cuidado aqui [indicando a fivela do cinto]. Isso não o interessa tanto.

2. Eu farei a ênfase, pois considero que esta passagem tem um peso considerável. Fosse apenas uma referência a ferraduras como um símbolo, não o seria, mas "mais tarde você poderá lembrar-se de algo com isso" convida a Sra. Allison a procurar na sua memória algo definido, e "Eu tive uma ferradura" é uma afirmação precisa. Duvido que, entre a classe à qual a Sra. Allison evidentemente pertence, a superstição da ferradura, mesmo que meio a brincar, seja atualmente de todo comum. Eu nunca preguei uma ferradura nem guardei uma como tesouro, e não me recordo de nenhum familiar ou amigo que o tenha feito, embora tenha visto uma ou duas ferraduras pregadas sobre portas, nalgum momento da minha vida. — W. F. P.

Nota: Isto poderia aplicar-se ao "fob" [pingente de corrente] do relógio com o monograma de E. W. A., que ele usara muito e que, após o seu falecimento, eu mandara transformar numa pregadeira. Durante muitos meses usei-o constantemente, depois guardei-o no meu cofre, onde permaneceu por quase dois anos. Apenas pouco antes de ir para Inglaterra é que o tinha tirado e voltado a usar, e sempre no local indicado pela Feda. A Sra. Leonard nunca o vira. O "algo mais usado à cintura" poderia referir-se à fivela do cinto com monograma de E. W. A., sugerida pelo "fob". Mas eu nunca a tinha usado.

RESUMO DAS AFIRMAÇÕES NESTA SESSÃO

Correto

O Dr. Hyslop comunicou através de uma senhora Soule na América (como já afirmado, o facto de existir uma série de pretendidas comunicações do Dr. Hyslop através da Sra. Soule poderia ser conhecido pela Sra. Leonard, fosse qual fosse o facto); esta senhora tem uma menina como a Feda, parecida com ela em muitos aspetos (um facto publicado); a consultante esteve com ela muitas vezes; o Dr. Hyslop disse algo sobre o Eric através da Sra.

Soule; o Eric tem algo que pertencera e fora manuseado pelo Dr. Hyslop, e o que ele tem não está completo, mas precisa de algo mais para o completar; os sentimentos de Eric e Gertrude em relação um ao outro (notável pelas nuances exatas de significado indicadas pelos termos empregados); o marido da consultante mostra uma ferradura, como algo que deveria despertar memórias, e diz:

"Eu tive uma ferradura"; um tempo importante, um aniversário, deve estar muito perto de agora, muito próximo (era o próprio dia do aniversário da sua morte. Talvez haja um indício do tipo de aniversário no que se segue sobre o ano desde que "ele partiu"); algo que ele usava muito, e que a consultante usou muito por um curto período, depois guardou, mas voltou a usar ultimamente — não um anel, algo que ela usava no peito.

---

3 *Embora "algo que você usa à sua cintura" constitua probatoriamente uma marca negativa, é perfeitamente possível que "você" [you] aqui tenha o sentido indefinido frequente na fala e reconhecido pelos dicionários, e que a expressão signifique algo que se usa à cintura. O primeiro artigo referido está inquestionavelmente associado à Sra. Allison bem como ao seu marido. "Ele usou-o muito, e você usou-o muito", etc. Não há tal afirmação referindo-se ao segundo artigo, mas apenas a cláusula ambígua "algo que você usa à sua cintura". Ou, seguindo a teoria de que a comunicação é essencialmente a emergência de uma porção dos pensamentos de um espírito, a indefinição da cláusula é explicável. E. W. A., pensando no "fob", lembra-se da fivela com monograma e visualiza a sua posição à cintura, perto do "fob". Feda capta a impressão de um artigo usado à cintura, quer inferindo que provavelmente a Sra. Allison o teria usado ali, quer simplesmente empregando uma locução que indica o local onde é habitualmente usado.* — W. F. P.

Praticamente Correto

Ontem a consultante esteve com alguém que não conhecia muito bem, tentando fazer uso do poder dessa pessoa, com a sugestão de que foi algo dececionante (a única afirmação não exata é que o comunicador, suposto ser E. W. A., não a conhecia bem. Ele não a

conhecia de todo); algo veio para o Dr. Hyslop após a sua morte, como um diploma, um reconhecimento do seu trabalho ("veio para ele" não é a expressão correta); sugestão de que o Dr. Hyslop gostava de algo, visto como três flores, não tulipas mas "uma pequena forma de taça" (a sua flor favorita, o lírio-tigre, produz três ou mais flores num caule e tem uma "pequena forma de taça", não tanto como a tulipa, mas muito mais do que uma imensidão de flores); existe um James que partiu antes do Dr. Hyslop, cuja assinatura o Walter tem num livro (Não, numa carta dada pelo Dr. Hyslop); o Dr. Hyslop comunicou através de uma senhora Soule na América (como já afirmado, o facto de existir uma longa série de pretendidas mensagens do Dr. Hyslop através da Sra. Soule poderia ser conhecido pela Sra. Leonard, fosse qual fosse o facto).

Evidencialidade Mista

As afirmações sobre "Eric" de carácter presumivelmente protegido de conhecimento normal por parte da Sra. Leonard são estas: o Dr. Hyslop tentou comunicar com o Eric ultimamente e o Eric sabe (o Sr. Dingwall não sabia); o Eric está à espera que ele tente (sim, no sentido em que frequentemente tinha o Dr. Hyslop em mente como um possível comunicador); o Eric vai para algum lado numa viagem muito longa (foi para a América, alguns meses mais tarde); o Eric tem estado um tanto incerto sobre o que fará no futuro, como se pudesse entrar numa nova condição (correto, e chegou o tempo em que ele virou a sua atenção principalmente da investigação psíquica para a antropologia); o Eric está a fazer dois tipos de trabalho agora (correto); o Eric trabalhará mais na escrita (não conhecido, poderia estar ainda no futuro); o Eric estará a tirar as actas em breve numa reunião (aparentemente tal não ocorreu).

Previsão

O marido da Sra. Allison e o Dr. Hyslop vão colocá-la em contacto com alguém através de quem obterão uma escrita muito boa. Isto ocorrerá um pouco mais tarde, provavelmente depois de terminada a presente série de sessões com a Feda. Alguém estará consigo. As sessões serão diferentes das da Feda — mais uma sessão física. Como se eles fossem capazes de fazer voz. Mais uma para o

que chamam fenómenos físicos. (As sessões com Dowden, então imprevistas e ocorrendo por aparente acaso, tiveram lugar após terminadas as sessões com Feda. O material revelou-se notavelmente bom e pretendia ser de E. W. A. e do Dr. Hyslop. As sessões foram diferentes das de Feda, no sentido em que foram usados o tabuleiro ouija e o lápis, o que as tornou "mais físicas". Mas ninguém foi com a Sra. Allison e não houve "voz".)

Errado, mas de Possível Significado

"Algo que você usa à sua cintura. Aperta com bastante cuidado aqui [indicando o local da fivela do cinto]. Isto não o interessa tanto." (Possivelmente uma referência, por associação de ideias, à fivela com monograma dele, erradamente interpretada por Feda como sendo usada à cintura dela. Isto explicaria por que não o interessava tanto, visto que não tinha sido usada, como o outro artigo, por ela também.)

XII

DE UMA SESSÃO COM A SRA. LEONARD,

11 DE JUNHO DE 1924

A sessão abriu com algumas observações preliminares de nenhuma importância particular, várias das quais estavam aproximadamente corretas, mas não foram suficientemente detalhadas para merecer inclusão. Depois, Feda passou a descrever uma sessão na qual se supunha que eu estivesse presente. Fui inteiramente incapaz de situar este evento, e disse:

(Feda, creio que estás equivocada, não estive em tal sessão.) FEDA: Ele [E. W. A.] é muito persistente. Ele diz para te lembrares bem. Continuo a ver uma letra B maiúscula, muito grande. Algo que tem muito a ver com a condição. Ele pergunta se te lembras? (Não, de todo. [Depois, tentando mudar o rumo.] Feda, tu vê-lo?) Quando ele quer que eu sinta algo, então não consigo ouvi-lo nem vê-lo. (Quando é que o consegues ver?) Vejo-o melhor quando ele para de falar. A primeira vez que vieste aqui, ele ficou quieto mais tempo. Lembras-te? (Sim.) Mantendo-se firme. (E o que é que ele fez desta vez?) Ele fala muito desta vez, mas diz que teve de ser um assistente, embora o

senhor mais velho [Dr. Hyslop] tenha estado a dar muito, o teu senhor ajudou imenso.

Eu não teria conseguido chegar ao senhor mais velho sem o teu senhor. (Compreendo.) [Sotto voce, para o comunicador.] Mas o que estás a tentar fazer? [Para a assistente.] Ele põe a mão à frente do rosto. Já o provocaste por causa do nariz dele? (Não.) [Fungando.] Sabes que ele é mais novo, muito mais novo que o outro senhor. Ele parece mais novo. O que chamas o auge da vida.

Ele diz que ficou com um ar um bocado cansado mesmo aqui [tocando na parte inferior do rosto com a mão]. Feda sabe que ele passou para o outro lado rapidamente. Ele não sabia que ia partir. Com ele, compreendes, foi um corte, como uma persiana a descer. Com o senhor mais velho foi diferente, mas com o teu senhor foi um corte, e ele disse, na primeira vez que vieste à Feda, que não sofreu.

Nota: E. W. A., tendo falecido subitamente no auge da vida, deveria parecer mais novo que o "senhor mais velho" [Dr. Hyslop]. O Dr. Hyslop era apenas cerca de cinco anos mais velho, mas morreu após uma doença grave, e dizia-se que aparentava a idade que tinha quando estava bem. A passagem súbita de E. W. A. já tinha sido transmitida pela Sra. Soule, Vout-Peters e Sra. Brittain. As palavras "não sofreu" foram seguidas por uma descrição elaborada que penso que se aplicaria à passagem da maioria das pessoas. Parece característico dos médiuns, ao descreverem a morte, dizerem coisas que consolariam o assistente, embora existam, claro, exceções. A descrição não podia ser contestada, nem podia ser verificada.

FEDA: Sinto, porém, que até essa altura ele estivera a fazer coisas e a pensar em coisas; ele estivera perto de uma janela aberta, consciente do ar, apenas pouco tempo antes de passar para o outro lado.

Nota: E. W. A. e eu estivéramos sentados junto a uma janela aberta pouco antes de recolhermos, a planear umas férias de verão. A descrição inverificável referida acima foi aqui retomada e continuou por algum tempo.

FEDA: Sinto-me exausta subitamente. Aquela inconsciência não veio gradualmente, veio de forma bastante súbita.

Nota: A transição de falar comigo com uma voz forte para a inconsciência foi instantânea.

FEDA: Ele disse que te contou algo na primeiríssima sessão que tiveste, mas ele espera que tenhas de procurar novamente para comparar. Nota: Na minha primeira sessão com a Sra. Leonard, a 6 de agosto de 1923, Feda disse, referindo-se a E. W. A.: "Ele passou depressa". A memória de Feda é surpreendente. Embora centenas de sessões possam ter intervindo, ela referirá corretamente uma afirmação de menor importância feita numa sessão anterior.

FEDA: Ele está a dizer que pensa que já o disse antes. Ele não gosta que eu sugira. Sabes que havia algo que ele conseguia cheirar de que não gostava? É uma condição que deverias conhecer. É por isso que ele estava a fazer aquilo ao nariz, porque sentiria o cheiro. É uma condição muito peculiar, mas ele pensa que serás capaz de olhar para trás e ver.

Nota: O único cheiro em que consegui pensar foi o de uísque, pois, imediatamente após E. W. A. cair na inconsciência, verti-lhe uísque pela garganta abaixo.

FEDA: Ele não é baixo, é para o alto. Mantém-se direito. [Endireitando-se.] Assim. Vejo sempre as formas das pessoas melhor do que as cores. O rosto e a cabeça dele não são nem redondos nem ovais. Não é pontiagudo [tocando no queixo]. Demasiado largo por aqui. Bastante forte. A boca um pouco mais que média. Boa forma e bastante direita. Uma boca firme, firme mas não dura. Lábios retos e bonitos, olhar bondoso.

O lábio superior entra um pouco. Eu disse-te, reto. O nariz dele não é aquamarino — não é aquilino, de perfil não entra na cana do nariz, não é afundado, sai de forma bastante reta, a ponta não é pontiaguda, um nariz de boa forma, mas não como os que vês nas estátuas. A testa não é cheia, não é acidentada, não é como a do Sir Oliver a partir das sobrancelhas. Notarias a testa dele, bastante reta, quadrada, boa.

O cabelo mostra as fontes. Sra. Lydia, ele tem-no penteado como se o escovasse um pouco para cima e para trás, mostra a testa muito distintamente. Dá o que chamas um ar aberto a essa parte da cabeça.

Ele tem o hábito de parecer sério, mas nem sempre é assim. O cabelo atrás muito curto. Acho que ele o mantém curto demais. Ele gosta assim. O cabelo do topo um pouco mais comprido, porque o vejo cair sobre o mais curto. Do pescoço atrás, boa linha, não faz volume atrás.

Nota: Relativamente a esta descrição: E. W. A. tinha um metro e oitenta e três de altura e portava-se excecionalmente bem. O seu rosto, como disse Feda, não era redondo nem oval; o seu maxilar era quadrado e reto. Eu diria que Feda errou ao descrever a boca como um pouco mais que média; se fosse alguma coisa, era menos do que isso; mas ela teve razão ao descrevê-la como tendo uma boa forma, direita e muito firme, com um aspeto bondoso. O lábio superior era bem marcado. O nariz era de boa forma e reto, mas não clássico; a ponta não era pontiaguda.

A testa era larga, "quadrada" e arredondada nas fontes, com sobrancelhas bem marcadas. Como disse Feda, a sua testa era frequentemente notada. O cabelo de E. W. A. mostrava as fontes e era escovado exatamente como descrito. Um excelente ponto é feito por Feda ao descrever a forma como o cabelo era cortado atrás. E. W. A. costumava cortá-lo muito aparado e rente por cerca de cinco centímetros acima do pescoço, com o cabelo do topo mais comprido. A linha do pescoço não fazia volume. Certamente parecia sério, por vezes, mas esta não era uma característica marcante.

FEDA: Sabes que uma das orelhas dele sai um pouco mais para fora do que a outra? Talvez pudesses olhar para uma fotografia. Acho que ele quer dizer que era uma mais do que a outra. Ele está a mostrar uma foto, não exatamente de frente, mais o que chamas de três quartos, como se estivesse a olhar em frente. Está virada um pouco para ti. Ele diz que sim. Ele acha que consegues ver a orelha, mas não tão bem como na pequena. Tenho a sensação de que, nesta última, poderias ter de perguntar a outra pessoa. Mostra o rosto de frente tanto quanto possível. Mas acho que poderás ter de perguntar a outra pessoa.

Nota: Esta observação presta-se a uma interpretação ambígua. Não creio que uma das orelhas de E. W. A. saísse mais para fora que a outra, mas a ligação com uma fotografia é impressionante. Na altura

desta sessão, eu não tinha conhecimento de tal fotografia, mas vários meses depois a irmã de E. W. A. enviou-me uma foto antiga que tinha encontrado, uma foto tirada anos antes de eu conhecer E. W. A. Feda parece ter-se superado na descrição desta fotografia. Não é tirada de frente, mas sim a mais de três quartos, como se ele estivesse a olhar em frente.

O rosto está virado um pouco para a câmara. A orelha é conspícua e a outra não se consegue ver de todo. A referência à "pequena" não consigo explicar; volta a lançar a confusão na descrição. O facto de uma coincidência curiosa permanece, no entanto, na outra fotografia que me foi enviada, na qual a orelha é indevidamente conspícua, correspondendo à impressão de Feda de uma orelha espetada para fora.

FEDA: Ele gosta de animais. Ele está a mencionar isso porque está a pensar num lugar onde estaria muito com cavalos e cães.

Nota: E. W. A. gostava muito de animais e cresceu com cavalos e cães. Gostava especialmente de cães e tivera muitos. Feda continuou a fazer algumas observações sobre cães que ele possa ter possuído antes de eu o conhecer. Não fui capaz de as verificar. Feda repetiu o nome "Lollie", mais parecido com "Larry", o que não significou nada. Uma vez que ele estava a mencionar cães, parece curioso que não falasse daquele a que fora mais afeiçoado e também do último cão que possuíra, sendo o nome um muito simples, "Teddy".

Passo por cima de uma série de páginas nesta sessão, algumas delas dedicadas a um teste de livro extraído do apartamento da Srta. Isabel Newton, onde a Sra. Leonard nunca estivera. A Srta. Newton é a secretária da Society for Psychical Research em Londres. Imediatamente após o teste do livro, Feda fez as seguintes declarações:

1 O registo do teste do livro não merece ser impresso *in extenso*, mas segue-se um resumo fiel dele. FEDA: Ele espera que a Sra. Isabel se divirta quando lhe contares isto. Ele apanha algumas coisas acabadas de lavar neste quarto. [O da Srta. Newton.] Ele captou pensamentos de sensações, aquelas acabaram de vir da lavandaria. Ele diz que está interessado nos testes de livros. Na América, onde

trabalhas, não arranjaste muitos lá, por isso ele estava ansioso por conseguir alguns enquanto estavas aqui.

Feda descreveu uma sala à esquerda da porta da qual se dizia existirem estantes de livros. Na verdade, a das duas salas da Srta. Newton que correspondia à descrição não era a que tinha as estantes assim colocadas. Feda disse que na página 33 do terceiro livro a contar da esquerda, na prateleira aproximadamente à altura de um piano, seriam encontradas, "no topo da página, muito perto do meio, palavras ali sugerindo luz e crescimento, desenvolvimento".

De facto, o livro assim colocado na prateleira mais próxima da altura de um piano tinha na página 33, cerca de três centímetros acima do meio, as palavras: "deveríamos encontrar-nos novamente, quando a sua opinião sobre a Morte e a filosofia das Revoluções poderá ser diferente". Alguns pensariam que esta expressão, implicando que a pessoa interpelada viria a ter mais luz sobre certos tópicos (um deles relevante para as experiências da assistente), e sofreria crescimento e desenvolvimento no seu pensamento, satisfaz suficientemente a prescrição.

Feda continuou a dizer: "E ele [o espírito] voltou uma, duas páginas, e na terceira página uma alusão ao propósito para o qual vieste a Inglaterra, acho que isto está bastante correto, mas há também uma pequena piada... Vais rir-te quando vires o que está escrito e vais aplicá-lo imediatamente à tua visita e dizer: 'Isso está certíssimo. É por isso que estou aqui'". A Srta. Newton relata: "Ao virar duas páginas, a Sra. Allison e eu vimos na terceira, a 37.ª, a frase: 'ela encontrou o médico'". Isto seria, de facto, particularmente apropriado. Mas, literalmente, a passagem foi encontrada na quarta "página" seguinte. Ainda assim, "voltou uma, duas páginas" pode indicar que Feda quis dizer que se deveriam virar duas folhas.

A afirmação de Feda de que alguns livros na mesma prateleira eram "muito mais recentes que outros", embora correta, era muito provável, embora não fosse certa.

Feda declarou que, tocando no livro especificado em último lugar, havia um no qual se encontrava "logo no início a menção de um lugar onde ele costumava estar". Um dos dois livros adjacentes,

Eugene Aram, menciona no seu início a Itália, bem como vários outros países e cidades. E. W. A. vivera em Itália durante algum tempo.

O segundo livro a contar da direita na mesma prateleira foi alegado por Feda como tendo para assunto do seu primeiro capítulo algo em que o Dr. Hyslop estivera muito interessado na terra. "Refere-se a algum trabalho que ele próprio estava particularmente a fazer quando estava na terra. No primeiro capítulo parece falar de outros livros e escritos", e neste capítulo "são faladas coisas diferentes, estilo totalmente diferente do resto do livro". A Srta. Newton relata que o segundo livro à esquerda não se ajustava à alusão, mas que o prefácio do terceiro livro, *Conrad in Quest of His Youth*, estava no mesmo tipo de letra que o resto do livro, de modo que poderia facilmente ser confundido com um capítulo, e este prefácio ajusta-se em vários aspetos.

Pois o prefácio, por Barrie, fala de outros livros e escritos, por exemplo, de Hardy, de Merrick, *The Quaint Companions* e *The Actor-Manager*, *The Purple Land* de Hudson; e "são faladas coisas diferentes, estilo totalmente diferente do que vinha depois". Os assuntos tratados no prefácio são romances e romancistas, a arte de Merrick de contar uma história, o seu aviso contra a autoria e o palco como vocações.

Passando por alto o facto de este livro não ser o segundo mas sim o terceiro (lembrando, contudo, que Feda disse que a visualização da localização nem sempre é exata, qualificação esta que pode ser verdadeira mas que, quando aproveitada, aumenta a possibilidade de mera coincidência por acaso), o que dizer da afirmação de que a discussão de "outros livros e escritos", etc., interessava ao Dr. Hyslop na terra e se referia a "algum trabalho que ele estava particularmente a fazer"? Se isto implica que ele costumava fazer tal trabalho, está errado em qualquer sentido que tivesse significado.

Talvez valha a pena apenas mencionar que o Dr. Hyslop esteve, num determinado período, muito interessado na controvérsia homérica, isto é, na questão de saber se, por razões estilísticas e outras, a *Ilíada* deve ser atribuída a múltiplos autores. Tão interessado

estava ele que escreveu um longo artigo no qual submeteu o *Paraíso Perdido* a um processo de análise semelhante, levando ao *reductio ad absurdum* de que este poema era obra de vários escritores.

A afirmação de Feda de que havia poesia perto do livro estava correta, mas era uma afirmação muito provável.

A afirmação de que perto do livro estava outro livro contendo "um desenho peculiar que tem um significado especial para mim" [aparentemente refere-se ao Dr. Hyslop], "um contorno preenchido com pequenas linhas como um padrão... Isto significava algo que ele também tinha quando estava na terra", dá uma ampla margem para coincidência, na medida em que um certo número de livros, todas as partes dos livros e várias interpretações da descrição do desenho caberiam no âmbito.

De facto, diz a Srta. Newton, "por baixo deste mesmo livro, cerca de cinco centímetros à esquerda, está *The Fair Maid of Perth* de Scott, em cujas quatro guardas finais há um desenho de linhas duplas interrompidas por cardos convencionais, sobre o qual está sobreposto em cada página um medalhão, de 10 x 10 cm, delineado com folhas de louro e preenchido com pequenas linhas reproduzindo um retrato de Sir Walter Scott". O pai do avô paterno do Dr. Hyslop vinha da Escócia, da qual a flor simbólica é o cardo.

Várias das declarações acima feitas por Feda são bons acertos, mas outras, para serem consideradas boas, exigem demasiado afastamento dos termos literais e uma interpretação demasiado subtil e elástica para serem convincentes. Apenas quando vistas contra o pano de fundo dos numerosos testes melhores desta espécie no trabalho de transe da Sra. Leonard é que se justifica a opinião de que a aptidão peculiar de alguns dos pontos aqui feitos provavelmente indica algo além do acaso. — W. F. P.

[Mais tarde na sessão.]

FEDA: Importar-te-ias de perguntar à Sra. Isabel porque é que ela quer saber se uma chave abriria duas coisas, duas fechaduras? Isto vem do teu senhor. Ela estava um pouco intrigada com uma chave. Ela continuava a dizer: pergunto-me se esta servirá tão bem como a fechadura para a qual foi feita?

Nota: Este incidente, no qual Feda tão engenhosamente fixa o tempo da Srta. Newton a experimentar a chave pela chegada da roupa lavada, foi publicado sob o título "Casos em que o Comunicador Pretende Dar Informações Relativas a Eventos Recentes ou Contemporâneos, Desconhecidos para o Assistente", em *Proceedings of the Society for Psychical Research*, Vol. XXXVI, pp. 202-3, do qual segue a nota da Srta. Newton:

"Quando a Sra. Allison me leu a nota acima, lembrei-me imediatamente do seguinte incidente. Tenho um pequeno armário suspenso fechado no meu apartamento do qual, tendo perdido a chave, não utilizo há alguns anos. Nas últimas duas ou três semanas tenho-o tido em mente pois, tendo-lhe encontrado uma utilidade, decidi pendurá-lo, se conseguisse uma chave para o abrir, e tenho tido a intenção de ir a um serralheiro e pedir emprestadas algumas chaves pequenas.

Na passada quinta-feira à noite — ou poderá ter sido possivelmente na sexta-feira de manhã, mas creio que não — estava a preparar-me para ir passar o fim de semana fora e, ao arrumar uma pasta que acabara de comprar para presente de aniversário para um amigo, reparei na chave e perguntei-me se caberia na fechadura do armário. Não serviu, e pensei então na chave da minha própria pasta, e experimentei-a, e depois as chaves, uma após outra, de quatro ou cinco estojos de escrita e outros estojos pequenos, perguntando-me em cada caso 'se esta servirá'.

"Feda disse anteriormente na sessão que fora feita uma visita à minha casa ou pelo Dr. Hyslop ou pelo Dr. Allison — e referiu, em ligação com isso, a entrega da minha roupa lavada. A entrega da roupa lavada ocorre à quinta-feira à noite.

"Experimentei as chaves ou na quinta-feira à noite ou na sexta-feira de manhã. Creio que foi provavelmente na quinta-feira à noite, pois na sexta-feira de manhã o meu primo telefonou antes de eu partir para a S. P. R. e, consequentemente, estava com pressa.

"(Assinado) I. NEWTON."

Nota por L. W. A.: A Srta. Newton tem razão ao pensar que o incidente ocorreu na quinta-feira à noite, pois quando lhe mostrei o

registo no dia seguinte à sessão, ela contou-me o incidente como tendo ocorrido na quinta-feira à noite, e mais tarde enviou-me a seguinte nota:

"As minhas coisas vêm da lavandaria cedo às quintas-feiras à noite. Na quinta-feira à noite que precedeu a sessão, estava a preparar-me para ir viajar na manhã seguinte por alguns dias. Estava a arrumar uma pasta nova quando, ao ver as duas chaves penduradas, me perguntei se caberiam num pequeno armário suspenso meu que estivera fechado e com a chave perdida há algum tempo. Experimentei-as, mas não couberam na fechadura. A intervalos, ocorreram-me outras chaves pequenas e perguntei-me se serviriam, e experimentei-as.

"(Assinado) I. NEWTON." FEDA: Mesmo ao lado do teu senhor, alguém olha também, de uma forma terrivelmente interessada, um homem não jovem. Acho que dirias cerca de 55 anos. Não sou boa com idades. Passei para o outro lado jovem. As pessoas inglesas e ocidentais são tão velhas antes de crescerem. De onde a Feda veio as pessoas têm filhos por volta dos 12 anos. Ele tornou-se grisalho e de cor escura. De constituição não muito direita, os ombros curvam-se ligeiramente, olhos escuros, um pouco cheios, um bocado pesados, o seu nariz comprido, razoavelmente cheio na ponta, lábios cheios, um pouco curvos. Queixo um pouco comprido, o seu rosto caiu um bocado a partir das maçãs do rosto.

A sua testa larga. Eu acharia que num certo tempo ele teria tido uma cabeleira muito boa. Rosto de aspeto distinto, boca grande, homem bem constituído. Não passou para cá há pouco tempo, passou há alguns anos. E é alguém que conheceste muito bem. Teve ele algum problema interno? Não esteve bem dois ou três anos antes de passar para cá. Com um aspeto um pouco amarelado. Pergunto-me se ele teve algum problema respiratório. Os seus lábios ligeiramente azulados, problema aqui [batendo no peito], coração e pulmões. Sinto que ele te conheceu quando eras muito mais jovem. Nota: Esta descrição indica o meu pai. Ele tinha 63 anos na altura da sua passagem, mas parecia mais novo. O seu cabelo tinha passado de escuro a grisalho, mas não totalmente, estava misturado. A constituição do meu pai era boa; ele curvava-se ligeiramente.

Os seus olhos eram escuros e cheios, o nariz comprido e cheio na ponta, os lábios cheios. Ele usava um bigode farto; não tenho a certeza sobre os lábios curvos. Realmente não consigo lembrar-me se é correto dizer "o seu rosto caiu um bocado". Nos seus últimos anos certamente não estava cheio e, por outro lado, não estava emaciado. O queixo não era nem pontiagudo nem redondo — mais para o redondo — o rosto oval. A testa apenas razoavelmente larga, mais próxima da média.

Ele era calvo durante a minha recordação, mas, por fotografias tiradas aos vinte anos, acredito ser literalmente verdade que "num certo tempo ele teria tido uma cabeleira muito boa". Rosto de aspeto distinto, boca grande, homem bem constituído, aplicam-se. O meu pai passou para o outro lado cerca de seis anos antes da data desta sessão. Problema interno está correto, tal como "não esteve bem dois ou três anos antes de passar" e "aspeto um pouco amarelado". O meu pai sofria de angina de peito, sendo a grande dificuldade em respirar e a dor no peito os sintomas principais.

FEDA: Vejo uma letra A muito grande. (Vês ou recebes o som?) O teu senhor diz que eu o ouvi. Recebo o som como o de A. O teu senhor diz para ter cuidado. O som de A está certo. E. Ele mostrou-me um E muito claramente. Ebel, Ebel, Ebel. Não apanho a parte final. Ebel, Ebel. [Feda repetiu a palavra muito rapidamente, vezes sem conta, dando ao E o som de um A longo.] Estás sempre a trocar uma letra. Isso estraga a coisa toda.

Nota: A letra A está errada — o som de A está certo. A minha pergunta pode ter influenciado a Feda. O nome do meu pai era Emil, sendo o E pronunciado como um A longo. Na frequente repetição de Ebel por parte de Feda e na luta pelo nome correto, pareceu-me captar Emil uma ou duas vezes, mas como estava naturalmente à escuta disso, não gosto de ter demasiada certeza. FEDA: Ele quer vir outra vez. Uma vez quase consegui, por volta da segunda vez ele estava a sussurrá-lo. Estava praticamente certo. Ele quer enviar o seu amor, também. Ele virá outra vez. Ebel. Melhor deixar estar. Oh, meu Deus, o poder está a ir-se.

cessou.

RESUMO DAS DECLARAÇÕES NESTA SESSÃO

Correto

E. W. A. passou depressa (conforme declarado na primeira sessão), como uma persiana a descer (viveu menos de meia hora após o ataque); "ele não sabia que ia partir" e não sofreu; "ele estivera perto de uma janela aberta... apenas pouco tempo antes de passar"; a inconsciência veio de forma bastante súbita; E. W. A. era para o alto, "mantém-se direito", rosto nem redondo nem oval [ver em Errado aqui e para outros detalhes], queixo não pontiagudo mas largo e forte, boca de boa forma, direita, firme, não dura mas de aspeto bondoso; nariz bem formado, reto mas não como os das estátuas nem pontiagudo na ponta, testa não acidentada mas antes direita, quadrada e boa, o cabelo mostra a fonte, penteado como se escovado um pouco para cima e para trás, cortado muito curto atrás, cabelo do topo mais comprido e caindo sobre o mais curto, pescoço não volumoso atrás; tinha o hábito de parecer sério mas nem sempre era assim (sim, mas apenas o que é mais comum); gostava de animais, esteve em algum tempo muito com cavalos e cães; pessoa descrita: dirias ter cerca de 55 anos, cabelo tornado grisalho a partir de escuro, não muito direito — ombros ligeiramente curvados, olhos escuros e bastante cheios, nariz comprido e razoavelmente cheio na ponta, lábios cheios (se "curvos" não se sabe devido ao seu bigode),... [ver em Errado], rosto de aspeto firme, boca grande, homem bem constituído, aspeto um pouco amarelado; alguma pessoa morta há alguns anos, bem conhecida pela assistente, teve um problema interno, não esteve bem durante dois ou três anos antes de passar, indicação de problema respiratório, problema com o coração e pulmões, conheceu a assistente quando esta era muito mais jovem, alguém com o direito de "enviar o seu amor" (todos os detalhes acima corretos para o pai da assistente).

Altamente Sugestivo do Nome da Pessoa Descrita em Último Lugar

Feda vê A, recebe o som de A, vê E [possivelmente influenciada pela pergunta da assistente], repete "Ebel" várias vezes pronunciado como "Abel", mas diz que a última parte não está certa. (O pai da assistente chamava-se Emil, a primeira letra soava como o A longo

inglês. A assistente pensou que "Emil" foi realmente pronunciado entre as muitas tentativas, mas não tem a certeza.)

Certo ou Errado de Acordo com a Interpretação

E. W. A. "muito mais novo" que o *Dr. Hyslop*. Ele parece mais novo. O que chamas o *auge da vida*. (Na verdade, *E. W. A.* era menos de cinco anos mais novo. Mas ele parecia, ao que consta, muito mais novo, como se tivesse menos de cinquenta anos.)

Errado

Descrição de uma sessão, *B* ligado, na qual se supunha que a *Sra. Allison* tivesse estado presente; insinuação de que a assistente tinha provocado *E. W. A.* por causa do seu nariz [mas ver em *Possivelmente Significativo*]; cabeça nem redonda nem oval (se se refere ao crânio, era antes redonda; se "cabeça" é sinónimo de "rosto", a afirmação está correta); "boca um pouco mais que média, o lábio superior entra um pouco". Na descrição do pai: o seu queixo um pouco comprido (não), testa larga (cerca da média).

Possivelmente Significativo

"Sabes que havia algo que ele conseguia cheirar de que não gostava [dito após detalhes sobre a morte de *E. W. A.*] . . . É por isso que ele estava a fazer aquilo ao nariz" (a *Sra. Allison* verteu uísque pela sua garganta após ele ter aparentemente ficado inconsciente); uma fotografia descrita, sobre a qual, insinua-se, a assistente poderá ter de perguntar a outra pessoa, ênfase dada à orelha (a descrição concorda com um retrato apresentado pela irmã de *E. W. A.*, exceto que "a outra" orelha não aparece de todo).

Testes de Clarividência (?) Teste de Livro: sugestivo, mas não demonstrativo de mais do que o acaso. Coisas acabadas de lavar no quarto da *Srta. Newton*, acabadas de vir da lavandaria, ela quer saber se uma chave abriria duas fechaduras, intrigada com uma chave, continuava a dizer: "Pergunto-me se esta servirá tão bem como a fechadura para a qual foi feita" (tudo aconteceu na quinta-feira à noite anterior).

Omitido das Categorias Acima Observações sobre a morte de *E. W. A.* que se aplicariam na maioria dos casos, e que no seu caso não

poderiam ser contestadas nem verificadas; observações sobre cães, incluindo um "*Larry*" (pode ter sido verdade durante os muitos anos antes de a *Sra. Allison* o conhecer).

XIII

DE UMA SESSÃO COM A *SRA. LEONARD,*

30 DE JULHO DE 1924

ASSISTENTE, *L. W. A.* NOTAS POR *GERTRUDE O. TUBBY*

Porque algumas das declarações de *Feda* pareciam aplicar-se à *Srta. Gertrude Tubby* e uma vez que ela estava prestes a partir de Nova Iorque, pedi o conselho da *Srta. Newton* sobre convidá-la para uma sessão com a *Sra. Leonard*. A *Srta. Newton* sugeriu que a *Srta. Tubby* me acompanhasse como anotadora, eliminando assim qualquer explicação à *Sra. Leonard,* que está habituada à presença de anotadores nas sessões. Não mencionei a sugestão da *Srta. Newton* a ninguém, nem pedi a permissão da *Sra. Leonard* antecipadamente por medo de recusa.

A 30 de julho, a *Srta. Tubby* acompanhou-me. Deixando-a a pouca distância no caminho da casa de campo da *Sra. Leonard*, entrei sozinha. Muito casualmente observei: "*Sra. Leonard,* trouxe hoje uma anotadora, mas se preferir, mandá-la-ei embora". A *Sra. Leonard* respondeu: "Oh, não há problema nenhum. Acho que é uma coisa boa tentar dessa forma para variar, deixa-a mais livre". Voltei ao portão e fiz sinal à *Srta. Tubby*. Entrámos juntas, e apresentei-a como *Srta. Crandall*. A *Srta. Tubby* limitou-se a murmurar: "Bom dia", para não trair o seu sotaque americano. A *Sra. Leonard* organizou as cadeiras de uma maneira ligeiramente diferente. Eu fiquei de frente para a médium e a *Srta. Tubby* estava à minha direita, à frente e fora do campo de visão da *Sra. Leonard*.

Alguns meses mais tarde, escrevi à *Sra. Leonard,* perguntando se ela tinha alguma ideia quanto à identidade da anotadora que me acompanhara nessa data. Cito da sua resposta: "Não tenho a mais pequena ideia quanto à identidade da senhora que veio consigo".

Feda começou a sessão com algumas afirmações vagas e previsões pretendendo vir de *E. W. A.*, e depois continuou da seguinte forma:

FEDA: Espera um minuto. O que queres dizer com isso? Não sei. Oh, ele espera que quase te tenhas esquecido disto. Foi apenas uma coisinha boba. Mas achaste que defendeste alguém há pouco tempo? (Sim.)

Porque ele disse que não valia a pena preocupar-se — não importava — algo que pensaste: "Oh, meu Deus, agora magoei-os". E ele diz que sim, tinhas magoado um pouco, tinhas. Não se pode dizer que não tinhas, porque tinhas, mas ele não queria que o fizesses. (*Feda*, disseste ofender ou defender?)

Espera um minuto. [Para o comunicador.] É ofender ou defender? [Para a assistente.] Ele diz: "Não *ofender — defender*". Ele diz que tu pensaste que era ofender, ele diz defender, mas era algo que te estava a preocupar. (Compreendo.)

Ofender significa aborrecer um bocado as pessoas, como se elas te batessem, percebes? (Sim.)

Não como isto, levantado, daquela maneira [empertigando-se]. Mas, ainda assim, sabes, ele não queria que exagerasses a causa disso, exagerasses, percebes? (Não totalmente.)

Agora espera — não exagerar. Deixa cair. Ele não queria que fizesses demasiado disso. Ele diz que foi correto o que fizeste, mas havia algo nisso em que ele não queria que te metesses demasiado. (Compreendo. Não me podes dizer com quem estava relacionado, ou dar-me uma ideia?)

Sim. Espera um minuto. Foi o que queres dizer, um ataque, injusto. Isto é o que ele diz: "Ataque injusto, injusto". (Poderia dar-me uma ideia sobre quem?)

Sim, espera um minuto. Ele está a tentar construir uma letra. (Estás a vê-la?)

É um *G*. Estou só a olhar. [Desenhando um *G* maiúsculo no ar.] (Sim.) O ataque não — "Só quero falar sobre isso por um momento",

diz ele. É algo que tiveste de defender, não veio apenas de um lado; veio do que ele chamaria duas ou três fontes. (Compreendo.)

Embora uma pessoa parecesse ser a parte ativa nisso. "Houve uma pessoa especialmente", diz ele, "mas havia várias pessoas por trás dessa pessoa a fazerem uma espécie de ataque". Isto não foi há muito tempo, *Sra. Lyddie.* (Não?)

É algo de que ele está a falar ultimamente, e diz: "Não mencionei o facto real numa sessão anterior". Percebes? (Sim.) "Que o tinhas feito, mas", diz ele, "toquei na mesma condição numa sessão anterior com a *Feda*". (Sim?)

Ele diz: "Falei das mesmas condições, mas não o pus nestas palavras", percebes? (Compreendo.)

E ele diz: "Encontrarás uma alusão a isto ao reveres as tuas notas". [Ver VIII, p. 74.] E diz: "Espero que te lembres de algo sobre isso agora". Ele diz: "Está bem claro nas notas. Agora vais perguntar-te porque é que estou a tocar nisto novamente hoje". Ele diz: "Há uma razão para isso. Há algo a surgir muito rapidamente de novo sobre o assunto". (Compreendo.)

Ele diz: "A linha que seguiste foi a correta, a linha, mas —" Oh, meu Deus, ele quer que tenhas um bocado de cuidado. Ele diz: "Há uma complicação a surgir agora, algo fresco, fresco". E ele diz: "Quero que examines a coisa cuidadosamente antes de falares sobre ela ou fazeres qualquer coisa sobre ela, queres?" (Sim.)

Vês, é um *G*. [Desenhando no ar com o dedo indicador.] É um *G*. Espera um minuto, tenho de ter cuidado. Ele diz: "Temos de ter cuidado, porque, embora a tua atitude tenha sido correta sobre isso e seja correta sobre isso, há algum elemento a entrar que tornará um bocado difícil para ti manteres a tua atitude anterior". Não é uma chatice? Ele diz: "Sei que tenho razão e tu saberás que tenho razão, muito em breve, agora". (Compreendo.)

Mas ele diz que te apoiará, percebes, e te inspirará sobre o que fazer. Mas ele diz: "Examina com cuidado — tem cuidado antes de dizeres qualquer coisa desta vez. Saberás em breve, muito em breve, por isso", diz ele, "vou deixar as coisas assim". Se ele ouvir — [*Sotto*

voce] Não tão depressa! Se ele ouvir mais alguma informação sobre isso antes da tua próxima sessão, dir-te-á. Mas ele acha que vai apenas deixar no que disse. E, sabes, o senhor mais velho, o muito inteligente que vem com ele, também está interessado nisso, *Sra. Lyddie*. [O senhor mais velho é, claro, o *Dr. Hyslop*.] (Sim, estou contente por ele ter vindo.)

Ele está interessado nisso. Diz respeito a ele de certa forma, diz ele; ou pelo menos, diz ele, está interessado nas circunstâncias. O teu senhor está mais interessado porque tu te estás a misturar nisso. É mais assim que ele está. Ele teme que seja o interesse pessoal que ele sente mais. "Mas eu gosto da *G*, tu sabes disso. Oh, mas então", diz ele, "eu gosto da *G*". (Isso é bom.)

Olha! *G*. [Desenhando no ar.] Vejo o que ele está a escrever outra vez. Sabes, ele está a escrever o nome *Gertrude*. (Sim?)

Sim, é isso que ele quer dizer. Ele gosta mesmo da *Gertrude*, percebes, *Sra. Lyddie*, percebes, mas não consegue ficar terrivelmente excitado com ela; não consegue fazer isso, mas é através de ti que ele gosta dela. Oh bem, diz ele, deves apenas estar atenta a mais desenvolvimentos sobre o que fazes.

Nota: Tenho sentido profunda preocupação sobre o quanto da informação íntima *Feda* parecia ter dos problemas da *A. S. P. R.* após a morte do *Dr. Hyslop*, o quanto posso incluir devidamente neste artigo sem ferir os sentimentos de ninguém. Estou, portanto, a confinar o meu relato ao que é conhecimento comum. Muito do que é marcantemente evidente, de facto as partes mais evidentes, são omitidas. Parece, contudo, injusto para com a mediunidade da *Sra. Leonard* suprimir todo o material verídico dado por *Feda*.

Consequentemente, as declarações acima são anotadas de forma vaga. É suficiente dizer que defendi a *G* muito vigorosamente, e que o conselho característico de *E. W. A.* num caso destes teria sido "a discrição é a melhor parte do valor", enquanto o meu próprio impulso em qualquer caso semelhante seria mergulhar de cabeça. Além disso, como disse *E. W. A.*, a situação era tão complexa que achei extremamente difícil manter a minha posição perante novos desenvolvimentos.

A diferenciação que *Feda* faz da atitude do *Dr. Hyslop* e da de *E. W. A.* é divertida e inteligente. Foi um bocado embaraçoso que *E. W. A.*, que era por natureza cortês e delicado, dissesse de forma reticente: "Oh, gosto da *G*, mas não conseguiria ficar terrivelmente excitado com ela", com a *G* a tomar as notas. Nunca conheci a *Feda* a ser indelicada com ninguém antes. O "círculo" que ela descreve um pouco mais à frente nesta sessão poderá explicar a ocorrência. FEDA: Agora, *Sra. Lyddie*, lembras-te que logo no fim da tua última sessão veio outro senhor. (Gostaria de ouvir sobre ele.)

Bem, ele veio outra vez. (Bom.) Vês, ele faz como se fosse um terceiro que vem ter contigo. (Sim?) Percebes, perfaz os três. E ele quer enviar-te o seu amor, também. (Bom. Dá-lhe o meu.)

Não é engraçado! Não parece haver muitas mulheres contigo, não parece, não senhoras, sabes que são sempre espíritos de homens que vêm. Mas o teu senhor diz que isso talvez seja por causa do teu trabalho, em grande parte. (Compreendo.)

Sim, os homens estão mais habituados a trabalhar e a fazer coisas importantes do que as senhoras, muito mais. Agora, ele diz que ele também tentou entrar em contacto contigo desde que estiveste aqui. [*Sotto voce*.] Não acho que tenhas conseguido, mas eu dir-lhe-ei. [Para a assistente.] Ele diz que o construiu antes. Mas não me consigo lembrar de tudo o que ele fez antes, *Sra. Lyddie*, percebes? Mas ele construiu um grande *A*. [Desenhando no ar.] Um grande *A*. [Ver página 101.] (Vês a letra *A*?) Sim, grande letra *A*, e vejo-a mesmo à frente dele. Sinto que é terrivelmente importante para ele, percebes? (Sim?)

Não é curto. Não é — oh, nome curto; e ele diz que construiu isso da última vez. (Sim, *Feda*.)

Pelo som. (Deste o som.)

Ele diz que fez isso da última vez. (Sim, *Feda*.)

Ele diz que a *Feda* começa sempre com um *A*, mas é o som, diz ele. (Compreendo.)

Sra. Lyddie, posso explicar-te uma coisa agora? (Explica.)

As pessoas ficam terrivelmente intrigadas às vezes sobre como eu recebo as coisas, percebes? (Sim?)

Bem, às vezes vejo uma coisa que deveria ouvir, mas não consigo ouvi-la, por isso vejo-a, percebes? (Sim.)

E às vezes só consigo ouvir uma coisa e não consigo vê-la de todo. Nalgumas sessões calha eu estar no que vocês chamariam — as pessoas do outro lado chamam-lhe a vibração de ver. E se entro nela, então é mais fácil ver o que quer que me tenha sido dito; é mais fácil vê-lo em imagens ou em símbolos. Mas outra vez, se por acaso entrar numa vibração de ouvir, percebes, então é mais fácil ouvir. E se eles me quisessem mostrar uma imagem seria muito mais fácil para mim, nessa sessão, explicá-la, percebes? (Pelo ouvir?)

Pelo ouvir. Por isso, quando eles querem dar-me o som de um nome a começar com um *A* como esse, seria mais fácil às vezes para eles mostrarem-me um *A*. (Sim?)

Pode não continuar assim durante toda uma sessão, mas como uma porção. (Sim?)

Mas [para o comunicador] espera um pouco, enquanto lhe conto! Às vezes um assistente diz-me subitamente quando estou a descrever uma imagem: "Consegue vê-la?". E ficam terrivelmente surpresos quando digo "Não", porque a estou a descrever, percebes. (Sim.)

Mas não a vi, mas o espírito do outro lado está a dizer-me como ela é. (Vês o espírito contigo?)

1 "É prestando atenção especial aos erros e às obscuridades e às estranhezas destes curiosos fenómenos de transe que se fez o maior avanço, creio eu." — *Richard Hodgson*, em *Proceedings S. P. R.*, XIII, 309-10.

Nem sempre, *Sra. Lyddie*. Às vezes vejo-os muito distintamente e não os ouço; e às vezes ouço-os muito distintamente e não os vejo; e às vezes ouço-os um pouco e vejo-os um pouco. (Espera um minuto, *Feda*. Espera um pouco.) [Anotadora a tentar acompanhar.] (Está bem.)

Sim. Por isso, vês, não os consigo ver o tempo todo. Não os vejo o tempo todo. E há outra coisa que eles fazem; que as pessoas aqui não compreendem. Eles ficam fora do círculo às vezes, o círculo de poder, percebes, por isso tornam-se ténues para mim. Tu e ela [apontando para a médium], a médium, vocês estabelecem uma condição, percebes? (Sim.)

Que é como — é como um círculo. E quando o espírito consegue entrar mesmo nisso [para o comunicador] como é que lhe chamas? Oh, está bem. [Para a assistente.] O teu senhor chama-lhe a emanação de poder que forma o círculo. Se eles entram nisso, então é mais fácil comunicar com eles, percebes? (Sim.)

Se um entra nisso, *Sra. Lyddie*, e entra nisso com muita força, é difícil para outro entrar ao mesmo tempo, a menos que o primeiro lhes dê lugar, de certa forma. (Sim?)

Espera. *Sra*. *Lyddie*, quando o senhor mais velho veio, sabes, o inteligente, é quando ele entra no poder, ele fica preso nisso um bocado, e então não consigo apanhar o teu tão bem, percebes? (Oh!)

É como aquela coisa a que chamam cola. É como aquilo onde as moscas ficam presas, no papel. E aquilo prende-os de certa forma e eles têm medo de se mexer, percebes, *Sra*. *Lyddie*, porque pode perturbá-lo e então talvez outro espírito não conseguisse entrar, por isso eles ficam presos, percebes? (Sim.)

O senhor disse que não parecia especialmente digno! Não é uma chatice! Mas eles não podem evitá-lo, porque é assim que é. Sabes que consigo ver este terceiro senhor que vem, e ele já entrou, agora. (Ele o quê?)

Ele entrou nisso. (Oh, bom!)

Este é o moreno de quem te falei da última vez, e ele diz que eu consegui uma descrição bem detalhada dele da última vez.

Nota: Segue-se uma série de declarações sobre "o senhor" [o meu pai] que são demasiado genéricas para merecer inclusão. FEDA: Não sei se te vais lembrar, mas não creio que ele tivesse muito boa saúde durante algum tempo antes de passar para cá. (Lembro-me.)

Nota: Infelizmente, esta admissão é como uma pista.2 A maneira desarmante casual de *Feda* ao recordar factos é suscetível de encurralar o assistente a menos que este esteja em guarda a cada momento. *Feda* passou a descrever uma ocupação totalmente estranha ao meu pai.

L. W. A.: (*Feda*, porque é que ele vem ter comigo?)

FEDA: [*Sotto voce*.] Porque vens ter com ela? Isso não é resposta nenhuma! [Para a assistente.] Porque ele quer. (Está bem, mas —)

FEDA: Está tudo bem. *Sra. Lyddie*, fico com uma sensação engraçada com ele de que há mais alguém, outra pessoa a quem ele vai mais do que vai a ti, mas não percebo bem, mas a quem ele iria realmente, a quem ele quereria ir tanto quanto a ti. Sinto outra pessoa na terra a quem ele quereria ir tanto quanto a ti. Mas ele diz que tu lhe deste a oportunidade de vir e ele quer vir. (Compreendo; apenas pensei que talvez pudesses situá-lo exatamente para mim, percebes?)

Espera um pouco. (Tenho a certeza absoluta de que sei quem é, mas quero que o situais exatamente.)

2 Não creio que a admissão da *Sra. Allison* possa ser criticada seriamente. Não só na sessão anterior o seu pai tinha sido descrito em detalhe e com precisão aproximada, e uma aproximação próxima do seu nome dada, mas tinha sido distintamente afirmado que ele era bem conhecido pela assistente, e que ele a conhecia quando ela era muito mais jovem, e ele expressou o seu "amor" por ela. A própria expressão "Não sei se te vais lembrar" significa que ela estava numa posição que tornaria provável o lembrar-se. Neste ponto, não era impróprio admitir "Lembro-me". — *W. F. P.*

3 Creio que esta pergunta, juntamente com "Está tudo bem, mas —", era mais provável de fornecer "uma pista", mas uma pista enganadora. Devemos lembrar-nos de que *Feda* não afirma falar a partir de dados absolutamente determinados. Ela disse "às vezes vejo-os [os espíritos] muito distintamente e não os ouço; e às vezes ouço-os muito distintamente e não os vejo; e às vezes ouço-os um pouco e vejo-os um pouco". E "às vezes tornam-se ténues para mim", aparentemente significando tanto para a visão como para a audição.

Ora, se isto é verdade, *Feda* teria naturalmente de usar a sua própria inteligência por vezes para interpretar impressões ténues ou incompletas. E se ela, em certa medida, as avalia pelo seu próprio julgamento, esse julgamento, se a sua mente permanece humana, estaria sujeito a influência através de impressões recebidas de outro lado. A pergunta da *Sra. Allison*, "Porque é que ele vem ter comigo?", soa como se a vinda dele até ela fosse estranha, embora esse não fosse o seu significado.

Diretamente dessa impressão, *Feda* poderia, como qualquer ser humano que não quisesse cometer um erro, ter sido levada a dizer que havia mais alguém a quem ele vai mais do que à *Sra. Allison*, puramente como sua própria inferência ou palpite. Esta seria a tendência humana da qual não temos o direito de exigir que *Feda* esteja isenta, por mais infeliz que seja o resultado. Se, contudo, *Feda* retirou a inferência momentânea de que dificilmente se esperaria que o comunicador viesse a esta assistente, isso é logo corrigido, espontaneamente, pois ela diz: "Ele vem porque gosta de ti". — *W. F. P.* Bem, ele não vem apenas por evidências, *Sra. Lyddie*. (Não?) Porque ele gosta de ti pessoalmente. Não é como apenas um investigador; apenas para obter algumas evidências. (Não?)

Ele vem porque gosta de ti, porque há um laço, percebes? "Porque quero falar com ela". Oh, meu Deus, espera um minuto. [Para o comunicador.] Ela pertence-te? [Para a assistente.] Porque, diz ele, tu pertences-lhe. (Bem, era isso que eu queria saber.)

Ele pertence-te, e tu pertences-lhe. E ele anda à tua volta agora de forma bem diferente do senhor inteligente, e ele põe a mão sob o teu rosto aqui, assim, dando-te palmadinhas sob o queixo [fazendo-o], dessa maneira. [Para o comunicador.] Não podes beijá-la! [Para a assistente.] Sim, ele beijar-te-ia, *Sra. Lyddie*. (Bom.)

Talvez qualquer espírito simpático gostasse de te beijar, mas ele teria o direito de o fazer. (Sim.)

Como se ele te conhecesse quando eras mais jovem, *Sra. Lyddie*, mas ele tem uma maneira assim, ele pensa em ti quando eras mais jovem. E acho que os pensamentos dele voltam para quando eras mais jovem, e é por isso que ele te trata mais como uma rapariga, percebes?

Espera um minuto. Ela é uma rapariga, não tem o cabelo branco. Mas ele está a tentar, diz ele, mostrar mais o tempo. E porque é que a estás a levar pela mão? Queres levá-la a passear? Sim, e é como se ele te quisesse levar pela mão e levar-te a passear. (Compreendo.)

E contar histórias, contar contos. Ele contava-te contos? (Sim.)

Porque ele diz que quando passares para o outro lado ele te contará mais alguns contos. (Bom.)

E não apenas contos imaginários, mas sobre as coisas à tua volta. Sim. Como ele fazia, diz ele, aqui, não apenas contos estúpidos que nunca aconteceram, mas contos sugeridos pelo que ele conseguia ver à volta dele. *Sra. Lyddie*, tenho a certeza de que este senhor gostava de um lugar fora da grande cidade onde estás agora. Mais como um lugar de campo grande, um lugar mais agradável de todo. Não é como aquele sítio de Nova Iorque. É longe de lá, não é nos ermos, porém. Ele não quer dizer que é nos ermos, diz ele. (Não?)

Mas não é aquele lugar. *Sra. Lyddie*, quando ele estava aqui sabes que ele gostava muito de — como a natureza. (Sim?)

E gostava muito de pássaros, árvores, coisas assim. (Sim?)

Sabes, ele tinha uma espécie de — ele é inteligente à sua maneira, e no entanto tinha o que se chama uma mente muito simples, também. (Sim?) Nota: A casa do meu pai era numa cidade, pequena comparada com Nova Iorque, e a sua casa tinha um jardim de bom tamanho. Ele gostava imensamente da natureza, e especialmente de pássaros e árvores. *Feda* passou então a falar de uma pessoa com quem o meu pai estava muito "estreitamente relacionado", mas com quem estava em desarmonia, e acrescentou:

FEDA: Não era a tua mãe, *Sra. Lyddie*.

Nota: Esta última frase aponta para a identidade do "senhor". *Feda* passou então a identificar a pessoa como um homem, o que está correto até onde vai. Omite-se aqui material considerável relativo ao meu pai, que é vago e desconexo, exceto pelo seguinte:

FEDA: Vejo uma letra *W*. Espera um minuto.

(É isso, sim?)

(Sim? Com quem está relacionado?)

Bem, ele está a construir isso, *Sra. Lyddie*.

Ele está a construí-lo, um grande *W*. (Sim, está certo.)

Não sei por que razão ele não o construiu antes, mas simplesmente aconteceu ele ser capaz de o fazer nessa altura, percebes? (Sim.)

Nota: *W* é a inicial do apelido do meu pai.

Feda passou então a discutir os problemas da *A. S. P. R.* de um ponto de vista íntimo que poderia ser considerado puramente telepático, pois as suas observações refletiam as minhas próprias opiniões. Algumas das melhores evidências que alguma vez recebi da *Feda* parece, infelizmente, sensato omitir. Não desejo incluí-las pelas razões já mencionadas. O comunicador nestas e nas observações seguintes era o *Dr. Hyslop*.

FEDA: O que disse ele? Que chatice! Espera um minuto. Quem é *B*, relacionado com isso?

Nota: "*B*", creio, refere-se ao *Dr. Weston D. Bayley*, de Filadélfia, um amigo do *Dr. Hyslop* e meu. À data desta sessão, o *Dr. Bayley* era administrador da *A. S. P. R.* Vários dos seus amigos, inclusive eu, têm o hábito de o tratar por *B.* O *Dr. Bayley* escreve: "*Hodgson*, durante a vida, chamava-me sempre *B*, e *Hyslop* escrevia-me como 'Querido *B*'." (*B*?)

FEDA: Agora ele está a construir um grande *B.* (Sim, isso é interessante.)

E ele diz: "*B* estava muito preocupado com isso." Ele quer dizer na terra. (Sim?)

B estava muito envolvido nisso, e do lado errado; "percebes? Mesmo do lado errado." (Queres dizer o lado que não venceu?)

4 Mas estou certo de que teriam sido também as opiniões do pretendido comunicador, *Dr. Hyslop,* de modo que a teoria telepática não pode derivar nenhum suporte especial da coincidência com as opiniões da *Sra. Allison*. — *W. F. P.*

5 Dificilmente se pode dizer que isto conte, uma vez que a *Feda* dá frequentemente uma inicial de uma pessoa que não era tratada apenas por ela. — *W. P. P.*

Ele diz: "Toda a..." Ele diz: "Não quero dizer..." Não vou dizê-lo. Ele diz: "Como posso colocar isso em palavras para que fique bem? O lado fraco, o lado fraco", diz ele. (Sim?)

Ele diz: "Chamei-lhe o lado errado", diz ele. (Pensei que querias dizer isso.)

"Não quero dizer o lado errado no sentido de lado perverso, mas o lado fraco."

Nota: "É correto dizer que *B* estava muito envolvido no assunto, e sinto especialmente que eu 'tinha razão', mas do lado errado, isto é, o impopular." Assinado, *W. D. BAYLEY*.

FEDA: Não é engraçado, não é? Parece que ele também está a falar um bocado com aquela senhora. [Apontando para a *Srta. Tubby* com um gesto súbito e dramático.] Vês, ele fala com ela não como se fosse uma anotadora comum, sabes. (Sim?)

Como, tu sabes que as pessoas trazem anotadoras. (Sim.)

Que não têm nada a ver com o espírito, *Sra. Lyddie*. (Sim.)

E ele está a tentar explicar-me que tu não estavas apenas a dar-lhe dois tostões para vir tirar as notas, percebes, como algumas pessoas fazem. (Compreendo.)

Mas que ela está de certa forma ligada ao trabalho, também, e ao trabalho dele. (Compreendo, *Feda*. Ele gostaria de falar com ela?)

Ele diz: "Estou a falar com ela." (Compreendo.)

Ele diz: "Tenho estado a falar para ela quase o tempo todo." [*Sotto voce*.] Mas estavas a falar com a *Sra. Lyddie*! "Bem", diz ele, "estava a partilhar", diz ele, "como as notícias que tens estado a partilhar". Que chatice. Espera um minuto. Oh! [Sussurrado.] *Sra. Lyddie*, esta não é a primeira vez que ele tenta entrar em contacto com ela. (Compreendo.)

Não, ele tem estado a vê-la. Ele tem-na impressionado, como se estivesse por perto dela um bocado. (Compreendo.)

Mas não é apenas o que ela fez, mas é que ela vai fazer muito com estas coisas em que ele está interessado. Ele sente isso.

Nota: Tendo em conta o facto de a presença da *Srta. Tubby* na sessão não ser conhecida por ninguém e de a sua única observação ter sido um "Bom dia" murmurado à *Sra. Leonard*, o reconhecimento da sua presença por parte do comunicador foi bastante surpreendente. Como afirma *Feda*, não foi a primeira vez que o *Dr. Hyslop* pretendeu entrar em contacto com ela, pois houve o que alegavam ser comunicações dele para ela através de muitos médiuns.

FEDA: Agora ele está a saltar de volta para o que estava a falar, sabes. (Sim?)

Agora ele está a falar novamente sobre *B*. (Bom!)

E por... (Diz as letras, por favor.)

Não as consigo ver distintamente, ainda, espera um minuto. [Para o comunicador.] Mostra-me o que vem a seguir. Um "*e*"? Não. (Por favor, não consegues fazê-lo um pouco melhor?)

Depois do *B* — espera um bocado. *Ba*... Não consigo ouvir isso.

Ba-ber-bro-ber-ber-ba-ber — não consigo... *Bary-ber-bri-bur-bir-ber-bern-berni* — não, não consigo apanhar isso totalmente ainda, mas ele diz que vai tentar. (Bem, e então?) Espera um minuto. *Ber-ber-bim.* Espera um minuto! Ele está preocupado — preocupado. Preocupado. Ele continua a dizer preocupado. (Sim?)

Preocupado. O de *B* está, percebes? (Sim?)

E meio preocupado e incerto e não consegue ver. Não consegue ver adiante. Muito preocupado. Recebo sensações de terrível indecisão com o de *B*, percebes? (Compreendo.)

Muito, muito indeciso. Como alguém que, se pudesse olhar para a frente e ver o que poderia fazer, não seria tão mau. Mas sinto uma espécie de sentimento de impotência como este — [reclinando-se, com as mãos caídas frouxamente no colo] — um sentimento de

impotência e de preocupação. Chamando... o que é aquilo sobre demónios e mares profundos, percebes? (Sim?)

Muito... ele diz: "Esta tem sido uma posição muito difícil para *B*." (Sim?)

"Muito difícil", diz ele, "difícil e delicada", diz ele, "uma posição impossível". Espera um minuto! Houve muita coisa empurrada para cima de *B*, também, houve muita coisa empurrada para cima de *B*. Muita coisa, sabes, como malvadez. (Sim?)

Como se estivesse a ser amontoada sobre *B*. Muito má sorte, diz o senhor, "muito má sorte".

Nota: "Como membro do Conselho de Administração, estava muito insatisfeito com certas políticas do Presidente, sentia-me impotente em relação ao assunto e equacionei a demissão do Conselho, o que fiz mais tarde." Assinado, *W. D. BAYLEY*.

FEDA: "Agora foi uma sorte para *B* que o azar nunca venha só, porque os problemas também vieram de outra direção." Ele não tem a certeza se sabes disso, *Sra. Lyddie*, mas tem havido uma espécie de — uma espécie de segunda vaga de problemas, percebes? (Sim?)

Sobre *B*. De modo que é como se *B* os estivesse a receber de todos os lados, dessa forma. O segundo problema não está ligado ao outro de todo — ao primeiro. Ele diz: "Apenas menciono isso porque tenho estado a seguir *B*, a tentar ajudar."

Nota: O que a *Feda* descreve como a segunda vaga de problemas, e da qual eu nada sabia na altura da sessão, foi-me explicado no outubro seguinte pela *Sra. Bayley* e confirmou exatamente as observações de *Feda*. O *Dr. Bayley* escreve: "Isto pode referir-se a problemas de negócios existentes que tinham sido fora do comum na altura da sessão." Assinado, *W. D. BAYLEY*.

FEDA: E ele diz: "O feitiço pode virar-se contra o feiticeiro." É o que ele sente. Espera um minuto! *B* — ele diz que sentiu como se *B* tivesse outro plano, há pouco tempo, e ele não queria que *B* o levasse por diante. Ele achou que seria uma pena. Achou que seria uma grande pena se *B* fosse empurrado para um curso diferente. Ele não acha que haja perigo disso agora, mas acha que depois tu

compreenderás — ao conversarem e ao pensarem sobre isso, compreenderás porque é que ele diz isso. (Compreendo. Perguntar-lhe-ei sobre isso.)

Sim. Mas ele diz que ele esteve quase a ser empurrado para uma linha de ação que seria uma pena, um pouco mais tarde, se o tivesse feito. (Compreendo.)

Ele sentiu-se inclinado a isso e depois sentiu-se inspirado sobre o assunto. E ele diz: "Nós inspirámo-lo." (Compreendo.)

"Nós inspirámo-lo." Claro, sabes, *B* tem andado a martirizar-se um bocado por causa disto. Sabes, um bocado aborrecido consigo próprio, um bocado, por causa de algo, como se ele não fosse anular. Ele não acha que estivesse errado, percebes?

Nota: "Não compreendido, a menos que se relacione com a minha equacionada demissão. Não tinha outro plano em mente." Assinado, *W. D. BAYLEY*.

Nota por *W. F. P.*: Seria muito congruente que o *Dr. Hyslop* se referisse ao *Dr. Bayley*, e especialmente em ligação com os assuntos referidos, uma vez que eram amigos há muitos anos e o *Dr. Hyslop* teria certamente simpatizado com a posição difícil do *Dr. Bayley*. Foi também muito congruente interromper e ligar a anotadora ao assunto, uma vez que ele mantinha relações oficiais de simpatia com ela na altura. As observações finais, pretendendo ser do *Dr. Hyslop*, poderiam, creio, mostrar-se bastante aplicáveis, mas devo abster-me de explicar, por nenhuma razão à qual o *Dr. Bayley* se oporia.

RESUMO DAS DECLARAÇÕES NESTA SESSÃO

É difícil resumir esta sessão de acordo com o método que tenho empregue até agora. A capacidade de impressionar daquelas partes, particularmente as que se referem à *Srta. Tubby*, ao *Dr. Bayley* e à *A. S. P. R.*, depende largamente do esforço cumulativo de muitas alusões e do tom particular das expressões empregues. Esta capacidade de impressionar é considerável para qualquer pessoa minuciosamente

familiarizada com um certo conjunto de factos, e dificilmente pode ser transmitida a outra, especialmente porque deve ser observada reticência nas notas sobre várias passagens. Mesmo assim, o material mais evidente é omitido inteiramente.

I. Assuntos da *A. S. P. R.*

Relativamente à Assistente: algo a tinha andado a preocupar, o que a levou a defender alguém, *E. W. A.* mostrou uma adequação curiosa nas suas observações ao aconselhar a assistente a não ir longe demais nessa direção — adequação às características de *E. W. A.* e às peculiaridades da situação real (não seria difícil localizar a "complicação" prestes a vir); a razão ou ocasião da defesa da assistente é corretamente indicada (ver em "Relativamente à *Srta. Tubby*"); o tipo de interesse que o *Dr. Hyslop* teria no assunto é aptamente distinguido do tipo de interesse que *E. W. A.* teria.

Relativamente à *Srta. Tubby*

"Ataque injusto" a "*G*", vindo do que ele chamaria duas ou três fontes, embora uma pessoa parecesse ser a parte ativa nele (em meu julgamento tudo isto está correto, incluindo o "injusto", entendendo por isso o modo e o grau do "ataque"); "uma complicação a surgir agora, algo fresco" (havia uma complicação então iminente, que pode bem ser a pretendida. A "pessoa" aparentemente referida tinha começado a falar de exigir que eu me pronunciasse sobre uma massa de material manuscrito de interesse para a *Srta. Tubby* de uma certa forma. Esta tarefa, que durante muito tempo tentei evitar, foi-me imposta pela autoridade a 9 de outubro, ocupou várias semanas e resultou num julgamento desfavorável. Todos estes assuntos estavam entrelaçados). "Ele está a escrever o nome *Gertrude*." [Mais tarde, após o "*Dr. Hyslop*" ter contado como "*B*" — interpretado como significando o *Dr. Bayley* — estava "envolvido" em algum assunto, do "lado fraco", *Feda* apontou para a *Srta. Tubby*.]

"Parece que ele também está a falar um bocado com aquela senhora... ela está de certa forma ligada ao trabalho, também, e ao trabalho dele." . . . Ele diz: "Tenho estado a falar para ela quase o tempo todo... esta não é a primeira vez que ele tenta entrar em contacto com ela... ele tem-na impressionado, como se estivesse por

perto dela um bocado" (ela estava de facto ligada ao assunto *Bayley*, e com *Hyslop* em vida, também houve uma aparência considerável de ele tentar entrar em contacto com ela).

Relativamente ao *Dr. Bayley*

A identificação por "*B*" *b-y*, e pelas tentativas no nome, incluindo uma tão semelhante auditivamente como "*Bary*", seria bastante insuficiente, mas tomada em conjunto com as várias observações sobre esta pessoa (seguem-se apenas parte das significativas, uma vez que o significado de algumas delas não pode ser aqui declarado), é bastante certa; "*B* estava muito preocupado com isso" (assuntos aparentes da *A. S. P. R.* omitidos do registo), "mesmo do lado errado" — significando "o lado fraco" (esta teria sido a opinião do *Dr. Hyslop*), "demónio e mar profundo — difícil e delicado, uma situação impossível... muita coisa empurrada para cima de *B*... um segundo problema não ligado ao primeiro", etc.

II. O Pai da Assistente

Referindo-se à pessoa descrita no final da última sessão, *Feda* vê um grande *A* novamente, mas explica novamente que este é o som. Mas ela diz incorretamente que o nome não é curto (correto se se referisse ao nome completo; o apelido tinha doze letras). O facto de ele ter tido má saúde durante algum tempo antes de passar é repetido, menos definidamente do que antes. Ele vem ter com a assistente porque "quer", diz *Feda*, e depois, após uma pequena aparente vacilação, talvez causada por dúvidas levantadas pelas perguntas da assistente, "porque ele gosta de ti pessoalmente... porque há um laço... ele pertence-te e tu a ele [indicativo de um parentesco muito próximo, certamente]... dando-te palmadinhas sob o queixo... ele beijar-te-ia... ele pensa em ti quando eras mais jovem... e é por isso que te trata mais como uma rapariga."

Depois vieram fragmentos sobre levar a assistente pela mão para um passeio, contar-lhe histórias (que ela reconhece como corretas. Estas expressões na sua totalidade são fortemente sugestivas de um progenitor ou, pelo menos, de uma pessoa *in loco parentis*). Encontra-se identificação adicional ao localizá-lo num lugar diferente de Londres ou Nova Iorque, mas "mais como um lugar de campo

grande", mas não nos ermos, e ao dizer que ele gostava muito de pássaros, árvores e da natureza em geral — tudo verdade. Referir-se a alguém com quem ele estava "estreitamente relacionado", mas que "não era a tua mãe", é uma forte pista da sua identidade, e a "construção" por ele de "um grande *W*" é ainda outra, uma vez que o apelido do pai da *Sra*. *Allison* começava com essa letra.

Omitido

Algumas declarações sobre a pessoa que se supõe representar o pai da *Sra*. *Allison*, demasiado genéricas para contar; uma declaração sobre a ocupação do pai, bastante incorreta, algumas declarações vagas e desconexas sobre o pai, várias declarações, de um carácter geralmente evidente, aparentemente relacionadas com os assuntos internos da *A. S. P. R.*

XIV

DE UMA SESSÃO COM A *SRA. LEONARD,*

6 DE JUNHO DE 1925

A sessão começou da maneira habitual, com uma interrupção, quando a *Sra. Leonard* foi despertada por um ruído perturbador noutra parte da casa. Ela pediu desculpa para pedir à criada que fizesse silêncio, explicando-me que a *Feda* se tinha queixado do ruído no dia anterior. A *Feda* é muito sensível a ruídos de qualquer tipo. Numa ocasião, antes de a sessão começar, a *Sra*. *Leonard* colocou um pequeno relógio debaixo de uma almofada para que o seu tique-taque não fosse ouvido.

A primeira parte da sessão foi muito pouco interessante; a sua tendência geral foi na linha de conselhos sobre desenvolvimento psíquico. Eu via que não estava a levar a lado nenhum. Tenho notado que parece ser característico de muitos médiuns dizerem primeiro ao assistente que este possui poder psíquico e depois alongarem-se sobre o seu desenvolvimento. Fiquei impaciente e interrompi com uma pergunta. *Feda* é invariavelmente afável e prestável se abordada de forma diplomática.

L. W. A.: *Feda,* fazes uma coisa por mim?

FEDA [batendo palmas animadamente]: Sim. Sim. (Alguma vez deixarás que ele [*E. W. A.*] controle diretamente?)

Sim, sim, *Sra. Lyddie*, deixarei. (Não quero dizer hoje, nem sequer este verão, mas algum dia quando te sentires com vontade.)

Não será quando a *Feda* se sentir com vontade, mas quando ele conseguir entrar. (Não te esquecerás, *Feda*?)

Ele pode não te dizer que o vai fazer. Leva muito tempo, requer mais poder — como cortar tecidos para um vestido — quanto mais fazes, melhor. Ele esperará pela sua oportunidade e escapulir-se-á. [Pausa.] Estava ele interessado, quando na terra, em pessoas e lugares na Inglaterra, mais como se eu estivesse a ir para o norte da Inglaterra. Ele conheceu pessoas no outro lado ligadas a essas condições.

Ele não quer dizer apenas uma pessoa, mas como várias pessoas ligadas a essas condições, que ele encontraria quando passasse para o outro lado. Sinto pessoas muito ligadas a ele, pessoas de certa forma associadas a ele. Algumas delas viveram em Inglaterra, mas mais para o norte. Algumas foram viver para um lugar longe da Inglaterra, mas não a América. O lugar para onde foram não foi na direção da América, mas para o sul. Recebo sul e quente. Sinto alguém relacionado com a família dele. Mas um de quem ele está a falar já passou para o outro lado. Um já passou, e um ainda está na terra. Ele diz que não poderias pensar nisso, pensarás mais tarde.

L. W. A.: Consigo situá-los, *Feda*.

Nota: *E. W. A.* era mais inglês no sentimento, mais simpático aos costumes e tradições inglesas, do que qualquer outro americano que conheci. A sua família estava na América há apenas duas gerações. Assumindo a sobrevivência, ele poderia muito bem ter encontrado "pessoas muito ligadas a ele", pois havia muitos familiares ingleses falecidos. Alguns dos seus familiares viviam em Londres, outros "mais para o norte", em Manchester, e ainda outros no "norte da Inglaterra", noutro sentido, isto é, em Edimburgo. O "alguém relacionado com a família dele" que foi viver "longe da Inglaterra" para o sul, onde fica quente, poderiam ser certos familiares que têm

uma casa em Londres, mas também uma casa de inverno em *Cannes*, no sul de França.

"Um de quem ele está a falar já passou para o outro lado, um já passou, um ainda na terra", poderia indicar o *Sr. Duncan McLaren*, de Edimburgo, que já tinha falecido, e a sua esposa, que sobrevive. Tínhamo-los visitado muitos anos antes da data da sessão. A ocasião tinha sido memorável e foi recordada com prazer por *E. W. A.*

O material dado na meia hora seguinte da sessão foi vago e errático, com algumas alusões definidas e corretas ao que a própria *Feda* tinha dado a um amigo meu numa sessão recente.

Na manhã desta sessão, enquanto me preparava para ir, sentia-me muito desanimada com a perspetiva de obter algo de evidente, pois já conhecia a *Sra. Leonard* há três verões e tínhamos correspondido ocasionalmente. No entanto, tive sempre o cuidado de não lhe dar qualquer informação sobre mim, nem nunca lhe mencionei os meus comunicadores. Uma vez que temos vários conhecidos mútuos, seria impossível julgar o que ela pode ou não ter ouvido a meu respeito. Foi por esta razão que desejei especialmente alguma evidência que eu própria pudesse reconhecer como estando além do seu conhecimento normal.

FEDA: Lembrar-te-ás de que ele tem uma forte impressão de que vais a algum lado, serás compelida a olhar para uma estátua e, diz ele, sinto como se esta estátua em si não fosse tão importante, mas ao olhar para ela verás muito perto algo que te lembrará das nossas vidas juntos. Não creio que ele esteja terrivelmente interessado na estátua. É algo à volta dela, perto dela, que é interessante, que te lembrará de uma condição na tua vida. Ele não quer que andes à procura de estátuas. Ele diz que sente que simplesmente irás a algum lado sem esperar e descobrirás o que ele quer dizer. A minha dificuldade é que, quando ele te conta, eu também tenho de te ajudar a evitar procurar por isso.

Nota: Na tarde do mesmo dia, o *Sr. Frederick Bligh Bond* vinha tomar chá comigo num clube. Após o chá, quando estávamos a sair, ofereci-me para o deixar na sua estação a caminho do meu hotel. O motorista entrou em *Hyde Park*. Passado pouco tempo, o *Sr. Bond*

mencionou uma nova peça de escultura no parque que ele gostaria muito de ver, e que tinha atraído as atenções gerais. Era a "*Rima*" de *Epstein*, um memorial a *Hudson*. A imprensa estivera cheia de comentários excitados, mas eu tinha chegado a Londres apenas dois dias antes e não tinha por acaso ouvido falar dela.

A *Sra. Leonard* tinha sem dúvida ouvido falar da estátua, mas de que maneira ela poderia interessar ao meu comunicador, ela não poderia possivelmente saber. Sugeri ao *Sr. Bond* que víssemos a estátua, tendo a observação de *Feda* em mente e o meu interesse desperto. Nada disse da previsão de *Feda* ao *Sr. Bond*. Fizemos o desvio necessário, durante o qual o *Sr. Bond* descreveu a estátua, dizendo que era simbólica de "pássaros no Parque".

Essa frase recordou imediatamente um tempo em Paris em que *E. W. A.* e eu íamos quase diariamente observar o famoso homem dos pássaros nos *Champs Élysées*, organizando outros compromissos para tornar a nossa visita possível. Um santuário de pássaros em *Hyde Park* é adjacente à estátua de *Epstein* e a *Feda* tinha dito: "não era a estátua, mas algo perto dela", que me lembraria das nossas vidas juntos.

No entanto, não tenho a certeza absoluta de que teria ficado tão fortemente impressionada com a associação pela estátua e pelos seus arredores como fiquei pela frase do *Sr. Bond*, "pássaros no Parque". Menciono isto porque um amigo me perguntou se a minha mente saltou logo para a associação, como aconteceu, ou se tive de procurar nas minhas memórias por ela.

Chegados à estátua, descobrimos que a "*Rima*" estava rodeada por pássaros esculpidos na pedra, bem como por pássaros vivos que chapinhavam no banho para pássaros que faz parte do cenário da estátua. Dificilmente teria falhado, em qualquer caso, em situar a associação, mas a observação do *Sr. Bond* pelo caminho tinha-me positivamente eletrizado.

Anexo a nota do *Sr. Bond*:

"A 6 de junho, encontrei a *Sra. Allison* no clube e ela subsequentemente levou-me de carro na direção do seu hotel, sendo isto no meu caminho para uma estação do Metropolitano. Entrámos em *Hyde Park* e surgiu-me o pensamento de que esta seria uma boa

oportunidade para ver a escultura de *Epstein* (sobre a qual havia uma acesa polémica nos jornais).

Consequentemente, sugeri à *Sra. Allison* que fizéssemos um pequeno desvio, a fim de inspecionar esta obra, e ela concordou, pedindo-me que lhe contasse algo sobre ela. Expliquei que havia uma divindade feminina mítica, '*Rima*', que, eu acreditava, se supunha ser o génio dos pássaros no parque, ou da vida das aves no parque, e que a escultura era um memorial a *Hudson*, que fora um amante ou estudioso da vida das aves. [Assinado] *FREDERICK BLIGH BOND*. 21 de junho de 1925."

1 A *Sra. Allison* diz que ela sugeriu que o táxi desse a volta até à estátua, enquanto o *Sr. Bond* diz que foi ele quem o sugeriu. Aparentemente ambos têm razão, tendo o cavalheiro tomado a iniciativa. Ela escreve: "O *Sr. Bond* fez a sugestão inicial ao mencionar que a estátua, na qual ele estava muito interessado, ficava apenas um pouco fora do nosso caminho. Perante o que eu concordei e disse: 'Vamos lá de carro'." — *W. F. P.*

FEDA: Ele também teve a sensação de que te iam ser mostradas algumas imagens bastante curiosas. Vejo uma imagem particularmente, da qual não creio que vás gostar, embora suponha que seja muito habilidosa, e ele diz: "Vejo nela algumas linhas muito peculiares, linhas muito distintas e exageradas". Sabes, na maioria das imagens o artista tenta disfarçar os contornos. Bem, nesta, o contorno parece ser trazido para uma proeminência extraordinária de uma forma muito curiosa, nem totalmente agradável. [Para o comunicador:] Não acho que ela devesse ver isto. É uma senhora sem roupa nenhuma. [Para a assistente:] Ele diz que outras pessoas olham, e eu olho para isso como um teste. Ele sabe que vais notar este desenho peculiar. Vais muito em breve. É apenas uma questão de dias. Supõe-se que seja muito bonito. Acredito que seja simbólico. Não acho que devesse haver uma imagem de uma senhora sem roupa nenhuma. Preferia tê-las num vestido rosa ou azul e dourado. Não acho que a ausência de roupa seja interessante, porque poderias ter adornos e coisas.

Nota: Um convite para a abertura da Exposição do *Ridley Art Club* estava na minha mala, que se encontrava a cerca de dois metros

da médium, com as minhas outras coisas, mas a mala não tinha sido aberta desde a minha chegada. A data da abertura era a da sessão. Um compromisso para almoço e chá a seguir a esta sessão poderia ter-me levado a prescindir da abertura do *Ridley Club*, não fosse esta observação da *Feda*.

A exposição deveria continuar por uma semana. Tive apenas cerca de meia hora entre compromissos para ver a exposição. Ao entrar na galeria, vi uma amiga, a *Sra. de Crespigny*, dirigi-me a ela e cumprimentei-a, e expliquei que estava à procura de uma imagem que a *Feda* tinha descrito, relatando brevemente a descrição. A *Sra. de Crespigny*, indicando uma imagem de frente para nós do outro lado da sala, disse: "Ali está ela!". A *Sra. de Crespigny*, ela própria uma artista e expositora nesta ocasião, deu-me a seguinte nota:

"A 6 de junho, a *Sra. Allison* veio às *Suffolk Street Galleries* onde o *Ridley Art Club* tinha uma exposição de quadros. Não esperava vê-la. Reconheci o quadro descrito pela *Feda* como o único desenho de uma figura feminina nua nas paredes. Era de Adão e Eva, com contornos pronunciados, mais parecido com um desenho do que com uma pintura. [Assinado] *ROSE CH: DE CRESPIGNY*."

Havia mais de duzentas pinturas na coleção, e apenas este único nu, simbólico e nem totalmente agradável, pois representa a expulsão de Adão e Eva do Jardim do Éden.

O facto de incidentes correspondentes terem ocorrido tão cedo após as previsões parece ser um ponto forte. Se eu tivesse andado uma semana ou mais à procura de estátuas e quadros, certamente poderia ter encontrado correspondências e lembretes. É também afortunado que o meu visionamento da estátua tenha sido provocado por uma causa não iniciada por mim, e que eu já tivesse o bilhete para a exposição na minha mala. O encontro de um nu era algo expectável — é quase uma coincidência que houvesse apenas um em duzentos quadros. As linhas pronunciadas no quadro, no entanto, dão algum peso a esta correspondência.

RESUMO DAS DECLARAÇÕES NESTA SESSÃO

Correto

E. W. A. interessado em pessoas e lugares na Inglaterra, e no norte de Inglaterra; existem pessoas falecidas muito ligadas a ele, algumas delas tinham vivido em Inglaterra, mas mais para o norte; alguém relacionado com a sua família foi viver para fora da Inglaterra, para sul, onde fica quente.

Previsão 1: Que a assistente irá a algum lugar onde será compelida a olhar para uma estátua, e muito perto dela estará algo para lhe lembrar a sua vida com o comunicador. (Nessa tarde, ela ia a conduzir e outra pessoa mencionou uma estátua ali perto, que desejava ver. Assim, ela foi incitada a fazer o desvio para ver a estátua. Descobriu-se que um santuário de aves era adjacente à estátua, os pássaros chapinhavam no banho para pássaros que faz parte do cenário da estátua, e os pássaros estão esculpidos na pedra. Estes, bem como as observações anteriores feitas a ela sobre *Rima*, lembraram poderosamente a *Sra. Allison* das muitas vezes que ela e *E. W. A.* foram observar o homem dos pássaros em Paris.)

Previsão 2: Que a assistente veria muito em breve — não uma questão de dias — uma figura feminina nua e simbólica num quadro, peculiar por ter contornos extraordinariamente proeminentes. (Tal quadro foi encontrado na exposição para a qual a assistente tinha um convite consigo, mas oculto da médium. Como diz a *Sra. Allison*, esta coincidência tem algum peso, não um grande peso.)

XV

DE UMA SESSÃO COM A *SRA. LEONARD*,

14 DE JUNHO DE 1925

FEDA: Eles estão ambos aqui, o teu próprio senhor e o senhor do teste. Enviaram o seu amor. Eles têm sido muito marotos. Riram-se imenso com o que o "*Edward*" [pseudónimo] disse. Disseram que nunca se divertiram tanto. Estavam tão entretidos. Eu não conseguia ver que ele fosse engraçado. Não achei que fosse assim tão terrivelmente engraçado. Eles disseram muita coisa subjacente, que a *Feda* não captou, e o senhor do teste diz que ele não será capaz de fazer evidência disso. Não é uma chatice? Ele não achou que tu fosses

capaz. Ele não achou que isso fosse ser apreciado. Parece mesmo diverti-lo imenso. Ele acha que foi melhor dar isso, porque se era verdade, por que não dar?

Nota: A 8 de junho, convidei a *Sra. George A. Sagendorph*, de Boston, como espetadora, para a minha sessão com a *Sra. Leonard*. Ambas esperávamos referências cruzadas às recentes sessões da *Sra. Sagendorph* com a *Sra. Piper* e a *Sra. Soule*. As observações da *Feda* acabaram por ser dirigidas inteiramente à visitante. Através de um pretenso comunicador, "*Edward*", foi dada evidência de uma natureza extremamente pessoal, que nos espantou e divertiu grandemente e que teria, sem dúvida, divertido também os dois comunicadores, que se dizia estarem ali ao lado, a assistir o *Edward*. Ver "*A Vision and Its Sequel*", por *Jane H. Sagendorph, Bulletin IV, Boston Society for Psychic Research*.

FEDA: *Sra. Lyddie*, deverias ter estado a pensar no teu senhor, porque sinto como se fosse uma altura bastante importante, trazendo-te a memória dele. Ele está bastante contente por a tua sessão ter acontecido nesta altura, porque ajuda-te a superar o que poderia fazer-te olhar para trás e sentir-te um bocado triste. Não um bocado triste, mas muito triste. Por isso, diz ele, sente que gosta sempre que a tenhas precisamente agora.

Nota: Esta sessão teve lugar no meu aniversário de casamento, 14 de junho. A data não foi a meu pedido, mas tinha-me sido atribuída juntamente com outras.

FEDA: Na verdade, duas condições diferentes em que poderias estar a pensar, precisamente agora, que estão ligadas a ele. É como duas memórias, duas épocas diferentes que por acaso calham na mesma altura do ano.

Nota: A passagem de *E. W. A.* ocorreu a 6 de junho.

FEDA: Mas elas não apareceram no mesmo ano. Mas os aniversários que vencem precisamente agora, sinto um mais feliz do que o outro. Sinto um feliz e um triste. Parece-lhe sempre um bocado curioso que devessem acontecer juntos dessa forma. Um dos aniversários lembra-te uma época em que estavas longe de casa, num

lugar diferente, pois sinto como se tivesses estado a organizar-te para mudar. Recuando muito tempo.

Além disso, sinto precisamente na mesma altura, mas há alguns anos, que estarias longe de casa numa condição bastante desconfortável na qual estarias como que a querer fazer planos para mudar, para alterar. O teu senhor disse que não te vais lembrar num momento, mas ele gostaria que pensasses depois. Ele acha que isso voltará de forma bem distinta. É uma terceira coisa que estavas a sentir: "Oh; tenho de sair deste lugar!". A altura exata seria um bocado depois de um dos aniversários. Ele quer que te lembres disso. Não creio que ele estivesse contigo. Foi depois de ele ter passado para o outro lado. Sinto que ele estava a tentar muito ajudar-te. Esqueceste-te agora, mas sei que te vais lembrar.

Nota: Este é um exemplo das afirmações ambíguas da *Feda* que frequentemente precedem ou seguem material evidente. Existem algumas correspondências. "Oh, tenho de sair deste lugar" e "condição desconfortável" descrevem exatamente os meus sentimentos pouco tempo depois de um dos aniversários, dez anos antes desta sessão. "Querer mudar", "fazer planos para mudar, para alterar", tinham ocupado os meus pensamentos com exclusão de quase todas as outras ideias, mas *E. W. A.* estava comigo e num estado semelhante de perturbação. A razão para a perturbação foi que, após nos termos mudado para o Sul para viver indefinidamente, descobrimos infelizmente que a região que tínhamos escolhido estava infestada de cobras e jacarés. Embora estas afirmações da *Feda* me recordem uma experiência particular, parecem demasiado vagas para apontar definitivamente para o que associei a elas.1

1 Embora, teoricamente, a *Feda* possa ter cometido um erro ao dizer que o incidente aconteceu após o falecimento de *E. W. A.*, e as suas outras observações, embora, como a *Sra. Allison* diz com razão, sejam "demasiado vagas", possam ter-se referido à desconfortável estadia no Sul, devemos classificá-las como erradas do ponto de vista evidente, uma vez que é declarado positivamente que "foi depois de ele ter passado para o outro lado".

As referências corretas a aniversários serão discutidas nas Observações Finais.

XVI

DE UMA SESSÃO COM A *SRA. LEONARD*,

23 DE JULHO DE 1925

FEDA: Quando ele [*Dr. Hyslop*] estava na terra, às vezes quando estava a falar parecia ser um homem tão simples, comum; e depois nas outras vezes, quando tinha algo a dizer especialmente, falava com muita habilidade, com imensas palavras muito longas.

Nota por *W. F. P.*: Isto está correto, de acordo com a minha própria recordação, e com o testemunho mais valioso do filho, *Dr. G. H. Hyslop*. Se ele estivesse a falar sobre filosofia, por exemplo, empregaria muitos termos longos e técnicos, mas o seu discurso sobre assuntos comuns era em linguagem simples.

FEDA: Mas às vezes, quando o vias, dificilmente te davas conta do homem inteligente que ele era. Sentava-se numa sala e falava assim-assim sobre coisas bem comuns, imensa gente notava como ele era simples — falava apenas sobre coisas comuns de uma forma tão simples. O teu senhor diz que isso está certo, ele faz isso agora. Consegues encontrar alguém que te diga se ele tinha o hábito de acariciar o lado da cabeça, não o topo? Ele ganhou um bocado o hábito de ter a mão levantada, ao lado do rosto e da cabeça, acariciando-a. Imensa gente coça o topo da cabeça. Não era isso que ele faria.

Nota por *W. F. P.*: O *Dr. G. H. Hyslop* diz que o hábito de fala do seu pai era como descrito, e que ele frequentemente acariciava ou coçava o lado ou a parte de trás da cabeça, em vez do topo.

FEDA: Sabes o que quero dizer sobre usar colarinhos à antiga? (Não.) Ele gostaria que perguntasses a alguém. Usava ele colarinhos à antiga? Usava. Ele ri-se. Usava colarinhos e gravatas um bocado à antiga.

Nota por *W. F. P.*: Isto está correto, de acordo com o seu filho, *Dr. G. H. Hyslop*.

FEDA: Sabes, ele está a tentar mostrar-me a frente das botas dele, mostrando-me sapatos especiais — biqueiras, ele quer que eu note. A maioria das pessoas usa biqueiras, um pedaço de couro com costuras; ele mostra-me frentes de sapatos peculiares. Não têm costura nenhuma, como um pedaço de couro liso. Ele diz que às vezes tinha problemas com os pés e as pernas, e acha que um pouco mais tarde poderás verificar estes detalhes. Nota por *W. F. P.*: O *Dr. G. H. Hyslop* não se recorda de nenhum problema com os pés ou pernas do seu pai, nem de tais sapatos usados por ele.

FEDA: *Sra. Lyddie*, ele gosta sempre de dar algumas coisinhas que talvez não saibas. Não vais pensar nisto agora, mas numa sala onde ele estava imenso tempo, onde costumava trabalhar, ele está a mostrar-me algo na sala. Tem uma forma mais para o quadrado ou talvez oblonga, e está cheia de buracos como um favo de mel, cheia de buracos. É algo que ele usava e tinha ali particularmente para uso próprio. Ele deseja colocar coisas nos buracos, mas não usaria todos eles. Havia um número considerável deles.

Nota por *W. F. P.*: Na secretária do *Dr. Hyslop* havia um armário oblongo "cheio de buracos como um favo de mel", exatamente no sentido em que um favo de mel está cheio de buracos tapados. Em cada buraco havia uma caixa de cartão leve de papel rígido. Havia talvez trinta destas, com doze centímetros de lado na extremidade e uns vinte e cinco centímetros de comprimento, tanto quanto me lembro. Eram apenas para uso próprio. Quando examinados após a sua morte, alguns dos compartimentos foram encontrados vazios. Eu próprio ajudei no exame do conteúdo.

FEDA: *Sra. Lyddie*, tentaste obter uma mensagem dele em algum tipo de escrita, há pouco tempo? (Sim.) Não creio que ele tenha achado que foi muito bem-sucedido. O que estavas a tentar obter, o que era imensa escrita, mas apenas com o fim de obter uma espécie de prova de que ele lá estava. Ele não quer dizer quando estavas na América, mas em Londres. (Lembras-te que ele me deu algo aqui que ia dar noutro lugar?)

Tenta repetir uma palavra. Foi o que eu tentei, mas não a consegui. Foi difícil, mas talvez consiga fazê-lo noutra altura. Ele diz

que gosta das condições. Diz que há imenso poder ali. Nota: A *Sra. Dowden* tinha tentado sem sucesso dar-me referências cruzadas numa sessão algumas semanas antes.

FEDA: Ele diz que não foi uma espécie de sessão da *Feda*. Era isso que ele quer deixar claro. Lembrar-te-ias de que ele tentou passar algo sobre a *Feda*? (Não me lembro.)

Ele pediu a um guia para o passar. Havia um guia para o dar.

(Lembra-se de mais alguma coisa sobre essa sessão?)

Eu estava lá. Ele acha que isso está certo. Um homem velho estava lá. Ele quer dizer um homem espírito.

Nota: O guia da *Sra. Dowden* é *Johannes*, um patriarca.

FEDA: Ele fê-lo em duas operações, como se tivesse feito duas tentativas. E diz que não quer dizer duas vezes separadas. Sugeriu uma alteração na sessão, alterando um pouco o *modus operandi*, como se a sessão começasse de uma maneira e depois corresse de forma um bocado diferente.

Nota: Característico das minhas sessões com a *Sra. Dowden*.

FEDA: Queria ele que pusesses a mão em cima de alguma coisa? Porque ele está a aproximar-se e a levantar a tua mão. Foi muito rápido em certas partes, muito rápido, indo assim, e depois sentindo-se um bocado lento também. Esperando um pouco. *Sra. Lyddie*, estavam ali outras duas pessoas além de ti? Ele sentiu outras duas. Ele também lá estava.

Nota: Havia outros dois. A descrição em geral aplica-se ao método da *Sra. Dowden*, lápis e tabuleiro *ouija*.

L. W. A.: Sim. Lembra-se ele de algo sobre isso? De algo que foi dito?

Nota: Aqui a *Feda* declarou incorretamente que *F. W. H. Myers* tinha comunicado.

FEDA: Estavas a olhar para alguns quadros particularmente naquele lugar?

Ele acena com a cabeça. Algum quadro que te interessou. Era o quadro de um lugar. Eu disse que é mais fácil para ele pensar em coisas que não estão na tua mente do que em coisas que estão. Ele nota antes e durante as sessões para falar de coisas em que a tua mente não está a pensar. Mas, mesmo assim, lembrar-te-ás do quadro depois. E também a doença de alguém foi discutida. *Sra. Lyddie*, algo sobre o lugar fê-lo pensar mais como um apartamento.

Algo sobre ele que o fez sentir mais assim do que uma casa comum. Pode ter sido uma casa, mas algo o fez pensar mais nela como um apartamento. Consigo perceber que não é bem o que ele quer dizer. Algo que ele quer dizer sobre um apartamento. Às vezes quando digo uma coisa sei que está certíssima. Mas é algo ligado a um apartamento e às sessões onde ele tentou escrever. Sabes se havia a possibilidade de aquela médium ir para a América? (Não.)

Nota: A descrição geral aponta para a *Sra. Dowden,* com quem eu tinha em várias ocasiões discutido a sua vinda para a América, mas não sabia de nenhum plano definitivo. A alusão à "doença" não recordo. "Quadros, particularmente naquele lugar", poderia possivelmente indicar as pinturas da filha da *Sra. Dowden*, que não vi, mas que desejei ver muitas vezes e discuti com a *Sra. Dowden*.

FEDA: Ele diz que havia, e é aí que ele acha que se poderá ligar novamente. Consegues lembrar-te se, por volta da altura em que lá foste antes, se deverias ter estado precisamente nessa mesma altura onde esperavas realizar uma experiência. Mas houve algum desapontamento. Precisamente por volta da mesma altura ficaste desapontada com outro lugar, indo a um em vez de outro, e como se esperasses que este corresse bem. Não foi uma sessão evidente, mas ele acha que se poderia sair muito bem. Senti uma atração terrivelmente forte para onde estavas.

Nota: A minha última sessão com a *Sra. Dowden* calhou tarde na tarde do único dia em que consegui uma sessão que desejava muito com a *Sra. Elliott*. Infelizmente, eu já tinha pedido à *Sra. Dowden* para mudar o meu compromisso para este dia em particular, um pedido que raramente faço. Naturalmente, não quis fazer outra alteração, por isso compareci a ambas as sessões, uma às duas horas e

a outra às quatro. Mal houve tempo para fazer a ligação. Ambas as sessões foram desapontantes.

RESUMO DAS DECLARAÇÕES NESTA SESSÃO

Relativamente ao *Dr. Hyslop*

Correto: Às vezes falava de uma maneira comum muito simples, e às vezes "habilidosamente", com muitas palavras longas; tinha o hábito de acariciar o lado da cabeça [e a parte de trás]; usava colarinhos e gravatas à antiga; tinha numa sala onde costumava trabalhar algo... talvez oblongo, cheio de buracos como um favo de mel — algo que tinha para uso próprio; não usaria todos eles [pelo menos, não usou].

Errado: Usava sapatos sem biqueiras; tinha problemas com os pés e as pernas.

Observação: Se os detalhes corretos sobre os modos de fala, o acariciar o lado da cabeça e o uso de colarinhos e gravatas à antiga vieram de informação normalmente adquirida, porque é que a "personalidade secundária" da médium saiu de tais fontes e afirmou dois detalhes que eram arriscados e, de facto, falsos? É absurdamente improvável que a *Sra*. *Leonard* alguma vez tivesse ouvido falar do armário "favo de mel".

Isso pode ser considerado correto por acaso, mas foi um palpite perigoso. À parte de uma secretária que, dado que as suas gavetas e escaninhos de várias formas dificilmente merecem a comparação "como um favo de mel", o meu próprio escritório nunca conteve um artigo que pudesse ser descrito como no texto. E estou certo de que a maioria dos escritórios não tem.

Relativamente a uma Sessão da *Sra. Allison* com Outra Médium

Correto: Que há pouco tempo tinha havido tentativas sem sucesso de dar referências cruzadas; que a sessão era diferente das com a *Feda*; que o guia era um homem velho; que havia dois métodos de "escrita" [a *Sra. Dowden* costumava usar lápis e tabuleiro *ouija*]; que foi pedido à assistente para pôr a mão em cima de algo [pedido ocasional característico naquele lugar]; que estavam presentes outros

dois; que foi num apartamento; que havia a possibilidade de aquela médium ir para a América [planos parciais tinham sido feitos, como eu pessoalmente sei. — *W. F. P.*]; que por volta da mesma altura a assistente ficou "desapontada com outro lugar, indo a um em vez de outro"; que a sessão não foi evidente.

1 O nome pelo qual a *Sra. Travers-Smith* foi mais tarde, e ainda é, conhecida.

Errado: Que *Myers* comunicou, que a assistente estava a olhar para alguns quadros particularmente na casa da outra médium [mas sugestivo do facto de a assistente estar interessada em pinturas da filha da *Sra. Dowden*, e ter falado sobre elas com a *Sra. Dowden*].

Duvidoso: A *Sra. Allison* não se recorda de que a doença de alguém tenha sido discutida. Mas tinham decorrido várias semanas.

XVII

TELEPATIA, ESPÍRITOS OU ACASO?

Os estudiosos dos fenómenos de *Feda* estão bem cientes da sua extraordinária faculdade de adquirir conhecimento de eventos contemporâneos relativos aos assistentes. A minha experiência pessoal tem sido a de que a *Feda* parece pressentir o stresse emocional, particularmente o aborrecimento. A explicação poderia ser telepatia diferida.

DE UMA SESSÃO COM A *SRA. OSBORNE LEONARD*, 14 DE JUNHO DE 1925 FEDA: Espera um minuto. Não sei, *Sra. Lyddie*, tens um vestido [*frock*] com que estiveste preocupada aqui [tateando à volta da frente do pescoço]? Querias algo para o decote de um vestido? Deves ter estado a pensar nisso precisamente há pouco tempo, senti à volta do pescoço, e também vi algo [pantomima de puxar o vestido para baixo nas ancas]. Vais vesti-lo de novo e dizer: "Está mal aqui, nas ancas".

Nota: No ano anterior, eu tinha comprado um vestido [frequentemente chamado de "*frock*" em Inglaterra] em Paris. A linha

do decote era muito insatisfatória e preocupava-me. Ia levá-lo de volta para ser alterado. Duas noites antes desta sessão, desejando muito usar o vestido em Londres, tinha feito um esforço especial para ajustar o decote com todos os restos de franzidos, *maline*, renda, etc., que consegui encontrar na minha bagagem, mas apenas tinha conseguido que parecesse pior. Não havia nada de errado com a linha das ancas. Pode ser oportuno acrescentar que o vestido nunca tinha sido usado numa sessão.

FEDA: Porque é que ela tem estado a querer fruta? Tens estado a pensar em fruta? Algo especialmente relacionado com fruta que estavas a querer. O teu senhor e o senhor do teste estão sempre a praticar coisas contigo, para ver se conseguem captar bem os teus pensamentos. Não é pelo que estão a fazer agora. Estão a praticar para o que farão mais tarde. Estamos a preparar-nos para um trabalho muito mais importante numa linha científica.

Nota: Tinha a intenção, há cerca de uma semana, de comprar alguma fruta para ter no meu quarto, mas como a minha intenção não fora concretizada, o assunto tinha-me ocorrido naturalmente com frequência.

DE UMA SESSÃO EM 24 DE JUNHO DE 1925

FEDA: *Sra. Lyddie*, isto é apenas uma coisa boba: estavas a querer comprar algo que não conseguiste arranjar? Continuas a dizer: "Vou ter de arranjar". Fizeste uma nota mental: algo para usares tu própria. (Não me recordo.)

Não é um chapéu nem roupa. Mais como algo que pudesses usar. Não algo que vestisses, como um par de sapatos ou luvas. Algo que usarias, como sabão, [hesitando], mas — não — sabão. Ficarias aborrecida se não o tivesses. Terás de esperar até pensares nisso de novo, e então chegará à tua mente.

Nota: Tenho uma preferência decidida por um tipo de sabão e, quando viajo, levo uma reserva generosa. Durante vários dias antes da sessão, tinha andado a poupar o resto da minha última barra, tentando lembrar-me todos os dias de comprar mais. A impressão de sabão da *Feda* estava, portanto, correta e, na altura, achei que foi um bom acerto, mesmo que ela se tenha contradito. Alguns meses depois, um

amigo meu mostrou-me um registo de *Feda* de uma sessão que ocorreu algumas semanas antes da minha. Nesta sessão, a *Feda* disse à assistente que ela tinha estado a precisar de vários artigos recentemente, entre eles sabão.

A anotação corroborava a afirmação da *Feda*, mas pareceu-me aplicar-se apenas na medida em que o controle percebe que qualquer viajante estaria mais ou menos sujeito a ficar sem sabão. No meu próprio caso, se a *Feda* tivesse sido mais enfaticamente positiva sobre a minha necessidade de sabão, teria sido um excelente exemplo de conhecimento adquirido de forma supranormal.

Não há, contudo, maneira de determinar a quantos outros assistentes a *Feda* possa ter mencionado sabão. Por outro lado, a *Feda* pode raramente ter falado de sabão antes. É nada menos que uma catástrofe que um registo completo de todas as sessões com uma médium do génio da *Sra. Leonard* não possa ser arquivado num único local. Não é uma conjetura demasiado arriscada que se perde mais material valioso do que aquele que é conscientemente registado.

FEDA: O teu senhor pergunta: "Sentiste-o perto de ti ontem à noite?". E impressionar-te de que ele lá estava? Consegues lembrar-te de ontem à noite? Alteraste a hora já tarde na noite? Pensaste na hora muito particularmente, mais do que o habitual, apenas como se estivesses a pensar um bocado fora do comum. Não é exatamente como ele explicou, mas sim que pensaste na hora de uma forma um bocado particular.

Nota: Na noite anterior à sessão tive convidados. Saíram por volta das onze horas e eu fui para o quarto de uma amiga e conversámos até à meia-noite. Isto é inteiramente contrário ao meu costume, quando tenho um compromisso cedo no dia seguinte. Mencionei isto à minha amiga e estava um bocado ansiosa com a hora. Tenho tanto medo de chegar atrasada a uma sessão que habitualmente adianto o meu relógio meia hora ou mais quando uma vai ocorrer no dia seguinte.

Como as sessões com a *Feda* eram de suprema importância para mim, tive sempre muito cuidado em permitir tempo de sobra. Não

consegui, contudo, recordar o momento específico em que tinha adiantado o meu relógio, mas deve ter sido bem depois da meia-noite.

FEDA: O que é que precisa de limpeza? Ele ficou com a impressão de que querias limpar algo, tarde na noite, algo que notaste. Foi algo um bocado fora do habitual, mas foi porque o notaste que o fez notar a ele.

Nota: Não consegui situar esta referência.

FEDA: Estiveste a dizer algo sobre a tua almofada não estar bem? (Não, não estive.) [Não me ocorreu que a *Feda* pudesse querer dizer que eu tinha estado a dizer isto para mim própria, conforme indicado no seguinte: "Oh, isto é desconfortável".]

Acho que deve ser uma almofada, algo relacionado com a tua cabeça, e ele sentiu como se não tivesses estado confortável. A remexer a cabeça. "Oh, isto é desconfortável". Ele pensou que devia ser a tua almofada. Não tens a cabeça demasiado alta na almofada? Sentiu a tua cabeça desconfortavelmente. Ele notou várias vezes como se mantivesses a cabeça demasiado alta na almofada, ou escorregasses.

Nota: A minha almofada era muito mais dura na cama que eu ocupava há algumas semanas do que o tipo a que estou habituada. Também parecia mais plana e tinha necessitado de ajustes consideráveis todas as noites, antes de eu adormecer. Todos os dias tinha tido a intenção de mencionar o meu desconforto à governanta.

DE UMA SESSÃO EM 17 DE JUNHO DE 1926

FEDA: E consegues lembrar-te se ontem querias alguns botões? Nas últimas vinte e quatro horas? (Sim.)

Ele ficou com uma sensação de botões, não viu isso, apenas o captou da tua mente. Consegues lembrar-te ao mesmo tempo que pensaste nos botões se pensaste em algo como "não vou ter tempo de tratar disso"? Tenta pensar nisso depois. Como uma espécie de sentimento de pressa, sobre algo. Ele captou isso com muita força. Muito perto dessa mesma altura tinhas estado a pensar em escrever. Há três coisas de certa forma muito juntas: escrever, botões, não ter tempo. Eles não te viram a escrever, foi apenas a tua mente.

Nota: A manhã do dia anterior fora perturbada por várias complicações que me atrasaram nos preparativos para um compromisso de almoço de importância considerável para mim. Estava a vestir-me com muita pressa e estava mentalmente num fermento, pois tinha falhado o envio de algumas cartas comerciais urgentes pelo correio rápido para Nova Iorque, que tinha acabado de fechar. Enquanto me vestia, lamentando as minhas cartas não escritas e nervosa porque ia chegar atrasada para o almoço, descobri que faltavam dois botões no meu vestido, uma perda que me irritou ao ponto da exasperação. A *Feda* estava, portanto, absolutamente correta ao ligar botões, escrever e não ter tempo.

FEDA: Oh, meu Deus, não te rias. O teu próprio senhor está a ver uma coisa tão boba. Tens estado a pensar em frango mal cozinhado? Não o fez rir exatamente, porque ele concordou contigo. Às vezes ele diz que apenas sente os teus pensamentos, todo o tipo de coisinhas que não importam. Mas ele presta-lhes atenção particular, para alargar a minha visão na terra. Não quero dizer vista, porque vista e visão são um bocado diferentes. Mas ele diz que estas coisas bobas que capta da tua mente são por vezes úteis para nós, é tudo prática, é aprender a atingir as notas certas.

Nota: Três noites antes desta sessão estava a jantar com alguns amigos. Era tarde e eu estava com muita fome. O empregado trouxe-me um frango grelhado que estava bastante mal passado. Enquanto eu debatia se conseguiria lidar com aquilo, um dos meus amigos respondeu ao meu olhar interrogativo com um positivo: "Ora, não podes comer isso — está quase cru!". Também nesta instância, a minha emoção foi de extremo aborrecimento.

RESUMOS DE UMA CLASSE PARTICULAR DE DECLARAÇÕES

Estas instâncias diferem das de 6 de junho de 1925, ao lidarem com o passado recente em vez do futuro próximo.

1. Declaração de que a *Sra. Allison* estivera ultimamente preocupada com o decote de um vestido, querendo algo para ele, tateando à volta do pescoço. Correto. Também que o vestido estava mal nas ancas. Detalhe incorreto.

2. Declaração de que a assistente tem estado a pensar e a querer algo especialmente relacionado com fruta. Correto.

3. Declaração de que a assistente tinha estado a querer comprar algo, e tem continuado a dizer: "Vou ter de arranjar — "; algo para usar "como sabão, mas — não — sabão". Incorreto na negação de que era sabão, correto ao dizer "como sabão" e na hesitação da negação.

4. Declaração de que a assistente pensou na hora muito particularmente e a alterou, já tarde na noite anterior. Correto.

5. Declaração de que a assistente, tarde na noite, notou algo que queria limpar. Incorreto se não foi esquecido.

6. Declaração de que a assistente tinha estado a dizer algo sobre a sua almofada não estar bem. Correto se admitirmos que o "dizer" por parte da assistente possa ter sido para si própria.

7. Declaração de que nas últimas vinte e quatro horas a assistente queria alguns botões e, ao mesmo tempo, estivera com pressa e pensou: "Não vou ter tempo de tratar de —", e muito perto dessa altura estivera a pensar em escrever. Correto em todos os detalhes em conjunto.

8. Declaração de que a assistente tem estado a pensar em frango mal cozinhado. Correto.

Estas instâncias variam desde o provável, no caso da "fruta" e do "sabão", até à combinação improvável de botões, escrita e não ter tempo. Mas embora o querer fruta e querer sabão, em si mesmos, fossem suficientemente prováveis, parece que cada desejo, no caso da *Sra. Allison*, tinha ocupado um lugar proeminente na sua consciência, de tempos a tempos, durante vários dias. Além disso, cada acerto (quer incluamos ou não o n.º 3) refere-se a um facto que aconteceu, ou a um estado que continuou, até às últimas vinte e quatro horas, exceto no caso do frango mal cozinhado. (Talvez a *Sra. Allison* tenha pensado subsequentemente com desgosto sobre o frango.) Finalmente, cada acerto estava ligado a algo que tinha causado, na sua própria linguagem, "stresse emocional, particularmente aborrecimento".

XVIII

O CHAPÉU

FIM DA SESSÃO COM A *SRA. LEONARD,*

21 DE JULHO DE 1925

L. W. A.: *Feda,* o que gostarias de ter para ti? Gostaria de te dar uma prenda.

FEDA: Um chapéu. Não um grande, isso não é o que chamas bom estilo. Verde e dourado. O senhor do teste diz que acha isso um bocado berrante. Um que te sirva a ti serviria a ela. [Apontando para a médium.] Metal dourado brilhante e bocados de outra cor. Chapéu pequeno. Uma copa grande. [Ilustrando em pantomima.] Isso será giro. Um chapéu seria giro. O que chamas de arromba [*ripping*].

DE UMA SESSÃO COM A *SRA. LEONARD,* 23 DE JULHO DE 1925

FEDA: Bom dia, bom dia! Onde está o chapéu?

Nota: Isto veio muito depressa e ansiosamente, tudo num só fôlego, todo o modo de agir num contraste marcante com a modéstia inata e invariável da *Sra. Leonard*.

L. W. A.: Tê-lo-ás na próxima vez. Não consegui encontrar o que querias.

FEDA: Gostaria mais de um chapéu verde, com rosa e azul e dourado. (*Feda*, ela vai parecer uma árvore de Natal.)

Com certeza, e arranja um brilhante que pareça mesmo uma árvore de Natal. Despacha-te a arranjá-lo — será mesmo de arromba. Não se fala mais de chapéus. Eles já tiveram o suficiente sobre isso.

DE UMA SESSÃO COM A *SRA. LEONARD*, 24 DE JULHO DE 1925

L. W. A.: *Feda*, trouxe o chapéu. É o que querias, verde e dourado. Consegues dizer-me algo sobre ele?

Nota: O chapéu estava embrulhado em papel, dentro de um saco de papel opaco. A criada tinha-me deixado entrar quando cheguei. Tinha ido direta para a sala de sessões e colocado o saco debaixo da grande poltrona que ocupava, que tinha um folho à volta da base, obscurecendo completamente o que pudesse estar debaixo dela. Naturalmente, não tinha mencionado o chapéu à *Sra. Leonard* em momento algum.

FEDA: Não é duro, não é macio. Um fundo um bocado misto. Um fundo matizado. Apenas um apontamento de adorno. Não adornado a toda a volta. Num só apontamento. Sei mais sobre ele do que consigo dizer.

Nota: O material do chapéu era um bocado aramado, tinha corpo. A cor era uma mistura de verde e dourado, dando um efeito matizado. O chapéu não tinha adornos, salvo um "apontamento" de flores vermelhas gerânio achatadas contra um dos lados. A pobre *Sra. Leonard* ficou visivelmente embaraçada quando lhe expliquei sobre o chapéu após a sessão.

RESUMO

Declarações da *Feda*

- Não duro, não macio.
- Um fundo um bocado misto.
- Um fundo matizado.
- Apenas um apontamento de adorno, não adornado a toda a volta.

Factos

- Um bocado aramado, tinha corpo (aparentemente correto).
- Verde e dourado misturados (correto).
- Dando um efeito matizado (correto).
- Um apontamento de flores vermelhas num dos lados, de resto sem adornos (correto).

Considerando que não havia "metal dourado" como a *Feda* prescreveu, e que, uma vez que o "chapéu verde... com rosa e azul e dourado" era para fazer a *Feda* parecer "uma árvore de Natal", ela provavelmente pretendia que as últimas três cores aparecessem separadamente no adorno, ao passo que apenas duas apareceram nestas misturadas, as correspondências entre a sua descrição do chapéu comprado e o chapéu em si são impressionantes.

XIX

DE VÁRIAS SESSÕES COM *LEONARD*

A conveniência de mudar o rumo de uma sessão aparentemente sem sucesso ao introduzir um novo tópico ou ao fazer uma pergunta direta é difícil de determinar. Por vezes, o que parece ser um discurso vago e sem sentido resulta em evidência valiosa, como se o controle estivesse a ganhar balanço ao manter a maquinaria em movimento. Interrupções parecem, portanto, um risco perigoso. Quando estimulada por uma mudança direta de assunto, a *Feda* frequentemente agarrará e alongar-se-á sobre a sugestão, dando detalhes consideráveis, nenhum deles fundado em facto conhecido. Se a *Feda* não captar nada e preferir brincar, tanto pior para o assistente. Uma vez num trilho definido, certo ou errado, a *Feda* é difícil de desviar. Torna-se muito positiva e insiste que, mesmo que não sejam reconhecidas no momento, as suas afirmações serão confirmadas mais tarde. Desta forma, corre-se o risco de perder muito tempo valioso.

Por outro lado, as minhas interrupções tiveram, em algumas ocasiões, grande sucesso. Na minha opinião, o símbolo do *Dr. Hyslop* [ver página 34], e "*Mitchell*" relatado neste capítulo, são de interesse suficiente para compensar os fracassos que se seguiram à introdução

de "*George*", "*Sr. Feilding*" e "concertos". "*Mitchell*" surgiu de forma indireta.

"Leilões" tinha sido sugerido quando *E. W. A.* pretendeu estar em comunicação direta, a 7 de junho de 1926. Na sessão seguinte, "*E. W. A.*" recordou-me os leilões, tornando-os o ponto de partida para um acerto impressionante [ver próximo do fim desta Secção]. Quase um ano depois, 4 de junho de 1927, a *Feda* recordou-me os "leilões" e procedeu a dar-me uma das peças de evidência mais interessantes de toda a minha experiência [Secção XXI].

1 Li o registo de 7 de junho e descobri que a *Sra. Allison* fez apenas perguntas não indutoras e não ofereceu qualquer informação. Muitas declarações foram feitas por "*E. W. A.*" que, em grande grau, correspondiam aos factos. — *W. F. P.*

A *Feda* tinha-me dado tantas comunicações evidentes espontâneas relativas ao *Dr. Hyslop* que eu estava ansiosa por ver que sucesso teriam perguntas específicas. Pouco antes de embarcar, no final de maio de 1926, perguntei ao filho do *Dr. Hyslop*, o *Dr. George Hyslop*, se ele me daria algumas perguntas para as quais as respostas me fossem desconhecidas, e que eu pudesse colocar à *Feda* na eventualidade de o seu pai comunicar novamente.

[O material que se segue é tão prolixo, e a sua substância pode ser dada em tão menos espaço, que me aventurei a fazer um resumo dele, representando fielmente as proporções de fracasso e sucesso nas afirmações feitas. — *W. F. P.*]

Pergunta da *Sra. Allison*, 7 de junho de 1926: "*Feda*, perguntas ao senhor mais velho [*Dr. J. H. Hyslop*] se ele se lembra do *George*?"

"Ele riu-se... Ele acha muito divertido. Ele deveria conhecer o *George* tão bem como a si próprio. [O divertimento e a observação são adequados, uma vez que *George* é o seu próprio filho, embora seja curioso, se esse facto foi a razão para o divertimento, que o parentesco exato não tenha sido declarado.] Ele diz que tu o lembraste do *George* ontem... algo estava a ocorrer que tinha algo de peculiar a ver com o *George* e uma senhora. [A *Sra. Allison*, no dia anterior, tinha analisado as perguntas que *George* tinha proposto. Ela pode ter sido a "senhora", mas é estranho que ele não tenha dito "tu", nesse caso.]

Primeira pergunta proposta pelo *Dr. George H. Hyslop*: "Pergunta-lhe se ele se lembra da vez em que subiu o *Monte Washington* com o *George*?"

"O *Dr. Hyslop*" riu-se de novo e disse: "Separámo-nos, dois foram para um lugar e um foi sozinho... depois de subir... De que é que ele se está a rir?... Estava o *George* um bocado farto daquilo ou cansado daquilo? Dá-me a sensação de o *George* querer ir, um bocado cansado daquilo. Trouxe ele uma imagem do lugar? Porque ele continua a ver uma imagem.... Sabes que *Harry* ou *Henry* está ligado a ele... porque o *Henry* tinha estado lá também, não ao mesmo tempo, mas ele tinha falado sobre isso".

O *Dr. G. H. Hyslop* relatou que três incidentes distintos deveriam ter ficado implantados na memória do seu pai relativamente ao *Monte Washington*, "nenhum dos quais foi sequer aproximadamente indicado. O primeiro destes dizia respeito a uma viagem ao *Monte Washington* em 1912, que o *Dr. Hyslop* tinha feito com o *George* e um jovem amigo quando tomaram a direção errada. O *Dr. Hyslop* ficou exausto e foi convencido a mascar tabaco de modo a manter as forças. O *George* e o seu companheiro carregaram o *Dr. Hyslop* na última milha. Como o *Dr. Hyslop* considerava o fumar um 'hábito sujo' e o tabaco lhe era especialmente detestável, este incidente teria deixado uma forte impressão.

2 Contudo, se existe comunicação espiritual, e se esta é por um processo telepático, não é estranho que apenas parte passe. — *W. F. P.*

Parece quase incrível que a associação com o *Monte Washington* não lhe tivesse vindo imediatamente à mente. As ligeiras correspondências parecem puramente coincidentes." É verdade que, se o *Dr. J. H. Hyslop* estivesse realmente a falar com o seu filho, seria estranho que ele não se lembrasse ou recorresse à questão do mascar tabaco, embora por vezes fiquemos surpreendidos ao conversar com um amigo sobre um incidente de há muito tempo ao descobrir que um detalhe dele, muito proeminente na nossa própria memória, é negligenciado na memória do outro.

Mas não podemos declarar que seja sequer estranho se um determinado detalhe de um incidente, por mais proeminente ou bizarro

que seja, não surja numa "mensagem" transmitida telepaticamente. Se algum outro detalhe do incidente aconteceu primeiro ocorrer ao pretenso *Dr. J. H. Hyslop* e o fez rir, isso poderia expulsar o detalhe sobre o qual o filho punha ênfase. E seria bastante suponível que a memória do *Dr. Hyslop* pudesse, em anos posteriores, ter-se detido com divertimento antes no facto de ser carregado montanha acima, e ele poderia bem ter pensado que o *George* deve ter ficado um bocado cansado por carregar a sua parte da carga, mesmo que ele tivesse "querido ir" por diante depois de o seu pai ter cedido. Havia três pessoas envolvidas no incidente. Claro que, como evidência, as coincidências são demasiado ligeiras, especialmente com a afirmação incorreta de que os três alpinistas se separaram após a subida.

Espontâneo: "Há também algo de que ele se lembra ligado ao *George* ali [ele estivera a falar da viagem ao *Monte Washington* em *New Hampshire*], uma jangada, isso deve ter sido por volta da mesma altura. Recebo a sensação de atravessar um rio, não um navio comum, mas algo plano, uma construção um bocado peculiar... mais como uma jangada, mas com lados, algo muito plano". Sessão de 13 de junho de 1926: "Ele quer dizer algo ligado ao *George* e banhos...

Ele diz que sabia isso. Porque vejo que é uma piada, algo que o diverte. Houve uma discussão sobre isso, uma discussão divertida e um bocado longa sobre banho... algo fora do comum de todo". Depois, após outros assuntos, o seguinte: "Perguntarás se algo o lembra de um barco à vela? Não barcos a vapor ou navios, barcos antes pequenos, os tempos antigos novamente?".

O *Dr. G. H. Hyslop* diz que houve um episódio divertido relacionado com um banho e uma jangada. Por volta de 1911, *George* e um amigo estavam a nadar *au naturel* num lago privado em *New Hampshire*. Para sua consternação, surgiu uma canoa cheia de jovens; *George* subiu para o flutuador e vestiu-se apressadamente, enquanto o seu amigo tentava vestir as calças dentro de água. Ora, na teoria telepática da comunicação, há o suficiente nas três passagens relativas a uma jangada, banhos e um barco para sugerir que talvez sejam partes dispersas de um esforço para transmitir o incidente divertido tal como lhe fora contado por *George*.

Ocorreu "ali", ou seja, na região das *White Mountains*, a cerca de trinta e cinco milhas do *Monte Washington*; "por volta da mesma altura", apenas cerca de um ano antes da subida referida; foi um incidente engraçado, como indicado; uma jangada, banhos e um barco, tudo teve a ver com isso. Mesmo que o *Dr. J. H. Hyslop* estivesse a falar face a face, não teria sido estranho, considerando que ele próprio não viu o incidente, se tivesse dito "barco à vela" em vez de "canoa". O filho concorda com esta observação, confirmando as minhas conjeturas de que o pai ouviu em vez de ver o incidente, e ficou divertido com a história.

Espontâneo, 16 de junho de 1926: O *Dr. Hyslop* é representado como mostrando "uma carta que foi escrita há muitos anos e na qual se falava de uma jornada. Espera um minuto. Há um nome que não consigo ver exatamente, um nome um bocado longo começando com uma letra *A*:... Com a carta — mas ele não tem a certeza se estava dentro da carta ou se foi enviada pelo mesmo correio que a carta — havia algum material impresso que o *George* teria recebido ao mesmo tempo que a carta, e ambos tinham a ver com o nome".

O *Dr. Hyslop* passou oito meses na região das montanhas *Adirondack* em 1902, e períodos mais curtos em muitos outros anos. *Adirondacks* ajusta-se a "começando com *A*" e "um bocado longo". O seu filho é incapaz de identificar a carta e o material impresso, e é difícil ver como estes dois detalhes, embora verdadeiros, poderiam ser evidentes. Milhares de pessoas, ao visitarem as *Adirondacks*, tanto escrevem sobre a região como anexam material impresso sobre a mesma.

Segunda pergunta proposta pelo *Dr. G. H. Hyslop*: "Lembra-se ele de visitar o *George* na escola, quando ele estava na faculdade no *Indiana*?"

A primeira parte da resposta parece merecer ser citada como uma declaração sucinta de algumas das condições psicológicas que acompanham a comunicação. "Isso não lhe ocorre muito à mente. Provavelmente, quando ele se afastar daqui, poderá voltar, e então ele poderá lançar isso nestas condições. Ele tem a certeza absoluta de que a sua memória não é completa quando está na sessão. A minha

memória é perfeita e completa nas minhas próprias condições, mas as vossas condições, as condições físicas, limitam-nos. . . .

Ele diz: 'Sinto-me mais como num sonho aqui do que no meu próprio mundo'. Diz ele: 'Só consigo pensar numa coisa de cada vez. A lei da associação é a mais fácil para eu trabalhar nestas condições'. Ele diz: 'Sabes o que significa o Pelmanismo?'... Diz ele: 'trabalhamos num tipo de sistema muito semelhante ao Pelmanismo'. Diz ele: 'Frequentemente introduzo um facto ou descrição na esperança de que ele leve a um facto mais importante. E isso explica a introdução de matéria importante a partir de um início muito trivial'."

Se for verdade, o que é dito aqui encontra ilustrações frequentes nestes registos. Frequentemente, factos importantes são precedidos por factos triviais e, por vezes, não é difícil traçar os elos prováveis de associação que levam de um a outro. Onde não conseguimos ver vestígios de ligação, não somos, claro, capazes de negar que possa haver alguns elos na mente do comunicador.

Espontâneo: "Ele gosta muito do *George*. . . . Quando ele diz *George* ele hesita como se o seu cérebro tentasse apanhar algum outro nome, não *George*... *Margie*, *Margie* — é o nome de alguém em quem ele está interessado. O senhor do teste recebe o nome como *Margaret*, não exato, mas o mais próximo disso. Alguém relacionado com o *George*, e a pessoa de quem ele está a falar já passou para o outro lado agora. Ela era muito mais velha que o *George*." [Ver abaixo.]

Seguiu-se uma tentativa de descrever certos terrenos, edifícios e uma parte de um edifício, mas o *Dr. G. H. Hyslop* não consegue encontrar nenhuma verificação de relevo em relação à sua pergunta.

Depois, *Feda* ficou com a impressão de que "pouco depois dessa altura em que ele visitou o *George*, algum familiar passou para o outro lado".

A visita do *Dr. Hyslop* ao seu filho foi ou em 1913-14 ou em 1914-15. Em outubro de 1915, a madrasta do *Dr. Hyslop* morreu. O nome dela não era "o mais próximo de" *Margaret*, mas precisamente esse — *Margaret*. Como ela viveu com o seu enteado nos últimos oito anos da sua vida, ela tinha "a ver com o *George*" em mais do que um sentido. Claro que ela era "muito mais velha que o *George*".

Alegação de que o *Dr. Hyslop* tinha tentado mostrar o seu rosto. Espontâneo, 30 de julho de 1924. "Ele diz: 'Tenho estado a tentar mostrar-me'." (Tem?)

"Faz assim [desenhando uma linha à volta da cabeça da *Sra. Leonard*], tem estado a tentar mostrar-me." (Apenas a cabeça?)

"Apenas o rosto. Ele diz: 'Queria dizer isso antes de tu dizeres qualquer coisa' [mas fazer um círculo à volta da cabeça da *Sra. Leonard* era praticamente dizê-lo. A pergunta da *Sra. Allison* foi estritamente responsiva ao sinal dado]. ... Rosto, não, espera um minuto — não tão bom como poderia ser. Não tão bem-sucedido como poderia ser.'. . . Tenho a certeza de que ele tem estado a tentar mostrar o rosto dele nalgum lado. . . . Porque ele fez uma espécie de círculo à volta do rosto."

A *Sra. Allison* diz: "No outono de 1924, o *Dr. Douglas*, sabendo que eu tinha estado a receber comunicações de *Hyslop* através da *Sra. Leonard*, procurou-me a fim de comparar o que eu tinha com o que pretendia ser material de *Hyslop* na posse dele. A propósito de uma das minhas sessões, contou-me que através da *Sra. Soule*, o *Dr. Hyslop* tinha dito que tinha 'mostrado o seu rosto', 'apenas a cabeça', e mencionou o *Dr.* em ligação, mas esqueci-me dos detalhes exatos".

O inquérito ao *Dr.* revela o facto de que há alguns anos — ele não se consegue lembrar de que ano — viu de facto o rosto do *Dr. Hyslop*, enquanto estava num estado entre o vigília e o sono, e que ele é algo dado a visualizações hipnagógicas; portanto, esta experiência em si não foi particularmente marcante. O que é marcante é a alegação do *Dr. Douglas* de que a mesma afirmação que a de *Feda* fora feita através da *Sra. Soule*. Sendo o *Dr.* um amigo particular do *Dr. Hyslop*, ele seria tão provável como qualquer outro para a escolha, se o *Dr. Hyslop*, subsequentemente à morte, fizesse de facto tal esforço. Não fui capaz de localizar a declaração da *Sra. Soule*; muito provavelmente o próprio *Dr. Douglas* era o assistente na altura em que foi feita.

Pergunta proposta pelo *Hon. Everard Feilding* e feita pela *Sra. Allison*: "Lembra-se ele de onde me conheceu?"

Em resposta, houve referências a pessoas presentes, ao oceano, falar sobre o mar, dois lados com opiniões divididas, um sino, etc. O *Sr. Feilding* comenta: "Não consegui encontrar nada de qualquer valor no relatório".

Pergunta da *Sra. Allison*, 13 de junho de 1926: "*Feda*, pergunta-lhe [*E. W. A.*] se ele se lembra de alguma coisa sobre concertos?"

A resposta foi dispersa e insatisfatória: "... Ele está a lembrar-se de coisas diferentes sobre concertos. . . não apenas o ir a eles.... Há algo a ver com um concerto em particular em que não nos confundimos, mas tínhamos a intenção de... tomámos uma parte inesperada num concerto.... Ora, então, a mente dele vai para concertos periódicos, não apenas como ir a um, mas ir a alguns concertos com bastante regularidade. Quais são os concertos onde não havia apenas um instrumento de cada vez, mas penso naqueles onde muitas pessoas tocavam?" (Lembra-se ele do que gostava mais?)

"Recebo a sensação de cordas. Ele não está a mostrar um daqueles [apontando para o piano]. Perguntei-lhe se ele gostava disso, mas ele está a pensar em algo diferente. Como cordas que tu esfregas e puxas, algo de que ele gostava quando aqui estava." (Mas ele gostava do piano.)

3 O *Rev. Dr. George William Douglas*, um distinto clérigo da Igreja Episcopal, agora falecido.

4 Também um distinto clérigo episcopal, presentemente vivo.

"Sim, ele gostava do piano, mas algo que ele queria dizer sobre cordas, continua a dizer 'último, último.'. . . Acho que ele está a pensar em alguma música em particular de que gosta." E assim por diante, sem uma insinuação de que o piano era o seu instrumento favorito.

A *Sra. Allison* relata que "*E. W. A.* era apaixonadamente fã do piano. No último ano da sua vida, assistimos a mais de cem recitais de piano. Vi-o partir sozinho sob um dilúvio de chuva na noite de um recital de um bom pianista. Embora ele fosse fã do violino e gostasse de outra música ocasionalmente, a principal associação que me vem à mente quando penso em *E. W. A.* e concertos é o piano. Portanto, se

ele estava a comunicar através de *Feda*, a resposta permanece um enigma".

Pronúncia, Espontânea: Na sessão de 24 de julho de 1925, quase toda dedicada a uma explicação das alegadas condições de comunicação, e afins, *Feda*, após acontecer usar a palavra "*either*", comentou: "Ele [*Dr. Hyslop*] diz *either* [*eether*]. Nós dizemos sempre *either* [*eyether*]. Mas sempre que vou dizer *I* ele diz *E*". A pronúncia do *Dr. Hyslop* da palavra é corretamente declarada, mas é mais geralmente o caso na América, nem sabemos quantas pessoas em Inglaterra notaram a sua pronúncia.

Leilões: Espontâneo, da sessão de 13 de junho de 1927.

E. W. A. [Controlador Pessoal]: Lembras-te da última vez que te falei que estávamos a falar de um leilão? (Sim.) Eu estava a lembrar-me de teres ficado doente num, de teres ficado doente num. [Verdadeiro.] Lembras-te de um lugar onde fomos em que havia uma sala muito pequena, com imensa gente apertada? Mas uma sala pequena. Havia algumas outras salas perto delas, a sala era bem pequena.

Nota: Isto não se aplica às duas galerias de leilões que *E. W. A.* e eu frequentávamos com frequência. Tínhamos estado noutras salas de leilão ocasionalmente, mas a minha memória delas não é clara.

E. W. A.: Lembras-te do nome *Mitchell — Mitchell*? Quando eu estava a falar contigo sobre as vendas, sobre os leilões, lembrei-me do nome *Mitchell*. A pessoa não é importante para nós de todo, mas era um nome ligado a leilões que frequentámos. (Vou tentar descobrir sobre isso.)

Nota: O presidente de uma das duas principais galerias de leilão em Nova Iorque é *Mitchell —*, em cujas salas *E. W. A.* e eu tínhamos licitado muitos artigos. Isso foi sete anos antes desta sessão e este senhor, como observou o controlador, não tinha importância nenhuma para nós. Tínhamos ambos conhecido o principal leiloeiro e lembro-me do nome dele. Tenho a certeza de que não tinha conhecido o presidente. *E. W. A.* pode tê-lo conhecido; se assim foi, tenho a certeza absoluta de que nunca o mencionou a mim. Ambos devemos ter visto o nome dele impresso.

Não haveria mais razão para eu me lembrar do nome "*Mitchell*" do que do nome do presidente de qualquer grande armazém, por exemplo, onde costumo fazer compras. Portanto, registei "*Mitchell*" como uma falha. Cerca de cinco meses mais tarde, aconteceu ver um anúncio destas galerias particulares e li o nome do presidente, *Mitchell* [entre parênteses sob o nome da organização]. Recordou imediatamente o "*Mitchell*" dado pelo controlador. Que eu tenha subconscientemente ligado o nome a leilões parece uma explicação provável.

Suponho que seria considerado um apoio a esta teoria o facto de, a 7 de junho de 1926, quase as primeiras palavras relativas a leilões terem sido estas: "Lembras-te que costumávamos ficar atentos aos anúncios?". Claro que vi muitos anúncios, e muito possivelmente os de *Mitchell* antes de ver um dele cinco meses após a sessão. Mas se um espírito comunica de facto, deve ser exasperante achar tão difícil encontrar qualquer prova que não possa ser plausivelmente atribuída a telepatia da mente consciente do assistente, ou da sua mente subconsciente, ou da mente consciente de alguém à distância, ou da sua mente subconsciente!

Inquiri (1928) nas galerias *A*, e soube que o *Sr. Mitchell K* está lá há mais de dez anos, o que cobre o período em que *E. W. A.* e eu frequentámos leilões nas suas galerias.

COMPARAÇÃO DOS RESULTADOS EXPERIMENTAIS E ESPONTÂNEOS

Nesta secção, a *Sra. Allison* deu as respostas de *Feda* a perguntas particulares feitas para fins evidentes, e também afirmações feitas que não são responsivas a essas perguntas, mas têm a aparência de serem declarações espontâneas despertadas pelas perguntas através da associação de ideias. A *Sra. Allison*, ao apresentar estes extratos de várias sessões, tinha na linha da frente da sua mente o facto de o material ter surgido após terem sido feitas perguntas particulares, e parece não ter pensado em comparar o fator puramente responsivo com o fator espontâneo nas respostas. Isto é ainda melhor, uma vez que liberta o leitor de qualquer suspeita de que as instâncias foram

selecionadas com vista a tal comparação. Elas figuram, portanto, como representativas.

Há muito que me inclino a pensar que é geralmente melhor deixar que as declarações mediúnicas prossigam sem a interjeição de perguntas especiais, se o objetivo é obter evidência. Isto pode ser considerado um facto infeliz, mas temos de aceitar os factos como eles são. Por outro lado, pode ser considerado um facto afortunado, se por várias razões se chegou a favorecer a teoria espiritista. Se a evidência surgisse mais facilmente através da formulação de perguntas específicas, cujas respostas verdadeiras estivessem na mente do questionador, a telepatia da mente do questionador seria fortemente sugerida, uma vez que as condições se aproximariam muito das da experimentação telepática padrão.

Seja como for, vamos resumir brevemente e comparar os resultados nesta secção, por classes, experimentais (respostas diretas a perguntas) e espontâneos (subprodutos das perguntas).

EXPERIMENTAIS

1. Pergunta sobre o Monte Washington

Correto: Três pessoas; incidente divertido; *George* numa situação de estar cansado.

Incorreto: As três pessoas separaram-se; "*Henry*", que tinha falado sobre uma viagem semelhante (pelo menos, "*Henry*" não é reconhecido); trouxe uma imagem (pelo menos, não recordado).

Defeituoso: Ignorar a característica divertida principal e mais bizarra.

2. Visita ao George na Faculdade

Tudo o que nos é dito sobre isto é que, numa série de detalhes em relação a terrenos, portões, edifícios, igreja, avenida de árvores, uma

sala, etc., o *Dr. G. H. Hyslop* "não consegue encontrar nenhuma verificação de relevo".

3. Pergunta do Sr. Feilding

O *Sr. Feilding* diz: "Não consegui encontrar nada de qualquer valor no relatório".

4. Pergunta da Sra. Allison sobre se E. W. A. se recorda de algo sobre Concertos

Resultou uma série de afirmações vagas que poderiam possivelmente aplicar-se a algum concerto ou concertos não recordados pela assistente. Mas o interesse está centrado em instrumentos de corda, enquanto um menor interesse no piano é distintamente insinuado; ao passo que a principal paixão musical de *E. W. A.* era o piano. O seu gosto por música em geral tinha sido declarado espontaneamente numa sessão anterior.

5. Pergunta da Sra. Allison sobre Leilões

Esta não suscitou nenhuma resposta satisfatória na data em que foi feita.

ESPONTÂNEOS

1. Um subproduto da Pergunta sobre o Monte Washington (duas partes; uma em 7 de junho de 1926, a outra em 13 de junho: "há um pouco mais que eu queria dizer em ligação com o *George*").

Declarações

- O mesmo lugar.
- Algo... ligado ao *George*, uma jangada.
- Isso deve ter sido por volta da mesma altura.
- Ligado ao *George* e banhos. Algo que o diverte. Uma discussão sobre isso; uma discussão divertida e um bocado longa sobre banhos.
- Isto foi algo fora do comum de todo [não um banho comum].

- Perguntar ao [*George*] se algo o lembra de barcos à vela? ... os tempos antigos novamente.

Factos

- Na mesma região, 35 ou 40 milhas do *Monte Washington* (o comunicador não poderia ter querido dizer no *Monte Washington*).

- Correto.

- O *Dr. J. H. Hyslop* pensa que o incidente da jangada ocorreu em 1911. O do *Monte Washington* em 1912.

- Correto. Foi um assunto engraçado. *George* contou ao seu pai, que se riu do incidente.

- Não foi um banho numa banheira.

- O *Dr. J. H. Hyslop* não testemunhou o incidente, mas foi-lhe contado e, se vivo, poderia ter-se recordado de barco à vela em vez de canoa. O facto de um barco de algum tipo estar ligado ao incidente do banho é coincidente com a afirmação.

Existem desvios dos factos exatos, o principal dos quais foi que o flutuador, ou "jangada", não estava a atravessar um rio. Tanto "rio" como "atravessar" poderiam ter sido inferências de uma impressão visual mediúnica.

2. Um subproduto da Pergunta sobre o Monte Washington, seguindo uma referência ao Incidente do Banho.

"Um nome um bocado longo começando com uma letra *A*, uma carta escrita há muitos anos com material impresso, ambos tendo a ver com o nome."

Isto sugere de forma bastante forte que pensar na região do *Monte Washington* trouxe à tona a única outra região montanhosa com a qual o *Dr. Hyslop* estava muito familiarizado devido a muitas estadias longas ou curtas em diferentes partes dela — as *Adirondacks*, que seguramente é um "nome um bocado longo". A carta e o anexo não são recordados, mas o *Dr. G. H. Hyslop* pensa que o seu pai pode ter-lhe escrito das *Adirondacks* em 1909 ou antes, e escrever de tal lugar

sobre uma "jornada" — alguma excursão especial de montanha — e enviar algo impresso sobre o lugar, são muito prováveis.

3. Um subproduto da Pergunta sobre a Visita do Dr. Hyslop ao George na Faculdade

Antes da aparente tentativa de responder à pergunta, é declarado que o nome *George* o faz pensar noutro, "*Margie... Margaret*, alguém em quem o *Dr. Hyslop* está interessado, alguém muito mais velha que o *George* que teve muito a ver com o *George* e que agora está morta". Mais tarde é dito que um familiar passou para o outro lado pouco depois da visita ao *George*. Cada afirmação ajusta-se à *Sra. Margaret Hyslop* (exceto a vacilação sobre o nome "*Margaret*").

Por que razão o nome "*George*" faria o *Dr. Hyslop* pensar em "*Margaret*"? Psicologicamente, supor-se-ia, devido ao facto declarado em último lugar, de ela ter morrido pouco depois da visita e assim se ter tornado associada ao período da mesma.

4. Espontâneo

Afirmação de que alguém tinha visto ultimamente o *Dr. Hyslop*, em consequência do seu esforço para mostrar não toda a sua figura, mas apenas o rosto — "não tão bem-sucedido como eu poderia ser". Isto corresponde a uma afirmação semelhante da *Sra. Soule* e a uma experiência não muito impressionante de um amigo do *Dr. Hyslop*.

5. Espontâneo

Afirmação de que o *Dr. Hyslop* pronunciava a palavra "*either*" como se fosse "*eether*". Correto, mas de pouco ou nenhum valor evidente.

XX

DE UMA SESSÃO COM A *SRA. LEONARD*,

7 DE JUNHO DE 1926

A sessão começou com as observações preliminares habituais, depois, FEDA: Estão ambos aqui, o teu próprio senhor quer saber se o sentiste muito particularmente ontem? Ele sentiu-se tão perto ontem,

de manhã e à tarde. Duas vezes fortemente. ["Ontem", 6 de junho, tinha sido o aniversário da passagem de *E. W. A.*.] Alguma vez estiveste a pensar fortemente num livro, como se algo no livro fizesse um elo de certa forma? Continua a receber a palavra "livro". [Não verificado.] Não consegues lembrar-te se estiveste a admirar algumas flores?

Ele viu algumas perto de ti. Consigo dizer-te as cores — perto de ti, malva, uma espécie de malva, também amarelo ou dourado. Outra coisa, viu malva, viu amarelo, ou rosa ou avermelhado. Rosa e vermelho dão-me a mesma vibração, por isso é difícil dizer, difícil dizer a menos que o vermelho seja uma cor profunda e feia. Na verdade, certas cores são mais fáceis para nós de ver. Noto particularmente o amarelo e o rosa ou vermelho, mas o malva e o azul pálido não são tão fortes. Cores pálidas e branco são muito difíceis.

Nota: A *Feda* tem razão. Na noite anterior visitei uma amiga. Havia meia dúzia de taças ou jarras de flores na sala, mas sentei-me mais perto e admirei uma taça de flores malva e também algumas amarelas um pouco mais longe e não prestei atenção particular às rosas cor-de-rosa do outro lado da sala. Isto foi natural, uma vez que prefiro grandemente flores malva e amarelas às cor-de-rosa ou vermelhas.

FEDA: Ele diz que ontem foi um dia agradável. Ele não se refere ao tempo agradável; ele teve um dia agradável contigo, uma espécie de dia feliz no qual se sentiu muito próximo de ti. Ele quer mesmo que te lembres das flores, quer especialmente que penses nelas depois. Nota: "Dia agradável" é muito apropriado, porque as palavras exatas, "que dia agradável tem sido", tinham passado pela minha mente com uma sensação quase de choque por volta da hora do jantar no dia anterior, o qual, como supramencionado, fora o aniversário do falecimento de E. W. A. Embora ambos desvalorizássemos aniversários em geral, este em particular é uma tensão emocional. Por isso, permaneci calmamente no meu quarto o dia inteiro e senti-me muito serena. Esta foi uma das raras ocasiões na minha experiência em que a voz de Feda traiu uma intimidade e ternura que é, por si só, marcantemente evidente, por ser tão apropriada.

FEDA: Mas ele está a rir-se. Tentarás lembrar-te como se algo não te assentasse bem, algures por aqui [passando as mãos pelo decote do seu vestido], uma espécie de sensação de insatisfação que ele teve com isso. Ele diz que às vezes consegue aproximar-se tanto de ti, muito perto mesmo. Ele acha que quase mais ainda recentemente.

Nota: Feda tem razão novamente sobre algo que não assenta bem, algo insatisfatório à volta do pescoço. Eu tinha passado mais de metade do dia anterior a descoser um remate de pescoço mal cozido de um vestido e a cosê-lo novamente à mão.

FEDA: Sabes se vais encontrar alguém que vem de uma viagem muito em breve, que irás ver quase imediatamente? A pessoa é uma senhora, não um homem. Alguém que ainda não veio, que deverá vir muito em breve, porque ele tem a sensação de que algo interessante surgirá daí. Ele sente algo interessante com alguém que vem de uma viagem de navio, bem como de comboio. Ele sente que algo importante para o futuro sairá disso.

Nota: Isto está um pouco confuso. Eu esperava ver uma amiga quase imediatamente, que tinha vindo de Paris para Londres alguns dias antes, mas ela já estava em Londres, embora eu não a tivesse visto, não "a vir", como Feda disse. Algo de muito interessante surgiu daí, pois posteriormente levei esta senhora a uma sessão anónima com a Sra. Leonard, que provou ser muito impressionante. Eu esperava fazer isto, pois esta amiga é ela própria psíquica e eu ansiava por uma experiência interessante, mas não tinha abordado o pedido com a Sra. Leonard, nem o tinha mencionado a mais ninguém, nem a minha amiga em questão tinha falado sobre isso. Na verdade, não havia nada a mencionar. Tinha-lhe dito que, se pudesse arranjar uma sessão para ela, o faria, e o assunto ficou por aí.

FEDA: Tens de ir fazer uma viagem quando saíres daqui, quando saíres de Londres? Uma viagem longa, não ficando lá muito tempo, e depois indo para outra. Quando voltares para casa, não ficarás lá. Ele tem uma sensação forte de que irás para outro lugar qualquer antes de te estabeleceres. Ele quer que saibas que ele sabe sobre isso e que eu posso ajudar-te com isso. Ele diz que não é nada preocupante, aliás, ele está bastante satisfeito com isso.

Nota: Depois de regressar a Nova Iorque, fiquei com uma amiga durante dez dias antes de me "estabelecer". Não tinha ideia de o fazer na data da sessão. Por outro lado, estava mais ou menos à espera de visitar amigos "noutro lugar", mas não o fiz. A amiga que visitei vive em Nova Iorque, a minha própria cidade de residência; a amiga que eu esperava visitar estava no campo, na sua casa de verão. Se por "outro lugar" Feda quer dizer fora da minha residência particular, ela tem razão. Se ela estava a ler a minha mente e queria dizer um lugar diferente, também tem razão, pois isso corresponderia aos meus planos gerais na altura. "Ir para outro lugar", no entanto, parece indicar uma localidade diferente.[2]

[1] Duvido que a Sra. Allison interprete corretamente a observação de Feda no sentido de que a pessoa ainda não tenha feito a viagem de navio e comboio. Ela deve vir "de uma viagem" [*off a journey*], o que penso significar fora de e após a viagem (de acordo com uma das definições de *off* no Standard Dictionary — "afastado de, ou de, de modo a não estar mais em"). Feda não diz que a pessoa fez ou não fez a viagem de navio e comboio, mas apenas que ela vem [ao encontro da Sra. Allison] após ter feito essa viagem. E assim aconteceu. — W. F. P.

[2] Não me parece que "ir para outro lugar" implique necessariamente outra cidade. "Casa" significa, com muita frequência, a habitação de alguém, e este significado pode estar implícito em "estabelecer-se". A dúvida recairia mais sobre "ir para outra [viagem]", que se estaria inclinado a pensar que implicava uma viagem mais longa do que de uma parte da cidade para outra. Ainda assim, foi uma jornada, por mais curta que fosse, e a Sra. Allison não se estabeleceu imediatamente na sua casa, mas "foi para outro lugar" primeiro. — W. F. P.

FEDA: Sabes se há alguém que estiveste a ver há pouco tempo, que o senhor do teste [Dr. Hyslop] sentiu contigo e que parece ser uma ligação com ele? (Desde que cheguei a Inglaterra?)

Isso mesmo. Ele sentiu-se perto de alguém "que é uma ligação comigo". [Feda muda frequentemente da terceira para o que é,

aparentemente, a primeira pessoa.] Alguém que vais ver novamente. (Vou pensar nisso.)

Alguém com quem em breve farias a ligação a ele e interessada também.

Nota: Esta é uma suposição razoável, qualquer que seja a fonte. A Sra. Leonard sabe que estou interessada em Pesquisa Psíquica. No dia 2 de junho, o dia da minha chegada a Londres, tinha assistido a uma reunião da S. P. R. à noite e visto vários membros que poderiam ser chamados de "uma ligação" com o Dr. Hyslop e a quem vi mais tarde novamente.

FEDA: Sabes no local, nos escritórios, sabes se eles estão a mandar esmaltar ou pintar algo agora, como se tivessem estado a falar sobre mandar esmaltar ou pintar algo? E sobre isso? Houve uma fechadura e chave diferentes e tu perderes as tuas chaves e ele falou contigo e deu-te um raspanete? Nada a ver com aquilo [referindo-se aparentemente à pintura mencionada acima]. Desde então tens andado a mexer em chaves, o que deveria lembrar-te do que ele disse.

Nota: Isto está bastante confuso. Eu tinha perdido as minhas chaves frequentemente desde que cheguei a Inglaterra, mas isso é uma ocorrência quase diária comigo. Não identifico "uma fechadura e chave diferentes". Imediatamente antes desta referência, Feda falou dos "escritórios". Em ligação com eles, ela tinha feito uma declaração evidente e interessante na minha sessão de junho de 1924, também pretendendo vir do Dr. Hyslop. Portanto, "escritórios" pode ter sugerido "chaves". Mas também deve ser mencionado que E. W. A., sendo de uma disposição muito ordeira, me tinha frequentemente "dado raspanetes" sobre esse hábito particularmente descuidado. No outono passado, quando três baús precisaram de ser abertos, fui obrigada a chamar um serralheiro; mais tarde, as chaves reapareceram. No inverno anterior, perdi o meu molho de chaves num táxi. As chaves são um grande transtorno para mim. Mesmo enquanto revejo estas notas, a 28 de maio de 1928, o meu molho de chaves desapareceu há alguns dias.

FEDA: Agora o senhor do teste, ele diz que aquilo de que estou a falar não tem nada a ver com as tuas próprias chaves privadas, sobre

tratar de fechar melhor. Algo foi feito muito recentemente. Conheces um lugar que começa por "H" que estava muito ligado à vida terrena dele? Onde ele era muito conhecido e tinha muitos amigos? Isso foi nos seus primeiros tempos. Depois ele voltou lá em anos posteriores. E sob circunstâncias muito diferentes. Quando lá esteve pela primeira vez, como na primeira parte da sua vida, ele nunca teria imaginado que voltaria para lá de uma forma tão diferente. Numa posição tão diferente.

Nota: O Dr. G. H. Hyslop diz: "Isto pode referir-se a Hurricane, Nova Iorque. A família passava os verões de 1897, 1898, 1900 a 1906, inclusive, e 1908 neste lugar. Estivemos depois ausentes até 1919. Durante este último verão, ele estava parcialmente incapacitado com a sua dor ciática, que era sintomática do seu problema prostático."

Isto ajusta-se de forma algo vaga à linguagem empregada. "Um lugar que começa por H" estava "muito ligado à sua vida terrena". Isto foi nos "primeiros tempos", mas dificilmente o que seria comummente chamado de "a primeira parte da sua vida". Quando, após um intervalo de onze anos, ele voltou, voltou "de uma forma tão diferente", no sentido de que já não era um homem saudável, mas estava a iniciar a doença que causou a sua morte em 1920. — W. F. P.

FEDA: Ele diz que tinha uma certa posição própria quando estava na terra. Era um homem importante, mas se o encontrasses numa sala, ele era tão quieto e humilde que não sentias que fosse um grande homem. Muitas pessoas importantes deixam-te desconfortável. Ele era tão acolhedor, muito simples. Não gostava de se vestir com muito apuro. Não gostava de vestir roupas elegantes. Feda vestir-se-ia a cada hora. Ele diz que nunca gostou disso. Sei que houve ocasiões em que as pessoas comentavam sobre mim e se admiravam de eu não me vestir mais do que vestia. Ele sabia que se tinha falado disso, mas não se importava.

Nota do Dr. G. H. Hyslop: "Correto em todos os pormenores. Isto era provavelmente do conhecimento geral." [É verdade, a Sra. Leonard poderia saber estes pormenores e eu costumo assumir, arbitrariamente, ao avaliar evidências, que o que poderia ter sido conhecido, era conhecido. Mas, para ser justa, a fonte capaz de

produzir na sessão de 11 de junho de 1924 a torrente de pormenores verdadeiros relativos à pessoa apontada na sessão de 30 de julho de 1924 como o pai da Sra. Allison, bem poderia ser capaz de fornecer os pormenores sobre o Dr. Hyslop. — W. F. P.]

FEDA: Sabes se ele sofria de uma espécie de indigestão antes de partir? Preocupava-o bastante. Não era perigoso. Ele diz que estou feliz por não a ter agora. Lembro-me de quando cheguei pela primeira vez, fiquei muito contente por descobrir que não tinha males, nem pequenos problemas desse tipo.

Nota do Dr. G. H. Hyslop: "Houve indigestão de tempos a tempos durante os seus últimos nove meses de vida. Não era perigosa, e era algo que em anos anteriores o tinha incomodado de tempos a tempos."

FEDA: Isso faz-me lembrar. Um pouco antes, o teu próprio senhor achou que tinhas andado incomodada com uma constipação. Não era uma constipação comum, mas foi há pouco tempo. Ele não quer que a tenhas outra vez. (Eu estou disposta.)

Nota: Três semanas antes, apanhei uma constipação tão forte que duvidei de conseguir sequer embarcar, e tive de partir com várias coisas por resolver. Por volta de meio do oceano, a minha constipação desapareceu, e não havia vestígios dela na altura da sessão.

FEDA: Ele diz que, enquanto estiveres aqui, ele quer que te mantenhas de boa saúde. Ele diz que já a controlou agora. Ele achava que a terias novamente. Mas ele continua a dizer que não é uma constipação comum. Ele diz que estiveste numa corrente de ar. Ele diz que uma corrente de ar te afeta mais do que imaginas; não te molhaste. Ele sabe sempre mais do que consegue dizer à Feda. (Porque é que é assim?)

Ele continua a repetir que não é de molhado. Tem sido uma corrente de ar, tem apenas um pouco de cuidado; não te sentes ao pé de uma janela com uma porta aberta.

Nota: Sento-me frequentemente numa corrente de ar, aliás, nunca lhe dou atenção, antes a aprecio. Também é verdade que não contraí a minha constipação por me ter molhado.

FEDA: Espera um momento. O que foi aquilo? Algumas pessoas chamam o senhor do teste o 'fessor. Mas ele era um 'fessor, não era apenas chamado de um. Sabes que ele vai contigo imediatamente, no dia seguinte ou dois, ele quer dizer em Londres, onde estarás a falar com mais do que uma pessoa, como um grupo. Ele sabe que vais entrar numa sala onde está o retrato dele, onde as pessoas estariam interessadas. [Verdade. Vou às salas da S. P. R. frequentemente quando estou em Londres.]

Ele diz que não é engraçado, ele sabe que a maioria das pessoas pensa que é tão fácil para nós ler informações das vossas mentes. Ele diz que é extremamente difícil fazê-lo. Ele diz que eu próprio acho muito mais fácil falar de coisas de que não tens conhecimento presente. Tens de fazer alguns preparativos para dormir num quarto diferente? (Espero que não.)

O teu próprio senhor só soube disso esta manhã. Não era no que estavas a pensar. Era mais no que outra pessoa estava a pensar. O teu próprio senhor diz que podes combinar algo sobre isso. Ele espera que não o faças, porque ele gosta bastante do quarto, é como ele lhe chama, um quarto alegre. Mas ele teve aquela sensação como se alguém esta manhã tivesse tido algum plano em mente e fosse fazer uma proposta, mas acho que ele quer que te oponhas a isso. Espero que não te peçam e, por outro lado, espero que peçam. Que sentido faz isso? Se o fizerem, saberás que ele tem razão.

Nota: Nenhuma sugestão para mudar de quarto me foi feita neste período. Possivelmente entra previsão na afirmação de Feda. Várias semanas depois, devido a um mal-entendido e enquanto eu estava ausente do clube onde estava hospedada, regressei e descobri que todas as minhas coisas tinham sido mudadas para outro quarto. Uma reserva anterior, da qual eu nada sabia, tinha sido descoberta para o quarto específico que eu ocupava e, como o hóspede era esperado quase imediatamente, não houve tempo para me consultar. Feda pode ter recebido uma impressão correta e depois procedido a estragá-la com a sua própria interpretação, o que não é um procedimento invulgar nela.

FEDA: O senhor do teste diz que gostaria de explicar que nós, que estamos muitas vezes tão perto de vós, podemos intercetar os pensamentos das pessoas quando elas estão a falar convosco. Se fosses suficientemente sensível, senti-los-ias. Mas nós somos mais sensíveis aos pensamentos, por isso intercetamo-los e recolhemo-los da tua aura. O senhor do teste diz que é bom que nem sempre os recolhas, porque eles iriam preocupar-te, tantos pensamentos sobre ti. Estiveste a falar há pouco sobre algo relacionado com ossos?

Ele diz que estavas a ter uma conversa bastante interessante sobre ortopedia [consertar ossos]. Esqueceste-te; voltará à tua mente. O senhor do teste acredita muito nisso. Não apenas interessado nisso. Ele está interessado em alguém na América que o saiba fazer. Ele está a fingir que está a torcer pescoços. Provavelmente terás um lembrete que trará tudo de volta à tua mente.

Nota: Não me recordo de qualquer conversa sobre ortopedia ou consertar ossos. Feda pareceu ter-se superado em comunicações triviais que eram evidentes, e a sessão foi esmorecendo a partir deste ponto.

RESUMO DAS DECLARAÇÕES NESTA SESSÃO

Correto

Ontem a consulente admirou algumas flores, malva, amarelo e cor-de-rosa ou vermelho; foi uma "espécie de dia feliz" com a consulente, ontem; algo [está implícito ontem] sobre o pescoço do vestido da consulente não assentava bem, de modo que ela estava insatisfeita; uma senhora virá muito em breve [ao encontro da Sra. Allison] após ter feito uma viagem de navio e comboio, e algo interessante e importante sairá disso [do encontro]; a consulente viu alguém desde que veio para Inglaterra que é uma ligação com o Dr. Hyslop, e vê-lo-á novamente (dificilmente evidente).

Sobre o Dr. Hyslop: Simples nas suas maneiras, de modo que não se sentia que ele fosse um grande homem; não gostava de se vestir com roupas elegantes; as pessoas admiravam-se com isso e ele sabia-o, mas não se importava; tinha indigestão antes de falecer.

A consulente teve uma constipação forte recentemente; não veio de se molhar; veio de uma corrente de ar (parece provável, se não certo); a consulente irá em breve a uma sala onde está o retrato do Dr. Hyslop (era extremamente provável que ela fosse às salas da S. P. R., como foi, e o retrato dele quase certamente estaria lá algures, como estava).

Não Recordado

A consulente estava a pensar fortemente, ontem, num livro, que fazia uma ligação de certa forma.

Duvidoso

Depois de uma longa viagem (provável, uma vez que a Sra. Allison era americana), a consulente fará outra (duvidoso se ir para outra parte da cidade deve ser chamado de uma "viagem"); irá para outro lugar antes de se estabelecer (correto); algo a ser esmaltado ou pintado nos escritórios agora (se isto se refere aos escritórios da A. S. P. R., não se sabe se está correto ou não); que alguém estava a pensar em mudar o quarto da consulente (se assim foi, a consulente não foi informada. Mas mais tarde o seu quarto foi mudado abruptamente pela gerência).

Errado

"Uma fechadura e chave diferentes" (não relevante para a consulente); "mexer em chaves deve lembrar-te de quando ele te deu um raspanete." (O Dr. Hyslop nunca lhe tinha dito nada sobre chaves. Mas E. W. A. tinha dado um "raspanete" à consulente sobre o assunto); a consulente teve recentemente uma conversa interessante sobre ortopedia e esqueceu-se (provavelmente não está correto, e se a consulente se tinha esquecido, nenhuma verificação era possível).

XXI

DE UMA SESSÃO COM A SRA. LEONARD,

4 DE JUNHO DE 1927

Após as saudações habituais, Feda disse: "Ambos estão aqui" [Dr. Hyslop e E. W. A.]. Seguiu-se uma referência algo longa à minha saúde precária do inverno anterior, que praticamente todos os meus conhecidos sabiam, e conselhos detalhados sobre o tratamento futuro, sendo estes últimos atribuídos a E. W. A. Os conselhos poderiam ser dados muito apropriadamente por um médico, ou igualmente bem por qualquer outra pessoa sensata. Nenhum conhecimento especial ou profissional foi evidente.

L. W. A.: Feda, como é que ele sabe o que me dizer para fazer? [Certamente uma pista bastante óbvia.]

FEDA: Porque ele tem andado a perguntar do outro lado. Ele acha que tu sabes o que fazer.[1]

L. W. A.: Qual é o canal? FEDA: O da América.

L. W. A.: Diz-me mais especificamente.

FEDA: O 'fessor [Dr. Hyslop] tem de prepará-los em casa para o do "A". Ele está a tentar conseguir algo bom. Ele tem a sensação de que conseguirá.

L. W. A.: Tenta obter o nome.

FEDA: Não o consigo apanhar bem. [Seguiu-se uma tentativa prolongada de dizer o nome.]

Annesly, Anneson, Anneson, Annesly, etc. Anderson, Anderson, Anderson, etc. (À oitava repetição de Anderson, vendo que Feda estava certa, respondi: "Está certo, Feda.")

[1] Em nenhuma das minhas sessões Feda tinha dado pistas sobre a profissão de E. W. A. Após o encerramento desta sessão, teve lugar a seguinte conversa:

L. W. A.: Sra. Leonard, tem alguma ideia de quem é o meu comunicador?

Sra. L.: Acho que é o seu marido.

L. W. A.: Compreendo. Tem alguma ideia de qual era a profissão dele?

Sra. L.: Bem, acho que ele era cirurgião ou médico.

L. W. A.: Porque pensa isso?

Sra. L.: Eu costumava ler artigos de um Dr. Allison no *The Antivivisection Journal*. Não sei o primeiro nome do seu marido, mas pensei que ele pudesse estar ligado a isso. Este era o Dr. Bertrand, ou Bertram Allison. Ele estava interessado principalmente em dieta. Estava a tentar mostrar o efeito dos mesmos alimentos em animais e homens. Já não vejo nenhum há muito tempo, não desde que a senhora veio pela primeira vez, mas liguei-a a este Dr. Allison. Pensei que ele pudesse estar a escrever na América bem como em Inglaterra. Na altura desta conversa, não informei a Sra. Leonard de que a sua conclusão estava incorreta. A 25 de agosto do mesmo ano, a Sra. Leonard escreveu-me: "O nome que eu estava a confundir com o seu era Dr. Allinson, não Allison."

NOTA: Poder-se-ia especular indefinidamente sobre a oportunidade que a mente subconsciente da Sra. Leonard teve em influenciar Feda na construção de uma estrutura intrincada baseada na sua inferência ou suposição de que eu era a esposa deste homem. Por um lado, ela poderia, é verdade, ter feito muitas observações que eu não poderia ter negado nem confirmado, uma vez que E. W. A. nunca tinha discutido os detalhes da sua clínica comigo, mas que tomadas em conjunto teriam feito um quadro muito bonito da vida de um médico. Por outro lado, e uma suposição mais provável, talvez, ela poderia ter feito declarações implicando que E. W. A. era um especialista em dietética, o que teria estado definitivamente errado.

Mas a armadilha perigosa foi evitada. Feda tinha, apesar da conjetura da Sra. Leonard, nunca chegado a dar pistas sobre a profissão dele. Admiro-me um pouco com isso também, se era ele a comunicar. Mas não obtenho alívio quando me viro para a teoria telepática. Se as muitas afirmações verdadeiras feitas derivaram da minha mente, porque é que, uma vez que o facto de E. W. A. ser médico estava constantemente perante a minha mente, esse facto não teria sido também expresso?

Nota: Aqui temos um exemplo da grande dificuldade que a médium sentiu em obter, num estado de transe, um nome que ela conhecia perfeitamente bem no seu estado normal.

FEDA: Mas ele sente que será capaz de obter coisas boas dela. O teu próprio senhor também. O 'fessor irá concentrar-se mais nela. Ele acha que ela será muito parecida com a de Souley, porque ele costumava comunicar através da tua de Souley. Ele espera que ela venha a ser muito parecida com essa.

Nota: A "de Souley", claro, refere-se à Sra. Soule. Alguns dias antes desta sessão, uma consulente americana da Sra. Leonard tinha-me dito que mencionara o nome da Sra. Anderson à Sra. Leonard, como sendo uma médium que se encontrava atualmente na América, acrescentando que ela tinha sido conhecida em Londres como Miss Bacon. A Sra. Leonard ficou muito interessada, pois conhecia e gostava da Sra. Anderson. Naturalmente, a Sra. Leonard não sabia que me tinham dito que a Sra. Anderson lhe fora mencionada. Normalmente, a Sra. Leonard é muito generosa para com outros médiuns. Em transe, ela sugere frequentemente os seus nomes.

FEDA: Agora o teu próprio senhor vai tomar a palavra. Ele quer lembrar-me de algo. Consegues lembrar-te de uma vez em que ele estava a controlar-se [em transe], e te falou sobre leilões?[2]

L. W. A.: Sim.

FEDA: Sabes que algo trouxe isso à tua mente, fez-te pensar muito nisso, porque... Ele cometeu um erro, tu não estavas a pensar em leilões novamente, consegues lembrar-te de que estavas a olhar para alguma coisa?

L. W. A.: Diz-lhe que fiz mais do que olhar.

FEDA: Ele perguntava-se quando é que ias parar. Ele está a rir-se, ele foi um cúmplice. Ele ouve-te a pensar tanto com uma palavra que começa por C. Olha! [desenhando um C no ar] C.

L. W. A.: Qual é a letra seguinte?

FEDA: Parece um l, põe um pedaço assim [desenhando o gancho de um h no ar]. Ch, ch, ch, cheri, cheri, che, chin, ainda não consigo apanhar. Ele terá de o dizer de repente. Ele sabe que estava na tua mente. Para o que é que estavas a olhar para veres uma marca impressa, uma palavra impressa, como se estivesses a olhar atentamente? A olhar para um número, também. Porque é isso que ele

diz. Ele achou muito emocionante. Ele gostou imenso. Ajudou a conseguir algo.

[2] "Leilões" tinha sido sugerido a Feda numa sessão com a Sra. Leonard no ano anterior, 7 de junho de 1926, de modo a tentar estimular a memória do suposto comunicador. Na sessão seguinte, 13 de junho de 1926, o controlador pessoal, dito ser o de E. W. A., recordou o tema dos leilões com um acerto evidente e marcante.

C, depois um pedaço comprido e um gancho, H — não *Hell* [inferno], ele diz para não dizer *Hell*, diz L. O som de *Hell* não é importante [com satisfação maliciosa por ter um motivo legítimo para repetir o som de H]. Depois do H uma letra pequena, cheri, soa como, soa como *chicken* [frango], não, não está bem, cheri, ch, ch.

L. W. A.: Feda, pergunta-lhe, para que serve isso?

FEDA: Ele quer jogar algo nisso, levantando e colocando com cuidado. Poderias ter mais do que uma coisa? Ele está a fingir que se afasta e admira. O que é que ele está a tentar fazer? Abrir algo? Depois ele finge como se pudesse colocar algo dentro, dentro, não, não isso, não dentro mas em cima. Mas há algo que podes abrir. Não haveria algo brilhante?

L. W. A.: Brilhante?

FEDA: Brilhante e reluzente. Oh, ele está a tentar fazer-me sentir algo terrivelmente agradável e liso, como polido, algo redondo. A superfície algo arredondada, moldada e curva. Sobre o que é que estavas um pouco na dúvida? Pensando especialmente no tamanho. Na dúvida, como se, será que terá o tamanho certo? Ajustando coisas. Com o olho da tua mente. [Para o comunicador.] O que é que pensaste que terias de mudar de lugar? [Voltando-se para a consulente.] Porque tenho a sensação de que algo teria de ser mudado de lugar para isso. Pensarás nisso depois.

Mas estava a lembrá-lo tanto dos velhos tempos. Cuidado ao mudá-lo. Cuidado ao mudá-lo. Levantando e mudando. Precauções especiais. Cuidado para não bater. Foi cometido um pequeno erro sobre a altura em que farias algo em relação a isso. Ele sabe que tem razão. Houve algo, não muito, um erro em relação a isso, como um

mal-entendido. Pensaste nisso, ficaste um pouco irritada. Mas isso, algo foi resolvido. Outra coisa que ele teria gostado e não conseguiu. Não consigo ver a palavra. Quando eu a tiver esquecido, ele dirá subitamente. Ele diz que há algo nesta sala que o sugere, não é realmente igual.

L. W. A.: Bem, olharei mais tarde.

FEDA: Aquele lado da sala [apontando para o canto direito]. Não é realmente igual, mas sugere-o. Mas ele estava terrivelmente interessado. Sempre que fazes algo desse género, leva-o de volta aos velhos tempos. Ele está sempre nisso contigo. Sabes que houve uma coincidência bastante curiosa com um nome. Creio que um nome próprio. Coincidência curiosa ligada a isso. Estávamos muito interessados na altura sobre a mesma circunstância. Ele continua a sentir que há um nome próprio que parece lembrar-me de um nome que era muito usado nos velhos tempos, quando fazíamos as mesmas coisas juntos. Ele sentiu-o, mas talvez tu não saibas como é que isso o atingiria. Tu também o conhecias, mas talvez não te tenhas lembrado, mas ele sentiu-o imediatamente no nome "Ch". Um nome próprio ligado a isso.

L. W. A.: Oh, já sei o que queres dizer, Feda. Acaba de me ocorrer.

FEDA: O que é que o B tem a ver com isso também? Não é nenhuma das coisas de que ele falou. Mas havia algo neste mesmo lugar. Estou a sentir que o nome B é curto, um som de o. Soa como Bo. O Bo voltará muito em breve, muito cedo. Entretanto, Bo estava ligado àquele lugar, também. Ele ainda está a tentar o nome com C. Che, Che, chersce, ele não consegue apanhar bem. Houve algo nisso que pensaste que seria bom ter mandado fazer? Algo para fazer para o aperfeiçoar? Como tocar-lhe e dizer: "Vou mandar fazer isto."

L. W. A.: Sim, está certo, Feda.

FEDA: Talvez outras pessoas pudessem não ter pensado nisso, mas tu disseste: "Vou mandar fazer isto." E ele queria que fosse feito, ele não gostaria que tivesse sido deixado assim. Ter negligenciado isso teria estragado tudo. Mas ele está a rir-se de ti. Porque é que isso

te deu vontade de ser um pouco extravagante noutras coisas? Porque ele está a provocar-te com isso.

L. W. A.: Diz-lhe que o rabo costuma ir com o couro.

FEDA: Não sei o que isso significa. Rabos e couros.

L. W. A.: Bem, sabes que muitas vezes, quando se foi bastante extravagante, sente-se que não sobrou o suficiente que valha a pena poupar e mais vale gastar isso também. A isso chama-se deixar ir o rabo com o couro.

FEDA: Isso descreve bem a situação. Só que não havia muito rabo para ir. Ele sentia de alguma forma como se quisesse guardar as coisas e fingia que todos iriam invejá-las. Mas, embora ele te esteja a provocar um pouco, está satisfeito com isso. Ele acha que não poderias ter errado. Não foi extravagante, na verdade, mas um investimento. Não foi realmente extravagância, foi um investimento.

As afirmações de Feda pareceram-me referir-se a uma compra que eu fizera no Caledonian Market no dia anterior à sessão, mas, ansiosa por não projetar nada nelas, submeti-as a doze pessoas sob a forma do seguinte questionário, omitindo apenas os pormenores que se aplicavam ao tipo particular de artigo que eu tinha comprado e não ao artigo em geral:

QUESTIONÁRIO

1. Começa com ch depois letra pequena. Soa como che.
2. Para jogar algo nisso, levantando e colocando com cuidado.
3. Mais do que uma coisa.
4. Algo agradável e liso, como polido.
5. Algo redondo.
6. Ajustando coisas com o olho da mente.
7. O que é que pensaste que terias de mudar de lugar?
8. Cuidado ao mudá-lo.
9. Levantando e mudando.
10. Precauções especiais.
11. Soa como che... che... chersce.

O que é que o acima exposto lhe sugere? O que o sugeriu primeiro?

Das doze pessoas a quem enviei o questionário, na maioria pessoas que não conhecia e sugeridas pela Miss Newton, onze responderam Xadrez (*Chess*), e em resposta à segunda pergunta, "O que o sugeriu primeiro?":

Duas disseram 2. Duas disseram 6 e 7. Uma disse 4. Uma disse 11 e 6. Duas disseram 1. Uma disse: "Mais do que uma coisa a mover-se." Uma disse 1 e 2. Uma disse 8.

O Sr. Piddington escreveu: "Eu diria que a resposta ao seu enigma é um tabuleiro de damas (*draughts-board*), ou como creio que lhe chamam nos Estados Unidos, um tabuleiro de *checkers*. 'Che... che... chersce' representaria '*checkers*', ou possivelmente '*chess*' (xadrez), sendo um tabuleiro de xadrez igual a um de damas. 'Algo redondo' representaria a peça de damas, como lhe chamamos, ou seja, uma das vinte e quatro peças redondas de madeira ou marfim com que se joga o jogo.

Se esta solução estiver correta, seria interessante descobrir junto da Sra. Leonard como é que ela chama a um tabuleiro de damas. Penso ser possível que o termo '*Checkers*' ou '*Chequers*' seja usado nalguns distritos rurais da Inglaterra para damas."

[3] Na sessão, seguindo a sugestão do Sr. Piddington, quando a Sra. Leonard entrou na sala e eu estava ocupada a examinar os objetos no armário, teve lugar a seguinte conversa, da qual tomei notas na altura:

L. W. A.: Sra. Leonard, se isto fosse usado para jogar alguma coisa [indicando a caixa], o que é que lhe sugere? Sra. L.: Quer dizer xadrez (*chess*)? L. W. A.: Sim. Sra. L.: É um dos poucos jogos de interior que joguei — tínhamos uma caixa parecida com essa para guardar as peças. Que engraçado a senhora lembrar-me disso, não pensava nisso há trinta anos, nunca olhei para um tabuleiro de xadrez, nem falei sobre isso desde então.

Creio que não vi um tabuleiro nem assisti a um jogo nestes anos todos. Talvez tenha visto um numa loja sem reparar. Talvez tenha

ficado farta porque o meu pai era muito fã, por isso eu tinha de jogar. O meu marido não joga — não gosta de damas (*draughts*) nem de nada do género; ele é bastante bom nas cartas.

Isto parece decisivo — a Sra. Leonard não utiliza o termo "*checkers*", mas sim "*draughts*", e é tanto mais certo que "che-chersce" significa *chess* (xadrez), e não *checkers* (damas).

Mas as peças de xadrez são redondas na base. E aconteceu que, enquanto eu continuava a falar com a Sra. Leonard sobre xadrez, sem revelar o motivo para o fazer, ela falou das "peças redondas com que se joga num tabuleiro de xadrez".

"Pergunta-me o que sugeriu primeiro o tabuleiro de damas (*checkers*) para mim? 'Che... che... chersce' sugeriu primeiro 'Xadrez' (*Chess*); mas o xadrez não explicaria o 'algo redondo', e por isso o jogo de damas (*draughts*) veio-me à mente, e pensei recordar-me que vocês na América lhe chamam *checkers*."

A sétima pergunta, "O que é que pensa que teria de mudar de lugar?", está sujeita a críticas, uma vez que foi imediatamente seguida no texto da sessão por: "Porque tenho a sensação de que algo teria de ser mudado de lugar para isso." O "algo" poderia facilmente ser um objeto que teria de ser removido de modo a arranjar lugar para aquilo que Feda estava a descrever. No entanto, "O que é que pensas que terias de mudar de lugar?" foi dirigido ao suposto comunicador e posteriormente interpretado por Feda.

Os consulentes familiarizados com o *modus operandi* da mediunidade da Sra. Leonard concordarão, creio eu, que Feda enfraquece frequentemente boas evidências com as suas próprias interpretações das suas primeiras impressões. Além disso, a forma dramática como ela faz as suas observações é impressionante. Inclinando-se para a frente e para longe da consulente, com a cabeça erguida, a médium pareceu escutar atentamente durante vários momentos, após o que Feda perguntou ao comunicador, de forma intrigada:

"O que é que pensas que terias de mudar de lugar?" Mais alguns momentos de "escuta", quando a médium retomou a sua posição habitual, sentada direita na cadeira e inclinando-se para a consulente,

continuou com uma voz quase suplicante, como se esperasse ser compreendida: "Porque tenho a sensação de que algo teria de ser mudado de lugar para isso."

O resultado do questionário confirmou a minha interpretação do extrato. Agora, quanto aos factos. No dia anterior, 3 de junho, fui ao Caledonian Market com dois conhecidos (conhecidos pela primeira vez no barco e ignorantes do meu interesse em pesquisa psíquica) e, depois de caminhar pelo local durante talvez meia hora, interessei-me por um conjunto de xadrez exposto numa das bancas.

Perguntei o preço, que me pareceu exorbitante. Decidi não comprar e afastei-me arrependida e algo irritada, comentando com os meus companheiros: "Oh, eles detetam sempre os americanos e pedem preços de Bond Street." Posteriormente, o vendedor abordou-me várias vezes, retirando de cada vez alguns xelins ao preço original, até que finalmente consenti.

Quando a transação foi concluída, o homem, lembrado pela mulher de uma caixa que acompanhava o conjunto, trouxe de debaixo da banca uma caixa ou estojo forrado a couro, cuja aba estava rasgada. Vendo um nome, disse aos meus companheiros: "Posso mandar reparar isto", e olhei mais atentamente à procura de um número. Não encontrando nenhum, comentei que poderia encontrar o endereço na lista telefónica, pois ninguém mudava de casa em Londres (uma crença comum entre americanos).

Ver-se-á já que houve várias coincidências entre as referências de Feda e este incidente. O resumo seguinte mostrará mais correspondências:

Afirmações de Feda	Verificação
Uma palavra que começa por C, a letra seguinte parece um l, põe um pedaço [desenha o gancho do h] Ch... ... che... chersce.	Xadrez (*Chess*).
Para o que é que estavas a olhar para veres uma marca impressa, uma palavra impressa,	Olhei para o nome na caixa, e particularmente para o número, ou

como se estivesses a olhar atentamente? A olhar para um número, também.

Ele quer jogar algo nisso. Levantando e colocando com cuidado.

O que é que ele está a tentar abrir?

Ele poderia colocar algo dentro, não, não dentro, mas em cima.

Brilhante e reluzente, agradável e liso, polido, algo redondo. A superfície algo arredondada, moldada e curva.

Ajustando coisas com o olho da mente.

Lembrou-o dos velhos tempos.

endereço, para que pudesse enviá-la ao fabricante para ser reparada.

Isto foi em resposta à minha pergunta: "Feda, pergunta-lhe para que serve?", uma vez que C e Ch se ajustavam igualmente bem a *China* (loiça) e *Chair* (cadeira), objetos frequentemente obtidos em leilões.

O tabuleiro de xadrez tem dobradiças ao meio, como uma caixa, e abre-se ficando plano para formar o tabuleiro.

Neste conjunto particular, as peças de xadrez estão equipadas com um parafuso na base que permite que sejam fixadas no tabuleiro ao premir quatro botões.

As peças de xadrez são de marfim, com bases redondas; metade das peças são de um vermelho brilhante.

Xadrez (*Chess*).

Esta referência, e a de ele ser um cúmplice, lembram-me os dias em que era habitual irmos à caça de tesouros e frequentarmos leilões.

Afirmações de Feda	Verificação
Precauções especiais. Cuidado para não bater.	Existe um dispositivo especial fixado a este conjunto particular pelo qual as peças de xadrez são fixadas nas suas posições, impedindo assim que caiam ou sejam perturbadas.
Foi cometido um pequeno erro sobre a altura em que farias algo em relação a isso... Houve algo, não muito... ficaste um pouco irritada. Mas isso, algo foi resolvido.	Não comprei o conjunto de xadrez durante algum tempo depois de o ter visto e perguntado o preço. Achei o preço exorbitante, e isso irritou-me, pois queria mesmo o conjunto. Esse algo foi resolvido.
Ele diz que há algo nesta sala que o sugere, não é realmente igual. Aquele lado da sala.	Um armário encostado à parede, para o qual a médium apontou, continha vários ornamentos. Examinei-os enquanto esperava pela Sra. Leonard antes de uma sessão posterior. Havia uma caixa retangular embutida que achei que poderia perfeitamente conter um conjunto de xadrez. Abri-a e encontrei-a vazia. [Ver nota acima sobre a impressão da Sra. Leonard acerca da caixa.]
Ele estava terrivelmente interessado. Sempre que fazes algo desse género, leva-o de volta aos velhos tempos. Coincidência com um nome, creio que um nome próprio... que parece lembrar-me de um nome que era muito usado nos velhos tempos... Ele sentiu-o...	Isto aplica-se ao nosso costume de ir a leilões e à caça de tesouros juntos. [Ver acima.] O nome na caixa é Jacques. O maior amigo de E. W. A., de quem víamos muito, exceto nos últimos cinco anos, chamava-se Jack.

Afirmações de Feda

Verificação

mas talvez tu não te tenhas lembrado, mas ele sentiu-o imediatamente no nome Ch. Um nome próprio ligado a isso.

O que é que o B tem a ver com isso também?... Havia algo neste mesmo lugar... o nome B é curto, um som de o, som como Bo. O Bo voltará muito em breve... BO estava ligado àquele lugar, também. Ele ainda está a tentar o nome com C. Che, che, chersce, ele não consegue apanhar bem.

Isto sugere a caixa, que estava intimamente ligada à referência imediatamente anterior, uma vez que foi por causa da aba danificada que olhei atentamente para o nome Jacques.

Houve algo nisso que pensaste que seria bom ter mandado fazer? Algo para fazer para o aperfeiçoar. Como tocar-lhe e dizer: "Vou mandar fazer isto."

Reparações na aba.

Talvez outras pessoas pudessem não ter pensado nisso, mas tu disseste: "Vou mandar fazer isto", e ele queria que fosse feito, ele não gostaria que tivesse sido deixado assim. Ter negligenciado isso teria estragado tudo.

A aba estava rasgada apenas cerca de cinco centímetros e muitas pessoas poderiam não se ter importado. Mas seria característico de mim, ou descartar a caixa por completo, ou mandá-la reparar, e igualmente característico de E. W. A. Mais tarde, em Paris, vi na vitrina de uma loja um conjunto de xadrez que era quase um duplicado do que eu tinha comprado. Entrei, perguntei o preço e fiquei espantada por ser mais de dez vezes o que eu tinha pago.

Afirmações de Feda	Verificação
Não extravagante, mas um investimento.	[Sem anotação de verificação adicional no original].

Exportar para Sheets

Existem três fontes possíveis para as afirmações verídicas de Feda, a saber: telepatia, clarividência e a personalidade sobrevivente do suposto comunicador.

Relativamente à primeira hipótese. Embora eu compreenda que possa ter havido alguma telepatia em ligação com os pormenores fornecidos após eu ter reconhecido as referências de Feda, e também que possa ter havido telepatia subconsciente ao longo da sessão, o incidente do tabuleiro de xadrez é apenas um de muitos incidentes pessoalmente interessantes que vinham a ocorrer todos os dias desde que cheguei a Londres, no final de maio. Posso ter ligado subconscientemente o facto a E. W. A. devido às associações entre nós no que toca ao nosso hábito de andarmos juntos à caça de raridades, e também no que toca ao jogo de xadrez.

Três associações definitivas surgem-me especialmente à mente com a palavra xadrez: aprendi a jogar em Capri, que recordo sempre como o local mais encantador onde E. W. A. e eu passámos qualquer período de tempo considerável juntos; o único indiano que conheci ensinou-me a jogar; queixei-me frequentemente durante os oito anos seguintes que E. W. A. não se deixava convencer a interessar-se pelo jogo, e ele respondia geralmente que não estava "à procura de uma sentença perpétua". A multidão de associações que me surge à mente com a palavra "leilões" é muito mais confusa. Poderia recordar dezenas de incidentes se pensasse neles, mas não existem nenhuns marcantes e espontâneos, como acontece com o xadrez.

Feda pode, portanto, ter lido telepaticamente a minha mente subconsciente. Mas se assim fosse, eu esperaria a intrusão de muitas dessas associações próximas, e parece-me curioso que Feda seja capaz de ignorar a multidão de associações que surgem na minha mente perante as ideias de "leilões" e "xadrez", e selecionar apenas aquelas que se aplicam ao incidente no Caledonian Market. É verdade que

existem uma ou duas intrusões do passado, por exemplo, o nome Jack. As minhas associações com "xadrez" não incluem quaisquer memórias especiais do amigo de E. W. A., Jack, nem o nome Jacques me fez lembrar dele até que Feda o sugeriu na sessão. Posso ter ligado os dois subconscientemente, mas mais uma vez isso mostraria uma triagem inteligente da minha mente em busca de uma associação particularmente apropriada para apresentar como uma comunicação de E. W. A.

Relativamente à hipótese de clarividência. A médium ou Feda podem ter visto de forma clarividente o incidente enquanto este ocorria. Neste caso, deve ter havido também telepatia, a menos que, em impressões clarividentes deste tipo, o "vidente" veja também a mente da pessoa em questão e as suas reações ao evento. Mais uma vez, entra aqui o princípio da seleção, pois por que razão foi apenas a minha mente lida, e não a do homem que vendeu o conjunto de xadrez, ou a da sua esposa, mentes que deviam estar ambas concentradas na transação, ou a mente do cavalheiro ou da sua esposa, que me acompanhavam, tendo o primeiro dito, ao sairmos do mercado, que se eu não tivesse comprado o conjunto de xadrez ele o teria levado para um grande amigo seu na América por um preço mais alto, pois não conseguia pensar em presente mais aceitável para o seu amigo?

A terceira hipótese é que E. W. A. estivesse a tentar comunicar através de Feda. Em apoio a esta hipótese, a comunicação era característica dele, o incidente era particularmente apropriado para a sua atenção, e a referência ao seu velho amigo Jack era-lhe mais natural do que a mim — tanto quanto consigo perceber.

XXII

EXPERIÊNCIAS COM A SRA. DOWDEN

Na sexta-feira, 6 de junho de 1924, numa sessão com a Sra. Osborne Leonard, perto de Londres, que, como de costume, trabalhava em transe e controlada por Feda, foi feita a seguinte previsão, que parece ter relevância para as sessões com Dowden que constituem o cerne deste relatório. Na altura desta sessão, eu conhecia

a Sra. Dowden apenas pela sua reputação em ligação com os manuscritos de Oscar Wilde.

Excerto da sessão com Leonard, controlador de Feda:

FEDA: Então ele [o suposto Dr. Hyslop] diz: "Ambos vamos falar contigo através da escrita em breve."

Nota: O "ambos" referia-se ao Dr. Hyslop, que pretendia ser o comunicador principal, e ao Dr. Allison, que pretendia acompanhá-lo. Este excerto é um fragmento de uma longa série de muitas comunicações verídicas recebidas através da Sra. Leonard.

FEDA: Eles vão ambos ter com alguém a quem serás levada em breve, através de quem eles conseguirão obter uma boa escrita. O teu senhor também. Sinto que é uma condição que já conheces. Não vais já. Um pouco mais tarde. Eles acham que não conseguirás essa escrita antes destas poucas sessões com Feda. Eles querem que saibas isso. Vão pôr-te em contacto com uma pessoa que fará escrita.

Nota: Eu não tinha quaisquer planos em mente para tal trabalho com quem quer que fosse.

FEDA: Não estarás sozinha. Alguém contigo. Mesma condição.

Nota: Estive sozinha nas três sessões aqui relatadas, mas nalgumas das subsequentes estiveram outros presentes.

FEDA: Vais ter outras sessões de um tipo diferente das de Feda. Desta vez automáticas. Eles estarão lá e farão o melhor que puderem.

[5] A Sra. Allison forneceu o seu próprio resumo e comentários, pelo que não é necessário que eu o faça. — W. P. P.

[1] Reimpressão do Journal of A. S. P. R., de fevereiro de 1925. A Sra. Dowden, anteriormente conhecida como Sra. Travers-Smith, retomou o nome do pai.

Eles têm a ideia de que é uma sessão mais física do que esta. [Provou ser assim no sentido de que seria usado um tabuleiro ouija ou lápis, enquanto nenhum instrumento mecânico é usado no trabalho da Sra. Leonard.] Como se eles fossem capazes de fazer voz, mais para o que chamam fenómenos físicos.

Nota: Isto não se provou verdadeiro. Feda, como muitos controladores, é viciada em interpretações, erróneas e outras.

Duas semanas mais tarde, num chá com a Sra. de Crespigny, no decurso da conversa, ela mencionou casualmente o nome da Sra. Dowden. Manifestei interesse, e a Sra. de Crespigny voluntariou-se para organizar uma sessão anónima para mim com a Sra. Dowden. Vários dias depois, a Sra. de Crespigny escreveu-me dizendo que eu poderia telefonar à Sra. Dowden e marcar a minha consulta mencionando o nome da Sra. de Crespigny e não o meu próprio. Cumpri estas instruções. Anexo a declaração da Sra. de Crespigny:

"Artillery Mansions, Westminster, S. W. 1., 26 de out. de 1924.

Marquei a consulta para a Sra. Allison com a Sra. Dowden sem mencionar o seu nome — limitando-me a pedi-la para 'uma amiga' — e eu nada sabia sobre a vida da Sra. Allison na América nem sobre os seus amigos. — ROSE CH. DE CRESPIGNY."

Anexo ainda a declaração da Sra. Dowden:

"Londres, 22 de nov. de 1924.

Em julho de 1924, a Sra. Edward Wood Allison ligou-me um dia, dizendo que tinha sido apresentada pela Sra. Champion de Crespigny e que não desejava dar o seu nome. A primeira sessão com a Sra. Allison foi dada sob a condição de a sua identidade me ser absolutamente desconhecida. Eu nem sequer tinha ouvido falar dela antes. — HESTER DOWDEN."

Nota: Será aparente que a memória da Sra. Dowden sobre a primeira sessão falha por alguns dias em relação ao tempo real. O grosso do seu trabalho para mim foi feito em julho. Deve-se notar também especialmente que, em todo o meu conhecimento, vivo ou morto, nenhuma outra pessoa além do comunicador poderia ter dado as respostas corretas às minhas perguntas. Estas pediam nomes associados a contactos do comunicador, amplamente diversos no tempo e na localidade.

REGISTO DA SESSÃO COM A SRA. DOWDEN, LONDRES, 27 DE JUNHO DE 1924

A Sra. Dowden abriu a porta e convidou-me a entrar na sua sala de estar. Observei que estava muito satisfeita por ter a oportunidade de me sentar com ela, pois tinha estado particularmente interessada nos manuscritos de Oscar Wilde. Ato contínuo, ela contou-me, com alguma extensão, as circunstâncias em que esses manuscritos foram feitos. Preparou então o seu tabuleiro ouija e perguntou se eu tinha trazido algo pertencente às pessoas com quem desejava comunicar. Apresentei uma série de artigos e selecionei uma bolsa de tabaco de camurça cinzenta, fechada, mas contendo um cachimbo e alguns pequenos pacotes de tabaco.

Estava embrulhada em papel preto, que a Sra. Dowden, com a minha permissão, removeu para garantir o contacto direto. Colocou a bolsa perto do ponteiro do tabuleiro ouija e disse: "Quer perguntar o nome da pessoa a quem isto pertenceu?" Respondi que parecia um teste demasiado severo e que teria prazer em ouvir o que quer que o comunicador desejasse dizer. Mas a Sra. Dowden preferiu a pergunta definida, pelo que a fiz.

L. W. A.: Podes dizer-me a quem pertence esta bolsa? OUIJA: Edward. L. W. A.: Correto. Podes dar-me o nome pelo qual eras sempre tratado? OUIJA: Ned. L. W. A.: Está certo. Diz-me quem se casou no outro dia. [Sem resposta. Repeti a pergunta.] MÉDIUM: Não creio que eles consigam responder a isso. Não creio que prestem atenção às coisas que se passam aqui. É melhor perguntar algo de que ele se lembrasse.

Nota: O nome pedido foi obtido numa sessão subsequente como resposta a uma pergunta formulada para despertar a memória no comunicador que, naturalmente, não tinha memória do casamento aqui referido. Ver página 170. Qual é a relevância da telepatia por parte da consulente num caso deste tipo?

L. W. A.: Podes dizer-me quem te deu a bolsa? OUIJA: Anita. L. W. A. [excitada]: Isto é absolutamente espantoso. Onde é que ela te deu isso?

Nota: Houve várias tentativas infrutíferas de dar o nome, por isso descansámos. A Sra. Dowden explicou que nunca era proveitoso continuar após uma fadiga aparente. O nome "Anita" está correto,

sendo o da amiga que tinha dado a bolsa de tabaco ao suposto comunicador cerca de doze anos antes. Ela estava, nesta altura, na sua casa, a mais de quatro mil milhas de distância do local desta sessão.

As notas acima foram tomadas em parte em taquigrafia e em parte por extenso e são essencialmente corretas e não expurgadas. Notas verbais completas foram intermitentemente impossibilitadas pelo facto de a médium me pedir frequentemente para colocar a minha mão sobre a sua para adicionar energia. No entanto, a minha mão era retirada e estava no meu colo em todos os casos antes de o ponteiro ouija começar a deslocar-se. Durante estes intervalos, punha as minhas notas em dia sobre o que tinha sido dito. As mensagens de ouija foram registadas quando e conforme dadas.

SECÇÃO DOIS

Nesta parte da sessão, seguimos um método diferente, por instância da Sra. Dowden. Ela trouxe algumas folhas grandes de papel e lápis para escrita automática. A Sra. Dowden colocou um lápis na minha mão e cobriu a minha mão com a sua. Retomou o fio da sessão no ponto em que tínhamos interrompido e perguntou:

MÉDIUM: Onde é que ela te deu isso? LÁPIS: Ned Londan [sic].

Nota: O L estava mal formado e o segundo o assemelhava-se a um a. Londres era a resposta correta. Estou perfeitamente certa de que retardei a ação do lápis, que segurava com muita flacidez, temendo dar assistência. A mão da médium guiava a minha, aliás, empurrava-a para a frente.

L. W. A.: Podes dar-me o teu apelido? LÁPIS: All [rabisco].

Nota: Escrito imperfeitamente, mas reconhecível.

L. W. A.: Podes dar o teu nome do meio? LÁPIS: Wood. L. W. A.: Bem! LÁPIS: Edward. L. W. A.: Queres tentar o último nome outra vez?

Nota: Seguiu-se uma série de tentativas que se assemelhavam ao nome no seu contorno geral, mas eram demasiado imprecisas, pelo que o abandonámos por enquanto.

LÁPIS: Lydia [indistinto e rabiscado]. Lydia [muito claramente]. Nota: Nome correto da consulente. LÁPIS: Wood. Nota: Nome do meio correto do suposto comunicador.

Estes dois esforços espontâneos, "Lydia" e "Wood", como se observará, representam uma continuidade de associação.

Descansámos durante algum tempo e tomámos chá. Tive o cuidado de não dizer nada que pudesse dar à médium uma pista sobre mim. Ela evidentemente percebeu que eu estava interessada em pesquisa psíquica. Falou-me de ter enviado parte do manuscrito de Oscar Wilde para a América para uma opinião pericial sobre a caligrafia, e falou também das suas próprias experiências iniciais em pesquisa psíquica, que antecederam em alguns anos o desenvolvimento do seu próprio automatismo.

SECÇÃO TRÊS

Retomámos com o tabuleiro ouija. A médium colocou o ponteiro em contacto com a bolsa de tabaco, e depois pediu-me para colocar os meus dedos nas costas da sua mão. Fi-lo, muito levemente, recuando de certa forma, temendo dar assistência. [Ver comentários a seguir a esta Secção.]

MÉDIUM: Queres fazer uma pergunta? L. W. A.: Ned, és mesmo tu? [desafiadora e determinada a levar as perguntas ao extremo]. OUIJA: Eu diria que sim. L. W. A.: Bem, então, quem é que permitiste que comunicasse no teu lugar nas minhas sessões recentemente? OUIJA: James Hyslop. [Correto, nas sessões de Osborne Leonard.] L. W. A.: Esplêndido! Que nome é que ele mencionou? OUIJA: Prince. [Correto, nas sessões de Osborne Leonard.] L. W. A.: Quem mais? OUIJA: Bruton.

Nota: A ação tinha-se tornado débil. O nome "Bruton" era-me desconhecido. No entanto, senti, e ainda sinto, que poderia marcar o ponto alto da sessão, porque na série Osborne-Leonard o suposto Dr. Hyslop tinha descrito uma série de pessoas que me eram desconhecidas e que ainda não foram identificadas. A verificação do nome "Bruton" eliminaria aqui a aplicação da hipótese telepática.

L. W. A.: Não importa. Tenta dar-me o nome da tua irmã. OUIJA: Anna.

Nota: Nome cristão correto, embora não o usado pelo suposto comunicador ao dirigir-se a ela. Isto está de acordo com a minha experiência, tanto aqui como noutros locais, em relação a nomes de batismo. Mesmo que a alcunha fosse habitualmente usada em vida, raramente é dada primeiro e é muitas vezes omitida. Compare-se com "Edward-Ned" acima. Nunca ouvi ninguém dirigir-se a ele pelo seu nome de batismo, embora o usasse regularmente na sua assinatura.

L. W. A.: Bem! E o nome da tua outra irmã? OUIJA: Mary. L. W. A.: Esplêndido! Agora podes dar-me o teu apelido? OUIJA [lentamente]: Allesn-Allis n-Allison. Nota: O último está correto.

O memorando de nomes dado na Secção Três foi feito imediatamente, concordando a médium e a consulente na ordem em que tinham sido dados. A médium, regra geral, escreve muito rapidamente. Se, após uma pergunta ser feita, o ponteiro hesitasse, ela dizia de forma encorajadora: "Consegue dar apenas a primeira letra? Tente a primeira letra." O resultado, exceto no caso de "Allison", veio como um relâmpago. A Sra. Dowden observou que tinha notado que eu estava a retardar a sua mão, mas que estava perfeitamente disposta a que eu o fizesse.

EXCERTOS DO REGISTO TAQUIGRÁFICO DA SESSÃO COM DOWDEN, 3 DE JULHO DE 1924

A Sra. Dowden preparou o tabuleiro ouija, esfregou o ponteiro contra a mesma bolsa de tabaco e disse, dirigindo-se ao seu guia habitual:

MÉDIUM: Johannes, queres chamá-lo? OUIJA: Consigo facilmente. MÉDIUM: Faz isso, por favor. L. W. A.: Acha que conseguiria trabalhar inteiramente sem a minha mão? O que quer que venha, se estiver correto, terá um valor evidente muito maior. MÉDIUM: Vou tentar. [Isto deixou-me livre para tomar notas taquigráficas.] OUIJA: Edward Allison está aqui. [Pausa.] Ela consegue perceber as coisas. Devo trazer o Hyslop? L. W. A.: Sim, se voltares mais tarde. OUIJA: Com certeza [*Sure*]. [Pausa. Esta

resposta, se em tom de brincadeira, era característica do suposto comunicador.]

Neste ponto, a Sra. Dowden, de sua livre vontade, desviou a cabeça do tabuleiro e fechou os olhos, mantendo esta posição durante o resto da sessão. Pediu-me também para não dizer as letras em voz alta à medida que eram dadas, pois isso poderia dar-lhe uma pista, nem para mencionar a palavra completa mais tarde. Segui as suas instruções. Durante toda a sessão, as minhas mãos permaneceram no meu colo.

OUIJA: James Hyslop está aqui. L. W. A.: Obrigada por vires. Podes dizer-me quem acaba de chegar a Londres em quem estejas especialmente interessado? OUIJA: Tubby. L. W. A.: Bem.

Nota: A Miss Tubby, há muitos anos estreitamente associada ao Dr. James H. Hyslop e ao trabalho da A. S. P. R., tinha chegado na tarde anterior da América, sem anunciar a sua visita a ninguém em Inglaterra exceto a L. W. A., a fim de ter primeiro várias sessões anónimas.

Omito aqui uma série de comunicações que pretendem vir do Dr. Hyslop, que poderiam ser consideradas apropriadas à ocasião, mas sem significado evidente.

L. W. A.: Achas que podias trazer o Ned de volta? MÉDIUM [para L. W. A.]: Poderia eu fazer uma pergunta? L. W. A.: Certamente. MÉDIUM: Dr. Hyslop, fui incumbida de escrever um livro especial para a América. Ajudaria dessa forma? OUIJA: Ajudar-te-ei seguramente. [Pausa.] Edward Allison está aqui. L. W. A.: Quero consubstanciar o acima exposto. Lembras-te da Gretchen?

Nota: O meu modo de agir era um pouco desafiador. Senti que, se os nomes dados nesta e na sessão anterior vinham da fonte que pretendiam vir, eu deveria obter uma resposta correta a qualquer pergunta, desde que a pergunta despertasse uma associação importante para o suposto comunicador.

OUIJA: Sim. L. W. A.: Bem, então, dá-me o nome da irmã dela. OUIJA: Elsa [Pausa] Elsie. L. W. A.: Está certo.

Nota: Correto. Nome de batismo Elsa, mas regularmente tratada por Elsie pela família e amigos, incluindo o suposto comunicador. Era uma das amigas mais próximas tanto do comunicador como da consulente. Duas outras irmãs poderiam ter sido mencionadas, que eram apenas amigas ocasionais. Mais um exemplo de se dar o nome de batismo antes da alcunha familiar. Ver notas anteriores.

L. W. A.: Lembras-te do Jack? Jack e Marian? OUIJA: Sim. L. W. A.: Qual era o apelido deles? OUIJA: Macka y [soletrado muito lentamente]. L. W. A.: Está certo. OUIJA [Espontaneamente]: Macky. L. W. A.: Sim, mas omitiste uma letra desta vez. OUIJA: É assim que se pronuncia.

Nota: Este é um bom ponto, especialmente porque a médium ainda não tinha conhecimento, por visão ou audição, de uma única palavra escrita pelo ponteiro. Em Inglaterra, soube, após esta sessão, que o nome é acentuado na última sílaba, com o "ay" pronunciado como "I" longo, enquanto o nome dos nossos amigos é acentuado na primeira sílaba e o "ay" pronunciado como "i" curto. A automatista, mesmo que estivesse ciente da variação de pronúncia na América, estava a trabalhar às cegas, com precisão e rapidez. O que interpretei como erro de ortografia suscitou uma explicação pertinente do comunicador que, por herança e experiência, deveria estar familiarizado com o uso alternativo.

L. W. A.: Lembras-te da minha mãe? OUIJA: A mãe da Lydia. L. W. A.: Sim. Bem, dá-me o primeiro nome dela, o nome pelo qual sempre a tratámos. OUIJA: Paula. L. W. A.: Isso é excelente.

Nota: Eu tinha estado a pensar em "Polly", a sua alcunha familiar. Paula era o seu nome correto.

L. W. A.: Mas dá-me a alcunha dela. OUIJA: Mudder.

Nota: Isto é excelente. A alcunha particular do comunicador para a minha mãe era *Mudder*, e esta resposta recordou-me efetivamente esse facto, após quinze anos de desuso. O comunicador nunca falava dela desta maneira, mas dirigia-se a ela pessoalmente como "*Mudder*". Na sua vida comigo, após a morte dela, o termo nunca foi usado, tanto quanto me recordo, até à altura desta sessão. Eu esperava obter "Polly".

L. W. A.: Esplêndido! Mas a outra, tu sabes. OUIJA: Polly. Agora achas que sou eu? Tu és-me muito divertida.

Nota: A reação pronunciada do comunicador a muitos dos meus interesses era de divertimento, expresso muitas vezes e de diversas formas aos meus amigos e a mim própria. A última frase é, portanto, altamente característica do seu estado de espírito.

EXCERTO DA SESSÃO COM DOWDEN,

9 DE JULHO DE 1924

No tabuleiro ouija, início da sessão, condições as mesmas que na sessão anterior:

L. W. A.: Lamento imenso ter-me esquecido de trazer a bolsa.

MÉDIUM: Não creio que agora importe. Na primeira sessão poderia ter feito diferença. [Pausa.] Johannes, consegues trazer o senhor?

OUIJA: Edward Allison está aqui.

L. W. A.: Vou pedir apenas um nome novo hoje, e passaremos a outra coisa. Dá-me outra vez o nome da tua irmã.

OUIJA: A n n a.

L. W. A.: Certo. A outra irmã, agora.

OUIJA [tateando]:

L. W. A.: Lembras-te da mais nova — gostavas particularmente dela.

OUIJA: Mary.

L. W. A.: Está certo. Agora dá-me o nome da rapariga jovem — [muito enfaticamente] a filha da tua irmã.

OUIJA: Thm [muito rapidamente].

L. W. A. [interrompendo]: Espera um momento, começa de novo.

OUIJA: Thelma [correto].

Notas: Thelma teria sido a resposta correta à minha pergunta sobre um casamento recente, na minha sessão de 27 de junho, acima. Mas, nesse caso, a continuidade do interesse parece ter-se mantido na bolsa e nas suas associações, com exclusão desta personalidade irrelevante. Na presente sessão, o nome encontrou as suas associações adequadas na memória do suposto comunicador. Como a minha pergunta original não foi repetida, a entrega do nome não oferece fundamento para julgar a capacidade do comunicador de se referir a eventos posteriores à sua partida e, portanto, não associados na sua memória.

Os registos reportados acima são exatos, exceto pelas omissões declaradas. As observações de conversa geral da Sra. Dowden após a minha chegada e nos intervalos em que ela estava a descansar não foram registadas. Mantive-me reservada durante todo o tempo, limitando-me a manter um interesse encorajador nas observações dela.

A escolha da bolsa de tabaco e do seu conteúdo para estas experiências pode ter sido especialmente afortunada. Eu não tinha experiência em trabalho psicométrico, mas ocorreu-me, desde a experiência, que, dos três artigos que levara comigo, apenas a bolsa e o seu conteúdo tinham associações particulares, além do uso constante do comunicador, que poderiam tê-los tornado especialmente propensos a estimular a sua memória e emoção. A minha escolha pareceu puramente acidental; de facto, tinha primeiro pegado num dos outros artigos e rejeitado sem motivo aparente.

A bolsa tinha sido vista e admirada pelo suposto comunicador na montra de uma loja em Londres antes de lhe ser oferecida. Esteve em uso mais ou menos constante até ao momento da sua partida, após o que foi cuidadosamente guardada, contendo o cachimbo e vários pequenos pacotes de tabaco. Este cachimbo, um entre uma dúzia, mais ou menos, era um exemplar muito bonito que ele me tinha pedido especialmente como presente de aniversário. Ele referia-se sempre a ele como o melhor que alguma vez possuíra. O tabaco fora misturado por ele ao seu gosto e embrulhado em pequenos pacotes em papel encerado, contendo cada pacote aproximadamente a quantidade para um cachimbo.

O cachimbo não é apenas algo que pertenceu ao comunicador, mas foi a fonte de muito prazer genuíno e é vividamente reminiscente, para a mente da consulente, de muitas conversas felizes e tranquilas nas "horas tardias e silenciosas" [*wee, sma' hours*].

COMENTÁRIOS DO RESPONSÁVEL PELA INVESTIGAÇÃO

O aspeto mais surpreendente deste registo é a transmissão de nomes próprios, geralmente os factos mais difíceis de produzir. A teoria de uma aquisição planeada ou acidental destes nomes por parte da médium seria absurda. Mesmo que a Sra. Allison tivesse anunciado o seu nome, é impensável que a Sra. Dowden pudesse estar preparada para produzir os nomes exigidos, não só da mãe e do marido daquela, mas da mulher que lhe deu a bolsa, das suas duas irmãs, da filha da sua irmã, de um amigo em particular, o apelido de dois outros amigos, o nome da mãe da consulente e a sua alcunha. Note-se bem: nomes sob exigência, de uma estranha vinda do outro lado do mar. Mas temos os testemunhos não só da Sra. Allison, mas também da Sra. de Crespigny e da psíquica, todas senhoras de prestígio, de que a identidade da consulente não foi revelada.

Confesso livremente que, se todo o trabalho tivesse sido feito como na Secção 2 ou Secção 3 da primeira sessão, eu não estaria convencido de que a entrega de nomes corretos e outros factos não tivesse sido realizada através de uma espécie de leitura muscular invulgarmente subtil. Isto é, embora admitindo que a determinação da Sra. Allison de não ajudar, mas antes dificultar, foi possivelmente eficaz, eu não poderia ter tido a certeza de que foi efetivamente eficaz.

Mas o testemunho indica que na Secção 1 da primeira sessão, embora a mão da Sra. Allison fosse frequentemente colocada sobre o tabuleiro ouija "para adicionar energia", ela era invariavelmente retirada e colocada no seu colo antes de o ponteiro se mover. E, melhor do que tudo, a segunda e terceira sessões foram realizadas de forma totalmente independente dela. Este facto poupa-nos de todas as especulações sobre a primeira sessão, pois as outras produziram, exatamente com a mesma facilidade, resultados plenamente tão

marcantes no que toca à nomeação instantânea e correta das pessoas designadas.

Terão os nomes vindo de espíritos ou da mente da consulente? Estou longe de pensar que se possa retirar uma conclusão definitiva de um caso breve como este. Mas existem certas implicações lógicas que devem ser declaradas.

A Sra. Allison observa, com alguma aparência de surpresa, que a sua experiência com comunicações verídicas tem sido a de que os nomes de batismo próprios, em vez de alcunhas familiares ou diminutivos, são geralmente fornecidos. Isto torna ainda mais provável que "Ned" estivesse na sua mente em vez de "Edward" quando perguntou pelo nome do marido. Isto é, uma vez que ela sempre o tratara por Ned, ela procurava esse nome, se é que procurava algum. Temos o seu testemunho direto de que estava a pensar em "Polly" quando obteve "Paula".

E ela pensaria normalmente na familiar "Elsie" em vez da não utilizada "Elsa", e no que quer que fosse o substituto familiar para "Anna". Mas em todos os casos obteve o nome formal de batismo. É possível que ela pudesse ter pensado marginalmente também neste último e a forma marginal pudesse ter vindo por telepatia num caso ou dois. Mas é contrário à expectativa estabelecida pelos registos de telepatia experimental que a forma do nome pensada marginalmente chegasse à psíquica em vez da forma focada no primeiro plano da sua mente em todos os quatro casos.

Mas não seria estranho, no caso de um espírito a comunicar, se a exigência de um nome fosse respondida por este na sua forma correta, exatamente como não é estranho que o marido, embora familiarmente chamado Ned, escrevesse o seu nome como Edward quando vivo ou, se lhe perguntassem qual era o seu nome, respondesse habitualmente "Edward (não Ned) Allison".

Novamente, após surgir o nome "Paula", a Sra. Allison pediu a alcunha da mãe. Estava agora totalmente concentrada em obter "Polly". Mas, em vez disso, veio, pretendendo ser do seu marido, a alcunha dele para a mãe, "*mudder*", que tinha sido quase esquecida pela consulente e foi recordada à sua consciência superior pelo seu

aparecimento através do tabuleiro. Na teoria espiritualista, isto tem uma relevância pessoal impressionante, enquanto na teoria telepática, embora não seja impensável, não é de todo o que esperaríamos dos registos experimentais.

Finalmente, há uma adequação singular à teoria espiritualista na falha de Edward em dar o nome da pessoa recentemente casada, embora este tenha sido dado mais tarde quando o nome da filha da sua irmã foi exigido. Pois ele lembrar-se-ia do nome da filha da sua irmã, mas não se poderia esperar que lembrasse o que aconteceu desde a sua partida, a menos que se fizesse a suposição irracional de que os espíritos devem saber tudo o que se passa na terra. Mas a Sra. Allison tinha o nome "Thelma" tão definitivamente em mente quando perguntou quem se casara como quando perguntou quem era a filha da irmã. Porque deveria a telepatia entre os vivos observar as consistências apropriadas apenas a uma consciência espiritual?

RESUMO DAS RESPOSTAS ÀS PERGUNTAS

O registo é assombroso não só pela sua precisão ao dar nomes, mas também por dá-los em resposta a perguntas, o que, como observei, não é habitualmente a forma pela qual se podem obter as melhores evidências. Se eu não conhecesse a experimentadora e a sua mentalidade fria, crítica e conscienciosa, seria difícil para mim acreditar que não houve um contacto inconsciente ou esquecido entre a médium e ela própria durante todo o tempo. Mas tal solução é, para mim, fora de questão. Se a Sra. Allison diz que apenas nas Secções 2 e 3 da primeira sessão teve qualquer contacto enquanto as respostas eram dadas, e que na segunda e terceira sessões, na totalidade, não tocou no tabuleiro ouija mas ocupou-se a fazer o registo, estes são factos.

E de nada serve, em relação às Secções 2 e 3 da primeira sessão, apelar ao contacto com o lápis ou tabuleiro ouija pelo que foi produzido sob essas condições, uma vez que isso não foi melhor do que o que veio na segunda e terceira sessões, as quais estiveram isentas de contacto por parte da experimentadora durante todo o tempo. Na verdade, o único erro positivo ao dar um nome foi na Terceira Secção da primeira sessão. Não houve nenhum na segunda

ou terceira sessões. Apenas um nome novo foi dado na terceira, mas apenas um foi pedido.

Ao resumir, não preciso de repetir as perguntas. Basta dizer que cada pergunta foi definida, e cada resposta foi uma réplica precisa e correta à mesma, exceto conforme indicado abaixo.

Na primeira sessão, Secção 1 (mão da consulente ocasionalmente com a da médium no tabuleiro, mas sempre retirada antes de o ponteiro começar a deslocar-se).

- **Correto:** 1. Edward; 2. Ned; 3. Anita.
- **Sem resposta:** 1. (Pergunta por um nome envolvido num evento que acontecera após a morte assumida do comunicador.)
- **A aguardar:** 2. (Nome de um lugar. Respondido na sessão seguinte.)

Na primeira sessão, Secções 2 e 3 (mão da consulente em conjunto com a da médium em contacto, consulente esforçando-se conscientemente para não empregar impulsão).

- **Correto:** 1. Londres; 2. All- (correto até onde chegou); 3. Wood; 4. Lydia (espontâneo); 5. James Hyslop; 6. Prince; 7. Anna; 8. Mary; 9. Allison.
- **Incorreto:** 1. Bruton.

Na segunda sessão (consulente sem qualquer contacto durante todo o tempo).

- **Correto:** 1. Tubby; 2. Elsa, Elsie (ambos certos); 3. Mackay (pronúncia correta bem como ortografia correta indicada, diferindo a primeira do método inglês); 4. Paula; 5. Mudder; 6. Polly.

Na terceira sessão (consulente sem qualquer contacto durante todo o tempo).

- **Correto:** 1. Thelma.

Correspondência cruzada e cumprimento de uma previsão.

A Feda da Sra. Leonard previra que "em breve" — "um pouco mais tarde" — a Sra. Allison seria posta "em contacto com uma pessoa que fará escrita" — "sessões de um tipo diferente das de Feda" — "uma sessão mais física do que esta", na qual tanto E. W. A. como o Dr. Hyslop comunicariam, com resultados "muito bons". As sessões com Dowden parecem responder a todos estes pormenores.

Médiuns de uma certa classe conseguem forjar, por conluio, "correspondências cruzadas" e "cumprimentos de previsões" (é preciso ser-se suficientemente frio para discutir tais possibilidades, mesmo no caso de senhoras tão reputadas como a Sra. Leonard e a Sra. Dowden). Mas o encontro com a Sra. Dowden foi providenciado por outra pessoa respeitável. E — o que é a refutação absoluta de tal teoria neste caso — a Sra. Leonard poderia saber tão pouco quanto a Sra. Dowden quais as perguntas que a Sra. Allison faria, ou os nomes da maioria das pessoas americanas que essas perguntas definiam.

OBSERVAÇÕES FINAIS POR W. F. PRINCE

A Sra. Allison apresentou um resumo do material da Secção XXI, e eu fiz o mesmo para todas as outras Secções que se pode dizer que necessitam de um. Alguns críticos pensarão que subestimei a matéria probatória, outros declararão (talvez sem um estudo paciente) que a sobrestimei egregiamente. Que o leitor judicial e imparcial forme a sua própria opinião.

Espalhados pelas notas de rodapé, houve uma discussão considerável de pontos curiosos e complexos. Não se propõe qualquer discussão geral final; apenas algumas observações sob vários tópicos.

Naturalmente, tanto as minhas notas de rodapé como estas observações finais estão condicionadas à exatidão dos registos mediúnicos submetidos e das declarações relativas às condições em que as experiências foram realizadas. Por essa exatidão e por essas declarações, a Sra. Allison é a única responsável. No entanto, não hesito em enfatizar o que já disse sobre as suas invulgares qualificações como experimentadora e, além disso, é justo dizer que um exame prolongado e vigoroso dos registos em relação às circunstâncias e datas das sessões, separadamente, apenas resultou

num respeito acrescido por eles como material aparentemente cautelado e autêntico.

NÃO ESTARÃO AS SESSÕES POSTERIORES SUJEITAS A SUSPEITA?

As primeiras experiências aqui relatadas ocorreram em 1921, as últimas em 1927. Admito francamente que, se tivesse surgido através de uma médium material significativamente parecido com o que surgira anteriormente através de outra, eu o desvalorizaria, independentemente da reputação das médiuns, a menos que a suposição de comunicação de uma para a outra envolvesse em si mesma um prodígio psíquico (como clarividência, para descobrir a que médiuns, entre centenas, a consulente iria).

Da mesma forma, se numa série de sessões, após a consulente se tornar conhecida da médium, as posteriores fossem mais ricas em material — do tipo que poderia ser recolhido por investigação proveitosa — do que as anteriores, eu desvalorizaria seriamente essas experiências posteriores.

As quatro sessões com a Sra. Soule, em 1921, e as quatro no início de julho de 1922, foram de facto muito inferiores às três posteriores de 1922 aqui relatadas; na verdade, tiveram muito pouco peso probatório. MAS, a Sra. Allison, uma estranha vinda de outra cidade, não só não foi mencionada pelo nome como não foi vista pela médium, entrando após esta última estar em transe, sentando-se atrás dela e saindo de casa antes do término do transe.

Eu não insistiria que mesmo estas precauções fossem garantias absolutas se o caso da Sra. Allison fosse o único. Mas muitos outros que receberam material probatório, muitas vezes na primeira sessão, foram obrigados a observar as mesmas precauções, e em todos estes anos não surgiu qualquer exemplo, que eu saiba, que desse motivos para suspeitar que a Sra. Soule tivesse tentado recolher informações sobre um consulente.[2]

A mudança de resultados pouco impressionantes para impressionantes coincidiu com a mudança de uma sessão do "Imperator" para uma sessão da "Sunbeam", ou seja, do sábio nebuloso que pretendia ser o especialista encarregado "do outro lado",

para a personalidade infantil vivaz (seja ela o que for) que afirmava estar encarregada. Porque é que tal alteração nos arranjos, que a maioria dos psicólogos assumiria ser uma mera peça de dramatização subliminar, haveria de fazer uma diferença marcante na veracidade das afirmações em transe, é um belo problema para esses mesmos psicólogos que a maioria deles, à maneira da parábola, ignorará passando pelo outro lado da estrada.

[1] As afirmações corretas da Sra. Soule, por exemplo, não foram repetidas papagueadamente pelas médiuns inglesas. Não existe um "anuário azul" internacional, e saber que a Sra. Allison escolheria a Sra. Brittain e o Sr. Peters entre os numerosos médiuns de Londres, mesmo assumindo que ela normalmente soubesse que a Sra. Allison para lá ia, implicaria que ela fosse uma profetisa. Para aqueles que conheceram a Sra. Soule, com certeza, a suposição de que ela estaria a enviar informações derivadas das suas próprias declarações em transe, cuja verdade ela desconhecia, é grotesca.

[3] Em 1925, tive uma sessão com a Sra. Soule, não pretendendo ir mais além, comigo próprio como consulente. A razão pela qual me sentei muitas vezes foi porque ela parecia estar a dar muitas afirmações corretas sobre a minha infância, que não estão impressas em lugar algum e que é impensável que ela pudesse ter ouvido. Se ela tivesse falado de coisas impressas, ou coisas que qualquer pessoa que ela pudesse ter conhecido soubesse, ou coisas que ela pudesse ter inferido, eu não lhes teria dado qualquer peso. Mas não houve aparência na série de lucrar minimamente com conhecimento normal, ou oportunidades para recolher conhecimento normal, sobre mim.

Acontece frequentemente que, de uma série de experiências com a Sra. Soule por uma determinada pessoa, as primeiras são as melhores. Assim foi na série publicada, "*The Mother of Doris*". E assim foi nos registos que tenho diante de mim de meia dúzia de sessões feitas por um médico. A primeira é assombrosa na sua precisão através de muitos pormenores. O médico era um estranho.

A sessão probatória com a Sra. Brittain foi a primeira, realizada sob condições que foram declaradas, e que penso que intrigarão até os mais decididos a descartá-la. Foram as sessões posteriores, aquelas

após ter decorrido tempo suficiente para dar margem à conjetura de que alguma informação normal pudesse ser adquirida, que se revelaram quase estéreis.

A sessão com o Sr. Peters (de modo algum igual à de Brittain) foi seguida por um fracasso total.

As sessões com a Sra. Leonard estão espalhadas por várias temporadas. Aqui haveria a maior probabilidade de infiltração de informação normal. Com certeza, a Sra. Allison parece ter tido cuidados especiais para não dar à médium qualquer informação, antes ou depois das sessões, que pudesse ser utilizada, e com o mesmo cuidado, dirigiu-lhe (conforme me informa) apenas notas protocolares em qualquer altura. Mas seria impossível, com a Sra. Allison a circular em Londres, e outras pessoas a conhecê-la e a passar a conhecê-la, garantir as sessões posteriores, se o seu conteúdo fosse de natureza a ser assim derivado.

No que se refere às características físicas e mentais do Dr. Hyslop, as afirmações em transe não podem ser assim garantidas, cientificamente. Nem mesmo a memória consciente da Sra. Leonard a poderia informar de tudo o que ela possa ter ouvido a seu respeito.

Mas — e aqui está o ponto vital — nas sessões posteriores de Leonard quase nada existe sobre o falecido marido da Sra. Allison, os seus familiares, a Sra. Allison, os seus familiares ou os seus assuntos, de tal natureza que seja provável que a Sra. Leonard tenha ouvido. Tivessem a descrição das características físicas e mentais de E. W. A., tais como qualquer conhecido saberia, surgido apenas nas sessões posteriores, elas seriam suspeitas, mas começaram a ser dadas em profusão (não inteiramente, mas predominantemente corretas) logo na primeira, enquanto as posteriores continham muito pouco material de qualquer tipo que fosse provável ter sido assim derivado.

Tivesse surgido nas sessões de, digamos, 1926, uma afirmação implicando claramente qual era o trabalho profissional da Sra. Allison, ou indicando o facto de o seu marido ter exercido a sua profissão apenas de forma assistencial, ou descrevendo os seus apartamentos em Nova Iorque, ou aquele anteriormente ocupado por ambos, por mais genuína que pudesse ter sido como comunicação, seria tal que um

conhecido poderia inocentemente ter contado ou a alguém na presença da Sra. Leonard ou a alguém que pudesse tê-lo repetido.

Mas encontramos nas sessões posteriores muito pouco que seja facilmente concebível como sendo assim derivado. Pelo contrário, o material tende a virar-se na direção de indicar conhecimento do que a Sra. Allison estava a fazer, a dizer e a sentir em várias situações, e mesmo quando sozinha, e em previsões semelhantes. Assim, neste caso, não me são aparentes as objeções que muitas vezes me levam a pôr de lado uma massa de material posterior numa série como cientificamente inadmissível.

OS ANIVERSÁRIOS

Foram apresentados registos de experiências com seis psíquicos. Três destes psíquicos, nomeadamente a Sra. Brittain, a Sra. Leonard e o Sr. Peters, fizeram declarações relativas a aniversários. Tanto a proporção invulgar de atenção dada a este tema como o grau de concordância entre si e com os factos históricos alcançados exigem explicação. Vamos coligir as passagens, a fim de as termos sob uma visão única.

SRA. BRITTAIN

6 de junho de 1923, o aniversário da morte de E. W. A.

No início, a Sra. Brittain vê "rosas... elas vêm apenas no aniversário de um nascimento ou morte."

Perto do final da sessão: "Quer apenas que saibas que hoje, as rosas são o seu melhor e mais querido amor para ti." Além disso, a Sra. Allison suprimiu várias frases proferidas com muita emoção e sublinhando o dia particular. Foi-me permitido vê-las e digo que a palavra "hoje" ocorre três vezes, e que uma das frases é "hoje ele sabe o que isto significa para ti". Diretamente após o acima exposto veio: "Terrível às vezes — curiosa, tragédia repentina."

Parece difícil escapar à conclusão de que existe uma clara indicação de que alguém próximo da Sra. Allison, e provavelmente o comunicador, morreu naquele mesmo dia, 6 de junho.

Na mesma sessão é declarado positiva e corretamente que o casamento do par teve lugar numa quarta-feira, 14 de junho. "Talvez seja o dia do vosso casamento, porque ele vos dá flores de laranjeira, não, não hoje o dia 14. O dia mais feliz da sua vida. O grande dia feliz. Não quinta-feira [o dia 14 próximo cairia numa quinta-feira], não terça-feira entre as duas, sabes." [Diretamente a seguir a esta passagem vieram as frases sublinhando a importância de "hoje", 6 de junho, e por "rosas" e "tragédia repentina", implicando distintamente o seu significado.]

SR. PETERS

3 de julho de 1923.

"Setembro — Junho — Julho — revelaram-se aniversários." Isto é indefinido, no sentido em que não indica a natureza dos aniversários. Também é verdade que se poderia, com um pensamento árduo, encontrar um aniversário de maior ou menor importância em cada mês. Mas dificilmente se pode dizer que apenas por engenho poderia um espírito E. W. A. tornar os meses nomeados significativos como meses de aniversário. Um era o mês do seu casamento com a consulente, e em vida ele lembrava-se da sua data exata.

Outro era o mês do aniversário da sua esposa, e em vida ele lembrava-se da sua data exata. O primeiro destes aniversários ele costumava celebrar, mesmo que antecipadamente, com presentes. O terceiro era o mês em que conheceu a senhora que viria a ser sua esposa, e ninguém é competente para dizer que em vida ele não se lembrava disso. (Compare-se com o que é dito sobre o significado de um aniversário em julho abaixo. Sessão de Leonard de 6 de agosto de 1923.)

6 de agosto de 1923.

SRA. LEONARD

"É uma altura importante para ele como se fosse uma época de aniversário — Julho é uma altura importante para ti e para ele, como se o aproximasse de ti. Ele olhava para isto como uma espécie de momento especial, olhando para trás seria bastante importante para ele e para ti."

Esta segunda referência a julho enfatiza a primeira, através do Sr. Peters, embora seja indefinida e ambígua. Não sabemos se significa que algo o aproximou no aniversário, ou se originalmente o aproximou, na altura em que ocorreu.

"Lembras-te que ele partiu perto de um aniversário? [apenas oito dias antes do seu aniversário de casamento]. Ele lamentou que tivesses as duas coisas para recordar — quero dizer, todos os anos pensares nelas juntas. Uma tornaria a outra triste. ... Como estragar a outra também. Foste recordada há pouco tempo [aniversário de casamento passado há menos de dois meses civis]. Algo que estás a segurar lembrar-te-ia disso [a consulente usava as suas alianças de casamento e de noivado]."

6 de junho de 1924, aniversário da morte de E. W. A.

"Ele pretendia falar da última vez. Tinha vindo novamente. Altura importante. Uma época de aniversário. Ele tem andado a pensar nisso, ultimamente, no aniversário. Deve ser numa altura muito próxima agora, muito próxima. Ele tenta lembrar-se de aniversários, embora não tenha tempo deste lado. Ele tem de se lembrar do tempo vindo até ti, lembrar-se pelas coisas que estás a fazer. E ele diz que tem ficado assombrado ao ver como os anos estão a passar. Quando partiu pela primeira vez, não gostaria de ter antevisto tantos anos."

"Quando ele partiu" pode ser tomado, de forma muito incerta, como uma pista da natureza do aniversário.

14 de junho de 1925, aniversário do casamento.

"Deverias ter estado a pensar no teu senhor? Porque sinto como se fosse uma altura bastante importante, trazendo-te memórias dele. Ele está um pouco contente por a tua sessão ter acontecido nesta altura, porque te ajuda a superar o que te poderia fazer olhar para trás e sentir-te um pouco triste. Não um pouco triste, mas muito triste. Por isso, diz ele, sente que gosta sempre que tenhas [a sessão] precisamente agora.

Na verdade, duas condições diferentes em que poderias estar a pensar, precisamente agora, que estão ligadas a ele. É como duas memórias, dois tempos diferentes que por acaso calham na mesma

altura do ano. Mas não ocorreram no mesmo ano. Mas os aniversários vencem-se precisamente agora. Sinto um mais feliz do que o outro. Sinto um feliz e um triste. Parece-lhe sempre um pouco curioso que devam acontecer juntos dessa forma."

Esta declaração está em perfeita harmonia com a da primeira sessão, de 6 de agosto de 1923. Naquela, afirma-se explicitamente que a morte do comunicador ocorreu perto de outra data de aniversário, a qual, insinua-se inequivocamente, era de carácter feliz; nesta, declara-se que dois aniversários diferentes ocorrem na mesma altura do ano, embora não no mesmo ano, e que um é um aniversário triste e o outro feliz. Na primeira, disse-se corretamente que a recordação veio "há pouco tempo"; nesta, afirma-se corretamente que os aniversários estão a "vencer-se precisamente agora". Mas nesta insinua-se outro facto: que o aniversário feliz é posterior ao triste. Senão, por que estaria ele contente com uma sessão "precisamente agora", a 14 de junho? Porque "te ajuda a superar o que te poderia fazer olhar para trás e sentir... muito triste".

Como aconteceu que, através da Sra. Brittain, veio a declaração positiva de que a consulente casou numa quarta-feira, 14 de junho, e a implicação inevitável de que o seu marido morreu a 6 de junho; e, através da Sra. Leonard, a informação de que o seu marido morreu perto da data de outro aniversário de carácter feliz, com a implicação composta de que os dois eventos comemorados ocorreram ao longo da primeira metade de junho, e a clara insinuação de que o evento feliz era datado depois do outro? Quem quer que invoque "o longo braço da coincidência" para explicar estes dois conjuntos de revelações, sobre o pano de fundo de todas as outras correspondências com factos, possui certamente uma perna longa de credulidade.

Vamos impiedosamente propor e testar as teorias.

1. A consulente, por descuido e sem querer, revelou os factos.

Ela diz que teve sempre o cuidado de não se comprometer antes, durante e após as sessões. Tais declarações não podem, de modo algum, ser sempre aceites pelo seu valor nominal, mas afirmo novamente a minha confiança de que, no caso da Sra. Allison, podem sê-lo. Ela é uma mulher notavelmente fria, equilibrada e inteligente,

bem instruída quanto à metodologia de precaução. Tem a vantagem de saber taquigrafia e declara que registou todas as suas próprias falas, exceto um ocasional "Sim", "Compreendo", ou outra expressão sem significado.

Existem médiuns que se auxiliam observando alterações faciais inconscientes. Mas a Sra. Brittain fecha os olhos durante a transmissão, e a Sra. Leonard senta-se geralmente em ângulo reto em relação à experimentadora e raramente parece estar sequer a vê-la. Seria interessante saber, também, que tipo de expressão facial seria interpretada como significando, por exemplo, que a consulente casou numa quarta-feira, 14 de junho.

Além disso, se ainda se imagina que a consulente é uma pessoa emocional, impulsiva, crédula e descuidada — tudo o que aqueles que a conhecem há anos declaram ser o oposto da realidade — por que não obteve nada que a impressionasse em experiências com vários médiuns americanos nomeados na Introdução? Uma destas "pesca" consideravelmente, quando pessoas crédulas ou descuidadas lhe cedem, mas não obteve nada, evidentemente, da Sra. Allison.

2. As médiuns acertaram por acaso na informação relativa aos aniversários de casamento e morte, etc.

Expor as circunstâncias é refutar esta teoria, a qual, tivesse a ver com a Sra. Soule em Boston, embora ainda improvável, seria possível (estou a discutir o assunto academicamente, desconsiderando o conhecimento do carácter testado das médiuns). A Sra. Soule, no entanto, não obteve nada sobre aniversários. Foi em Londres, onde a Sra. Allison não estivera durante doze anos, que, através de psíquicos desconhecidos, estes factos surgiram. Não se encontravam em nenhum *Who's Who* nem em nenhum dicionário biográfico.

A Sra. Allison não conseguia pensar em ninguém (exceto membros da família de E. W. A., claro) em lugar algum que provavelmente soubesse a data do casamento na altura daquela visita. A sua marcação com a Sra. Brittain foi feita na noite anterior à sessão das 10h; e nenhum nome foi fornecido. A marcação com o Sr. Peters foi feita quase um mês depois, no dia anterior à sessão. Mais um mês depois veio a primeira sessão com a Sra. Leonard, e nem sequer o

nome da Sra. Allison foi fornecido à médium. Entretanto, em que conservatória da Grã-Bretanha, em que jornal, em que outro local se obteriam os factos peculiares dados naquela sessão (bem como a maior parte dos outros nas restantes)?

3. Uma médium informou a outra.

É verdade que certos "médiuns" profissionais trocam informações entre si, facto sobre o qual estou bem informado. Isto é especialmente provável de ocorrer onde profissionais fraudulentos se congregam num acampamento ou se revezam para "fazer demonstrações" numa reunião. Mas nenhum médium na América poderia ter enviado a um médium em Inglaterra factos que ele próprio não fora capaz de apresentar.

E qualquer teoria deste género, agarrada para evitar cair no temido fosso do "ocultismo" de um lado, faria aterrar num fosso igualmente mau do outro lado, pois exigiria clarividência para um médium na América saber que médiuns a Sra. Allison veria em Inglaterra. Assim, a Sra. Brittain, a primeira médium visitada em Inglaterra, e visitada pouco depois da chegada, fica fora de questão. Imaginar a Sra. Leonard, na sua bela casa numa aldeia rural a muitas milhas de Londres, com as suas experiências cuidadosamente guardadas a decorrer sistematicamente, a receber dicas de médiuns em Londres, ou a fornecê-las, é divertido. Mas ignoremos isso. Um médium fraudulento que troca dicas aproveita ao máximo as suas dicas, geralmente na primeira oportunidade. Pode disfarçar e ornamentar a informação que recebeu, mas apresenta essa informação até ao limite do seu conhecimento. Imaginemos a Sra. Brittain a dar dicas à Sra. Leonard(!).

A Sra. Brittain descobriu (por um processo inexplicável exceto por telepatia ou "comunicações") que a Sra. Allison casou a 14 de junho e numa quarta-feira. Mas não encontramos esse acerto, o mais valioso de todos os acertos individuais, apresentado no trabalho da Sra. Leonard em toda a gama de sessões com ela. Mas mais: para cingirmos a nossa atenção aos aniversários, a Sra. Allison declara que nunca confirmou os acertos relativos a estes a nenhum dos psíquicos.

Nenhum médium circula impressões próprias não confirmadas; estaria em maus lençóis se o fizesse.

4. As médiuns tiraram inferências do traje de luto da consulente, da altura em que solicitou as sessões, do seu silêncio significando assentimento, e construíram gradualmente uma aparência de sucesso.

A consulente não usava luto. A duas das três médiuns que temos em mente agora nem sequer foi dito que ela estava de luto; a uma, a Sra. Leonard, foi dito por Lady Troubridge. Mas dizer isto não dava informação sobre que pessoa tinha morrido. Poderia ser um progenitor ou um filho. E não dava qualquer indicação das características pessoais da pessoa falecida, nem (mais para o nosso propósito atual) quando essa pessoa morreu ou casou. Um americano visita a Inglaterra no verão mais frequentemente do que em qualquer outra altura, porque essa é a época de férias; portanto, pedidos de sessões nessa estação não eram pista de que ou quando alguém tinha morrido.

A Sra. Allison escolheu, como experiência, ter a sua primeira sessão no aniversário da morte do seu marido, mas qualquer médium que procedesse com estranhos na suposição de que estes selecionariam um aniversário de morte ver-se-ia em apuros na vasta maioria dos casos. Ao fim de dois anos, tinham ocorrido outras duas sessões em aniversários, uma da morte, outra do casamento, mas por atribuição casual da própria médium.

Quando um consulente se mantém em silêncio perante quase tudo o que é dito, seja correto ou não, o médium é incapaz de inferir nada de qualquer momento particular de silêncio. E não há aparência de construção gradual. Cada experiência procede para dar pormenores inteiramente novos com poucas repetições. A maior parte do que está contido nas declarações posteriores da Sra. Leonard relativas a aniversários está afirmado ou implícito na declaração da primeira sessão. A Sra. Brittain, após uma experiência que rendeu correspondências notáveis com os factos, desvaneceu-se na insignificância nas experiências que se seguiram.

Até agora, as teorias discutidas são aquelas que procuram excluir qualquer causalidade paranormal. Quando se trata de discutir as

pretensões da teoria telepática contra a espiritualista para explicar as afirmações sobre aniversários, entramos numa arena completamente diferente. Tomando estas declarações isoladamente, e admitindo o fenómeno da telepatia entre os vivos, estas poderiam bem ser exemplos disso. Não existem no seu caminho dificuldades como as da passagem de "Margaret" (e outras) discutidas noutro local. As condições no que diz respeito aos acertos de aniversário eram muito próximas das que existem nos testes experimentais habituais de telepatia.

Dificilmente alguém assistiria a uma sessão no dia ou perto de um destes aniversários sem que a sua mente se detivesse mais ou menos nele, e também no outro, dado que estavam tão próximos um do outro. Num dia 6 de junho, a consulente estaria certamente a pensar mais ou menos na morte do marido como tendo ocorrido naquela data, e menos, de preferência a mais, no aniversário que viria no dia 14. Assim, a telepatia da consulente seria uma explicação provável para este grupo particular de afirmações, se não se professar um agnosticismo total.

Por outro lado, se alguém, por força da soma dos seus estudos neste campo, chegou a considerar o argumento preferível para a telepatia de espíritos do que para a telepatia dos vivos, para explicar muito do material autenticado da pesquisa psíquica, então é tão fácil aplicá-lo às afirmações mediúnicas de aniversários como explicá-las pela transmissão dos pensamentos da consulente.

Pois o espírito de E. W. A., se sobrevive com as suas memórias, poderia muito bem-estar interessado em aniversários, quanto mais não fosse porque a sua esposa esperava o reconhecimento dos aniversários enquanto ele estava com ela, ou porque ele, como um experimentador inteligente do seu lado, pensou que eles forneceriam boas evidências, se ao menos conseguisse expressar o seu reconhecimento dos mesmos.

UMA PERGUNTA DE "GEORGE" E O SEU PRODUTO SECUNDÁRIO

Pode valer a pena discutir mais dois episódios associados na Secção XVIII. A resposta do suposto Dr. Hyslop à pergunta do seu filho relativa à visita a este último enquanto estava na faculdade

falhou totalmente no fornecimento de quaisquer pormenores reconhecíveis dignos de menção. E, no entanto, como aparente produto secundário da pergunta, foram dados os seguintes pormenores: Margaret, alguém em quem o Dr. J. H. Hyslop está interessado, alguém muito mais velho que George, que teve muito a ver com George, uma pessoa agora falecida; um parente morreu pouco depois da visita referida.

Parece-me que esta combinação, que tão bem se ajusta à Sra. Margaret Hyslop, madrasta do Dr. J. H. Hyslop — que viveu na família com George desde que este tinha catorze anos e que morreu relativamente pouco depois da visita e talvez no espaço de um ano após a mesma — é muito improvável como resultado do acaso. É claro que, se fosse o único exemplo do género, seria sem hesitação pronunciado como tal, mas existem demasiadas combinações exatas ou quase exatas neste registo, e demasiados casos cuidadosamente testados e analisados contendo demasiadas combinações desse tipo, para que eu, pelo menos, alimente qualquer dúvida de que não podem ser obra do acaso. Como, então, surgiram elas — como surgiu esta combinação particular da boca da Sra. Leonard?

Novamente, se esta combinação particular estivesse isolada, se não houvesse outras tão marcantes ou mais, relativas a diferentes pessoas e a circunstâncias de carácter privado em diferentes partes do mundo, eu diria que, se não resultaram do acaso, os pormenores nela contidos foram colhidos através de vias de informação normal, por improvável que isso pudesse ser. (Quantas pessoas no mundo sabiam que a morte de "Margaret" ocorreu pouco depois da visita do Dr. Hyslop ao seu filho, e como teria a Sra. Leonard entrado em contacto com uma delas, a fim de se preparar para dar uma resposta relevante a uma pergunta feita inesperadamente mais tarde?)

Mas este não é o caso. Certamente ninguém acreditará que a Sra. Leonard aprendeu por bisbilhotice ou investigação os pormenores da descrição física do pai da Sra. Allison, os pormenores da sua última doença, etc., com uma precisão quase infalível. E sobre os aniversários, insinuados de forma tão significativa logo na primeira sessão com ela, etc., etc.

Aos que concordam comigo até aqui, pergunto: como obteve a Sra. Leonard os factos, então? Tomemos a afirmação sobre "Margaret". Foi por telepatia do Dr. George H. Hyslop, aquele que fez uma certa pergunta e sabia a resposta?

Existe uma quantidade de evidências convincentes para a telepatia entre os vivos, e até algumas para a telepatia a grande distância. A maior parte da evidência de primeira qualidade diz respeito a pessoas conscientemente envolvidas em experimentação para esse fim, sabendo cada uma que a outra está assim envolvida.

Existem outros casos, aparentemente de telepatia espontânea, maioritariamente entre pessoas em relações emocionais entre si. Entre o Dr. G. H. Hyslop e a Sra. Leonard, que nunca tinham tido quaisquer relações de encontro ou correspondência, não havia *corde sympathique*, e ele não fazia ideia de quando a sessão se realizaria.

A regra em experiências de telepatia é fixar a mente numa coisa definida e, habitualmente, se houver algum resultado minimamente impressionante, este consiste na coisa pensada ou em algo reconhecidamente semelhante. Embora o Dr. G. H. Hyslop não pretendesse uma experiência de telepatia, na medida em que fixou a sua mente em algo, foi na visita que lhe foi feita, no Indiana. Nada relevante para a visita surgiu através da Sra. Leonard mas, em vez disso, alguns pormenores verdadeiros relativos a uma mulher familiar que morreu não muito tempo depois da visita.

Mas, lembram-nos, por vezes, em experiências de telepatia, os resultados têm sido tais que sugerem que o percipiente captou, em vez do pensamento pretendido, algum outro pensamento que estivera na mente do agente pouco antes. Não poderemos aplicar esta consideração ao caso?

Não parece provável que George, no momento em que propôs a pergunta para a Sra. Allison fazer, tenha pensado em todos esses pormenores — "não muito depois da visita a Avó, cujo nome é Margaret, que teve muito a ver comigo, morreu". Se o fez, é de supor que este pensamento composto de vários pormenores disparou imediatamente para Inglaterra, atingiu o cérebro da Sra. Leonard, para aí permanecer latente até saltar cá para fora uma ou duas semanas

depois na sessão? Ou devemos supor que a este homem muito ocupado, que provavelmente nunca dedicou mais do que um pensamento passageiro à pergunta após a ter proposto em resposta ao pedido da Sra. Allison, em algum momento do intervalo aconteceu, no meio dos seus milhares de pensamentos, ocorrer a combinação — o nome da avó era Margaret, ela teve muito a ver com ele, ela morreu pouco depois da visita — e que esta combinação continuou como uma entidade algures, pronta para se lançar sobre o mar e atacar a Sra. Leonard quando a Sra. Allison aparecesse?

Mal podemos ser suficientemente audazes na especulação para supor que George calhou, no exato momento em que a Sra. Allison fez a pergunta na sessão, estar a pensar na combinação de pormenores de Margaret, aproximando assim as condições das únicas experiências bem-sucedidas de telepatia a longa distância de que temos conhecimento. Ele não sabia quando a sessão ia ter lugar.

Prove-se a telepatia entre os vivos (e a experimentação, no meu entender, provou-a) e eu não sei, nem ninguém sabe, o processo pelo qual ela é alcançada. Mas posso, pelo menos, ver que as condições para tal processo podem ser favoráveis quando duas pessoas estão ao mesmo tempo a participar conscientemente numa experiência ou quando duas pessoas estão em forte *rapport* emocional uma com a outra.

Até aqui consigo ver, mas não consigo seguir ou conceber facilmente que combinações de pensamentos casuais e ténues sejam mantidas em armazenamento para entrega futura, ou que fragmentos de pensamentos passados ressuscitem e se combinem em torno de um centro comum e depois voem através do oceano. Nem sei se alguém foi suficientemente aventureiro para pensar que talvez a própria médium seja um íman telepático tão poderoso que estimula pensamentos em pessoas na altura inconscientes e ocupadas com os seus afazeres a centenas ou milhares de milhas de distância e traz os pensamentos delas de volta para si para serem proferidos.

Isto pode soar a termos de ridicularização mas, se assim for, não foi por intenção. Embora seja fácil dizer, como uma proposição nua, que incidentes probatórios demasiado complexos e numerosos num

registo para serem explicados pelo acaso podem ser explicados pela telepatia, é quase impossível dar um passo mais além na direção de sugerir *como* a telepatia poderia explicá-los, quando as condições são como no incidente de Margaret e em muitos outros.

Deparamo-nos com dificuldades e envolvermo-nos em aparentes absurdos a cada tentativa. Em casos de telepatia experimental, onde ambas as partes estão conscientes e a cooperar, podemos imaginar vibrações cerebrais que alcançam de uma para outra (embora não tenhamos um átomo de evidência de que existam tais vibrações). Podemos imaginar tais vibrações ocorrendo esporadicamente entre pessoas simpáticas, mesmo quando não estão conscientemente a experimentar. Mas existe um oceano entre estes e os casos que temos em mente, tão largo como o oceano entre a Sra. Leonard e o Dr. G. H. Hyslop.

Supor que ela, uma estranha e alguém que provavelmente nunca ouviu falar dele, no momento em que lhe foi feita uma pergunta em Inglaterra, pudesse desencadear uma vibração que despertasse nele, ocupado e sem saber que uma experiência estava então em curso do outro lado do mar, uma resposta que lhe seria trazida de volta, é uma suposição tão estupenda que a hipótese espiritualista é modesta a seu lado e, como alternativa a tal dose, sentir-se-ia tentação de inventar a solução espiritualista, se nunca tivesse ouvido sugerir a sobrevivência como uma possibilidade.

E se a telepatia de George é, afinal de contas, responsável pelo grupo de Margaret e por outros produtos secundários que são aproximações à verdade, como é que nenhuma das perguntas que ele fez, cujas respostas estavam certamente na sua mente pelo menos à hora de as propor, suscitou respostas convincentes? Tivessem elas feito isso, numa medida maior do que fizeram as declarações espontâneas, e teriam de facto sido produzidas as aparências de ação telepática.

Mas, se o Dr. J. H. Hyslop estava a comunicar, por que razão não respondeu às perguntas? Por que produziu tal amálgama de irrelevâncias em resposta à pergunta sobre a visita à faculdade do Indiana?

Primeiro, notemos que estas objeções pesam tanto contra a teoria telepática como contra a espiritualista. À primeira não se pode conceder todas as vantagens em ambos os sentidos. Não pode ser verdade que tanto um maior sucesso em responder a perguntas propostas por uma pessoa viva, como um menor sucesso, sirvam de argumento para a telepatia em detrimento dos espíritos.

Certamente, se a "comunicação" for concebida como uma conversa, com o espírito a proferir frases que são transmitidas palavra por palavra tal como foram intencionalmente formuladas por ele para transmissão, tais respostas são fatais para a teoria. Mas se a comunicação for de carácter telepático, as "respostas" — para usar esse termo — são compreensíveis. São o revestimento, pelas palavras do subconsciente da médium, de impressões telepáticas de ideias, auxiliadas por imagens quase-visuais e quase-auditivas.

São, por outras palavras, a interpretação das impressões por parte da médium, com todas as possibilidades de erro provenientes de uma interpretação errada e inferência equivocada, e outras infiltrações do seu próprio conteúdo mental. Sendo este o caso, devemos esperar erros, confusões e contradições. Só pode haver evidência na proporção em que afirmações verdadeiras emerjam do emaranhado de palavras, superando os erros, as incoerências e a palha de forma convincente e matematicamente para além dos limites do acaso, numa multidão de experiências.

Em resposta a esta mesma pergunta, surgiu primeiro, aparentemente como a resposta do Dr. Hyslop (e no entanto, *ex hypothesi*, não refletindo necessariamente de forma exata os seus pensamentos): "Isso não lhe vem muito à mente. Provavelmente, quando ele se afastar daqui, poderá voltar. ... Ele tem a certeza de que a sua memória não é completa quando está na sessão. 'A minha memória é perfeita e completa nas minhas próprias condições, mas as vossas condições limitam-nos.' ... Ele diz: 'Só consigo pensar numa coisa de cada vez. A lei da associação é a mais fácil para eu trabalhar nestas condições'."

Isto soa a esquiva, mas quem conseguir manter a frieza suficiente para olhar para a sobrevivência e a comunicação, em algum sentido,

como possibilidades, verá que pode não ser isso, mas sim uma adumbração, provavelmente uma declaração muito imperfeita, da verdade.

Sugeri que, na teoria espiritualista-telepática, a pergunta sobre a visita ao George, tanto por causa do nome "George" como pelo facto de a avó do George (que vivera na mesma casa) ter morrido não muito tempo depois da visita, fez com que o Dr. J. H. Hyslop pensasse em "Margaret" e que alguns detalhes dos seus pensamentos fossem captados e proferidos por "Feda".

Na mesma teoria, é concebível que, num estado de devaneio, ou condição semelhante à da própria Sra. Leonard, necessária para conduzir a experiência mútua de comunicação, o Dr. Hyslop tenha sido levado pela pergunta sobre uma visita à faculdade do George a pensar numa das faculdades com as quais estivera associado, de modo que pormenores mais ou menos corretos sobre terrenos, edifícios, etc., surgiram, e que Feda ou o subconsciente interpretativo da médium inferiram que os pormenores se referiam à faculdade do George.

Esta suposição envolveria o que há muito penso ser seguramente o caso, na hipótese espiritualista: que um comunicador tem apenas uma perceção muito imperfeita do que é transmitido pela voz ou pelo lápis da médium. De facto, tal afirmação foi frequentemente feita, como nas declarações em transe da Sra. Piper.

[3] Poder-se-ia perguntar por que não testo esta conjetura. O Dr. Hyslop estava familiarizado, como estudante ou professor, com meia dúzia de faculdades. Se uma lista dos pormenores declarados fosse enviada a um representante de cada uma destas, a experiência avisa-me que seria com a maior dificuldade que se conseguiriam obter respostas em todos os casos, e que algumas das respostas seriam de molde a sugerir um possível fastio emocional e desatenção. É obviamente impraticável para mim visitá-las a todas e fazer uma inspeção detalhada.

É claro que a maioria destas sugestões são extremamente conjeturais, mas quando tateamos por entre fenómenos que devem ter alguma explicação, é apropriado considerar uma que, pelo menos, explique de forma consistente com os factos e princípios psicológicos.

Se os registos não fornecessem muitos exemplos de declarações que parecem implicar fontes de conhecimento supranormais, então passagens como a que descreve edifícios e terrenos não constituiriam um problema especial, mas seriam parte da massa comum atribuível a palpites ou sonhos subliminares.

O problema pode ser colocado de duas formas: ou por que razão, a par de passagens complexas que indicam conhecimento adquirido de forma supranormal, se encontram outras passagens irrelevantes e, tanto quanto se sabe, falsas; ou por que razão, juntamente com passagens compostas de pormenores irrelevantes e aparentemente falsos, existem outras passagens que nos impressionam como correspondentes à verdade muito para além do acaso, da inferência ou de fontes normais de aquisição de informação.

A SESSÃO COM BRITTAIN

É impossível para mim compreender como qualquer pessoa pensante, não totalmente cega pelo preconceito, pode ler as notas literais da sessão com Brittain, por exemplo, refletir sobre as condições em que a experiência foi feita e não perceber que, em qualquer direção que olhe, não existe um modo "normal" de explicar o fluxo quase ininterrupto de afirmações literalmente corretas ou quase corretas.

Não me refiro apenas a não haver qualquer fresta para fuga à vista, mas sim a não haver fresta que possa ser razoavelmente imaginada, a menos que se imagine que a relatora — conhecida por muitos por possuir uma mente crítica e uma consciência intelectual invulgarmente sensível — é, pelo contrário, uma mentirosa ou imbecil, cujo registo não é literal como ela diz ser, mas sim substancialmente forjado.

Ela chega a Londres após doze anos de ausência, sem contactos prévios com pessoas interessadas em pesquisa psíquica. Por esta mesma razão, leva algumas cartas de apresentação para pessoas como a Sra. Salter e a Sra. McKenzie, interessadas nesta espécie de investigação. Apresenta a carta à Sra. McKenzie e, em resposta ao seu pedido, recebe os nomes de dois médiuns.

No intervalo entre obter o nome e conseguir uma marcação com a Sra. Brittain, não poderá alguém no estabelecimento da McKenzie — digamos, um funcionário traquina que ouviu a conversa — ter fornecido informações úteis à Sra. Brittain? No meu próprio caso, quando em 1927 também solicitei ali marcações com médiuns, isto poderia ter sido feito, uma vez que se sabiam várias coisas sobre mim naquele escritório.

Eu não me importaria nada com isso, pois, embora não tivesse crença ou suspeita de que tal fosse feito, estava preparado para desvalorizar, em qualquer caso, afirmações mediúnicas que pudessem possivelmente ter sido derivadas de conhecimento possivelmente detido por qualquer pessoa com quem o médium pudesse entrar em contacto. Como aconteceu, a minha única experiência com a Sra. Brittain não revelou nem nada convincente que pudesse ser assim derivado, nem nada que exigisse mais uma teoria de derivação do que o faz a fantasmagoria de um sonho. Mas sobre a Sra. Allison, a estranha, nada se sabia no escritório da McKenzie.

Ninguém sabia da marcação, exceto a amiga da Sra. Allison, vinda da América, que viajou no barco com ela. O seu carácter, as suas oportunidades e a ausência de motivo impedem que qualquer suspeita recaia sobre ela. Só à meia-noite é que ela soube do compromisso com uma pessoa que não conhecia. Ela saiu cedo na manhã seguinte, e a sessão teve lugar às 10h da manhã.

E é inconcebível que a amiga soubesse todos os pormenores declarados. Mas imaginem uma senhora, sem motivo atribuível, a ligar para um psíquico desconhecido depois da meia-noite, do hotel onde a futura consulente estava, para trair a sua amiga dando informações, mesmo que estivessem todas ao seu dispor!

Que o leitor volte atrás e leia o resumo desta sessão, e se pergunte se, apesar de alguns erros menores, o registo — incluindo a declaração de que o casamento da consulente teve lugar numa quarta-feira, 14 de junho, a insinuação de que a morte do marido ocorreu no dia da sessão, com muitos pormenores verdadeiros da descrição física e mental de E. W. A., etc., etc. — pode ser puramente fortuito.

Mesmo que esta única experiência fosse tudo o que lhe fosse apresentado, poderia ele apontar para ela e usar a linguagem que cito da carta de um correspondente: "Nunca conheci ou li sobre uma experiência que parecesse sugerir seriamente qualquer explicação oculta que devesse sequer ser procurada"?

A Sra. Allison teve mais duas sessões com a médium e, com a exceção de um episódio, ambas foram o que a minha única sessão fora: desprovidas de evidência de algo mais do que o acaso poderia fornecer. Ou seja, resultados impressionantes foram alcançados na primeira experiência, quando não poderia ter havido oportunidades para adquirir informações, mas experiências posteriores — quando a consulente poderia ter sido "seguida" até ao seu hotel e factos obtidos sobre ela por um detetive (por mais pouco rentáveis que tais despesas tornassem o negócio da médium) — foram praticamente estéreis. Isto acontece frequentemente com a Sra. Soule também: as primeiríssimas sessões com um estranho são as melhores. E, no entanto, não são os maus resultados que exigem explicação, pois os maus resultados estão de acordo com a expectativa normal.

Mas há um ponto que precisa de ser mencionado nesta ligação, pois descubro que a lógica ou a faculdade matemática de muitas pessoas tropeça aqui. Elas pensam que a falta de resultados, além das probabilidades do acaso, na segunda e terceira sessões, retira valor aos resultados obtidos na primeira.

Não é o caso. Se numa hora de um determinado dia uma pessoa fosse capaz, em 22 de 25 tentativas, de nomear exatamente cartas de jogar selecionadas sem serem vistas por outra, o facto de em nenhum de dois conjuntos de tentativas semelhantes em dois dias subsequentes o resultado variar marcadamente da expectativa do acaso, não afetaria de todo o carácter impressionante da primeira série. Se a segunda e a terceira resultassem aproximadamente de acordo com a média do acaso, elas cancelar-se-iam a si mesmas.

SE ERA UM ESPÍRITO, POR QUE NÃO DISSE?

Perto do início da Secção II, a Sra. Allison pergunta-se por que razão E. W. A., se está a comunicar e acha que vale a pena mencionar os seus dentes, não aproveitou a oportunidade para dizer algo

específico sobre os dentes que teria sido característico e probatório. Talvez ele estivesse a tentar aproveitar a oportunidade, mas não tenha conseguido "fazer passar a mensagem", via primeiro Sunbeam e, em segundo lugar, Sra. Soule.

Mas estou cada vez mais impressionado com as exigências que fazemos aos supostos espíritos e sob as quais o crédito das mesmas pessoas, se vivas, colapsaria. Pois frequentemente uma de duas pessoas associadas é fortemente recordada de algo que pensa que deveria ocorrer com igual facilidade à mente da outra, mas que não ocorre espontaneamente. Todos concordaremos que uma conversa como esta poderia ocorrer num regresso do Dr. Allison para junto da sua esposa após uma longa viagem:

Sra. A.: "Falando em dentes, lembras-te de algo que dissemos sobre os teus dentes antes de te fores embora?" Dr. A.: "Sim, lembro-me que estiveste sempre a insistir para eu ir ao dentista tratar dos dentes, e que eu fui e depois te disse: 'Vês como obedeci às ordens'." Sra. A.: "Oh, não é nada disso que eu quero dizer. Não te lembras de como costumávamos dizer...?" Dr. A.: "Sim. Engraçado não ter pensado nisso!"

Ou suponhamos uma certa tia minha a testar o meu suposto espírito com um médium. Ela pergunta: "Lembras-te de um passeio de carro que demos a partir de Kents Hill quando eras novo?" O meu espírito: "Sim, lembro-me, através de Fayette." Tia: "Onde terminou a nossa jornada e qual foi o seu propósito?" Espírito: "Não é estranho? Não me consigo lembrar."

A minha tia provavelmente comentaria: "Fomos visitar a casa ancestral da sua família. Ele estava muito interessado em questões genealógicas e históricas e a visita encantou-o. Claro que ele se teria recordado de ver a velha casa de troncos do seu avô se se lembrasse do pormenor comparativamente pouco importante de passarmos por Fayette para lá chegar." Mas, se eu estivesse vivo, teria dado exatamente as mesmas respostas. Lembro-me de andar de carro com a tia, e até de ela apontar para uma estrada a alguma distância na qual em tempos vivera, mas a imagem da casa de troncos e o facto de a viagem ter o propósito de a ver desapareceram inteiramente da

memória. Estes factos foram-me, no entanto, provados cerca de trinta anos depois de terem ocorrido.

Este caso pode ser usado com mais proveito para ilustrar os problemas que inevitavelmente surgirão em relação às comunicações, admitindo que existe tal coisa como a comunicação de espíritos e que esta é sempre, ou em geral, de natureza estritamente telepática. Se eu me lembrasse o suficiente da jornada através de Fayette para dizer "Sim, lembro-me", surgiria certamente na minha mente a imagem mental que me surge neste momento e que é, de facto, a única memória distinta que tenho dessa jornada. É uma imagem de uma estrada situada a uma distância considerável, em terreno mais elevado do que a estrada onde estamos a conduzir, uma estrada com olmos altos e casas ocasionais, com a minha tia ao meu lado e a apontar, dizendo que vivera numa casa naquela vizinhança quando o seu marido fora pastor ali.

Ora, então, sendo eu um espírito, a mesma imagem e memória da observação da minha tia vêm-me à mente. Quer eu queira que aconteça ou não, uma impressão telepática é recebida pelo médium, que sai, digamos, assim, algo deformada na passagem por esforços subconscientes de interpretação e coerência:

"Fomos ver alguém num presbitério. O presbitério ficava numa colina, rodeado de olmos altos. Ouvi-vos a falar sobre isso."

A minha tia, tendo-se esquecido completamente de apontar a estrada sombreada por olmos onde ficava o antigo presbitério, e de me ter dito que em tempos ali vivera — uma vez que este foi apenas um de cem episódios da jornada — não fica, naturalmente, favoravelmente impressionada pela "comunicação". Ela não tem forma de saber que uma cena da jornada e uma frase dela me ficaram da viagem através de Fayette, pelo que não tem chave com que abrir a declaração críptica. Por isso, ela bem poderia comentar assim:

"Não fomos ver ninguém num presbitério. Fomos ver a velha casa onde o avô dele viveu em tempos. Não era em terreno alto, mas sim muito baixo. Não havia olmos nem quaisquer outras árvores à volta. 'A falar sobre' soa a disparate. Fomos de facto a uma casa, o que seria o mais provável, de qualquer forma."

É verdade que a "comunicação" seria totalmente desprovida de evidência e constituiria um problema cuja chave se perderia para sempre; no entanto, seria historicamente e psicologicamente válida. Tivesse a minha tia recordado aquele pequeno incidente de parar o cavalo, apontar a cena e fazer uma certa observação, e pudesse ela ter suposto que possivelmente eu recordava esses pormenores, ela poderia ter verificado a comunicação, dando margem a uma pequena elaboração secundária da mesma no subconsciente do médium.

Temos experiências para testar as memórias de supostos espíritos, e testamo-las pelo padrão muito imperfeito das nossas próprias memórias. Se os espíritos comunicam, e se por processos telepáticos, eu diria que a proporção de material falso, aparentemente falso e não verificável — devido tanto a infiltrações e deformações da mente do médium através da qual os pensamentos do espírito devem passar, como à falha de memória do experimentador — seria aproximadamente o que encontramos.

ALEGADAS IMPRESSÕES SENSORIAIS IMEDIATAMENTE ANTES DA MORTE

Na Secção XII, diz-se do suposto comunicador: "ele estivera a fazer coisas e a pensar em coisas; estivera perto de uma janela, consciente do ar, apenas um pouco antes de partir."

Na mesma sessão, Feda disse, no tom e com a maneira que emprega quando pretende dirigir-se a um espírito comunicador: "Mas o que é que estás a tentar fazer?" e depois explicou à consulente: "Ele levanta a mão em frente ao rosto. Fizeste-lhe troça por causa do nariz?" A consulente negou tê-lo feito e, mais tarde, após a observação sobre estar perto da janela, Feda diz: "Sabes se havia algo que ele conseguia cheirar de que não gostava? É uma condição que deverias conhecer. É por isso que ele estava a fazer aquilo ao nariz, porque conseguia sentir o cheiro." Na mesma ligação, declara-se que "a inconsciência não veio gradualmente, veio de forma bastante súbita".

Os factos foram que E. W. A. estivera sentado junto a uma janela aberta, a planear umas férias de verão, na noite do ataque; que quando a inconsciência veio, foi com uma rapidez instantânea; e que,

imediatamente depois, a Sra. Allison segurou um recipiente contendo uísque junto ao rosto dele e verteu algum pela garganta abaixo.

Mas a "inconsciência", relativamente ao observador, nem sempre é inconsciência total, de facto, para o sujeito. Existem muitos casos registados de recuperação de um estado aparentemente de completa inconsciência — mesmo um tão profundo que os médicos declararam a morte — com capacidade posterior de descrever o que fora dito e feito pelas pessoas presentes durante o intervalo.

"Consciente do ar" — que frase curiosa para ser derivada telepaticamente da consulente! "Um cheiro de que não gostava" — ainda mais curioso. Seguramente, a Sra. Allison pensaria em "janela aberta", "deu-lhe uísque", e não na sensação do ar na pele ou nos pulmões, ou na sensação de cheirar o uísque, à qual a sua consciência naquele momento trágico dificilmente teria dado atenção. Mas, supondo que as últimas recordações antes da morte sejam excessivamente tenazes, então, se o espírito falasse sobre a hora da sua morte, seria psicologicamente verosímil que memórias das últimas sensações fossem revividas.

Tais aparências, como que de memórias dos últimos efeitos sobre os sentidos, não são invulgares no trabalho de psíquicos que foram considerados dignos de estudo. Assim, em "Five Sittings with Mrs. Sanders" (*Proceedings A. S. P. R.*, Vol. XVIII), o suposto espírito de uma senhora declarou corretamente que "para outros era o estado de inconsciência" quando ela estava a morrer e, juntamente com uma série de pormenores literalmente verdadeiros que aconteceram durante os últimos minutos, mencionou um de muito interesse. "Sabes a campainha que estava a tocar... algo que soa como uma campainha — não parece ser uma campainha de igreja. ... algo como um clangor quando este espírito estava a passar... soa como um ferro abafado a ser batido — como uma campainha batida, não tão clara como uma campainha."

Tudo isto não soa como se pensaria que soaria uma impressão telepática recebida da consulente. Nem soa como algo que provavelmente teria causado qualquer impressão profunda na consciência dela. Quando as palavras acima foram proferidas em

transe pela Sra. Sanders, a consulente recordou-se claramente de que cerca de cinco minutos antes da morte da sua mãe, a campainha elétrica da porta da frente, no andar de baixo, fora tocada por um familiar da família. Ele conseguia recordar o facto de ter descido para deixar entrar o primo, mas talvez nunca, desde a morte da sua mãe, o facto incidental e banal de ter sido chamado a fazê-lo pela campainha lhe tivesse vindo à mente.

Mas pode ser possível que na consciência do moribundo, embora para além da fala ou de reações visíveis ao mundo exterior, a sensação primitiva de algo ouvido, provado ou cheirado, se agigante e se torne importante, prendendo a atenção e excitando o espanto. E se a consciência sobrevive à morte corporal, ninguém pode saber se as últimas sensações tendem ou não a fixar-se na memória. Seria considerado absurdo supor que alguém no que parece ser um coma profundo pudesse ouvir e compreender o que está a ser dito na sala, se não tivesse havido instâncias de sobrevivência de tal estado com memória provada de conversas durante o mesmo.

Não penso que as numerosas declarações mediúnicas que implicam memória das últimas impressões antes da morte sejam conclusivas por si só, mas penso que muitas delas merecem consideração por algo além da sua mera validade factual, ou seja, com referência às suas peculiaridades e a uma explicação psicologicamente satisfatória dessas peculiaridades. A julgar pelos resultados da telepatia experimental, se o facto sobre a campainha veio à mente do médium por telepatia da consulente, esperaríamos uma declaração como: "Houve uma campainha de porta que tocou precisamente antes de eu morrer", ou simplesmente "um som como uma campainha".

Pelo contrário, o que encontramos é — devemos admiti-lo — o que esperaríamos se uma consciência estivesse a tentar descrever uma sensação que na altura causou uma impressão poderosa e duradoura num estado onde as faculdades de raciocínio eram demasiado débeis para compreender a verdadeira natureza e fonte dessa sensação. Do mesmo modo, passados mais de trinta anos, as estranhas impressões que dominaram a minha mente durante horas numa doença que produziu quase-delírio ainda permanecem na memória, mas para as descrever eu ver-me-ia reduzido a uma série de esforços ejaculatórios,

dos quais nenhuma frase, nem todas juntas, seriam adequadas. A série de ejaculações sobre os sons semelhantes a campainhas, das quais não citei nem metade, aparecem como se fossem resultados genuínos de tais esforços.

UMA EXPERIÊNCIA COM O "ACASO"

Mesmo antes de ir para a tipografia, ocorreu-me ver como as declarações numa sessão que, no essencial, são aplicáveis a E. W. A., se aplicariam a mim. Claro que tal teste não se comparará de todo com a comparação que fiz em relação às declarações em "*The Mother of Doris*" com base num questionário respondido por cinquenta mulheres. No entanto, terá algum interesse. Existem imensas pessoas, mesmo de elevado estatuto profissional, cuja aversão aos estudos em pesquisa psíquica é tão grande, ou cujo sentido de valores matemáticos é tão pequeno, que são capazes de declarar que nada existe nestes registos além do trabalho cego do acaso. Pois bem, então o "acaso" deveria ter uma oportunidade tão boa se eu for colocado no lugar de E. W. A.

Tentei o teste com apenas uma sessão, a da Sra. Soule na Secção II. A razão para esta seleção é que a maioria das declarações ali contidas se referem a uma pessoa, o presumível E. W. A., e poucas delas têm a ver com a sua morte — sendo tais declarações, claro, impossíveis de aplicar a uma pessoa viva.

Voltando ao Resumo da Secção II, verifico que, desconsiderando o que é dito sobre "diagramas", "frascos", "copos" e "germes" implícitos na declaração anterior sobre experiência hospitalar, existem 26 afirmações e insinuações.

Daquelas consideradas "CORRETAS" E "QUASE CORRETAS" em relação a E. W. A., considero as seguintes como Corretas para mim:

(1) "Quando interessado, entregava-se totalmente",

(2) não conseguia ser evasivo [quibble] (pelo menos, creio que não o sou),

(3) tem um casaco de casa,

(4) "sempre agarrado a um relógio" (mas apenas em certos períodos passados da minha vida),

(5) dentes não tão bons como os da sua esposa.

Aplicando-se a mim, mas em nenhum grau especial, está:

(6) "fato de roupa muito leve, fino, parece ser cinzento-claro". (Mas eu não tinha especial preferência por ele, a minha mulher não o preferia, não usei cinzento nem um quarto do tempo que usei outras cores e raramente usei cinzento-claro).

Aplicando-se a mim por interpretação forçada:

(7) "ele tinha dois relógios, um maior." (Tenho apenas um relógio que tem estado em uso há alguns anos. Tenho outros dois relógios velhos, não usados; três ao todo. Os seus tamanhos diferem todos ligeiramente.)

Errado para mim:

(8) "Neddie" (não é o meu nome),

(9) apreciador de porcelanas bonitas (não mais do que a pessoa comum),

(10) "gosto de a ver da janela" (a minha mulher e eu não tínhamos o costume de explicar isto),

(11) "tão educado" para com a esposa (não creio que o enfático "tão" fosse correto para mim. Receio que o excesso de trabalho e uma mente abstraída no pensamento tenham causado frequentemente uma deficiência na polidez exterior — aliás, tenho a certeza disto),

(12) "corrente de relógio" [*fob*] (não tenho nenhuma, nunca usei uma na vida, tanto quanto me lembro, exceto por um curto período há muitos anos),

(13) guardou bugigangas que teve em rapaz (não tenho nenhuma),

(14) usa tudo (pelo contrário, tenho a propensão da Nova Inglaterra de guardar algumas coisas "estimadas" para ocasiões especiais),

(15) "nariz fino, de bom tamanho, aristocrático" (nenhum destes adjetivos se aplica ao meu nariz),

(16) "relógio móvel" (nenhum sentido especial em que isto se pudesse aplicar a mim),

(17) insinuação de experiência e prática hospitalar (nunca, nem nunca fui sequer paciente num hospital),

(18) insinuação de que freiras estivessem associadas ao meu trabalho profissional (nunca, salvo num ano há muito tempo, e nessa altura os meus contactos com elas foram muito poucos),

(19) mãos bonitas (as minhas não poderiam ser corretamente assim descritas),

(20) gosta muito de espargos (apenas os tolero),

(21) "jogava um jogo — clique, como golfe — boa tacada" (não jogo qualquer jogo minimamente parecido com golfe desde a infância, quando por vezes batia numa bola; e nunca fui um bom atirador em nada),

(22) "problema com um dente na parte de trás da boca" (sem significado inteligente, não tenho tido problemas com dentes em lugar algum há muitos anos, ao passo que E. W. A. fizera trabalho dentário na parte de trás da boca pouco antes do seu falecimento),

(23) "Wheelen" (nem como Wheelen ou Wheeler ou qualquer nome semelhante haveria qualquer relevância plausível para mim que eu possa imaginar).

(24) A insinuação de que E. W. A. tinha um relógio de pulso estava ERRADA; é Errada para mim também, pois nunca usei um.

Considerados como NÃO VERIFICADOS em relação a E. W. A. foram

(25) a referência a um livro de canções com o nome dele e algo escrito nele, também com uma capa solta (não me lembro de nada do género relacionado comigo, mas não posso ter a certeza; novamente, Não Verificado é a palavra), e

(26) "alguma vez esteve numa morgue" (no meu caso, isto estaria certamente errado).

Esforcei-me por encontrar mais itens para os quais se pudesse encontrar uma desculpa para os classificar como Corretos. O item sobre um fato cinzento-claro é assim considerado porque por acaso estou a usar um enquanto escrevo isto, não porque tenha sido de todo característico.

Assim, com uma consciência intelectual algo culpada, os três relógios que possuo são contados como corretos para "dois", uma vez que três inclui dois, e "agarrado a um relógio" é incluído, visto que houve uma época, há doze anos, em que o meu trabalho era inteiramente regulado pelo relógio. Fora os tempos de escola, isto não foi verdade durante dois anos na minha vida. E, no entanto, com todo o esforço para aumentar o número de coincidências entre as declarações da sessão e os factos que me dizem respeito a mim e aos meus assuntos, aqui estão os resultados sobre o registo da Secção II.

		Correto e quase correto	**Errado**	**Não Verificado**
A.	Para E. W.	23	1	2
	Para W. F. P.	7	18	1

Se levarmos em consideração o respetivo peso das declarações mediúnicas, bem como o seu número, a disparidade, creio eu, seria maior. Mas, no que diz respeito a números, a primeira linha de algarismos representa o que algumas pessoas que escarnecem da pesquisa psíquica supõem que o acaso pode fazer, enquanto a linha inferior de algarismos mostra o que o acaso realmente fez.

A seguir a isto, apresentei os mesmos pontos a uma senhora em referência ao seu marido, pedindo-lhe que fizesse tudo o que o

engenho pudesse fazer, de forma consistente com a verdade, para fazer com que os pontos se aplicassem. Este foi o resultado.

- **Sim:** números 1, 2, 3, 4, 14, 21, 24, 26.
- **Sim, por interpretação forçada:** números 7, 22 (tinha tratado um dente a meio da parte de trás há seis anos).
- **Não:** números 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 25.
- *Sims*: 8, *Nãos*: 18; ou por esforço, *Sims*: 10, *Nãos*: 16.

NOVAS EXPERIÊNCIAS COM A SRA. SOULE

Relatadas pelo RESPONSÁVEL PELA INVESTIGAÇÃO da BOSTON SOCIETY FOR PSYCHIC RESEARCH

INTRODUÇÃO

O primeiro Relatório do Dr. Hodgson sobre a Sra. Piper forneceu resumos de, e excertos de sessões, baseados em notas manuscritas porque ele não tinha fundos para empregar um estenógrafo. Uma parte das sessões do seu segundo Relatório foi registada estenograficamente, e algumas destas são apresentadas praticamente na íntegra, mas a maioria sob a forma de excertos e abreviações.

O Dr. Hyslop relatou todas as sessões de uma série, estenograficamente na íntegra, incluindo as sessões que não pretendiam fornecer evidência, e incluindo toda a discussão e conversa irrelevante nelas contidas. O seu relatório mais longo, à parte da discussão introdutória (88 páginas), preencheu 846 páginas. Sem dúvida que o seu procedimento a este respeito se aproximou do ideal científico, mas teve o resultado infeliz de que poucos, mesmo entre os mais cientificamente inclinados, tiveram paciência para ler os registos das sessões até ao fim. É um ideal que nenhuma outra espécie de investigação tenta abordar. Se a *Origem das Espécies* de Darwin

contivesse todos os seus dados acumulados, prós e contras, teria dez mil páginas em vez de algumas centenas.

Este Relatório segue um caminho intermédio. Cada experiência foi relatada estenograficamente. Algumas são dadas na íntegra, exceto em partes que não têm relevância para a questão probatória, sendo as localizações destas indicadas. Outras são apresentadas em parte através de excertos juntamente com abreviações cuidadosas. Outras ainda são resumidas na totalidade, tendo sido tomado o máximo cuidado para indicar a respetiva quantidade e qualidade dos fatores corretos e incorretos.

Algumas das melhores são apresentadas na íntegra, e resumos de algumas das piores também são mostrados. Um certo número é omitido inteiramente, mas apenas porque faltariam fundos para imprimir e paciência para ler uma massa tão grande. Alguns dos números omitidos ocupam-se pouco com evidência, noutros a natureza probatória mal ultrapassa o nível do acaso e, noutros ainda, ultrapassa-o decididamente. É uma pena não apresentar aqui alguns grupos de afirmações inteiramente omitidos, mas o espaço planeado foi excedido, e utilizá-los teria exigido a exclusão de "exemplos horríveis".

A única liberdade tomada com o texto estenográfico é a de omitir meras repetições de palavras, ocasionadas pela incapacidade do leitor de as decifrar quando escritas pela primeira vez. Tais repetições não têm valor.

Nos Relatórios do Dr. Hodgson, as notas estão por vezes entre parênteses no próprio texto, por vezes colocadas noutras páginas que não as do texto a que se referem. Nos Relatórios do Dr. Hyslop, as notas são colocadas em letra mais pequena no fundo da página. Penso que elas merecem tanto destaque como o próprio texto da sessão, uma vez que só à luz delas é que esse texto vale alguma coisa. A fim de assegurar o mínimo esforço ao leitor, neste relatório elas seguem imediatamente as passagens do texto com que se relacionam respetivamente.

Estava longe da minha intenção, ao iniciar esta série de experiências, que eu ou a minha filha Theodosia continuássemos a ser

os consulentes. Dados relativos à minha vida pública ou profissional, dados deriváveis do que está impresso ou do que pessoas vivas disponíveis saibam sobre qualquer um de nós, juntamente com observações por mais perspicazes que fossem, mas que poderiam, no entanto, ser deduções de tal material, não me teriam impressionado de todo.

Mas quando pareceu que dados da minha juventude e infância, que não estavam em parte alguma impressos e que poucas pessoas vivas conheciam (e essas não disponíveis), estavam a ser apresentados; quando a infância de Theodosia começou a ser explorada de forma semelhante; e quando todo o tipo de coisas relativas à minha falecida esposa nos seus primeiros anos, e na sua última doença[1], que nunca poderiam ter chegado aos ouvidos da Sra. Soule, começaram a jorrar, pareceu ser de bom senso não abandonar minas que tinham começado a render de forma tão rica.

Deve entender-se que, enquanto a mão da médium escrevia, alguém presente lia as palavras em voz alta. Eu fazia-o quando presente. Quando eu não estava presente, o estenógrafo fazia-o. O leitor dava as respostas. O "Sim" como resposta raramente significa muito. Encontra-se onde as afirmações são corretas e quando não são corretas. Frequentemente reconheci a verdade de afirmações feitas, e no entanto será difícil encontrar instâncias onde eu tenha revelado pormenores que não tivessem sido já plenamente anunciados.

Por vezes admiti que uma afirmação estava errada, mas não fui mais longe. Existem alguns casos de respostas que podem ser consideradas como indutoras [*leading*], no entanto, se o que se seguiu no texto tivesse sido diferente, a resposta seria provavelmente pelos mesmos críticos considerada como indutora na outra direção. Não considero o meu método de dar respostas como defeituoso. Se não se derem respostas de todo — se factos clara e inequivocamente afirmados nunca forem reconhecidos como corretos — o subconsciente desta médium é aparentemente colocado num estado de perturbação e fica mais ou menos incapacitado para desempenhar a sua parte nas experiências, seja qual for essa parte.

Se alguém estivesse a examinar um homem que afirmasse ter vivido como rapaz numa certa cidade, e se o examinador ocasionalmente dissesse "Está certo" ou "Está errado", de acordo com o que o estranho afirmava recordar, enquanto era feito um registo estenográfico de tudo o que era dito, desde que não desse ao requerente qualquer informação gratuita, não creio que o advogado mais exigente encontrasse falha no método.

[1] Certos pormenores da doença, tais como referências a dor e ao abdómen, estavam ou poderiam ter sido inferidos de passagens nos *Proceedings* A. S. P. R. de 1924, começando na página 179. Mas a grande massa de pormenores não poderia ter sido assim derivada. Não há sinal de qualquer dependência dessas passagens, nenhuma indicação da localização exata da doença, por exemplo, nem referência a uma operação.

Um amigo meu sustenta que por vezes o Dr. Hyslop dava respostas indutoras. Se assim for, lá estão elas no registo impresso, e o estudioso pode dar a devida margem para tal. Mas o meu amigo também sugere que, após os anos de trabalho da Sra. Soule com o Dr. Hyslop, ela possa ter aprendido a interpretar todo o tipo de sinais inconscientes dados por ele. Estes não poderiam ser sinais visíveis, uma vez que ela tem os olhos fechados, pelo que suponho que inflexões vocais, hesitações, respirações, gorgolejos e quem sabe pequenos guinchos de deleite da parte dele estejam implícitos na teoria. Isto é algo divertido para quem já esteve presente em qualquer uma das suas experiências, viu o seu comportamento de esfinge e ouviu a sua dicção monótona. Mas não houve anos de conhecimento comigo antes das minhas experiências aqui relatadas.

Estas foram as minhas primeiras com a Sra. Soule. Antes delas, eu tinha sido consulente uma vez, sem ser visto nem ouvido. As minhas primeiras sete sessões são dadas sem interrupção na série. Terá a médium tido o génio sem paralelo de compreender instantaneamente o meu código de sinais "inconscientes"? E quais poderiam ter sido os sinais, dados inconscientemente por um investigador bastante cuidadoso, significando, por exemplo, que eu em tempos possuíra um gato chamado Mefistófeles?

Quando Theodosia foi a consulente, ela não foi vista nem ouvida. Por vezes, a Sra. Guinan, que dava então as respostas, olhava para a consulente à espera de um aceno ou negação com a cabeça, mas frequentemente o seu "sim" ou "compreendo" era apenas formal, sem qualquer conhecimento da sua parte. "Sinais inconscientes" vindos dela, pelo menos, teriam tido igual probabilidade de induzir em erro.

Não houve qualquer tentativa de resumir os resultados obtidos como no caso dos registos da Sra. Allison, mas o leitor é deixado para formar as suas próprias impressões sobre o peso probatório, quer de sessões individuais, quer de todo o conjunto combinado.

A discussão que este relatório contém será encontrada principalmente a seguir às passagens que a suscitam. Tem havido, em Relatórios anteriores, tanta explicação sobre as condições em que o trabalho da Sra. Soule é realizado, e tanta discussão sobre as questões envolvidas nesse trabalho[2], que talvez o leitor aprecie ser, por uma vez, deixado comparativamente entregue a si próprio e à evidência.

[2] Ver prefácios nos Proceedings, VI do A. S. P. R. (pp. 1-92); Ibid., XI (pp. 5-231), ambos pelo Dr. Hyslop; também muita discussão no Journal. Ver prefácios por W. F. P. nos Proceedings A. S. P. R., XV (pp. 1-43), e Ibid., XVII (1-27). A Sra. "Chenoweth", deve entender-se, é a mesma pessoa que a Sra. Soule.

Permitir-me-ei, contudo, algumas observações sobre temas noutros locais pouco tocados neste relatório.

À medida que a série de experiências se aproximava do seu fim, e se dava mais atenção ao que fora acumulado, apercebi-me de que vários conjuntos de afirmações tinham marcadamente a aparência de proceder de um ponto de vista diferente de qualquer um ocupado pelos consulentes. Assim aconteceu na história de Stephen, na qual o que aconteceu entre o meu pai e o Stephen, quando eu não estava presente, é abordado com muito mais pormenor do que o que aconteceu na entrevista seguinte entre o meu pai e eu próprio.

Eu nunca tinha pensado muito sobre o episódio em que o pai e o Stephen tinham estado sozinhos, e não sabia quase nada dos seus pormenores, ao passo que durante todos estes anos os traços do episódio em que o meu pai e eu fomos os protagonistas tinham ficado

gravados na minha alma. Isto não é o que, antecipadamente, esperaríamos de telepatia vinda de mim. Mas foi o carácter seletivo peculiar dos pormenores que pretendiam vir da minha esposa e se referiam às suas últimas semanas na terra o que mais me impressionou quando o notei. Estes pormenores são tais que decididamente não parecem ter a marca da minha mente sobre eles. Não parecem emanar do meu ponto de vista nem do de Theodosia.

Para nós, os pontos proeminentes na mente durante esse último período, e na memória desde então, foram o terrível crescimento canceroso interno, a ferida no abdómen que crescia diariamente, a absoluta falta de esperança e o horror da situação. Considerando a sua condição patológica, tínhamos dado muito pouca atenção à sua crença de que fora visitada por familiares espirituais. Mas na alegada comunicação não há qualquer indicação dos traços do caso que para nós se destacavam de forma tão proeminente; aliás, ela nunca soube o que era realmente a sua doença, nunca se apercebeu de que havia uma ferida aberta e esperou, até aos seus últimos cinco minutos, melhorar e regressar a sua casa.

Pelo contrário, o que encontramos é uma multidão de pequenos pormenores verdadeiros: as suas costas a serem massajadas, a sua cabeça massajada de uma forma particular, o problema com o pé e o joelho, sensações contínuas de fome, a sensibilidade da sua cabeça quando o seu cabelo era lavado ou penteado, sentir que ficaria bem outra vez, problemas com as costas perto do fim, e no entanto não lhe ser permitido deitar-se de lado, a canja de galinha que Theodosia lhe trazia, o transtorno que a sua dentadura postiça lhe causava, uma sensação de enfartamento no peito e de forte dor no abdómen, a dor a parar de repente (devido a opiáceos), visões reconfortantes dos seus familiares, um sentimento de rebelião associado à morte, etc.

Ocorreu-me, ao analisar esta lista, que foram estes pormenores e outros semelhantes que ganharam relevo na mente doente da minha esposa, embora ocasionalmente ela perguntasse pelo meu trabalho ou pelas suas flores ou outras coisas em casa, tudo o que figura nas comunicações. Eu, Theodosia, ou ambos, conhecíamos todos os pormenores acima referidos, mas alguns deles eram apenas imagens

pálidas e desvanecidas nas nossas mentes, vividamente obscurecidas pelas memórias que mencionei e outras.

Nada do que sabemos ou pensamos saber sobre telepatia nos levaria a supor que ela atue de outra forma que não seja segundo a analogia de uma força mecânica; nada dá base para supor que ela dramatize, adote inteligentemente o ponto de vista de uma terceira pessoa e selecione para se ajustar às características dessa pessoa. Parece haver a marca da mente da Sra. Prince sobre os pormenores que o texto alega estarem ligados a ela.

Em vários destes registos, os fatores de afirmações identificáveis e afirmações falsas ou não identificáveis revelam um arranjo curioso. Na sessão de 17 de novembro, por exemplo, os pormenores que descrevem a quinta da família e os seus arredores imediatos são, quase sem exceção, ou corretos ou reconhecidamente próximos da verdade. Mas no momento em que a atenção se vira para a aldeia, que ficava a uma milha e meia de distância, a cena é irreconhecível.

Pode sugerir-se que a razão para isto é que os traços da quinta da família e dos seus arredores imediatos me eram mais familiares, e assim foram refletidos com mais precisão da minha mente por telepatia. Respondo que os traços principais da aldeia são tão claros e fixos na minha memória como os da minha própria casa. Nada poderia estar mais remoto da minha consciência do que retratar aquele lugarejo como uma "cidade", imaginar ali um edifício com "uma grande torre arredondada" que "parece um edifício do governo", ou colocar ali sequer um edifício antigo construído de algo que "parece granito velho muito sujo".

Novamente, quase todos os muitos itens no registo de 3 de novembro, sobre um senhor "clerical", estão corretos para o meu tio, e ele é corretamente localizado em relação à Baía de Casco, enquanto a referência a um "aguaceiro" é reminiscente da única vez que o suposto comunicador alguma vez o visitou em minha companhia quando ele vivia numa ilha na Baía. Mas no momento em que a narrativa passa dele para a descrição de um lugar, com a expectativa despertada da minha parte por certas observações de que o lugar seria aquele onde

eu andei na escola e vivi na casa dele, a descrição está em desacordo com os factos.

Numa sessão posterior (não impressa) houve uma tentativa de descrever o lugar onde a escola ficava, mas é desastrosamente errada. Deverá o contraste na natureza probatória ser atribuído ao facto de eu ter memórias claras do meu tio e memórias ténues dos edifícios da escola? Lembro-me destes últimos com nitidez fotográfica. Seria difícil para mim imaginar ali um relógio num campanário, ou colunas dóricas ou uma estação de comboio próxima (a escola ficava no topo de uma colina longa e alta). Novamente, a 17 de dezembro, obtive uma multidão de pormenores, predominantemente corretos, descritivos de outro tio, o interior da sua casa e a sua relação com a cidade, cujo próprio nome foi dado.

Mas quando a atenção aparentemente se voltou para os traços maiores da própria cidade, a descrição tornou-se irreconhecível. Se a minha mente estava a ser "escutada", por que haveria ela de se fechar subitamente e recusar-se a render, quando a cena mudou pela distância de um quarto a meia milha? Não há nenhuma "pequena ponte pedonal" na minha imagem mental de Fairfield, nem nenhuma "*Monument Square*", ou algo parecido, nem nenhuma estação de comboio localizada como descrito. Não tenho explicação, sob qualquer teoria, para o enigma que estes exemplos apresentam. Mas é digno de estudo futuro.

No decurso destes registos são apresentados alguns cálculos matemáticos relativos a nomes, alguns dos quais parecerão sem dúvida ridículos a muitos. Estes não são selecionados, ou seja, nenhum cálculo foi feito cujo resultado não esteja impresso.

Desejo assegurar aos leitores, com toda a ênfase possível, que nem à Sra. Soule consciente nem através de nada dito a título de respostas nas sessões não impressas por falta de espaço, foi dada informação que pudesse, se conhecida pelo leitor, diminuir os problemas que as sessões impressas apresentam. Todos os registos estenográficos estão cuidadosamente preservados e estão abertos a inspeção.

EXPERIÊNCIAS COM A SRA. SOULE ("CHENOWETH")

AS PALAVRAS PROFERIDAS POR UM CONSULENTE SÃO COLOCADAS ENTRE PARÊNTESES; A INFORMAÇÃO INTERPOLADA FORNECIDA AO LEITOR É COLOCADA ENTRE PARÊNTESES RETOS. UMA CURTA SÉRIE DE PONTOS ENTRE PARÊNTESES RETOS SIGNIFICA A OMISSÃO DE MATÉRIA SEM RELEVÂNCIA PARA A QUESTÃO PROBATÓRIA.

AO LONGO DO TEXTO, AS NOTAS PREFACIADAS POR "W" OU SEM QUALQUER INICIAL, FORAM ESCRITAS POR W. F. PRINCE. A PREFACIAÇÃO "T" SIGNIFICA A AUTORIA DE NOTAS PELA MISS THEODOSIA B. PRINCE, E "G" PELA SRA. C. B. GUINAN.

15 DE OUTUBRO DE 1920, 11:30

(PERÍODO DA INFÂNCIA DE W. F. P. E MORTE DO IRMÃO)

Presentes: W. F. P. (Consulente), Miss Crawford (Estenógrafa). A Sra. Soule entrou em transe antes de o consulente entrar, e este sentou-se atrás e à direita dela, e deu as respostas. Esta foi a segunda vez que ele viu a psíquica; a primeira fora um ano ou mais antes, quando o Dr. Hyslop o levou para ser consulente, altura em que ele não foi visto nem ouvido.

RESUMO DE TODAS AS AFIRMAÇÕES COM RELEVÂNCIA PROBATÓRIA

1. O comunicador foi anunciado como sendo a mãe de W. F. P. Ela estava, de facto, morta — um facto provável, mas de modo algum certo.

2. Três espíritos anunciados: "Charles de há muito tempo", "J mais recente" e "uma senhora que é muito ativa e vivaz. É um prazer para ela vir, mas a maior parte da sua

existência tem sido deste lado. Há uma irmã que estaria ansiosa por vir ter com ele? (Não, não uma irmã.) Esta era uma criança que veio para este lado há algum tempo e parece muito desejosa de vir ter com ele."

W.: Eu tive um Tio "Charles" e um Tio J, de ambos os quais eu gostava muito. Mas a morte de J foi a mais recente. A única pessoa passível, pela intimidade, de ser confundida com uma irmã era uma prima que foi a minha companheira de brincadeiras diária e que morreu aos quinze anos.

3. Afirma-se corretamente que o meu pai está morto.

4. "J. H. H." diz-se estar presente, "muito interessado nesta experiência", "pois a sua emoção desperta ao vir aqui hoje".

W.: Isto seria pertinente, uma vez que eu fora assistente do Dr. Hyslop, mas não o apresento como prova.

5. Também um "David" é mencionado como estando presente, com o meu pai.

W.: Um colega de escola da infância, que vivia em terras contíguas às nossas, está morto. Eu decididamente não teria esperado que ele estivesse na companhia do meu pai, a menos que ele tenha melhorado.

6. "E há um que tem a cabeça muito careca, homem baixo de constituição robusta que tem olhos azuis, mas o cabelo que possui é castanho-escuro com um pouco de branco à mistura, e a senhora que é aparentemente a mãe do consulente está com ele."

W.: Isto lembra-me um tio da minha mãe que vivia perto, na mesma estrada. Ele era baixo e robusto e tinha cabelo castanho-escuro misturado com branco. Conforme o recordo, ele tinha apenas uma clareira de calvície, mas pode ter ficado mais careca mais tarde, pois viveu muitos anos depois de eu me ter ido embora. Não sei a cor dos seus olhos, mas creio que a cor predominante naquela família era o azul. (Ver "David" e "Joseph" no mapa).

7. "Há uma outra senhora que está muito ansiosa por regressar; não a mãe, mas uma senhora que me mostra algumas coisas que podem ajudar a identificá-la. Ela é uma pessoa muito [suspirou] paciente e muito sossegada, mas deve ter sofrido muito antes da sua morte, pois o seu rosto está bastante abatido e parece ter sido um alívio para ela quando tudo terminou; mas esta ideia de espíritos regressarem é algo completamente novo para ela."

W.: A minha irmã, a Sra. Louise Prince Freeman, viu esta carta e escreveu:

"Há uma outra senhora que está muito ansiosa por regressar." A descrição que se segue a esta citação aplica-se com muita precisão à Tia Miranda, irmã da minha mãe. Ela era notavelmente "paciente" e "tranquila", e certamente "sofreu muito" antes da sua morte, não só na sua última doença, mas em doenças anteriores; e sofreu, também, não só dor física, mas, ao longo de toda a sua vida de casada, muito desassossego mental por conta da contínua má saúde do marido e das suas perplexidades financeiras. Tinha apenas 35 anos quando morreu, mas um retrato dela que eu possuo mostra o seu rosto muito "puxado" e com um aspeto desgastado, muito mais velha do que a sua idade. Foi certamente "um alívio para ela quando tudo terminou".

8. "Este consulente [o *consulente*] deve ter muitas pessoas na sua família que eram cristãs, pois parece haver um ar geral de expetativa em relação ao céu e ao inferno"

W.: A maioria deles era, e tinha sido por gerações, cristãos de padrão "ortodoxo".

9. "E foi com algum grau de perturbação que aceitaram a proposta de comunicar"

W.: Tanto quanto sei, não tive um único parente nas últimas três gerações que não achasse que as alegações de "comunicação" eram um disparate.

10. "O consulente não tem tais escrúpulos. Ele busca a verdade para onde quer que ela o leve."

W.: Verdade, eu não tinha escrúpulos em estudar tudo o que fosse imaginável.

> (a) "Está com o espírito da mulher que considero ser a mãe um rapaz pequeno"

W.: O único dos filhos da minha mãe que morreu era um rapaz pequeno na altura da sua morte.

> (b) "Vejo a mãe colocar um pequeno retrato dele, que deve ter sido tirado há algum tempo, aqui em cima da mesa,"

W.: Nunca foi tirado qualquer retrato dele. Mas veja-se o ponto (e).

> (c) "e com o retrato há algo que parece um brinquedo. É feito de madeira, mas é como um pequeno carro ou trenó... foi guardado durante algum tempo por razões sentimentais"

W.: Não me recordo de um carro ou trenó ter sido guardado durante algum tempo, mas não posso ter a certeza. Possuo um brinquedo de madeira que lhe pertenceu, mas teria sido um triste erro telepático chamar-lhe carro ou trenó, se a minha mente estivesse a ser lida.

> (d) "E há um pedaço muito pequeno de algo que parece cabelo. Vejo o papel macio à volta e, à medida que ele cai, vejo este pedaço de cabelo e depois vejo uma letra T grande"

W.: Há muitos anos, a minha mãe desembrulhou um pacote de papel de seda com o cabelo da criança falecida e deu-me uma parte. Um dos seus nomes começava por T. e ele era por vezes chamado por ambos os nomes, embora normalmente apenas o outro fosse usado. O outro era muito invulgar.

> (e) "E há algo que é como uma imagem produzida aqui, que é uma pequena pedra num cemitério. Estranhamente, parece haver uma pequena figura de um cordeiro nela. Não estou bem esclarecida se o esforço dela é reproduzir a pedra real ou se há alguma palavra nela que sugira cordeiro"

W.: Muitas crianças que morrem não têm uma pedra separada erguida à sua memória. Onde existem pedras separadas, a maioria não tem a figura de um animal ou de uma ave nelas. Na campa do meu irmão encontra-se uma "pequena pedra" com, não um cordeiro, mas aquele outro símbolo de inocência e paz sobre ela, uma pomba.

A mãe chamava frequentemente ao rapazinho o seu "cordeiro" e, após a sua morte, guardou no seu quarto um poema intitulado "O Pastor e o Cordeiro", referindo-se à morte de uma criança. Poder-se-ia teorizar que a incerteza no texto sobre se era um cordeiro na pedra ou "alguma palavra" proviesse da fusão das memórias da figura na pedra com a do nome que ela dava à criança. Mas isto é altamente conjetural.

Note-se a dúvida se a "imagem" era um "esforço para reproduzir a pedra real". Esta seria uma imagem mental. Então a "imagem" sob o ponto (b) poderia ser uma imagem mental da criança, supostamente significando uma real.

> (f) [Referindo-se ainda ao rapazinho] "um registo de uma triste, triste experiência [.....] (Pode dizer mais sobre essa triste experiência?) Sim, certamente. Foi uma tragédia pois foi tão repentina, (Sim; continue mais, se puder.) e foi quase inacreditável como pôde ter acontecido, mas a alegria vem pela manhã."

W.: A morte é geralmente uma experiência triste para os amigos que ficam. Mas não haverá ênfase na repetição "triste, triste"? Como se esta fosse uma especialmente triste? Foi, pois a criança teve uma morte não natural, que quase enlouqueceu a família. Não devemos forçar demais as palavras "foi uma tragédia", pois acrescenta-se, "pois foi tão repentina". Mas foi uma tragédia real. E foi terrivelmente repentina. "Quase inacreditável" expressa os sentimentos da época. Num momento tudo era paz, sem sonho de perigo; no seguinte, sem qualquer agência culpável, o destino tinha caído.

> "Conhece alguém pelo nome de Edward (Sim.) que era por vezes chamado Ned ou Neddie? Parece um nome carinhoso."

W.: A minha irmã escreveu-me: "Ned foi sempre o meu nome carinhoso para o Edward nos primeiros tempos da nossa vida de casados. Creio que mais ninguém lhe chamava isto."

A transição para Edward não seria difícil de explicar conjeturalmente, na teoria de que os pensamentos da minha mãe estão, em parte, a ser captados. Ela pensa no seu rapazinho cuja morte quase a matou, um fragmento do primeiro nome que lhe foi dado por ser o do pai dela surge, o seu nome para a criança ocorre em ligação com o pensamento da pequena pedra que ela visitava frequentemente, o modo da sua terrível morte perpassa pela sua mente e é transmitido, isto recorda o facto de que foi no quarto da sua filha que a tragédia ocorreu sem que esse facto chegue a ser expresso, e isto faz a ponte para "Edward", que cortejou a filha na mesma casa, e para "Ned", o nome familiar da filha para ele.

> "Antes de eu ir, há um R. (Bem, eu conheci mais do que um.) Parece o nome de uma senhora Rhoda Rhoda Conhece Rhoda (Não, esse nome é-me desconhecido.) Creio que o tenho correto."

W.: É curioso que a rapariga com quem eu convivia particularmente na escola rural e de quem eu era um rival amigável nos estudos, tinha um nome invulgar que soava exatamente como Rhoda é habitualmente pronunciado pelas pessoas do campo, exceto pela primeira letra. Mais tarde, ela preferiu ser chamada pelo seu outro nome, mas o primeiro é muito familiar na minha memória. A minha mãe gostava dela e conhecia bem a nossa amizade mútua. Morreu quando era uma mulher jovem. Mas contra esta identificação está a afirmação de que "há um R.".

16 DE OUTUBRO DE 1920, 10:00

(RELEVANTE NA SUA MAIORIA PARA A AVÓ PATERNA DE W. F. P.)

Presentes: W. F. P. (*Consulente*) e Miss Crawford (Estenógrafa). Procedimento igual ao do dia anterior.

RESUMO DE TODAS AS AFIRMAÇÕES COM PESO DE EVIDÊNCIA

1. [Suposta comunicante, a minha mãe.] "Pergunto-me se te lembrarás de uma ou duas coisas em que penso Uma é uma peça de roupa que usei há muito tempo Vestido de seda preta que guardei com bastante cuidado durante alguns anos e que foi finalmente usado para uma ocasião especial e era o meu vestido mais bem cuidado Não o estou a tornar ainda muito claro mas na minha morte houve alguma discussão sobre o seu uso para um sudário uso a palavra à antiga mas refiro-me a ela apenas no sentido do seu uso mas não foi feito um mais claro e fino foi usado finalmente Podes lembrar-te dele por algum ornamento de azeviche azeviche nele (Vou perguntar; não me lembro bem de roupas.)"

"Dei à mãe tecido para uma blusa de seda (preta com uma risca finíssima branca), que ela guardou cuidadosamente vários anos antes de ser confecionada. Finalmente, ela mandou fazer essa seda numa blusa para usar na ocasião do casamento do Harold. Guardou-a cuidadosamente como a sua melhor blusa até à sua morte. Foi usada, com a sua melhor saia preta, 'para um sudário'. Não me recordo de qualquer discussão sobre isso. Eu e C. estivemos de acordo desde o início. Não me recordo de ela possuir uma mais fina com um ornamento de azeviche. Se possuía, certamente não foi usada 'para um sudário'." LOUISE PRINCE FREEMAN. "23 de nov. de 1920."

W.: Existem grandes discrepâncias; era uma blusa, não um vestido; não houve discussão; a seda preta foi usada no funeral; nenhuma peça com azeviche é recordada. E, no entanto, hesita-se em declarar a passagem como totalmente desprovida de impressionabilidade nos seus paralelos.

2. Referência a um "Tio William". Eu neguei qualquer tio com esse nome, e "G. P." veio e disse: "O W. é um senhor idoso e creio que é tio dela, não do consulente." Não posso ter a certeza, mas creio que a mãe não tinha nenhum Tio William.

3. "Algum dos vossos familiares andava no mar ou tinha alguma ligação com a água (A dada altura.) Vejo algumas influências que apontam para um grupo desses."

W.: Isto era verdade para o meu avô paterno, e provavelmente para duas ou três gerações antes dele.

4. Uma "Lou" ou "Lucy" é mencionada e, em ligação com ela, "um grande cão preto", com a implicação de que a mulher está morta.

W.: A minha irmã Louise é extravagantemente fã de cães e teve dezenas deles, mas está viva.

5. (a) "Vejo outra pessoa que é aparentemente um parente próximo seu uma senhora grande quero dizer uma senhora um tanto corpulenta que é muito ativa e bem-disposta e cheia de energia sobre este assunto em particular mas uma energia que seria usada contra ele e não a favor Creio que é uma avó que não teria absolutamente nada a ver com disparates tais como espíritos e ela ri-se excessivamente ao recordar a sua própria compreensão limitada das manifestações pois ela sabia que se supunha que tais coisas aconteciam mas eram todas tão profanas que ela não poderia ter interesse Creio que pertence ao seu pai"

W.: A minha avó paterna era "uma senhora um tanto corpulenta" (isto não se teria aplicado se tivesse sido designada como a minha outra avó), e todos os outros itens de descrição estão corretos.

Uma prima, a Sra. M. J. K, mais velha do que eu, escreve: "Ela era muito ativa, muito bem-disposta, energética, e mandava na exploração agrícola. Nunca ouvi dizer que ela acreditasse no regresso de espíritos; tal noção seria contra as suas opiniões, ou talvez contra a sua religião."

Ela era uma Batista do Livre Arbítrio, e um membro dessa seita, se algo "assustador" acontecesse, estaria bastante seguro de o atribuir ao diabo. Viveu durante os tempos áureos do culto Espiritualista, quando se supunha que os seus convertidos somavam alguns milhões.

5. (b) "Ela mostra uma mão que tem marcas de trabalho duro como se fizesse muitas coisas com as mãos."

W.: E bem podia.

5. (c) "E no seu dedo está um pequeno anel de ouro que nunca foi retirado mesmo na sua morte."

W.: Duas primas asseguram-me que ela usava um anel de ouro. Uma delas, Miss N. P. G., escreve: "Creio que o anel de ouro da avó foi enterrado com ela."

5. (d) "E ela também tem uma corrente, parece uma corrente de contas, contas de ouro e ela tinha muito orgulho nelas e elas claro ficaram e outra pessoa as tem e está tão orgulhosa quanto ela estava delas."

W.: Eu próprio me lembrava das contas de ouro, que foram transmitidas a uma neta, minha prima, a Sra. H. G. S. É para mim certo que a avó se orgulhava das contas, pois no seu modo de vida primitivo elas teriam sido o que uma corrente de pérolas escolhidas são para outros. Usava-as sempre quando vestia roupas "de visitas". E sou testemunha do orgulho que a minha prima tem no curioso cordão antigo de contas de ouro, o único de que alguma vez ouvi falar entre todos os meus parentes.

5. (e) "E ela segura na mão duas peças de porcelana antiga. São perfeitamente brancas com faixas de ouro e ela diz 'uma parte do meu conjunto de porcelana de faixa dourada'. Resta apenas um pouco dele agora uma peça ou duas."

W.: Quanto à descrição, esta parece estar errada. Três primas lembram-se de um conjunto de porcelana azul, do qual restam apenas algumas peças; mas nenhuma conhece quaisquer peças brancas de faixa dourada.

Mas aqui está algo curioso. Tudo o que recordo ou que fui capaz de apurar, que tenha vindo da avó e que se saiba estar agora em existência, é nomeado no decorrer desta série. 1. Contas de ouro (ditas serem desta avó); 2. Peças de um conjunto de porcelana (erradamente descritas, ditas serem desta avó); 3. Uma roda de fiar linho (associada a uma avó — lembro-me de quando estava inteira, mas apenas a parte

da roda resta agora); 4. Uma secretária antiga (dita ser de um período anterior).

5. (f) "E um bolinho ou bolacha esquisito ao lado da porcelana. É uma coisa engraçada de ver mas ela fala dele como um bolo de sementes de que ele se pode lembrar de ela fazer ou ter."

W.: Eu tinha apenas sete anos quando a avó morreu, e apenas uma pessoa viva que a conheceu é muito mais velha. O "bolo de sementes" é incerto. Lembro-me apenas de que gostava da comida dela, especialmente do seu delicioso queijo caseiro.

5. (g) [Aqui eu disse: "Se ao menos se pudesse lembrar de onde costumava ir buscar o queijo." Disse isto porque a minha imagem de memória mais vívida associada ao comer naquela casa era a da avó a subir por um alçapão da cave para a cozinha, trazendo queijo para a mesa.] "Isso também é engraçado pois ela tinha acabado de começar a mostrar-me uma casa com tantas portas tantos quartos abrindo-se uns para os outros e no entanto todos de algum modo ligados e ouço um som como um ranger de tábuas como se fosse no andar de cima em vez de ser no de baixo e depois vejo-a com um prato cheio de queijo disse prato cheio quero dizer uma espécie de tábua plana ou travessa não consigo ver qual é mas ela está tão orgulhosa do seu queijo"

W.: Não havia, de facto, "tantos quartos". Na sala de jantar e cozinha combinadas havia apenas três ou quatro portas além do alçapão. Mas a correspondência entre o meu quadro mental e o "ranger de tábuas como se fosse no andar de cima em vez de ser no de baixo, e depois vejo-a com um prato cheio de queijo", etc., é tão exata que parece invulgarmente telepatia vinda de mim. A minha prima mais velha reforça a minha memória dizendo que as escadas para o alçapão eram "velhas e rangentes". Superficialmente, a frase soa como se se referisse a uma escada para o segundo andar, mas que o queijo fosse guardado no andar de cima é uma implicação improvável.

5. (h) "como da sua polpa de maçã que era feita em quantidade e de cor escura oh sim é a cidra [leia-se cor] puré de maçã de cidra lembra-te dele"

W.: A minha prima mais velha não tem a certeza sobre isto, mas acha provável, pois era comum naquela região na época.

6. "Agora para voltar a um homem que está com ela que não é muito agressivo mas tem um sorrizinho tranquilo no rosto enquanto está aqui ao seu lado ele também já partiu há muito tempo e fala de si como o rapazinho Ele lembra-se de si como uma criança tão bem quando costumava pegar em tudo naquela bancada velha onde ele guardava ferramentas para seu próprio uso e você tentava sempre fazer tudo o que os outros faziam Grande rapaz era e como cresceu Creio que deve ser o companheiro marido da avó"

W.: O segundo marido da minha avó era um Sr. N., um homem decididamente "não muito agressivo". Era um homem muito idoso, julgaria eu, tal como o recordo. Apenas conservo uma recordação de ele estar sentado numa cadeira, e algo muito vago sobre ele brincar ou falar agradavelmente comigo. Creio que não teria mais de 5 anos, certamente não mais de 6, quando ele morreu. Eu tinha entre 7 e 8 quando a avó morreu. Portanto, ele "lembrar-se-ia de si como uma criança", se é que se lembrava de mim de todo. Ninguém se lembra agora se ele tinha uma bancada com ferramentas. Pelo que ouvi, julgo que teria agido como descrito. É interessante que, embora o homem seja designado como "companheiro" e "marido da avó", não é dito ser meu avô e, de facto, nunca foi chamado de "avô" por mim ou pelos outros.

7. "e ele mostra-me duas coisas que ele pensa que você recordará [pausa] Uma letra H que é para um nome Henry ou Harvey pergunto-me se conhece algum por esse nome (Sim, Henry é relevante.) ligado a ele e também uma grande Bíblia de família que não era aberta com frequência mas dava o ar de respeitabilidade à sala"

W.: "Henry" era um dos nomes de um sobrinho habitualmente chamado "William Henry". Ele vivia na nossa vizinhança.

Quase certamente existia tal Bíblia, mas esta referência tem pouco peso probatório.

8. "sim sim e aqui está o nome de JO soa como Joseph ou Josiah o primeiro som é de Jo Jo Jo"

W.: O filho dele chamava-se Joseph.

9. "E parece haver alguém que está ligado por casamento consigo com o nome de Emm Emma ou Emily Conhece uma Emily Emmeline"

W.: Um irmão do marido da minha avó tinha uma enteada chamada Emily. Literalmente, então, ela estava "ligada por casamento", mas remotamente, por dois passos. Ela vivia numa casa perto da minha própria casa e visível das janelas das traseiras, e era a única Emily que conheci na minha infância.[1]

[1] Numa sessão não impressa neste livro, o controlador pareceu achar que eu deveria ter conhecido uma Nancy. Conheci uma, e ela vivia na mesma casa. (Ver mapa.)

24 DE JULHO DE 1925, 11:05-12:30

(PRETENDE RELACIONAR-SE COM O PAI DE THEODOSIA)

Presentes: W. F. P., Miss T. B. Prince (*Sitter*), Sra. Guinan (Secretária). Miss Prince não entrou até que a Sra. Soule estivesse em transe, e sentou-se atrás dela e manteve silêncio. Respostas por W. F. P. É realmente surpreendente que mais afirmações nesta sessão não tenham coincidido por acaso. Nem pelo maior esforço de imaginação, tivesse ela inclinação para tal esforço, poderia a consulente ter feito coincidir mais do que duas ou três afirmações, nem elas coincidiriam melhor no meu caso. O comunicante pretendia ser o pai dela.

São feitas vinte e duas afirmações, pretendendo descrever as características do pai, atos e relações, artigos possuídos pela família, etc.

Destas, 17 estavam definitivamente erradas, 2 erradas a menos que se referissem a um período passado remoto (sem sinal disso no texto), 2 corretas e 1 duvidosa.

Na realidade, as afirmações aplicar-se-iam melhor ao pai e família de W. F. P., mas lá está, não mais do que seria esperado por adivinhação; 14 definitivamente erradas, 3 em parte erradas e em parte certas, 3 corretas e 2 duvidosas.

Se houvesse apenas uma ou duas sessões nesta série que fossem tão esmagadoramente corretas como esta é esmagadoramente errada, eu concluiria sem hesitar que esta sessão representava a maré mais baixa de resultados casuais e a outra ou outras duas representavam o fluxo mais alto dos mesmos. Mas há demasiadas que são esmagadoramente, demasiadas mesmo que são preponderantemente corretas para tornar tal conclusão possível. E aqueles que não estão habituados a cálculos matemáticos devem ser lembrados de que se percorrêssemos uma série de sessões, contássemos os "acertos" e os "erros", porventura os encontrássemos em número igual e depois concluíssemos que se equilibravam um ao outro em peso e, consequentemente, a série carecia de evidência, representando apenas o que se deveria esperar do acaso, estaríamos a cometer um erro gigantesco e caricato.

E, no entanto, a julgar por certas afirmações, é exatamente isto que muitos fazem. Pois em cada instância só pode haver um acerto, onde pode haver de um a milhares de alternativas erradas. Uma afirmação correta pode ser de tal natureza que, uma vez que a expetativa antecedente é matematicamente muito grande contra estar correta, anulará quarenta afirmações incorretas, uma vez que a expetativa antecedente é matematicamente muito grande de que cada uma delas seja exatamente o que prova ser: errada. Coloquemos dois casos lado a lado. Suponhamos que um médium obtém um nome "George Harvey" e diz que ele é parente do consulente.

O consulente reconhece que a afirmação está correta, mas não dá informações. O médium diz então que George Harvey está morto e está errado. Por outro lado, o médium (como numa das sessões da Sra. Allison) nomeia corretamente o dia da semana e o dia do mês em que

o consulente se casou. Será que o erro sobre o George equilibra o acerto sobre a data do casamento e deixa a pontuação nestas duas afirmações sem valor probatório? De modo algum, porque do ponto de vista do médium, que nada sabe sobre George Harvey, as probabilidades de ele estar vivo ou morto (visto que toda a gente está primeiro viva e depois morta e o médium não tem forma normal de aplicar o fator tempo) são iguais.

Mas além da combinação de dia da semana e dia do mês nomeada pelo médium, existem mais de 2.500 outras combinações possíveis que representam a data do casamento, mas devido a vários fatores a probabilidade real de estar correto é de 1 em mais de 400. Se fosse praticável calcular o peso de cada afirmação feita ao longo desta série de experiências por esse padrão, que é o único correto, não tenho dúvidas de que o balanço final seria contra o acaso por figuras astronómicas.

Ainda assim, uma sessão tão estéril como a presente é um problema interessante. Porque haveria ela e a seguinte de ser estéril, até ao ponto em que há uma mudança de "comunicantes", e porque haveria então de haver um fluxo de evidência? Não estou preparado para resolver este problema. Na teoria da telepatia vinda do consulente, seria uma sugestão engenhosa que o anúncio da mudança fosse um reconhecimento subconsciente antecedente por parte do médium de que a sua maquinaria telepática tinha entrado em funcionamento; uma sugestão mais engenhosa do que provável. Na teoria espiritista, esta sessão em branco poderia representar uma ilusão por parte de um comunicante desconhecido de que era a sua filha quem estava presente; possivelmente um resquício de uma sessão anterior quando ela estava presente.

Se alguém concebe o comunicante como estando realmente na sala, invisível mas vendo tudo perfeitamente, e falando com a maior facilidade embora não sendo ouvido, então o enigma, em relação à teoria espiritista, seria insolúvel. Mas se os espíritos, de um modo geral, por acaso estiverem conscientes de nós de forma semelhante à que alguns de nós pensamos estar conscientes deles, apenas por vislumbres aparicionais e impressões telepáticas de vários tipos, mesmo que possuam maior facilidade nessas direções do que nós,

poderia ser que um comunicante autêntico se estivesse a manifestar nesta sessão, mas no momento errado e para o consulente errado.

REGISTO DE 28 DE JULHO DE 1925, 11:15-12:05

(ANTES E DEPOIS DA MORTE DA SRA. PRINCE)

Presentes: T. B. P. (*Sitter*), Sra. G. (Secretária). Mesmo procedimento. Respostas pela Sra. G.

1. . . . [Longa pausa]

T.: Nada de relevante até este ponto.

W.: Isto é, não há nada reconhecivelmente relevante nas primeiras duas páginas. Mas a partir do momento em que o suposto comunicante mudou, os pontos reconhecíveis surgiram em rápida sucessão. Eu não compreendo por que razão a faculdade telepática haveria de ser inibida enquanto um "comunicante" professa ocupar o palco, mas operar livremente quando outro pretende entrar.

2. "[A escrita torna-se agora muito lenta e parece ser doloroso para o médium escrever] Posso tentar. Posso tentar [longa pausa] não responde (Sim.) Minha querida eu virei eu sou [gatafunhos] [pausa] eu sou Mãe Mãe Mãe [P. L. D. e o médium começa a falar] [...] Conhece [pausa] conhece algum algum E ligado à Mãe (Sim.) [A consulente tinha acenado com a cabeça indicando 'sim']."

T.: O nome da minha própria mãe era Emma, e pensei a princípio que se referia a ela.

W.: Suponha-se que, apesar do facto de eu ter trazido outros assistentes invisíveis além desta, que também estava oculta da vista e não era ouvida, o médium tivesse adivinhado que a atual consulente era a Theodosia, e suponha-se que "Mãe" e "E" foram trazidos das sessões de 1914, fosse por memória subconsciente ou por consulta consciente do registo impresso dessas sessões. Então, em qualquer das teorias, ela deveria ter descrito a doença como nas sessões antigas — a doença foi correta, embora imperfeitamente, descrita para a mãe Emma ao nomear o sintoma de calafrios. Mas não; é dada uma descrição bastante diferente, uma que se ajusta, tanto quanto alcança, exatamente à última doença da Mãe Prince.

A Sra. Prince tinha uma Tia E., mas, em qualquer caso, a inicial é de pouco valor.

A sessão de 24 de julho, quase totalmente irrelevante, não colocou a consulente numa atitude de expetativa. O "E" fixaria certamente os seus pensamentos na sua própria mãe e, a pensar na doença de alguém, seria na da sua própria mãe. Em vez disso, surgiram pormenores que se ajustavam à sua mãe adotiva.

3. "porque [pausa] e sabe uma [suspira] oh, ela esteve terrivelmente doente antes de se ir embora — dores terríveis sabe [o médium esfrega o estômago] sabe (Sim.)"

T.: Duas semanas antes de a mãe morrer, a doença tinha corroído o seu estômago e ela tinha dores terríveis.

4. "porque há uma dor tão terrível no estômago — por todo o — por todo o corpo é dor e depois, de repente, para, como sabe — como se algo fosse feito para a parar — não sei se é um — como lhe chamaria (Anestésico?)"

T.: Foi-lhe dada morfina. Esta era-lhe administrada por vezes até três vezes ao dia para aliviar a dor.

5. "Sim — para libertar da dor — algo assim — sabe — não é verdade (Sim.) e depois, muito pouco tempo depois disso, é a morte sabe (Sim.)"

W.: Nenhum dos seus parentes estava com ela quando morreu, de madrugada, num hospital. Mas é praticamente certo que a morfina foi administrada na manhã anterior à sua morte, como habitualmente.

6. "e depois, imediatamente após a morte, uma sensação tão estranha de — de [pausa e suspira] uma — é quase como rebeldia — sabe. Oh, daria tudo para estar de volta! (Sim, eu sei.)"

T.: Até à manhã em que morreu, a mãe não fazia ideia de que iria morrer. Na manhã em que morreu, às 8 horas, uma enfermeira no corredor sussurrou a um dos médicos para não sair do andar, pois a Sra. Prince estava a morrer. A mãe ouviu-a e começou a gritar que não estava a morrer, que não tencionava morrer, e que mandassem chamar a Theodosia, que não a deixaria morrer, e continuou assim até que, exausta, morreu.

G.: Durante os três anos em que conheci a Sra. Prince, quando a visitava no hospital após uma operação, a coisa mais marcante que ela me dizia era: "Oh, vou melhorar e terei de vir outra vez." Ela nunca parecia pensar em morrer, embora a sua doença fosse tal que seria de esperar que ela acolhesse a morte. Na última vez que a visitei, ela mostrou-me o braço, onde estava dorido de tantas injeções de morfina ou o que quer que fosse que lhe davam para aliviar a dor.

7. "Eu não — não quero saber de nada — do que está aqui ou de nada que seja belo — não quero saber — quero voltar — não é verdade (Provavelmente está tudo bem.)"

W.: A Sra. Prince possuía uma vontade de viver extraordinária. Mesmo após a sua nona operação e na última vez que a vi, no dia anterior à sua morte, quando o seu estado era quase indescritivelmente terrível, ela esperava viver e regressar a sua casa. A cena final foi tão extrema que, se a consciência sobrevive imediatamente à morte, "rebeldia" seria provavelmente um termo apropriado.

8. "e — tem havido um desejo constante de dizer tanto — é amor, amor, amor — não é que eu queira fazer muito, exceto dizer que a amo a amo e oh! tal sentimento de quase explodir de alegria por poder dizer estas palavras e sabe eu

podia — Oh, espere um minuto não fique tão excitada (Sim. Tudo bem.)"

T.: Embora a mãe fosse muito dedicada a mim, a sua educação foi tal que foi ensinada a suprimir toda a emoção e, nem uma única vez desde que vim viver com ela, ela me tinha dito que me amava, embora eu lho tivesse dito repetidamente, e muitas vezes tivesse tentado beijá-la, mas sem resposta.

W.: Ela era extremamente pouco demonstrativa em relação aos seus afetos. Mas nos seus últimos dias, e particularmente para com a Theodosia, esta estranha restrição foi de algum modo afrouxada, e a sua dependência da filha e o anseio por ela eram muito aparentes. Não há dúvida do seu amor por ela durante todos os anos. Foi ela quem primeiro trouxe a rapariga para a nossa casa e não poupou tempo nem esforços para a ajudar, lançando o primeiro alicerce da cura. Sempre que a hora esperada do regresso de Theodosia se atrasava, a sua ansiedade era grande. Se a aproximação da morte afrouxou o laço da expressão, parece provável que a própria morte, se houver sobrevivência, possa removê-lo inteiramente. Nesse caso, o amor que nunca se expressara claramente em palavras poderia irromper plenamente.

9. "Oh! é ela que está excitada — espere um minuto — é ela — sabe que cada coisa foi feita, tudo o que podia ser feito, tanto antes como depois (Sim.) e no entanto houve tal sentimento de arrependimento por algo mais não ter sido feito (Sim, eu sei.) refiro-me por aqueles que estão aqui — sabe (Eu sei o que quer dizer.)"

T.: Duas semanas antes de a mãe morrer num hospital a quinze milhas de onde vivíamos e no início da primavera, eu ia vê-la e ficava o tempo que achava possível. Mas sempre que eu começava a ir para casa, ela implorava-me que ficasse mais um pouco e eu assim fazia, apenas mais alguns minutos, e depois era a mesma coisa quando eu recomeçava a sair. Mas eu tinha de ir por causa da caldeira, etc., e dizia que voltaria assim que pudesse. Quando ela morreu, eu nunca o tinha dito a ninguém, mas na minha própria mente arrependi-me de

não ter contratado alguém para cuidar da caldeira e ficado com ela o tempo que ela quisesse.

W.: Tudo o que poderia ter sido feito pela sua saúde e conforto foi feito. Os meus meios eram escassos, mas ela teve o seu médico em casa, um dos melhores cirurgiões de Nova Iorque, e esteve dez vezes no hospital.

> 10. "Acabou agora — neste preciso minuto — oh, oh, que que porque não existe tal coisa como estar separado sabe (Eu sei.) e vejo sabe — sabe a pessoa que está aqui conhece bem essa pessoa (Bastante bem. Sim.) Sabe que essa pessoa amaria e amaria e é uma pessoa cheia de afeto (Sim.)"

G.: A Theodosia é certamente uma pessoa cheia de amor e afeto, e tenho a certeza de que qualquer pessoa que a conheça bem diria o mesmo.

> 11. "Sabe não sabe (Sim, eu sei.) Bem, eu quero pegar em algo — não é um retrato, mas é algo que estava ligado àquela mãe — que não parece ter sido há muito tempo que parece ser pegado e beijado e beijado — sabe quase como um — não sei como expressá-lo — Oh, meu Deus! Quem me dera poder dar-lhe — uma espécie de pequeno beijo apaixonado — sabe — e parece algo que foi encontrado por acidente — não foi nada como se alguém fosse e tirasse uma coisa para a beijar com memórias mas apenas como que encontrando-a e esta pequena emoção avassaladora, oh! se eu pudesse apenas ver-vos [...]"

T.: Cerca de dois anos antes de a mãe morrer, ela tirou de uma gaveta um pequeno porta-cartões de madrepérola que me mostrou e disse-me que o papá lho tinha comprado numa viagem que fizera e que lho tinha dado de uma forma tão encantadora. Enquanto dizia isto, pegou no estojo e beijou-o, algo que eu nunca a vira fazer. Ela mostrou bastante emoção, dizendo que tinha adorado sempre olhar para aquele estojo e pensar naquele dia. No dia anterior a eu ir à sessão, estava a limpar um armário quando, entre umas cortinas, este pequeno estojo caiu. Peguei nele e olhei para ele, pensando no que a mãe me tinha contado, e depois guardei-o.

W.: Eu tinha colocado esse porta-cartões no quarto da Theodosia algumas semanas antes, pensando que ela poderia querer guardá-lo devido à sua associação. O escrito parece não ser improvável que funda os dois incidentes: o beijar o objeto ligado a "aquela mãe" pela própria mãe, "não há muito tempo", e o "encontrá-lo" por acidente e pensar naquela que o beijou. Não quero dizer que alguém o interpretasse assim sem conhecimento dos dois incidentes. Mas parece notável encontrar estas frases tendo em conta o facto de que, apenas no dia anterior, a consulente encontrou o único objeto que a mãe alguma vez foi vista a beijar.

> 12. "É — eu só quero dizer, sabe que esta é a mãe — eu só quero dizer que é — é melhor do que eu pensava que seria e no entanto eu pensava que seria bom como se devesse ter havido alguma ideia sobre esta vida aqui antes de ela vir (Sim.) e essa ideia estava bem, estava bastante bem fixada e era — era — é melhor — é melhor do que a ideia era (Sim, eu sei o que quer dizer.) Bem sabe se essa mãe tinha ideias assim antes de ir que era algo como se fosse uma vida real. Provavelmente tinha no início ideias de céu e inferno mas isso desapareceu — o crescimento trouxe novas mudanças por isso as novas ideias eram como um novo céu e um novo inferno — é difícil mas está lá e oh, ela encontrou tantas pessoas para a receber — tantas pessoas que estavam interessadas nas mesmas coisas — sabe (Sim.)"

W.: Ela era uma pessoa religiosa, mas raramente dava qualquer expressão às suas opiniões sobre uma vida futura. Tendo sido educada em igrejas ortodoxas e sendo algo conservadora e convencional, estou quase certo de que, quando jovem, acreditava no céu e no inferno convencionais e, a julgar pela sua leitura interessada de certos livros, embora comentasse pouco sobre eles, é altamente provável que estas conceções se tenham alterado consideravelmente.

> 13. "Estas mesmas coisas em que você e todos estão interessados e oh! sabe que essa mãe deve ter adorado flores imenso (Sim, creio que sim.) Oh! é como se — é uma erva ela gostaria de qualquer coisa que crescesse ela tem flores que traz para aqui eu diria toneladas (Sim.) Não se importa com uma

tonelada se não tiver de a carregar (Não.) Flores e flores e flores e ela — espere um minuto — (Tudo bem.) sim — há algo como um lírio — parece ser uma flor longa, muito longa e esguia e é muito parecida com lírios que nascem no jardim na primavera (Eu sei o que quer dizer.) e algo como íris — só que não é roxo, é de cor clara, mais parecido com branco e ao lado dela ela tem alguns desses lírios como se tivessem um significado especial. Creio que ela adorava especialmente lírios — como lírios da Páscoa e como esses — sabe que ela adorava esses "

T.: Isto é certamente verdade. A mãe tinha um dos jardins mais bonitos em Montclair e cuidava dele até não ser capaz de se baixar. Tinha todo o tipo de flores antigas, mas era especialmente fã de íris e de um novo tipo de íris que era branco com o centro lavanda. Também no nosso jardim havia dois ou três tufos do que são conhecidos como lírios-de-um-dia, que são os primeiros lírios a surgir na primavera e têm um odor delicioso. A mãe vigiava-os quando a neve começava a derreter e ficava sempre feliz quando apareciam. Duas semanas antes de ir para o hospital, com grande dor e grande esforço, ela plantou cem bolbos no jardim para a próxima primavera.

W.: O amor pelas flores era uma das paixões dominantes da sua vida. Ela caminhava e fazia pequenas tarefas no seu jardim enquanto teve forças, regressando a casa exausta. Eu não podia protestar, uma vez que ela adorava fazê-lo, e o médico dizia que não afetaria a sua maleita.

14. "e depois houve algo feito — algo como um retrato dela eu chamar-lhe-ia um retrato — como uma imagem dela — refiro-me à mãe (Sim, eu sei de quem está a falar.) porque vejo um monte deles juntos como se tivessem sido ou retocados ou reproduzidos — é algo como ter alguns — estou a olhar para um monte deles para ver — oh, são tão bons — parecem exatamente como se ela fosse falar e depois são bons e houve um que foi ou substituído ou é colocado num sítio onde o vejo o tempo todo — vê — e eu adoro-o (Eu sei o que quer dizer.) e parece que é uma senhora de rosto muito doce e ela não é tão bonita ela não é tão bem, não é como uma pessoa deslumbrante e elegante tanto quanto é uma bela adorável —"

T.: Antes de a mãe morrer, expressei o desejo de fazer uma coleção de fotografias dela e do pai desde o tempo em que casaram. Ela procurou algumas e deu-mas, dizendo que guardaria o resto por uns tempos. Depois de ela morrer e de nos mudarmos para Boston, o papá deu-me ao todo catorze fotografias da mãe. No dia anterior à sessão, enquanto eu transferia as coisas da minha antiga secretária para a nova que tinha acabado de ser recebida, a Sra. Guinan e eu estivemos a ver estas fotografias antigas. Depois de a Sra. Guinan ter descido as escadas, organizei as fotografias de acordo com a idade, atei-as e coloquei-as numa gaveta.

W.: Apesar da distorção "retocados ou reproduzidos", a menção a um monte de retratos da Sra. Prince logo no dia seguinte a tal ter sido feito é marcante. Mas a referência posterior a uma antiga fotografia oval dela (ver 16) num vestido à antiga que "te faria rir", quando exatamente tal fotografia tinha causado riso no dia anterior, torna a identificação do incidente mais segura. E torna-se inevitável quando chegamos a outra frase um pouco mais à frente: "Faz uma coleção destas pequenas fotografias, e juntando-as todas para representar diferentes períodos", considerando que é precisamente isto o que tinha sido feito: as fotografias da mãe tinham sido colecionadas e organizadas cronologicamente.

Em "houve um [retrato da mãe] ou substituído ou é colocado num sítio onde o vejo o tempo todo. . . e parece que é uma senhora de rosto muito doce e ela não é tão bonita", a descrição lembrou-me a última fotografia da Sra. Prince, que tem uma expressão especialmente doce. Fui ao quarto da Theodosia e encontrei-a pendurada por cima da sua nova secretária. Ao perguntar, soube que foi ali pendurada onde é visível sempre que ela se senta à secretária, inclusivamente no dia anterior à sessão. Assim, tinha acabado de ser "recolocada" e, da mesma forma, posta num sítio onde é vista com mais frequência. O retrato mostra, de facto, não "uma pessoa deslumbrante e elegante", mas sim um rosto que é fino e agradável.

15. "sabe que ficaram roupas dela (Ficaram?) Não sabia (Não. Talvez a consulente saiba.) Bem, ela sabe? (Sim.) [A consulente tinha acenado com a cabeça.] Vejo algumas coisas algumas não estão guardadas estão por aí — estão tipo

penduradas — algumas coisas que são sabe é a coisa mais engraçada — vejo algo que é algo como um — não consigo perceber — é como um roupão ou um — como chamam àquelas coisas que são soltas (Quimono?) É como um roupão de quarto — bem é algo assim — que fica ali pendurado solto — não era muito usado e está por aí (Sim.) Está por aí como se outra pessoa o visse — têm-no por aí (Sim.) Gosto de ter algumas coisas por perto que me lembrem do passado para sentir que não estou perdida."

T.: Depois de a mãe morrer, dividi a maior parte das suas roupas pelas irmãs dela, mas pensei que talvez devesse guardar algumas coisas para mim, por isso decidi guardar o quimono e uma série de outros pequenos artigos que eu pudesse usar. No dia anterior à sessão, encontrei o quimono numa gaveta e, pensando que talvez fosse melhor se o pendurasse, pendurei-o num armário na minha casa de banho, onde certamente o veria todos os dias.

16. "Agora espere um minuto — há uma fotografia muito antiga tirada há algum tempo que é pequena, como uma pequena (Oval?) [O médium tinha estado a fazer movimentos de uma oval] parece ser — é um bocado à antiga embora creio que num livro, mais como um álbum (Sim.) um livro desse género — é algo como uma pequena fotografia de cartão — redonda — parece um bocado engraçada — faria rir mas mais nova — parece-se com ela está com as roupas — está com as roupas de outros estilos — ou as roupas ou o estilo fariam rir porque é um bocado estranho — não é assim tão antigo — suponho que os estilos mudam frequentemente (Sim, mudam. Demasiado frequentemente.)"

T.: A fotografia oval atraiu especialmente a atenção da Sra. Guinan e a minha por causa do vestido à antiga, que parece estranho agora, e rimo-nos. O papá tirou as fotografias de um álbum para mas dar.

G.: Como explicado pela Theodosia, quando a sua nova secretária chegou, ela começou a passar as coisas da antiga para a nova. Enquanto organizava as coisas na gaveta da sua antiga secretária,

encontrou estas fotografias da Sra. Prince e mostrou-mas. Ambas nos rimos a valer com algumas delas, e com esta oval especialmente, pois mostrava a Sra. Prince com uma blusa de mangas grandes, uma saia rodada e um chapeuzinho na cabeça. Creio que ela estava sentada nuns degraus. Foi muito engraçado.

17. "Algo assim e parece que tem havido quase — tem ela um homem vivo ligado a ela parece a mão de um homem — oh! não consigo mexer o meu braço."

T.: Sim, o marido dela.

18. "Faz uma coleção destas pequenas fotografias e juntando-as todas para representar diferentes períodos — sabe (Sim, da vida dela.)"

T.: Verdade. (Ver notas sob o ponto 14.)

19. "Ela adorava poesia — esta mulher — ela tinha vários pequenos poemas que seriam favoritos que encontrariam em sítios diferentes — às vezes metidos num livro — às vezes num sítio onde ela o meteria ou guardados juntos — mas ela adorava — bem ela tinha muito sentimento sabia disso (Eu sei. Creio que sim.)"

T.: Após a sua morte, encontrei vários poemas na Bíblia dela, em gavetas e em livros que ela tinha lido.

W.: Ela tinha imenso sentimento, mas era reservada na expressão do mesmo. Pôr poemas de que gostava em livros, etc., era característico.

20. "Não é verdade. (Não sei, mas podemos averiguar sobre isso.) Agora conhece alguém que comece por M Parece [pausa] é estranho — mas parece M como apelido (Sim, eu sei — início do apelido.) e parece tal como o nome daquele grande espírito Myers e como se ele tivesse estado às vezes em contacto com esta mulher — sabe como um espírito que ela o admirava — percebe (Sim. Não sei.)"

T.: Comprei ao papá os poemas de F. W. H. Myers para prenda de Natal e creio que a mãe leu cada um deles e os admirava muito.

W.: Note-se que a referência a Myers e à admiração dela por ele surge diretamente após o que é dito sobre o seu gosto por poemas. Note-se também que foi nos últimos meses da sua vida que ela leu os poemas de F. W. H. Myers.

21. "Eu também não sei — bem, não temos de saber, pois não. Tenho outro nome — Kate —"

T.: Ela tinha uma amiga muito querida de nome Kate. Perto do fim da vida, falava sobre a bondade desta amiga.

22. "Tenho apenas de deixar isso aí e um W — sabe W — refiro-me a um nome (Sim, começando por W.) Nome começa por W — ligado a ela não o conhece, pois não (Não, não conheço.)"

T.: W é a inicial do primeiro nome do papá. [G.: A minha resposta aqui foi dada sem pensar.]

W.: Ela e W. viveram na mesma casa com a Kate — num determinado período. Assim, uma associação de ideias poderia estar envolvida.

23. "Conhece este espírito (Creio que sim.) Sabe por que perguntei isso — porque ela pôs a mão dela mesmo em cima da sua e olhou para si como quem diz 'bom dia — foi tal como uma saudação para si e estou tão feliz estou tão feliz por estar aqui estou tão feliz é como se tivesse apoiado — estou tão feliz por ter apoiado — não sei — é como se tivesse apoiado (Tivesse apoiado — eu sei o que quer dizer.) Estou tão feliz por ter apoiado (Eu sei.) É isso — e tudo isso."

G.: Consigo imaginar a Sra. Prince cumprimentar-me com um "Bom dia", já que, tanto quanto me lembro, ela nunca acrescentava o meu nome. O "apoiado" creio que se refere aos problemas na [censurado] quando eu certamente apoiei o Dr. Prince.

W.: O significado poderia ser que a Sra. Guinan apoiou a comunicante ao visitá-la na sua doença. Mas por duas razões considero a teoria da Sra. G. preferível: (1) Porque o nome James ocorre logo a seguir, e este significa sem dúvida o Dr. Hyslop, que estaria profundamente interessado na crise pela qual a organização a

que a Sra. G. se refere estava a passar. (2) A referência na mesma ligação ao sentido de humor da comunicante. Ela tinha tido consciência do humor grotesco de alguns aspetos da situação.

24. "mas tenho tanto amor e tanto sentido de humor — ela tinha esse tipo de — sim realmente sentido de humor [pausa] e [pausa] e-u v-i J-a-m-e-s [soletrado] — é uma pessoa — ela viu aqui deste lado (Sim.) É tudo. Adeus. [A consulente saiu da sala aqui.] Estás contente por seres Blessing, não estás? (Sim.) [Este era o nome de solteira da Sra. G., conhecido pela psíquica.] Esse é o meu nome para ti (Bem, esse é o meu nome. Apenas lhe acrescentei outro.) Deves ser uma bênção para ele (Espero que sim.) Oh, tenho a certeza de que és. Ouço aquela porta fechar [a consulente tinha saído e descido as escadas] Ela é médi (Quem — a consulente?) Ela é mediúnica? (Sim.)"

W.: Ela é. Ver *The Psychic in the House*.

25. "Pensei que sim, pois vi espíritos em volta dela ela é inteligente — não é eles tentaram afastar toda a gente para que a mãe pudesse falar essa era a ansiedade deles — ela tem demasiadas pessoas em volta dela ansiosas por vir (Sim, eu sei.) Dê o meu amor ao Doutor [referindo-se sem dúvida a W. F. P.] (Está bem. Obrigado, dar-lhe-ei.) Creio que aquele espírito queria enviar-lhe o amor — sabe como se (Sim, eu sei.) Mas não é a mãe dele (Não.) A consulente vem outra vez? (Pode ser que sim.) Algum dia (Não sei quem virá a seguir.) [Longa pausa e, mesmo antes de sair do transe, ela diz 'Prince Prince e Princess.']"

W.: Não pode haver dúvidas, neste ponto, de que a consulente fora identificada por alguém, embora ela certamente não tivesse sido vista nem ouvida a falar pelo médium. Nem há qualquer aparência de hesitação em direção a essa identificação, pois surge logo o termo "Mãe", precedendo os pontos descritivos determinativos, "Eu amo-a", pelo que a consulente deve ser uma mulher. (Como os homens raramente usam botas de couro de vaca e as saias das mulheres já não fazem "fru-fru", é duvidoso que o sexo da consulente pudesse ter sido determinado pela audição.) Finalmente, após a menção ao "Doutor",

diz-se que o espírito me está a enviar amor e, ao emergir do transe, são proferidas as palavras significativas, "Prince e Princess".

Seis vezes o espírito é, por um intermediário, designado como "aquela mãe". Pesquisei nas sessões de 1912-1913, onde a mesma pessoa era a consulente, até encontrar vinte e cinco referências de diversos comunicantes à sua própria mãe, e consistem em "a mãe dela" (7 vezes), "a mãe" (11), "mãe" (3), "a mamã" (1), mamã (2) e "a mãe daquela criança" (1); nem uma única vez "aquela mãe". Parece decididamente como se houvesse na expressão "aquela mãe" um reconhecimento do facto de a consulente ter tido outra mãe, tal como na série antiga a expressão "a mãe dela — a sua mãe celestial" (*Proceedings of A. S. P. R.*, Vol. XI, p. 363) possa haver um reconhecimento semelhante, estando a Sra. Prince viva na altura.

REGISTO DE 5 DE AGOSTO DE 1925, 11-12:10

(RELATIVO À SRA. PRINCE)

Presentes: W. F. Prince, Miss T. B. Prince, Sra. C. B. Guinan (Secretária Estenográfica). Mesmo procedimento preliminar — Miss Prince entrando após a Sra. Soule estar em transe, sentando-se atrás dela e não proferindo palavra. Todas as respostas por W. F. P.

[A página omitida contém apenas generalidades que se aplicariam na maioria dos casos, como neste. A comunicante, contudo, afirmou ser a mesma da última sessão.]

1. "Estou algo excitada, claro, mas estou a tentar manter-me firme pois sei que é muito importante fazê-lo e acrescentar ao que [Oral: 'Oh! Oh!'] ambos acreditávamos e tentávamos encontrar explicação para o que não era claro ao princípio"

W.: Se interpretado como aplicando-se aos seus atos e fala habitual, isto dificilmente é verdade para a Sra. Prince. Ela tinha as suas próprias ocupações e não tomava parte na investigação psíquica, exceto ocasionalmente para ler um livro sobre esse assunto com silencioso e aparente interesse, e por vezes para contar e registar um

incidente testemunhado por ela na casa, isto último por minha insistência. (Ver *The Psychic in the House*.)

Raramente falávamos sobre o assunto. Ela era uma pessoa singularmente reticente, mesmo em alguns temas que a interessavam. No entanto, percebi que ela passou a acreditar na paranormalidade de alguns incidentes, e ela de facto fez esforços para encontrar uma explicação para os *raps* e outros fenómenos na casa. Nem creio que ela se desse conta do quão reticente era, pois se eu alguma vez desse a entender que ela não estava interessada num assunto que absorvia a minha atenção, ela repudiava a insinuação com uma aparência de surpresa e alguma indignação. Portanto, a afirmação no texto concorda com o que eu esperaria ser o seu estado de consciência em relação ao passado.

> 2. "Não estou num lugar onde esteja inconsciente de um dos seus pensamentos e rezo uma oração tantas vezes para que apenas o melhor venha para aqueles que amo que ficaram agora com as memórias de muitos esforços e algumas esperanças de que a verdade pudesse ser dada ao mundo (Ao mundo?) [incerto da leitura] ao mundo Sim eu queria viver mais tempo" [.....]

T.: Isto é muito verdade. A Mãe Prince não só queria viver mais tempo, como acreditava que viveria.

W.: Como já foi afirmado, o seu apego à vida era extraordinário. O que é invulgar ao morrer de uma doença, ela queria intensamente viver até ao seu último momento.

> 3. "Devo tentar e recordar algo do passado (Está certo. Com calma e tome o seu tempo.) [médium murmura] Houve tantas mudanças que nos surgiram nas [suspira e diz, 'Espere um minuto.'] experiências pelas quais passámos"

W.: Verdade para muitíssimas pessoas, e especialmente verdade para nós. Houve várias mudanças abruptas e radicais no caráter do meu trabalho profissional, envolvendo mudanças para ela também, além de muitas longas mudanças de local de residência.

4. "E por vezes penso nelas com um sorriso perante os fardos que assumimos tão levemente como entusiastas podem fazer mas apenas para aprender demasiado cedo que quanto mais fazíamos mais era esperado mas isso não nos deteve pois tínhamo-nos dado [suspira] a um serviço que amávamos"

W.: Bastante verdade, mas experiências demasiado comuns e demasiado inferíveis para serem evidenciais.

5. "['Só um minuto. Quer esperar um minuto. Só um minuto,' dito excitadamente. Longa pausa.] (Isso é bom. Continue.) Sei que parece a ambos que se eu estivesse apenas aqui agora sentir-me-ia contente com o novo trabalho"

W.: Sem dúvida que isto se refere à minha vinda para um trabalho em Boston. Ora, poderia facilmente ter acontecido que ela tivesse desgostado da mudança, mas por acaso sei que teria sido bem-vinda (ela morreu oito meses antes de esta ocorrer) tanto porque a teria trazido para mais perto de familiares como por outra razão.

6. "Mas eu sou parte dele pois não estou morta nem por um momento quero que saiba que o ouço falar sobre mim e para mim e que ouço palavras como estas Se a Mamã estivesse apenas aqui ela adoraria isto"

T.: Verdade, desde que vim para Boston tenho dito muitas vezes o quanto a mãe gostaria disto ou daquilo e tenho-o dito à Sra. Guinan.

7. "[O médium esfrega a nuca com ambas as mãos, tira a cabeça da almofada. Depois tateia à procura do lápis que pousou quando começou a esfregar a nuca.] e se ela está aqui agora deve saber que sentimos a sua falta É um pouco difícil dar a resposta mas você sente-a no seu coração Espere um momento não quero perder o meu pensamento (Tome o seu tempo. Esteja calma.) sabe o quanto tentou tornar tudo o mais calmo possível em relação à minha morte refiro-me quanto a ter o público [Pausa. 'Ela perdeu-o.'] saber (Creio que isso é verdade. Continue.) pois era importante para assegurar a sua evidência compreende o que quero dizer (Creio que sim.)"

W.: Literalmente verdade. Não se realizou qualquer serviço fúnebre na cidade da minha residência, mas o corpo foi levado para o serviço e enterro para uma aldeia noutro estado. Não foi feita qualquer publicação, exceto um breve anúncio de falecimento num jornal. Os detalhes foram mantidos o mais discretos possível, em parte pela razão atribuída na escrita automática.

8. "Quero referir-me a dois artigos que eram meus (Está certo; faça-o.) um um anel pequeno sem valor particular no que toca a dinheiro (Correto até agora. Compreendo. Continue.) [O Dr. Prince tinha-se voltado para a consulente, que acenou com a cabeça indicando 'Sim.'] mas um valor sentimental que é maior por vezes (Sim.) Uso a sua contraparte na minha mão hoje como um símbolo de amor e o antigo não está ou não foi deixado comigo (Quer dizer no seu corpo?) sim (Correto.) [Como a consulente tinha acenado] pois foi decidido após (Não percebo isso.) após uma pequena conversa retirá-lo e estou tão feliz pois é uma recordação (Parece estar no caminho certo. Continue.) [A consulente tinha acenado, indicando que o que estava a ser dito era verdade.] para sempre agora e não me teria servido de nada como parte do serviço ao corpo"

T.: Ela tinha um anel de safira que valorizava muito. Uma das pedras pequenas caiu e ela entristeceu-se muito com isso. Estava no seu dedo no hospital, pois mandei-o consertar na primeira semana da sua ida para o hospital antes de morrer. Na última semana antes da sua morte, os dedos dela estavam tão magros que eu retirei tanto este anel como a sua aliança de casamento. Depois de ela morrer, a aliança foi recolocada, mas após falar com o agente funerário sobre o assunto, não pusemos o anel com pedras.

W.: Ela usava uma aliança, e sei que tinha um outro com pedras que eu lhe tinha dado, o qual creio que ela usava geralmente no último período da sua vida, mas eu sou singularmente pouco atento a roupas e joias. A Theodosia seria a pessoa a lembrar-se exatamente. [Escrito após ler a nota da Theodosia.] O anel de safira é aquele a que me refiro.

O outro dos "dois artigos" pode bem ter sido a aliança, embora a atenção se tenha centrado no de safira, talvez porque ela o tinha prezado durante tantos anos, enquanto a aliança que usava na altura da sua morte fora comprada recentemente.

9. "Quero escrever sobre [pausa e suspiro] uma outra coisa ligada ao meu corpo que ninguém sabe creio eu senão aquele que o fez Houve um [pausa] pedacinho de algo colocado junto de mim com um pedido sussurrado para que eu veja veja e recorde e conte sobre isso algum dia Era uma pequena coisa russa [lápis não levantado mas o médium suspira, 'Oh, meu Deus!'] dante isto é fazia um ligeiro ['Só um momento.'] sussurro enquanto era colocado ali (Compreendo. Está tudo correto.) [A consulente tinha acenado, indicando que o que estava a ser dito era assim.] e ninguém sabia senão aquele que o fez (Sim.) e eu"

T.: Depois de a mãe ter sido colocada no caixão, o vestido que eu tinha selecionado era muito decotado e não ficava bem. Saí da agência funerária e fui em busca de algo para esconder o pescoço dela. Tudo o que consegui encontrar na vizinhança foi um pedaço de *chiffon* franzido. Regressei, e não estava ninguém na sala, por isso coloquei-o. Certamente sussurrava/estrepita, e eu disse em meia voz: "Pronto, vais gostar muito mais disto."

W.: A Theodosia foi à agência funerária e viu o corpo. Eu não o fiz, pois não queria guardar na memória o seu aspeto após a morte por uma doença degenerativa. Não fui informado deste incidente.

10. "Sim eu sabia e eu estava ali de pé Eu não estava deitada morta mas estava ali de pé e estava tão clara de mente e creio que mais do que estava durante as últimas horas ['Oh, meu Deus!'] [A escrita começa a ficar mais rápida e pesada] da minha vida de respiração Oh foi maravilhoso saber que naquele momento eu estava a experienciar ['Oh.' Murmúrios.] (Tente e conte.) a a realidade da consciência após a morte e devo tentar e contar-vos as coisas que vi no serviço Sim (Sim.) [P. L. D.: 'Oh, meu Deus. Oh, Oh, Oh,' como se em dor. Braços cruzados sobre o peito.] (Espero bem que sim.) [Pausa. Esfrega o rosto e sorri.]

[O controlador Sunbeam fala] Olá. Tive de vir. (Está certo.) para ajudar aquele espírito. (Isso é bom, desde que tenhamos uma estenógrafa para registar o que é dito.) Tenho de a ajudar a sair. Ela ficou presa. (De que maneira?) Ficou presa ali dentro. Ficou tão ansiosa que foi longe demais. (O que a levou a isso?)

Ficou tão ansiosa; entrou logo em todo o negócio; ficou presa; ela riu-se disso depois mas não na altura. Ela é esplêndida, é um espírito esplêndido, ela está decidida a, está decidida a passar pelas coisas que quer passar. Ela tem muita determinação. (Compreendo que tenha.) Sim, tem. Sabe quanta tem? Bem, ela limita-se a caminhar até todos estes espíritos, estes tipos grandes, e diz 'ouçam lá, nós fizemos muito por vocês, agora vocês têm de fazer algo por nós.' (Essa é a maneira de encarar as coisas.)"

W.: Ela era uma mulher de vontade muito determinada.

11. "Eles adoram — este tipo de pessoa. Ela teve uma dor de cabeça horrível antes de morrer e ela fez assim como se Eu quero pôr todo o meu cabelo para trás [o médium ilustra empurrando o cabelo para trás da testa enquanto fala] e por favor, como se se alguém pudesse esfregar a cabeça dela isso a ajudasse tanto"

T.: Isto é muito verdade. Duas semanas antes da sua morte, ela queria que lhe esfregassem as costas. Mas na última semana era a cabeça, e eu banhava-a passando o cabelo para trás.

W.: Lembro-me de que ela tinha problemas com a cabeça, e que a Theodosia passava muito do seu tempo nas visitas a esfregar-lhe a cabeça e as costas.

12. "Então quando ela ficou presa ficou com essa sensação e ela não consegue evitá-lo — ninguém consegue evitá-lo — é apenas uma das leis. Daqui a pouco ela vai superar isso. Eu não sinto nada disso. (És a Sunbeam?) Sim, sou. Por isso é que te disse olá. Conheço-te. (Sim, já nos encontrámos antes.) Há algo que te quero contar sobre aquela senhora. Ela tinha muitos livros à volta dela e ela era muito dada a ler um

pouco aqui e ali e noutro sítio, como se tivesse meia dúzia de livros que pudesse ler"

T.: Ela cansava-se muito depressa de uma história e começava ou continuava outra.

W.: Se isto significa que era característico dela ter vários livros imediatamente à volta dela, não está correto; se significa que vivia numa casa rodeada de livros, está correto, mas é altamente provável que fosse verdade.

13. "E ela tinha uma memória maravilhosa — suponho que talvez tu não saibas mas ela tinha."

W.: É uma coisa curiosa de dizer, mas não sei se ela tinha uma memória invulgar para o que estava nos livros ou não, ela tão raramente falava sobre o que lia. Tal como afirmado por "Sunbeam", eu não sei que ela tivesse.

14. "Ela ouviu falar de testes de livros — ela ouviu falar deles antes de morrer e quer tentar e fazer algumas coisas como as outras pessoas e ela vai fazê-lo ela vai!"

W.: Eu costumava por vezes, durante a doença dela, trazer um livro sobre investigação psíquica, e ela geralmente lia-o. Algum tempo durante o último ano da sua vida, trouxe um livro relativo aos testes de livros de Drayton Thomas, que ela leu.

15. "Há outra coisa ela tinha muita da sua própria gente lá antes de morrer. (Isso é verdade.) E eles foram muito amáveis e fizeram-na sentir-se em casa."

T.: Na última semana da sua vida, em resposta à minha pergunta sobre como estava, ela disse: "Tudo bem, a minha mãe está a cuidar de mim e o R— e o O— e a S— [os nomes omitidos são os de duas irmãs e um irmão, todos falecidos] estiveram aqui." Ela falou tão despreocupadamente como se fossem todos pessoas vivas. (Oralmente, a Theodosia disse-me que pensava que isto tinha sido cerca de três dias antes de a Sra. Prince morrer. — W. F. P.)

W.: Lembrei-me distintamente, quando li isto, de que não muitos dias antes da morte da Sra. Prince a Theodosia chegou a casa de a

visitar no hospital e contou-me que a doente lhe dissera que alguns dos seus familiares (mortos) tinham estado lá, e que lhe tinham arranjado a almofada.

16. "E valha-me Deus ela ama as flores como ama o seu Deus. (Muito verdade.) Sabes o que quero dizer — elas são uma expressão de Deus para ela e um pequeno — pequeno junquilho a surgir na primavera significaria tanto para ela ela observá-lo-ia e amá-lo-ia e oh! devias ver o jardim dela quando ela chegou ao outro lado."

T.: As flores dela eram o comentário de todos os que passavam pela nossa casa de Montclair.

W.: A ênfase colocada no seu amor pelas flores é plenamente justificada. Era uma verdadeira paixão. Lembro-me de que ela tinha junquilhos, e estou quase certo de que teve alguns na última primavera da sua vida.

17. "Eles tinham tudo pronto para ela, tal como se tudo estivesse ali para ela não sentir falta das flores — elas estavam todas ali como que curvando-se e acenando para ela, como uma saudação graciosa a uma alma adorável. Ela vem à tua casa. (Vem?) Oh, sim, creio que vem e ela está o tempo todo a tentar fazer algo ali e ela faz bastante mas e ela não quer perturbar nada — quer manter tudo equilibrado e certo."

W.: Dois incidentes ocorreram algumas semanas após a morte da Sra. Prince, foram-me contados na altura, mas não registados prontamente, e as datas exatas são incertas. A Theodosia escreveu-os assim:

"Fifi [um *cocker spaniel*] e eu estávamos na cozinha do número 27 da Forest Street. Eu estava a lavar a loiça, ela num cesto a que chamávamos a cama dela. Tudo estava calmo quando, de repente, ouvi a mãe a chamar, do andar de cima, 'Theodosia', uma vez muito bruscamente, como costumava fazer quando queria que eu me despachasse. Não dei qualquer sinal de que tivesse ouvido, e a Fifi saltou da cama e correu para o pé das escadas, depois voltou e olhou interrogativamente para mim e foi para a cama.

"Cerca de uma semana depois estávamos na cozinha outra vez e eu estava a cozinhar, quando ouvi novamente a mãe chamar, 'Theodosia', duas vezes bruscamente. A Fifi saltou da cama e subiu as escadas a correr, ganindo por ali acima, e depois ouvi as patas dela a correrem para todos os quartos no segundo andar. Finalmente ela desceu com a cauda entre as pernas e foi para a cama."

Em junho, em várias noites, a Theodosia acordou e sentiu-se impelida a ir à janela. De cada vez via uma aparência luminosa e ondulante no jardim. Ela não a reconheceu como uma forma humana, nem sugeriu que o fosse, mas "Frank", na escrita automática, declarou que era a Sra. Prince no jardim, onde ela tinha passado tanto do seu tempo. Este incidente é, claro, de menos valor do que os que o precedem, qualquer que seja o valor que os leitores lhes atribuam respetivamente. Não há evidência para a afirmação de que "ela faz bastante". Mas eu não saberia como refutar a afirmação de que um espírito pudesse fazer coisas que não se evidenciassem por si mesmas, tais como exercer influência sobre consciências humanas.

18. "E ela é rápida como dez relâmpagos e creio que ela se esgotou imensas vezes — sabes o que quero dizer? (Sim.)"

T.: Já a vi cozinhar quando a cabeça lhe doía tanto que mal conseguia ver.

W.: Ela pode ser rápida agora, mas não era especialmente rápida em vida, embora fosse laboriosa e minuciosa. É enfaticamente verdade que "ela se esgotou imensas vezes". A tendência para fazer isto começou quando era jovem. Nada do que alguém dissesse a impedia de exagerar às vezes. Trabalhava frequentemente quando parecia desnecessário fazê-lo e quando não estava nada bem, sofrendo por isso depois.

19. "Ela trabalhava imenso e depois ia abaixo — tal e qual assim [o médium indica uma pessoa 'estourada' após trabalho árduo.] (Isso é verdade.) E depois ela vai abaixo. Por isso ela quer superar isso. Trabalhar sobre os nervos. Pensa num espírito a trabalhar sobre os nervos [ri-se] mas eles têm nervos sabes. (Sim.)"

W.: Muitas vezes ela trabalhou "sobre os nervos" e força de vontade. Era muito característico.

20. "Eles têm algo tal e qual como eles. Se têm emoções devem ter canais para as emoções correrem e esses são os nervos e há outra coisa — ela adora animais de estimação — adora cães e pássaros, não todos juntos mas ela adora-os conforme vêm mas ela tem o canário mais bonito — sei que é um canário porque é amarelo — parece quase como se tivesse sido um animal de estimação numa altura em que ela podia olhar para ele e falar com ele. Soa a Dick — olá Dick — é um pássaro, no entanto, não um homem. Creio que foi há muito tempo, não agora mesmo e é engraçado."

T.: A mãe falou-me de dois canários que teve; um antes de casar, que o gato da irmã dela comeu; um que teve quando casou, que tinha um canto tão estridente que ela teve de se desfazer dele. Não me recordo dos nomes, mas eram ambos amarelos.

W.: A Sra. Prince teve um canário antes do casamento e, depois, antes de a Theodosia vir viver connosco, tivemos pelo menos dois canários e vários depois disso. Um dos pássaros chamava-se "Dick" (um nome comum para um canário), mas era de um amarelo-esverdeado. Não me recordo dos nomes dos canários anteriores. Ela era certamente fã de canários. Tivemos um cão de que ela gostava, mas não viveu muito tempo. Também tivemos um cão no último ano da vida dela de que ela gostava, exceto pelo facto de ele a deixar nervosa ao saltar e ao sentar-se diante dela a ganir por simpatia.

21. "Alguma vez alguém pegou no seu cabelo e lhe deu uma voltinha à frente assim [indica um caracol] (Não me lembro.) Alguém o fez. Tu costumavas ser um rapazinho bonito, não costumavas? (Eu não teria pensado que sim.) Bem provavelmente és demasiado modesto mas eras. (Provavelmente a minha mãe pensava que sim.) Era como — quase como um caracolinho uma coisinha (Sim, sim. Bem, eu tive isso. Não sabe o nome?) Espera um minuto. Não. (Quer dizer um boston?) Não sei o que é mas vejo alguém a fazer isso [durante todo o tempo que fala disto, ela indica um caracol na parte superior frontal da

cabeça]. Não consegues fazê-lo agora, pois não? (Não.) Não tens cabelo nenhum aí em cima? Mas não tens mãe para o enrolar por ti. Mas ela lembrar-se-á sempre de ti exatamente dessa maneira. Eu chamar-lhe-ia um topete como um pequeno topete, não é amoroso? [Ri-se.]"

W.: Lembro-me da minha mãe dizer que eu era um bebé bonito, embora tenha superado isso com distinção. Eu certamente tinha, à data da minha recordação mais antiga, um caracol sobre a testa feito ao enrolar o cabelo húmido à volta do dedo da minha mãe. Costumava chamar-se um "boston". O gesto descritivo do médium, o nome "topete" e a insinuação de que a minha mãe o enrolava para mim, estão todos corretos.

"Adeus. Pega na minha mão — não tens medo de mim pois não? (Não, adeus.) [Pegou na mão dela.]"

ADENDA: UMA CORRESPONDÊNCIA CRUZADA

Na minha segunda sessão com a Sra. Leonard, em Inglaterra, a 14 de outubro de 1927, Feda começou imediata e espontaneamente a falar da "vossa senhora". Não prestei auxílio, limitando-me a proferir ocasionalmente um "sim" formal ou a reconhecer factos categoricamente afirmados. Houve muita repetição e reproduzo apenas o essencial das passagens relevantes para o que é declarado por "Sunbeam" na sessão com a Sra. Soule e com os factos históricos correspondentes.

"Sabe que ela própria se tornou, por vezes, um pouco psíquica? Quando estava aqui, e antes de partir, ela tivera consciência de que pessoas do mundo espiritual estavam com ela. . . . Sabe se ela tinha falado sobre uma parente, uma senhora da família que tinha partido antes dela, que ela sabia estar com ela antes de ela própria partir (Sim, isso faz parte.) porque alguém no mundo espiritual, uma senhora, tinha vindo ver a vossa senhora em espírito. . . . Havia também um homem. Um homem veio com a senhora e ambos estavam muito, muito intimamente ligados à vossa senhora antes de ela partir. (Pode ela recordar-se do que eles fizeram?) Espere um minuto. Sabe que eles entraram mesmo no quarto onde ela estava, e sabe que se

aproximaram mesmo dela e lhe tocaram também, como se estivessem a inclinar-se sobre ela, percebe. (Sim, reconheço isso. Há ainda mais se ela se recordar.) Sabe se alguém a beijou? (Isso não sei.) Porque sinto que a senhora a tinha beijado, mas ela pode não ter mencionado isso. ... Espere um minuto [após uma observação irrelevante da secretária] porque é algo importante. É como se estivessem a tocar-lhe, e quase como que a levantá-la. . . .

Ela sabia quem eles eram, ela reconheceu-os... e eles pareciam muito brilhantes para ela. . . . E ela não estava a dormir; não era propriamente um sonho, não era um sonho. (Sim, foi o que ela disse.) Ela disse que tinha os seus sentidos todos bastante completos. Disse que podia estar, que tinha estado a dormitar um pouco... mas não estava a dormir quando aconteceu. . . . Eu sabia exatamente o que estava a acontecer e eles vieram e puseram-se mesmo ao lado dela e perto dela; ela viu-os e sentiu-os. Sinto, no entanto, que ela também ouviu. . . . Isso não foi mesmo no momento em que ela partiu (Sim; recorda-se de algo mais? Recorda-se de quanto tempo antes foi?) Ela vai tentar explicar, vai tentar passar-me isso, mas ela sabe que não foi exatamente no momento. . . . Ela não se sentia então como se fosse partir (Quer dizer que ela não partiu na altura em que estes vieram?) [Isto poderia ter implícito que a afirmação estava errada, mas Feda continuou.] Não, não na altura em que estes vieram. . . . Ela contou-lhe algo sobre ouvir música?...

O que quer ela dizer com uma citação? (Citação? Não sei bem.) Há algo que ela me está a dizer, que ouviu uma citação. Ela ouviu-a e falou sobre isso com alguém. . . . Ela diz, eu falei sobre isto através de Soule (Ela falou, está certo.) Ela diz, eu dei um relato disto através de Soule. . . . Fiquei muito satisfeita porque o dei de forma bastante definitiva (Sim, ótimo.). De certa forma, diz ela, eu voluntariei-o.... Ela não queria que lhe perguntassem; ela estava a começar a falar sobre isso por si própria, percebe? (Compreendo.) Através de Soule, quer ela dizer.... Creio que estas pessoas, estas pessoas espirituais que ela viu, tinham partido há algum tempo, não imediatamente antes dela. [Depois, após uma referência críptica a uma janela e a estar frio — sensações de frio eram sintomáticas, mas soa como se isto se referisse a alguma ocasião especial] ela não ficou assustada quando viu aquelas

pessoas. . . . Ficou até satisfeita e diz, senti, senti sabe como se estivesse tão confortada e tranquilizada pela presença delas. . . . Ela pensa que tinham vindo para a ajudar.... Diz que ambos eram pessoas muito boas quando estavam aqui.... Três, três, três. Pergunto-me porque é que ela continua a dar-me o algarismo três em ligação com isto. . . . Tenho a ideia de que tem a ver com um período, ou com o tempo, a contar o tempo, não três pessoas.

[Depois, após uma referência obscura a um móvel a ser movido, e a uma sensação peculiar sentida na cabeça, e novamente à 'citação'] Não parecia que pudesse estar escuro, devido ao facto de ela os ver. . . . Sabe se quando ela os viu se estava à espera, estaria a pensar que lhe iam dar algo para comer e beber? (Não, não sei.) . . . Estava a aproximar-se a hora em que lhe dariam algo. . . . E depois de ter visto tudo isto, falou com outra mulher na terra sobre o assunto (Sim, certo. Lembro-me disso.) Sim, contou-lhe logo a seguir.... Oh! Ela tem agora a certeza, ao olhar para trás, de que as pessoas espirituais estiveram muito perto dela durante alguns dias antes de partir, não apenas no próprio dia, mas vários dias antes." Então Feda continuou, dizendo que a minha "senhora" tinha um poder psíquico extraordinário mas não o desenvolveu.

Comparemos as correspondências.

1. A Sra. Prince vê espíritos. (a) Assim disse à Theodosia, (b) Assim declarou a "Sunbeam" da Sra. Soule, (c) Assim declarou a "Feda" da Sra. Leonard.

2. O seu Número. (a) A Sra. Prince nomeou quatro que tinha visto, mas não disse que os vira a todos de uma só vez. (b) Sunbeam: "Muitos" — um número indefinido. (c) Feda: "um homem e uma mulher" (correto no que diz respeito e possivelmente referindo-se a uma ocasião particular).

3. Quem Eram. (a) A Sra. Prince disse que tinha visto a sua mãe, um irmão e duas irmãs. (b) Sunbeam: "a sua própria gente", (c) Feda: "ligados de forma muito, muito próxima".

4. Quando. (a) A Sra. Prince contou-o três dias antes da sua morte. Theodosia pensa que ela deu a entender que os andava a ver frequentemente há vários dias, (b) Sunbeam: "antes

de morrer" — indefinido, mas implicando não muito antes da morte, (c) Feda: "não exatamente no momento em que partiu", "durante alguns dias antes de partir, não apenas no próprio dia mas vários dias antes". [Possivelmente o "três, três, três em ligação com isto", que Feda pensou indicar tempo, está relacionado com o facto de a Sra. Prince ter contado à Theodosia três dias antes da sua morte.]

5. A Sua Conduta. (a) A Sra. Prince disse que eles cuidavam dela, enfatizando especialmente a mãe, e mencionou que lhe arranjavam a almofada, (b) Sunbeam: "foram muito amáveis", "tive ajuda daqueles que lá estavam para esse fim", (c) Feda: "É algo importante. É como se estivessem a tocar-lhe e quase como que a levantá-la" (o que se faria ao arranjar a almofada de um doente).

6. A Sua Reação. (a) A Sra. Prince expressou apreço pelo cuidado que lhe estava a ser dado pelos seus parentes (falecidos), (b) Sunbeam: "fez com que se sentisse em casa", (c) Feda: "Ela não ficou assustada. . . . Ficou até satisfeita e diz, senti como se estivesse tão confortada e tranquilizada pela presença delas. . . . Ela pensa que tinham vindo para a ajudar."

Aqui termina a parte da Sra. Soule nas correspondências textuais. Mas

7. Feda declarou que a "vossa senhora" diz: "Falei sobre isso com alguém.... Dei um relato disto através de Soule. . . . Fiquei muito satisfeita porque o dei de forma bastante definitiva. . . . Voluntariei-o." E através da Sra. Soule, dois anos antes, tinha de facto sido voluntariada a afirmação definitiva de que alguns dos parentes da Sra. Prince tinham estado com ela antes de ela morrer, tinham sido muito amáveis para com ela, ajudado e aliviado o seu sofrimento, e que a fizeram sentir-se em casa. (Nunca foi dito à Sra. Soule sobre o que proferiu em transe nem sobre a verdade do mesmo.)

8. E Feda também declarou que a vossa senhora, "depois de ter visto tudo isto, falou com outra mulher na terra sobre o assunto . . . logo a seguir." E ela tinha, de facto, contado

à Theodosia. (O meu reconhecimento de que Feda falara com verdade revelaria que a Sra. Prince contou a alguém. Mas por que não poderia ter-me contado a mim? Mas foi à Theodosia, "outra mulher", que ela contou.)

9. Feda cita a "Sra. Prince" dizendo estar certa de que estas foram experiências em estado de vigília. De facto, ela contou-as à Theodosia como tal, qualquer que fosse o seu caráter real.

Feda acrescentou outros pormenores que correspondiam a factos não mencionados pela Sunbeam, tais como os parentes espirituais não terem partido recentemente, serem boas pessoas e a própria Sra. Prince ter poder psíquico mas não o ter desenvolvido. (Quando jovem, deu provas de tal poder, mas detestava-o e, aparentemente, extinguiu-o na sua maioria.)

[1] Ver sessão de Soule de 4 de Setembro, item 9. Vários detalhes dados por Feda relativamente aos espíritos a aparecerem e a fazerem coisas pela Sra. Prince não podem ser verificados, sendo igualmente impossível negá-los. A Sra. Prince contou poucos detalhes do que acreditava ter acontecido e, de facto, falou pouco durante os seus últimos dias.

Qualquer fuga de informação para a Sra. Leonard é praticamente inconcebível.

RESUMO DO REGISTO DE 6 DE AGOSTO DE 1925, 11:35-1:00 (RELATIVO À SRA. PRINCE)

Presentes: Miss T. B. Prince (*Sitter*) e Sra. Guinan (Secretária Estenográfica). Procedimento preliminar como habitualmente. Respostas todas pela Sra. G.

Muito do assunto desta data não toca de todo a questão evidencial. Bastará listar as afirmações que o fazem e declarar se estão corretas ou incorretas, e em que grau.

1. Que os "valores evidenciais" "eram um dos temas de que mais se falava entre aqueles que me rodeavam." [A Sra. Prince era a aparente comunicante.] Foi discutido na presença dela muitas vezes (como seria muito provável), especialmente quando alguma pessoa de fora da família estava presente.

2. "Eu sabia que sentias que poderia ser demasiado cedo para me fazeres tentar [comunicar] e por isso esperaste, mesmo estando tão ansioso por saber o que eu encontrei." Isto, como esforço para interpretar os meus pensamentos, não é muito bem-sucedido. Eu nunca quis saber o que ela encontrou, pois não via como é que afirmações sobre o outro mundo poderiam ser evidenciais. Sabia, sim, da alegação de que muitos espíritos não conseguem comunicar de imediato e pensara que, caso isto fosse verdade, talvez pudesse ser o caso dela. Não fizera qualquer esforço para obter supostas comunicações dela.

3. "Agora tu, querida, és o consolo e a ajuda, embora sintas como se estivesses num sonho e fosses acordar de manhã e encontrar-me ali da forma antiga."

T.: A mãe sofreu tanto no último mês da sua vida e a expetativa da sua morte a qualquer momento manteve-me num estado de tensão, e o sofrimento dela enervou-me de tal modo que, quando ela morreu, estive num sonho durante cerca de uma semana.

4. "Esquecerei alguma vez as experiências que tivemos juntas? Algumas delas sim, mas algumas delas serviram para nos trazer O Dom de Deus [*The Gift of God*]." Trata-se de uma inferência provável do significado de "Theodosia" e do presumível conhecimento da Sra. Soule sobre o Caso Doris. Mas a observação expressa bem o sentimento da Sra. Prince.

T.: A mãe dizia sempre que foi apenas o trabalho dela que me levou a viver com eles e foi certamente o Dom de Deus.

5. "Querida filha [última palavra escrita muito lentamente] Vê como eu amo essa palavra."

T.: Pensei muitas vezes que a mãe gostaria, por uma vez, de pôr de lado a sua reserva e chamar-me nomes carinhosos, mas nunca ganhou coragem, embora várias vezes, três para ser exata, me tenha chamado "querida", mas ficando muito embaraçada.

6. "Há algo que quero dizer sobre uma peça de roupa e um chapéu que foi alterado e usado desde que vim para aqui refiro-me a que algo de um chapéu que eu tinha foi usado noutro e enquanto tem sido usado tem havido um sentimento de alegria que era meu também"

T.: A peça de roupa era um vestido de seda, uma das poucas peças do seu vestuário que não dei. Reformei-o. Isso sobre o chapéu é muito bom. A mãe tinha um chapéu com uma pena linda. Eu adoro penas e, quando ela morreu, coloquei-a no meu chapéu e apreciei a sensação da pena na minha nuca.

7. "Vi alguns vestidos serem observados [tosse] como se pudessem ser usados juntos pois um não seria suficiente sozinho compreendes. (Sim.)"

T.: Refere-se a dois vestidos de lavagem que eu pretendia combinar e transformar num único vestido de casa.

8. "Há uma coisa sobre a qual devo tentar escrever É [pausa] um manuscrito que estava em processo quando morri e de que se falou tantas vezes de uma forma como esta Se ela tivesse apenas vivido para ver isto concluído e parte dele era muito vital [N. R.] vital nas minhas experiências mas este não era o meu manuscrito o dele"

W.: A maior parte do material para *The Psychic in the House* estava em manuscrito antes da morte da Sra. Prince. A maior parte das experiências cujos resultados foram usados nesse livro foram feitas na nossa casa e ela estava muito familiarizada com elas. Nalgumas participou e foram registadas várias experiências espontâneas dela.

Ela sabia que o manuscrito ia ser publicado. Não foi editado até à primavera de 1926.

9. "Sabes sobre B B B um espírito B um espírito que vem às vezes e um espírito vindo e pedido por"

W.: Pouquíssimas vezes, em experiências, chamei por algum "espírito" em particular, mas pedi mentalmente várias vezes por um cujo nome começasse por B. A primeira vez foi há muito, quando eu, então e nos anos seguintes inteiramente cético, me divertia com uma médium chamada Grace Royal. Instantaneamente ela deu alguns pormenores de descrição física que estavam corretos e acrescentou uma frase descritiva da morte dele que foi muito certeira. Há alguns anos estudei, durante várias semanas, o notável trabalho de cura da Dra. Elizabeth Cantrell, de Wichita, Kansas. Esta senhora produz resultados que não atribui a espíritos, nem é espiritualista nem se considera médium. No entanto, várias vezes na minha presença demonstrou o que parecia ser conhecimento paranormal.

Numa manhã viu na sala, perto de mim, uma forma humana cuja altura, algo significativa, descreveu, fez uma observação muito significativa sobre a morte e mencionou a estação em que ocorreu. Não desejo publicar os pormenores, por medo de estragar evidência futura. Não considero a evidência conclusiva, embora parecesse melhor se eu pudesse contar exatamente o que foi dito, mas pelo menos torna impossível negar (sem pressuposto dogmático) que B. "vem às vezes". Mais tarde, nesta série, há uma aparência como se ele viesse novamente.

10. "Continuo a ouvir e vejo N Y oh continuo a ouvir Nova Iorque e é mais como — sabe creio que este espírito morreu em Nova Iorque (Pode ser.) Estão todas as condições de Nova Iorque em volta — possivelmente é um subúrbio de Nova Iorque — é como Nova Iorque porque ouço Nova Iorque e vejo Nova Iorque e sinto todas as influências de Nova Iorque (Sim, creio que está certo.) e em ligação com isso vejo o funeral e é por isso que creio que a morte é lá"

T.: A mãe morreu no New York Hospital, na cidade de Nova Iorque.

W.: Se os espíritos recordam a vida terrena, julgo que "Nova Iorque" assombraria a memória da Sra. Prince, visto que esteve naquele hospital de Nova Iorque dez vezes.

11. "E esse funeral — parece uma — é como uma tragédia — é uma tragédia coisa trágica afinal de contas e no entanto não é trágico"

T.: O corpo foi preparado para o enterro na cidade de Nova Iorque. A palavra trágica foi usada pelo agente funerário frequentemente ao contar-me o estado terrível do corpo.

W.: Pelo motivo acima mencionado, o caixão não pôde ser aberto na pequena aldeia onde o enterro teve lugar e onde viviam muitos velhos amigos. "E no entanto, não é trágico" pode ser significativo do facto de a morte ter sido um alívio de um sofrimento prolongado. Ou pode significar que a morte não foi por acidente ou violência.

12. "Parece que haveria tal arquejo de incredulidade — 'O quê, ela partiu!', sabe, desse género."

W.: Ela sobrevivera a nove operações. Os seus amigos temeram muito pelas primeiras, mas habituaram-se tanto a elas que quando ela morreu subitamente, numa manhã, houve quase tanto choque de surpresa como se tivesse morrido como Roosevelt.

13. [Segue-se uma passagem, parte da qual me é ininteligível e parte dela evidenciai num grau, mas de uma forma que não pode ser explicada sem envolver outros desagradavelmente.]

14. "Ela é uma senhora muito independente."

T.: Isto é muito verdade. Cuidava de si própria quando estava tão doente que mal conseguia andar.

15. "Ela tinha de manter a boca fechada sobre imensas coisas que queria dizer. Tinha de ser política mas não queria ser. Queria dizer o que pensava e claro que não podia."

W.: Isto é quase caricatamente apto. Soa como se ela estivesse finalmente a expressar os seus sentimentos, na terceira pessoa. Houve

incidentes do que ela considerava tratamento mesquinho, mas ela treinou-se para os suportar, para ser "política", em silêncio.

> 16. "Ela apresenta um vestido castanho que tem imensos folhos. É antigo, à antiga, não um vestido deste tempo e tem imensos folhinhos e parece apenas ter sido guardado, como se fosse bom demais para deitar fora e não estivesse bem, não estivesse bem feito para se fazer nada com ele (Compreendo.) porque os folhos não são o estilo (Compreendo o que quer dizer.) e parece o que eu penso que é enrolado, não colocado em nenhuma forma particular mas como que enrolado e cada vez que olhavas para ele haveria um sentimento de 'Quem me dera poder usá-lo.' Sabes, houve uma tentativa nalguma altura de fazer algo com ele, como se estivesse parcialmente feito mas não tivesse sido concluído. Consigo ver nele uma agulha mas na realidade não é por nada em particular mas apenas que ela o recorda. Quando digo castanho não quero dizer como preto. (Compreendo. Castanho claro, como bronzeado?) Castanho-rapé."

T.: Vi este vestido castanho quando vim viver com ela pela primeira vez. Era feito em nesgas e muito difícil de reformar. Finalmente, uma vizinha ofereceu-se para o arranjar. Ao fazê-lo, estragou-o completamente.

> 17. "Ela deve ter gostado de castanho especialmente quando era mais nova. Parece ser uma cor tão resistente e ficava-lhe bem. Parece ser uma cor que lhe ficava bem e creio que aquele vestido ficava."

W.: O castanho era apreciado por ela especialmente quando era mais nova, e o vestido referido eu apreciava-o especialmente, o que poderia ser uma razão para a sua menção. Creio que "castanho-rapé" está mais ou menos correto.

> 18. "Ela é a senhora mais eficiente que alguma vez viste. Conseguia cozinhar. (Sim, eu sei.) Conseguia fazer coisas num minuto. Parece que quase antes de te dares conta ela teria batido algo — falar de castanho fez-me ver algo que ela de facto gostava como um castanho — bolo castanho não sei se é pão de

gengibre ou bolo de especiarias mas é castanho e meio brilhante por cima, sabes o que quero dizer? (Sim, sei.)"

W.: Ela era muito eficiente em muitas coisas, na cozinha e em assuntos que iam muito para além das lides domésticas.

T.: Fico impressionada com a expressão "teria batido algo". A mãe era o tipo de cozinheira que nunca sabia dizer como tinha feito um prato, dizendo: "Bati-o simplesmente". O seu boião de bolachas de gengibre estava sempre cheio, e também fazia muito pão de gengibre; ambos eram brilhantes por cima.

19. Dirigia-se ao marido às vezes como "Pai", às vezes "Papá", às vezes "meu marido".

W.: Ela nunca se dirigiu a mim diretamente por nenhum destes nomes.

20. "Parece que o papá gostava do bolo castanho e parece que alguém que ajuda o papá agora gostaria de conseguir fazer algo como a senhora fazia e no entanto o papá diz que está tudo bem. Ele tem a certeza de que está tudo bem e se não consegues à primeira consegues à próxima e parece que há este bolo castanho em particular que há uma espécie de desejo de o fazer."

W.: Eu era especialmente fã do pão de gengibre. A minha atitude perante a comida na mesa está corretamente colocada.

T.: Precisamente uma semana antes da sessão, eu tinha escrito à irmã dela para escrever claramente como é que ela fazia as bolachas de gengibre, pois eu tinha falhado duas vezes ao fazê-las.

21. "Ela também não era uma cozinheira terrivelmente extravagante. Não era que fizesse coisas — bem, ela fazia-as bem — sabes."

W.: Ela era uma cozinheira excelente e económica.

22. Afirmação de que se lembra de um certo tipo de peixe de que o marido gosta, mas que não comia com frequência.

W.: Eu também me lembro, e consigo compreender como ela possa ter isso na memória, mas a afirmação dificilmente é de todo evidencial.

23. Uma descrição do que faço enquanto estou sozinho antes de me deitar à noite torna-me mais cerimonialmente devoto do que sou, e a afirmação de que por vezes acho difícil adormecer depois disso quase nunca se justifica.

24. Nome como Ella ou Emma, de uma pessoa ligada ao comunicador.

W.: Não conheço nenhuma. Existe uma irmã viva, Nellie E.

25. "O espírito tem e ela tinha, antes de se ir embora, um pequeno problema, é no pé ou no joelho, porque ela se senta e meio que segura o pé assim, como se o estivesse a descansar. [Ela levanta o pé esquerdo e esfrega o pé, e depois levanta o mesmo colocando a mão na frente do joelho.] Creio que é o joelho."... "De qualquer forma, ela punha mesmo o pé assim. Ela ficava, oh, um pouco cansada e, quando estava cansada, fazia isso. Creio que é em parte do — descansa-a tirar o sapato."

T.: A pressão nos nervos das pernas fez com que se formassem nódulos por baixo do joelho e eram muito dolorosos; também o tornozelo estava inchado, perdendo toda a semelhança com um tornozelo. Muitas vezes vi a mãe a esfregar o pé, o tornozelo e o joelho.

W.: A Theodosia esqueceu-se de acrescentar, o que é uma memória familiar para ambos, que a Sra. Prince costumava muitas vezes tirar o pé do sapato e descansá-lo num banco, etc., exatamente como foi afirmado.

26. Referência ao facto de o pai dela, o pai do marido e um cunhado terem falecido. Provável na idade dela, e verdade (embora um dos dois pais pudesse estar vivo, e ela pudesse não ter tido nenhum cunhado ou apenas cunhados vivos).

27. "Ela tinha muita gente a uma grande distância, alguns estão vivos. Ela viu-os a todos. A milhas e milhas de distância, que eram seus parentes e amigos, não os viu durante

bastante tempo antes de morrer, mas tem-nos visto desde então. Ela consegue ir vê-los."

W.: Isto é verdade em todos os detalhes. (1) Ela tinha um número invulgar de parentes próximos, vivos e mortos. (2) Todos eles viveram a uma longa distância dela durante a maior parte da sua vida de casada, de 200 a 1.600 milhas, em vários Estados. (3) Ela não viu nenhum deles durante pelo menos um ano antes da sua morte.

REGISTO DE 7 DE AGOSTO DE 1925, 11:15–12:35

(RELATIVO À SRA. PRINCE E A THEODOSIA)

Presentes: Miss Prince (Consulente) e Sra. Guinan (Secretária). Mesmo procedimento preliminar. Todas as respostas pela Sra. G.

[Duas páginas datilografadas do "Dr. Hyslop" são omitidas, porque as poucas referências testáveis, embora concordantes com os factos, não são comprovadamente alheias ao conhecimento da psíquica. Além disso, cerca de uma página da "Sra. Prince", de matéria que não é significativa exceto por uma afirmação, igualmente não totalmente protegida do conhecimento normal da psíquica.]

1. "Tu és a minha menina, querida, minha própria através do amor e eu espero tanto de ti sim espero exatamente o que todos sabemos que consegues fazer e tenho uma coisa a dizer sobre aquelas minhas últimas horas Referi-me ao que parecia ser sofrimento Se não o fiz quero fazê-lo agora (Não, acho que ainda não o fez.) Eu não sofri tanto quanto parecia deixa-me ver se consigo tornar isso claro (Leve o tempo que precisar.) Suponho que o meu corpo estava com dores mas eu estava tão perto da vida espiritual que isso não se imprimiu na minha mente como se eu tivesse voltado para o corpo e percebido pelo que tinha passado [Oral: 'Oh, querida, com tanta fome, estou com tanta fome.'] e todos aqui tentaram ajudar-me a esquecer isso"

W.: Pensei muitas vezes que a Sra. Prince não deve ter sofrido nem de perto tanto durante a sua última estadia no hospital como se suporia que ela teria de sofrer. Isto deveu-se em parte ao opiáceo

administrado, mas também ao efeito da doença na sua mentalidade. Não houve evidência de que ela alguma vez tenha percebido que a ferida da última operação não cicatrizou e nunca o poderia fazer. Lembro-me da Theodosia me dizer, apenas um ou dois dias antes da morte da paciente, que ela se queixava de estar com fome. Nada sobre isto ou outros pontos relativos à última doença que eu enfatizo tinha sido impresso ou poderia ser do conhecimento da psíquica.

T.: A Mãe estava sempre com fome na sua doença, e especialmente no hospital.

[Aqui são omitidas observações sobre cartas da consulente para o comunicador durante algumas experiências (parcialmente corretas mas confusas), uma referência a "alguém chamado 'Celia'" (o nome do comunicador era Lelia), e uma observação de que é estranho que "existam dois pais" (o próprio pai da consulente e o seu pai adotivo), uma vez que não estão protegidos do próprio conhecimento da psíquica, tendo em conta o que tinha sido impresso no Volume XI das Proceedings A. S. P. R. Mas o que se segue, por "Sunbeam", está certamente protegido do ponto de vista evidencial.]

> 2. "Conheces uma senhora gorda que gostava de bombons de chocolate? (Não sei. Talvez se ela nos pudesse dizer algo mais pudéssemos descobrir quem é.) Não sabes quem ela é? (Não, não uma senhora gorda.)"

W.: A nota da Theodosia, que se segue, torna provável que se refira à Sra. Prince, embora a sua própria mãe fosse corpulenta. A primeira tornou-se emaciada no rosto, braços e peito, mas muito inchada no resto do corpo. Quando agasalhada com muitas roupas, como costumava estar por ter frio, quando outros estavam desconfortavelmente quentes, ela tinha a aparência de ser muito gorda, exceto no rosto e nas mãos.

> 3. "Bem eu vejo eu vejo uma senhora sentada e uma menina — é uma menina que está aqui contigo não é? (Sim.) É como uma menina ou como uma menina faria — não uma menina mas como uma menina faria — pôr um chocolate na boca da senhora que estava a escrever. Uma gota de chocolate (Sim.) e parece ser um pouco de diversão e um pouco de

generosidade e amor tudo — tudo — sempre que ela tinha algo assim — como uma menina — ela levava até ela e punha-lhe na boca. (Sim, está certo.) [A consulente tinha acenado com a cabeça] e é exatamente tão parecido com ela (Sim.) Tanto a maneira como ela fazia as coisas que a senhora que estava a escrever adora pensar em todas essas pequenas coisas boas sabes (Isso é simpático.)"

T.: A Mãe P. gostava muito de chocolates. Quase todas as semanas alguém me dava uma caixa de chocolates e eu retirava um e, quando chegava a casa do trabalho e me aproximava para beijar a mãe, inseria o pedaço de chocolate na boca dela e depois dava-lhe a caixa.

W.: O "Sim" da Sra. Guinan à pergunta "é uma menina que está aqui contigo, não é?" foi proferido num sentido Pickwickiano. É claro que a Sra. Soule sabia que a Theodosia é uma mulher. E logo a seguir Sunbeam mostra reconhecer o facto de que a consulente não era exatamente uma menina. Ela mantém a vivacidade e o entusiasmo de uma menina.

As frases descritivas resumem as "pequenas coisas boas" que a consulente adora fazer, e o espírito com que são feitas, tão bem quanto eu conseguiria expressar após anos de convivência com elas.

4. "E tal como ela fez isso ela fez como para aquele que está aqui — o homem — e ela nem sempre se atreve bem — é engraçado. Ela atreve-se a tudo mas às vezes é apenas um pequeno impulso que viria assim e ele estaria tão ocupado e tão sério que ela não podia então ela vai a um pequeno armário e guarda algo — como se fosse partilhar — e ela não o pode incomodar porque ele está ocupado — não pode ser interrompido por isso ela põe sobre algo pode ser apenas como uma pequena gota de chocolate porque ele gosta de coisas doces e é colocado em cima de algo, como uma pequena chávena voltada ao contrário, uma pequena coisa de louça e derrete — sabes é o pequeno armário mais quente que alguma vez conheceste e é tal como ir pô-lo na sua própria boca e derretê-lo. Apenas uma maneira astuta — guardou-o para ele e não lho deu

porque ele estava tão ocupado e depois derreteu-se um pouco e 'eu própria o comi'."

T.: Não compreendo bem a parte de não me atrever a interrompê-lo. Receio que devesse ter, mas não tenho. Mas quando estávamos em Montclair, onde vivemos durante a longa última doença da mãe, eu costumava colocar um pedaço de chocolate num pequeno prato à espera da vinda do papá, e colocava-o na nossa despensa, que era um lugar quente no verão. Eu tapava-o sempre. Muitas vezes encontrei-o todo a escorrer e, sabendo que ele não gostaria, chamava a mãe: "Acho que o vou comer."

W.: Isto, para mim, apesar de um erro, é uma passagem singularmente realista. Primeiro, pelo grupo de detalhes relativos aos atos da Theodosia:

(1) guardar uma gota de chocolate,

(2) para W. F. P.,

(3) porque ele gosta de coisas doces,

(4) colocando-a numa peça de louça,

(5) num armário (onde por vezes derretia),

(6) caso em que ela própria a comia. Em segundo lugar, na referência precisa ao meu modo de ser quando estou ocupado na minha secretária em casa. De facto, quando estou assim ocupado, a minha filha traz frequentemente uma guloseima, como um bolo acabado de cozer, num prato, coloca-o à minha frente e sai silenciosamente, uma vez que estou "tão ocupado e tão sério" e absorvido no meu trabalho. Eu apenas olho para o prato e para ela, murmuro "Obrigado" e continuo a escrever. Não creio que a psíquica pudesse depreender isso do meu comportamento quando estou com ela.

A negação, na nota dela, de não se atrever, concorda com a escrita corrigida: "Ela atreve-se a tudo". O erro está em dizer que o doce foi colocado no armário porque eu não podia ser interrompido, em vez de ser porque eu estava fora no meu escritório. É o tipo de erro que uma terceira pessoa viva, familiarizada com o facto de eu não

gostar de ser interrompido no meu trabalho e com o hábito de colocar uma gota de chocolate no armário para mim, estaria sujeita a cometer ao contar a história. O desaparecimento temporário da memória do elo de ligação correto e a sua substituição por outro que as circunstâncias conhecidas sugerem é comum.

INCIDENTE HANNIBAL-HANNAH

5. "Conheces alguém que soe a Hannah. Acho que é Ha. Hannah ou Nora. Soa a Tia. Não, não é Tia de todo. Anna ou Hannibal. Han é a primeira parte. Conheces alguém que viva num lugar como Hannah? Pode ser um lugar. (Nunca ouvi falar de nenhum.) Procura por Hannah, Ohio. (Está bem.) Isso é tudo o que recebo sobre isso — algo assim que alguém pudesse (Está bem, vamos procurar.) estar interessado."

T.: A Margaret tinha uma amiga que se mudou de Allegheny para Hannibal, Ohio. Escrevia-lhe com frequência e planeou repetidamente visitá-la. Ela teria cerca de 36 anos agora.

W.: Esta é uma passagem curiosa. Vale a pena considerá-la à luz dos factos que me foram contados pela Theodosia imediatamente após o regresso da sessão.

1 Margaret, como muitos leitores saberão, era o nome de uma das personalidades secundárias nos velhos tempos em que a Theodosia era o agora bem conhecido "Caso Doris de Dupla Personalidade". Parece que houve uma rapariga que, com a sua família, se mudou de Pittsburgh para Hannibal, Ohio. Na personalidade de "Margaret", a Theodosia correspondeu-se com a rapariga após a sua mudança e até fez uma tentativa fantástica, quando criança, de fazer a viagem para a visitar. Creio, mas não posso ter a certeza absoluta, que me tinham contado algo sobre esta rapariga e o lugar. Mas logo após o seu regresso da sessão, a Theodosia contou-me a história e disse que Hannibal era um lugar pequeno no Ohio, no Rio Ohio, em frente a Parkersburg, Virgínia Ocidental. Agora proponho-me a dar cortesia às sugestões mais extremas que o cético possa conjurar.

Suponha-se que ela foi acometida de um espasmo de imaginação: como saberia ela e seria capaz de afirmar com confiança que a médium tinha nomeado corretamente um pequeno lugar no Ohio, no

Rio Ohio, e de o escolher entre os nomes mencionados pela médium, "Hannah, Nora", "Anna ou Hannibal", "Hannah, Ohio"? É um lugar pequeno e obscuro, e haveria apenas uma hipótese microscópica de ela alguma vez ter ouvido falar dele.

Ainda menos, a menos que tivesse havido alguma associação com ele, como a que uma correspondência teria estabelecido, seria provável que ela soubesse que ficava no Rio Ohio, em frente à Virgínia Ocidental. Mas Hannibal não é em frente a Parkersburg. Isto não faz diferença no que toca à elocução da médium. Mas derrota a pessoa engenhosa que objetaria que talvez, antes de vir para casa, a Theodosia tenha passado por uma biblioteca pública ou outro lugar e consultado o mapa. Nem sequer tenho de acrescentar que a minha secretária a acompanhou a casa; se ela tivesse consultado um atlas e descoberto que existe uma Hannibal, Ohio, no rio, também teria visto que não é diretamente em frente a Parkersburg, mas cerca de cinquenta milhas a nordeste. Com base na correspondência com a rapariga, é fácil ver como o erro poderia ter surgido. A rapariga pode ter escrito sobre visitar Parkersburg, do outro lado do rio, na Virgínia Ocidental, e a Theodosia pode ter suposto que ela queria dizer que Parkersburg era diretamente em frente.

Devemos observar que a médium perguntou: "Conheces alguém que viva num lugar como Hannah" e "algo assim que alguém pudesse estar interessado", e as palavras por acaso (?) ajustaram-se à consulente.

Sendo este o caso, as tentativas de obter o nome, "Hannah... Ha... Hannah... Tia... Anna ou Hannibal... Hannah" parecem tentativas de ouvir o que é proferido de forma distante ou obscura. O "Norah" pode possivelmente ser uma adumbração de "Ohio". Note-se que, sem receber qualquer pista, "Tia" é definitivamente descartado, e a primeira impressão de que se trata de um nome pessoal muda para a de um lugar. Observe-se então que nada tinha sido escrito que virasse os pensamentos da consulente para a rapariga ou para Hannibal. E só quando surgiu "Hannibal" é que a consulente pôde adivinhar a possível relevância.

2 Na teoria da comunicação de inteligências desencarnadas, e de que tal comunicação é telepática, até as vacilações "Hannah" e "Tia" são explicáveis. É frequentemente afirmado em elocuções mediúnicas que várias pessoas do outro lado, interessadas na experiência, estão presentes. A mãe da Theodosia sabia que a Margaret escrevia à rapariga em Hannibal, Ohio, e seria presumivelmente a fonte de tanto desse incidente quanto o que passou.

Suponha-se, com base na afirmação referida, que um dos meus parentes está presente (e alega-se que a minha esposa, pelo menos, está), atraído porque eu sou o experimentador e a minha filha adotiva a consulente. A tentativa de obter da Sra. Fischer (mãe da Theodosia) a palavra Hannibal resulta inicialmente em "Hannah". Um dos meus parentes, de alguma forma ciente disto, pensa em Hannah, que era minha tia e morreu antes de eu nascer. Este pensamento é captado e resulta em "soa a Tia". Vem então o esforço para voltar ao caminho certo. Não é uma Tia, é um lugar — até aqui é bem-sucedido, e "Hannibal" emerge realmente, mas as duas linhas de pensamento continuam a chocar, deixando "Hannah, Ohio".

> 6. "Ouço outro nome que é Margaret e parece que o quero dizer tão lentamente Margaret [dito lentamente] como se fosse algo quase silencioso e parecer Margaret [dito lentamente] Margaret [lentamente e com ênfase no Mar] e sinto que Margaret morreu. Vês. (Sim.) Não sabes o que significa, pois não? (Creio que sim.) É exatamente assim e sabes que ficarias contente quando a Margaret morresse. (Ficaria contente quando ela morresse?) É assim. O nome dela não é Margaret, pois não? O nome da menina. (Não.) Está ligado a ela. Eu apenas o ouço. Margaret, Margaret. Aquela maneira silenciosa e isso deixa-me simplesmente enjoada."

W.: A passagem sobre Margaret não é evidencial por si só devido ao que tinha sido publicado. Mas a referência à extinção, ou "morte", de "Margaret" precisamente neste ponto parece significativa. Pois, como já foi dito, era a "Margaret" que costumava escrever à rapariga em Hannibal.

7. "Acho que aquela senhora estava terrivelmente faminta quando morreu. Não conseguia tomar qualquer alimento — não era capaz. Não era aparente para ela quando estava a morrer, mas foi depois de morrer. [...]"

T.: O cancro corroeu o estômago da mãe e, uma semana antes de ela morrer, tudo o que comia ou bebia simplesmente escorria por essa abertura e ela estava com fome o tempo todo.

W.: É um facto real que, embora consciente, ela não percebeu a sua condição durante os últimos dias, nem sequer que tal abertura existia. Por vezes, perto do fim, ela tinha o delírio de que não lhe estava a ser dado nada para comer.

12 DE AGOSTO DE 1925, 11:10–12:35

(SRA. PRINCE, MEFISTÓFELES E TEDDY)

Presentes: W. F. P., T. B. P. e Sra. G. (Secretária). Procedimento habitual. As respostas foram de W. F. P. Dado que as afirmações que pesam de qualquer dos lados no problema evidencial são poucas, apenas uma passagem marcante será dada *ipsis verbis*, o resto em epítome.

1. Afirmação de que o comunicador [Sra. Prince] encontrou a sua mãe no mundo dos espíritos.

A mãe dela estava morta, um facto que era muito provável mas, como disse sobre o pai, de modo algum certo do ponto de vista da médium. Apenas na noite anterior a este escrito, um senhor mais velho que a Sra. Prince disse-me que, há poucas noites, uma médium lhe descreveu o que a mãe dele estava a fazer no mundo espiritual e que ele teve o prazer de o relatar à sua mãe na manhã seguinte.

2. Afirmação de que, quando eu chegar lá ao outro lado, posso fumar se quiser, "e talvez possamos manter as janelas abertas. Isto é apenas uma brincadeira."

Considerado como um reflexo do sentimento da minha esposa sobre o meu hábito de fumar, em vida, isto seria erróneo, pois ela detestava-o. Mas o "podemos manter as janelas abertas" poderia ser

facilmente interpretado como uma alusão ao seu antigo desagrado. Não-evidencial.

3. "Quero dizer uma palavra sobre um xaile de crochet (Sim, esse é reconhecido. Continue, diga mais.) não muito grande mas um que eu costumava ter de deitar sobre os ombros (Sim.) especialmente quando nos sentávamos lá fora e arrefecia e muitas vezes era-me trazido depois de eu estar lá fora há algum tempo (Sim. Certo.) pois eu pensava sempre que ia entrar logo para fazer algo que tinha deixado por fazer e depois estava tão agradável lá fora que eu ficava"

T.: Isto é verdade. Ela tinha dois xailes e, quase todas as vezes que ela ia para o alpendre ao fim da tarde, eu lembrava-lhe de levar um com ela, mas ela dizia sempre: "Vou ficar apenas um minuto", e assim que se instalava, detestava levantar-se outra vez e eu ia buscar o xaile para ela.

W.: Cada detalhe tomado isoladamente é extremamente provável, mas todos tomados em combinação não o são tanto. Ter na mente algo que ela achava que precisava de ser feito era característico.

4. Afirmação de que "costumávamos ficar à escuta de um sino a tocar e depois dizíamos 'Lá está ele'", etc. Verdade por interpretação, mas demasiado indefinido para contar.

5. Algumas afirmações verdadeiras sobre uma pessoa nomeada ligada a uma certa organização, e sobre um amigo identificável dessa pessoa, parte certamente, e tudo provavelmente verdadeiro. Estas não podem ser impressas, e estavam possivelmente dentro do conhecimento da psíquica. Os factos, no entanto, com os quais a Sra. Prince estava familiarizada, são prefaciados por: "Havia tanto que tínhamos dito." Mas no ponto onde os factos começam a ser tais que não eram conhecidos por ela antes da sua morte, são prefaciados: "Tenho tido interesse em ver", sem qualquer indicação de que os tivéssemos discutido. A Sra. Soule certamente não estava em posição de saber onde começava e onde terminava o conhecimento da Sra. Prince sobre estes assuntos.

6. Referência a "uns brincos antigos, não meus mas da família" o que é relevante, mas não evidencial — brincos são demasiado comuns. Mas se tivesse sido alegado que eram dela, eu teria negado.

O GATO

7. [Oral] [Longa pausa] "K K-i K-i-n K-i-t K-i-t Kit Kitty Kitty Kitty K-i-t-t-y e T-e-d Teddy Teddy Teddy Teddy [pausa] gosta de gatos? (O que é?) gosta de gatos? (Não especialmente.) Já os teve, não teve? (Sim, já os tive. Às vezes.)" [Omitida meia página de mero galanteio, iniciada por mim, visto não ter levado a alusão a sério.] "(Porque é que disse Kitty?) Porque vi Kitty como um nome, mas é um gato. Ela apontou para um gato. Conhece alguém com o nome de Kitty? (Não me consigo lembrar de ninguém agora.) Não creio que seja uma pessoa. É um gato. (Talvez.)

É um gato que tem um nome estranho. É como um nome estrangeiro, como se pudesse ser um nome muito longo, como um nome histórico (Sim. Se pudesse dar esse — [pausa] Bem, se pudesse dar esse, seria uma boa prova.) Bem, há um no seu grupo e esse gato está no céu e o nome dele vai-lhe ser dado aqui um dia destes. É um nome Grego? É um muito (Sim.) Pensei que era como um (Sim, é Grego.) como um nome Grego pomposo. Porque é que deu esse nome a um gato? (Eu estaria a revelar algo se lhe dissesse isso.) Guarde isso para si e nós descobriremos o resto um dia destes. (Dir-lhe-ei, no entanto, que

não penso nisso há pelo menos dez anos.) Supõe-se que isso seja uma boa prova."

O controlador vê o nome "Kitty", acrescenta "e Teddy", depois começa a falar sobre gatos e diz que, embora tenha visto "Kitty" como um nome, é na realidade um gato; depois, inteiramente sem auxílio, é afirmado que o gato tem um nome que é "estranho", "como um nome estrangeiro", "como se pudesse ser um muito longo", "como um nome histórico" — "é um nome Grego?"

Quando vieram as palavras "um muito longo", o meu cérebro girou enquanto nele relampejava a memória do nome do último gato que alguma vez esteve em minha casa. Isso foi há cerca de trinta anos e é provável que não tenha pensado nesse gato há vinte anos. Todos os detalhes relativos ao nome são verdadeiros, e é um nome estranho para um gato. É estrangeiro, e não apenas pela língua de onde derivou. É, de facto, muito longo. Tem associações históricas. É um nome Grego. O comunicador gostava deste gato.

"Teddy" não era o nome do gato, nem poderia ser, pois o nome era "um muito longo". E não é dito que seja o nome do gato. A linguagem é "Kitty e Teddy".

É curioso que "Teddy" fosse o nome do único cão que alguma vez existiu na nossa família além do atual, um cão ao qual a minha esposa se afeiçoou, mais do que ao último, devido à doença que ocorreu entretanto. "Kitty e Teddy". Kitty com o nome longo, estranho, estrangeiro, histórico e Grego, e Teddy. O nome peculiar do seu último gato descrito e o nome do seu cão fornecido.

11 DE NOVEMBRO DE 1925, W. F. P., CONSULENTE

No final desta sessão, perguntei o nome do gato e acrescentei a observação: "Agora é possível, claro, que o comunicador não se lembre exatamente de qual era o nome." Sunbeam respondeu: "Creio que ela se lembra." Eu não tinha indicado o sexo na minha pergunta, mas Sunbeam diz "ela". Na sessão de 12 de agosto, foi a própria Sunbeam quem falou sobre o gato; mas ela estava, claro, a falar por outrem, e o comunicador antes de Sunbeam assumir o controlador, a

julgar pela evidência oferecida, era certamente a Sra. Prince, a pessoa que, antes da sua morte, conhecia o nome do gato e, sem dúvida, a única pessoa no mundo, exceto eu próprio, que se lembraria dele.

12 DE NOVEMBRO DE 1925

A estenógrafa registou: "Enquanto entrava em transe, a Sra. Soule disse: 'Não estou a dormir, mas é como se ouvisse alguém a tentar dizer Mephistopheles, como se o estivessem a gritar para mim. Não é estranho?'" Isto aconteceu antes de a consulente, Miss Prince, ter entrado na sala. E eu não estava de todo presente.

A questão mais importante do dia anterior foi respondida, pois Mephistopheles era o nome do gato.

Esse nome não tinha sido dito a nenhuma alma viva desde que o nome foi descrito na sessão de 12 de agosto. Nunca tinha sido dito à Theodosia. Não creio que tenha pensado nele nos últimos vinte anos. Não tivemos o gato por mais de um ano, creio. Pode ser que um visitante ocasionalmente tenha ouvido o nome, mas isso foi há trinta anos, numa aldeia rural a duzentas milhas de distância.

17 DE NOVEMBRO DE 1925

No encerramento da sessão, sendo W. F. P. o consulente e o interrogador, ocorreu a seguinte troca:

"(Agora vou perguntar-lhe uma coisa. Lembra-se da última vez que teve uma sessão, mesmo quando a luz estava a entrar em transe ela obteve o nome Mephistopheles?) Esse é um nome que eles queriam fazer passar. Não é o gato?"

Eu tinha tido a intenção de perguntar para que servira o nome, mas a resposta antecipou-se-me. O prego está agora cravado; o comunicador declarou que Mephistopheles era o nome do gato. E este nome, como afirmado a 12 de agosto, quando a minha mente estava ainda desprovida de recordação consciente, é "um nome estranho", "como um nome estrangeiro", "um muito longo" e, como adicionalmente afirmado quando, assim estimulado, o nome relampejou na minha consciência, é "um nome histórico" e "um nome Grego".

Nunca obtive resposta à minha pergunta sobre o que se pretendia com "Teddy", o nome dado no momento da primeira menção de um gato, mas espontaneamente repudiado, em referência ao gato, pelos termos descritivos repetidos acima. Mas não posso acreditar que o nome fosse sem sentido, que não haja nada além de coincidência no facto de que, enquanto "Mephistopheles" foi o último gato que a Sra. Prince alguma vez possuiu, "Teddy" foi o último e único cão, antes daquele que adquirimos como cachorro no ano anterior à morte dela.

Consigo suportar um número razoável de "coincidências", mas não quando elas surgem de forma tão densa e rápida. "Teddy" é explicável por associação de ideias: um último animal de estimação de anos passados a recordar outro. Tivemos o cão por menos de duas semanas antes de ele morrer, e é improvável que haja alguém além da Theodosia e de mim próprio que se lembrasse do seu nome. Haverá algum leitor tão credulamente cético ao ponto de supor que a Sra. Soule por acaso conheceu uma pessoa que anteriormente viveu naquela aldeia rural duzentas milhas a Leste e que, contra toda a probabilidade, se lembrou do nome do gato de um vizinho após trinta anos, e que também por acaso encontrou outra pessoa, desta vez daquela cidade 3.000 milhas a Oeste, e que, contra a probabilidade, se lembrou após dez anos do nome de um cão que o mesmo vizinho possuiu por menos de uma quinzena, e que ambas as pessoas por acaso mencionaram os animais de estimação do seu vizinho mútuo (embora longe de serem simultâneos) à Sra. Soule? E se a Sra. Soule tivesse tido ao seu dispor tantos milhares de dólares quanto tem moedas de dez cêntimos, e tivesse contratado Sherlock Holmes para descobrir o nome de qualquer cão ou gato que eu alguma vez tivesse possuído antes de 1924, creio que esse dignatário se teria matado a fumar antes de chegar a uma "pista".

REGISTO DE 13 DE AGOSTO DE 1925, 11:15–12:35 (RELATIVO A THEODOSIA)

Presentes: Miss Prince (Consulente), Sra. Guinan (Estenógrafa). Procedimento habitual sobre a entrada, etc. Respostas pela Sra. G.

Este é um registo fraco e pobre. Poucas afirmações foram feitas que possam contar de qualquer forma como evidência. Em resumo, são as seguintes:

1. Referências aparentes a experiências anteriores, não evidenciais por terem sido publicadas.

2. "O trabalho doméstico deixa-te [a consulente] nervosa." Theodosia nega isto, e eu também estaria certo de que a afirmação está errada. "Não tentes fazer tudo num dia." Isto indubitavelmente caracteriza-a.

3. Afirmação de que a consulente "frequentemente se questiona e espera estar a agir bem para com aquele que foi deixado a seu cargo."

T.: Isto não é característico de mim. Receio ser vaidosa ao pensar sempre que estou a fazer a coisa certa tal como a entendo.

W.: A expressão "que foi deixado a seu cargo" (referindo-se a W. F. P.) é bastante peculiarmente correta. O impresso *Caso Doris*, pelo contrário, não inclinaria naturalmente um leitor para tal conceito, mas antes para o facto de ela ter sido deixada a meu cargo. Na verdade, o primeiro é agora o mais próximo do correto, visto que ela cuida da minha dieta e das outras medidas necessárias à minha saúde, da minha roupa e de outros assuntos, muito mais do que é agora exigido que eu me dê ao trabalho de cuidar dela.

4. "De vez em quando ela [consulente] tem uma espécie de horror ao que lhe aconteceria se algo acontecesse a ele [o seu pai adotivo]." T.: Isto é absolutamente verdade. Não consigo imaginar como poderia viver sem o papá.

5. Uma afirmação ambígua, verdadeira ou não segundo a interpretação — pouco evidencial no primeiro caso.

6. Referência a um "pequeno quadro antigo, não em bom estado, de alguém querido para a consulente quando era pequena, sobre o qual se falou em mandar copiar ou pôr em condições de alguma forma para que pudesses desfrutar dele."

A referência não é reconhecida e é provavelmente errónea.

7. Referência a um "lenço que me foi dado como presente e tem um pouco de trabalho nele."

Há alguma dúvida sobre se se supõe que a comunicadora é a Mãe Prince ou a própria mãe da consulente. Se for a primeira, a consulente tinha-lhe dado vários lenços com o seu próprio trabalho. Ela gosta de fazer bordados bonitos em lenços, etc., para presentes. Em referência à sua própria mãe, não se lembra de tal presente. Mas pode ter havido um, mal bordado pela personalidade secundária "Margaret", e dado sem o conhecimento da personalidade primária, como muitas coisas foram feitas.

8. "Há duas coisas que recordo sobre violetas algumas que eram bravas e tínhamos apenas algumas de cada vez e as outras foram compradas e num ramo e estavam ligadas a mim na altura da morte e foram mencionadas como ela adorava violetas Elas estavam noutra peça de flores e foram dadas por alguém que não tu mas tu tocaste nelas e disseste ela sempre adorou violetas Creio que eram rosas que estavam perto delas uma peça composta"

T.: As violetas eram a flor favorita da minha mãe. Havia um pequeno ramo sobre a lareira na altura da sua morte. Não consigo pensar que tenham sido enviadas, porque todas as primaveras a "Margaret" e a mãe iam à caça de violetas.

Não houve coroas ou arranjos no funeral da minha própria mãe. Uma flor na mão dela além das violetas foram todas as flores que houve.

W.: Novamente a Theodosia está a confiar demasiado na sua própria memória, num período em que outras personalidades, de cujas experiências ela era em grande parte ignorante, ocupavam a maior parte do tempo. A referência a violetas no funeral (e rosas brancas) foi feita pela primeira vez, pretendendo vir da sua própria mãe, na série de 1914 com a Sra. Soule (ver *Proceedings A. S. P. R.*, Vol. XI, pp. 303-4). Nessa altura, Theodosia pensou que as rosas eram um erro, mas aconteceu que a "Margaret", que durante anos guardou artigos nos quais a personalidade primária não era autorizada a mexer, já me

tinha dado, sem o conhecimento dela, uma pequena caixa contendo o que ela disse serem flores do funeral da mãe dela.

Depois de o registo da sessão me chegar à Califórnia, encontrei os restos de duas rosas brancas, dois cravos, um feto e um ramo de outra planta, com parte do arame que os tinha fixado a uma "peça composta" ainda aderido. É inteiramente possível que a Theodosia (Doris), na personalidade "Margaret", tenha agido e dito conforme alegado. A sua afirmação de que as violetas e uma flor na mão eram as únicas flores no funeral mostra que ela se esqueceu de que encontrei rosas e cravos, e que está novamente a confiar de forma insegura na sua memória das flores que por acaso viu no momento em que a sua consciência estava presente.

26 DE AGOSTO DE 1925, 11:15–12:35

(VÁRIOS ITENS RELATIVOS À SRA. PRINCE)

Presente: W. F. P. (Consulente), Sra. Guinan (Secretária). Respostas por W. F. P. As afirmações com peso na evidência são poucas. Estas são adequadamente apresentadas abaixo.

Primeiro vieram afirmações, provavelmente do "Dr. Hyslop", no sentido de que "se através da emoção ou medo indevido de falhar se perde o poder de concentrar" por parte do comunicador, então os pensamentos de outros espíritos "incidem sobre a consciência e são muitas vezes tão difíceis de superar como seria o som de vozes numa conversa", de modo que "estes pedaços de conversa", por assim dizer, "caem na comunicação de forma inconsciente" e "constituem um problema muito grave e sério neste trabalho". Seguem-se as afirmações que têm peso na evidência, pretendendo vir da Sra. Prince.

1. Referências às nossas "oportunidades invulgares de ver alguns dos estranhos funcionamentos da sugestão" e à incerteza de que "poderíamos vencer na nossa batalha", e vários outros pontos referem-se clara e corretamente ao *Caso Doris*. São todos pontos que teriam vindo mais naturalmente de alguém que partilhou o cuidado desse caso, mas são descontados pelo relatório impresso do mesmo.

2. Depois veio uma referência a "alguns livros que eram meus, livros de há muito tempo, livros escolares." Alguns destes foram mantidos até ao dia da sua morte, e tenho-os agora comigo. "Uma gramática de Latim." Respondi: "Talvez; não me lembro, mas pode ser que sim." Foram acrescentados vários detalhes na descrição do livro e do que ele continha — um pedaço de papel rasgado de um maior, com certos números.

O comunicador pensou que o livro estava preservado. Eu estava muito incerto sobre tal livro, mas perguntei a uma irmã se a Sra. Prince estudou Latim, e ela disse: "Sim, e ela deu-me o livro, e eu usei-o." Ela julga que o enviou de volta, mas não foi encontrado, pelo que as outras afirmações são inverificáveis. Dado que o comunicador ofereceu isto como um teste de livro, uma espécie de alucinação visual está implícita, análoga à imagem mental do percipiente telepático que não corresponde à realidade presente.

3. "Recordarás que estávamos interessados naquele tipo de experiência que tinha sido feito noutro caso do outro lado do mar (Sim, lembro-me de que foi conversado.) Feda (Não me lembro de que se tenha falado disso. Desse em particular. Sim, creio que sim.) Lembro-me disso e tive algum interesse em ver como foi feito Estou pronta para tentar qualquer coisa se tiver uma oportunidade agora"

Talvez um ano antes da morte da minha esposa, levei o livro da Lady Glenconner sobre testes de livros para casa numa altura em que estava a preparar uma recensão do mesmo, e ele permaneceu lá alguns dias. A Sra. Prince leu-o, e é muito provável que tenhamos tido alguma conversa sobre ele, embora não tenha a certeza quanto a isso. Os testes narrados nesse livro foram com a médium Sra. Leonard, cujo controlador se chama "Feda".

4. "Agora lembras-te de cálices de comunhão (Não sei a que te referes. Não.) Tenho em mente algum serviço de comunhão (Sim, o que recordas sobre isso?) e tenho levado o pensamento disso todos estes anos como uma memória preciosa (Consigo imaginar. Podes dar-me uma ideia de onde foi?)

Tivemos muitos desde então e em muitos lugares mas aquele meu primeiro contigo foi o abençoado"

Provavelmente não consigo transmitir facilmente o meu sentido do significado peculiar desta referência à nossa primeira comunhão juntos. Mas é óbvio que, em muitos casos, pessoas que depois se casam comungam na mesma igreja inicialmente sem qualquer associação especial entre si ou qualquer sentimento especial uma pela outra, e há outros casos onde a primeira comunhão conjunta ocorre após o brilho do romance matrimonial se ter desvanecido na "luz do dia comum".

Mas houve vários detalhes que tornaram a nossa primeira comunhão juntos memorável para mim e provavelmente ainda mais para ela. Foi quando estávamos noivos e pouco antes do nosso casamento; foi também a sua primeira comunhão no ramo particular da Igreja a que eu pertencia e ao qual ela se tinha juntado recentemente, e foi na igreja da minha família e cidade, não na dela, onde partilhámos pela primeira vez a cerimónia lado a lado.

5. Segue-se uma referência a "um presente para mim, um livro que era usado na leitura diária, que estava muito gasto antes de eu vir para cá. Não me refiro a uma Bíblia." (Era o que eu tinha em mente. Talvez houvesse outro.) "Este é de seleções e passagens e foi posterior à Bíblia." "Eu adorava-o e marquei-o um pouco embora eu não fosse de marcar nos meus livros." "Tinha uma inscrição tua para mim."

Dei-lhe um número considerável de livros, mas sou incapaz de identificar o livro referido. Ela era decididamente desinclinada a marcar livros, como muitas mulheres e alguns homens fazem; na verdade, quase nunca o fazia.

6. "Gostava de poder escrever sobre um [pausa e murmúrios] vestido que tive há muito tempo Vês que vim com várias memórias distintas para recordar (Bem, gostava que te pudesses lembrar do vestido que usaste quando te foste embora depois de casares.) Sim era esse a que me referia e conheço alguém que gostava dele quase tanto quanto eu e (Sim.) que falava dele como sendo tão vistoso (Certo até agora... Se

pudesses apenas dizer a cor, etc.) e usei esse vestido enquanto houve um trapo dele (Sim, creio que sim.) B B-z (Continua.) ul (Correto.)"

Teria sido melhor se eu não tivesse dito que desejava que ela se lembrasse do vestido que usou na viagem de núpcias, mas pensei que o assunto estava a ser deixado. Todos os detalhes afirmados sobre o mesmo estão corretos. Ela gostava muito daquele vestido, eu admirava-o particularmente e comentava frequentemente como lhe ficava bem. Naqueles dias de baixos rendimentos, ela virou-o e arranjou-o enquanto foi possível usá-lo, e a sua cor era um azul particularmente brilhante.

7. ["Sunbeam" a falar] "Sabes alguma coisa sobre — algo como se uma pequena madeixa de cabelo costumasse às vezes cair ali [Sunbeam estava a falar depressa por isso não apanhei o local indicado] — isto é o tipo de beleza dela sabes, não um caracol mas apenas cair assim um bocadinho. Ela era muito bonita, não era? (Sim.) Ela era doce e bonita."

Provavelmente uma madeixa caía às vezes, mas não era característico. Se assim for, é correto dizer "não um caracol", pois o cabelo dela não encaracolava minimamente. Ela era decididamente bonita quando jovem, e uma senhora muito elegante até às devastações da doença.

8. "E tal como se ela não fosse mais velha do que naquele dia em que teve aquele vestido ela caminha até ti e faz isto [dá palmadinhas no rosto dele] sabes que te amo — bem é assim que ela costumava fazer e é assim que faz agora. Ela não é coquete mas tinha uma maneira astuta. Perdeu-a passado um tempo, claro, porque ficou mais velha sabes."

Existe um certo substrato de verdade na referência às maneiras dela mais antigas e mais tardias, mas nunca foi característico dela dar palmadinhas na minha bochecha. Ela certamente nunca foi coquete — essa parte é sem reservas correta.

2 DE SETEMBRO DE 1925, 11:25–12:40

(A INFÂNCIA DE THEODOSIA)

Presentes: Miss Prince (Consulente), Sra. Guinan (Secretária). Procedimento habitual. Respostas pela Sra. G.

1. Após alguma conversa por parte de "J. H. H." sobre as razões das confusões, surgiu uma referência a um "William", aparentemente um clérigo, de quem se dizia ser parente do pai da consulente e ter vivido "do outro lado do oceano".

W.: Impossível de afirmar ou negar. O pai da consulente nasceu na Alemanha e ela não se lembra sequer dos nomes dos irmãos dele.

2. Depois, alguém chamado "Chaney" foi descrito em detalhe, como estando perto de "William".

W.: Impossível de afirmar ou negar.

3. Foi dito que a consulente possuía um "espírito cigano... como se quisesse fugir para os bosques e para as colinas e fazer tudo o que fosse longe da civilização... não para estar longe das pessoas, mas para estar perto de Deus... e ouvir os sons do espírito".

W.: Ela gosta muito dos bosques e das colinas, tal como eu, e é por isso que a nossa casa de verão fica entre árvores e rochas na sua natureza selvagem nativa. Ela deleita-se com a natureza e adora caminhar em campos e bosques, mas não creio que lhe ocorreria dizer que é para "estar perto de Deus".

4. "Há uma avó e uma mãe que estão muito próximas da consulente também. [Referindo-se a espíritos.] Uma avó e uma mãe, e a avó é mais rígida que um prego, sabem, daquelas — daquelas — que não conseguem ver nada para além do seu próprio quintal. Sabem, desse tipo. (Sim.) Limita-se a estar ali e seria tão rígida quanto possível. Se lhe dissessem 'olha para ali e vê algo', ela não olharia, apenas concentrada nas coisas que estava a fazer, fosse a costurar, a varrer, a limpar ou qualquer outra coisa. Nada mais até que aquilo estivesse terminado.

Uma avó bastante circunscrita que ela é — ela era quando estava aqui. Quero mudar para 'era' porque agora ela é diferente.

Foi educada por estas pessoas. Ela olha com o maior orgulho para esta pessoa que aqui está tal como ela é. Não é uma mulher muito grande, apenas de tamanho médio, rápida e ativa. Está aqui com as mãos nas ancas e a cabeça apenas a acenar."

T.: Se isto se refere à minha avó, não serve. A mãe da minha mãe era de aparência imponente, mas era amorosa, bondosa e de trato encantador. Nunca fez trabalho doméstico, mas fazia muito tricô. Não consigo imaginá-la a pôr as mãos nas ancas. A minha mãe também nunca o fez.

W.: A Theodosia, vendo a palavra "avó" tão perto de "mãe", pensou naturalmente que se referia à sua avó materna. Mas tal não é afirmado no manuscrito, apenas que existe "uma avó", e não é inteiramente incongruente que uma mulher esteja associada à sua nora. A consulente conheceu a mãe do seu pai apenas por pouco tempo, mas recorda-a vividamente. Era uma mulher invulgarmente alta e magra, não "apenas de tamanho médio". De resto, cada frase da descrição ajusta-se a ela. Era "rígida" de corpo e "mais rígida que um prego" de feitio, muito circunscrita no seu horizonte mental, tão concentrada e vigorosa a "limpar" a casa e a "varrer" quando estava na casa dos Fischer que quase levava a mãe da Theodosia à loucura, muito "rápida e ativa", e alguém que se colocaria com as "mãos nas ancas".

5. Referência a algo como "um cano em serpentina e uma válvula que podia ser aberta" e sai ou água ou vapor — "numa casa ou barco e não devia ser mexido mas foi mexido pela consulente há muito tempo para ver o que aconteceria".

W.: A consulente não tem recordação de nada do género, mas está bem dentro dos limites da possibilidade que, quando era rapariga, a personalidade secundária "Margaret" possa ter feito algo desse tipo. A personalidade primária ouviu mais tarde falar de muitas das travessuras da "Margaret", mas não de todas. Se a sua mãe está por trás destas "mensagens", ela poderá muito bem lembrar-se de coisas feitas das quais a Theodosia nunca ouviu falar.

6. Uma indicação de um ambiente católico em redor da consulente nalgum período.

T.: Vivi num bairro católico e ia com as crianças até à igreja mas, por causa da "Margaret", nunca entrava.

7. Pelo que se pode depreender, uma indicação de que os católicos tinham tentado suprimir o poder psíquico nela.

T.: O meu poder psíquico nunca foi suprimido por ninguém e a minha mãe esteve sempre interessada.

W.: Naqueles dias, os seus poderes psíquicos manifestavam-se ocasionalmente no que parecia ser telepatia e "clarividência". (Ver *O Caso Doris de Dupla Personalidade*.)

8. Várias referências vagas ao espírito de um "pai padre", "vestido muito como um monge", pertencente a alguma organização chamada Santo André, que a comunicadora parecia lutar para definir, chamando-lhe "classe", "escola", "confraria" e "grupo", e dizendo que "não creio que viria a menos que houvesse alguma associação com a consulente. É de um tempo passado, sabem".

T.: A Igreja de Santo André esteve associada a mim desde a infância. O velho padre [agora falecido] visitava a minha mãe quando visitava as outras pessoas dele no bairro. Ele fascinava-me sempre, de tão feio que era. Havia histórias ridículas de que ele roubava criancinhas, matava-as e enterrava-as debaixo da igreja. A "Margaret" estava deitada de bruços uma noite, a olhar através da janela gradeada para um jantar da igreja.

O padre deve tê-la visto, pois dobrou a esquina sem que ela o ouvisse e pegou nela ao colo, levando-a para a cozinha da casa paroquial (ela estava terrivelmente assustada), e quando a pôs no chão, havia em cima da mesa um grande copo de leite e uma fatia enorme de bolo. Ela agarrou no bolo e voou para casa, contando à mãe o perigo de que tinha escapado. A minha mãe riu-se muito disso.

W.: Eu tinha esta história sobre Santo André e o Padre K— escrita, tal como a sua mãe pretendia contá-la, muito antes desta sessão. Contada através do próprio manuscrito da Theodosia, não tinha, como é óbvio, qualquer peso evidencial. Mas é interessante encontrar no trabalho da Sra. Soule, numa sessão em que a mesma

mãe, que realmente conhecia o incidente, supostamente estava presente, referências a influências católicas e a um padre ligado a algum tipo de corpo religioso chamado Santo André, e "alguma associação com a consulente".

9. "Esta consulente é uma grande leitora? [Não creio.] [Um erro.] Bem, vejo livros por todo o lado — creio que há livros — livros — livros — por todo o lado, sabem. (Bem, não é preciso ser-se leitor para ter livros por perto, pois não?) Pensei que sim, a menos que trabalhassem numa biblioteca. Poderia ser uma bibliotecária e nesse caso esperaria que apenas lesse os títulos. Parece-me haver livros por todo o lado como se eu lhes mexesse e gostasse deles, sempre a pensar que vou ler mais do que leio, mas gostaria de ler e não leio. Vejam se não é assim?"

T.: Isto é verdade. Pretendo ler mais dos livros do papá.

W.: A consulente lê bastante. Seria provável que na minha casa houvesse "livros por todo o lado", como de facto há. Mas é um facto curioso que, embora a Theodosia leia muitos livros da biblioteca pública, ela quase nunca lê um livro da minha biblioteca a menos que eu lho coloque expressamente nas mãos, embora tenha total liberdade para o fazer.

10. "(Sim. [Pausa.] O que aconteceu à senhora?) Aqui mesmo. Ela está apenas a organizar algumas destas coisas para ligar de volta para ajudar as coisas. Queria ouvir mais dela? (Gostaria.) Bem, espere um minuto. Tenho de terminar com isto primeiro. Logo a seguir a ter visto isto, há um bicho grande que parece um escaravelho, é córneo, sabem — duro — e parece algum tipo de escaravelho e é uma coisa estranha, mas vejo uma destreza nesta consulente desde a infância — destreza em relação a bichos ou coisas assim, como se fosse mais curiosidade em ir vê-los do que em fugir deles, sabem. (Sim.)

O que é aquilo? É uma sede de conhecimento que rodeia esta consulente. Muitas vezes as pessoas diriam 'não olhes para isso, não toques nisso' e, no entanto, encontrar-se-ia sempre a andar em bicos de pés para trás para ver os bichos e coisas assim. Consigo ver uma mão estendida [ela estende a palma da mão] e

um bicho, um bicho córneo, que não é nada perigoso, sabem — como um grilo que parece meio duro — não parecem? (Sim.) Poderia ser um grilo mas parece um bicho e parece mesmo um grilo."

T.: Isto é muito verdade em relação à "Margaret". À volta das luzes elétricas perto da Row [onde vivia quando era rapariga], no verão, havia quantidades de bichos pretos voadores que tinham carapaças duras nas costas. Eu tinha medo [isto é, na personalidade primária] deles e detestava-os. Mas a "Margaret" [a personalidade secundária] adorava apanhá-los e tentar fazê-los marchar juntos. Quando ela pegava num, todas as outras crianças gritavam. Eu nunca ouvi um grilo nem soube o que era um grilo até vir viver com os Prince.

W.: Esta deve ter sido uma visão familiar para a sua mãe, que se supõe ser a "senhora" a comunicar. Mas por que razão, depois de descrever decididamente a espécie de inseto como "um bicho grande que parece um escaravelho — é córneo, sabem — duro, e parece algum tipo de escaravelho... um bicho, um bicho córneo", haveria o inconsistente "como um grilo" (que toda a gente sabe não ser como um escaravelho), o hesitante "que parece meio duro, não parecem?" (quando qualquer pessoa deveria saber que um grilo não é duro nem córneo), e o oscilante "poderia ser um grilo, mas parece um bicho, e parece mesmo um grilo"? Muitos homens doutos simplesmente torceriam o nariz com um bufo perante tal "absurdo", exatamente como durante o meu tempo de vida torceram o nariz perante a ideia de que os sonhos fornecem material psicológico valioso.

Temos, na declaração positiva e reiterada de que os insetos eram algum tipo de escaravelho córneo, e na oscilação final confusa entre escaravelho e grilo, material psicológico válido. Nenhuma médium que esteja conscientemente a "fingir" fala dessa maneira. Ela poderia dizer que é um escaravelho ou um grilo e assim ganhar mais margem para o acaso, ou tendo dito "escaravelho", se a consulente contestasse, mudar para "grilo", mas não afirmar positivamente que era um escaravelho córneo e depois dizer idiotamente que "poderia ser um escaravelho mas parece um bicho e parece mesmo um grilo".

Algo está a acontecer na consciência para causar tal linguagem. O quê? Suponha-se que alguém estava a olhar para uma imagem de um escaravelho no ecrã e, de seguida, pela aproximação de um diapositivo por trás que mostrasse um grilo, os dois se fundissem; depois o diapositivo do escaravelho fosse retirado — o espetador poderia descrever o que viu em linguagem semelhante. E se a mãe, tendo transmitido a ideia do escaravelho retirada do passado, estivesse a passar para falar ou pensar em grilos em relação à consulente no tempo presente, teríamos uma analogia com a vista que se dissolve e muda no ecrã. Leia-se o que se segue no manuscrito.

"Gostava de ter um grilo nesta casa", diz ela — "gostaria de ouvir um grilo cantar, como se fosse um som agradável."

Parece realmente que a comunicadora, que se lembrou dos escaravelhos em ligação com a sua filha outrora, passou para os grilos em ligação com a sua filha agora, e os dois sobrepuseram-se por um momento. Pois a Theodosia gosta muito dos sons produzidos pelos grilos à noite onde vivemos no verão, e gostaria realmente que pudéssemos ouvir grilos na nossa casa em Cambridge.

Durante algum tempo a transmissão tinha sido oral. Agora a comunicadora declarou que se ia embora, e a "Sra. Prince" veio com o retomar da escrita, mas não fez qualquer tentativa de dar provas.

4 DE SETEMBRO DE 1925, 11:15–12:20

(A DOENÇA E MORTE DA SRA. PRINCE)

Presentes: Miss Prince (Consulente), Sra. Guinan (Secretária). Procedimento habitual. Respostas pela Sra. G., que no início disse, de acordo com as instruções: "O Dr. Prince espera que a senhora que tem estado a comunicar continue e, entre outras coisas, conte mais sobre as circunstâncias da sua morte e dos seus últimos meses e anos na terra."

Todas as afirmações que podem ser testadas são apresentadas, na íntegra ou em todas as partes essenciais.

1. "Gostaria de me referir a uma escova que usei e a um lugar na minha cabeça que estava sensível sim [à leitura de

sensível] um pequeno ponto perto do topo da cabeça de modo que um pente ou escova seriam por vezes um pouco problemáticos Não era grave mas falei disso algumas vezes e nos últimos meses da minha vida tive algum problema essa é uma palavra demasiado forte mas tive a cabeça sensível compreendes (Sim.) e às vezes quando querias esfregar ou lavar ou escovar eu dizia sim mas com cuidado compreendes"

T.: Isto é inteiramente verdade. Por mais cuidado que eu tivesse, magoava-a sempre quando lhe penteava, escovava ou lavava o cabelo.

2. "Todos pensámos que eu ia melhorar"

W.: A Sra. Prince nunca abandonou a esperança e a expectativa de que iria melhorar, por mais estranho que pareça. A Theodosia e eu sabíamos muito antes da sua morte qual seria o desfecho, mas ocultámos o nosso conhecimento dela, e creio que a impressão "Todos pensámos que eu ia melhorar" corresponde à crença dela antes da sua morte. Seria uma má leitura telepática da consulente.

3. "E usámos todas as precauções que conhecíamos para me dar descanso e poupar-me ao desgaste"

W.: A família dela usou, e ela pensava que usava.

4. "E eu costumava sentir às vezes que poderia usar a minha vontade e superar alguns dos meus maus sentimentos mas tão certo como o fazia arrependia-me"

W.: Creio que isto também é verdade. Ela tinha um correspondente num período da sua doença que encorajava tais tentativas. Após esforços que fazia para se exercitar, por exemplo no seu jardim, ela ficava muito exausta.

5. "E imagino que te consigo ouvir agora quando dizias Não deves fazer isso deixa-me fazer por ti e então eu sorria e dizia Creio que terás de ser tu querida compreendes (Sim.)"

W.: A Theodosia, e eu próprio, na medida das minhas oportunidades, tentávamos fazer por ela coisas que julgávamos estar além das forças dela. A linguagem do texto não é exatamente como a dela, à medida que ela ia abandonando tarefas e responsabilidades,

uma após outra. A dela tendia a ser tingida pela dor e pela amargura do arrependimento, mas não creio que ela percebesse isso. A linguagem é apropriada à sua disposição normal.

T.: Lembro-me apenas de uma vez em que ela disse que eu podia acabar algo que ela tinha realmente começado.

6. "Não era próprio de mim ter de desistir daquela maneira e não conseguia habituar-me a isso pois normalmente eu estava pronta para tudo (Sim.)"

W.: Enfaticamente verdade. Ela tinha grande energia e perseverança; a sua tendência de toda a vida era continuar, doente ou sã, e fazer o que achava que devia ser feito. Foi muito difícil para ela "habituar-se" a abandonar a vida ativa, e especialmente a largar as rédeas da administração doméstica. Ela estivera "pronta para tudo".

7. "E senti até ao último momento que ficaria bem outra vez"

W.: Sim, até ao último minuto da sua vida. Morreu declarando que não morreria.

T.: Cada operação ia curá-la, pensava ela, e lutou contra a fraqueza até ao fim. Apenas no dia anterior à sua morte, quando ficou totalmente consciente, avisou-me para não mexer no jardim, pois ela cuidaria dele.

8. "Sei que disseste mais do que uma vez que eu deveria ter desistido mais cedo e não esperado tanto tempo para fazer o que fizemos finalmente Sabes que eu penso mas não gostava de ceder à verdade da situação real ou melhor não percebi a gravidade do caso"

W.: Ambas as formas de colocar a questão são verdadeiras.

9. "Foi mais doloroso para ti no fim do que para mim pois tive ajuda daqueles que lá estavam para esse propósito e não sofri tanto quanto te pareceu sei que ficarás contente por me ouvires dizer isto"

T.: Três dias antes de morrer, disse-me que a mãe e as irmãs tinham vindo de uma longa distância para cuidar dela e que estava a receber os melhores cuidados.

W.: Lembro-me perfeitamente da Theodosia me contar, no seu regresso do hospital num dos últimos dias, ter ouvido a minha esposa dizer que alguns dos seus parentes tinham estado com ela, a arranjar as almofadas e a ajudá-la.

Poder-se-ia supor que ela deve ter sofrido horrivelmente no fim, visto que a ferida no abdómen nunca cicatrizou, mas estava constantemente a aumentar. No entanto, como ela nunca falou disso nem pareceu saber, é provável que não tenha sofrido muito.

10. "Tenho uma vaga memória de te ouvir dizer ao Papá [pausa] ela está em paz de qualquer maneira como se estivesses a tentar encontrar algum conforto na situação mas os teus olhos estavam molhados e estavas triste e a voz era muito baixa e mal te ouvi"

W.: O equivalente a isto foi dito por ambos repetidamente. Ela tinha sofrido tanto durante vários anos que esse era um pensamento dominante.

11. "Quando eu estava a morrer ou logo a seguir deixa-me ver foi por volta da altura em que eu não estava num estado nem noutro e não consigo recordar se estava naquela semiconsciência pouco antes ou logo após o meu coração parar ouvi algo como isto Oh tu vais voltar tu vais voltar e tentei dizer que sim e tentei fazer uma pressão numa mão para te assegurar que ouvi e que voltaria"

W.: Certamente não é verdade, uma vez que nenhum de nós estava presente quando ela morreu. Se ela teve qualquer experiência subjetiva desse tipo por volta da altura em que o coração parou, foi uma experiência alucinatória. Pouco antes desse momento, ela tinha a Theodosia na mente, pois estivera a gritar: "Mandem vir a Theodosia; ela não me deixará morrer."

12. "E na noite após eu ter morrido tentei vir ter convosco com ambos compreendes (Sim.) Não tentei? (Pelo que esta que aqui está saiba, não.)"

W.: Noutro local (item 17 do registo de 5 de agosto de 1925) relata-se que, em duas ocasiões, várias semanas após a morte, a Theodosia experienciou por duas vezes uma forte "alucinação" quase auditiva de ouvir a Sra. Prince chamar o seu nome do andar de cima, e em cada uma das vezes o cão correu num estado de excitação para o local de onde a voz parecia vir. É possível construir uma teoria de que o cão recebeu da mente da Theodosia a impressão telepática instantânea da voz e adivinhou, pelo facto de ela se ter voltado na cozinha (Theodosia encara as suas experiências misteriosas da forma mais calma e pragmática), que deveria procurá-la, não na sala de jantar ou no corredor, mas no andar de cima (?).

Se, por outro lado, se puder aceitar a teoria de que tanto a mulher como o cão foram subjetivamente impressionados por um exercício de energia espiritual, seria mais provável que pudesse ter havido um esforço para tal exercício na noite seguinte à morte, embora sem sucesso.

13. ["Número Dois" começou a falar.] Afirmação de que "muito em breve" após a morte a comunicadora viu "no lado espiritual" uma Mary que "pertence àquela comunicadora", depois o seu pai, e depois um rapazinho "partido há muito tempo", "parece que começava por W."

W.: A Sra. Prince não tinha parentes mais próximos do que primos (dos quais havia muitos, cujos nomes não conheço) chamados Mary. A sua mãe chamava-se Sarah. O seu pai estava morto, um facto muito provável embora não certo. Se ela alguma vez conheceu intimamente um rapazinho W., não sei. Teve um irmão W., mas ele não morreu jovem.

14. "Ela não estava bem normal quando morreu, pois não? Sabiam disso? (Sim.) Porque estava um pouco confusa, não muito. Não estava louca não é isso que quero dizer mas estava um pouco baralhada, sabem."

W.: Ela não estava, nem esteve durante algum tempo antes, "bem normal" mentalmente. "Não estava louca", "um pouco confusa, não muito", "um pouco baralhada", são termos que expressam razoavelmente a sua condição.

15. "Ao mesmo tempo ela parecia estar tão lúcida quanto qualquer pessoa poderia estar a morrer."

W.: Ela esteve mentalmente muito ativa durante alguns minutos antes da sua morte e até ao momento da morte.

16. "Por isso, claro que ela teve claro que foi um grande evento mas ela parecia conhecer pessoas sabem — pessoas que ela esperaria encontrar (Sim.) Sabiam que ela conheceu? (Sim.)"

W.: A resposta "Sim" referia-se ao facto de ela acreditar que via parentes mortos no seu quarto (porque não vivos entre eles?) alguns dias antes da sua morte. Nada sabemos de tais impressões que ela possa ter tido nos seus últimos momentos. Se ela proferiu algumas exclamações significativas, os acompanhantes podem não ter compreendido o seu significado, ou podem ter falhado ao relatá-las.

17. "E parecia saber que tinha de morrer — não sentiu espasmos e dores de morte terríveis"

W.: Talvez um quarto de hora antes de falecer, ela ouviu uma enfermeira dizer que estava a morrer, e lutou contra isso. Nada nos foi relatado sobre "espasmos e dores de morte terríveis", apenas que tossiu.

18. "Conheces este espírito (Sim.) porque ela te conhece e ela — creio que te trata pelo teu primeiro nome — creio que te conhece suficientemente bem para te tratar pelo teu primeiro nome e deve conhecer-te há bastante tempo porque está interessada em tudo o que fazes e em tudo o que vestes. Ela acha-te bonita, não sabias disso? (Não.) Ela não te dizia que estavas sempre bem? (Sim.) Ela achava que eras uma menina bastante corajosa — não sei porquê parece que fizeste muitas coisas que foram bastante corajosas, sabes disso? (Sim.)"

W.: A Sra. Prince conheceu a Sra. Guinan cerca de três anos antes da sua própria morte. Conhecia-a suficientemente bem para ter

justificado tratá-la pelo primeiro nome, mas na verdade não o fazia. Sei que a minha esposa gostava da minha secretária e gostava da sua aparência, embora seja muito duvidoso que alguma vez o tenha dito à minha secretária, cujo "Sim" foi meramente formal, tal como o "Sim" que se segue, equivalente a "Continue". E ela estava a par de vários incidentes que provaram o brio e a coragem da mulher mais jovem, e aprovava-os inteiramente. A afirmação de que "ela achava que eras uma menina bastante corajosa... parece que fizeste muitas coisas que foram bastante corajosas" é verdadeira, pelo que sei, dentro do período em que a Sra. Prince conheceu a Sra. Guinan.

G.: A Sra. Prince sabia que eu tinha assumido durante vários anos certas responsabilidades talvez algo invulgares, e várias vezes, quando a visitei no hospital, referiu-se e mostrou interesse nelas espontaneamente. É-me inacreditável que a Sra. Soule na altura da sessão (se fosse em 1928 não diria isto) pudesse saber qualquer coisa sobre os assuntos a que me refiro. Ela certamente não poderia saber que a Sra. Prince estivera interessada neles.

> 19. "Oh, isto é pavoroso! Ela ficou terrivelmente magra antes de se ir embora? (Sim.) Isto é pavoroso. Há um pano colocado mesmo sobre o rosto dela quando está morta — é qualquer coisa — e eles levantam-no — não estas pessoas, mas alguém o levanta e põem algo dentro da boca dela (Sim.) deixa-me quase enjoada de ver. Mas eles põem algo para compor a sua magreza. (Sim.) Sabes — porque ela teria afundado toda devido à sua magreza e eles compuseram-na para que ela parecesse melhor depois de morta do que antes (Sim.)"

W.: O rosto, as mãos, os braços e o peito tornaram-se "pavorosos" na sua emaciação. Já vi pessoas de noventa anos de idade que não pareciam tão velhas. É verdade, "não estas pessoas", mas o agente funerário fez como foi dito, tanto pela razão apresentada como por outra. Tanto a substância peculiar utilizada como a necessidade da mesma eram tais que justificam inteiramente a expressão: "deixa-me quase enjoada de ver".

> 20. "E depois fizeram um grande esforço para — há algo sobre puxar o cabelo dela para a testa um bocadinho — parece

que não foi feito lá muito bem — não foste tu, mas foi a consulente, tenho a certeza, pergunta-lhe. (Sim.) Ela arranjou-o um pouco sobre a testa e parecia — ela não é muito de chorar, pois não? (Não, creio que não.) Mas há uma lágrima que cai naquela bochecha que foi arranjada, sabes, enquanto ela fazia isto e, no entanto, não parece que fosse uma lágrima real — era uma coisa estranha — ela não pretendia que fosse uma lágrima, mas caiu e oh, ela ficou — ela parecia melhor do que em alguns meses antes de morrer — não alguns meses, algumas semanas, quero dizer."

T.: Eu arranjei o corpo depois de o agente funerário ter terminado, puxei o cabelo um pouco mais solto, e tenho a certeza de que chorei, pois ela parecia tão pavorosa. Não creio que ela parecesse melhor do que antes da morte.

W.: Note-se as expressões: "e, no entanto, não parece que fosse uma lágrima real — era uma coisa estranha — ela não pretendia que fosse uma lágrima". Estranho dizer em relação à morte de uma amada mãe adotiva! E o que se segue imediatamente, "e oh, ela ficou — ela parecia melhor", etc., soa como se a lágrima não fosse por causa da morte, mas da aparência. E a Theodosia diz que chorou por causa da aparência.

Depois de se ter observado um ente querido nas garras de uma doença torturante durante anos, fica-se devotamente grato quando a crucificação termina.

21. "Parece que há várias peças de roupa interior — várias peças de roupa interior. Não faz mal contar isto, pois não? (Sim, continue.) Tiradas e examinadas, sabes, como se estivessem a decidir o que iríamos usar, sabes. (Sim.) Para o corpo, e parece que é esta rapariga — ela é uma rapariga? (Sim.) — que decidiu. Que meio que pegou em algumas coisas e olhou para elas como que para pôr no corpo. (Sim, isso é bom.) E como se ela o fizesse exatamente como faria — espero não estar a dizer nada de errado (Não, está tudo bem.) e ela fê-lo quase exatamente como tiraria uns lençóis para pôr na cama, como se fosse algo que tem de ser feito e é o melhor e o correto e deve

ser feito dessa maneira, e todo o sentimento veio nas outras coisas, o pequeno arranjo à volta do pescoço. Houve vários pequenos toques desses à volta do pescoço, sabes. Não consigo mover a minha mão para te explicar, mas há algo a levantar a mão para a arranjar um bocadinho, algo deitado por cima, está coberto como se eu quisesse cobrir — não sei se é renda ou uma manga ou um detalhe, mas há um toque como que a levantar aquela mão — refiro-me por parte desta [da consulente]. (Sim.)"

T.: Examinei muita roupa interior, tentando decidir qual levar. A mãe tinha comprado um vestido de seda preto cerca de um mês antes de morrer. Foi esse que lhe vesti, mas depois, achando o decote demasiado baixo, fui a uma pequena loja e comprei um lenço de chiffon e arranjei-o à volta do pescoço dela.

W.: Itens comuns? Sim, mas os factos poderiam facilmente ter sido outros. Poderia não ter havido indecisão sobre que roupas interiores usar. Poderia ter sido outro parente a escolher, ou a fazer o "arranjo à volta do pescoço", ou ambos. Este último detalhe foi dado no item 9 do registo de 5 de agosto de 1925, mas de uma forma mais definida e evidencial.

22. "E parece que o tempo todo — esta é a mãe dela e o tempo todo aquela mãe estava ao lado dela. Não creio que a mãe fosse tão grande quanto ela é, refiro-me no corpo, como se fosse uma senhora mais pequena."

W.: Esta é uma frase difícil de avaliar. Se significa que a comunicadora era mais pequena no último período da sua doença, ela era mais pequena na parte superior do seu corpo, e maior no resto. Vários anos antes, tinha sido maior. Quando jovem, fora mais pequena do que a Theodosia na mesma idade.

23. Seguiu-se uma afirmação demasiado pessoal para imprimir, em parte corretamente impressionante, em parte corretamente impressionante e em parte incorreta.

24. Referência a uma fotografia "não muito maior que um selo postal", "parece ter sido tirada quase por brincadeira... Quando estavam fora... um tempo feliz para recordar... uma pequena fotografia de brincadeira", com "algumas outras

fotografias que são como instantâneos [snapshots]... Costumavam tirá-los, não costumavam? (Sim.) ... e eles têm bastantes destes instantâneos. Alguns deles estão guardados. Há muito tempo que não olham para eles."

W.: Se o primeiro "eles" se refere à Sra. Prince e a mim, existem fotografias instantâneas que ela e eu tirámos que são pequenas, mas muito maiores do que um selo postal. Estas não eram vistas há algum tempo. Entre elas estava uma tirada "por brincadeira" durante uma visita agradável, de uma sobrinha jovem da minha esposa deitada na relva. A Sra. Prince achou-a indecorosa e, para a provocar, tive-a na parede numa moldura durante algum tempo. Esta poderá ser a referência. Mas provavelmente a maioria das pessoas tirou pequenos instantâneos numa visita por brincadeira, uns que são guardados com outros que não são vistos há bastante tempo.

25. "Sabes alguma coisa sobre — eles têm uma cafeteira de filtro [percolator] para café? (Sim.) Bem, tem uma pequena torneira que gira? (Não.) Bem, vejo algo parecido, parece café, café a sair de lá — não é um bule de café, mas é como uma — seria uma máquina de café, algo como uma pequena coisa de prata ou níquel — algo que gira um bocadinho. Creio que é apenas para me sugerir que ela gostava de café — uma boa chávena de café, não gostava? (Sim.) Às vezes costumavam passar bons momentos com a sua chávena de café — depois de o pai correr para o comboio. Ele alguma vez fez algo assim? (Sim.) Bem, depois disso — depois de o pai correr para o comboio, elas voltavam para a sua chávena de café — a sua segunda chávena e costumavam conversar um pouco e ela diz oh, por uma daquelas manhãs depois de o pai correr para o comboio e nós voltarmos para a nossa chávena de café. Não comiam muito, mas apenas se sentavam e meio que conversavam e depois levantavam-se para fazer o trabalho. Tenho de ir agora."

W.: A imagem da cafeteira de filtro pode ter sido um símbolo, ou a sugestão pode ser a desculpa para um erro. A Sra. Prince gostava de uma segunda chávena de café, e a Theodosia gosta agora. O que faziam depois de eu sair para o comboio, não sei. Se a Sra. Prince

estivesse viva, certamente se lembraria de que eu estava frequentemente atrasado e tinha literalmente de correr para o meu comboio.

T.: Isto é verdade. Eu tomava sempre uma chávena de café com a mãe depois de o pai sair, e costumávamos falar de muitas coisas.

8 DE SETEMBRO DE 1925, 11:20–12:35

(ASSUNTOS DENTRO DA RECOLECÇÃO DA SRA. PRINCE)

Presentes: W. F. P., Miss Prince (Consulente), Sra. Guinan (Secretária). Procedimento habitual. Respostas por W. F. P.

Apresentam-se três parágrafos da introdução não-evidencial, pelo seu interesse teórico.

(1) "É verdade que acho tão fácil recordar os anos mais recentes como os antigos. Não parece ser uma questão de tempo ou separação dos eventos, mas das condições que faziam parte do evento, que podem ser duplicadas e o evento recordado mais prontamente [tosse, mas continua a escrever]. Isso é o que tu e eu conhecemos como associação de ideias (Sim, creio que compreendo.)

(2) "E uma cena pode reproduzir uma imagem mental e tudo o que fazia parte dela é também reproduzido, mas com tal rapidez que apenas de vez em quando algo cai nas palavras, pois os processos mentais são como a velocidade de um relâmpago face ao movimento comum.

(3) "É precisamente isso que faz com que algumas coisas pareçam erros, pois tu podes recordar aquilo de que estavas consciente numa experiência passada e eu posso ter como pano de fundo para essa experiência muitos pensamentos de que não estavas ciente e, no entanto, eles surgem com o meu esforço para recordar o passado."

W.: Se compreendo corretamente, são afirmados três factos em referência ao processo de comunicação.

(1) Certos detalhes num incidente recordado podem ser semelhantes a outro e servir, por associação de ideias, para o trazer à tona, embora isto envolva um salto para trás para uma data anterior ao período que o comunicador tem vindo a descrever.

(2) O que é escrito pode ser apenas uma pequena parte da imagem na mente do comunicador, pela razão de que as características da imagem passam pela mente do comunicador muito rapidamente. Isto é bastante inteligível se a médium deriva telepaticamente do comunicador.

(3) O comunicador não consegue inibir os seus pensamentos de modo a ajustar-se apenas ao que eu estou em posição de recordar e, mesmo que eu recorde um incidente particular, nem sempre poderia saber exatamente quais eram as relações e reações mentais do comunicador em relação ao mesmo na altura.

O parágrafo 1 explicaria por que razão as "comunicações" são tão frequentemente não consecutivas — por que parecem saltar tão abruptamente de um período para outro. É porque a mente humana age dessa maneira, especialmente em devaneios reminiscentes. Até certo ponto, cedemos à mesma tendência associativa na conversa de reminiscência, e diremos: "A propósito, isso faz-me lembrar de algo que aconteceu [digamos] dez anos antes".

O parágrafo 2 explicaria por que razão um incidente reconhecido numa comunicação carece frequentemente de certos detalhes que o consulente recorda e que parece que o comunicador deveria ter acrescentado. Os detalhes de uma cena de memória particular passam tão velozmente na mente do comunicador que apenas uma parte deles se infiltra no subconsciente da psíquica e chega a ser escrita antes que alguma outra cena de memória já esteja a incidir e a expulsar os detalhes restantes da primeira. O parágrafo 3 apresenta uma das razões pelas quais alguma característica de um incidente recordado é um erro para o consulente, mesmo que seja verdadeira relativamente ao comunicador. Permitam-me ilustrar. Se um certo amigo meu estivesse morto e a comunicar, e ele se referisse a estar presente quando Houdini saiu de um tanque de ferro por desmaterialização, seria um erro caricato de facto em qualquer circunstância.

Se ele nunca em vida tivesse impresso que essa era a sua solução para o truque de Houdini, o erro contaria contra a probabilidade de a "comunicação" ser válida, embora de facto fosse verdadeira em relação ao entendimento do meu defunto amigo, a menos que ele tenha aprendido melhor desde que se tornou um espírito. Mas uma vez estabelecido o facto de que ele acalentava essa noção, se também pudesse ser estabelecido que a médium nunca tinha ouvido falar desse facto, o erro teria sido o melhor acerto possível.

Admitindo que existe tal coisa como a comunicação espiritual, é impossível, não apenas pelas imperfeições da "máquina" psíquica através da qual as comunicações passam, mas também pela natureza geral da psicologia humana, que esta não contenha, ou pareça ao sobrevivente conter, erros. Refiro-me ao mesmo tipo de erros que parece que cada um de dois velhos amigos, encontrando-se novamente após dez anos de separação e conversando sobre velhas experiências comuns, o outro comete. Só que, neste caso, há oportunidade de esclarecer alguns deles através do refrescar mútuo de memórias, e de compreender pelo menos as causas dos mesmos em diferenças de opinião e interpretação.

No caso de tal encontro, não abala o nosso respeito por nenhuma das partes ouvir uma conversa como esta:

A.: Lembras-te daquela rapariga na velha escola que tinha cabelo ruivo e costumava acentuar a palavra "paralelo" na última sílaba — Nettie, creio que era o nome dela?

B.: Sim, mas o nome dela não era Nettie, mas Mattie.

A.: Bem, soam de forma parecida.

B.: Tens ouvido algo sobre o Jack Brown nos últimos anos? A.: Não, não desde que ele foi para Londres.

B.: Não foi para Londres que ele foi, mas para Paris. Foi para lá estudar pintura, não te lembras?

A.: Creio que tens razão. Sabia que era para alguma cidade estrangeira.

A.: Lembras-te daquela tua pequena vizinha — a rapariga com uma trança, uma "maria-rapaz" que costumava lutar e trepar às árvores — refiro-me àquela por quem estavas apaixonado quando eras miúdo?

B.: Sim, lembro-me dela, e a descrição está correta, e os rapazes costumavam troçar de mim por causa dela, mas eu na verdade detestava-a.

A.: Sei que dizias que detestavas, mas eu achava que tu realmente gostavas dela. B.: Não, não gostava.

B. Havia outro colega na nossa turma — Henry Robinson. Sabes, orgulhoso, exclusivo, achava que o resto de nós era demasiado comum para nos dirigir a palavra.

A. Ainda tens essa noção?

B. É a impressão que retenho dele.

A.: Vim a conhecê-lo mais tarde, e soube que ele era dolorosamente tímido na altura em que o conhecias, e que mal falava por falta de autoconfiança.

B.: Ele pode ter sido tímido, mas continuo a achar que tinha algo de snobe.

B.: Quando é que o Jack Brown foi para Paris?

A.: Há cerca de dez anos.

B.: Oh não, não pode ter sido há tanto tempo, porque, etc. A.: Foi há dez anos certinhos, porque, etc.

B.: Creio que estás enganado, porque, etc. A. Tenho a certeza de que tenho razão.

Aqui está uma série de desacordos, por falha de memória, diferença de julgamento, etc. Alguns deles são esclarecidos pela conversa, dois permanecem por resolver. Contudo, nenhuma terceira pessoa duvidaria que os interlocutores tinham as mesmas pessoas e incidentes em mente — permanecem concordâncias suficientes, apesar dos erros, mesmo que estes não fossem corrigidos, para estabelecer isso.

Devido aos fatores humanos envolvidos, mesmo que um espírito pudesse falar connosco tão fluentemente como uma pessoa viva, não esperaríamos que todos os detalhes concordassem com a nossa memória e julgamento. E quando consideramos as dificuldades que estariam envolvidas na comunicação através da consciência de uma psíquica, e o facto de não nos permitirmos dar pistas ao espírito para refrescar a sua memória como fazemos com um homem vivo (se o fizéssemos, chamaríamos às suas aceitações de pistas "substância de conveniência"), é ainda mais de esperar que erros, reais e aparentes, sejam encontrados na melhor "comunicação".

Tudo o que podemos razoavelmente exigir é que o que é transmitido corretamente supere o fator de erro muito para além dos limites do acaso ou de possível conhecimento normal por parte da psíquica. Numa teoria do supranormal, os erros podem ser explicados. Numa teoria do normal, tal preponderância esmagadora de afirmações corretas não pode ser explicada.

1. "Lembras-te dos velhos cadernos de cópia que tínhamos... Tenho dois tipos em mente (Sim.) neste momento (Sim, quais são?) Um tinha capas castanhas bastante rígidas e pautadas e tinha algumas notas de palestras e trabalho de turma neles e parte da escrita foi feita muito à pressa e outra foi escrita depois, conforme o tema era discutido, mas não era a isso que eu desejava referir-me com maior ênfase.

   Quero referir-me a alguns que eram teus e que não são vistos há muito tempo e eram muito interessantes para mim pois tinham neles alguns dos teus trabalhos iniciais, algumas coisas sobre as quais esperavas alongar-te e escrever mais detalhadamente mais tarde (Sim, isso é verdade. Se pudesses dizer sobre o que é.) Recordarás que acalentávamos a esperança de que chegaria o dia em que poderias retomar parte desse trabalho que foi posto de lado conforme a pressão de outras coisas se tornou grande."

W.: A passagem sobre os dois "tipos" de cadernos de notas é interessante. Tive na minha vida, como é óbvio, imensos cadernos de notas. Mas quase todos os que me restam de anos anteriores caem em duas divisões que são respetivamente descritas de forma correta no

texto, tanto quanto a descrição alcança. Tive outrora um conjunto de cadernos de notas do meu trabalho na escola profissional, mas quase todos estes foram destruídos há anos, e não sei se existem mais do que dois deles, um livro amarelado muito pequeno e um grande vermelho marmoreado. Existem alguns cadernos de notas de descrições diferentes para vários propósitos. Os conjuntos referidos são:

(a) Cadernos de notas da Universidade de Yale. Encontro cinco restantes, e provavelmente existiam duas ou três vezes mais até à altura do início da doença da Sra. Prince. Todos os que tenho e todos os que recordo deste conjunto são de cor "castanha" e têm "capas bastante rígidas" de papel pardo. São "notas de palestras e trabalho de turma", e a escrita foi na maior parte feita muito "à pressa" com muitas contrações de palavras para conseguir registar o essencial do que o conferencista dizia. Dos cinco que ainda tenho, quatro são "pautados".

"Alguma coisa foi escrita depois", mas não exatamente "conforme o tema era discutido", a menos que a referência seja a algumas notas de seminário desaparecidas. Por vezes, eu não tinha o meu caderno na aula e escrevia notas em folhas soltas que a Sra. Prince copiava para os livros mais tarde (fui para a faculdade depois de me licenciar na escola profissional e já estava casado). Isto forneceria uma razão para recordar a escrita posterior, mas se foi isso, não passou corretamente.

(b) Um conjunto muito grande de cadernos de notas e papéis compostos pelas minhas investigações históricas. Notar-se-á que não são dadas características físicas deste "tipo" e, de facto, este "tipo" é composto por cadernos de notas de muitos géneros, cores e tamanhos, e também maços de folhas soltas. Estes estão arrumados em caixas. Como afirmado, é verdade em relação a este conjunto (não o teria sido em relação ao outro) que "não são vistos há muito tempo" — há muitos anos, de facto. Eram "coisas sobre as quais esperavas [eu] alongar-te e escrever mais detalhadamente mais tarde", ou seja, eram materiais para dois livros. Foram "postos de lado conforme a pressão de outras coisas se tornou grande". Havia alguma esperança de que eu "pudesse retomar parte desse trabalho" mais tarde.

Não posso deixar de pensar que existe mais correspondência entre as afirmações e os factos do que se esperaria, mesmo que a psíquica soubesse que sou um estudioso e um escritor.

2. "E eu sempre senti que havia um lado teu que poderia ter trazido um muito maior, o que direi? — reconhecimento talvez, do que o trabalho que tanto tem dominado o nosso pensamento ultimamente (Sim.) mas tal como aqui estou agora [a médium suspira, 'Oh, meu Deus.'] tenho a certeza de que este é o melhor (Agora, se não lhe tivesses chamado um maior reconhecimento, que outro termo terias usado? Está tudo bem, mas talvez haja outro termo.) sucesso — não é exatamente o termo correto também, mas nós sabíamo-lo o tempo todo e ninguém o sabia como nós (Não compreendo. Sabíamos o quê?) que tu tinhas esse outro dom"

W.: A dificuldade em obter exatamente o termo correto deve ser notada. "Um muito maior — o que direi? — reconhecimento talvez." Quando perguntei que outro termo ela empregaria, veio "sucesso — não é exatamente o termo correto também". O facto é que a Sra. Prince achava que eu era capaz de escrever literatura sobre outros assuntos além da investigação psíquica que seria financeiramente lucrativa. O assunto foi mencionado várias vezes e, quando declarei que não escreveria lixo para tornar o meu material lucrativo, embora provavelmente o conseguisse fazer, não houve insistência, mas eu conhecia bem o sentimento dela sobre o assunto.

3. "Queria referir, enquanto estamos no caderno de cópia (Sim, continue.) algo sobre ensinar, ensinar há muito tempo (Não me recordo disso. Torna isso mais claro, se puderes.) e ensinar enquanto ainda eras estudante, não turmas regulares mas a alguns que eram mais lentos e precisavam de ajuda (Quem o fazia?) Estava a pensar em ti Sabes de um jovem muito inexperiente e lento mas muito bom, alto e desajeitado (Continue.) e muito dedicado por causa da bondade demonstrada por ti (Sim, continue.) e (O que aconteceu?) recordas-te de que houve uma espécie de amizade e depois veio o desgosto [a médium suspira 'oh.'] (Não me lembro do desgosto. Talvez não tenha a pessoa certa em mente.) Sim

> querido o desgosto muito muito mais tarde mas ele provou ser digno e ficámos sempre contentes e orgulhosos disso tu ganhaste a gratidão dele (Sim. Certo até aqui.) e havia tão pouco mais naquela altura para tu ganhares"

W.: "Queria referir, enquanto estamos no caderno de cópia" parece implicar que o que se segue poderá pertencer ao mesmo período. E aquilo de que isto me recorda forçosamente pertence de facto a esse período de cerca de três anos. Enquanto estava na escola de pós-graduação, eu também geria uma pequena paróquia rural onde havia, em particular, dois jovens sobre os quais eu tinha uma influência considerável. No momento em que a passagem foi escrita, recordei-me forçosamente de um deles, na altura "um jovem, muito inexperiente e lento mas muito bom, alto e desajeitado".

Creio que se poderia dizer que ele me era dedicado "por causa de uma bondade" para com ele. Foi algo especial que conquistou particularmente a sua gratidão, algo que partilhava da natureza do ensino, algo que o despertou intelectualmente e enriqueceu toda a sua vida. "Ele provou ser digno" ajusta-se ao seu caso e foi numa altura em que "havia tão pouco mais" do que gratidão para eu ganhar, estudante como era e pastor numa aldeia. "Depois veio o desgosto... o desgosto muito, muito mais tarde" não parece aplicar-se a ele. Seria certamente caricato sugerir que o outro jovem daquela aldeia é agora o referido, se não fossem os seguintes factos:

(a) Os dois eram aqueles em quem tínhamos o maior interesse. (b) Eles estavam ligados nas nossas mentes por esse motivo. (c) De tal modo que, as poucas vezes em que visitámos posteriormente aquele lugar, ficámos parte do tempo na casa de um deles e o resto na casa do outro. (d) Tal como eu tinha despertado no primeiro jovem um interesse que significou uma revolução na sua vida, também tentei induzir o segundo a preparar-se para uma profissão indicada pelas suas capacidades naturais peculiares. (e) Cada um tinha um filho, uma menina, de aproximadamente a mesma idade.

A associação de ideias entre eles era tão forte que não parece forçado sugerir que o grande desgosto que atingiu o outro destes

homens anos mais tarde, com a morte da sua filha, é o que é referido, e que o elo de associação entre os dois não chegou a ser expresso.

Sempre sentimos prazer, e eu senti algum orgulho, em ter despertado intelectualmente aquele jovem. Referi o seu caso em várias palestras.

4. O controlador "Número Dois" começou a falar e obteve uma imagem minha a lutar com "berlindes e lama e tudo em redor". "Tu lutas o melhor que sabes e depois sentes-te meio envergonhado por pensares que o fizeste."

W.: Isto teria sido estranho vindo da minha esposa, visto que ela nunca me conheceu até eu ter cerca de dezoito anos. Mas veio de um " controlador ", e supõe-se que o controlador retira a informação de quem estiver à mão. Como é óbvio, por vezes lutei quando era rapaz, como quase todos os rapazes fazem. Não sei se os berlindes tiveram a ver com alguma luta ou não. Geralmente sentia-me como foi afirmado após uma luta. Havia muita lama, por vezes, no recreio da antiga escola.

5. O controlador vê "John" e diz que é o "John no céu" e que "John e ela [referindo-se à Sra. Prince] estão a trabalhar juntos".

W.: Eu tive um parente mais velho muito querido chamado John. A Sra. Prince fez-lhe uma longa visita comigo e partilhava a minha estima por ele.

6. "Vem mais qualquer coisa sobre o teu rapaz que esteve aqui de quem eles estavam a falar — vem mais sobre isso. (Se eles puderem dizer o que foi feito por ele e qual foi o efeito, será realmente muito bom.) Isso salvou-o mesmo, sabes, tornou-o grande, sabes. (Ajudou-o.) Sim, ajudou — sabes, foi exatamente na altura em que ele precisava — exatamente na altura em que, se não fosse por isso, ele teria ficado desanimado porque era muito sensível embora não parecesse, mas era, sabias?"

W.: Isto é uma continuação do ponto 3 e melhora-o. A descrição "ele era muito sensível embora não parecesse", creio ser verdadeira.

Ele era lento, impassível e quase estoico na aparência exterior, mas eu discerni sinais de sensibilidade interior. Ele era um operário fabril na altura, mas é um dos homens proeminentes da comunidade agora, e possui uma das melhores residências, e a mais impressionante num raio de milhas.

7. Foi-me então dito que as cebolas me fazem bem, e foram prescritas para "um pouco de veneno" no meu estômago e "uma pequena afta" [canker] lá. Eu nunca tinha mencionado o meu estômago, com o qual tenho de facto dificuldades. O "veneno" está correto; quanto à "afta", não tenho conhecimento. Possivelmente o meu hálito poderá não ter estado bom naquele dia.

8. Perguntaram-me se eu conhecia uma "Ada" viva, admiti a acusação e foi-me dito: "Cuidado com a Ada — não gosto muito dela."

W.: A única Ada em quem consegui pensar, gosto dela razoavelmente bem, embora ache que ela é uma fraude.

14 DE SETEMBRO DE 1925, 11:20–12:30

(A DOENÇA DA SRA. PRINCE)

Presentes: Miss Prince (Consulente), Sra. Guinan (Secretária). Procedimento habitual. Respostas pela Sra. G. Suposta comunicadora: "Sra. Prince".

RESUMO DAS AFIRMAÇÕES FEITAS COMO EVIDÊNCIA

1. "Eu não pensava na morte como algo que deve ocorrer, mas como se pudesse ocorrer e receio ter estado bastante nervosa e por vezes irritada com pequenas coisas, mas era mais pela minha própria falta de poder para fazer o que desejava do que por estar descontente com algo que outros fizessem"

Não há dúvida de que a Sra. Prince percebeu por vezes que a sua doença era tal que a morte poderia ser o seu resultado, e por vezes insinuou isso. Mas ela nunca percebeu, até ao fim, que tal *tinha* de ser,

embora durante dois anos estivesse condenada. Não há dúvida de que a sua incapacidade de manter uma vida ativa lhe era extremamente irritante.

2. "Tive alguns problemas com a alimentação de que desejo falar Sabes como parecia difícil encontrar a coisa certa para agradar ao meu apetite (Sim.) e às vezes quando eu pensava que gostaria de algo especial e tu tentavas preparar tudo bem eu conseguia comer apenas um bocadinho mas parecia que me caía mal e acabava por não conseguir comer de todo"

Exatamente verdade.

3. Uma referência a "pepinos que cresceram no nosso jardim" e aos bichos e vermes que tinham de ser combatidos no jardim é muito pertinente, mas não evidencial, uma vez admitido que tínhamos uma horta. Houve anos em que não tivemos. Mas a altura é situada, por uma afirmação expressa no manuscrito, como sendo quando estávamos largamente ocupados a cuidar da saúde da consulente. Na maior parte desse período tivemos de facto uma horta. As referências frequentes nesta série, por esta comunicadora, a flores e vegetais são muito apropriadas, visto que, embora eu fizesse normalmente a monda, a Sra. Prince preferia fazer quase todo o restante trabalho no jardim.

4. "Erros que foram feitos no diagnóstico por alguns amigos que tentaram ajudar" seria provável. Lembro-me de um exemplo bastante caricato.

5. "Houve algumas complicações ali que foram muito difíceis de compreender e que tornavam os sintomas contraditórios e o que era feito para uma coisa neutralizava o efeito do que era feito" [Aqui a campainha tocou, não fosse isso a frase teria provavelmente terminado com "para outra".]

Houve certamente "algumas complicações ali" que, durante algum tempo, foram "muito difíceis de compreender". Não sei se o resto da frase está correto ou não.

6. Houve várias outras afirmações que eram pertinentes ao conhecimento da Sra. Prince, tais como uma caracterização correta de um homem a quem estive formalmente ligado, mas como não eram comprovadamente alheias ao conhecimento da Sra. Soule, não são reproduzidas.

7.

REGISTO DE 17 DE SETEMBRO DE 1925, 11:15–12:40

(MAIORITARIAMENTE RELEVANTE PARA A SRA. PRINCE)

Presentes: Miss Prince (Consulente), Sra. Guinan (Secretária). Seguiu-se o procedimento habitual. Respostas pela Sra. G.

A suposta comunicadora, entre outras observações, diz que "por vezes, como na sessão de ontem, posso recordar um incidente ligeiro e significativo que me impressionou na altura, mas não deixou marca na mente dela [da consulente]". Esta é uma possibilidade que tenho dito frequentemente que deve ser tida em conta, ilustrando com casos conhecidos onde uma de duas pessoas vivas presentes num incidente esqueceu completamente o que se esperaria que ambas recordassem.

Um destes casos foi quando o Professor Newbold esqueceu inteiramente ter escrito a Chauncey M. Depew sobre uma experiência psíquica notável que este último teve, e tudo sobre o incidente em si. A comunicadora continuou: "Não somos capazes de ver o que os nossos amigos recordam." Isto parece razoável, ao contrário do que parece ser a ideia popular de que os espíritos deveriam ser praticamente omniscientes.

O material escrito e oral desta sessão é muito longo e abunda no que se pode chamar mera conversa. Extraio tudo o que possa possivelmente ter peso na evidência.

1. A comunicadora afirma que mudou algumas das suas ideias sobre "como as comunicações são dadas" e "como as teorias telepáticas são descartadas", e também que "eu não as tinha definitivamente assentes na minha própria mente enquanto discutíamos estas coisas, e depois, quando surgia alguma nova experiência, nem sempre as conseguíamos ajustar".

W.: Com os livros que lia e a conversa que ouvia, não creio que a Sra. Prince tivesse formado inteiramente a sua opinião sobre estas questões, embora raramente falasse delas. Ela era tão reservada que era difícil saber exatamente o que pensava. Na medida em que as palavras indicam que ela costumava discutir comigo tais temas, transmitem uma ideia imprecisa. Discutíamos de facto os registos das sessões relatados nas *Proceedings A. S. P. R.*, Volume XI, conforme nos chegavam de tempos a tempos e, como é óbvio, falava-se da aparente aplicabilidade ou não aplicabilidade da teoria telepática a este ou àquele incidente. Mas tudo isto seria provável, embora não certo, visto que a Sra. Prince poderia ter sido como certas outras esposas de pessoas interessadas em tais investigações, opositoras e alheadas.

> 2. "Houve algumas coisas que aconteceram com a Sra. S. não esta mas outra noutro lugar que foram bastante confusas quando tentámos ajustá-las às coisas que tínhamos noutros lugares e os registos estavam cheios de algumas experiências aparentemente contraditórias e depois quando o grupo retomou o trabalho em casa com a Theodosia encontrámos algumas fases inteiramente novas. Estou a escrever isto especialmente para o meu marido. [...] Saunders era o nome que eu queria usar."

W.: A Sra. Soule poderia ter tido conhecimento das sessões com a Sra. Sanders que eu editei (*Proceedings A. S. P. R.*, Vol. XVIII), pelo que a menção de mim em ligação com ela não é evidencial. Mas esse relatório continha muita boa evidência, pelo que o que a "Sra. Prince" diz não parece de todo um reflexo de conhecimento do mesmo. Nem existe qualquer referência lá ou noutro local impresso à Sra. Prince em ligação com a Sra. Sanders. Mas a Sra. Prince estava de facto interessada nesta médium e teve uma sessão insatisfatória com ela cerca de um ano antes da sua própria morte.

Ela também estava ciente de que as minhas experiências pessoais com esta médium tinham sido, com uma exceção espantosa, não evidenciais, e talvez lhe tivessem dito que contradiziam o que certos outros psíquicos tinham dito. A observação sobre a Theodosia é justificada pelos sons estranhos e experiências de cristalomancia relatados em *The Psychic in the House*, que não foi impresso senão meses após esta sessão.

3. Segue-se a alegação de que a Sra. Prince, após a sua morte, "tentou transmitir algumas coisas" via Sra. Sanders, das quais "algumas foram boas e outras não muito claras".

W.: Não tive sessões com a Sra. Sanders após a morte da minha esposa. Não sei o que outros obtiveram. A Sra. S. costumava por vezes enviar-me mensagens, das quais não me recordo. Estão nos arquivos da A. S. P. R. Duvido que alguma vez me tenha chegado algo através da Sra. S., pretendendo ser da minha esposa, que me tenha parecido "bom".

4. "As minhas costas incomodaram-me no fim. Parecia que não conseguia ficar numa posição que fosse minimamente confortável e era difícil dizer onde exatamente estava a dificuldade e dava-me uma espécie de náusea mover-me — compreendes (Sim.) Eu costumava pensar que se pudesse apenas mudar de posição poderia sentir-me melhor mas nada podia ser feito quanto a isso."

W.: Ela só conseguia estar deitada de costas. A única exceção era quando, perto do fim, a Theodosia a segurava por um tempo, durante uma visita ao hospital.

T.: Um dia, cerca de uma semana antes de a mãe morrer, ela queixou-se amargamente das costas, querendo sentar-se para as descansar. Perguntei à enfermeira se ela se podia sentar, e a enfermeira disse que podia se eu a levantasse, pois ela não estava autorizada a fazê-lo. Levantei-a e ela expressou o maior alívio. Olhei para as costas dela enquanto a segurava e encontrei uma grande escara que devia ser muito dolorosa. Falei com a enfermeira sobre isso, e ela disse que não havia nada a fazer. Depois disso, todos os dias, até ao dia em que morreu, eu segurava-a para que o ar pudesse circular por baixo das costas, e ela reconhecia-me sempre quando a levantava, mas não me reconhecia quando a deitava. Isto é muito evidencial, pois creio que não mencionei isto a ninguém exceto ao papá.

5. [Isto segue-se imediatamente ao ponto 4 e refere-se, portanto, aos últimos dias da doença.] "Está na minha mente agora que eu queria algo para comer mas não consigo pensar neste momento o que era mas foi-me trazido algo bastante

quente e fumegante como caldo e cheirava tão bem e pensei que conseguiria tomar um pouco Estava tão cuidadosamente preparado mas consegui tomar apenas um bocadinho e a expressão no teu rosto era triste o suficiente para me fazer chorar pois estavas tão desapontada e ouvi alguém noutra sala dizer Ela comeu e o tom triste na tua voz quando disseste que ela não conseguiu tomou apenas um bocadinho e não conseguiu h [pausa] Creio que disseste aguentar Foi algo assim Lembras-te (Sim, ela lembra-se.) No meio de tudo isto tenho a querida memória do amor e bondade derramados sobre mim Não recordo se aquilo era canja ou de cordeiro mas parece-me ser de galinha [suspira 'Oh meu Deus'] era (Sim, era de galinha.) [A consulente tinha escrito a palavra e entregue à Sra. G.] Pensei que sim"

T.: Ela teve muita fome na última semana de vida e disse-me que não lhe davam nada para comer [um delírio]. Disse-lhe que tinha canja de galinha em casa e que a traria no dia seguinte, o que fiz. Ela comeu apenas uma colher de chá e, quando a enfermeira me perguntou no corredor se ela a tinha comido, eu disse: "Não".

6. "Não estou nada perturbada, querida, por não te teres lembrado de fazer mais nada, embora saiba que disseste Gostaria de ter sabido isso quando alguém se refere a algo que poderia ter sido feito pois nada mais poderia ter sido feito a menos que eu tivesse prestado mais atenção mais cedo aos meus próprios sintomas"

W.: Tais sentimentos são, suponho, inevitáveis. É enfaticamente verdade que tudo o que se sabia que podia ser feito foi feito, independentemente do custo. Já pensei que se, anos antes, se tivesse prestado mais atenção a certos sintomas e ela tivesse cuidado melhor de si mesma, a doença fatal poderia não ter surgido.

7. "Parece que foi há apenas alguns dias que estavas a tentar recordar como se fazia algo que eu costumava fazer não um bolo mas algo que sugere bolo Creio que era algo como sonhos [fritters] [suspira 'Oh meu Deus.'] Só um momento (Tudo bem.) Era um prato simples do dia-a-dia mas tu disseste

Oh nunca fiz estes desde que a mamã se foi tenho de os experimentar um dia destes Seriam Gems"

T.: Eram sonhos [fritters], e só recentemente, em 1928, aprendi a fazê-los, mas não como os dela.

8. ["Sunbeam" dirige-se à Sra. Guinan.] "Às vezes sentas-te numa cadeira que tem braços e simplesmente [ilustra como alguém cansado que quase se deixa cair numa cadeira] Estou cansada demais para fazer mais nada. Simplesmente te sentas assim e antes de as palavras te saírem da boca 'estou cansada demais' dás um salto e fazes outra coisa. Não és engraçada? Quanto mais cansada estás, mais fazes. És a coisa mais engraçada. E tu — tu também o fazes — simplesmente não fazes um esforço mas vais e fazes — alguma coisa difícil. Tu gostas de fazer coisas difíceis, gostas."

W.: Eu ia discordar disto, visto que não é nada próprio da Theodosia que, se fica cansada, se deixa cair, geralmente num sofá, e descansa tão sistematicamente quanto trabalha. Mas é expressamente dirigido à Sra. Guinan.

G.: O que Sunbeam diz aqui é muito semelhante às minhas ações. Na nossa sala de música temos uma cadeira de vime com braços — a única cadeira naquela sala em que me sento sempre — e depois de preparar o jantar e lavar a loiça eu ia para a sala de música e simplesmente caía na cadeira e dizia: "Estou cansada demais para fazer mais nada", e depois imediatamente me lembrava de algo que devia ser feito, e lá ia eu fazer mais trabalho. O pessoal lá em casa costumava rir-se de mim e dizer que eu simplesmente não conseguia ficar cansada o suficiente para desistir, pois por muito cansada que parecesse estar, continuava sempre a trabalhar. É verdade que quanto mais cansada estou mais faço — simplesmente não consigo descansar quando estou excessivamente cansada, por isso continuo a trabalhar.

W.: Isto dificilmente poderia ser inferido de qualquer comportamento da Sra. G. Quase nunca no escritório, e nunca nas sessões, notei qualquer aparência de ela estar cansada, e nunca suspeito que ela tenha dor de cabeça, a menos que a mencione, o que é raro.

9. "Há qualquer coisa — ela leva a mão à cara e vai lá atrás a um dente do siso — sabes. (Sim.) E parece que muito depois de o dever ter perdido por toda — toda a perda que a maioria das pessoas conhece ela tinha um dente do siso ali — tu podes não saber isto e a rapariga pode não saber isto mas creio que alguém saberá. Sabes que as pessoas os perdem cedo normalmente, não perdem? (Sim.) Bem parece que ela tinha um lá sobrado — há bastante tempo e já tinha alguns anos em cima antes de esse dente do siso ser tirado mas acabou por ser."

W.: Esta é uma afirmação verdadeira bastante notável. A Sra. Prince teve um dente do siso que nasceu tardiamente na vida e que a incomodava, especialmente quando começou a usar dentes postiços. Lembro-me bem disto. Por esse motivo, foi extraído; não me recordo exatamente de quando, mas a Theodosia diz que foi no espaço de meio ano antes da sua morte.

10. "E creio que ela tinha dentes muito bons, não tinha? (Não.) Pareciam tão direitinhos e bonitos... Eram de loja? (Sim.) Oh, é isso! Comprados. É isso. Aquela coisa esteve lá bastante tempo e depois vieram as mordidelas de loja e elas tinham isto é algo que ninguém sabe — provavelmente tu não talvez a outra rapariga saiba, mas parece que as mordidelas de loja a incomodavam quando estava doente. (Sim, está certo.) E às vezes abanavam-se e ela fazia coisas neles e eram realmente um grande incómodo para ela."

W.: Note-se que a passagem sobre a dentadura postiça surge imediatamente em conjunção com a do dente do siso e da sua remoção. Já expliquei como os dois assuntos estavam ligados. Note-se também que a negação de que os dentes (naturais) dela fossem bons não causou recuo, mas "pareciam tão direitinhos e bonitos", o que era verdade para os dentes "de loja".

A dentadura postiça nunca pareceu ajustar-se-lhe, "abanava-se", e ouvi-a queixar-se deles repetidamente. A afirmação em transe foi arriscada como palpite. Eu próprio tenho dentes "de loja", mas nunca se "abanaram" nem me deram problemas. Mas os dentes eram tal

"incómodo para ela" que ela não os usou durante a sua última estadia no hospital.

11. "E depois que ela se foi, sabes (Sim.) eles fixaram-nos [os dentes] para fazer a boca dela parecer melhor e tiveram de fazer algo para os fixar — parece que puseram algo ali em cima [indica a gengiva superior] para os fixar para que parecessem melhor — a boca dela tinha mau aspeto quando morreu e depois foi arranjada para que ela parecesse bem quando se foi embora."

W.: Literalmente correto.

12. "Havia algo de bastante mau no interior dela que trazia muita dor e, oh, meu Deus, era apenas aquela dor — tu querias mesmo pressionar algo para cima [bate no peito]"

W.: Ela tinha muita dor no abdómen e noutros locais, com uma sensação de peso e aperto muito opressiva. Mas a psíquica pode ter ouvido o nome da doença.

13. "Valha-me Deus! ela era o anjo mais paciente de sempre, não era? (Sim, eu achava que sim.) Era — ela é — ela é tão boa quanto era — provavelmente um pouco melhor porque não tem de lutar contra a dor terrível como lutava."

W.: Ela era geralmente considerada muito paciente e era, por natureza, muito estoica a suportar a dor. Há um possível sinal de reconhecimento nas palavras "provavelmente um pouco melhor porque não tem de lutar contra a dor terrível como lutava", de que ela nem sempre teve a aparência de paciência na sua última doença. Não se implica qualquer culpa. Ela era tão boa quanto foi afirmado, mas a sua capacidade notável de suportar a dor sem se queixar relaxou-se perto do fim da vida devido aos efeitos da doença no seu cérebro.

14. "Ela aproxima-se imenso daquele homem às vezes. Fica tão perto que ele às vezes se sente quase como ela — quase como ela, sabias?"

W.: Não tive consciência disso.

15. "E ele sente uma dor às vezes em si, como no estômago e como se quisesse deitar algo para fora. Ele acha que se pudesse vomitar isso o ajudaria, sabes."

W.: Naquele período, senti frequentemente desconforto depois de comer uma refeição leve, devido a distensão, e desejei poder livrar-me de algum alimento em particular que provavelmente causava o problema, mas nunca vomitei nem desejei fazê-lo. Contudo, a psíquica pôs o dedo, por assim dizer, na sede do único problema físico que eu experienciava.

16. "Conheces alguém que se chame — há dois nomes que me baralham sempre. Quando vejo um, penso que é o outro. Não se parecem nada. Um é Lydia e o outro é Julia, mas penso sempre em Julia e Lydia ao mesmo tempo. Mas creio que é o nome Julia e parece que é alguém ligado àquela senhora chamado Julia, sabes disso? (Sim.) Porque no minuto em que o vi — em vez de dizer Julia, quis dizer Lydia. [Rai.] Isso faz-me rir porque nalgum momento devo ter conhecido alguém com esses dois nomes, porque os ligo sempre."

W.: Julia era o nome de uma cunhada da Sra. Prince que ela via muito na sua juventude.

17. "Mas tenho de te contar um pouco mais. É um nome que conheço e é um homem sobre quem sei tudo. Provavelmente tu não sabes, mas provavelmente o homem sabe. É alguém que esta senhora estava ansiosa por ver e falar, e era um homem que já se tinha ido há algum tempo. Beecher. Henry Ward Beecher. Bem, parece que há algo em que o homem estava interessado — o homem a quem estou a enviar a mensagem estava interessado sobre Beecher. Beecher. Como se a palavra Beecher surgisse e eu sei que é Henry Ward Beecher e ela viu Beecher e falou com ele sobre certas coisas."

W.: Aparentemente "a senhora" é a Sra. Prince e o homem interessado em Beecher, a quem a mensagem é enviada, sou eu. Acontece que Beecher é um da meia dúzia de americanos históricos que mais me interessam. Sou provavelmente uma das poucas pessoas vivas que leu de fio a pavio e estudou o relatório gigantesco do seu

julgamento que durou seis meses, tanto os testemunhos como os argumentos intermináveis dos advogados contratados por ambos os lados. Sei de cor o esboço da grande conspiração de chantagem contra ele. Tenho a sua biografia, os seus sermões, panfletos raros sobre ele e um exemplar emoldurado da sua escrita ligada ao julgamento na minha parede. Certamente, a referência ao meu interesse em Beecher é notável. A psíquica não poderia saber nada sobre isto, nem vejo como alguém em Boston poderia.

> 18. Afirmação em muitas palavras que se resume simplesmente a isto: ela gostava da flor heliotrópio e havia um lugar onde ela viveu com uma flor roxa fina e brava, parecida com o heliotrópio, que ela adorava.

W.: Não há dúvida quanto ao seu gosto pelo heliotrópio e pelo seu odor. Não me recordo da flor brava.

> 19. "Mas deixava-a simplesmente enjoada encontrar raparigas todas tão — bem, vou dizer — t-a-l-c-o em pó em cima que cheiram a uma farmácia, ela não gostava disso. Pergunta a essa rapariga, porque parece que era uma das características dela. Ela não tinha absolutamente nenhum interesse em pessoas artificiais, não gostava de pó, pintura ou perfumes exagerados e era franca sobre as coisas de que não gostava. Não fazia um grande alarido, mas tinha uma opinião e expressava-a a essa rapariga e essa rapariga, às vezes, quase como se às vezes sugerisse fazer algo ao rosto dela, como se sugerisse pôr um pouco. A tampa caía sobre isso imediatamente."

W.: Isto é tudo muito característico da minha falecida esposa. Ela desaprovava excessivamente o batom, a pintura, o perfume forte ou qualquer excesso no uso de pó. Se alguma vez usou algo do género, foi tão ligeiramente que nunca me apercebi. Ela expressava vigorosamente a sua opinião sobre as mulheres que cometem excessos nestas matérias, embora, como dito, nunca fizesse qualquer "grande alarido" sobre o assunto. O tom da Theodosia sugerindo por brincadeira pôr alguma coisa, como o batom, e a Sra. Prince a "fechar a tampa sobre isso imediatamente" está exatamente correto.

20. "Ela é um tipo esplêndido de mulher americana."

W.: Certamente era.

REGISTO DE 29 DE SETEMBRO DE 1925, 11:15–12:15

(UMA IMAGEM DOS ATOS DA SRA. GUINAN)

Presentes: Miss Prince (Consulente), Sra. Guinan (Secretária). Procedimento habitual. Respostas pela Sra. G.

Pouco além de observações sobre a alegada vida no além e cura mental. "J. H. H." fez várias pequenas afirmações, verdadeiras mas, dadas as circunstâncias, dificilmente evidenciais. Perto do fim, no entanto, o controlador "Número Dois" disse oralmente, após referir-se à Sra. Prince: "Sabes alguma coisa sobre uma fotografia dela? Não quero dizer que tu própria tenhas uma — tu és a Blessing [nome do meio da Sra. G.].

Sabes, não quero dizer uma que tu própria tenhas arranjado, mas onde a possas ver às vezes, como ao atravessar outra sala para a ver. (Sim.) Às vezes paras apenas um minuto e olhas para ela. Vais a algum lado e lavas as mãos e andas por lá quando o fazes, onde trabalhas, não na tua casa. Lavas as mãos e depois pegas numa toalha e sais e dizes algo e depois voltas e às vezes com a toalha na mão sais e olhas para várias coisas que chegaram e podem ser vistas e muitas vezes consegues ver aquela fotografia nessa altura. Adeus."

G.: É perfeitamente verdade que muitas vezes, quando eu estava no andar de cima na casa no número 346 da Beacon Street, lavava as mãos na casa de banho da Theodosia e, enquanto as secava, atravessava a sala de estar para entrar no quarto e falar com ela. No quarto, a Theodosia tinha uma fotografia da Sra. Prince, e eu não só

olhava para ela com frequência, como ela e eu discutíamos as diferentes fotografias que ela tinha penduradas no seu quarto.

E muitas vezes fui do quarto para a sala de estar para ver coisas que poderiam ter acabado de chegar da loja ou algo que a Theodosia me dizia para ir ver. Como o quarto e a sala de estar estavam separados por portas de fole, que estavam geralmente totalmente abertas, a fotografia da Sra. Prince podia ser vista da sala de estar.

W.: O leitor poderá pensar que isto é bastante provável, uma vez que a minha casa ficava na altura no andar por cima dos escritórios. Mas eu não acreditei que fosse verdade quando o li, especialmente porque não sabia por que razão a Sra. Guinan haveria de ir ao andar de cima lavar as mãos. Mas o motivo para tal foi esclarecido, e a imagem formada pelos detalhes descritivos revela-se fiel à realidade.

REGISTO DE 30 DE SETEMBRO DE 1925, 11:22–12:30

(O IRMÃO DE W. F. P. E OUTROS)

Presentes: Miss Prince (Consulente), Sra. Guinan (Secretária). Procedimento habitual. Respostas pela Sra. G.

Não há nada que eu possa negar na matéria omitida, e no entanto nada que possa afirmar como evidencial, em parte devido a matéria anteriormente publicada e em parte porque a aplicação é incerta.

1. [Oral por "Número Dois".] "Quem és tu? Conheces alguém chamado Henry? (Sim.) Ele tem estado parado ali ao lado da consulente e, sabes — esta consulente tem sido — ia dizer controlada por ele — usada por ele de alguma forma. Sabias disso? (Não, não sabia.) Ele é um espírito maravilhoso."

W.: Tive um parente por afinidade chamado Henry, de quem gostava na minha infância. Era um homem muito bom; claro, não sei se isso faria dele um "espírito maravilhoso" ou não. Henry é um nome comum e não há forma de saber se o meu parente é o referido. Mas o nome é relevante — pelo menos para mim — e a pessoa está morta. Como um parente de sangue meu é referido logo a seguir, não há

razão para que a relevância não seja para mim. Nada sei sobre ele usar a consulente.

> 2. "Essa consulente é uma médium — tu sabes disso, não sabes? (Sim.) Sabes como eu sei? (No.) Pelo grupo de pessoas que estão em volta e que não deixam entrar toda a gente. (Estou a ver.) É uma mediunidade protegida, nem toda a gente pode lá ir, percebes? (Sim.) Nada de foras-da-lei." [.....]

W.: O facto de a consulente ter poderes psíquicos está impresso e também poderia ter sido aprendido de outra forma. Mas o facto de ter sido declarado repetida e enfaticamente no seu manuscrito automático, embora não nos mesmos termos, que a sua é uma "mediunidade protegida" e que existe um "grupo de pessoas que estão em volta e que não deixam entrar toda a gente", especialmente "foras-da-lei", creio que nunca foi insinuado em versão impressa, e não creio que a Sra. Soule pudesse possivelmente tê-lo ouvido.

[Aqui omitiram-se certas referências corretas ao passado, não evidenciais tendo em conta o que estava acessível em versão impressa.]

> 3. "Bem, sabes alguma coisa sobre um homem que viria ter com ele [W. F. P.] que é algo como um irmão? (Sim.) Refiro-me no mundo espiritual? (Sim.) E parece que ele já se foi há bastante tempo. (Sim.) E houve sempre uma espécie de ligação poética — não quero dizer poética " — [.....] "É quase como um sentimento invulgar, como se eu sentisse — é quase como um sentimento poético que une o irmão espiritual ao irmão terrestre. (Sim.) Que ele é raramente falado, mas frequentemente pensado. Seria como se ele fosse tão espírito que parece ser mais como uma entidade espiritual — contudo frequentemente pensado, mas colocado numa esfera diferente — percebes o que quero dizer? (Sim.) E ele está tão perto.
>
> Conheces aquela rapariga ali? [referindo-se à consulente] (Sim.) Bem, aquele irmão espiritual aproxima-se muito daquela rapariga — percebes? (Sim.) Ela sabe? (Não.) Bem, eu sei. E ele esteve sempre muito perto do Doutor, sabes? (Sim.) E sabes — o Doutor costumava cantar? (Sim.) Bastante? (Sim.) Porque

parece exatamente como — saberias o que quero dizer se eu dissesse como miúdos? (Sim.) Como miúdos eles cantavam ou assobiavam juntos. (Sim.) Ela sabe disso? (Não.) Oh, queres dizer que vais descobrir? (Sim.) E parece — é como camaradagem — mas eles falam de forma diferente e cantam de forma diferente mas, ainda assim, juntam-se perfeitamente, sabes. É uma coisa engraçada de eu dizer, mas creio que está certo. (Sim, é claro.)"

W.: Aqui está uma passagem impressionante para mim. Acompanhem-na, frase por frase, enquanto comento.

Eu tive um irmão — se ele é agora um espírito e se as crianças crescem onde os espíritos estão, ele é homem há muito tempo, mas era um rapazinho muito pequeno quando morreu. Isso foi, de facto, "há bastante tempo". A morte dele afetou-me mais severamente do que rapazes tão novos como eu era na altura são geralmente afetados. Não tenho dúvida de que é "um sentimento invulgar" aquele que tenho nutrido pela sua memória durante meio século. "Ele é raramente falado, mas frequentemente pensado" — muito verdadeiro. Em rapaz, não conseguia sequer suportar mencionar o seu nome durante anos. Algo da mesma reserva ainda adere à minha natureza. Não sou alguém que tenha consciência de um ser espiritual por perto ou a alucinação de tal consciência, mas se houve a sombra ou adumbração de tal sentimento, foi em referência ao meu irmão. Não consigo pensar em melhor linguagem para expressar este sentimento do que "um sentimento invulgar... um sentimento poético".

Mas o mais marcante é a referência ao canto. Este irmão cantava com um ano de idade. Aos dois anos e meio conhecia e cantava, letra e música, dezenas de hinos e canções. A música era o seu dom particular. Eu cantava frequentemente com ele. Talvez eu assobiasse por vezes enquanto ele cantava — já não me consigo lembrar. E a médium adivinha que foi como "miúdos", e não como pessoas crescidas, que cantámos. Ele era um "miúdo" muito novo quando o seu canto na terra se calou.

Foi, de facto, uma "camaradagem". Eu brincava e cantava com ele mais do que qualquer outra pessoa, por estar mais próximo da sua

idade. E a comunicadora acrescenta o que diz ser uma "coisa engraçada", mas adivinha que está "certo". Soa de facto um pouco estranho, mas está o mais certo possível. Eu era cerca de nove anos mais velho que ele, consequentemente falava de forma diferente — a pronúncia dele era ainda imperfeita — e cantava de forma diferente — a voz dele era a do quase bebé que ele era — mas juntávamo-nos perfeitamente, pois o meu sentido de tom e melodia era bom e o dele já tão bom quanto o meu. Nenhuma referência a este irmão poderia ser tão reveladora como aquela ao seu canto, e ao cantar comigo.

> 4. "E há um [pausa] Há um pai — há dois — há um velho que tem qualquer coisa num olho — tem uma pala nele, sabes, como uma — não uma ligadura, mas uma pala verde — sabes o que é isso? (Sim.) E ele conheceu esses dois rapazes. Ele era um velho caturra [duffer] — isso é um insulto, não é? (Não, dizemos frequentemente tais coisas sobre as pessoas.) Ele era um velho caturra terrível — bom, e conseguia ver mais com um olho do que a maioria das pessoas com dois, e eles costumavam olhar em volta para ver se o viam. Ele não é ranzinza, mas curioso, e é tão mau para uma criança ter um velho caturra curioso por perto como é ter um ranzinza, porque nunca sabem quando vão contar à mãe e é tudo o que quero dizer e podes descobrir e dizer-me amanhã se eles conhecem esse velho da pala verde caturra?" [...]

W.: O único homem velho por perto era o pai da minha mãe, que vivia quase em frente a nós. Era um homem bom e bondoso, que alguns poderiam considerar um "caturra", uma vez que tinha ideias extremamente puritanas e noções estritas sobre o que as crianças deviam fazer. Ele certamente contaria à minha mãe qualquer coisa que notasse sobre os filhos dela que achasse que ela devia saber. Eu tinha um certo temor dele quando era rapazinho. Mas não tenho conhecimento de que ele alguma vez tivesse tido problemas num olho que o fizessem usar uma "pala verde".

Lembro-me bem que, por volta desse período, ele mandou remover um sinal na região da maçã do rosto, o que o obrigou durante algum tempo a usar um penso coberto com pano sobre o local, perto do olho, mas de que cor, não recordo. Pode ser que ele tenha usado

uma pala sobre o olho durante algum tempo e eu me tenha esquecido! É comparativamente pouco o que recordamos do que ocorreu sob o nosso conhecimento antes dos doze anos. Tudo o que posso dizer é que não me lembro de nenhum homem velho que usasse uma "pala verde" sobre o olho.

Mas estou impressionado. Notem que a maioria das afirmações desta data me são expressamente dirigidas, embora eu não estivesse presente. A minha mãe seria a presumível comunicadora. Há apenas uma pessoa de todos os meus parentes de quem me lembro a usar um pano perto de, embora não sobre, o olho, e esse é o pai da minha mãe ["um pai"], que é corretamente descrito na medida em que a descrição alcança, e que usou a cobertura de pano por volta do período em que "Henry" viveu sob o mesmo teto que ele e eu cantava com o meu irmão.

1 DE OUTUBRO DE 1925, 10:15–11:40

(AS CANÇÕES DE W. F. P. E O INTERIOR DA ANTIGA CASA)

Presentes: W. F. P., T. B. P. (Consulente), Sra. G. (Secretária). Respostas por W. F. P.

A primeira coisa declarada como sendo familiar à Sra. Prince e a mim é a canção "Old Oaken Bucket". Depois perguntaram-me se me lembrava de "Old Black Joe", "com Joe cantado no final numa nota de baixo profunda". Respondi: "Sim, ouvi-a ser cantada assim muitas vezes", e perguntei: "Quem era que cantava Old Black Joe?". A resposta foi "Tu", e perguntaram-me se me lembrava de uma canção sobre sinos, de facto duas, uma "Larboard Watch" e a outra, que "não tenho tão claramente na mente", "algo sobre o Sino do Sacristão [Sexton's Bell]".

A Sra. Prince e eu tivemos um harmónio de sala durante alguns anos antes de comprarmos um piano. Eu cantava a melodia de "The Old Oaken Bucket" talvez mais frequentemente do que qualquer outra, às vezes com a letra familiar, muitas vezes com a letra de Moore,

"Farewell to thee, Araby's Daughter". "Old Black Joe" era outra canção frequente. "Larboard Watch" era uma das minhas favoritas. Havia outra canção sobre sinos que ela me ouviu cantar inúmeras vezes, nada sobre um Sacristão, mas os sinos de "Shandon".

Depois houve uma transição abrupta para os dias da minha infância e, subitamente, sem anúncio de mudança, pareceu que a minha mãe estava a comunicar. Houve uma referência a dois instrumentos tocados por dois rapazes, um um berimbau de boca [jewsharp], o outro uma harmónica. Consigo, de facto, lembrar-me de quando tive um berimbau de boca, e o meu irmão mais velho uma harmónica. Depois referências a um "fogão a lenha de quinta, a minha mãe, uma senhora bastante ativa", "sempre numa faina", a assar batatas novas, verdadeiro mas pouco evidencial. Após notar os "olhos bonitos" da minha mãe [aplicável] e as lutas dos rapazes, houve uma tentativa de dar uma ideia do interior da casa. Primeiro diz-se que era "terrivelmente soalheira e brilhante naquela casa", o que era verdade.

Começando com o "cimo de trás" e a "colina" e "descer e entrar numa espécie de porta lateral, como uma pequena entrada [mais tarde dita ser 'quase um pequeno lugar quadrado'] — obtenho um lugar como que para tirar o chapéu num gesto rápido e lavar as mãos — não um lugar muito alto mas baixo."

Vindo daquela colina atrás da casa, eu entrava geralmente pela porta lateral, ponto em que um espaço oblongo era visível mesmo à saída da porta da cozinha. Aqui havia uma bacia de lavar num banco baixo onde eu frequentemente tirava o chapéu num gesto rápido e me lavava.

"Entro a partir daquele pequeno lugar quadrado" e "olho para cima para um relógio na prateleira sozinho". O lugar quadrado, diz-se, é "perto da casa — parte da casa — pode ser um alpendre ou telheiro". Era a parte do telheiro que dava diretamente para a cozinha.

A localização da cozinha é deixada obscura no texto. O relógio está "em cima na prateleira" e é "bastante alto e com um mostrador grande". Na sala do meio, um relógio, alto para a sua estatura, com um mostrador bastante grande, estava de facto numa pequena prateleira.

Algo embrulhado em papel, "como uma coisa extra pertencente ao relógio", é visto dentro dele, e conclui-se então que o papel contém uma quantia em dinheiro para um uso especial. Ouve-se a voz de um homem a dizer: "O que estás a fazer nesse relógio?". A mãe costumava pôr dinheiro no relógio para o ter pronto para pagar algo. O pai não gostava que mexessem no relógio.

"Esta é a sala do meio onde está o relógio [correto] e quando vou mais além posso entrar lá, e está lá mais alguém", "uma querida, querida senhora idosa — não a tua mãe", "um pouco formal e precisa", "boa e ela é simpática", e "apenas um pouco dura de ouvido", "terias de falar um pouco alto com ela", "e ela parecia sempre um pouco apologética por ser dura de ouvido", "algumas pessoas dizem 'fale mais alto para mim, sou surda'. Ela não.

Ela era uma senhora, sabes." Para além da sala do meio havia um quarto ocupado durante muitos anos por uma tia, a princípio um pouco, e finalmente muito surda. Ela era "formal" de certa maneira, e não creio que fizesse um esforço para ouvir, a menos que as pessoas espontaneamente se dessem ao trabalho. Ela dificilmente era do tipo que a maioria das pessoas quer dizer quando diz "Ela é simpática", visto que era antes brusca e rígida.

Depois vieram referências a um cavalo preto com uma cauda comprida, e a um cavalo vermelho menos "aristocrático" que era "rabugento", cujo nome soa a "Ned". Não sei se o primeiro cavalo preto que tivemos era mais aristocrático ou não. Houve um cavalo vermelho que era nervoso e dava alguns problemas, chamado "Nell". O meu pai teve um cavalo preto de linhagem decididamente aristocrática e com uma cauda longa e farta, já depois de passar a minha infância.

Finalmente, há uma referência a um "ferrador de cavalos", "um caturra engraçado", que "te punha a falar. Ele gostava de te ouvir falar e tu não sabias que ele gostava de te ouvir falar". Tu "meio que gostavas dele", "não creio que ele fosse tão mau, mas creio que ele dizia muitas coisas que eram meio más", "nunca vi um ferreiro velho caturra e engraçado voltar antes". À parte do que parece ser uma indicação de que a oficina do ferreiro não era longe da nossa casa

("um pouco afastada"), tudo isto é uma recordação muito viva. Na aldeia, a milha e meia de distância, vivia um velho ferreiro que era um dos personagens mais peculiares e engraçados que alguma vez vi, cuja conversa eu adorava ouvir, apesar dos seus palavrões.

6 DE OUTUBRO DE 1925, 11:30–12:20

(A ANTIGA CASA DE THEODOSIA)

Presentes: W. F. P., T. B. P. (Consulente), Sra. G. (Secretária). Respostas por W. F. P.

1. "[...] Quero ir muito atrás no passado esta manhã (Isso é bom.) e tentar escrever sobre algumas coisas que não têm importância, exceto como pequenas coisas que surgiram nas nossas vidas (Tudo bem.) pois as coisas em que não se pensava muito são as que mais significam neste trabalho (Sim, creio que sim.) Pergunto-me se te recordarás de dois candeeiros, candeeiros de querosene que eram usados há muito tempo (Lembro-me de que havia candeeiros de querosene usados há muito tempo. Se me recordaria deles ou não, não sei.) Refiro-me a um candeeiro de sala que era bastante antigo e tinha prismas pendurados e um globo redondo [após escrever o 'gl' ela suspirou 'Oh, meu Deus'] com um padrão como uma trepadeira Estava em cima da mesa e o globo era de vidro fosco com uma faixa lisa no meio com o padrão da trepadeira e não era usado frequentemente mas era ornamental e o outro candeeiro era alto e a ênfase que ponho nesse era o vermelho no óleo um pedaço de flanela vermelha Apenas pela cor Creio que não tinha nada a ver com a luz mas pode ter estado preso à torcida "[1]

T.: Na sala da minha casa havia um candeeiro exatamente como o descrito. Era um candeeiro antigo da casa de infância da minha mãe, oferecido pelo irmão dela; tinha um círculo de prismas pendurados, um globo redondo de vidro fosco, com uma faixa de talvez uma polegada de largura à volta, mais ou menos a meio, e uma trepadeira a percorrer a faixa. Este candeeiro estava sozinho, exceto pelo naperon, numa mesa. Ela adorava o candeeiro e o naperon, e a "Margaret"

adorava-os. O candeeiro só era aceso em ocasiões muito especiais. No Natal, tanto o candeeiro era aceso como se acendia o lume na lareira.

[1] Eu tinha suposto que as palavras me eram dirigidas, mas enquanto registava mentalmente a minha discordância, a Theodosia apontou para si própria após a descrição do primeiro candeeiro. Fez o mesmo após o segundo candeeiro ser descrito e, em intervalos posteriores, passou-me breves notas reconhecendo a correção das referências. Nada em todo o registo se ajustaria à minha antiga casa, exceto o candeeiro com a flanela vermelha e o balde de água. As notas que se seguem provêm de uma série de perguntas não-indutivas feitas à Theodosia, mais de dois anos após ela ter lido o registo.

O outro candeeiro, o "alto", tinha de facto um pedaço de flanela vermelha preso à torcida. O seu propósito principal, creio, era prolongar a vida da torcida, embora a cor pudesse ter sido considerada também. Este candeeiro ficava na sala de jantar.

> 2. "E em ligação com o dos prismas vejo um naperon peculiar ou cobertura de mesa sobre o qual ele assenta Não é um trabalho de retalhos [patchwork] e no entanto é feito de pedaços de seda ['Oh, meu Deus!'] e veludo numa espécie de aplique [applique] (A-p-p-l-i-q-u-e, é isso?) aplique (Bom.) Com alguns pespontos de casa de botão em seda a seda é aparentemente amarela pelo menos conforme a luz incide parece amarela (Isso foi muito bom.)"

T.: O naperon sobre o qual o candeeiro com prismas assentava era feito de pedaços de seda vermelha para representar flores, verdes para fazer as folhas, aplicados sobre veludo azul. O pesponto de casa de botão era de linha de seda amarela.

> 3. "Quero atravessar a sala e tocar numa lareira [mantel] algo estreita que é embutida na casa e é branca e há uma porta longa e estreita que está ao lado dela e sugere um armário de lado de chaminé ['Oh, não, não.'] armário (Sim, reconhecido. Armário.) e quando a porta se abre é fácil ver que é um armário fundo e estreito onde muitas coisas foram guardadas e há algo que cai frequentemente quando outras coisas são tiradas e (Estás a sair-te bem.)"

T.: Isto parece um pouco baralhado. A referência parece ser o armário na sala de jantar. Este tinha uma porta sensivelmente tão longa e estreita como as portas costumam ser, e era ele próprio estreito, afunilando para dentro ao ficar diretamente ao lado da chaminé. Enquanto o armário na sala era usado para guardar coisas que não eram necessárias frequentemente, o da sala de jantar era usado pela família para pôr a roupa de exterior, e tinha uma longa fila de pregos. Tantas coisas eram ali penduradas que tirar algumas fazia geralmente cair outras. Havia uma lareira (com prateleira) como foi dito, mas não era branca, mas de um tom amarelo-creme.

4. "É um tipo estranho de boné um chapéu de palha e chita ou guingão artesanal um chapéu de sol [sunbonnet] parece mas vejo-o cair frequentemente (Reconhecido.) e algumas vezes é pontapeado para um canto com bastante impaciência (Sim.) porque é difícil mantê-lo num prego escrevo essa palavra prego porque era o que era (Sim, isso é reconhecido.)"

T.: O chapéu era feito no antigo estilo "Shaker", a parte de trás num material florido e o resto de palha. Lembro-me que o Sr. F. o encontrava frequentemente no chão, ficava irritado e pontapeava-o para o canto.

5. "Quero escrever sobre uma grande cobertura de mesa vermelha de material de lã com um padrão preto estampado nela"

T.: Havia uma toalha de mesa dessas tanto na sala de jantar como na sala de estar, mas creio que o padrão preto era tecido no vermelho, não estampado. Também não era de lã, mas nunca era engomada, por isso tinha um aspeto felpudo como a lã.

6. "Agora vou entrar noutra sala (Bom.) onde há uma lareira [mantel] de algo do mesmo estilo mas com pintura imitando o veio da madeira [graining] creio que se chama pintura de veios castanho-amarelado ou cor de tabaco (Muito perto disso.) [A consulente tinha escrito 'Creme. Lareira da sala de jantar.'] com veios"

T.: Na realidade, "outra sala" já tinha sido penetrada desde o momento em que o armário estava a ser descrito. A lareira tinha veios pintados, de uma cor amarelo-creme.

7. "E há um cheiro de comida cozinhada onde isso está É para que notes que os odores também são dados como evidência (Sim, prova ser evidência neste caso, aparentemente.) [A consulente tinha sinalizado assentimento.]"

T.: A sala da lareira descrita abria para a cozinha.

8. "Os odores da cozinha vêm de dois fornos nalgumas alturas pois ['Oh, meu Deus.'] (Sim.) há algo que parece um forno embutido à moda antiga (Sim, certo.) e embora não fosse usado o tempo todo, era ocasionalmente usado (Sim.)"

T.: Havia dois fornos. Um, o mais pequeno, era embutido na parede de tijolo e não era muito usado. O mais baixo ficava no fogão, que estava destacado e era mais fácil de aquecer.

9. "Mas havia um certo tipo de biscoito feito no outro forno que se parece precisamente com ['Minha nossa, nossa, nossa, nossa.'] com biscoitos de nata Não tenho a certeza de que seja o nome certo mas é com o que eles se parecem (Aparentemente esse não é o nome certo. Eles dizem que se parece com isso.) e há um dizer Tenho de preparar uns biscoitos num instante [toss some biscuit together] (O que é?) Tenho de preparar uns biscoitos (Sim, apanhámos essa parte.) num instante (Sim, está tudo bem. Esplêndido.) sim Frasezinha estranha "

T.: Isto é bom. A minha mãe dizia sempre "I must toss some biscuit together" [Tenho de preparar uns biscoitos num instante] quando íamos ter biscoitos de soda para o jantar, o que era um grande banquete.

10. "Há mais um lugar para onde devo olhar agora pois ouço um ruído como uma concha ['Oh, meu Deus, meu Deus, meu Deus, meu Deus.'] a cair num balde e uma voz diz som vazio no ['Oh, não consigo. Não consigo.']"

T.: Quando eu era pequena, a água era trazida num balde do exterior, e uma concha estava pendurada ao lado. Mais tarde, a água foi trazida para a cozinha por um cano. Se eu tivesse nascido alguns anos mais tarde, não me recordaria de nenhum balde de água junto à pia.

11. "Agora o que dizer daquele chão pintado com as tábuas largas parece amarelo abóbora compreendes (Não, isso ainda não é compreendido.)"

T.: Creio que compreendo agora. O chão da cozinha não era pintado e a Margaret esfregava-o sempre com lixívia ou areia, o que o mantinha com uma cor de creme belíssima.

12. "É outra sala pequena que é usada para arrecadação ou algo desse género"

T.: Não havia arrecadação, mas a Margaret insistia em organizar a mobília no quartinho por cima da cozinha de forma bizarra, e tralhas diversas eram lá enfiadas.

7 DE OUTUBRO DE 1925, 11:05–12:10

(A INFÂNCIA DE W. F. P., O SÓTÃO E VIZINHOS)

Presentes: W. F. P., Miss Prince (Consulente), Sra. Guinan (Secretária). Procedimento habitual em relação à entrada de Miss Prince, posição na sessão, etc. Respostas por W. F. P.

1. [...] "Escreverei sobre dois artigos feitos de lãs coloridas um é um pequeno naperon para mesa ['Oh', tosse] creio eu É de um tom neutro e parece ou desbotado ou sujo por ser antigo mas tem à volta do corpo que é o naperon em si uma borda estranha de lã em relevo de várias cores como se representasse flores que se destacam ligeiramente e [Sussurra, oh, meu Deus.] ocultariam parcialmente o que estivesse sobre o naperon como uma jarra ou candeeiro creio que é um naperon de candeeiro"

W.: Enquanto a descrição do naperon estava a ser escrita, despertou uma recordação vívida do que eu provavelmente não

pensava há muitos anos até à menção de um naperon de candeeiro na última sessão. Não fiz, contudo, sinal de assentimento, mas olhei para a Theodosia, que abanou a cabeça. Ela continuou a discordar por sinais, e os itens continuaram a ser reconhecíveis para mim (como quase nenhuns na sessão imediatamente anterior tinham sido), ou pelo menos tais que eram possivelmente verdadeiros e relevantes.

Lembro-me que havia na casa da minha infância, na "sala das visitas" por vezes chamada "parlour", mantido numa mesa, um naperon de candeeiro feito de lã de cores diferentes que era "em relevo", quer isto dizer, o naperon tinha uma borda composta por uma grande quantidade de pedaços curtos de lã que "se destacavam" e nos quais a base do candeeiro se encaixaria e ficaria parcialmente oculta.

> 2. "E vejo algumas flores de lã numa moldura como um quadro e não são planas mas tomam a forma das flores naturais e as cores também e havia muitas coisas que eram como o trabalho manual de alguém que adorava fazer coisas e fazia o melhor que podia com os materiais à mão [Murmura suavemente]"

W.: Não posso dizer positivamente que não houvesse uma coroa de lã quando eu era pequeno, mas não me consigo recordar de uma. Havia uma coroa de cera, uma coroa de cabelo e várias outras peças do trabalho manual da minha mãe supostamente ornamentais naquela época.

> 3. "Vejo agora uma coisa muito diferente É uma pequena arca à moda antiga muito baixa e escura e tem pregos de cabeça de latão como se tivessem sido ali colocados em parte para a decorar e em parte para a identificar Esta arca é castanha e está aberta e tem um forro às riscas Creio que há algum verde no forro Parece papel quase como papel de parede e está rasgado em alguns sítios Há algumas coisas lá dentro que tentarei ver mas deixa-me dizer que vejo esta arca em dois lugares outrora era mantida no andar de baixo e foi mais tarde levada para cima por umas escadas muito estreitas que corriam entre duas paredes (Sim.) não uma escadaria aberta"

W.: Lembro-me de uma "pequena arca à moda antiga muito baixa", e coberta, creio, com couro acastanhado com o pelo ainda agarrado, mas não me recordo de nada sobre o seu forro. Os "pregos de cabeça de latão" no seu topo formavam as iniciais, e creio que o nome, do meu avô materno. Não me consigo recordar com absoluta certeza de onde era mantida, mas o sótão era o seu destino final mais provável. (A arca voltará a ser mencionada, desta vez em ligação com o meu avô, a 18 de nov. de 1925.) No período das minhas memórias mais jovens, o meu avô e a minha avó viviam numa ala da casa habitada pelo filho e pela sua família, diagonalmente do outro lado da estrada da minha própria casa.

Quando eu tinha cerca de dez anos, o meu pai demoliu a casa velha que era o nosso lar e construiu outra. No período intermédio vivemos, exceto as noites, em casa do meu tio. Nesse mesmo período, e não apenas nesse, eu estava frequentemente no sótão daquela casa e tinha muito interesse em remexer nas coisas ali guardadas. O sótão era alcançado por uma "escadaria muito estreita que corria entre duas paredes", ambas coladas à escadaria.

> 4. "E havia outras coisas lá em cima que sugerem um lugar para guardar tralha e há uma coisa de aspeto estranho [Oral 'Oh, meu Deus.'] que é de madeira e pode ser uma batedeira de manteiga [churn] Só um momento (Tudo bem.)"

W.: Lembro-me de uma batedeira alta à moda antiga naquela casa, e de uma de construção quadrada que veio mais tarde. O sótão seria um lugar provável para a batedeira velha quando fosse descartada, mas não me recordo se foi ali posta ou não.

> 5. "Não quero entrar ali pois há tanto para ver Receio que possa confundir os artigos (Compreendo.)"

W.: As coisas guardadas naquele sótão eram muitas e variadas. Não me consigo recordar do que muitas delas eram, mas deliciava-me a mexer nelas e a ler lá.

> 6. "Mas quero voltar à arca enquanto está aberta e há alguns papéis sem importância mas são muito antigos e entre eles estão alguns jornais que também são antigos mas creio que

não são guardados por nenhuma razão particular (Sabe o que são alguns dos papéis?)"

W.: Havia muitos exemplares do *New York Tribune*, *Harper's Weekly*, etc., guardados naquele sótão.

7. "Sim, alguém segura um mapa É grande e tem um rolo preso e deve ter caído atrás desta arca pois [Oral: 'Oh, meu Deus.'] mal olho para os papéis este é desenrolado (Gostaria que pudesse ver de que é o mapa. Não tente a menos que surja naturalmente.) e é um mapa de terras pois a mão move-se sobre ele e aponta para um ponto como se marcasse uma reserva algo desse género (Não sei se percebo o que se quer dizer com reserva. Pode tornar isso mais claro?) possivelmente uma concessão [grant] antiga (Sim.)"

W.: Não sou capaz de afirmar ou negar sobre o mapa no sótão. Tenho muito pouca recordação de que artigos específicos lá estavam. O único mapa de que me lembro estava pendurado num corredor. Debruçava-me frequentemente sobre ele em rapaz. "Frank" é o nome ouvido em ligação com uma mão que aponta para o mapa, e o mapa de que me lembro pertencia de facto ao meu Tio Frank.

8. "Há um que é muito velho aqui e vejo agora que é a mão dele [Pausa. Esfregua o rosto com bastante força.] que aponta para este mapa e há um nome que ouço Frank (Sim, o nome é reconhecido.)"

W.: Frank, como disse, vivia na casa com o sótão. Ele sabia que eu estava frequentemente lá em cima e poderia, se recordar agora o facto, supor que eu recordaria os artigos lá existentes. Ele morreu com cerca de oitenta e quatro anos, por isso era "muito velho" na altura da sua morte, à qual assumo que se refere o "muito velho aqui".

9. "E há uns óculos muito antigos que são quadrados e têm hastes pequenas (Quer dizer as hastes?) hastes bastante pesadas mas os próprios óculos pareciam rodar como se houvesse peças laterais (Peças laterais de quê?) É possível que a luz incida neles e lhes dê essa aparência pois enquanto olho de novo vejo que não são precisamente quadrados mas quase octogonais (Bom.) e isso foi um pouco confuso quando os vi

(Agora, quando disse peças laterais referia-se ao vidro ou às hastes ou ao quê quando teve essa ideia?) Pensei que os próprios vidros faziam uma espécie de efeito de caixa (Tudo bem.) Tenho de ter muito cuidado e olhar para as coisas de todos os ângulos (Bem, creio que há uma ou duas coisas sobre esses óculos que ainda não apanhou, embora o que parece ter dado pareça estar correto.)

Quer dizer a cor (Suponhamos que sim. Não o disse, mas suponhamos que sim?) Creio que sim pois vi que eram escuros (Sim, está certo.) como verdes (Está certo.) e eu pretendia dizer isso mal apanhasse a forma (Bem, conseguiu-o. Não lhe disse nada.) Eu sei e (Agora, se pudesse apanhar uma ou duas outras coisas sobre eles. O material das hastes, por exemplo.) Não eram de ouro e eram muito brancos mais (Isso está certo.) como prata ou aço (Correto.) Ambos parecem iguais (Bem, eram um ou outro.) hastes de prata, claro (Correto.) [...]"

W.: Quando foi a última vez que pensei nos óculos que, à palavra "quadrados", vieram vividamente à memória? Seguramente não há anos. As lentes eram "quase octogonais", isto é, tinham oito lados, sendo dois lados opostos mais longos que os outros. Creio que era este par que tinha hastes que podiam ser alongadas através de uma metade que deslizava para fora da outra. Inicialmente pensei que "hastes pequenas" e "peças laterais" pudessem referir-se às hastes, uma vez que podiam ser tornadas muito curtas. Mas aparentemente a referência é aos lados pequenos do aro octogonal.

O vidro era verde. As hastes eram ou de prata ou de alguma liga branca, provavelmente esta última. Todos os factos foram declarados no texto sem pista minha. Pedi outros itens de descrição e a "cor" foi espontaneamente fixada. Perguntei o material das hastes, pergunta essa que não deu pista sobre o tipo de material que eu tinha em mente. Mais tarde na sessão é dito que "havia uma caixa de óculos de prata e gasta e lisa pelo uso". Os óculos verdes estavam numa caixa de metal branco, lisa e algo amolgada, que parecia prata. Estes óculos não foram usados dentro da minha recordação, mas eram guardados numa caixa de papéis e relíquias na minha casa.

10. "Também quero dizer-te dois nomes escritos aqui (Muito bem.) Um é Orrin ou Oreno (Orrin — está certo? O-r-r-i-n?) ou Oreno (Sim.)"

W.: Eu tinha um parente distante do lado do meu pai, que vivia a cerca de três milhas de distância, chamado "Orin H," mas não consigo adivinhar por que razão algo teria lembrado o comunicador dele, embora o conhecêssemos bem.

A uma curta distância da minha casa vivia uma prima da minha mãe, Orinda B, aproximadamente da mesma idade dela e uma das suas companheiras particulares. (A casa dela era com Susan e Joseph. Ver mapa.) 11. "E o outro é Jacob e esse nome parecia ser sempre Jake (Lembro-me de Jacob. Não me lembro de Jake.) Parece que havia quem lhe chamasse Jake (Bem, pode ser que sim.)"

W.: Também perto da nossa casa, mas na outra direção, vivia um vizinho chamado Jacob B, sendo o apelido o mesmo que o de Orinda. Duas das amigas mais próximas da minha mãe, também primas e de apelido B — uma solteira e a outra casada com um homem do mesmo nome — eram filhas dele. Por associação de ideias, um B poderia ter lembrado o comunicador de outro.

12. Neste ponto surge alguma conversa trivial, que não vale o espaço para imprimir, e uma afirmação algo prolixa no sentido de que nas arcas estava um belo colete antigo de um período anterior àquele em que foi colocado no sótão (naturalmente), um colete usado para uma "ocasião especial", e referido como o colete de casamento, um que deu ao comunicador neste ponto (o controlador "Número Dois") a impressão de que era cor de vinho.

W.: Não sou capaz de negar ou afirmar, e não seria provável que me lembrasse, pois nunca prestei muita atenção a peças de vestuário. Não há nenhuma pessoa viva para me dar informações. Se fosse de alguém, teria sido provavelmente o colete do meu avô. Alguém que o conhecesse quando era velho teria sorrido ao pensar em tal peça de roupa nele — mas não sei. Ele tinha uma verdadeira veia de sentimentalismo sob o seu exterior pragmático, e pode ter-se entregue a tal moda do período, quando se casou.

[Alguns gracejos do "Número Dois" foram omitidos. Eu fiz a observação humorística: "Você está *up to snuff* [bem informado/atento], como costumavam dizer."] 13. "Falando de rapé — alguém na sua família usava-o porque há aqui uma tabaqueira. Há muito tempo — um homem idoso. Um homem idoso, sim senhor, e as duas coisas aqui, uma — pensaria que uma tabaqueira seria de prata, não pensaria? (Sim.) Bem, não é. Era escura, mas havia um estojo de óculos de prata e gasto e liso pelo muito uso. (Sim.) Conhece esse? (Creio que me lembro desse.) E *snap*! Que barulho. (Creio que me lembro disso.) É melhor que se lembre disso porque eu vejo isso. A tabaqueira que é escura — não é elegante, mas um hábito. Ninguém de quem precise de se envergonhar. Não é o seu pai. A época em que vive faz a diferença sobre aquilo de que se envergonha. (Sim, está certo.)"

W.: Entre as minhas recordações de infância está uma tabaqueira na casa onde o meu avô e o meu tio viviam, não parecendo ser simplesmente uma relíquia, pois continha rapé, e nós, crianças, costumávamos às vezes dar uma pitada pela diversão de espirrar. De quem era ou a cor, não me consigo lembrar, mas creio que era de madeira. O meu avô não usava rapé perto do fim da sua vida. Se ele ou a minha avó o faziam naquele período inicial, não me consigo recordar. Mas que havia uma tabaqueira, havia.

Lembro-me do estojo de óculos de um metal semelhante à prata, liso embora dobrado, no qual os óculos verdes eram guardados. O meu "Creio que" não significa qualquer incerteza da minha parte. A minha recordação é de que o estojo de óculos fechava de facto com um "*snap*" [estalido], e que eu gostava de o abrir e fechar por causa disso.

14. "Bem, alguma vez brincou ao Abraham Lincoln? (Se alguma vez brinquei?) Alguma vez se deitava perante a lareira grande e sonhava coisas? (Sim, já fiz isso. É a isso que se refere por brincar ao Abraham Lincoln?) Quero dizer, deitado de barriga para baixo. (Sim, quando eu era muito pequeno.) 10 ou 12 anos, algo assim. Apenas um rapaz. Apenas um miúdo e não sonhava que alguma vez viria a fazer algo como isto, pois não? (Não, não estava a pensar em nada desse género.)" W.: Na casa

antiga, demolida quando eu tinha nove ou dez anos, havia uma lareira e, até hoje, lembro-me de como adorava ver imagens nas brasas e "sonhar coisas". Não me lembro de nenhuma posição em particular neste contexto, mas, como muitos rapazes, deitava-me frequentemente "de barriga para baixo", e consigo lembrar-me de observações feitas pelo meu tio Frank sobre as minhas leituras nessa posição.

15. "Não, creio que não. Consigo vê-lo. Você era bastante sério. (Sim, mais do que deveria ter sido, penso que talvez.) Penso que conseguia divertir-se quando estava pronto para isso, mas era bastante sério e fazia mais perguntas do que quarenta mil crianças juntas deveriam fazer. [.....]"

W.: Eu era um rapaz muito sério e ponderado e, desde que me consigo lembrar, deliciava-me a ler mais do que qualquer outra coisa. No entanto, tinha os meus períodos de diversão juvenil. Como a maioria das crianças, eu era um questionador inveterado dos meus mais velhos.

22 DE OUTUBRO DE 1925, 11:20-12:30

(A VIDA PRECOCE E OS ARREDORES DE W. F. P.)

Presentes: W. F. P. (Participante), Sra. G. (Secretária). Respostas por W. F. P.

RESUMO

1. Referência ao facto de eu ter tido uma hemorragia nasal súbita quando eu, um irmão e outros rapazes estávamos juntos. "É a memória de uma mãe que me dá esta imagem, e todo o assunto é bastante sério para si, mas não para ela. É um medo infantil que ela não partilha, e aquele pequeno olhar assustado ainda é vívido para ela." Não me lembro de nada disto, mas uma mãe poderá reter a memória do seu filho pequeno a mostrar um susto invulgar com uma hemorragia nasal. Eu era dado a alarmes ridículos quando pequeno, e ainda me lembro de um destes, com uma causa trivial, ocorrido quando eu dificilmente teria mais de três anos. Mesmo na teoria

espiritista, é improvável que a minha mãe trouxesse deliberadamente tal incidente como evidência; a teoria seria que ela pensou nisso, e o pensamento "passou". Pode ser que tal susto precoce tenha tido algo a ver com a sensação, que chega quase ao horror, que experimento à vista de sangue até hoje.

2. "Ela liga-o [a hemorragia nasal] a um tempo em que a escola era um pouco distante (Sim, lembro-me disso.) e levava algum tempo a chegar a casa e há algo sobre o lanche ou o almoço que era levado às vezes Sabe de um lanche que lhe era preparado (Sim, às vezes, como diz.)"

"Um pouco distante" e "algum tempo" são expressões indefinidas, mas para corresponder a elas a escola não deveria estar nem na vizinhança imediata da minha casa, nem tão longe que fosse necessário levar o meu lanche todos os dias. Na verdade, a escola exigia cerca de doze minutos de caminhada e eu levava o meu lanche apenas "às vezes", i. e., quando o tempo estava mau no inverno.

3. Algo que ia nesse lanche é agora descrito. "Um tipo particular de bolacha", "açucarada por cima" e "não muito parecida com os bolos feitos hoje", "e ocasionalmente havia um outro tipo que tinha algo nelas como pequenas sementes", "alcaravia", "pois eram um deleite especial."

A minha mãe fazia dois tipos de bolachas, e apenas dois, que eu me lembre. Um era de cor branca, cortado em formas decorativas e com açúcar granulado cozinhado na superfície superior, o outro um castanho adocicado com melaço. Mas um detalhe parece estar transferido; as sementes de alcaravia estavam nas bolachas de açúcar. Estas eram consideradas um "deleite especial" muito grande. Raramente as tínhamos na mesa de casa, a menos que houvesse visitas, mas a minha mãe tinha tendência a colocá-las nos meus lanches escolares ocasionais. 4.

"E eram guardadas num lugar especial Parece-se com algo como uma caixa redonda de madeira Não consigo dizer o nome da madeira mas parece-se um pouco com a madeira de que as antigas peneiras de farinha eram feitas (Creio que sei o que quer dizer.) Pode ter sido um pequeno *firkin* [barril]"

Isto não está correto, mas o erro é tal que poderia resultar de uma imagem vista vagamente. Eram guardadas num pote redondo de faiança do tamanho de alguns *firkins*. A cor não era muito diferente da das antigas peneiras de farinha. 5. "Vejo algumas dessas sementes a crescer e a serem colhidas verdes e secas para este uso (Isso é verdade, eu sei.) mas vejo-a frequentemente a comer algumas delas enquanto cresciam (Vê onde cresciam? Não tente ver, mas se vier, tudo bem.)

É lá fora a apenas um pequeno caminho (Sim.) da casa (Sim.) e passa-se por lá a caminho de outra coisa que cresce (Sim.) Sabe algo sobre sálvia verde [Oral: 'Oh.'] (Sim, sei sobre sálvia verde.) e há um muro por perto onde crescem algumas bagas ou fruta (Isso está certo. Gostaria que ela conseguisse perceber o que era isso.) e há coisas espinhosas ou espinhos que têm de ser acautelados O que é isto bar bérberis (Não me lembro de nada sobre bérberis.) na pastagem penso que não a pequena fruta sobre a qual escrevi "

A alcaravia de facto crescia "a um pequeno caminho da casa", bastante perto dela, e era "passada a caminho de outra coisa que cresce", vegetais entre os quais crescia "sálvia", e havia "um muro por perto onde cresciam algumas bagas, e onde havia "espinhos que têm de ser acautelados", mas não bérberis, que não existiam na quinta.

> 6. "Agora tenho de perguntar sobre uma parece soar como casa de Martins (Sim, havia uma.) pássaros, quero dizer (Sim, havia tal casa.) Era bastante alta (Sim.) alta Caiu com o vento (Não sei o que lhe aconteceu agora, talvez consiga descobrir.) Parece ter caído com o vento (Talvez sim.)"

Quando consenti, estava a pensar na casa de martins [andorinhas-das-torres] na casa do meu tio do outro lado da estrada. O lugar dele era como que uma segunda casa. Mas a casa do meu pai ajustar-se-ia melhor ao contexto. Ao ler o registo, uma imagem onírica veio-me à mente de uma casa de martins situada numa parte específica do quintal, imagem essa que retornava repetidamente em momentos de devaneio. Não deposito confiança nela e certamente não a teria mencionado, se não fosse pelo facto seguinte. Algum tempo depois, li algumas cartas antigas nunca antes lidas por mim. Numa, escrita por uma tia doze anos antes de eu nascer, para o meu pai, então ausente de

casa, encontrei esta passagem: "A tua casa de martins está montada há três semanas. Está colocada no canto sudoeste do quintal. Os martins estão agora muito ocupados a construir os seus ninhos." O canto sudoeste do quintal é exatamente onde a imagem do devaneio colocava a casa de martins. Presumo, por isso, que esteve lá até eu ter cerca de cinco anos, demasiado novo para me lembrar por que razão desapareceu.

7. "E enquanto escrevo isso mostram-me uma cave antiga (Sim.) onde tinha havido um fogo ou onde outrora tinha estado uma casa Parece ser na outra estrada estrada de trás (Eu compreendo sobre a cave antiga, mas não sobre a estrada de trás, se estiver a pensar na mesma coisa.) Parece que esta cave antiga tinha algo a crescer perto dela Penso que rosas bravas (Muito provavelmente. Não me lembro, mas gostaria que conseguissem perceber com o que a cave está associada.) Vou tentar (Tudo bem.) Era sempre falada de uma forma que a descrevia penso mas não percebo bem se é o nome de uma pessoa ou o uso que era dado ao edifício (Bem, qualquer um deles pode estar certo.) Seria o antigo celeiro (Não é no que estou a pensar.) Penso que você tem razão e eu estou errado pois ainda não é claro para mim (Tudo bem, leve o seu tempo.) Tenho um nome que devo escrever Merritt [lido 'Merrill'] não Merrill mas Merritt e agora ouço d e como se o Demeritt fosse todo junto"

"Cave antiga" lembrou-me de uma que marcava o local onde a minha mãe tinha vivido quando era uma jovem mulher, a nem 150 jardas da minha própria habitação. Mas não tinha havido "fogo" em ligação com essa cave, tanto quanto me recordo nada a não ser relva crescia à volta dela, nem consigo pensar em nada associado a ela que soe como Merritt ou Demerritt.

Mas foi espontaneamente acrescentado, "lá na outra estrada, estrada de trás." Quando isso surgiu, lampejou na minha mente que numa "estrada de trás" (era o nosso termo para ela) a nem três quartos de milha através dos campos a partir da minha casa, com a terra quase a tocar na nossa, havia, na minha infância precoce, uma casa que, quando eu era ainda um rapaz pequeno, foi queimada pelo seu

proprietário insano. A razão peculiar para esta destruição fez com que a cave fosse de considerável interesse, além do facto de conhecermos a família razoavelmente bem. A minha mãe, em particular, trocou algumas visitas com a senhora desta casa.

Fui à cave antiga algumas vezes quando era rapaz, e lembro-me distintamente de algo a crescer visivelmente perto dela. O meu irmão mais novo lembra-se de uma videira, mas é incapaz de dizer se algo crescia ali ou não com flores proeminentes. A minha forte impressão é de que sim e de que colhi algumas flores, mas se lilases, rosas ou o quê, não consigo dizer.

Prende a atenção que esta cave, na "estrada de trás", "onde tinha havido um fogo", onde algumas plantas de flor ainda cresciam, devesse ter associado a ela um nome auditivamente muito semelhante a "Merritt" e "Demerritt". Pois o proprietário que a queimou era Myrick (por alguns pronunciado "Merrick "), e de facto G. Myrick.

8. "Vejo milho pendurado num pequeno edifício de madeira como que para secar"

Um edifício ligado ao local da "estrada de trás" ou à minha casa? Esta última certamente, uma vez que a menção a ele está ligada por "e" com a menção ao cheiro de uvas, e é mais tarde dito distintamente que a videira era perto da nossa casa. Lembro-me bem que era costume pendurar maços de milho-pipoca no lado do alpendre adjacente à casa, para secar ao sol. 9. "E consigo cheirar tantas dessas uvas [última palavra escrita muito lentamente]"

Teria a videira que crescia junto à cave da estrada de trás (lembrada pelo meu irmão, não por mim) lembrado a alguém a videira perto da nossa casa? Ver mais adiante.

10. "Sim e há algo a brilhar como prata ao sol mas parecem baldes ou panelas e alguns estão numa pilha de madeira"

No ângulo da casa e do alpendre estava a porta exterior da cave e, por cima da porta, uma janela. Lembro-me de que panelas de estanho e afins eram colocadas ao sol pela minha mãe quando eu era rapaz. Se alguma vez foram colocadas numa "pilha de madeira" não recordo,

mas perante uma porta lateral do alpendre que se juntava à casa e perto da porta da cave é exatamente onde uma pilha de lenha ficava todos os anos até ser cortada e guardada numa parte do alpendre. O milho-pipoca ficava pendurado a alguns pés de distância. 11. "Recorda-se de uma panela velha que continha estilhas (Não, não me recordo. Pode ter havido. Creio que é muito provável.) uma panela descartada Parece que era "

Eu estava provavelmente tão ocupado a decifrar a escrita que não tive tempo de recordar. Muitas e muitas vezes a minha mãe foi àquele local colher estilhas numa panela velha e enferrujada.

> 12. "Agora a sua mãe sai em direção a um pequeno trilho e eu estou perto dessas uvas outra vez (Sim.) pois ela deseja dar-lhe algo sobre elas (Sim.) Não são cultivadas penso eu (Bom. Não eram. Isso é uma coisa.) e eram de uma cor diferente mas amadureciam tarde (Creio que sim.) e eram usadas para algo na casa (Sim, para quê?) Parece geleia (Sim, está certo.) e faziam uma geleia muito bonita (Sim.) e dava algum trabalho colhê-las pois trepavam (Sim.) uma árvore (Muito bom.)"

Voltamos às uvas. Como experiência, eu tinha dito que havia algo peculiar sobre elas. O leitor poderá julgar se a minha observação seria passível de sugerir os seguintes factos:

(a) Se alguém "saísse em direção a um pequeno trilho" (rasto de carruagem através do relvado com um trilho no centro gasto pelos cascos dos cavalos), estaria então "perto dessas uvas" (a videira crescia junto ao trilho pouco antes de se chegar à estrada principal, a cinquenta ou sessenta pés da casa. Não havia outra videira em toda a propriedade).

(b) Eram uvas "não cultivadas", mas sim bravas. (c) Elas "trepavam uma árvore."

(d) "Dava algum trabalho colhê-las." Dava enfaticamente. Tinha de ser usada uma escada comprida e era um trabalho penoso colher uma parte destas uvas do ulmeiro alto. A videira, mesmo sendo brava, poderia ter trepado por um muro ou vedação, ou uma árvore baixa de fácil acesso. [Omito "de uma cor diferente", uma vez que não tenho a

certeza dos factos, embora inclinado a pensar que algumas variedades de uvas cultivadas são do mesmo tom de roxo, e omito "amadureciam tarde", uma vez que o psíquico pode saber que as uvas bravas amadurecem tarde. Mas não me sinto à vontade para omitir isso]

(e) Fazia-se "geleia" destas uvas. Há pessoas que não usam de todo uvas bravas que crescem perto das suas casas. E é possível transformá-las noutros pratos que não geleia. Mas a minha mãe dava-lhes precisamente esse uso, e elas de facto "faziam uma geleia muito bonita."

O leitor criado na cidade pode imaginar que ter uma videira brava a crescer numa árvore perto de uma habitação é uma coisa muito comum no campo. Onde passei a minha infância, era uma coisa muito pouco comum. Não me lembro de que nenhum vizinho tivesse uma videira brava a crescer em qualquer lugar perto da casa, embora não o afirme categoricamente.

13. Afirmação de que a minha mãe "olha para o céu como se tivesse o hábito de dizer quando parecia vir tempestade"

Verdade, suponho eu, de todas as esposas de agricultores na época das colheitas, portanto não é evidência.

14. A seguir veio: "Ao longe ouve-se o som de um comboio que podia ser ouvido mais claramente antes de uma tempestade, e era também um hábito olhar para o relógio quando o comboio era ouvido. E era por volta das onze horas? Era chamado o comboio do meio-dia."

Uma linha de caminho-de-ferro atravessava a quinta a talvez um quarto de milha da casa. Havia o que se chamava o comboio do meio-dia, que provavelmente passava mais perto das 12 do que das 11 horas. Não há nada de particularmente evidente no olhar para o relógio quando este era ouvido, mas como servia até certo ponto como cronómetro para os homens no campo em relação ao seu regresso para o jantar, a mãe provavelmente fá-lo-ia. Não havia mais do que dois comboios de passageiros em cada sentido durante as vinte e quatro horas naquele período.

15. Uma tentativa de obter um nome que resultou em três etapas, R, Reu e Reuben. Foi-me perguntado se eu conhecia alguém com esse nome.

Tanto quanto me consigo recordar, nunca conheci ninguém com esse nome em toda a minha vida, embora a minha vida precoce tenha sido passada no campo e eu tenha visitado desde então muitas regiões rurais, e os parágrafos humorísticos e cartoonistas nos queiram persuadir de que as regiões rurais estão cheias de Reubens (vide "Rube" [caipira]).1

1 Sobre a hipótese de um nome familiar para mim ser realmente o objetivo, e de esse nome começar de facto por Reu, permitamo-nos condescender com a nossa curiosidade ao ponto de fazer uma estimativa grosseira das probabilidades. Tomando nomes no *Who's Who* de 1901-1902, por ordem (escolhendo este porque as pessoas aqui listadas nasceram entre 1815 e 1875, sendo o ano médio 1848), e contando todas as vezes que qualquer um de 195 nomes "próprios" reconhecidos ocorre até 3.020 (o número seria muito maior se contássemos todos os nomes que precedem os apelidos), encontramos apenas dois Reubens e nenhum outro nome começado por Reu. Existe um nome Reuel, mas não é encontrado nenhuma vez até onde fomos, até ao fundo da página 363. Penso que não existe nenhum nome "próprio" em uso reconhecido na América, começando por Reu, exceto Reuben e Reuel.

Qualquer nome começado por Reu não é bom para um médium astuto apostar, especialmente quando tem estado a falar sobre um lugar no campo na infância do participante. Mas acontece que na minha infância precoce havia um Reuel, um meio-irmão da pessoa que eu identificara tentativamente como "David" (Ver item 5, sessão de 15 de Outubro de 1920), que vivia num lugar adjacente à nossa pastagem. 16. Uma tentativa, no controlo vocal de "Sunbeam", de obter outro nome que resultou num balbuciar. Le-Levy-Leva-Levi-Le-Levia-L-Lev-Levi-Leander-Leda-Lena-Le-Leda-Leander-Le-Let, e "Está confuso — a energia acabou — parece que não o consigo obter."

Algumas pessoas pretensamente científicas, densamente ignorantes neste campo de investigação, pensarão que isto foi uma

pescaria — uma tentativa de me extorquir ajuda ou de dar uma lista de variantes que, como uma espingarda, teria probabilidade de atingir algo. De facto, há semelhança com as táticas pelas quais alguns "médiuns" fraudulentos tateiam o caminho até um alvo. Mas muito estudo sobre a Sra. Soule convence-me de que não é o caso aqui. "Sunbeam" estava realmente a tatear para fixar impressões fugazes de um nome, tendo o esforço falhado.

3 DE NOVEMBRO DE 1925, 11:15-12:05

(RELEVANTE PARA O TIO DE W. F. P., ETC.)

Presentes: W. F. P. (Participante), Sra. Guinan (Secretária). Respostas por W. F. P.

RESUMO DA EVIDÊNCIA

Este registo tem alguns pontos muito perplexos e alguns impressionantes. Suposto comunicador duvidoso, provavelmente a Sra. Prince.

1. Uma "cena familiar para si e é um lugar perto da água com vista para uma montanha ou colinas altas por vezes chamadas de montanha que se vê do outro lado da água. Sugere uma Baía com a qual ambos estamos familiarizados e um pequeno incidente é recordado ao ver novamente a água e as colinas. É como se o sol estivesse a brilhar sobre nós e do outro lado da Baía a chuva estivesse a cair e alguém dissesse aguaceiro a seguir o rio... Casco Bay "

Eu estava mais familiarizado com a Baía de Casco do que com qualquer outra parte da costa do Maine. O mesmo acontecia com a Sra. Prince, que durante algum tempo viveu em Portland. Não há colinas altas mas, como diz a Encyclopedia Britannica sobre Portland: "Na sua extremidade leste está Munjoy Hill, com 160 pés acima do mar, e na sua extremidade oeste Bramhall Hill, 15 pés mais alta. ... Munjoy Hill oferece uma bela vista da Baía de Casco, que é dominada por outras elevações arborizadas." Para ver estas colinas "do outro lado da água" é necessário estar em alguma ilha no porto, e a que é povoada é Peaks Island.

A Sra. Prince e eu estivemos juntos nessa ilha apenas uma vez, que eu recorde, e nessa altura estávamos a fazer uma visita ao meu tio e às filhas dele. Enquanto lá estávamos, começou uma chuva forte de verão, que continuou enquanto percorríamos o caminho até ao barco. Houve razões pelas quais nunca esquecemos o caminhar naquele aguaceiro, e falámos disso em anos posteriores. Se o sol saiu e o aguaceiro recuou através da baía, ou se o "rio" que atravessámos de elétrico antes de chegar ao nosso destino — não recordo. 2. Neste ponto dirigi-me ao comunicador: "Sim, as minhas recordações desse lugar estão também associadas a certas outras pessoas. Se em algum momento recordar algo sobre eles que conhecia bem." Eu tinha em mente certos parentes da Sra. Prince que viviam em Portland. Mas a resposta não se poderia aplicar a nenhum destes. Foi dada uma descrição contendo os seguintes detalhes:

(a) "Um homem com cabelo e olhos muito mais escuros que os seus," (b) "Que era um amigo muito bom," (c) "e que desde então veio para aqui [morreu]," (d) "o seu cabelo era muito liso e não muito curto," (e) "e ele era magro," (f) "e alto," (g) "e um pouco curvado ou inclinado como quem tivesse sido um estudioso," (h) "muito interessado em si naquela altura," (i) "e era clérigo," (j) "e sempre tão sério e bom — bom é precisamente o termo certo," (k) "ele caminhava frequentemente com as mãos atrás das costas," (l) "e havia sempre um grande respeito por ele," (m) "um bom amigo e ajudante," (n) "e todos os rapazes gostavam dele."

O tio que, juntamente com as suas filhas, visitámos por ocasião do aguaceiro, era (a) um homem de cabelo e olhos muito mais escuros do que eu, (b) meu muito bom amigo, em cuja antiga casa eu vivera quando era rapaz na escola, (c) falecido à data da sessão, (d) algo, não marcadamente, magro, (g) um pouco curvado ao caminhar, mesmo na meia-idade, (h) mostrou o seu interesse pelas minhas atividades e planos, "naquela altura" — o dia da visita, (i) era clérigo, (j) era geralmente "sério" — esse é precisamente o termo certo, "solene" não o teria sido — e "bom" — novamente "precisamente o termo certo", como diz o texto; duvido que alguma vez tenha conhecido um homem mais frequentemente assim designado, (k) ele caminhava frequentemente assim no período em que o conheci melhor, (l) toda a

gente o respeitava, (m) era sempre amigável e prestável, um pacificador e, sem consciência disso, um santo, e (n) o último detalhe é apropriado porque, durante anos, ele alugou quartos a rapazes estudantes na sua casa, e eles pareciam gostar sempre dele. Apenas um detalhe está errado, (f), ele não era alto, mas de estatura média.

3. Segue-se, no entanto, uma imagem de "um edifício grande com colunas dóricas", "na praça", "onde havia carruagens a vapor", perto de "uma espécie de câmara municipal" e de um "bebedouro", da qual não consigo depreender nada. Certamente não descreve o local onde a escola ficava, nem Peaks Island.

4. Então observei que ficaria grato se, em qualquer momento, pudessem ser dados mais detalhes sobre o senhor clérigo, onde vivia e as minhas associações com ele. Seguiu-se imediatamente isto:

"Só um minuto. Conhece alguém chamada Helen? (Conheci várias com esse nome.) Bem, alguém ligado a essas coisas? (Bem, não me ocorre ninguém que esteja ligado a isso agora.) E outra chamada — começa por R, parece um nome estranho. Soa como Ruin. Rehun. Espere um minuto. R. Rehewn. Ruhama. (Não recordo nada agora.) Ruthama. Ruhenna. É Ru qualquer coisa. Ruhenna. Penso que é Ruhenna. Existe tal nome? (Nunca o ouvi.) Ruhenna. Oh! [a médium aponta para a sua frente] Vejo um nome num letreiro, como por cima de um letreiro numa loja. S-l-e-e-p-e-r. Não preciso de o dizer outra vez, pois não? (Sleeper? Esse nome está correto.) Sim, vejo-o ali mesmo em cima."

É muito curioso que o nome "Sleeper" tenha sido proferido por Sunbeam. Não é um nome comum, mas é o apelido de casada de uma das duas filhas do senhor clérigo, que estava presente na ocasião daquela visita a Peaks Island. Mas ela não se chamava "Helen" nem "Ruhama" ou "Ruhenna". E o nome do marido dela está num letreiro, embora eu não o tivesse visto e não soubesse o facto com certeza na altura da sessão.

1 O nome dela é Maude Ethelind. Ora, notei que quando um nome é dado em ligação com algo evidencial, e o nome está errado,

ele assemelha-se, numa grande percentagem de casos, com a Sra. Soule e certos outros psíquicos, ao nome que estaria correto, por vezes de forma muito próxima, por vezes ténue e, ainda assim, mais do que esperaríamos por probabilidades casuais.

Suponha-se que o nome "Maude Ethelind" fosse ouvido tenuemente por telefone. É perfeitamente concebível que apenas o suficiente fosse captado para que o ouvinte perguntasse: "Helen?". Estou plenamente consciente de que se dirá que sou crédulo, imaginativo e ansioso por provar. Não sou nada disso, mas simplesmente observo com curiosidade uma suspeita que cresce na minha mente a partir de casos acumulados, alguns excelentes, outros não. Este não o é, e contudo há mais semelhança do que seria esperado. Seguem-se os dois primeiros nomes de cinquenta mulheres, exatamente na ordem encontrada no "*Quarter-Century Record of the Class of 1896, Yale College*", sendo nomes de esposas de meus colegas de turma, até onde constam.

[Lista de nomes: 1. Mary Jane ... 36. Frances Gertrude]

Tomem cada nome duplo por sua vez, imaginem-no ouvido indistintamente ao telefone e vejam de quantos conseguem obter um som como Helen tão aproximado quanto o que conseguem obter de "Maude Ethelind". Pela minha contagem, há apenas seis, sendo os n.ºs 20, 21, 30, 31, 34, 39. Acrescentem-se o 22 e o 49, e temos uma proporção de cerca de um em seis.

Ora, o "senhor clérigo" tinha uma outra filha, "Clara Imogen". Será possível que, após o pouco sucesso de "Helen", a mente de alguém tenha divagado para o nome da irmã dela, que também estava presente quando a Sra. Prince e eu fizemos a nossa visita a Peaks Island? O que estaria a mente da psíquica em transe a tatear em "Ruhama" e "Ruhenna"? Porquê uma combinação de sons tão estranha e improvável? É cómico sugerir que há uma remota possibilidade de que "Clara Imogen", parcialmente obscurecida e parcialmente fundida, tenha emergido nas nada evidenciais "Ruhama" ou "Ruhenna". Assim:

cla RAIMOgen RUHAMA

Rio-me com o leitor. E, no entanto — no teste dos cinquenta nomes duplos registados conforme surgiam, encontro apenas dois que,

se os imaginarmos falados ao telefone de forma tão obscura que partes não são ouvidas e o resto é fundido, produzam algo tão próximo de "Ruhama" ou "Ruhenna" como "Clara Imogen". São os n.ºs 15 e 24. Mas forcemos uma semelhança em mais três, o que daria um em dez.

11 DE NOVEMBRO DE 1925, 10:20-11:15

(O IRMÃO DE W. F. P., VIDA PRECOCE E CÃO PROBLEMÁTICO) Presentes: W. F. P. (Participante), Sra. G. (Secretária). Respostas por W. F. P.

1. Primeiro as palavras, "Meu querido irmão Meu querido", foram seguidas pelo que pareciam ser seis palavras, indecifráveis. A escrita foi muito lenta e laboriosa, como costuma ser o caso quando se afirma que um espírito está a comunicar diretamente pela primeira vez. Creio que esta é a primeira vez que se afirmou que o meu irmão estava a tentar uma comunicação direta, distinta de uma "através de uma sessão".

W.: Este irmão tinha apenas dois anos e meio quando morreu, e era notavelmente inteligente para a sua idade. Mas se alguém sobrevive à morte física na infância, provavelmente nem sempre permanece uma criança. Quanto ele recordaria sob condições de um tipo diferente de mundo ou que assistência poderia ter recebido de outros para recordar, não estamos em posição de julgar. As aparências superficiais são muitas vezes enganadoras.

Ninguém suporia que uma pessoa num coma tão profundo que parece morta pudesse ter uma perceção vívida do que se passa ao seu redor, e no entanto parece que por vezes é esse o caso. Por tudo o que sabemos, as memórias de um rapaz com menos de três anos, que sob as condições aqui presentes mais tarde se desvaneceriam na sua maioria, podem ser perpetuadas no caso de morte nessa idade.

2. [O comunicador muda] "Recorda-se de algum Lester que fosse conhecido dele [meu irmão] e de si Parece ser um jovem amigo que ambos conheciam pois conforme aparece aqui é pouco mais que um rapaz com cabelo muito claro quase da cor da palha e é um rapaz que viveu no campo e morreu [lido como fez] morreu muito subitamente (A quem se está a referir agora, ao irmão ou ao Lester?) o Lester é a descrição que estou a dar e ele era conhecido pelo irmão penso (Compreendo.)"

W.: O nome "Lester" não me recorda nada. O meu próprio irmão tinha o cabelo muito claro e morreu subitamente.

3. [...] "Há várias coisas em que o irmão está a pensar agora sobre as quais tentarei falar-lhe (Muito bem.) Há uma imagem de pássaros grandes no chão como corvos e ao princípio pensei que fossem falcões mas estão demasiados juntos para serem falcões penso e ao vê-los vejo também algo como uma figura espantalho (Sim.) que está construída num campo e parece haver muita diversão em ligação com isso o campo é (Está certo. Continue, diga o que é.) a alguma pequena distância da casa (Continue.) e para lá dele há uma espécie de lugar arborizado que se vê claramente embora esteja a alguma distância (Sim, está certo.) e o esforço é manter esses pássaros que parecem ter um esconderijo ali no bosque longe deste pedaço de terra cultivada (Sim, está certo.) e ainda assim eles vêm apesar do velho espantalho"

W.: Não há nada de evidencial na menção a corvos a molestarem terra cultivada, e pouco em espantalhos, embora nem todos os agricultores os utilizassem. Mas há alguma força na afirmação de que o campo estava "a alguma pequena distância da casa", uma vez que o milharal nunca ficava nos campos perto da casa. Mais significativa é a afirmação de que os corvos vinham de um "lugar arborizado" para lá do campo, e tinham lá o seu "esconderijo", uma vez que, embora houvesse bosques mais próximos em duas direções, os corvos vinham quase sempre do arvoredo para lá do milharal conforme se ia da casa, um arvoredo onde tinham os seus ninhos. É verdade que os espantalhos eram algo ineficazes.

4. "E depois houve outra coisa feita para se livrar deles Parece um esforço para matá-los mas não parece que tenha sido você (Não, não fui eu.) ou o irmão (Certo, não foi ele.) quem o fez mas alguém teve a ideia de que se um pudesse ser alvejado e deixado ali poderia ser um aviso que os poderia assustar (Sim, isso foi feito.) e foi tentado mas mesmo assim eles vinham"

W.: Verdade, ocasionalmente um corvo era alvejado e pendurado no milharal (lembro-me bem disso) e tinha algum efeito, embora não afastasse inteiramente os corvos. E é verdade que nem eu nem, claro, o meu irmão (mas não "claro" do ponto de vista da médium, que não tinha conhecimento dele) alguma vez disparámos contra um corvo. Isso era feito pelo meu pai e pelo meu irmão mais velho. Eu nunca fui à caça, como a maioria dos rapazes do campo, em momento algum.

5. "E com desgosto decidiu-se que nada a não ser a velha espingarda faria o que era necessário compreende (Sim, compreendo.) Sabe de uma velha espingarda (Sim, sei.) que era guardada penso atrás de uma porta (Não me recordo. Pode ter sido.) Parece que uma porta tinha de ser fechada para a apanhar mas não é diretamente atrás da porta É num lugar onde outras coisas que foram descartadas são guardadas pois vejo alguns sapatos velhos pesados e um boné ou dois e algo que parece uma cana de pesca ou vara de algum tipo A espingarda não era usada frequentemente mas toda a gente sabia que estava na casa (Creio reconhecer o lugar.

Poderia ser descrito mais pormenorizadamente, mas até agora parece tudo bem.) pois era sempre algo de que se falava como a velha espingarda ou mosquete não tenho a certeza sobre esta última palavra mas alguém lhe chamava isso (Bem — nome apropriado.) Tinha sido transmitida de geração em geração Sabe algo sobre um saca-botas (Certamente que sei.) não era esse guardado nesse mesmo [Médium murmura] lugar (Creio que sim.) Penso que sim (Se não era, era guardado logo ao lado. Mas penso que era nesse lugar. Estava associado a ele.) e sim sim muito perto pois vejo-o em ligação e também algo que parece um chicote ou parte do chicote (Talvez sim, poderei não me recordar.)"

W.: Havia uma velha espingarda — não tenho a certeza se era esse o termo — que "tinha sido transmitida", isto é, pertencera ao meu tio quando esteve na marinha. Recorria-se a ela de vez em quando, tanto para corvos como para falcões, quando surgia uma boa oportunidade. Nem sempre era guardada no mesmo lugar, mas às vezes era guardada na casa e creio que por vezes num vão atrás das escadas de serviço, ao qual se chegava abrindo (não "fechando") uma porta. Muitos artigos velhos, como sapatos, bonés, etc., eram guardados neste vão. Algo como uma vara pode ter estado lá, mas não creio que fosse uma cana de pesca. O saca-botas era, no período de que me lembro, guardado numa caixa que, com a sua tampa de dobradiça, formava o degrau mesmo à saída da porta para a escadaria e o vão. A espingarda não estava atrás da porta no sentido comum do termo, mas logo a seguir a ela. Pode por vezes ter estado atrás da porta junto ao degrau-caixa referido, mas não tenho a certeza disso. Como afirmado, a espingarda não era usada frequentemente.

6. "É a correria para ir buscar a espingarda para alvejar o corvo ou o falcão ou ocasionalmente algo mais (Sim, está certo.) que parece uma pele ou uma doninha ou uma raposa (Bem, creio que uma dessas coisas acontecia às vezes.) sim mas você — ele ri-se enquanto começo a pergunta e diz pergunte-lhe se ele sabe algo sobre uma marmota (Sim, lembro-me de marmotas.)"

W.: Lembro-me bem da "correria" para dentro de casa para ir buscar a espingarda. Não me recordo de uma doninha ou raposa ter sido alvejada mas, embora eu não tenha discordado, "marmota" foi substituído, ou adicionado, conforme se queira, e uma marmota era ocasionalmente caçada com a espingarda.

7. "Ele também e diz que seria divertido caminhar pelo campo numa manhã de geada e ver todas estas coisas outra vez [Murmura: 'Espere um minuto. Espere um minuto.' Pausa] (Gostaria que ele se pudesse lembrar da última vez que caminhou pelo campo.) Ele lembra-se e irá introduzir isso conforme conseguir (Tudo bem.)"

W.: À referência de caminhar "pelo campo", apesar da "manhã de geada" ser irrelevante em ligação com a ocasião a ser mencionada, os meus pensamentos voltaram à última vez que o meu irmão esteve fora em qualquer lugar na quinta. Foi na tarde anterior à manhã em que ele adoeceu. Apenas eu estava com ele. Descemos até perto do caminho-de-ferro, ele parte do tempo a caminhar e parte do tempo carregado por mim, e regressámos, recordo-me sem sombra de dúvida, para a estrada através da área dentro da qual o milharal era sempre plantado naquele período.

Era no início do mês de junho, quando os corvos naquela latitude são perigosos para os grãos recém-plantados ou a germinar e, muito provavelmente, andariam então a voar alto. Passámos momentos adoráveis juntos. Daí a minha observação de que gostaria que ele se lembrasse da última vez que caminhou pelo campo. Eu tinha em mente um detalhe marcante daquele passeio, sempre guardado com carinho na minha memória, e visualizei-o vividamente. Que oportunidade para a telepatia — a mente fixa numa imagem mental de significado emocional pungente! Mas nem mais uma coisa relevante a isso surgiu então ou posteriormente.

8. "Há uma imagem que ele me dá agora de um serão em casa com uma mesa grande à volta da qual várias pessoas estão sentadas (Sim, isso é familiar.) e você e ele têm algo para fazer É com livros mas não apenas ler histórias e passados um tempo os livros são postos de lado e há uma sugestão de algum jogo para jogar nessa mesa e há uma senhora a costurar e a falar e subitamente uma caixa de madeira é trazida para a mesa uma caixa comprida e estreita de madeira velha como se tivesse sido usada muito tempo É virada e ouve-se um som de chocalhar e parecem dominós (Isso está correto.) e então o jogo começa com a pontuação guardada primeiro por um rapaz depois por outro e discussões acesas de vez em quando e a senhora a parar para fazer contas e gargalhadas e diversão (Sim.)

Há um outro jogo jogado às vezes onde jogam mais pessoas É um jogo com cartas (Sim.) não as cartas de jogar comuns (Correto.) Parece um jogo de palavras (Bem, era. Gostaria que conseguissem perceber que tipo, mas talvez não conseguissem

fazer isso.) É lo [pausa] nome difícil (Sim, mas tente.) lo gom a ty não está bem (Isso é quase lá. Esse era um de dois jogos de palavras que se jogavam. Não pensei nisso quando começou a escrever, mas era.) logomachy (Bom.) O outro era livros como *authors* [autores] (Exatamente. Excelente.) Bom, não é (Muito bom, de facto.) e o dicionário estava à mão (Estava.) quando a luta pelas palavras começava (Sim, exatamente) tudo isto é um serão em casa com o fogo de lenha a dar aroma e as maçãs que estavam perto (Sim, quase sempre.

Quero dizer, frequentemente.) e depois o relógio antigo (Sim.) que batia as nove e logo para a cama (Certo.) e todas estas cenas repetiam-se com ligeiras variações como quando o milho-pipoca vinha tomar o lugar das maçãs (Sim.) e quando uma pequena luta de punhos começava por brincadeira enquanto os rapazes iam para a cama [Murmura] (Sim, algo parecido.)" W.: A cena do serão até ao cão, inclusive, é notavelmente próxima dos factos. Contudo, não seria provável que tivesse vindo originalmente das memórias do meu irmão. Ele estaria na cama antes das nove horas e estica demasiado a verosimilhança supor que ele recordaria tanto sobre os jogos, etc. Ele poderá ser o porta-voz de um grupo — ele próprio, o meu pai e a minha mãe — que estão a reunir as suas memórias. Não sabemos nada com certeza sobre o processo, mas a correspondência nos factos confronta-nos. Depois do jantar, sentávamo-nos à volta da grande mesa de jantar, dois ou três de nós com livros escolares.

A minha mãe estava habitualmente ocupada a costurar ou a tricotar por perto, e por vezes a falar. Tínhamos um conjunto de dominós guardado numa caixa de madeira comprida e estreita, mas não me consigo lembrar de mais nada sobre ela. O meu irmão mais velho e eu jogávamos dominós por vezes, e por vezes tínhamos disputas. Depois havia um jogo no qual participavam "mais pessoas", um "jogo com cartas", mas "não as cartas de jogar comuns", que eram tabu naquela casa. Quando estas afirmações surgiram, pensei no jogo "*authors*", até que "lo" me lembrou o outro jogo, cujo nome, "*logomachy*", foi logo

dado. Esse era um de dois jogos de palavras que se jogavam, e o outro era "*authors*", como afirmado.

Durante anos devemos ter jogado esses dois jogos, e os dominós ficavam num distante terceiro lugar de interesse.
Ocasionalmente havia outros jogos de interior, como as damas. Mas "*authors*" e "*logomachy*" eram os grandes clássicos. O "dicionário estava à mão", de facto para "a luta pelas palavras" — *logomachy*, o "fogo de lenha", claro, e as "maçãs" estavam habitualmente "perto". "Nove horas" era a hora habitual para recolher no inverno.

"O relógio antigo" na prateleira dava o sinal. "Milho-pipoca" era uma variação de grande probabilidade, claro. O meu irmão mais velho e eu às vezes empurrávamo-nos e lutávamos a caminho da cama.

Até aqui, à parte a referência a "Lester", houve uma sucessão de detalhes verdadeiros, caseiros, triviais e, no entanto, em combinação, de significado para o analista com qualquer apreciação de probabilidades matemáticas. O campo a alguma pequena distância da casa com espantalhos para afastar os corvos que vinham de um arvoredo para lá do campo, o ato de pendurar um corvo morto, a espingarda "transmitida" com a qual nem eu nem o meu irmão comunicante alguma vez alvejámos corvos, mas pela qual alguém "correria" para alvejar um falcão, corvo ou marmota, a espingarda sendo guardada atrás de uma porta onde coisas velhas descartadas eram mantidas, um saca-botas guardado praticamente no mesmo lugar, os dominós e a caixa de madeira estreita em que eram guardados, a nomeação dos únicos dois jogos de cartas que jogávamos e a implicação de que não jogávamos com "cartas" comuns (ao passo que os filhos de vários vizinhos jogavam), acompanhando detalhes da cena do serão à lareira e o ir para a cama às nove.

9. [Controlador Sunbeam] "O que é o cão? (Cão?) Sim. (Bem, o que acha?) Cão tão velho que não consegue ouvir muito. (O que tem o cão?) Cão velho. Bastante velho. Bastante velho. Bastante velho e meio surdo — sabe. Lento. Ele estava lá. Ele estava lá sempre. Espere um minuto. Oh, espere um minuto. [Pausa] Pensei ter ouvido um nome. [Pausa] Conhece

alguém chamado Milton? (Milton?) Sim. (John Milton é quase o único em que penso. Pode ser algo parecido, mas não me lembro desse nome associado a mim.) Soa mesmo como Milton. Não poderia ser Wilton, pois não? (Não que eu saiba.)

Soa mais como Milton. Tenho de ir. Está tudo bem? (Sim.) [Aqui solicitei que o nome do gato fosse dado quando possível. Ver item 7, sessão de 12 de Agosto de 1925.]" W.: Cada detalhe dado da imagem do serão está correto até chegar ao cão. Como é que ele se veio misturar com uma cena à qual não pertencia? Se o palpite pode justificar o material nesta série de experiências, então o parágrafo do cão não precisa de discussão alguma. Mas se há evidência de conhecimento supranormal na série, então tais passagens que não pertencem têm alguma causa que pode ou não ser passível de descoberta no momento presente. Tal como a memória a voar para outro período — suponhamos que a minha mãe está a pensar na cena em nossa casa e se recorda de uma cena na casa de infância dela, na qual tal cão figurava. Ou, a explicação poderia ser que o pensamento de outro espírito presente passou. Isso seria o que esperaríamos se se tratasse de telepatia dos mortos, porque é isso que encontramos na telepatia dos vivos. Só que, no caso de agentes vivos, somos capazes por vezes de localizar a pessoa cujo pensamento "se intrometeu", mas não o conseguimos no caso dos espíritos. Aqui digo simplesmente que não houve nenhum cão na família durante a minha infância. Além disso, "Milton" ou "Wilton" não é inteligível para mim.

1 Por exemplo: "Uma vez certamente, e talvez duas, o Sr. Murray captou o pensamento, não do agente principal, mas de algum outro membro do grupo," et seq., Sra. Verrall, em *Proceedings S. P. R.*, Vol. 29, página 82.

12 DE NOVEMBRO DE 1925, 11:15-12:05

(A VIDA PRECOCE DE W. F. P. E O ESPÍRITO INGLÊS)

Presentes: Menina Prince (Participante), Sra. Guinan (Secretária). Respostas pela Sra. G. A maior parte do registo parece referir-se a W. F. P.

RESUMO DA EVIDÊNCIA

1. Para o primeiro item, referente ao gato Mephistopheles, ver item 7 da sessão de 12 de agosto.

2. Um controlador não identificado, agindo como intermediário, refere-se a "um chapéu de castor muito antigo" guardado "numa prateleira que estava num armário que não era usado diariamente, mas estava num lugar onde roupas que eram usadas ocasionalmente eram penduradas", e guardado numa caixa de chapéu descrita, sendo o chapéu usado em "funerais ou ocasiões solenes semelhantes". Também é mencionado um cachecol antigo como estando associado ao chapéu.

W.: Entre as minhas recordações mais remotas está a de um chapéu de castor alto e antigo pertencente ao meu pai, que poderá ter sido comprado na altura do seu casamento. A minha recordação é de que era guardado numa caixa de cartão à moda antiga, mas não recordo a sua descrição. Ambos desapareceram quando eu era muito jovem, e não me recordo de o meu pai usar o chapéu dentro do período da minha memória, embora possa tê-lo feito. Este chapéu e a caixa situam-se mesmo no limite da minha recordação, e do cachecol não me lembro, se é que houve algum.

3. Agora surge uma imagem do pai "a examinar algumas coisas que o interessam", "várias moedas antigas — não são valiosas como dinheiro, mas como moedas curiosas e históricas". Também "vários pedaços de quartzo de rocha e alguma mica, e parece que alguns destes vieram do lugar antigo, e um é bastante grande", mas "não extremamente grande, mas é por vezes guardado numa prateleira ou lareira, e é muito bonito como quartzo rosa. Havia também algumas relíquias indígenas lá ou perto de onde o pai vivia, e penso que elas recordam muitas histórias interessantes de tradição indígena que eram familiares a toda a família."

W.: O pai gostava de coisas como as descritas mais, creio eu, do que qualquer outro homem na vizinhança. Ele tinha algumas moedas de cobre antigas e curiosas que mais tarde passaram para as crianças. Havia também pedaços de quartzo da nossa quinta, nenhum quartzo rosa que eu recorde, mas quartzo cristalizado iridescente guardado pela sua beleza. Lembro-me distintamente de um pedaço bastante grande que foi guardado durante algum tempo, mas depois partido.

Os pedaços eram guardados primeiro na lareira da sala de estar e depois, durante anos, numa prateleira de um "cantoneira" com mica e outras curiosidades minerais. Pontas de seta eram encontradas a menos de duas milhas do local, mas não tenho a certeza se tínhamos alguma. Era uma antiga região indígena, mas não havia lendas indígenas locais, e não creio que os índios fossem um assunto frequente de conversa. Tínhamos um livro sobre índios, com imagens coloridas, que nos interessava neles — é tudo o que me lembro. 4. Referência a "a nascente" na propriedade e a "algo [que] crescia perto da nascente que os rapazes gostavam de ir buscar".

W.: Lembro-me bem de "a nascente" e de que dois tipos de bagas cresciam perto dela, que costumávamos colher, tal como fazíamos noutros pontos da quinta. Uma grande percentagem de quintas não tem nascente.

5. Diz-se que a data 1886 é "uma data de alguma importância para o pai". Se assim for, não sei porquê. O ano de 1896 foi o da sua morte, mas não encontro a importância de 1886.

6. Referência a "uma coisa longa e morta como uma cobra morta" encontrada "em algum lugar perto dos edifícios". Surge a imagem de "um engenho de poço à moda antiga" [*well-sweep*], e de tábuas velhas a formar uma borda, sem balde, "uma coisa velha e desmoronada" que "acaba por se desfazer — mais ou menos como um lugar perigoso", "num lugar muito, muito antigo, e uma coisa muito, muito antiga e tudo desfeito por fim."

W.: Não longe da nossa casa estava o que restava da casa onde a minha mãe viveu na sua juventude e, perto dela, havia um poço cuja borda e engenho podem ter existido até depois do meu nascimento, mas apenas me lembro de tábuas velhas colocadas sobre o topo dele. Fui avisado para ter cuidado, pois era um lugar perigoso. Mais tarde, o poço foi entulhado. Não me lembro de nada sobre uma cobra morta.

7. "Há dois nomes, um é Cora — já lhe disse isto antes? (Não.) Não é um nome bonito? — soa como *Coral* — e um nome que soa como Staples e outro, creio que é como Cora e Edna ligados um ao outro, ou amigos muito próximos ou familiares."

W.: "Staples" não me sugere nada, nem uma ligação entre Cora e Edna. Eu tinha duas primas do lado do meu pai, irmãs chamadas Cora e Ella.

8. "Subitamente vejo um espírito do outro lado do oceano — parece ser um espírito muito sábio que tem estado interessado neste tipo de trabalho e tem estado muito próximo desta senhora... e a observar para prosseguir com algum trabalho que foi interrompido por algo. Aqui está! Aqui está a Inglaterra e Nova Iorque e Boston — 3 lugares... Inglaterra ligada a Nova Iorque e depois — através dela, quero dizer — e depois Boston, e no entanto algo está — está atrasado — está interrompido... São precisas apenas certas coisas para tornar as condições certas — não prossegue se houver coisas que de certa forma perturbam. Isso vai ser ligado novamente — não está terminado, sabe... É algum trabalho que ela tinha com o Dr. Prince."

W.: Os factos eram estes. Vários anos antes da sessão, a participante tinha começado a obter escrita automática que professava ser de F. X., um escritor inglês interessado em investigação psíquica, de quem ela não lera nenhuma obra e sobre quem tinha muito pouco conhecimento. A maior parte disto surgiu em ou perto de Nova Iorque, e um pouco desde que viemos para Boston.

Grande parte da matéria parece confusa ou errónea, mas foram feitas algumas afirmações extremamente evidenciais sobre os últimos dias de F. X. na terra, visto que os factos invulgares eram

desconhecidos deste lado do Atlântico e foram verificados apenas por cartas da Inglaterra e por investigações minhas no local. Durante algum tempo antes da sessão, Theodosia parecia inibida de prosseguir, e toda a experimentação tinha parado. Embora eu considere improvável que a Sra. Soule conhecesse qualquer destes factos, é concebível que pudesse ter ouvido rumores, pois havia algumas pessoas que tinham algum conhecimento dos factos.

9. Finalmente veio um conselho do "Dr. Hyslop" sobre uma situação, descrita corretamente embora de forma vaga, então existente, insinuando que W. F. P. estava em perigo de desânimo. O conselho pareceu excelente e teve influência. É impossível ter a certeza absoluta de que a Sra. Soule não tinha informações a partir das quais exercesse uma estranha habilidade de inferência.

17 DE NOVEMBRO DE 1925, 11:15-12:30

(A QUINTA PRINCE, VIZINHANÇA E VIZINHOS)

Presentes: W. F. P. (Participante), Sra. G. (Secretária). Respostas por W. F. P.

1. "[...] Agora desejo recordar uma colina que não ficava longe da antiga casa (Sim.) e para onde eram feitas excursões ocasionalmente com um certo propósito. Era através de algum terreno de pastagem acidentado que fazíamos o nosso caminho com aqui e ali alguns arbustos baixos (Sim.) nos quais havia bagas e recorda-se das bagas de zimbro (Sim, recordo-me de algumas bagas de zimbro.) e algumas bagas que colhíamos para comer (Sim.) mirtilos (Sim.) e havia outras coisas a crescer

ali deixe-me pensar naquelas pequenas coisas vermelhas que caçávamos rasteiras ao chão (Sim, sabe o que eram?) Eu estava a tentar recordar se lhes chamávamos *checker berries* ou *winter green* havia outro nome (Sim.) *pigeon* não *bunch* (Bem, lembro-me de *bunch*.) *bunch plums* ou bagas (Sim, havia *bunch berries*.) e de facto havia quase tudo na sua estação (Havia vários tipos. Sim.)"

W.: Claro que, quando rapaz, eu deambulava em todas as direções a partir da casa, mas a minha excursão favorita era uma de meia milha ou pouco mais numa direção noroeste. O "terreno de pastagem acidentado" (e grande parte dele era muito acidentado) começava diretamente atrás do celeiro e logo se chegava à "colina", uma muito pequena mas assim denominada, situada "não longe da antiga casa". Era a única colina em toda a quinta de muitos acres, que de resto era quase plana.

A colina era um depósito glacial de cascalho. Passando a colina, entrava-se numa região de pastagem onde havia muitos "arbustos", especialmente pequenos cedros e talvez uma ou duas outras espécies. Aqui havia "*checker-berries*" (ali chamadas tanto por esse nome como pelo de "*ivy-plums*") e "*bunch-plums*" ou "*bunch-berries*" (os nomes que usávamos) crescendo em profusão, e nenhum outro tipo de baga comestível. Não me recordo de colher nem *checker-berries* nem *bunch-plums* em qualquer outro local, mas aqui recorria para as obter inúmeras vezes. Este mesmo passeio continuava frequentemente por cima da vedação para entre árvores e arbustos no que não era então, mas depois se tornou, propriedade do meu pai, e o trilho levava a alguns mirtilos e a arbustos que podem ter sido "zimbro", mas cujas bagas, apesar da minha resposta, eu não sabia serem comestíveis.1

2. "E quero afastar-me um pouco noutra direção mas com a colina sempre à vista (Muito bem.) Era um lugar onde crescia uma raiz que gostávamos de ir buscar agora novamente tenho várias pois havia *flags* e sassa sassafrás O que era aquilo que costumávamos descascar e fazer apitos do caule (Não sassafrás, certamente.) não seria bétula (Eu diria que não. Não, creio que não.) não consigo obter ainda mas penso que o

conseguirei mais tarde (Tudo bem.) Salgueiros (É isso que pensa que é?) sim (Sim, é isso.)"

W.: E agora "afastamo-nos um pouco noutra direção mas com a colina sempre à vista". Talvez a cinquenta varas a sul da colina e à vista dela, do outro lado da estrada, havia na nossa quinta uma mancha de, não "sassafrás" mas salsaparrilha (um termo semelhante talvez desviado por um nome mais familiar para a psíquica). Eu costumava escavar e comer a raiz. Girando para leste e continuando apenas um pouco, chegava-se às "*flags*", um canteiro de lírios roxos [*fleur-de-lis*], magníficos na primavera. A raiz não era comestível, mas as *flags* estavam certamente lá, à vista da colina. Nas imediações das *flags* estavam os salgueiros de cujos ramos eu e outros fazíamos apitos. Parece-me que tanto a nomeação das coisas como o seu agrupamento, sob 1 e sob 2, são notavelmente coincidentes.

A situação coincidente é enfatizada quando acrescento que apenas indo para noroeste da "antiga casa", na direção que passava pela "colina", se encontrariam em toda a quinta *checker-berries* e *bunch-berries*, e que em nenhum outro lugar no "terreno de pastagem acidentado" havia uma mancha de "arbustos"; também que em nenhum outro lugar em toda a quinta a não ser na região a sul da estrada se localizavam salsaparrilha, "*flags*" e "salgueiros" perto uns dos outros. Na verdade, salsaparrilha e *flags* encontravam-se apenas aqui, e era aqui que se situava a maioria dos salgueiros, e os únicos de cujos ramos fiz apitos. Nem qualquer outro passeio habitual da minha infância levava a qualquer colina, e especialmente não a uma associada a pastagem acidentada e a *checker-berries* e *bunch-plums*. Nem me recordo de qualquer outro local em toda a vizinhança onde salsaparrilha (o sassafrás era desconhecido) e íris selvagens crescessem.

3. "Pensei que sim mas ao recordar as cenas e as coisas que fazíamos juntos descubro que as memórias vêm mais depressa do que consigo escrever mas tudo isto é uma alegria mesmo que eu tropece para chegar à colina pois sempre encontrávamos muitas coisas para parar e olhar "

W.: É bastante incrível que todas estas coisas sejam as memórias do meu irmão que morreu com menos de três anos de idade. O meu pai poderá estar a ajudar, ou poderá ser telepatia das minhas próprias recordações, conforme se queira. Interesso-me agora pelas correspondências entre as afirmações e os factos. É um facto que, quer me aproximasse da pequena colina vindo da direção da casa ou do bosque, havia muitas coisas pelas quais eu, pelo menos, pararia para olhar, coisas que cresciam e coisas que não cresciam, e eu andava sempre à procura delas. "Tropeçar" [*Stumble along*] é apropriado, pois o caminho para a colina era muito acidentado com pedras e tufos de erva.

4. "Pergunto-me se se lembra de uma vaca que usava um chocalho (Sim. Não distintamente, mas é muito provável que houvesse uma.) sim Não era nossa mas estava numa pastagem contígua (Oh, sim. Isso poderia ser.) e suscitava sempre a observação Lá está a velha B Bes e (Bese parece ser.) O nome do vizinho que eu estava a tentar escrever (Bem, gostaria que o obtivesse se pudesse.) Vou tentar Não era B mas R que eu estava a tentar pensar [Murmura e depois fala o seguinte:] Diga-lhe para não pensar com demasiada força. (Tudo bem. Não pense com demasiada força.) Deixe vir naturalmente. É muito melhor. (Sim, creio que é verdade.) Conhece alguém com um nome como Rich? (Bem, lembro--me de um nome algo parecido.) Soa a algo parecido. (Sim, soa a algo parecido.) [Pausa] Não é Rich. Não é Rice, pois não? (Creio que não.) Não, soa mais a Rich do que a Rice. Richards, Richards, Rich, Rich. [Pausa e escreve novamente.]"

1 Visto que eu tinha cedido ao ponto de afastar o comunicador de "bétula", perguntei: "É isso que pensa que é?", para ver se a pergunta, implicando dúvida, produziria outra mudança. Mas não produziu.

W.: A nossa pastagem não se estendia para dentro do bosque como as de ambos os lados, por isso não tínhamos necessidade de pôr um chocalho numa vaca. Foi um acerto colocar a vaca com chocalho numa pastagem contígua, especialmente porque a minha resposta poderia ter implicado que tínhamos uma. O vizinho de um lado punha chocalho numa vaca e creio que o meu tio do outro lado também.

Houve uma vaca "Bess" quando eu era rapaz, mas se nossa ou do meu tio não me recordo. Parece agora que estamos a viajar para leste. Primeiro vinha a propriedade do meu tio, depois, logo a seguir, estava a de um vizinho chamado Ricker. "Rich" é inegavelmente parecido com Rick, e "Richards" é semelhante a Ricker.

5. "[...] Lembra-se de uma chamada Susie (Não me recordo neste momento. Bem, sim, lembro-me de pessoas com esse nome, mas a quem se refere?) [Murmura] uma Susie que era uma das que tínhamos no nosso grupo ela acabou de aparecer aqui (Bem, eu poderia adivinhar quem era, mas gostaria que fosse indicada a associação a que eu estava relacionado.) como um retrato à moda antiga com o cabelo numa rede (Se for a que eu penso, havia algo muito mais distintivo nela.) sim virá (Tudo bem.) claro pois eu estava apenas a começar ela é tão rápida e ativa como sempre e tem uma cor muito vívida o que é que eu escrevi

(Que ela era muito rápida e ativa e tem uma cor muito vívida.) vívida não combina com cor eu pretendia escrever imagem muito vívida da associação que a traz aqui (Sim.) e entre as memórias está uma de um grupo grande onde ela era muito importante e ela tem um papel nas atividades espere um minuto (Tudo bem.) Sabe de alguma ligação com a família há muito tempo que a aproximou de todos nós (Bem, sim.) e não recorda um retrato dela quando bastante jovem com este cabelo baixo numa rede

(Não, não recordo. Havia duas Susies que eu conhecia. Não sei se a outra usava uma rede no cabelo ou não.) do tipo à moda antiga ela é aparentemente uma parente e (Sim, havia pelo menos uma parente com esse nome.) ocasionalmente vinha de visita era prima (Num certo sentido. Um tipo de prima.) Parece que era referida como Prima Sue ou Susie mas não Susan e ela tem muitos da sua família direta com ela (Tem.)"

W.: Logo a seguir à quinta dos Ricker estava aquela onde vivia uma Susan que estava "no nosso grupo". Lembro-me bem de um retrato em ambrótipo dela e de um de uma irmã dela, que a minha mãe

possuía. Se o nome da irmã tivesse sido dado, "cabelo numa rede" não estaria correto, visto que a irmã, conforme aparecia no retrato, tinha o cabelo "curto" [*shingled*]. Mas o de Susan estava numa rede. Ela era uma pessoa atarefada e ativa. Caso a expressão "tem uma cor muito vívida", à qual não opus qualquer discórdia, não tivesse sido corrigida, estaria em erro para o período em que conheci esta Susan.

Ela era de facto "de um grupo grande" no sentido de que era de uma família numerosa, da qual seis adultos viveram juntos muitos anos, e outros membros por perto. Havia "alguma ligação com a família há muito tempo que a aproximou de todos nós", visto que, como afirmado depois, ela era "uma parente", uma "prima" carnal da minha mãe. Todos os elementos da sua "família direta", que eram "tantos", sendo dez ou mais, tinham falecido antes da data da sessão. O único erro reside em ter sido chamada Susie. Se a atenção de uma mentalidade recordadora voou para a homónima de Susan, uma sobrinha que vivia do outro lado da estrada, e o seu nome lampejou, por assim dizer, no ecrã, isto explicaria "Susie", pois era assim que chamávamos à sobrinha, à qual vários itens da descrição não se ajustam. Na hipótese da telepatia, seja dos vivos ou dos mortos, esta suposição explicaria, mas claro que a afirmação de que ela era chamada Susie e não Susan é, evidencialmente, uma mancha.

> 6. "E há um homem que era dela quero dizer que estava mais estreitamente ligado a ela e ouço três nomes um é John e outro nome estranho que soa como Silas (Não, não conheço o nome.) Silas Soa como Silas Pierce creio que está certo e também G Geor (Eor [soletrado] parece ser.) [Pausa] George [Lápis pousado. Murmura. Controlador Sunbeam.] Espere um minuto. Espere um minuto. (Tudo bem.)"

W.: Havia precisamente três homens que Susan via diariamente: dois, o seu pai e o seu tio, na mesma casa, e um irmão na casa diagonalmente oposta, do outro lado da estrada. Mas nem um nome dado está correto.

O nome de um deles começava por Jo, mas não era "John". O nome "Silas" não é anunciado como certo, mas como "outro nome estranho que soa como Silas". Apesar da minha admissão de que não

conhecia o nome, a impressão de que Silas estava correto aprofundou-se. Na verdade, outro dos três homens da família tinha de facto um nome estranho que soa um pouco a Silas, tendo as mesmas vogais, o mesmo número de letras e sílabas. O nome era Hiram. Mas não havia nenhum "Pierce" ligado a ele. "Susie", do outro lado da estrada, tinha um irmão Percy, o único Percy que conheci na minha infância. Seria um salto selvagem do Hiram para o seu neto, mas é um pouco estranho que houvesse naquele grupo familiar de duas casas próximas uma da outra um nome tão raro e tão parecido com "Pierce". Nenhum dos homens se chamava "George" ou algo parecido; de facto, o nome do terceiro adulto masculino era Roscoe, que não tem qualquer semelhança auditiva.2

2 Alguns leitores poderão não achar Hiram um nome "estranho". Numa lista de 3.020 nomes próprios reconhecidos conforme surgem no *Who's Who* (195 diferentes), recuando os nascimentos dos seus proprietários até 1820, Hiram ocorre apenas 5 vezes, tal como Silas ocorre 5 vezes.

7. "Alguma vez teve um professor chamado George?"

W.: Isto pode ser considerado como uma indicação de que o "George" não pretendia referir-se a um dos elementos do grupo familiar, ou como uma mudança devida ao facto de eu não ter reconhecido o nome (embora eu tivesse expressamente repudiado "Silas" sem que este fosse abandonado), ou como um voo do pensamento para um George de quem o suposto comunicador por trás de Sunbeam se lembrasse. O nome é demasiado comum para ter mais do que um valor muito ligeiro, mas quando eu tinha dezasseis anos os meus pais conheceram e conversaram com um professor então interessado em mim cujo nome era George.

8. Segue-se uma passagem muito longa apenas inteligível por gestos indicando direções e posições relativas, definidas por notas tomadas e pelas minhas interpretações no momento. Tudo pode ser resumido a uma medida curta. "Quero voltar ao lugar onde se subiria a colina" para "observar ao longe" o "campo mesmo ao meu redor". "Vou lá acima, não por uma estrada, mas através de um lugar onde pode haver trilhos,

mas não estradas reais." De facto, havia apenas trilhos de vacas para a colina.

Estando na colina, mas com a maior parte dela à sua frente, e um pouco à sua direita, Sunbeam visualizou "uma estrada de terra" que levava a um "grupo de edifícios" à sua esquerda onde "vivia alguém que eu conhecia bastante bem", enquanto a "vila" ou "lugar" estaria "lá atrás" [apontando com o polegar para trás dela]. Também à sua esquerda algo que "se parece muito com um pequeno riacho... O riacho parece serpentear, não em frente àqueles edifícios, mas de alguma forma por trás deles, não creio que eles [presumivelmente os moradores dos "edifícios"] estejam no riacho, mas creio que conseguem ver o riacho.

3 Na mesma lista de 3.020 nomes, Percy é o que mais se assemelha a Pierce, e ocorre apenas uma vez. Com base nisto, a probabilidade de qualquer um dos três adultos do sexo masculino e três crianças do sexo masculino ter um nome tão próximo de "Pierce" como Percy era de 1 em 503, ou, permitindo três nomes do meio, 1 em 335. Contando com Percival (encontrado uma vez na lista de 3.020), a probabilidade é de 1 em 167.

Não pretendo dignificar, colocando no corpo do texto, qualquer discussão sobre a possibilidade remota de "George" ter resultado de um esforço para obter "Roscoe". Mas devemos lembrar que os psíquicos afirmam obter as suas impressões de nomes, por vezes auditivamente e por vezes visualmente. E em algum lugar — não consigo agora localizar a passagem — uma psíquica, ao tentar obter um nome, disse que via letras a flutuar e a mudar de posição. "George" não tem semelhança auditiva com "Roscoe", mas cada um tem seis letras, e três destas, r, o e e, são as mesmas. Limito-me a observar que mesmo tal semelhança está matematicamente para além da expectativa. Dos 195 nomes próprios masculinos "reconhecidos" ou padrão na minha lista, apenas 32 têm pelo menos três letras em comum com "George", enquanto dois têm quatro. Naturalmente, se qualquer nome contém um g ou um e duas vezes, como em "George", cada um conta. A expectativa casual é, portanto, de 1 em 5. Medindo pelos nomes dos homens e rapazes na vizinhança da casa de Roscoe, em todas as direções até onde me lembro deles sem saltar uma casa,

havia uma expectativa casual naquela vizinhança particular de cerca de 1 em 10 de o nome dele ter três letras também encontradas em "George". Isto não é um argumento, mas um facto.

Parece quase algo como um lago, um lago ou uma lagoa, mas isso é para aqui" [apontando para a esquerda]. Aqui, em resposta a perguntas, ela indicou que os edifícios estavam à direita do riacho, ou seja, mais perto da colina. Depois recorreu novamente à pequena lagoa. "Parece uma pequena lagoa ou água, não suficientemente grande para um lago, pequeno espaço aberto de água e nem sempre está lá. Às vezes está seca e às vezes não está lá... uma água pequena. Às vezes podiam ir à pesca ou patinar, mas é ali ao lado" [apontando para a sua esquerda]. Houve aqui uma tentativa de fazer um esboço das localizações, permanecendo a médium de olhos fechados. "Não creio que consiga ver o rio. Penso que consegue ver a colina, mas creio que é meio plana, não muito profunda." As últimas frases são obscuras quanto ao significado.

W.: O facto era que, estando no cimo da colina, como parecia ser indicado, havia naquela altura e a partir daquele ponto um grupo de edifícios visível, habitado por um vizinho, e claro que lá se chegava por uma estrada, que era então "uma estrada de terra". Para lá dos edifícios estava um ribeiro que atravessava a estrada, o qual, após passar os edifícios para norte, "serpenteava", ou seja, dava uma volta decidida. Os edifícios não ficavam no ribeiro, mas este estava claramente à vista deles.

O ribeiro, após cruzar a estrada por uma manilha, corria, algumas varas adiante, para uma lagoa artificial muito pequena, criada por uma represa numa tentativa de cultivar oxicocos [*cranberries*]. Havia alturas em que o ribeiro secava quase ou totalmente, com efeitos correspondentes na pequena "lagoa". Duvido que a colina fosse totalmente visível da lagoa, mas não tenho a certeza, e Sunbeam também não tinha. A água era seguramente "não muito profunda". Não há em lugar algum qualquer indicação de que a "vila" fosse visível da colina, e não era. A sua direção relativa foi corretamente indicada. O esboço feito em transe acrescentou um novo detalhe verdadeiro — a pequena lagoa ficava no outro lado da estrada em

relação aos edifícios. Mas o ribeiro foi colocado a norte dos edifícios, em vez de a oeste, como era.

Além disso, duas exceções devem ser apontadas. Embora houvesse patinagem na pequena lagoa, não havia pesca. Além disso, se "Não creio que consiga ver o rio" se refere ao "ribeiro" antes mencionado, conseguia-se vê-lo, visto que corria para a lagoa, e o ribeiro não era um rio. Se, no entanto, se refere ao único rio na vila, então a afirmação está correta.

Pode ser que muitos leitores pensem, sem muita ponderação, que a combinação de detalhes dados, relativamente à "colina", que nesta e noutras sessões tinha sido definitivamente localizada numa pastagem algures atrás da casa do meu pai, era extremamente provável de se ajustar por acaso. Está longe de ser esse o caso. Experimentei a combinação do ponto de vista de todas as quintas situadas num raio de meia ou um quarto de milha da nossa e ela não se ajusta a nenhuma delas nas suas características principais, quer com ou sem referência aos detalhes menores, um ou dois dos quais descobrimos estarem errados.

Nem se ajustará a qualquer ponto na nossa quinta exceto àquela colina. A uma curta distância para norte dela, nenhuns edifícios à esquerda seriam visíveis, estando tapados por arbustos. Um pouco para sul e dois conjuntos de edifícios seriam visíveis. Tivesse Sunbeam localizado a lagoa à direita, nenhuma poderia ter sido encontrada. Tivesse ela localizado o ribeiro à direita, um poderia ter sido encontrado, mas não para lá de quaisquer edifícios, em qualquer sentido, mas sim mais perto da colina do que qualquer outro.

9. Duas linhas após a referência a um "rio" começa uma passagem que soa como uma confusão desta "lagoa" com a represa do moinho, formada por uma barragem no rio, na "vila" ou aldeia a uma milha de distância em linha reta, uma milha e meia por estrada. Diretamente a seguir surge o anúncio: "aqui atrás é onde vamos [apontando para trás dela, onde já tinha indicado que a "vila" ficava], podemos voltar aqui e encontrar comércio e coisas a acontecer." Talvez o anúncio devesse ter vindo um pouco antes, antes da passagem sobre um lugar onde

há um moinho e se patina e onde no verão a água por vezes fica "baixa para que se possa andar nas rochas". Seguindo o anúncio, diz-se que o lugar não é "exatamente uma vila, mas um pequeno centro". Todos estes detalhes eram verdadeiros, bem como outros detalhes que são demasiado familiares em relação a lagoas e rios para contar.

10. Deste ponto até ao fim, cinco páginas, tudo está em contraste com as partes descritivas do que estava na nossa quinta ou localizado respetivamente à nossa colina, isto é, tudo daqui em diante é confusão e fantasmagoria. Mas estas cinco páginas não são para mim menos interessantes e, num certo sentido, valiosas, pois confrontam-nos com duas questões. 1. Por que razão houve uma mudança tão súbita? e 2. Por que razão o material alterado é desta natureza particular? Para a primeira não tenho resposta pronta, exceto remeter para a explicação frequente dos psíquicos de que a "energia" se esgota. Se, como é razoável supor, o comunicador ou o que quer que produza material evidencial requer e consome energia, é perfeitamente razoável supor que, quando a energia necessária está num nível baixo, o produto seja menos fiável.

Agora para a segunda questão. Misturada nas últimas cinco páginas com o que parecem ser lampejos de factos de tempos antigos (mas que, se estivessem isolados, poderiam ser meros acertos casuais), está uma imagética que, no próprio cenário que já fora pintado, o de uma região rural com um "pequeno centro", nem sequer "exatamente uma vila", é muito improvável. Sem qualquer indicação mínima de uma mudança de cenário, surge a imagem de algo, "perto da ponte", como "uma grande torre arredondada... parece quase um edifício público e como se subisse de forma redonda — oh, até uma pequena ponta, e subindo em secções.

Não é como a *State House* [Parlamento Estadual] aqui, mas com essa forma, mas sobe como se tivesse secções a subir até uma ponta... parece um edifício governamental, algo a ver com os assuntos da vila e perto dele está a estação de correios — sabe o que quero dizer? (Sim, conhecia a estação de correios.) Essa é uma cidade suja? (Eu

não lhe chamaria isso.) Sabe por que pergunto? Vejo algo que parece um edifício muito antigo e parece granito muito velho e sujo", etc.

O interesse peculiar de tal passagem encontra-se em relação ao tagarelar descuidado de alguns dos nossos amigos, que podem ser tanto eruditos como cautelosos dentro dos seus próprios campos de investigação, mas são ingénuos e precipitados quando olham para isto. Afastados da posição de que o que encontramos em muitos destes registos é apenas o que se poderia esperar pelo acaso, eles imaginarão que através de vários tipos de trabalho de detetive, juntamente com inferências astutas, a Sra. Soule foi capaz de obter tantos factos, por exemplo, sobre mim. Eles apontarão que em obras como o *Who's Who* é possível descobrir que sou natural de um município muito pequeno e que, consequentemente, a probabilidade de eu ter nascido numa quinta era muito grande. Até aí, concedido. Mas qualquer teoria deve ser consistente consigo mesma.

Assumindo por um momento que ela é uma respigadora de dados infatigavelmente astuta e bem-sucedida a fim de se preparar para as minhas experiências, por que razão, em nome do senso comum, transformaria ela subitamente a pequena aldeia que forma o centro de Detroit numa "cidade", e por que imaginaria ela uma coisa tão improvável ali como uma estrutura "como um edifício governamental", com "uma grande torre arredondada" que "sobe como se tivesse secções a subir até uma ponta", e que é assim impedida de ser comparável à cúpula da *State House* em Boston?

Qualquer atlas comum mostrar-lhe-ia que a aldeia tem uma população de apenas algumas centenas de pessoas. Em tal atlas ela poderia descobrir em quinze minutos que não há uma vila num raio de catorze milhas de Detroit que tenha uma população de 2.500 habitantes e que fosse suscetível de ser uma "cidade" ou de conter qualquer edifício governamental com torre ou cúpula, ou qualquer edifício governamental de todo que não fosse uma modesta estação de correios.

Tudo o que ela precisava de fazer era ter o atlas e dedicar-lhe alguns minutos na sua própria casa, e teria sido poupada de proferir tais contradições e improbabilidades. A contradição entre "cidade" e

"não exatamente uma vila, mas um pequeno centro" está no próprio texto desta sessão. A improbabilidade de existir qualquer edifício desse tipo num tal "pequeno centro" está no mesmo texto. Esta passagem é representativa daquelas que mostram que o que vem não é o produto de arte, preparação e astúcia, mas é o resultado de um processo subconsciente válido de qualquer caráter que seja. Uma pessoa astuta e ardilosa não falaria subitamente como uma débil mental, o que certamente seria se dissesse "cidade" e "edifício governamental" com uma "grande torre arredondada" em relação ao lugar da minha infância.

Tenho um conhecimento considerável das capacidades e limitações do trabalho de detetive, e fiz muito dele, de uma forma ou de outra. E sei que, genericamente falando, os tipos de factos que são mais difíceis de obter sobre outra pessoa nascida em algum lugar remoto são precisamente aqueles que surgiram em maior abundância e correção nesta série, e que os tipos de factos que podem ser obtida com facilidade e segurança através de averiguações são aqueles que estão mais confusos e menos corretos nesta série. Deixe-me ilustrar a diferença e a razão pela qual a categoria de factos declarada com mais precisão é aquela mais difícil de obter em massa.

É certo que a Sra. Soule não faz ela própria viagens distantes para respigar factos sobre os seus muitos participantes. É igualmente patente que, se ela empregasse detetives, precisaria de muitas vezes o seu modesto estipêndio para lhes pagar. Dos seus participantes recentes, um nasceu duzentas milhas para leste, outro vem de seiscentas milhas do oeste, outro do outro lado do mar. Todos tiveram razões para ficar impressionados quase desde o início. Houve outros que, após uma série de sessões, embora as suas casas ficassem a menos de vinte milhas, não tiveram razão nenhuma para ficar impressionados.

Se houvesse apenas um participante em cinquenta que obtivesse resultados fortemente evidenciais, poderíamos prudentemente supor que a Sra. Soule calhou encontrar alguma pessoa que conhecesse o participante e extraísse informações dessa pessoa. Mas supor que ela calhou encontrar alguém que me conhecesse a mim e à minha gente e coisas íntimas da quinta e da casa (mesmo isto é absurdo, pois posso

nomear cada pessoa viva que tenha qualquer conhecimento de muitos desses factos), e que também calhou encontrar alguém que conhecesse todo o tipo de factos sobre a minha falecida esposa, incluindo muitos detalhes da sua última doença que eram, de facto, apenas conhecidos por mim e pela minha filha, e talvez pela enfermeira, e que também calhou encontrar alguém que conhecesse uma variedade de detalhes sobre a casa de infância de Theodosia em Pittsburgh, e assim por diante, seria ridículo.

O último recurso, então, genericamente falando, seria a Sra. Soule escrever, ou pedir a outra pessoa que escrevesse cartas a pedir informações. Que tipo de informações poderia ela obter com sucesso e sem ser descoberta, através deste método? Precisamente os tipos que são mais escassa e vagamente ou incorretamente dados neste registo. Que tipos seria impossível obter por este método, ou pelo menos sem que chegasse ao conhecimento muito em breve que tais averiguações tinham sido feitas? Precisamente os tipos que são mais abundantes, claros e precisos neste registo. Agora, alguns exemplos.

Médiuns fraudulentos, que eu saiba, agem como o senso comum os inclinaria a agir: fazem uso do *Who's Who* e de fontes óbvias semelhantes. Um olhar basta para mostrar que, na minha adolescência, frequentei o *Maine Wesleyan Seminary*. Tudo o que seria necessário para dar uma descrição dos edifícios ali existentes seria pedir um catálogo da escola que conteria fotografias dos edifícios. A sua própria arquitetura tornaria razoavelmente seguro quais eram os mais antigos. De qualquer forma, poderia ser inventada uma desculpa para perguntar às autoridades escolares quais estavam de pé na data indicada no *Who's Who*.

Seria usado um nome fictício, mas a pessoa que respondesse à pergunta ficaria satisfeita com a desculpa dada e não pensaria mais nisso. Da mesma forma, poderia aprender-se com facilidade quem era o diretor da escola, os nomes de alguns outros professores, etc. Mas na comunicação que parecia estar a tentar descrever os arredores da minha escola, havia pouco que fosse reconhecível, e nenhum nome de um professor foi dado correta e totalmente.

Por outro lado, se alguém desejasse saber o nome do homem em cuja casa fiquei enquanto frequentava essa escola, a sua profissão, a sua descrição, as suas características e outros detalhes, certamente fracassaria. Não resta lá uma alma que lá estivesse quando frequentei a escola, provavelmente nenhuma alma conheceu o homem, o meu tio. Tal averiguação não poderia ser feita por falta de qualquer outra pista, exceto com a menção do meu nome. A resposta seria que não havia registo dos factos, ou alguém poderia lembrar-se de que o nome é o de um assinante da revista da escola que não visito há trinta anos, e a resposta seria aconselhar a consultar-me no endereço anexo.

Suponhamos que eu era um médium fraudulento, John Brown, que queria construir um bom caso para um tal W. F. Prince em relação à sua terra natal, que, como descobri facilmente, era Detroit, no Maine. Há muitas coisas que eu poderia preparar-me para dizer e que impressionariam W. F. P., se este fosse suficientemente simplório. Através de um atlas poderia descobrir quais eram as vilas vizinhas e a sua população. Pela consulta de um atlas muito antigo, poderia afirmar com sentimento o declínio da pobre Detroit e a tendência ascendente da adjacente Pittsfield. Na biblioteca pública poderia pesquisar a geologia da região.

Numa história do estado poderiam encontrar-se algumas referências interessantes a acontecimentos próximos. Muito provavelmente eu poderia encontrar, aqui mesmo em Boston, um daqueles velhos manuais publicados anualmente pelo Estado, e até um publicado quando W. F. P. era rapaz. Isto daria uma variedade de factos sobre a vila, incluindo os nomes dos funcionários municipais, a denominação da igreja local, etc., na altura. Com assiduidade, eu poderia desenterrar um velho mapa de parede do Estado, que mostraria os contornos de Detroit e daria os nomes de várias colinas nas suas fronteiras.

Mas todas essas fontes forneceriam factos que caem dentro de certas categorias limitadas e, por o fazerem, qualquer W. F. P. minimamente astuto, através da análise, logo descobriria esse facto, tornar-se-ia suspeito e, se continuassem a ser tão limitados exceto por proferimentos explicáveis de outra forma, chegaria a uma conclusão adversa quanto ao seu valor, precisamente como um investigador com

essas iniciais fez no caso de uma "médium" que outrora causou sensação, e cujos factos, na medida em que eram factos, eram quase todos detetáveis em livros disponíveis e fontes semelhantes. Como John Brown, o médium, eu poderia dirigir averiguações ao chefe dos correios e ao clérigo, mas estas também teriam de estar dentro de limites cuidadosamente circunscritos. No momento em que escrevo uma única pergunta que aponte para W. F. P., ou para os seus parentes, ou para a quinta onde nasceu, o segredo começa a ser revelado. Posso pedir a outra pessoa que escreva e sob um nome fictício — não faz diferença. É um lugar pequeno, e toda a gente conhece toda a gente. O irmão de W. F. P. vive perto da estação de correios e conhece o clérigo.

No prazo de dois dias após o chefe dos correios ou o clérigo saberem que um estranho, por alguma razão, está a escrever para fazer perguntas sobre W. F. P., ou sobre qualquer dos parentes de W. F. P., ou sobre qualquer coisa da sua antiga casa ou quinta ou qualquer dos seus assuntos, o irmão sabe-o. Se for perguntado algo de pessoal e íntimo, o irmão recusa-se a responder a menos que o estranho explique por que está a perguntar, e W. F. P. é informado de que uma pessoa desconhecida está a fazer perguntas estranhas e suspeitas, e o segredo é revelado.

Qualquer W. F. P. de astúcia comum instruiria, em tal caso, o seu irmão para responder a algumas perguntas corretamente, a outras erroneamente, e para fornecer cópias das suas respostas, e observaria então as reações no meu trabalho mediúnico (de John Brown) e condenar-me-ia facilmente. Não poderia acontecer de outra forma.

Mas são precisamente aqueles factos que não estão no *Who's Who,* em atlas, manuais do Estado e afins, que na sua maioria não constam de registo em lugar algum — factos de uma vizinhança, de uma quinta, de uma casa e do seu interior, de uma família e do seu grupo íntimo e experiências individuais, localizados na pequena Detroit e absolutamente impraticáveis de aprender por cartas ou quaisquer outros métodos de detetive disponíveis — que surgem nestas sessões de forma mais abundante, inequívoca e precisa.

Tomemos a única história de Stephen, que considero uma das melhores peças de evidência neste livro. Por mais pungentes e indeléveis que os factos tenham sido para a minha sensível alma de rapaz, não é provável que tenham deixado qualquer impressão duradoura em mais ninguém a não ser em mim, nos meus pais em menor medida e, talvez, no próprio Stephen. Para os vizinhos, foi apenas um entre mil incidentes ocorridos ao longo dos anos, e todos estão mortos, exceto alguns que eram então jovens. É praticamente inconcebível que algo disso pudesse ter sido ouvido por acaso. Muitos dos detalhes, tais como os da minha entrevista privada com o meu pai, e as minhas reações interiores e os seus efeitos duradouros na minha memória e sentimentos, poderiam ter sido contados por ninguém vivo a não ser eu próprio, visto que só eu os conhecia. E se os detalhes desconhecidos para mim, embora detalhados, adequados em caráter e ajustados na sua estrutura, forem verdadeiros, a história completa só poderia ter sido contada pelo meu próprio pai, falecido anos antes da sessão.

18 DE NOVEMBRO DE 1925, 11:20-12:25

(O SÓTÃO, A CASA, A APANHA DE FAGÁCEAS, ETC.)

Presentes: W. F. P. e Sra. Guinan (Secretária). Respostas por W. F. P. Registo apresentado na íntegra, exceto pela última passagem numerada que, sendo longa, é apresentada na sua essência.

1. "Aqui estamos mais uma vez (Sim.) com o mesmo desejo de avançar cautelosamente e dar todo o detalhe possível Há ainda várias coisas para serem dadas que podem acrescentar ao registo claro Agora escreverei sobre uma arca muito antiga que se parece com uma daquelas arcas antigas baixas de couro castanho [*hair trunks*] com tachas de cabeça de latão à volta É-me mostrada pelo seu avô e esteve durante muito tempo num lugar muito escuro como um sótão antigo ou um armário superior Esteve na família durante anos e mostra sinais de muito uso e com esta imagem vem uma cena de viagem em diligência e uma viagem algo distante para aqueles dias Está absolutamente vazia mas creio que foi guardada com algumas

relíquias antigas de outros dias e as outras coisas são um pouco mais pequenas "

W.: Lembro-me de uma "arca baixa de couro castanho" (ver item 3 do registo de 7 de Outubro) na qual estavam a letra inicial do primeiro nome do meu avô materno e o apelido completo dele, creio, formados com tachas de cabeça de latão. Não me recordo de como eram as outras tachas. Esta arca era, na minha infância precoce, provavelmente guardada no sótão do meu avô, na casa diagonalmente oposta à minha própria casa. Eu brincava com muita frequência nesse sótão, antes de essa ala da casa ter sido demolida quando eu tinha talvez doze anos. Não me consigo recordar distintamente de onde vi a arca, mas penso que deve ter sido ali. Não havia sótão na minha própria casa. A "viagem algo distante" e a "viagem em diligência" são inteligíveis dado o facto de o meu avô ter servido na Assembleia Legislativa num período em que não havia caminho-de-ferro e ele tinha de viajar em diligência. A minha mãe contou-me uma vez que a arca fora comprada para esta ocasião. A viagem, de quarenta e cinco milhas, era bastante "distante para aqueles dias".

Havia muitos objetos no sótão que, enquanto rapaz pequeno, eu gostava de examinar e entre os quais brincava, mas consigo lembrar-me de muito poucos individualmente. 2. "E um é uma lanterna muito antiga que não era de todo como aquelas com que você e eu estávamos familiarizados (Como era? Veja se consegue descrevê-la.) Parece que queimava um óleo antigo que era usado com pavios redondos parecidos com cordas mas eram puxados para cima à mão creio pois vejo-o pegar num pau e trabalhar neles e ouço a palavra baleia (Bem, isso recuaria a muito tempo atrás.) espere é mais óleo de baleia óleo bruto"

W. Lembro-me distintamente de uma lanterna antiga, vinda de um período anterior, feita de folha de Flandres perfurada com buracos, mas apenas em ligação com a sua destruição, e os seus restos jazendo no chão num local que eu poderia localizar hoje. A lanterna deve ter sido guardada em algum lugar, e o sótão era um lugar tão provável como qualquer outro. Pertencia, naturalmente, ao período do óleo de baleia, mas se se queimava óleo de baleia ou uma vela nesta lanterna, não sei.

3. "Há também algo que pertenceu a um soldado que está perto destas coisas e alguns jornais muito antigos que parecem jornais de Nova Iorque [últimas duas palavras escritas com hesitação] que foram guardados porque tinham notícias sobre a guerra creio que esta é a Guerra Civil (Sim.) pois a roupa é como alguma que vi azul mas um tipo de azul claro muito mais claro do que o usado agora e há uma capa no casaco ou peça de vestuário e claro os botões de latão A arca e a lanterna e as roupas não pertencem todas ao mesmo período (Sim, compreendo.) mas foram guardadas com outras coisas como relíquias de família suponho"

W.: Havia pilhas de jornais no sótão. Lembro-me destes porque li desde a minha mais remota recordação. Não me recordo do que havia lá em termos de vestuário. O meu tio, cuja família habitava a parte principal da casa, não era um soldado de infantaria, mas serviu num dos navios de guerra do Almirante Farragut no final da Guerra Civil. Que uniforme ele usava, não sei.

4. "(Não vê o que é o jornal de Nova Iorque, pois não? Não tente.) Parece uma palavra mais longa do que *Sun*, mas eu pensei naturalmente no *New York Sun* (Sim.) Espere, creio que consigo obtê-lo (Sim. Por que pensou naturalmente no *Sun*? Não importa.) *Tribune* (Creio que tem razão.) Sim, creio que sim; pensei naturalmente no *Sun* porque não estou tão familiarizado com o outro e estou bastante familiarizado com o *Sun* (Quer dizer que você, que está a comunicar agora, está mais familiarizado com o *Sun*?) Sim (E não é uma daquelas pessoas?) Não (Compreendo.)" W.: A minha memória informa-me com certeza de que, quando eu era tão jovem como oito e dez anos, o meu avô e o meu tio assinavam o *New York Tribune*. Que este era assinado durante a Guerra Civil, soube-o desde a sessão ao ler uma série de cartas antigas pela primeira vez. Numa escrita por esse avô para esse tio, a 31 de março de 1865, o primeiro propõe enviar ao segundo, então na marinha, um *Tribune* "de vez em quando", e numa carta de 15 de maio de 1865, ele diz: "Vejo-o afirmado no *Tribune*."

O comunicador ("controlador?") nesta altura, que professa estar mais familiarizado com o *Sun* do que com o *Tribune*, parece dizer que ele, ou ela, não era daquele grupo familiar. Mas é estranho que, durante todo o período em que estive familiarizado com as leituras feitas naquela casa, apenas dois jornais de Nova Iorque foram assinados: primeiro o *Tribune* e, mais tarde, o *Sun*. A minha estimativa seria de que eu teria cerca de doze anos quando a troca foi feita.

Desde que escrevi o que precede, descobri que a imagem de um novo edifício do *Tribune* de que me lembro apareceu na edição de 10 de abril de 1875, pouco antes do meu décimo segundo aniversário. Portanto, o *Tribune* ainda estava a ser assinado.

5. "O *New York Tribune* com muitas notícias de guerra era passado entre os vizinhos e falado pela sua gente, que estava tão interessada devido a ligações pessoais (Isso está correto.) e era costume guardar os jornais e não os cortar como (Isso seria recuar demasiado para eu saber algo sobre essa parte.)"

W.: Eu quis dizer que a Guerra Civil era algo demasiado recuado para eu me lembrar do que se fazia então. Mas os jornais estavam a ser trocados pela família do meu pai, pela do meu tio e por outra em 1870 e daí em diante, e não tenho dúvidas de que isso era feito durante a guerra. Havia "ligações pessoais" e laços de sangue entre as famílias.

6. "Sim, mas devo dizer-lhe conforme vejo (Está perfeitamente certo.) e parece haver uma recordação sua de ir às coisas velhas de vez em quando (Sim, está certo.) e de as examinar com um interesse juvenil no que tinha existido anos antes de si (Sim.)"

W.: Eu examinei tudo naquele sótão, certamente, e debrucei-me sobre tudo o que encontrei para ler. Creio que nenhuma das outras crianças o fez.

7. "É apenas um passo agora para uma sala no andar de baixo onde havia alguns tapetes que foram feitos num tear [*frame*], creio eu, e depois retirados e colocados no chão sobre carpetes ou no chão nu, conforme acontecia, mas estou a olhar para um tapete que foi feito dessa maneira mas era um desenho

de algo que o tornava uma espécie de quadro Não vejo claramente se é um cavalo ou um cão mas não são flores (Bem, não me conseguiria lembrar agora do que era.) embora houvesse alguns com flores (Sim, creio que isso está certo.)

Este parece ser uma obra-prima de trabalho de tapete caseiro e, embora pudéssemos não ligar tanto a ele nós próprios (Eu ligaria.), era um orgulho e deleite para a família Creio que é um cão deitado ou antes sentado Há muitas coisas caseiras por todo o lado e o espírito é de criadores de lares e sinto-me tentado a dizer-lhe que o mesmo espírito continua com os seus entes mais queridos agora mas isso é algo que poderá inferir por estas memórias e quadros do passado "

W.: Lembro-me de que havia "trabalho de tapetes caseiros" na casa do sótão, mas não tenho a mínima recordação do desenho de nenhuns tapetes, visto que nunca prestei muita atenção nem a tais coisas nem ao vestuário. Lembro-me também de ver as minhas parentes femininas a "puxar" [*hooking*] tapetes num "tear". Alguns tinham algum tipo de padrão floral.

Mas uma prima, a Menina Mabel F. Graves, diz-me que na sua infância, digamos em 1876, um dos tapetes ali tinha um cão trabalhado nele, o cão deitado, como é afirmado primeiro no texto, e não sentado, como corrigido. Uma carta escrita cerca de 1866 pela irmã da minha mãe, que vivia então na antiga casa, diz: "A mãe e eu temos estado a fazer tapetes de gancho." Naturalmente, esta era uma prática comum no campo naquele período.

8. "Lembra-se da grande porta da frente? Estou a escrever sobre ela em distinção à porta lateral que era mais comummente usada (Sim, lembro-me.) Não vê ['Oh, pá.'] na sua memória um grande trinco? Creio que não é de latão mas faz bastante barulho quando é usado (É a porta da frente que vê?) Creio que é numa porta que era branca mas com aspeto de porcelana estalada Creio que não é a porta da frente mas não tenho a certeza ainda Há vidraças de vidro na lateral (Oh, acho que sei que porta quer dizer, então.) e abre para um átrio ou entrada e há vários trincos mais pequenos lá dentro" W. É

verdade que a "grande porta da frente" da casa com o sótão era "branca" e "estalada" e tinha "vidraças na lateral".

A afirmação não teria sido verdadeira se se referisse à minha própria casa. Mas parece que, no ato de fazer a "distinção à porta lateral", as duas se misturaram na imagem, com a resultante incerteza de que se tratava da porta da frente. Pois era a porta lateral que levava ao quarto dos meus avós na "ala" [*ell*] que tinha o "grande trinco", que "não era de latão mas faz bastante barulho quando é usado". Bem me lembro desse grande trinco de ferro a matraquear. E nesta ala havia vários "trincos mais pequenos lá dentro".

9. "E a casa inteira está perfumada com maçãs"

W.: As maçãs eram uma grande característica de ambas as habitações, especialmente na época em que eram preparadas para secar.

10. "E oh sim quero referir-me a um degrau de porta e a uma pedra de porta (Sim, creio que poderá ter havido uma. Foi há muito tempo.) Sabe de uma grande pedra de porta plana numa porta de trás ou lateral mas o degrau da porta era largo e belo Parece que dizia entre [Murmura e depois diz: 'Espere um minuto.'] (Tudo bem.) Havia um raspador de porta para os pés (Quase me parece que havia, mas não posso ter a certeza.) um pequeno utensílio de ferro para raspar a lama (Não há forma de dizer agora. Ninguém consegue dizer essas coisas de há muito tempo — não esses detalhes particulares.)"

W.: Não me consigo lembrar se havia ou não tal pedra e tal raspador como os descritos, embora um raspador de ferro figure algures nas minhas recordações de infância.

11. "Muito bem, vou passar para a próxima cena Sabe alguma coisa sobre nozes (Sim.) ligadas ao irmão (Não, não sei.) Ele sugeriu-me a palavra (Bem, continue com isso. Há coisas que poderia significar para mim.) e há algumas nozes pequenas em grandes ouriços com cascas castanhas muito brilhantes (Sei o que se quer dizer. Reconheço-as.) que são difíceis de tirar mas boas para comer (Eu não teria dito que eram

difíceis de tirar se forem a mesma coisa em que estou a pensar.) são b bee (B-e-e parece ser.) [Oral: 'Não consigo.'] *beech nuts* [fagáceas/fruto da faia] (Sim, são. Agora, se ele soubesse de onde vinham — se pudesse descrever isso.

Reconheço as *beech-nuts*.) Parece ser um lugar especial onde ia (Era.) apanhar *beech nuts* (Ia.) e o difícil de tirar significava minucioso mais do que difícil pois são pequenas mas doces (São.) É num dia como este que a apanha de *beech nuts* é boa. [Um dia limpo e agradável.] (Sim.) Era uma caminhada. Apenas à espera mas a imagem vem Partimos dois saltos de cada vez creio através de uma estrada ou espaço aberto e por uma espécie de clareira e até a um lugar onde há imensas árvores nem todas iguais (Está certo.) mas há um tufo de faias e depois para lá [N. R.] depois para lá outro tufo com uma grande onde há um grande espaço aberto por baixo dela onde são colhidas "

W.: A apanha de *beech-nuts* é uma recordação vívida da minha infância. Era "um lugar especial" onde eu ia; tanto quanto eu sabia, elas cresciam apenas num lugar nas redondezas. Havia duas formas de lá chegar. Uma era ir para leste pela estrada pública, virar para norte numa estrada privada e depois para leste um pouco onde as árvores tinham sido desbravadas em anos recentes. A outra forma era atravessar um campo, cruzar a estrada privada e prosseguir como antes pela "clareira" até às faias, que ficavam na orla mais próxima de um bosque, isoladas e em tufos, intercaladas com outras árvores, como afirmado. A distância total não era superior a um quarto de milha.

A descrição no texto parece muito semelhante aos factos. Mas por que razão deveria o meu irmão, que morreu quando tinha dois anos e meio, estar "ligado" a esta cena? Lembro-me de o levar comigo a uma distância considerável da casa, ele parte do tempo a caminhar e parte do tempo sendo carregado por mim. Não me recordo disso, mas é muito provável que eu o possa ter levado numa excursão de apanha de *beech-nuts*. Se assim foi, recordar-se-ia ele? Isso, nenhum homem vivo o pode dizer. Lembro-me vividamente de ver, como uma novidade maravilhosa, ervilhas na vagem, no que estou convencido ter

sido o meu terceiro ano. O deslumbramento do seu aspeto e especialmente do seu odor revive ainda na minha memória.

Todas as minhas recordações mais remotas são de algo que para uma mente adulta seria trivial: colher dentes-de-leão no relvado e levá-los orgulhosamente à minha mãe; ser ensinado a colar algumas flores brilhantes cortadas de uma cortina de papel verde de uma janela num livro, imitando a minha irmã que estava a fazer um álbum de recortes; o momento triunfante em que consegui pela primeira vez abotoar eu próprio uma certa peça de vestuário, etc.

Se alguém sobrevive à morte física aos dois anos e meio de idade, em pleno fluxo de experiências que, embora triviais, são novas e emocionantes para a mente que desabrocha, é psicologicamente bastante plausível que tais recordações passem e perdurem indefinidamente.

> 12. "E há um outro tipo de noz que ocasionalmente se encontra mas parece tão diferente Hich *Hickory* (Não, não *Hickory*.) Penso em *Hickory* embora não tenha a certeza É castanha (Não.) [Murmura.] (Melhor não tentar se não vier.) [Controlador Sunbeam fala.] Eu sei o que é. Eu sei. *Butter*! (Bem, havia *butternuts* algures na vizinhança.) *Butter nut*. Sim senhor. Gosta delas? (Razoavelmente.)"

W.: Note-se que não é dito que o outro tipo de noz crescesse na vizinhança das faias. Note-se também a persistência em dizer, após a minha negação, "Penso em *Hickory* embora não tenha a certeza." Note-se ainda que, após a resposta negativa à pergunta "É castanha?", vem a positividade da afirmação: "Eu sei o que é. Eu sei. *Butter*." De facto, as *butternuts* [nozes-manteiga] cresciam na vizinhança noutra direção e eram por vezes trazidas para nossa casa. No entanto, os dois nomes errados que precedem o correto deixam pouca evidencialidade ao último. 13.

Finalmente surge uma referência a um "grande cão preto" com "pelo ondulado". Eu reneguei o cão, mas "Sunbeam" persistiu em que este cão costumava vir à nossa propriedade e assustar "toda a gente". Eu disse: "Não, ele meteu-se no quadro errado", mas "Sunbeam" disse: "Sabe de alguma coisa chamada Major? Soa como Major", e eu

novamente reneguei o cão. "Bem, ponha aí de qualquer maneira..." "Não consigo obter mais nada com isso... Vejo este cão grande e pelo preto..." Eu disse: "Não, não sei nada sobre isso", e "Sunbeam" disse que talvez não fosse um cão, mas tinha pelo preto comprido. W.:

Considerando o facto de que a vasta maioria das experiências de uma pessoa e das coisas que ouviu nos seus primeiros anos não podem ser recuperadas pela sua memória em anos posteriores, fui precipitado ao repudiar o cão. Sei que não tínhamos um, mas como sei eu que um grande cão preto, talvez quando eu estava na escola, não entrou no quintal e assustou o meu irmão pequeno que ali brincava, fazendo com que a minha mãe ou irmã saíssem para o enxotar, com alguma aparência de trepidação? Como posso saber que tal imagem não seria vívida e desagradável para a criança enquanto vivesse, e depois, se o seu espírito sobrevive? Nunca esquecerei uma experiência muito precoce minha que consistiu em lutar contra um galo pugnaz com uma ripa de madeira. O meu pai ficou ao lado e riu-se a bom rir, mas as minhas próprias sensações devem ter sido muito parecidas com as do soldado que "avança na frente de batalha", e a imagem ainda está na memória. Lidando de forma justa com a hipótese espiritista, não tenho o direito de negar o cão, embora não o possa reconhecer.

Mas aquele nome "Major" — uma criança tão pequena notá-lo-ia e recordá-lo-ia? Partindo primeiro do princípio de que os nomes são a parte mais incerta do trabalho da Sra. Soule, respondo: Por que não? Interrogo novamente a minha própria memória, já que não posso penetrar na memória de outros. Eu era uma criança muito pequena quando nasceu um certo pinto, tão diminuto que lhe chamámos *Tiny* [Pequenino], e o *Tiny* cresceu até ser uma galinha muito grande e mimada. Muitas galinhas, gatos, vacas e porcos na propriedade foram batizados depois disso, mas não me lembro de nenhum dos seus nomes — apenas dos de vários cavalos e do "*Tiny*" dos meus primeiros anos.

Se o participante fosse capaz de verificar, a partir das suas próprias recordações, cada afirmação da psíquica, haveria poucas dúvidas de que a telepatia a partir dele seria a explicação. Se as afirmações provêm das recordações de outra mentalidade, não se poderia esperar que a memória do participante coincidisse sempre

com essas recordações. Admitindo a sobrevivência, se estimarmos a probabilidade de alguém que morreu no seu terceiro ano recordar experiências terrenas pela nossa própria probabilidade de recordar dessa idade, estamos a tatear no nevoeiro, pois não temos meios de saber nada sobre isso.

24 DE NOVEMBRO DE 1925, 11:25-12:40

(RELATIVO À VIDA PRECOCE DE W. F. P.)

Presentes: W. F. P. (Participante) e Sra. G. (Secretária). Respostas por W. F. P.

A maior parte desta sessão é confusa, não identificável ou incorreta. Uma tentativa de descrever a relação dos edifícios com a pastagem e algumas macieiras corresponde bastante bem. Um esforço para me fazer lembrar de algum animal de estimação, pensado mas não afirmado como sendo um cão, morto por acidente e enterrado perto das macieiras, não teve sucesso. Não houve nenhum cão de que me recorde, embora tivesse havido um anteriormente. A afirmação de que um moinho era visível da casa está errada.

A afirmação de que, na altura da matança do porco, o porco era pendurado num alpendre onde havia um banco e uma janela no canto está correta (a janela era numa porta). Mas creio que não havia nenhuma árvore que "roçasse contra a janela". O "algo [que] cresce nessa árvore, parece ou cerejas ou pêssegos. Se forem pêssegos são terrivelmente pequenos, como pequenos tipos duros" poderia referir-se às pequenas maçãs-caranguejo de face rosada que cresciam lá fora, mas não perto da porta. A menção de algo sobre o banco "para pesar

coisas", "algo que sai como um braço", seriam as balanças de braço [*steelyards*], que costumavam estar ali penduradas. "Muitas coisas ali dentro" está correto. O que mais é dito até certo ponto é demasiado vago no seu significado para valer a pena mencionar. A partir deste ponto, o registo encontra-se em "A História de Stephen".

A HISTÓRIA DE STEPHEN

24 de Novembro de 1925, W. F. P., Participante

1. "Conhece alguém chamado Stephen? (Sim, conheço o nome.) Não. Quero dizer naquela ligação, naquele lugar. (Não, não em ligação com o edifício.) [referindo-se à minha casa de infância] Quero dizer naquela altura da vida, nesse período da vida, havia lá um Stephen? (Quer dizer na vizinhança?) Sim. (Sim.) Bem, é isso que quero dizer — alguém que eles conheciam — não na família. E ele parece ser um bom homem, mas eu quereria sempre dizer que ele sabe tudo e quer saber tudo — esse tipo de homem, sabe? (Sim.) Sabe? (Sim, sei o que quer dizer. Poderia ser assim em relação a ele — não sei.) Parece que não estou a conseguir obter."

Lembro-me de apenas um "Stephen". O meu "sim" formal a "ele parece ser um bom homem" não impediu o relato posterior de algo que não foi bom na sua conduta. Ele era uma pessoa presunçosa e bisbilhoteira. 2. "Não creio que ele seja uma pessoa importante. Apenas alguém que entra e diz qualquer coisa e ninguém presta atenção ao que ele diria porque ele falava e falava e não resultava em nada, não era um grande homem mentalmente. (Não, não era.) Parecia-me apenas como — bem, ele não é um idiota, mas não é um grande homem em nenhum sentido — apenas um Stephen da vizinhança — sabe o que quero dizer? Toda a gente sabia dele.

1 O nome Stephen é substituído pelo que consta no guião, que é o correto para a pessoa de quem me lembro na minha infância. São de raridade quase igual: "Stephen" ocorre 8 vezes, e o nome real 7 vezes numa lista de 3.200 nomes "próprios" padrão conforme surgem no *Who's Who* (195 nomes diferentes). Falavam dele e riam-se como se ele dissesse isto e aquilo e ele levava-se sempre muito a sério. Ele não

se ri, mas os outros sim. Ele era de certa forma sério e o que ele dizia pensaria que todo o movimento do universo dependia do que ele dizia e ele usava palavras grandes, por vezes usava-as onde não pertenciam e por vezes onde pertenciam e você ficaria surpreendido.

Por vezes ele metia a palavra no pior lugar como observações que ele faria quase com um sorriso, não um escárnio. Ao mesmo tempo ele era tão sério que provocava um sorriso, não um escárnio. Ele não era assim tão mau. Ele fazia uma coisa boa de vez em quando pelas pessoas, mas creio que era de certa forma preguiçoso. Parecia ter altos e baixos — trabalhava bastante bem durante um tempo e depois nada. Ele não era rico. Era apenas o tipo de homem que era uma personagem e é por isso que ele é mencionado, porque era uma personagem que não se encontra frequentemente."

Esta é realmente uma afirmação que se ajusta de forma notável. Este Stephen não era decididamente uma pessoa importante. Poucos prestavam atenção séria ao que ele dizia, embora pudesse ser bastante volúvel. Ele "não era um grande homem mentalmente" e ao mesmo tempo "não era um idiota". Toda a gente num raio de milhas o conhecia, pelo menos de vista, e "falavam dele e riam-se". Creio que nenhuma outra pessoa num raio de milhas de minha casa em qualquer direção provocava tantos sorrisos. É provável que ele não tivesse consciência disso, pois levava-se muito a sério. Ele conseguia, quando queria produzir uma impressão, elaborar um discurso bastante digno, usando "palavras grandes" e frases pomposas, e por vezes o seu sucesso na linguagem pomposa e outras vezes os erros devidos à sua densa ignorância evocavam sorrisos.

"Ele não era assim tão mau", ou seja, não cometia ofensas flagrantes fora de casa, embora fosse capaz de proferimentos ditados por malícia mesquinha e gostasse de tiranizar a sua pequena esposa, que o desprezava. E no entanto "ele fazia uma coisa boa de vez em quando pelas pessoas". Por exemplo, depois de a sua esposa e filhos o terem deixado permanentemente, ele enviava voluntariamente dinheiro para eles com regularidade, dos seus pequenos ganhos. Ele era lento e pachorrento, e provavelmente "de certa forma preguiçoso", ou pelo menos faltava-lhe energia. Vivia de biscates, pelo que "trabalhava bastante bem durante um tempo e depois nada" é verdade.

Ele decididamente "não era rico". Ele "era uma personagem", e uma que Dickens poderia ter utilizado.

3. "(De quem está a obter a informação?) Parece ser do seu pai, porque ele está aqui mesmo parado e queria contar algumas coisas e pensou nele em ligação. (Pergunto-me se ele não conseguiria pensar em algo especial em ligação com ele.) Sim. Creio que ele provavelmente está a encaminhar-se para isso. Ele pareceu escolhê-lo como alguém facilmente identificado, mas sabe, quando eu disse que podíamos olhar pela janela e ver o porco pendurado ali, seria tal e qual esse Stephen chegar-se como se lhe pertencesse. Não o faz por maldade, mas parece que tinha o nariz em tudo."

"Tinha o nariz em tudo" é, creio eu, uma expressão exagerada. Mas Stephen não tinha maneiras.

4. A insinuação de que Stephen se tornou religioso no fim da vida não tenho forma de testar. O meu pai poderá ter sabido do seu último período, mas eu não. O corolário implícito de que ele não tinha sido religioso é correto para o período em que o conheci.

5. "Sabe alguma coisa sobre as roupas que ele usava? (Sei.) Não eram roupas velhas engraçadas? (Eram.) Porque parece que ele poderia ter uma bota que subia com as calças lá dentro e poderia ter uma para baixo e outra para cima — sem diferença para ele — enfiar uma perna das calças na bota e a outra de qualquer maneira — parecia sempre o diabo [*old Harry*], o rosto e tudo. Ele era uma coisa velha e suja. Não creio que alguma vez tenha tomado um banho na vida. (Duvido que tenha tomado.) As mãos pareciam tal e qual como se ele fizesse isto [em vez de as lavar bem, apenas as esfrega uma na outra uma vez]

6. Ele parece assim tão sujo — coisa velha — e se alguém lhe dissesse alguma coisa sobre isso ele passaria a mão pelo cabelo e rir-se-ia de certa forma. Ele não era tonto e no entanto parecia tonto quando fazia coisas assim. E quanto a chapéus! — ele usava chapéus por vezes que estavam todos

amachucados para lá de qualquer reconhecimento do que eram. Podia vê-lo a subir a estrada e conhecia-o pelo andar. (Isso é verdade.)

Podia distingui-lo quase de tão longe quanto o pudesse ver. (Podia.) Ele não está aqui. Não creio que ele esteja nesta sala. (Não.) Mas o seu pai está a mostrar a imagem conforme se lembra dela e ao fazê-lo diz que não encontraria outro como ele em cem milhas. Ele era distintivo, por isso é que o trouxe. Eu não o vi. Não sei para que parte do universo ele foi — ele está a imaginá-lo."

Isto parece uma descrição fiel da aparência do homem. Ele era, creio eu, mais maltrapilho do que qualquer outra pessoa que eu costumasse ver na minha infância; ele de facto "parecia o diabo". Era sujo, nas roupas, no rosto e nas mãos, e duvido que tomasse banhos. O seu chapéu era uma das marcas mais notórias, "amachucado para lá de qualquer reconhecimento" do que fora, não apenas "por vezes" mas sempre, tanto quanto recordo. "Podia vê-lo a subir a estrada e conhecia-o pelo andar." Sim, de facto! Era uma espécie de balanço lento. "Podia distingui-lo quase de tão longe quanto o pudesse ver", pelo seu andar ou pelo seu chapéu. Muitas e muitas vezes alguém da minha família, olhando pela janela, reconhecia Stephen quando ele não passava de um ponto ao fundo da estrada, e ficávamos a vê-lo passar, fazendo comentários divertidos sobre o seu chapéu, o seu andar lento e gingão e a sua aparência geral. Se, como afirmado, o meu pai trouxe uma imagem dele porque "ele era distintivo", fez uma boa escolha, pois ninguém na região era mais distintivo. Caso nenhum nome tivesse sido dado, eu não poderia ter hesitado em dizer: "Isto descreve Stephen M, e mais ninguém."

No final da sessão eu disse: "(Gostaria que o pai pensasse se se lembra de algum incidente especial em ligação com algum elemento da nossa família e o Stephen que tenha acontecido há muito tempo. Se ele se lembra de algum incidente especial — não necessariamente agora, mas em qualquer altura.) Creio que é melhor esperar até amanhã. [. . . . . .]"

3 DE DEZEMBRO DE 1925, W. F. P., PARTICIPANTE

6. “[.....] Estou a olhar para uma imagem do pai e de várias pessoas paradas perto dele e um ar de profunda preocupação está no seu rosto, mas é em ligação com um daqueles que lhe é chegado e um assunto que não foi do seu agrado e no entanto não foi culpa daquele que é chegado mas creio que tem algo a ver com o espírito chamado Stephen (Ora, se pudesse obter isso. Estou a pensar em algo desse género, mas não sei se é o mesmo que ele tem em mente ou não.) cujo cujo nome foi dado um dia e com este incidente em mente pois houve poucos incidentes tão intensos enquanto duraram como aquele que ele deseja recordar. O Stephen era uma pessoa meio irresponsável e no entanto era suficientemente responsável para que parecesse à pessoa referida que ele deveria sofrer algo que lhe desse a compreensão do seu ato e sem qualquer demora houve uma espécie de revolta e perturbação e antes que alguém soubesse do que se tratava tudo tinha passado, tudo exceto a resolução do assunto pelo pai. Houve palavras e contradições e algo que foi muito mais contundente, mas no fundo do coração do pai havia uma compreensão da provocação e da retaliação, mas nenhum sinal disso pôde ser mostrado por ele até mais tarde no conselho de família (Creio que está tudo bem até agora. Se pudesse ser dado de forma mais definida.) Teve de ser deixado como estava mas o castigo foi deixado para ser tratado mais tarde Houve alguns sorrisos e um meio sentimento de alegria por ter sido feito mas a dignidade deve ser mantida Foi uma história frequentemente repetida em dias posteriores Espere apenas um momento (Tudo bem.) pois vejo mais alguns detalhes "

O incidente que tenho em mente, e o único de que me lembro que me colocou em qualquer relação especial com Stephen, foi um que certamente trouxe "um ar de profunda preocupação" ao rosto do pai; foi "em ligação com um daqueles que lhe é chegado", "não foi culpa daquele que é chegado", teve "algo a ver" com Stephen, foi o "seu ato", e foi um incidente "intenso", pelo menos para o que lhe era chegado, que sentiu que ele (Stephen) deveria sofrer algo que lhe

desse a compreensão do seu ato (isto é, que o que ele acusava não era verdade sobre a pessoa acusada e que, se algum rapaz fosse culpado, ele deveria ter sido menos apressado na sua identificação). Houve "uma espécie de revolta e perturbação" e depois "tudo tinha passado, exceto a resolução do assunto pelo pai" — não houve repercussões.

Mas não sei nada sobre "pai e várias pessoas juntas" e duvido desta imagem. Tudo o que alguma vez soube foi da entrevista de Stephen com o pai. No entanto, ele pode recordar-se de alguma entrevista associada com várias pessoas com a qual nunca estive familiarizado — como posso negá-lo? Tão-pouco sei de um "conselho de família" e, no entanto, o assunto pode ter sido discutido na família imediatamente após a entrevista e antes de eu ser trazido para a cena. Houve um "castigo" que veio mais tarde. O pai tinha um sentimento distinto de que "a dignidade deve ser mantida", mas ele amava os seus filhos e, sem dúvida, ficou contente quando tudo acabou. Duvido que "tenha sido uma história frequentemente repetida em dias posteriores", embora tenha falado com o pai sobre isso anos mais tarde e contado a história à minha esposa e ao meu irmão mais novo. Os meus pais podem ter falado sobre o assunto.

Aqui será melhor eu contar a história, para que a linguagem do guião possa ser avaliada pelo leitor à medida que avança.

Eu tinha cerca de dez anos quando, uma tarde, o meu pai veio à escola do distrito onde eu estava, chamou-me e levou-me para casa na sua charrete. Ele nunca teria aparelhado o cavalo para percorrer aquela distância, por isso talvez ele tivesse estado em algum lugar e feito averiguações com várias pessoas presentes. Enquanto partíamos para casa, ele perguntou bruscamente se eu não tinha juízo para ser atrevido com as pessoas e atirar-lhes pedras. Comecei a protestar que não o tinha feito, quando ele me interrompeu e disse que Stephen tinha ido ter com ele enquanto ele trabalhava a rachar uma rocha no campo e me acusara de ser o líder de rapazes que lhe chamavam epítetos injuriosos e atiravam pedras na sua direção. Lembro-me distintamente de uma das frases de Stephen, repetida mais tarde à minha mãe na minha presença: "Estou espantado que um homem da sua posição na comunidade tenha um rapaz que é atrevido."

À pergunta sobre por que razão eu tinha sido culpado de tal conduta, respondi que não me lembrava de o ter feito. "Claro que te lembrarias", foi a resposta natural do meu pai a isto. No entanto, ele não conseguiu obter qualquer confissão de mim, apenas reiterações de "Não me lembro de o fazer; se o fiz, não me consigo lembrar de nada sobre isso". O pai, a princípio, tomou isto como equivalente a uma confissão e, no entanto, eu estava a fazer o meu melhor para expressar o estado confuso da minha mente. Parecia-me, por um lado, incrível que uma pessoa adulta me acusasse e outra, o meu próprio pai, estivesse segura da verdade da acusação, a menos que houvesse algum fundamento para isso.

Por outro lado, eu não tinha a mínima recordação de "ser atrevido" com Stephen ou de o ameaçar com pedras. Mais tarde tive a certeza de que nunca fizera nenhuma das duas coisas, mas na altura o meu cérebro estava em confusão, perguntando-me se eu poderia ter-me comportado assim e esquecido tudo. Qual era a minha aparência exterior, não sei, mas toda a minha alma estava afrontada com a indignidade e injustiça de uma acusação que eu era, contudo, impotente para negar totalmente. O pai pôs-me a trabalhar a "apanhar pedras" num campo e eu continuei até ele vir buscar-me ao cair da noite — se ele não tivesse vindo, eu provavelmente teria permanecido ali toda a noite. Na manhã seguinte, ele perguntou-me se eu me absteria de ser "atrevido" com as pessoas se ele me deixasse ir à escola novamente. Respondi "sim", e nem mais uma palavra, nem que eu me recorde o assunto voltou a ser mencionado entre nós até cerca de dez anos mais tarde, quando o meu irmão mais novo caiu sob suspeita do pai devido a uma resposta quase idêntica à minha.

Quando ouvi a resposta: "Claro que te lembras", recordei o antigo incidente ao pai, disse que tinha agora a certeza de que nunca maltratara Stephen e acrescentei, em substância: "O incidente está a repetir-se. Tu apareceste tão convencido de que o H o tinha feito que ele está perturbado, como eu estive. Estou confiante, pelo meu próprio caso, de que ele não se lembra porque nunca o fez."

O facto de eu ter sido arrancado da escola excitou a curiosidade dos outros alunos, Stephen vangloriou-se do seu feito com o pai, e fui atormentado pelos rapazes quando regressei; não tenho dúvidas de que

a vizinhança ecoou com a história. Mantive silêncio tanto na escola como em casa, e provavelmente não foi até o incidente ligado ao meu irmão ocorrer que o pai percebeu quão profunda impressão tinha sido feita na minha memória. Recordo-me de apenas um outro incidente, para além de uma morte, durante os meus primeiros quinze anos, que tenha ultrajado, ferido e marcado tão permanentemente a minha consciência.

7. "(Bom. Quero saber ao que se referia o incidente e a quem. Continue.) Foi em ligação com algo que tinha sido ou dito ou feito por Stephen (Sim.) e feito de uma forma muito imperdoável (Sim, está certo até agora.) e uma pessoa mais jovem ressentiu-se do insulto ou calúnia ou o que quer que (Tudo bem até agora. Agora, se pudesse obter ao que essa calúnia se referia.) tenha sido e ressentiu-se com alguma veemência e não podia retratar-se e não foi obrigada a fazê-lo "

A minha narrativa confirma estas afirmações. O meu ressentimento foi primeiro expresso "com alguma veemência", depois acalmou numa reiteração obstinada de "Não me lembro de o fazer". Note-se as palavras verdadeiras "não podia retratar-se, e não foi obrigada a fazê-lo".

8. "Houve um assunto que tinha ocorrido antes que estava perfeitamente certo mas o Stephen mentiu (Sim.) pois ouço as palavras repetidamente Stephen mentiu Stephen mentiu e ele sabia que mentia (Tudo correto até agora.) e todos os outros sabiam e o defensor não era aquele sobre quem se mentia creio mas estava no grupo pois houve uma acusação que o incluía e todo o assunto foi algo heroico mas o pai tendeu mais para o ponto da irresponsabilidade mas o rapaz não permitiu que esse argumento prevalecesse"

Tenho poucas dúvidas de que Stephen "mentiu e sabia que mentia". É possível que alguns rapazes o tenham agredido da maneira descrita. Havia naquele período um sentimento contra mim por parte de vários rapazes porque se supunha que eu era o favorito do professor, e os pais puseram-se de certa forma contra toda a nossa família durante algum tempo. Foi uma confusão estranha. Creio que

Stephen viu a sua oportunidade de me implicar. Se "todos os outros [exceto o pai?] sabiam" que Stephen mentia, não posso dizer, mas dificilmente vejo como a sua palavra poderia ir longe. O que é dito sobre o pai insistir na irresponsabilidade de Stephen e a reação do rapaz não está correto, que eu me recorde.

9. "Não houve uma ameaça uma ameaça velada no que Stephen disse (Pode ter havido.) Parece que ele estava mal-humorado (Sim.) e disse que se acontecesse outra vez ele faria algo (Quase certamente faria, mas eu não saberia exatamente. Mas ele provavelmente fê-lo.) que causaria angústia para a sua gente e ele realmente podia ser perigoso pois tinha mau génio quando ficava perturbado "

Não sei, mas quase certamente Stephen faria "uma ameaça velada". Ele não era corajoso exceto na sua própria casa, e dificilmente seria uma ameaça aberta. Vi-o decididamente "mal-humorado" na sua família, e ele era capaz de explodir em mau génio.

10. "(Sim. Quero dizer algo quando puder. Mas continue.) Tinha sido feito algo que provocou toda esta zaragata (Sim.) uso a palavra deliberadamente (Sim.) pois causou agitação [médium murmura] entre os amigos e vizinhos e toda a gente estava contra o homem mau e no entanto o insulto feriu por um momento o seu pai disse Bem o que é que disseste O que é que disseste (Sim, está certo.) e o rapaz disse Eu neguei (Algo próximo disso. Isso não é exatamente correto.) A ideia é a mesma talvez a mentira tenha sido dita ali mesmo mas houve alguma batalha real sabe sobre isso (Eu não usaria esse termo.) uma espécie de arrastar (Não. Depende de com quem era a batalha. Poderia ser usado.) de pés e um desejo de lutar contra o adversário que um jovem poderia ter e depois uma maneira orgulhosa e desdenhosa que dizia claramente Eu disse a verdade mas ele mentiu e o pai acreditou no jovem (Certo disso?) após um pouco de questionamento e algum refrear da opinião e uma grande batalha na mente do jovem (Sim.)"

Certamente o meu pai me perguntou o que eu dissera a Stephen, se não lhe tinha chamado este e aquele nome, como acusado. "O rapaz

disse: 'Eu neguei'", está misturado. O rapaz fez, a princípio, uma negação absoluta e, daí em diante, negou recordar-se de quaisquer atos como os acusados. O que se segue é de interpretação obscura. Se o rapaz (eu próprio) "arrastou os pés", não faço ideia, mas sentiu-se amargamente ressentido e, após os primeiros minutos seguintes à audição da acusação, caiu num silêncio amargo ao qual, sem dúvida, as palavras "maneira orgulhosa e desdenhosa" se aplicariam. A minha resposta ao comunicador, "Certo disso?", pode ter levado a alguma evasiva, ou o que se seguiu pode não ter sofrido influência dela. Houve "uma grande batalha na mente do jovem", mais intensa e prolongada do que a ocasião parecia exigir, mas não expressa após a primeira.

> 11. "Foi isso que doeu tanto (O quê?) A atitude do pai (Sim.) pois o jovem desejava que o seu pai soubesse a verdade e acreditasse nele (Sim.) O seu espírito estava em rebelião e ele nunca pensou no incidente desde então sem um sentimento de injustiça momentânea cometida contra ele compreende (Sim.) Foi há muito tempo mas o ácido do mal feito àquele jovem por aquele Stephen meio desenvolvido corroeu a paz de espírito do rapaz e se o pai teve um propósito ao mencionar algo sobre Stephen foi para tornar correta e segura a absolvição da sua própria atitude naquela altura (Deixe-me fazer uma pergunta quando chegar a altura.) Apenas um momento (Tudo bem.)"

Cada frase aqui referente ao passado é fiel, palavra por palavra, e com toda a ênfase da fraseologia. A linguagem não poderia ajustar-se mais corretamente.

> 12. "O pai estava tão avesso à ideia de dar crédito indevido ao que era seu e à condenação fácil do verdadeiro culpado que exagerou no julgamento e viu em pouco tempo depois do seu erro mas a mesma maneira quase obstinada que fez o rapaz manter a sua afirmação estava no pai e ele foi lento a reconhecer mas ficou tudo bem no fim (Sim, compreendo perfeitamente.")"

Creio que o termo "maneira obstinada" se adequava ao meu comportamento naquela altura. É verdade que o pai tinha um toque da

mesma tendência, ou provavelmente era a sua aversão da Nova Inglaterra a mostrar emoção. Não sei se ele, em pouco tempo, pensou que tinha cometido um "erro", embora seja provável que possa ter chegado a duvidar que eu fosse o culpado; mas enquanto eu parecesse ter esquecido o incidente, ele provavelmente teria deixado o assunto repousar.

> 13. "E a mãe creio que foi a mãe foi uma mulher que deu um toque de segurança ao rapaz Estranho como um assunto de há tanto tempo deixou tal marca em todos vós (É verdade.)" A mãe era quem me confortava em tempos difíceis, mais pela maneira de ser e pequenos atos especiais de bondade do que por qualquer coisa em particular que dissesse.
>
> 14. "E se eu mandasse teria esse Stephen de joelhos a pedir desculpa hoje pois a sua própria vida foi o seu castigo (Sim, está certo, creio eu.) e o tempo encarrega-se de tais injustiças"

Como eu disse, a sua própria família abandonou-o mais tarde; e ele levou uma existência solitária.

> 15. "Muitas vezes deu-lhe uma perspetiva sobre algumas situações e um certo poder de reter julgamentos até que todos os lados tenham sido ouvidos você deveria ter sido Juiz (Bem, por que diz isso sobre mim?) Isto está tão estreitamente identificado consigo que quase parece uma experiência pessoal [médium murmura] você experimentou-a (Isso é uma afirmação?) sim (Tudo bem, irei reconhecê-lo.)"

Creio que é perfeitamente possível que a experiência me tenha influenciado psicologicamente da maneira afirmada. Não foi até esta passagem que o controlador pareceu perceber que o rapaz era eu próprio. Dificilmente creio que algo que eu tenha dito em resposta fosse tal que não pudesse ter vindo aptamente de um irmão do rapaz, mas disso o leitor poderá decidir.

No final da sessão, perguntei ao "Pai" para me dizer mais tarde onde ele estava quando soube da "calúnia" proferida por Stephen, onde eu estava naquele momento, e onde nos encontrámos mais tarde naquele dia.

8 de Dezembro de 1925, W. F. P., Participante

16. O "Pai" começa por dizer: "Fiquei contente por a mensagem te ter chegado sobre o Stephen, e quero contar o resto da história assim que puder", depois acrescentou: "Sou frequentemente lembrado de alguma experiência com os meus filhos por algo que vejo que fez parte de uma cena há muito esquecida. Quero escrever sobre a escola." Depois surge uma referência à "reunião da vila", "eleições e isso incluía a escola" e a observação de que os seus esforços de comunicação lhe parecem como estar "em patins ranhosos e gelo escorregadio". Ele derivou então para o seu interesse em estradas, e enfatizou o seu interesse em "estradas e escolas". De facto, creio que estes dois assuntos dos negócios da vila eram os que mais o interessavam.

Depois o controlador, "Jennie P.", assumiu o comando e referiu-se a uma "vassoura ou escova de aspeto estranho que é aparentemente feita em casa com algo como ramos", insinuou que era "uma vassoura de cicuta" [*hemlock broom*], e observou: "O que exatamente tinha a ver com o assunto das escolas, não sei... É grande e grosseira e parece ser usada para varrer algum lugar, talvez a escola." Na altura do incidente de Stephen ou antes, o pai começou a fazer vassouras de ramos de cicuta. Durante algum tempo estas foram usadas na nossa casa (não mais do que dois ou três anos, no máximo) e tenho quase a certeza de que uma foi experimentada na escola, provavelmente quando o pai era o agente do distrito ou dava alojamento à professora. As vassouras levaram a uma referência passageira a uma "asa de peru" para "limpar a lareira". Lembro-me de algumas asas grandes dadas à mãe quando eu era muito jovem, e usadas para esse fim. Geralmente usávamos asas de galinha. Depois veio uma afirmação, vaga exceto pela última frase:

17. "O pai tem agora algo a dizer sobre si É sobre um lugar onde você estava numa altura em que ele estava aborrecido e não era longe e no entanto você pareceu vir como se tivesse estado fora com um propósito e provavelmente tivesse estado ausente por um pouco de tempo pois embora fosse

esperado não se sabia exatamente quando viria mas não houve uma surpresa muito grande mas houve uma grande perturbação da sua parte creio que isto faz tudo parte do assunto com Stephen pois ele tem um forte desejo de terminar esse episódio e dá-lo por encerrado Ele desejava fazê-lo ele próprio e talvez ainda o faça mas se eu puder ajudar ajudarei [murmura. Pausa na escrita.]

Sabe alguma coisa sobre algo destruído ou [últimas quatro palavras escritas muito lentamente como que pensativamente] [pausa] não está bem É algum dano de algum tipo creio que o deixarei tentar novamente JP [Lápis pousado e um novo entregue. O comunicador muda e a escrita é lenta novamente.] Tentarei mais uma vez pois quero que veja que estou contente por falar sobre as coisas como se tivesse perdido completamente o primeiro sentimento que tive quando Stephen contou a história pois agora vejo como nunca antes como uma falsa acusação pode causar tanta dor que não será esquecida após quarenta [última palavra escrita muito, muito lentamente] anos"

Eu tinha dado a informação de que estava noutro lugar quando Stephen falou com o pai. Agora "Jennie P" diz que o lugar "não era longe"; correto, ficava a cerca de meia milha de distância. As duas cláusulas seguintes não são significativas. "Não se sabia exatamente quando viria" é sem importância, embora verdadeiro, pois eu por vezes demorava-me depois da escola para brincar ou deambular. "Grande perturbação da sua parte" já tínhamos tido. "Algo destruído ou não está bem — é dano de algum tipo", é ambíguo. Se for interpretado como um artigo danificado, não conheço correspondência. A acusação danificou os meus sentimentos e o pai sentiu que danificou a reputação da sua família — é apenas possível que fosse isso que se estivesse a tentar alcançar. É verdade, medido pela minha experiência, que "uma falsa acusação pode causar tanta dor que não será esquecida após quarenta anos". Não consigo pensar nessa acusação agora sem que algum do sentimento infantil de horror aflore. Mas a passagem não dá qualquer pista de que o pai se encontrou comigo na escola e falou comigo na estrada de regresso a casa.

E, no entanto, há uma aparência curiosa no texto entre a primeira menção de um desejo de contar o resto da história sobre Stephen e a longa passagem citada, como se ele estivesse a tentar fazer precisamente isso. Será mera coincidência que ele diga, após anunciar esta intenção: "alguma experiência com os meus filhos" e "Quero escrever sobre a escola"? Derivando para "eleições", o tópico apropriado para uma resposta à minha pergunta que terminou a sessão anterior parece ser novamente visado em "e isso incluía a escola". Depois vieram "estradas" e "estradas e escolas". Depois a menção de uma vassoura de cicuta provoca em "Jennie P" a observação "o que exatamente tinha a ver com o assunto das escolas, não sei", mas tinha, e parece ser mais um vislumbre de uma ideia associada à deriva na corrente.

A Jennie P parece pensar que a vassoura teve de facto algo a ver com uma escola, e sugere o que a minha memória me informa ser o facto; uma vassoura, da minha casa, foi ali usada. Portanto temos "escola", "escola", "escola", "escola" e "estradas", "estradas". Não é inteiramente fantasioso sugerir que talvez alguns meros fragmentos de uma imagem pretendida estivessem a passar, e talvez Jennie P possa ter estado a um passo de conseguir juntar os fragmentos e anunciar: "Ele está a tentar dizer-lhe que se encontrou consigo na escola e falou consigo ao longo da estrada."

Escola, estrada e discussão de conduta estão todos em germe na passagem: "Havia a questão das estradas e ele tinha ideias claras do que deveria ser feito sobre as coisas, e creio que era estradas e escolas."

9 DE DEZEMBRO DE 1925, W. F. P., PARTICIPANTE

[...] O meu pai era ainda o pretenso comunicador, dizendo: "Não desejo confundir as memórias com os sentimentos dos dias seguintes pois não seria uma imagem verdadeira do passado, mas se não perderem a paciência eu vencerei", e depois, após algumas observações sobre pessoas do outro lado que ele tinha consultado, disse:

18. "É algo de que não podias fugir, e não fugiste, embora creia que houve uma sugestão de tal coisa."

Não sei nada sobre isto, mas não o posso negar. Um irmão mais velho tinha "fugido" uma ou duas vezes, e poderia ser que a minha mãe, que estava sempre a temer desastres, tivesse instado o meu pai a ir buscar-me, para que eu não soubesse da acusação, então supostamente verdadeira, e fugisse ou não viesse para casa nessa noite.

19. "Mas quando voltaste e negaste tê-lo feito e o — eu estava quase a escrever evidência mas não houve evidência Foi apenas uma acusação e dependia da verdade do acusador (Está certo.) e do acusado ou do acusado quero dizer pois tu tinhas tanto direito a que acreditassem em ti como ele O problema foi que eu não conseguia ver por que razão o Stephen inventaria tal história do nada [*out of whole cloth*] (Está correto.)"

Eu, a princípio, neguei tê-lo feito e persisti em negar que tivesse qualquer memória de o fazer. É correto que a acusação dependia apenas da palavra de Stephen, pelo menos nunca ouvi dizer que tivesse sido fornecida qualquer outra prova.

20. "E mesmo agora é um quebra-cabeças para mim ver por que razão ele o faria (Não me admira que seja.) pois tu nunca lhe tinhas feito mal nenhum (Certo.) nem a nenhum outro vizinho Parece que ele deve ter imaginado que tinha uma queixa mas mesmo isso [suspiro profundo] não o explica "

"Por que razão ele o faria" é algo que só tenho sido capaz de conjeturar incertamente. É verdade que eu nunca lhe tinha feito mal nenhum nem a nenhum outro vizinho. Não me consigo lembrar de outra instância de um vizinho se queixar da minha conduta. Quando se recorda o gosto com que Thomas Bailey Aldrich, o Juiz Shute e outros relatam como se tornaram estorvos gerais na juventude precoce, a pessoa sente-se quase envergonhada por ter sido um rapaz tão manso, mas isso serve de evidência.

21. "E se eu preciso de te pedir desculpa, filho, tenho apenas isto a dizer: que (Agora espere um momento enquanto ajusto o papel.) eu fiquei estupefacto e não vi totalmente a

injustiça de sequer te questionar sobre isso (Bem, está tudo bem agora. Não guardo nada contra ti.) [médium murmura] Sim, mas estou surpreendido com o meu próprio estado de espírito "

A linguagem é singularmente apropriada. Não teria havido "necessidade de pedir desculpa", se isso tivesse sido feito em vida, mas nunca o foi. Não tenho conhecimento de que o pai tenha sentido o seu erro profundamente, mas ele soube-o, pelo menos quando eu lho contei, cerca de dez anos após o facto, e tenho a certeza de que deve ter refletido sobre isso. Quando a acusação foi feita contra mim, o pai ficou certamente "estupefacto". A observação sobre a "injustiça" é inteligível à luz do facto de que ele devia saber que eu nunca lhe tinha mentido anteriormente.

22. "Mas nunca o considerámos vicioso (Certo.) apenas o considerámos irresponsável e talvez estranho mas um grande mal poderia ter sido feito"

Verdade, "nunca o tínhamos considerado vicioso", mas sim um trapalhão ignorante e decididamente "estranho".

23. "Lembras-te de o ver [médium suspira] por vezes a esgueirar-se pelo campo em direção a casa? (À casa de quem — à dele ou à nossa?) À dele (Não, não me lembro disso.) Bem, eu lembro, mas ele tinha aquela maneira de se esgueirar fosse para que lado fosse "

Geralmente ele ia para casa pela estrada, mas havia alturas em que o seu trabalho ficava numa direção que tornava conveniente atravessar o nosso campo à vista da casa. Eu não usaria a palavra "esgueirar-se" [*slinking*], mas ele não tinha uma maneira de caminhar firme e decidida. A minha resposta errada, baseada na impressão errónea de que se implicava a proximidade da casa dele, não provocou qualquer recuo.

24. "Quero recordar se puder algumas das palavras que ele usou [frases sobre as dificuldades de comunicação e a esperança de sucesso neste esforço particular omitidas] O problema foi que era algo que tu tinhas feito (Sim, correto até aqui.) que era um mal ou suposto dano para ele (Correto até aqui.) e a coisa não foi feita por ninguém, apenas imaginada,

creio, pois (Não tenho bem a certeza eu próprio. Pode ter sido.) parecia não haver razão para ninguém o ter feito propositadamente, não apenas tu, mas mais ninguém o teria feito, creio agora, e não houve prova então nem nunca de que qualquer t [rabisco e depois riscado] nenhuma invasão [*trespass*] [médium murmura: 'Espere um minuto. Espere um minuto.'] (Sim.) Foi perto do sítio dele (Não é no que estou a pensar.) [...]"

Posteriormente reconheci que não tenho a mínima segurança se o dano a Stephen era suposto ter acontecido perto da casa dele ou não. A minha recordação é de que não fiz uma única pergunta, mas soube apenas o que o pai calhou mencionar. Tenho uma ideia vaga de que se supunha ter ocorrido na estrada ou perto dela, algures.

25. "Continuarei até conseguir transmitir, mas o suposto ferimento foi como se alguém tivesse atirado ou feito algo contra ele enquanto ele fazia outra coisa e, ao fazer esforço para se levantar, ele soube quem o fizera (Bem, o lançamento de pedras fazia parte disso, é melhor admiti-lo.) sim, eu praticamente disse isso enquanto não estavas a ler [O Dr. P. tinha saído da sala após 'ferimento foi' e a Sra. Guinan leu o guião até ele regressar] (Bem, foi por isso que o admiti. Li-o depois.) mas houve palavras e risos (Sim.) e fuga, mas não parecia seres tu (Espera um momento. [A ajustar o papel.] Tudo bem agora.) mesmo que feito por brincadeira (Não, não era feitio meu. Admito-o.) mas havia outra razão pela qual não podias ter sido tu, pois estavas [a médium suspira] noutro lugar e isso contaste-me depois (Não me admiraria. Pelo menos não me lembro de estar lá.) Não estavas perto do local e creio que ele seguiu aos tropeções e imaginou o resto, mas estava furioso como uma lebre de Março (Sim.) e se estivesse sozinho contigo creio que teria havido uma zaragata [Oral: 'Oh, credo. Espera um minuto. Espera um minuto. Ele largou.'] (Quem largou?) [Mudança para controlador oral "Número Dois"] O homem. (Oh, talvez ele se agarre outra vez.)"

W.: Quando regressei à sala, li apressadamente as últimas linhas e confundi "alguém tivesse atirado ou feito" com "alguém tivesse

atirado pedras". Daí a minha involuntária "confissão". O lançamento de pedras fazia parte da acusação do Stephen. Deve ser lembrado que o "Pai" pretende estar a tentar recordar a história que Stephen lhe contou. "Mas houve palavras e risos" — essa era a outra parte da acusação, embora fracamente declarada. Ele alegava que eu liderava os outros rapazes ao ridicularizá-lo e ao chamar-lhe nomes, entre eles o nome de um animal desagradável que não era meu feitio aplicar a ninguém. Não me lembro se me foi dito ou não que fugi, nem se disse que estava noutro lugar. Ambas são bastante prováveis.

26. "Aquele homem fumava? (Não me consigo lembrar agora se fumava ou não. Creio que sim.) Não me refiro ao Stephen — refiro-me ao pai. (Não. Porque pensas isso?) Bem, eu vou dizer-te. (Não, ele não fumava.)" W.: Mas foi o Stephen, creio eu, quem fumou. Certamente não foi o pai. Se o que se segue é uma tentativa de explicar o erro sobre este último, não explica. Mas provavelmente a tentativa foi abandonada, sendo a "pausa" o sinal de uma mudança de tópico.

27. "[Pausa] Vejo-o — foi no outono que isto aconteceu? (Não tenho a certeza.) As ervas estavam secas — porque o vejo baixar-se e apanhar como algo que ele partiu — ao ar livre — como uma erva — seca — e pô-la na boca com aquele jeitinho — tentando refletir e pô-la na boca e depois finalmente afasta-se a caminhar. Estás ao ar livre, vês, quando isto acontece. (O que aconteceu?) Quando toda esta coisa, quando esta coisa chega a uma conferência. (Ao ar livre — sim. Está certo.) E vejo toda a conferência e vejo o teu pai baixar-se como se estivesse a apanhar como que uma palha — algo que pudesse estar ali e a refletir sobre o assunto.

Ele era muito dado a refletir sobre as coisas e tu esperavas que ele se chegasse logo à frente e te defendesse. Parece que ele o faria. Ele não fez nenhuma das duas coisas. Ele não estava contra ti nem a favor de ti, sabes o que quero dizer? (Sei o que o que dizes significa. Não sei se ele estava ou não.) Quero dizer, aparentemente estava. Ele estava como que a refletir sobre as coisas e tinha um arzinho como se nunca tivesse acreditado no teu homem contra ti — ele não conseguia compreender bem.

(Não.) Foi uma coisa estranha, mas ele não acreditou de todo, mas de alguma forma foi tal angústia para ti que ele não viu que não acreditava — sabes o que quero dizer, como se ele tivesse dito isso abertamente, mas de alguma forma caminharam juntos — é uma separação depois da discussão terminar — e a caminhar com aquele sentimento — caramba, gostaria de provar isto. Sempre tiveste isso no fundo da cabeça e não tinhas forma de provar. Ele não agiu como se tivesse. Compreendes? (Compreendo o que dizes. Não queres que eu diga algo que não estejas a dizer.

Agora dizes ao ar livre. Onde, ao ar livre? Perto de que objetos ou algo assim? Poderia ser muito probatório se conseguisses isso. Não forces, se não o obtiveres. [Pausa] Não sei se estás a sugerir que eu estava lá quando o pai estava a ter a conferência ou não.) Não, não estou. (Bem, vês, eu nem devia ter dito isso. Estou a tentar guardar a evidência. Se te der alguma informação que prejudique o que possa surgir mais tarde.) Aqui está o pai, e aqui está o homem e eles estão a ter esta conversa e o pai está como que a refletir — ele não está a dizer muito — o outro homem está a dizer muito, como se se sentisse mesquinho, e o pai — é exatamente como uma conferência, embora esperasses que uma conferência tivesse mais pessoas.

O pai afasta-se como se o deixasse ali mesmo, depois alcançam-se novamente — não se separam totalmente, apenas por um momento, depois o outro sujeito diz mais qualquer coisa. Parece bastante — sabes, consigo ouvir passos na madeira, como se estivesse a ir para um edifício. Este é o teu pai, sabes, a ir para um edifício onde subo um degrau e depois piso madeira — quase como uma plataforma e parece que, ao fazê-lo, me viro e olho para este homem, a pensar nisso. Mais tarde encontro-te a subir para alguma plataforma, por isso parece-me que deve ser em volta do teu próprio lugar onde estás familiarizado. O que se passa depois, não te sei dizer."

W.: Tenho quase a certeza de que foi no Outono. Não foi no Inverno, pois nessa altura não me teriam posto a "apanhar" pedras no lote, nem no Verão, pois não havia escola nessa altura. O meu pai

estaria demasiado ocupado com o trabalho agrícola na Primavera, creio eu, para se ter ocupado com a tarefa lenta de rachar uma rocha com brocas.

Parece-me que temos aqui uma tentativa de descrever melhor a entrevista com Stephen misturada, de forma algo confusa, com as minhas próprias reações mentais quando soube dela. "Estás ao ar livre, vês, quando isto acontece" (a conferência), soa como se eu pessoalmente estivesse presente, mas tal como o controlador da Sra. Soule por vezes se coloca no lugar da pessoa de um incidente passado, dizendo "Parece que estou", etc., também o "tu" tem por vezes o sentido coloquial indefinido de "vocês" — as pessoas ligadas a ti de quem estou a falar. Interpretei desta forma no momento, respondendo "está certo", mas para satisfazer o se estás a sugerir que eu estava lá quando o pai estava a ter a conferência ou não", ao que o controlador respondeu: "Não estou". Isto estava correto, pois eu não estava presente. Alguns leitores pensarão que a minha pergunta insinuava que eu não estava presente, e se a resposta tivesse sido "Estás", e eu tivesse estado presente, eles estariam igualmente certos de que a pergunta insinuava a minha presença.

Está correto que a conferência entre o pai e Stephen foi ao ar livre; foi no campo onde a erva era abundante. É claro que não tenho conhecimento dos pormenores da conferência, mas o que é dito sobre o estado de espírito e a maneira de ser do pai tem muita verosimilhança. Ele era "muito dado a refletir sobre as coisas" antes de se comprometer. Indubitavelmente, senti depois que ele deveria ter-se "chegado logo à frente e defendido [defendido]".

Mas ele não se teria zangado nem explodido em minha defesa, como outros homens da vizinhança teriam feito no seu lugar. "Ele não estava a teu favor nem contra ti" expressa o que o meu conhecimento do pai me convence que seria o caso. Era um homem cauteloso, de comportamento tranquilo, de espírito judicial, embora as deficiências na sua compreensão da psicologia infantil por vezes o levassem a decisões erradas. "Ele estava como que a refletir sobre o assunto e tinha um arzinho como se nunca tivesse acreditado no teu homem contra ti", é a cara dele. Certamente não cederia de imediato a uma acusação contra o seu filho — foi provavelmente a minha estranha

resposta, "não me lembro de o ter feito", que o fez pensar durante algum tempo que eu era culpado. "Aqui está o pai, e aqui está o homem, e eles estão a ter esta conversa, e o pai está como que a refletir — ele não está a dizer muito — o outro homem está a dizer muito, como se se sentisse mesquinho", expressa exatamente o que as características gerais dos dois homens justificariam.

O pai ouviria, meio cético devido ao facto de Stephen ser um sujeito tão estranho, meio convencido pela sua história volúvel, ensaiada e gráfica, faria uma pergunta de vez em quando, diria finalmente que falaria comigo e que, se eu tivesse agido dessa forma, veria que não voltaria a acontecer, e pouco mais. "Esperarias que a 'conferência' tivesse mais pessoas", reconhece primeiro o facto de não estarem outros presentes.

O que se segue é bastante provável. O pai veio buscar-me numa carruagem nessa mesma tarde e, para pegar no *buggy*, teve de subir do campo para a casa das carruagens, cujo chão era "como uma plataforma", onde a larga porta de correr era empurrada para trás, e à qual se chegava por um degrau a partir do chão exterior. O facto de Stephen ter seguido o pai durante algum tempo e continuado a sua conversa é inverificável, embora não improvável. Quando o pai me levou para casa, devo ter subido "para a mesma plataforma" para entrar na casa e vestir algumas roupas velhas para o meu imerecido castigo de apanhar pedras.

Dificilmente se poderia esperar que os pensamentos do pai, se estivessem de facto a ser transmitidos, correspondessem exatamente ao que eu estava em posição de recordar; tudo o que podemos pedir em relação a cenas em que nenhuma testemunha viva esteve presente é que se encaixem no quadro conhecido e sejam consistentes com as personagens e circunstâncias. Por outro lado, se a minha mente fosse a fonte telepática do drama de Stephen, é estranho que se dê tanta importância aos detalhes da sua conferência com Stephen, que teria, obviamente, ficado marcada na memória dele, mas da qual eu tinha pouco conhecimento, e que houvesse apenas alusões fragmentárias e conjeturais ao facto de ele me ter encontrado à porta da escola e à viagem para casa, que sempre foram os traços mais proeminentes na minha memória do caso, bem como nenhuma referência possível à

penitência de apanhar pedras, para mim a recordação seguinte mais pungente. A minha pergunta: "Consegues perceber o que fiz depois de subir para a plataforma?" destinava-se a extrair o detalhe de eu ter sido enviado em ignomínia para trabalhar no lote pedregoso, então evocado vividamente na memória, mas falhou. No entanto, na teoria da telepatia vinda de mim, o meu estado de consciência de então, de representação gráfica com o renascimento de um acompanhamento emocional, parecia bem adaptado para produzir um resultado.

28. "(Consegues perceber o que fiz depois de subir para a plataforma?) Não percebo isso agora e parece que há um — sabes — isto não o digo para te elogiar, mas foste sempre muito íntegro. Era a tua natureza. Nasceste assim. O tipo de coisa de quem nasceu — íntegro."

W. Está tanto na moda ter orgulho em ter sido um pequeno diabo quando jovem que é humilhante ter de confessar que me comportava bem, conforme os rapazes são, e que a atmosfera imaculada do meu lar me tornou imune às "asneiras" e à linguagem obscena que eu ouvia constantemente naquela gloriosa instituição, a escola pública.

29. "E parece que houve algumas palavras que foram um pouco diferentes do que o teu pai costumava dizer-te e não propriamente tão terríveis, mas muito firmes. (Sim, está certo.) Como se esperasse que me contasses a verdade sobre isto e parece que com essa firmeza respondeste exatamente no mesmo espírito com que ele te pergunta, mas estás a ferver por dentro porque é tão injusto e parece que ele não diz abertamente se acredita em ti ou não — no entanto, ele não faz nada para te fazer acreditar que não acredita em ti.

É mais neutro e parece que há algo que ele diz — qualquer pessoa que fizesse uma coisa dessas — com aquela firmeza — como se fosse uma coisa cobarde. Ele falaria de ser uma coisa cobarde. Se quisesses fazer alguma coisa a alguém, fá-lo abertamente, não pelas costas. A coisa não ficou resolvida ali mesmo. Parece que houve uma sensibilidade que te veio porque outros sabiam disso além do pai e do Stephen e (Isso está correto. Exatamente.) Oh! houve um — não consigo explicar o

sentimento — eras jovem — eras tão jovem e querias tanto estar certo e estavas tão ansioso por ser considerado correto porque estavas correto que, quando os outros souberam disso, houve uma espécie de sentimento como se quisesse ir embora e chorar, mas não choro. Este és tu. Sentiste como se quisesses, mas não o fizeste. Depois, passado algum tempo — isto foi referido duas ou três vezes e depois abandonado — como que abandonado e nunca mais se fez nada sobre o assunto. (Está certo.)

Parece que não era assim que querias. Querias provar que estavas certo e não podias. Absolutamente nenhuma forma de o fazeres e o pai põe a mão sobre a tua para que saibas de uma vez por todas que aquela coisa não significava para ele o que significava para ti, como se tivesse de lhe prestar atenção e não soubesse se num momento de brincadeira podias tê-lo feito sem intenção, mas tudo se dissipou depois disso e agora ele diz — vamos enterrar o Stephen e já está. (Sim, está certo.) Adeus."

W.: Interpreto isto como referindo-se à conferência entre o pai e eu, após a que houve entre ele e Stephen. A maior parte das afirmações, exatamente como estão, posso fundamentar. O pai foi "antes, não tão terrível, ríspido, mas muito firme", ou seja, estava perturbado e severo na sua forma de questionar, mas não zangado. "Como se esperasse que contasses a verdade sobre isto", está certíssimo. Que respondi com firmeza está certo; nunca recuei na declaração de que não tinha memória de tal conduta como a descrita, e estava de facto "a ferver por dentro" com o que me parecia a terrível injustiça da situação.

Ele certamente não "disse abertamente se acredita em ti ou não", mas dificilmente será correto que nada fez para me fazer acreditar que não acreditava em mim. Achei-o inclinado a não acreditar em mim, suspeitando que eu não tinha contado a verdade. Se foi dito que o lançamento de pedras começou quando Stephen estava de costas voltadas, do que não me lembro, o pai falaria provavelmente como representado. "Outros sabiam além do pai e do Stephen" — a escola fervilhava com o assunto no dia seguinte, o que significava que toda a vizinhança fervilhava. Não me lembro se chorei ou não. O mais provável é que estivesse demasiado orgulhosamente indignado para o

fazer, embora nessa idade provavelmente tivesse dificuldade em não o fazer. O assunto não foi mencionado em casa depois de um ou dois dias, e "nunca mais se fez nada sobre o assunto". O que se segue é perfeitamente verdade — ansiava por ser vindicado, mas não via forma de o conseguir.

O assunto "não significava para ele o que significava para ti [mim]", e ele nunca poderia ter sabido na altura quão profundamente eu fui afetado. "Não sabia se num momento de brincadeira o poderias ter feito", implica que foi imputada uma ocasião única e não uma conduta habitual, o que é verdade. Todo o esboço principal da história é verdadeiro. De longe, a maior parte dos detalhes fornecidos — e são muitíssimos — são precisos como se apresentam; muitos que não estão na minha recordação (e alguns que eu nunca poderia ter conhecido) e são, portanto, menos prováveis de terem sido derivados por telepatia de mim, estão em perfeita sintonia com as personagens humanas e as circunstâncias; muito poucos estão distorcidos ou incorretos.

REGISTO DE 27 DE NOVEMBRO DE 1925

(VIDA PRECOCE DE W. F. P. E UMA PREDIÇÃO NOTÁVEL) Presentes: Miss T. B. Prince (Assistente), Sra. Guinan (Secretária). Procedimento habitual. Todas as respostas pela Sra. G.

RESUMO

1. Embora Theodosia fosse a assistente, a primeira parte do guião foi o que se pode chamar de um "ressabio" da última sessão.

"É com uma imagem que é do mesmo período que aquela que o pai estava a recordar no último dia em que estivemos aqui. Há algo que é líquido, mas espesso e castanho e está num recipiente algo profundo. É vertido e é usado para alguns fins de limpeza, e é, creio eu, um tipo de sabão que era feito em casa... algo a ver com a ideia da matança dos porcos, creio eu, pois após a sugestão dada do porco seguiu-se imediatamente o pensamento de algum uso feito da gordura e depois esta imagem posterior desta mistura de limpeza. Creio que esta forma de fabrico de sabão foi descontinuada passado algum tempo. E, com um sorriso, o espírito fala da memória muito invulgar

para alguém usar para identificação a partir da vida após a morte, mas dizemos-lhe que as coisas que vêm depois da morte são improváveis, e quanto mais invulgar e menos espiritual for o corpo de material que surge, melhor é a evidência."

W.: A imagem apresentada está longe de ser "invulgar" na vida agrícola de há meio século e mais, embora possa ser invulgar nos pensamentos de alguém no ambiente de um mundo espiritual. Ou seja, embora não seja invulgar para fins de evidência para nós, esta observação pode ser compreensível como vinda de uma consciência há muito habituada a outro ambiente.

A imagem é verdadeira e pertence precisamente ao período da minha primeira infância; provavelmente deixou de ser uma imagem viva na altura em que eu tinha doze anos. Lembro-me perfeitamente do fabrico de sabão que era "líquido, mas espesso e castanho e está num recipiente algo profundo", nomeadamente uma caldeira de lavar roupa, a seguir à matança do porco, e utilizando gordura de porco.

A explicação de como o "pensamento", a "sugestão" e a "imagem" se seguiram uns aos outros, insinua um processo telepático. A telepatia pode ser interpretada, de acordo com o peso da evidência na mente do leitor a partir do seu conhecimento da massa de registos, como sendo dos mortos ou dos vivos. Posso notar que nenhum pensamento sobre o antigo processo de fabrico de sabão estava conscientemente na minha mente, e que deve ter sido muito raramente que pensei nisso em trinta anos.

A última frase da passagem citada dá a entender que existem espíritos do outro lado tão interessados nestas experiências como nós, e prontos a instruir outros que são amadores em tais matérias, e tão inclinados como muitas pessoas vivas a falar sobre coisas supramundanas, que estas não são evidência, enquanto mesmo afirmações triviais sobre as suas vidas terrenas podem ser probatórias num grau ou noutro. Ou pode indicar a sofisticação da psíquica, conforme se queira.

2. Descrição minuciosa de polainas, saia de lã branca, gorro e capa que se diz terem sido usados por Theodosia quando era menina, e recordados pela sua mãe. A descrição de todos

estes artigos é bastante errónea, aplicada às suas primeiras vestes.

UMA PREDIÇÃO

3. Descrição de um desastre por vir "não daqui a anos — não te posso dizer quão cedo", "Parece que estou a mil milhas daqui, lá onde há colinas altas ao longe", "bela imagem de campo e vejo algo como que lá longe — quase no fim da linha do horizonte — algo como fogo.

1 Abaixo está o registo completo da predição, do qual o leitor se pode assegurar de que o resumo, feito para concentrar a sua essência, é justo e adequado.

Parece que estou a mil milhas daqui, lá onde há colinas muito, muito altas ao longe. Bela imagem de campo e vejo algo como que lá longe — quase no fim da linha do horizonte — algo como um fogo. Continua a subir como uma baforada, baforada, baforada de chama. Não creio que seja no passado — parece ser algo que está para vir e não é frequente mostrarem-nos imagens assim, pois não? (Não.)

É uma conflagração tremenda e é tão longe que não afeta de forma pessoal as pessoas aqui, que vêm aqui a este lugar, mas é neste lugar mais belo onde a destruição é tão tremenda que parece uma tragédia e perda e sofrimento e é — está tão perto e está a chegar — como posso dizer-te isso. É como se eu pudesse estender a mão e com a fuligem e as cinzas escrever a palavra destruição, angústia, desespero — e é vindo diretamente das condições inesperadas — é realmente como uma grande explosão pois ouço barulho — estrondo, estrondo, barulho, chama e terror. Não gosto de o ver, mas é algo que tenho de ver. Não creio que seja do outro lado da água, parece mais para o oeste, como se eu estivesse a ir para o oeste, para um país que é familiar ao homem que está tanto aqui, sabes..

(Referes-te ao Dr. Prince?)

Sim, senhor. Sim, minha senhora. Sim, senhora. O que devo dizer?

(Está tudo bem. Continua.)

E consigo vê-lo a fazer [tst, tst, tst] com a língua como se fosse tão terrível — não é terrível ver uma coisa destas!

(Sim, deve ser.)

Bem, por que é que eu vi isto?

(Deve haver alguma razão. É melhor contares tudo.)

Afetará outras pessoas tanto quanto a ele — como uma catástrofe — mas ele dirá — Eu conheço o lugar, eu conheço o lugar — como o facto de já ter estado familiarizado com ele o faz sentir um contacto pessoal com a tragédia, vês?

(Sim.)

E exatamente como o vejo — não te sei dizer. É uma explosão de algum tipo. Não sei o que a causa, mas é tudo pelo ar com explosão e oh, tudo. Acaba depressa. Não de longa duração, mas rápida e trágica e acaba.

(Pensas que está para vir ou que já foi.) [Perguntado porque Miss P. me tinha escrito uma nota dizendo: "Parece a descrição do incêndio do Arsenal em San Bernardino."]

A caminho! A caminho! Não creio que já tenha sido. Ele alguma vez teve algo assim?

(Não, eu só queria perceber bem.)

Não — está para vir. E em breve. Em breve. Não daqui a anos — não te posso dizer quão cedo é, mas sabes que a mulher dele também está familiarizada com o lugar e é por isso que estou a vê-lo — faz-me mal — faz-me realmente mal. Não vejo pessoas feridas — apenas sei que estão, mas não as vejo, mas sinto o terror e o desastre.

(Sim.)

Tenho de deixar isto.

(Está bem.)

É melhor — não é?

(Sim.)

Eles nunca parecem mostrar coisas proféticas assim a ele, pois não?

(Não, antes não, creio eu.)

Creio que não. Bem, vejamos o que sai daqui. Ele gostaria de algo assim, não gostaria?

Continua a subir como uma baforada, baforada, baforada de chama", "conflagração tremenda e é tão longe que não afeta de forma pessoal as pessoas aqui, é neste lugar mais belo onde a destruição é tão tremenda que parece uma tragédia e perda e sofrimento"; "é como se eu pudesse estender a mão e com a fuligem e as cinzas escrever a palavra destruição, angústia — desespero, e é vindo diretamente de condições inesperadas, realmente como uma grande explosão pois ouço barulho, estrondo, estrondo, barulho, chama e terror", "não creio que seja do outro lado da água, parece mais para o Oeste, como se eu estivesse a ir para o Oeste, para um país que é familiar ao homem que está tanto aqui" [W. F. P.], "ele dirá 'Eu conheço o lugar, eu conheço o lugar', pois, tendo estado familiarizado, faz com que sinta um contacto pessoal com a tragédia", "é uma explosão de algum tipo.

Não sei o que a causa, mas é tudo pelo ar com explosão e, oh, tudo. Acaba depressa, não de longa duração, mas rápida e trágica e acaba", "a mulher dele também está familiarizada com o lugar e é por isso que estou a vê-lo — faz-me mal, faz-me realmente mal. Não vejo pessoas feridas — apenas sei que estão, mas não as vejo, mas sinto o terror e o desastre." Isto é tudo, exceto algumas meras repetições, e a insinuação de que a predição se destina a servir de evidência para meu benefício — "vejamos o que sai daqui. Ele gostaria de algo assim, não gostaria?"

W.: Permitam-me listar os detalhes que parecem ser exigidos para qualquer desastre que venha a ocorrer no futuro.

a. Deve ocorrer em menos de dois anos completos.

b. E provavelmente a algumas centenas de milhas de distância de Boston. (Não devemos interpretar "Parece que estou a mil milhas daqui" de forma demasiado literal; trata-se provavelmente apenas de uma expressão que implica grande distância.)

c. E a oeste de Boston.

d. Numa região ou de colinas altas (não necessariamente montanhas) ou, pelo menos, de onde colinas altas sejam visíveis.

e. Uma região que possua muita beleza. (Em lado nenhum se insinua que o local preciso do desastre seja belo; a visão é à distância.)

f. Uma região com a qual W. F. Prince tenha estado familiarizado, de modo que ele dirá ou poderá dizer: "Eu conheço o lugar", e sentirá uma sensação de contacto pessoal.

g. E um "lugar" com o qual a Sra. Prince também estivesse familiarizada. h. O desastre deve envolver um incêndio, e

i. Se a linguagem for interpretada literalmente, deve ser um grande incêndio. j. Mas as palavras "é uma explosão" implicam que a natureza essencial do desastre, independentemente do que o acompanhe, é ser uma explosão.

k. Não apenas uma explosão, mas "uma grande explosão... estrondo, estrondo, ruído, chama e terror, tudo pelo ar".

l. Não deve haver nenhum incêndio longo, como o de uma cidade a arder durante muitas horas. A explosão, o fogo e tudo o que envolva tragédia deve ser breve. ("Acaba depressa. Não de longa duração, mas rápida e trágica e acaba.")

m. O desastre deve surgir "de condições inesperadas". n. Com mortes e ferimentos resultantes ("tragédia", "trágico", "Não vejo pessoas feridas — apenas sei que estão.") o. E perda de propriedade ("perda", "destruição".)

p. Perda de propriedade em grande escala ("a destruição é tão tremenda".)

Os detalhes de que eu, e também a minha esposa, estávamos familiarizados com o lugar, limitam muito o campo de cumprimento. A oeste da cidade de Nova Iorque e partes adjacentes de Nova Jérsia, que me parecem demasiado próximas para estarem dentro do espírito de "Parece que estou a mil milhas de distância", e que certamente não são regiões de "colinas altas", as únicas regiões com as quais a Sra. Prince e eu estávamos ambos familiarizados eram em número de duas:

a região de Pittsburgh, Pa., e a região de San Bernardino, Calif. Não podemos, então, aplicar "mil milhas" a nenhuma das duas literalmente, já que Pittsburgh fica a cerca de 600 milhas em linha reta de Boston, enquanto San Bernardino fica a quase 3.000 milhas. Das duas, Pittsburgh aproxima-se mais de cumprir literalmente este detalhe, mas como a citação me parece ser apenas equivalente a uma longa distância, centenas e centenas de milhas, se um desastre como o descrito em detalhe ocorresse em ou perto de San Bernardino dentro de dois anos, creio que preencheria os requisitos. Mas certamente não ocorreu, nem até ao momento presente. E quanto a Pittsburgh?

Eu tinha negligenciado o registo desta sessão, não dando crédito à sua previsão, e quando o li novamente, a 11 de outubro de 1928, tinha esquecido de facto que a previsão fora feita. Então lembrei-me de um certo desastre, embora não da sua data ou dos seus detalhes, e anotei os quinze pontos acima que melhor cumpririam a previsão, e no dia seguinte fui à Biblioteca Pública de Boston consultar um arquivo do *New York Times* para descobrir exatamente quais eram os factos.

A 14 de novembro de 1927, nem passados dois anos completos da data desta sessão (Ponto a), em Pittsburgh, Pa., a quase 600 milhas de Boston (b), e a oeste desta (c), numa região de colinas comparativamente altas (d), uma região de muita beleza natural (e), muito mais familiar a W. F. Prince do que qualquer outra a oeste de Nova Iorque e partes adjacentes de Nova Jérsia (excluída por duas considerações provavelmente, por uma certamente) exceto a região de San Bernardino, Calif. (f), e também à Sra. Prince que, com o seu marido, viveu cinco anos em Pittsburgh (g), ocorreu uma explosão (j). Foi uma "grande explosão" (k), uma das maiores, por qualquer causa, que alguma vez ocorreu nos Estados Unidos.

O maior tanque de armazenamento de gás natural do mundo, com uma capacidade de 5.000.000 de pés cúbicos, um tanque medindo 233 pés de diâmetro e 208 pés de altura, explodiu e foi pelos ares num instante, seguido pela explosão de um tanque próximo de 4.000.000 de pés cúbicos de capacidade, e depois pela de um tanque mais afastado, contendo 500.000 pés cúbicos de gás. Tinha havido apenas duas explosões anteriores de gasómetros neste país, uma em Houston, Texas, a 3 de dezembro de 1910, a outra em Columbus, Ohio, a 6 de

fevereiro de 1919. Ambas foram desastres pigmeus comparados com a poderosa convulsão em Pittsburgh e em nenhuma delas se perderam vidas.

A explosão foi, naturalmente, causada por fogo, e envolveu um incêndio (h). E foi certamente um "grande incêndio" (i). O *New York Times* de 15 de novembro de 1927, dizia: "A enorme bacia... foi despedaçada, e uma grande folha de chama disparou mil pés para cima... Um segundo tanque, contendo 4.000.000 de pés cúbicos de gás, e situado a cerca de 200 pés de distância, foi esmagado. O seu conteúdo inflamou-se e um segundo clarão poderoso subiu. Um terceiro tanque, a várias centenas de pés de distância, de 500.000 pés cúbicos de capacidade, e parcialmente cheio, foi rebentado pela força da explosão, e o seu conteúdo aumentou o volume de chama que podia ser visto a milhas de distância." Inquestionavelmente, o termo "conflagração tremenda" no guião é apropriado, a menos que se importe a noção de que uma conflagração deve durar muito tempo.

Mas esta ideia é diretamente contradita no guião. "Tudo" deve estar "depressa acabado" (l). E assim foi no desastre de Pittsburgh. Os três tanques explodiram em sucessão rápida e a ruína que cada um provocou foi feita num instante. Não sei quanto tempo duraria o oceano de chama no ar proveniente do gás em combustão, mas certamente não mais do que alguns minutos.

Seria uma probabilidade que tal desastre surgisse "diretamente das condições inesperadas", mas não uma certeza. Por exemplo, poderia surgir no meio das condições conhecidas de uma greve laboral turbulenta, ou após ameaças anónimas de anarquistas. De facto, operários foram enviados para reparar um tanque supostamente vazio com maçaricos. Inesperadamente, o tanque devia ter gás remanescente, pelo que a expressão é muitíssimo apropriada.

A 16 de novembro, o *Times* anunciou que havia 27 mortos conhecidos, e que a lista provavelmente não estava completa (n). Estimou-se haver 600 feridos. Foi-nos dito que "Muitas mulheres e crianças nos cortiços ficaram gravemente feridas", que "por toda a secção baixa da cidade havia vítimas de vidro caído de janelas partidas que corriam ensanguentadas pelas ruas", que "nas casas num

raio de meia milha dos tanques havia muitos demasiado feridos para fugir", que "muitos, fracos pela perda de sangue, tinham caído nos passeios", que dezenas de crianças, a caminho da escola, ficaram feridas por tijolos, vidros e pedaços de ferro que caíam, que uma procissão de pessoas saía do hospital em direção a casa, com os rostos transformados em máscaras grotescas de ligaduras avermelhadas, ou com os braços em tipóias, etc. Os termos "tragédia" e "trágico" na declaração de transe da Sra. Soule são, portanto, plenamente justificados.

E quanto a "perda" e "destruição" (o)? Foi provavelmente a explosão mais destrutiva que alguma vez ocorreu neste país (p). Foi-nos dito que "o desastre atingiu uma área de cerca de uma milha quadrada frente ao rio Ohio e centrada na Rua Reedsdale", onde se encontravam os tanques da Equitable Gas Company. Os destroços neste bairro de "habitações de tijolo e madeira densamente povoadas, à moda antiga, amontoadas umas sobre as outras, com fábricas, armazéns e instalações industriais misturadas" (pois tão tristemente tinha mudado a adorável aldeia de "Old Chester Tales") deixaram, estimou-se, 5.000 pessoas desalojadas. "Quando os bombeiros chegaram ao local, foram detidos pela visão aterradora. Ruas tinham sido levantadas no ar, rebentando condutas de água e esgotos e inundando todo o distrito. Casas, fábricas, armazéns e instalações industriais jaziam em ruínas. Homens, mulheres e crianças, muitos com sangue a escorrer de cortes no rosto e outros ferimentos, corriam gritando pelas ruas como se estivessem loucos ("terror").

Isto praticamente cobre o assunto, mas resta chamar a atenção para a curiosa adequação de certas palavras no guião e, finalmente, para uma coincidência espantosa de que ainda não dei qualquer pista.

Se a palavra "montanhas" tivesse sido usada, poder-se-ia pedir desculpa por elas devido ao uso popular vago. Mas "colinas altas" acontece ser exatamente o termo correto, pois Pittsburgh fica numa região de colinas altas, algumas das quais parecem mais altas do que são devido às suas encostas íngremes.

Tivesse havido a menor insinuação de que a própria localidade da destruição era bela, e teria havido um erro grave. Mas o ponto de

visão parece estar a alguma distância do local do desastre. "Bela imagem de campo e vejo algo como que lá longe — quase no fim da linha do horizonte — algo como fogo." E o campo ao redor de Pittsburgh, bem como muitas vistas a partir dali, é belo. E, a propósito do que foi visto na visão de transe à distância, posso citar novamente o *Times*: "A força da explosão foi vista a muitas milhas, e em direção aos céus uma bola de fogo subiu, sinalizando a sua mensagem de desastre."

Não há uma palavra sobre ver pessoas; de facto, é dito expressamente: "Não vejo pessoas feridas", mas somos proibidos de pensar que qualquer explosão numa região rural responderia à prescrição, pelas expressões "a destruição é tão tremenda que parece uma tragédia e perda e sofrimento... destruição, angústia, desespero... catástrofe... rápida e trágica e acaba... faz-me realmente mal... apenas sei que estão [feridas], mas não as vejo, mas sinto o terror e o desastre." Estes termos implicam uma concentração de pessoas e bens, caso contrário tal sucessão de consequências não poderia ser "rápida e trágica e acabar".

Mais uma vez, o guião diz que o fogo "continua a subir como uma baforada, baforada, baforada de chama". Chamo a atenção para a adequação singular da palavra "baforada" (*puff*). Este incêndio não foi um incêndio comum como o de edifícios a arder, mas um onde o gás em combustão libertado saltou imediatamente para grandes alturas. Notem as palavras das testemunhas oculares. "A enorme bacia foi despedaçada... e uma grande folha de chama disparou mil pés para cima... Um segundo tanque foi esmagado.... O seu conteúdo inflamou-se e um segundo clarão poderoso subiu. Um terceiro tanque foi rebentado... e o seu conteúdo aumentou o volume de chama que podia ser visto a milhas de distância." Para alguém a alguma distância, como na visão de transe, pareceriam poderosas baforadas de fogo. E, seja por acaso ou desígnio, a "baforada" repetida três vezes no guião corresponde às três baforadas reais.

O primeiro estrondo poderoso seria seguido por um rimbombo proveniente tanto da queda de edifícios, do rasgar de ruas e de outras formas de destruição, como das repercussões nas colinas circundantes. E cada tanque a rebentar faria outro estrondo. Assim, embora não haja

aqui uma correspondência numérica como no caso das baforadas, temos a descrição precisa: "ruído, estrondo, estrondo, ruído, chama e terror".

"Ele [W. F. P.] dirá: 'Eu conheço o lugar, eu conheço o lugar', pois o facto de já ter estado familiarizado com ele o faz sentir um contacto pessoal com a tragédia." Quando a tragédia ocorreu, eu tinha esquecido completamente a previsão, tendo-a lido apressadamente e com desagrado, pois nada esperava além do seu cumprimento, e sem dúvida senti, e posso de facto ter falado, como afirmado, uma vez que tinha vivido cinco anos não apenas em Pittsburgh, mas no *North Side*, onde o desastre ocorreu, e apenas a cerca de duas milhas do epicentro. Eu conhecia o lugar, Pittsburgh, conhecia o *North Side* particularmente, e conhecia a própria localidade.

Mas — e aqui está a coincidência notável — de todos os desastres que estavam para vir nos Estados Unidos, aquele que foi, segundo os muitos indícios fornecidos, escolhido, foi o que ocorreria a cerca de três quarteirões da casa onde a assistente deste dia, Theodosia, nasceu e viveu os primeiros dezassete anos da sua vida! A explosão foi precisamente no bairro onde vários dos seus familiares viviam, em casas que ficaram mais ou menos danificadas por ela. Tenham em mente que o lugar, sendo um a longa distância para oeste, um de colinas altas e um familiar tanto à Sra. Prince como a mim próprio, poderia, nessas condições, ser apenas San Bernardino ou Pittsburgh, e que todos os detalhes se adequam singularmente ao desastre de Pittsburgh.

E notem agora o incentivo que poderia estar por trás da previsão. Se existe tal coisa como pré-conhecimento por parte dos espíritos, então a Sra. Prince, de quem a previsão professa vir, poderia muito bem considerar uma excelente oportunidade, apesar da sua tristeza, escolher o desastre que ocorreria não só na cidade e distrito da nossa residência, mas também no próprio bairro onde a sua filha adotiva tinha crescido.

Há outro facto que é bastante interessante. Embora nunca tivesse havido uma explosão entre os tanques de gás, sempre houvera receio de uma. E Theodosia tinha, por várias vezes, contado à Sra. Prince os

receios do bairro; como, quando se ouvia o sinal de incêndio que indicava a região dos tanques, mesmo que fosse de noite, as pessoas abandonavam as suas camas e fugiam para as colinas. A Sra. Prince parecia interessar-se por estas histórias, mais do que pelas que diziam respeito a assuntos gerais da primeira casa de Theodosia. Há algo de dramaticamente oportuno no alegado anúncio deste desastre vindouro pelo espírito da Sra. Prince.

Ah! não teremos aqui a chave para a "mensagem"? Não será ela realmente construída a partir de clarões telepáticos da mente da assistente? Bem, se assim for, os clarões subconscientes nunca chegaram à superfície, uma vez que tudo o que a assistente conseguiu pensar na altura foi num incêndio que já tinha acontecido em San Bernardino, o qual foi apenas num único edifício no qual, durante uma hora, cartuchos explodiram como bombinhas, um incêndio que não envolveu "baforadas", nem mortes, nem ferimentos, nem grande perda de propriedade, nem terror ou angústia.

Mais uma vez — e ocultei maliciosamente até agora este facto, a fim de ludibriar o resoluto adepto da teoria telepática — o medo que as pessoas sentiam e que a assistente tão bem recordava era de que, a partir das chamas de um edifício a arder, os tanques se pudessem incendiar. Se a visão da psíquica tivesse contido um edifício a arder e um carro de bombeiros, e pessoas a correr para as colinas, pareceria fortemente baseada nas memórias da assistente.

Mas sem edifício a arder, sem carro de bombeiros, sem pessoas em fuga, sem marca distintiva das memórias da assistente, o caso da telepatia mostra pouca plausibilidade. E se a telepatia pode profetizar, se a partir dos elementos que residiam na mente da assistente se pode elaborar um evento tão exato e detalhado do futuro, então afastámo-nos de uma explicação misteriosa apenas para encontrar outra exatamente tão misteriosa.

Mas poder-se-á dizer: "Voltemos à teoria de que o espírito da Sra. Prince, de alguma forma, por um processo que não podemos imaginar, chegou ao conhecimento de um evento trágico do futuro que aconteceria num lugar que ela e o seu marido conheciam. Nesse caso, ela deveria saber que isso se relacionaria intimamente com Theodosia,

e deveria saber que o evento seria no próprio bairro da sua juventude. Como explicar, então, na teoria espírita, o facto de Theodosia, a assistente real, não ser mencionada uma única vez, como se todo o assunto trágico não lhe dissesse respeito?"

Observando primeiro que não tenho desejo de favorecer a teoria espírita mais do que os factos e a lógica dos factos exigem, sou compelido a dizer que, se considerarmos a previsão como algo mais do que um espantoso complexo de coincidências, então a falha em mencionar Theodosia pode ser explicada na teoria espírita de forma mais plausível do que na telepática, mesmo que pudéssemos admitir uma telepatia capaz de tal aproximação à profecia. Se, a partir das suas recordações armazenadas no subconsciente, fossem passados para a médium fragmentos de dados relativos aos perigos que de facto existiam nos tanques de gás, e que ela pessoalmente tinha partilhado, então teríamos de facto um enigma insolúvel sobre o porquê de ela não aparecer de todo no drama supostamente assim derivado.

Certamente que os pensamentos subconscientes de alguém não são tão apagados. Uma vez que os seus pensamentos subconscientes relativos aos tanques de gás seriam fundados nas suas próprias experiências, como seriam eles capazes de a ocultar de si própria, como tornariam apenas a Sra. Prince e a mim, que nunca tínhamos partilhado esses receios, tão proeminentes que só nós passámos para o sonho da Sra. Soule, com todo o reconhecimento dela própria obliterado? "Que teia emaranhada tecemos" quando tentamos explicar um fenómeno como este com base na teoria da telepatia vinda dos vivos!

Ao passo que poderia haver, na teoria espírita, uma razão perfeitamente inteligível para silenciar o facto de o desastre dizer respeito a um bairro de maior familiaridade para Theodosia do que para mim e para a Sra. Prince. Suponhamos que isto também tivesse sido declarado; teria aumentado a evidência, mas poderia não ter sido muito humano. A telepatia entre os vivos, a clarividência ou qualquer outro processo real ou alegado semelhante não mostrou qualquer consideração pelos sentimentos humanos, mas é precisamente isso que poderíamos razoavelmente esperar que um espírito fizesse.

Um espírito (a Sra. Prince) poderia pensar, e provavelmente pensaria, mesmo que soubesse do desastre vindouro até ao último detalhe: "Quero torná-lo suficientemente incisivo e detalhado para que o investigador seja capaz de o reconhecer distintamente quando ocorrer, mas receio que, se for demasiado definitiva quanto à localidade, ou se revelar que é o bairro da sua juventude, isso afetará as suas emoções de forma prejudicial, preocupando-a, uma vez que sei que ela tem parentes e amigos lá." Assim, o silêncio sobre a assistente, a ausência de quaisquer insinuações expressas relacionadas com ela que pudessem lançar a sua mente numa pista que levasse à Rua Reedsdale, onde nasceu, e aos tanques de gás, e pudessem assim criar uma condição de ansiedade, é mais inteligível como a intenção de um ser racional do que como resultado de qualquer processo automático e mecânico.

Estou bem ciente de que, apesar de tudo o que disse, haverá leitores cuja aversão emocional a qualquer coisa que saiba a previsão os levará a dizer que tudo o que aconteceu foi pura coincidência. Posso simpatizar com essa aversão, da qual eu próprio não recuperei totalmente, mas penso que o sentido lógico e matemático de cada um deve estar suficientemente desembaraçado dela para reconhecer que, a ser coincidência, foi uma de extraordinária improbabilidade. O evento a concretizar-se deve (A) ajustar-se a uma série de pormenores quanto à sua natureza e à natureza e magnitude dos seus resultados; (B) ajustar-se a uma região de beleza e colinas altas, centenas de milhas a oeste de Boston; (C) e a uma localidade pessoalmente familiar a mim e também à minha falecida esposa; (D) e ocorrer, não nalgum momento durante a minha vida, mas suficientemente cedo para que o termo "anos" não fosse apropriado.

Pensa-se em quantos acidentes ocorrem na grande região a centenas de milhas para oeste. Mas um acidente ferroviário não serve, nem a queda de um grande edifício, nem um grande incêndio que não esteja associado a uma explosão, nem uma grande explosão não associada a incêndio, nem uma explosão mais incêndio que não seja destrutiva para seres humanos, nem uma explosão mais incêndio que não seja destrutiva para a propriedade em escala considerável, nem tudo isto em conjunto se o incêndio continuar por muito tempo. Nem,

se todos estes detalhes corretos quanto ao acidente e às suas consequências se combinarem, a combinação servirá se for encontrada perto de Boston, ou a leste de lá, ou na parte sudeste do país, ou a norte, ou numa região que não apresente "uma bela imagem de campo", ou que não tenha colinas altas.

Nem, se todas estas condições, que certamente barram a vasta maioria dos acidentes importantes em todo o país, se combinarem, o caso será satisfeito, se o evento ocorrer vinte ou dez ou mesmo cinco anos depois — rigorosamente, não se dois anos completos decorrerem. Finalmente, e extremamente importante, o local deve ser um com o qual eu estive "outrora familiarizado", de modo a fazer-me "sentir um contacto pessoal com a tragédia", e o âmbito é ainda mais limitado pela estipulação de que a minha esposa estava "também familiarizada com ele". De facto, os itens de distância para oeste, colinas altas e familiaridade por parte tanto da Sra. Prince como de mim próprio limitam a localidade do desastre complexamente descrito a uma de duas regiões, a de Pittsburgh e a de San Bernardino, ajustando-se melhor à primeira do que à segunda (uma vez que uma distância de cerca de 600 milhas se conforma mais a "Parece que estou a mil milhas daqui" do que uma distância de cerca de 3.000 milhas, e uma vez que montanhas se ajustariam melhor ao distrito da Califórnia do que "colinas altas").

Aqui o temos; a questão reduz-se a quão grande era a probabilidade de ocorrer, no prazo de dois anos, ou em Pittsburgh ou arredores, ou na pequena cidade de San Bernardino, um acidente do qual os seguintes pormenores, em combinação, seriam verdadeiramente descritivos: "uma explosão", "uma grande explosão", "tudo pelo ar com a explosão", um "incêndio", este "continua a subir como uma baforada, baforada, baforada de chama", "ruído, estrondo, estrondo, ruído, chama e terror", uma "conflagração tremenda", "não de longa duração, mas rápida e trágica e acaba", "a destruição é tão tremenda que parece uma tragédia e perda e sofrimento", "destruição, angústia, desespero".

Não insisto que a explosão, o incêndio, a destruição de propriedade e o ferimento de seres humanos, para satisfazer a prescrição, devessem ser necessariamente tão grandes como cada um

foi de facto em Pittsburgh, mas insisto que nenhuma explosão menor, nenhuma explosão sem incêndio, nenhum incêndio pequeno, nenhum incêndio, por maior que fosse, sem uma explosão, nenhuma combinação destes sem tragédia, nenhuma combinação de todos os detalhes anteriores sem perda extensiva de propriedade, nenhuma longa duração de um agente destrutivo como um incêndio que arde durante horas, se ajustará às estipulações do transe.

Penso que a probabilidade de acertar em todos estes pormenores em combinação para qualquer um destes dois locais é de facto muito pequena. Não creio que tenha havido muitos desastres onde todas as cláusulas descritivas e limitativas se apliquem (omitindo a relação comigo e com a minha esposa) na história das comunidades americanas. Naturalmente, houve alguns.

Tomemos as únicas outras duas explosões de gasómetros que ocorreram nos Estados Unidos, as de Columbus, Ohio, e Houston, Texas; imaginemos que ocorreram após a previsão e dentro do período indicado. Quão bem se ajustariam aos pormenores fornecidos pela psíquica? Em parte não sei, mas sei que em nenhuma delas houve perda de vida, que nenhuma se ajusta à descrição do cenário natural e que nem a Sra. Prince nem eu estávamos minimamente familiarizados com qualquer um dos locais.

Consigo lembrar-me de muitos desastres que envolveram a perda de muitas vidas ou de muita propriedade, ou ambos, mas não me consigo eu próprio lembrar de um ocorrido durante a minha vida onde todos os pormenores fornecidos, à parte a distância e a relação com a Sra. Prince e comigo, tenham sido concretizados.

Repito e insisto que outra caraterística não deve ser ignorada. Admitindo que a médium, por qualquer processo, vislumbrou o futuro, parece ter havido um poder seletivo envolvido. Iam ocorrer muitos eventos importantes, incluindo desastres, no país no prazo de dois anos, alguns deles ligados a locais que eu (e a Sra. Prince) conhecera. Mas de todos os eventos foi selecionado, ou por um acaso maravilhoso o palpite da médium acertou, o acidente que iria ocorrer na cidade e no distrito da cidade, e a apenas um par de minutos a pé da casa onde a assistente daquele dia viveu os primeiros dezassete anos

da sua vida! 4. Referência a "um chapéu alto que creio que o pai dele teve algo a ver com ele", um "que poderia ter sido usado em 68 ou 70, por essa altura", usado em ocasiões especiais.

Depois a comunicadora vacilou e disse: "ou o pai ou o próprio homem, sabe."

W.: É verdade, tive em tempos um chapéu alto, mas não sou suficientemente antigo para ter usado um da colheita de 68 ou 70. O pai tinha um chapéu alto que desapareceu na minha primeira infância, e do qual não me recordo de o ver usar, embora me lembre do chapéu e da caixa em que era guardado. A comunicadora não professa dar o período exato do chapéu. O meu palpite é que o pai o comprou para o seu casamento nos anos cinquenta, e provavelmente usou-o em algumas ocasiões especiais.

10 DE DEZEMBRO DE 1925, 11:15-12:30

(RELATIVO À VIDA PRECOCE DE W. F. P.)

Presentes: Miss Prince, Sra. Guinan (Secretária). Respostas pela Sra. G. Alegada comunicadora, a mãe de W. F. P.

1. O controlador vê a mãe com um pequeno livro bem gasto, como um livro de salmos ou seleções da Bíblia. Não me lembro disto, embora a mãe tivesse uma Bíblia pequena e bem gasta que era sua.

2. Ouve a mãe repetir *O Senhor é o meu Pastor* como se fosse uma seleção favorita. Estava entre as suas favoritas.

3. Referência a exercícios devocionais familiares em algum momento particular da semana. Havia exercícios devocionais familiares todas as manhãs, sem nenhuns semanais especiais.

4. Vê-se a mãe a segurar um alfinete, um "broche", "como se fosse um que ela usava apenas ocasionalmente". É "muito parecido com um camafeu" e está cravado em ouro e é antigo; está agora na posse de alguém, mas não de W. F. P. A mãe tinha um broche, bastante grande e oval, como muitos

alfinetes de camafeu, antigo e cravado em ouro, que era usado apenas ocasionalmente, e não está na minha posse. A parte central era cabelo sob vidro. 5. Referência à preparação para a Escola Dominical nas tardes de sábado através do estudo de uma folha de lição. Perfeitamente verdade para as crianças da família, embora não houvesse uma hora marcada para isso; as tardes de sábado eram tão prováveis como quaisquer outras.

5. Um forte espírito religioso em volta das crianças. Verdade.

6. Ela mostra uma pequena peça de roupa, não um casaco ou camisa, mas talvez um casaco curto ou um colete, usado pelo seu filho [W. F. P.] quando muito jovem, e feito por ela. Foi feita uma fotografia dele, usando isto, e ele tem um ar de "espanto aberto e juvenil e prontidão para olhar para o mundo que o espera". Só tive uma fotografia tirada antes dos dezasseis anos e nela usava um casaco feito pela minha mãe. Alguns poderiam pensar que a expressão se ajustava à descrição.

7. Imagem de W. F. P. como um rapaz pequeno, com algum problema de garganta que tornava difícil engolir, sendo persuadido a beber através da oferta do remédio numa chávena especial que estava na família há muito tempo e era associada à doença. Tive problemas na garganta que tornavam difícil engolir, como a maioria das pessoas, mas não me lembro de tal chávena.

8. Referência a "uma igreja antiga com bancos que têm pequenas portas brancas e carris escuros no topo e botões para os manter fechados. A igreja que frequentávamos não tinha portas nos bancos. Os bancos eram brancos e tinham carris escuros.

9. Nesta igreja "levantavam-se para cantar e voltavam-se para olhar para alguém no coro". Se tivesse sido "levantavam-se e voltavam-se para ficar de frente para o coro enquanto cantavam", estaria correto. Naquela igreja havia esse costume estranho.

10. E um homem que "berrava em baixo". Naturalmente, um homem cantava baixo, mas não me lembro de nenhum baixo que cantasse suficientemente alto para lhe chamar berro.

Apesar de pormenores incorretos ou incertos, fico impressionado com a verdade geral do que é dito. A piedade da minha mãe, a sua leitura da Bíblia e o gosto por certas passagens da mesma, os exercícios devocionais familiares, a preparação das lições da Escola Dominical, o forte espírito religioso do lar, a frequência da igreja, o facto de a minha mãe fazer a minha roupa com as suas próprias mãos — tudo isto não eram, de forma alguma, conclusões garantidas. De facto, provavelmente nem metade das crianças da vizinhança ia à Escola Dominical, e nem de perto metade das famílias frequentava a igreja.

15 DE DEZEMBRO DE 1925, 11:37-12:32

(OBJECTOS NA CASA PRINCE, ETC.)

Presentes: W. F. P. e a Sra. Guinan (Secretária). Aparente comunicador, o Pai de W. F. P. Tudo o que diz respeito à evidência é apresentado abaixo.

1. "Pensei num dia em que houve uma partida e nos dias seguintes de inquietação até haver notícias tuas Há muito tempo quando estavas a partir para a escola e tinha havido tanto em que pensar nos preparativos e depois tudo ficou calmo e a espera começou mas eu não percebi até então o que significava ter a distância entre nós e ao recordá-lo agora há um regresso daquela antiga sensação de solidão"

Fui o único dos filhos a frequentar um seminário tão longe que não regressava todas as noites nem semanalmente. Se isto tivesse sido dirigido a qualquer um dos meus irmãos ou à minha irmã, estaria incorreto. Naturalmente, um pai tão extremoso como o meu sentiria o que é descrito. Não é, contudo, absolutamente certo que um pai seja extremoso.

2. "Totalmente à parte e ainda assim como pano de fundo um fogão está em mente um fogão no qual se queimava madeira mas não um fogão de cozinha Era o que se chamava um fogão estanque creio Eu Não era redondo mas oval (Sim.) e um excelente aquecedor e estava na nossa casa (Lembras-te em que divisão?) Sim e era aí que eu queria chegar (Bem, está bem.) pois pareceu-me estranho que ele persistisse nas memórias até eu recordar que te tinha visto muitas vezes perto dele e a pôr lenha na porta (Sim, creio que sim.) e houve alturas em que deitava fumo e falava-se de estar demasiado cheio e como te deves recordar eu sempre tive um cuidado especial com o fogo (Sim, gostaria que aprofundasses mais isso. Fogão ou fogo ou qualquer outra coisa que te interesse — divisão, ou qualquer coisa que possas, derivando daí.) e havia uma caixa perto dele onde a lenha era guardada e mantida cheia também pois essa era (Sim, conta mais qualquer coisa sobre isso.) outra coisa que eu sempre tentei incutir-te que as caixas estivessem cheias de lenha eu não queria a tua mãe a ir buscar lenha e a divisão era muito ensolarada onde esse fogão estanque estava"

Comum em todos os detalhes e, no entanto, na sua verdade absoluta de cada detalhe, compondo uma imagem muito familiar à minha memória.

Na sala de estar havia um fogão exatamente como descrito, oval, estanque, não de cozinha, um excelente aquecedor. Deitava fumo quando demasiado cheio de lenha e houve alguns episódios de fumo, que eu recorde. O meu pai era extremamente cauteloso sobre como os fogões ficavam à noite e sobre qualquer coisa que pudesse possivelmente incendiar os edifícios — este era um traço distintivo. A caixa de lenha (embutida) ficava de facto perto deste fogão, estando ambos perto de uma porta apenas com a parede divisória entre eles. É verdade que o meu pai me incutiu, em rapaz, que a caixa de lenha devia ser mantida abastecida para que a minha mãe não tivesse de a ir buscar. A divisão era de facto muito ensolarada.

3. "E tinha ali algumas coisas que estavam associadas a ti pois tinha havido [suspira] uma série de conferências sobre o futuro para ti e tinham sido [respira fundo] deixadas algumas

coisas para trás que te deveriam ser enviadas (Gostaria que pudesses dizer o que eram, pois não me lembro agora.) mais tarde se precisasses delas pois as mulheres da família sentiam que deveria ser feito tanto para cuidar de ti eu agora mesmo quero dizer algo sobre 3 mulheres (Está bem, continua.) em casa"

Não me lembro de nada "deixado para trás", mas associando isto a "as mulheres da família sentiam que deveria ser feito tanto para cuidar de ti", pode ser que haja aqui uma tentativa confusa de referir o envio periódico de caixas de comida para mim durante um ou mais períodos letivos, quando eu "me sustentava a mim próprio", como se dizia. A preparação desta comida seria, naturalmente, feita pelas mulheres da casa. Houve um período em que viviam três mulheres na casa: a minha mãe, a minha irmã e a irmã do meu pai. Não consigo recordar nem saber exatamente quando esta última veio viver connosco, mas inclino-me a pensar que foi quando eu ainda estava nesta escola.

4. "E sobre outra peça de mobiliário ['ooh', murmura] (Sim, o que há sobre isso?) nessa mesma divisão (Sim, continua. Gostaria de ouvir sobre isso.) Era de madeira escura (Sim.) e era algo que tu usavas (Bem, consigo lembrar-me de tal coisa — continua.) e tinha sido posta em ordem antes de partires e foi mantida como a deixaste e depois mais tarde espera estou a ir demasiado depressa pois uma coisa traz outra mas não me estava a referir à mesa embora houvesse uma lá mas esta estava mais estreitamente associada a ti e tinha sido usada por ti e não recordas que havia compartimentos compartimentos [Escrito lenta e pensativamente] para os artigos usados e agora quero referir-me ao quarto de dormir de cima no andar de cima mas não à mesma divisão onde eu estava há um momento (Compreendo.) [Pausa na escrita.] Escrita [Pausa] [Oral: Espera um minuto. Espera um minuto. Não largues.' (Está bem.) Agarra nela. Agarra nela.' (Mantém-te firme.) Sim, agarra nela, agarra nela.'] Pensei que estava a confundir as cenas mas continuarei Justamente entre duas janelas que não eram precisamente lado a lado mas onde a luz de cada uma incidia sobre isto é para dar

melhor luz de dia mas havia um candeeiro que estava perto para estudo [Oral: Espera um minuto.' Pausa na escrita.] Devo transmitir isto se conseguir (Bem, mantém-te fiel a isso.) Lembras-te de uma cadeira grande que era uma cadeira de baloiço (Sim.) que tinha algo nas costas que foi feito em casa uma espécie de ornamento que parecia um naperon de malha branco (Oh, sim. Quase toda a gente tinha essas coisas na altura. Pena não teres conseguido uma melhor descrição daquela coisa que estava associada a mim, mas talvez consigas mais tarde.) e isto estava muito esticado tu [Lido 'cosido'] não não esticado (O naperon estava?) sim (Bem, não me lembraria disso.) a secretária Não era algo com o formato de uma secretária mas tinha uma espécie de pega peça de madeira escura direita que era móvel e ajudava a fazer o m [Oral: Não consigo apanhá-lo.'] mo o org [Lápis pousado. Entregue um novo.] (Continua.) ajudava a fazer o som e a música música (O que ajudava a fazer o som e a música?) comprida direita [pausa] (Bem, estavas insatisfeito com org?) não os foles mas o órgão (Bem, é parecido. Qual era o problema antes de chegares a org? Podes dizer-me qual era a dificuldade em não obteres o resto antes?) Pensei que devia continuar com a descrição da peça de madeira (Bem, e agora queres?) que era o acelerador Esse não é o seu nome mas tornava-o alto ou (Sim, compreendo o que queres dizer, mas pergunto-me porque é que a tua mente se fixou nessa parte particular. Tens alguma ideia?) Creio antes que foi porque ao olhar abaixo da estante de música [Oral: 'ooh'] placa ia escrever sobre as partituras pois poderiam ser mal interpretadas e surgir como papéis (Compreendo. Isso é interessante.) Vês primeiro pensei em partituras e folhas [sheets] sugeriram cama [bed-sheets] (E isso trouxe o quarto de dormir?) sim e o quarto de dormir (Bem, isso é interessante.) sugeriu a cómoda e depois escapei (Isso é muito esclarecedor quanto ao processo.) ao olhar para baixo e vi a alavanca comprida (Sim.) e, se puderes acreditar, isso também sugeriu os puxadores [N. R.] puxadores de uma secretária antiga onde a tampa assenta (Sim.) quando aberta e por essa altura pensei que devia desistir mas or org mas org surgiu (Oh, sim, org surgiu.) e depois tive mais esperança

vês nós trabalhamos em contacto com os amigos que seguram a luz no transe Não tenho muito a ver com o processo físico mas apanho as reações dos processos mentais daqueles que me estão a ajudar (Compreendo.) São mais vezes os processos mentais dos ajudantes do que da tua própria mente ou dos teus ajudantes o que está acordado e o que está a dormir Eu portei-me razoavelmente bem quando começo realmente a raciocinar sobre isto"

No que diz respeito ao aumento da evidência, o texto poderia ter sido resumido a algumas frases. Mas a longa passagem é impressa pela luz que professa lançar sobre os processos mediúnicos.

Já tinha havido a afirmação de que na divisão estavam "algumas coisas que estavam associadas a ti", que derivou para a observação, irrelevante nesse contexto, relativa a "conferências sobre o futuro". De uma forma geral, claro, tudo estava associado a mim. Mas particularmente, e de modo único, associados a mim estavam apenas o órgão de armário, o banco do órgão e o livro e as partituras sobre o órgão. Mais tarde surge o que bem pode ser julgado como um regresso ao assunto do qual os pensamentos tinham derivado — "outra peça de mobiliário [além do fogão] nessa mesma divisão. Era de madeira escura". O órgão era feito de nogueira preta. "E era algo que tu usavas". Eu era o único a tocar o órgão e tinha o hábito de praticar e tocar muito nele durante os dois anos imediatamente anteriores à minha ida para a escola. "E tinha sido posta em ordem antes de partires". Apenas me lembro que, mais do que uma vez, retirei todas as palhetas e limpei o pó delas. "E foi mantida como a deixaste".

Ninguém mais na família sabia tocar. Depois o guião deriva para "não recordas que havia compartimentos", levando à dúvida se o órgão estaria a ser referido e a vários objetos no andar de cima. Depois: "A secretária — não, era algo com o formato de uma secretária mas tinha uma espécie de pega, peça de madeira escura direita, que era móvel e ajudava a fazer o m- m-o- o org ajudava a fazer o som e a música... não os foles mas o órgão... Pensei que devia continuar com a descrição da peça de madeira que era o acelerador... Esse não é o seu nome mas tornava-o alto ou". Tudo estava agora claro: o órgão e a "peça de madeira escura direita que era móvel" era o

que se conhece como uma joelheira, que, pressionada pelo joelho, torna o som mais alto ou mais baixo.

Mas porquê todo este saltitar de uma coisa para outra, e aparentemente regressar ao órgão, apenas para divagar novamente, e regressar de novo, para finalmente tornar as primeiras referências a ele inteligíveis? Ninguém faria tal confusão propositadamente. Especialmente ninguém que pretendesse designar um órgão, o que acaba por parecer inequivocamente ser o propósito, obscureceria propositadamente a evidência ao arrastar algo sobre compartimentos aplicável a uma secretária. Não é desta forma que os médiuns astutos e despertos falam. Algum processo automático estava a ocorrer no estado de transe da Sra. Soule que exige explicação.

Esta explicação é a que o comunicador professa dar. Não é perfeitamente clara, mas ele parece dizer que o que é registado é o resultado não apenas do seu pensamento, mas também dos "processos mentais de outros dois, "o que está acordado e o que está a dormir", o que este último pode significar o "controlador" ou o espírito perito na questão de influenciar o cérebro da médium, e a própria médium adormecida.

Em todo o caso, o comunicador afirma claramente que é muito difícil para os três manterem um item particular de memória fixo, e indica claramente que as digressões são muito propensas a ocorrer por associação de ideias. É fácil ver como isto poderia acontecer. Enquanto qualquer ser humano vivo conversa, os seus pensamentos fazem tais digressões constantemente. De facto, algumas pessoas revelam mais ou menos este facto na própria fala, de modo que, começando a contar um certo incidente, antes de terminarem já incluíram meia dúzia de outros e dezenas de detalhes não pertinentes ao propósito com que começaram. *The Man Who Knew Coolidge* de Sinclair Lewis é uma ilustração humorística deste facto. A maioria das pessoas é capaz de manter as suas divagações mentais fora da sua fala.

Mas se no processo de obter uma "comunicação" através de um psíquico, seja oralmente ou por escrito, não importa qual, a telepatia — a passagem de pensamentos de uma mente para outra — estiver envolvida, seria de esperar, em muitos casos pelo menos, que

contivesse exatamente tais errâncias e transições súbitas, tais saltos para cima e para baixo das escadas e tal falta de discriminação entre o importante e o trivial, como encontramos nesta sessão. A medida em que uma comunicação é assim marcada e dificultada (para os fins do investigador) pode depender largamente de uma de duas coisas: se o comunicador tem uma "mente de via única" que consegue manter um assunto particular em vista firmemente, ou uma mente ágil, versátil e impressionável que, por assim dizer, pensa em muitas coisas ao mesmo tempo, e se ele está, no momento de comunicar, calmo e firme ou num estado de agitação.

O "Pai" faz um relato parcial de como a associação de ideias fez com que a "mensagem" divagasse. Na sua imagem mental, ele via as partituras no órgão e ia "escrever" sobre elas, mas receou que surgisse como "papéis" e não fosse compreendido. Abaixo da música, ele viu mentalmente a joelheira, pelo que isso transpareceu. Mas antes disto, a palavra "folhas" [*sheets*] tinha-o recordado de "cama" [*bed-sheets*], e isto trouxe a referência ao "quarto de dormir". E a joelheira recordou-lhe as tiras de madeira sob o tampo da secretária antiga (tal como a joelheira estava sob o teclado do órgão).

Vamos testar estas pistas no registo real, começando com a primeira referência aparente ao órgão e terminando com a nomeação do instrumento e a descrição inequívoca da sua joelheira.

TENTATIVAS DE DESCREVER E NOMEAR O ÓRGÃO

(a) "Ele [a divisão] tinha algumas coisas associadas a ti." (Referindo-se ao órgão e aos seus pertences, que eu apenas usava.)

(b) (Pensar no órgão trouxe à mente que no período da minha prática mais intensiva nele, fui para a escola, ali principalmente para estudar música.) "pois tinha havido uma série de conferências sobre o futuro para ti... coisas... para te serem enviadas."

(c) (Pensamentos trazidos de volta ao órgão.) "peça de mobiliário na mesma divisão... algo que tu usavas. pus em ordem antes de partires e foi mantida como a deixaste... não me estava a referir à mesa embora houvesse uma lá mas esta estava mais estreitamente associada

a ti e tinha sido usada por ti." (Havia uma pequena mesa neste ou num período anterior, mantida nesta divisão, em cuja gaveta eu costumava organizar, com muito cuidado, artigos meus.)

(d) (Ele pensa nas partituras no órgão, e que poderiam surgir como "papéis", a sua visão mental recai sobre a joelheira e ela recorda-lhe, pela localização e forma, os "puxadores" da secretária antiga.) "e não recordas que havia compartimentos para os artigos usados."

(e) (As palavras "partituras" [*sheets of music*] fazem com que "lençóis" [*bed-sheets*] surjam na sua mente, e isto traz o pensamento de um quarto de dormir no andar de cima.) "e agora quero referir-me ao andar de cima — quarto de dormir de cima, mas não à mesma divisão onde eu estava há um momento" (ou seja, o quarto de cima não é aquele onde o objeto associado a mim estava).

(f) (A negação de que o quarto de cima era a divisão do objeto traz de volta a imagem desta última divisão.) "Justamente entre duas janelas que não eram precisamente lado a lado mas onde a luz de cada uma incidia sobre isto é para dar melhor luz de dia mas havia um candeeiro que estava perto para estudo." (A divisão tinha janelas que não eram diretamente opostas uma à outra, uma consideravelmente mais perto do órgão, mas ambas as quais lançavam luz sobre ele. Deve ter sido também uma memória vívida enquanto o meu pai viveu como eu praticaria à noite, por vezes até a família se ter ido deitar e até ser obrigado a parar, por um candeeiro colocado sobre o órgão.)

(g) (Talvez pensar novamente nas partituras tenha trazido à mente o naperon branco que, quando "esticado" nas costas da cadeira de baloiço, não estaria longe do mesmo tamanho.) "Lembras-te da cadeira grande que era uma cadeira de baloiço que tinha algo nas costas que foi feito em casa, uma espécie de ornamento que parecia um naperon de malha branco, e isto estava muito esticado." (Todos estes pormenores — cadeira de baloiço, naperon, branco e feito em casa — estão corretos.)

(h) (A tentativa de transmitir algo sobre as partituras tendo sido desviada pelo pensamento involuntário do naperon semelhante, a sua visão mental recai novamente sobre a joelheira e ele é novamente

recordado dos "puxadores" semelhantes da secretária antiga); "a secretária."

(i) (Mas ele afasta o pensamento e fixa a sua mente no objetivo pretendido.) "Não, era algo com o formato de uma secretária mas tinha uma espécie de pega, peça de madeira escura direita que era móvel e ajudava a fazer o m m "

(j) (Um surto súbito de energia) "org."

A partir deste ponto, é fácil definir o que é a peça de madeira e escrever "órgão", uma vez que a intenção deve agora ser clara para os necessariamente cooperantes "ajudantes, o que está acordado e o que está a dormir".

Na teoria espírita, e empregando as pistas dadas nesta sessão, creio que o que precede poderá ser uma reconstrução razoavelmente correta do que se passou no que se refere à mente do comunicador. Da imagética mutante das coisas na casa nos seus pensamentos, com qualquer que fosse a vivacidade e a nitidez que pudessem respetivamente possuir, os ajudantes, por algum processo obscuro, tiveram de selecionar. O resultado poderia ter sido uma confusão e perplexidade totais. Mas neste caso o propósito principal, dizer que havia um órgão de armário na minha primeira casa, e que era o meu órgão, no qual eu "estudava" tanto de noite como de dia, foi finalmente alcançado.

Pareceria, por este e por muitos mais registos, que o comunicador nem sempre sabe exatamente o que é registado. Mas sabe em parte, ou pelo menos sabe o que é provável que seja registado, pois reconhece quão facilmente a imagética resultante da associação de ideias pode ser registada nas ligações erradas. E ocasionalmente parece suspeitar que tal está realmente a acontecer, como quando o "Pai", logo após o voo irrelevante para o andar de cima, diz: "Pensei que estava a confundir as cenas."

> 5. "Voltarei novamente mas deixa-me lembrar-me de uma árvore que podia ser vista da janela perto do órgão uma árvore que era muito apreciada por mim e tinha formato cónico e era de folha persistente mas a uma pequena distância" [...]

O meu pai plantou, em vários locais mais ou menos próximos da casa, alguns pinheiros da Noruega, que são, naturalmente, árvores "de folha persistente". A maioria destes morreu, mas não todos. Não tenho a certeza de que algum fosse visível da "janela perto do órgão", mas creio que sim e que acabou por morrer. Ele tinha muito interesse por estes pinheiros. Foram obtidos num bosque a várias milhas de distância, e eu estava com ele quando ele os trouxe.

6. "Conheces alguém chamada Amanda? (Já ouvi o nome Amanda. Conheço um nome muito parecido.) Talvez não o tenha apanhado bem e não vou tentar agora. (Claro, se eles tivessem o nome e a quem se referia — descrevessem a pessoa — estaria tudo bem.) Vou deixá-lo e tentar apanhá-lo mais tarde. Adeus." Se um nome é incomum e se é também definido com algum grau de exatidão em que relação estava a pessoa que o detinha, estou disposto a dar peso a uma semelhança próxima com o mesmo. Caso contrário, não. Portanto, embora uma parente próxima e querida se chamasse por um nome semelhante a "Amanda", pela falta de qualquer definição desse tipo, concluo que, embora a semelhança evite que isto retire valor à evidência, a evidência não é aumentada por ela.

EXPERIÊNCIA DE 7 DE JANEIRO DE 1926

(SECRETÁRIA ANTIGA, PASTAGEM PRINCE E PESSOAS)

Presentes: W. F. Prince (Assistente), Sra. Guinan (Secretária). Resumo de todos os itens relativos à evidência.

1. "Uma secretária — talvez lhe chamassem uma *secretary*, pois não parece a secretária do período atual. . . . Recuo ainda mais na família para o seu primeiro proprietário. . . . Parece chamar-se a velha Secretária."

Havia tal secretária, e era chamada de *secretary,* e ocasionalmente "a velha secretária". O seu "primeiro proprietário", tanto quanto sei, pertencia à geração anterior à do meu pai. Veio para a casa após a morte da minha avó paterna, quando eu tinha sete anos.

2. "Nela estão muitas coisas que se relacionam com os primeiros dias da tua própria infância, e há gavetas nas quais são guardadas algumas coisas que não são especialmente de carácter para secretárias."

Embora seja usado o tempo presente, parece ser usado na visualização presente de um estado de coisas passado. Coisas guardadas na secretária na minha juventude estariam provavelmente relacionadas com esse período, mas do que lá era guardado não tenho nenhuma recordação particular.

3. "Um livro antigo que é como um livro de razão" — "papel pautado, quase azul". "O teu pai era metódico e mantinha registos ou contas tão fielmente quanto achava melhor." Este parece ser o seu livro de contas, "e estende-se por um longo período e creio que era de couro por fora e de um tipo de castanho baço com um pequeno espaço de título vermelho vivo que, naturalmente, estava desbotado com a idade. Este livro estava dentro ou sobre a velha Secretária."

Tudo o que me lembro é que o meu pai usou a secretária durante algum tempo depois de ela ter chegado à casa, mas mais tarde foi posta no andar de cima, talvez porque não houvesse lugar para ela no quarto dos meus pais depois de a minha mãe ter arranjado uma secretária nova. Não creio que o meu pai, no meu tempo, tivesse qualquer livro de contas que se assemelhasse a um livro de razão ou que contivesse contas ao longo de um grande período. Tudo o que me consigo lembrar era um livro pequeno e fino que podia ser posto num bolso. O meu pai era cuidadoso com as transações comerciais, e certamente anotava "tão fielmente quanto achava melhor", mas essa é uma expressão indefinida. Naturalmente, não posso ter a certeza de que o meu pai não tivesse um livro de contas maior quando eu era muito novo que tenha sido destruído cedo demais para eu o recordar.

4. "Dentro deste livro vejo nomes de pessoas, e frequentemente ocorre um nome que começa por D e é como Daniel ou David.... Creio que era alguém de quem o teu pai era parente e no entanto era distante, mas houve algumas

associações que trazem esse nome frequentemente para este livro."

Havia tanto um Daniel como um David entre os vizinhos. Na penúltima casa vivia Daniel, que não era parente do meu pai, embora fosse marido da prima da minha mãe. Não sei que transações comerciais possa ter havido entre o meu pai e este Daniel. O meu pai não era apenas agricultor, mas também pintor e decorador de veios de madeira (*grainer*), e é muito provável que tenha feito trabalho nesta área para Daniel.

5. O "Pai" chama a atenção para dois nomes. O primeiro é "Matilda", que não significa absolutamente nada para mim. Ao observar cautelosamente "Não reconheço de momento Matilda", foi escrito: "A Matilda morreu jovem e não era falada com frequência, mas está na família". Não creio que uma Matilda tenha alguma vez sido falada por nós. Mas ver mais à frente. O outro nome mencionado foi "Orville", que reconheci apenas minimamente. Este era o nome de um primo meu, muito mais velho do que eu, de quem eu gostava imenso, embora o visse muito raramente, pois a sua casa ficava a dez milhas de distância. A sua última visita de que me lembro foi quando eu não tinha mais de doze anos. Mas nem uma palavra é dita para identificar este "Orville" como o meu primo.

6. Depois surge uma imagem algo complicada do que pretende ser "atrás dos edifícios" que constituíam a minha primeira casa, cujo significado, tomando as palavras literalmente, parece ser o seguinte:

(a) Prosseguindo para "atrás dos edifícios" em direção a "algumas plantas de folha persistente baixas e rasteiras... juníperos", e perto delas havia alguns "abetos", "três ou quatro", "os únicos num raio de milhas". Passava-se pelos "juníperos" e ia-se em direção à "vedação" para chegar aos "abetos". Os "abetos" estavam "à vista dos edifícios".

(b) Os "juníperos" e os "abetos" estavam em "terra não cultivada como uma pastagem". Isto era, portanto, "atrás dos edifícios".

(c) Um "muro divisório ou vedação ou ambos" interpunha-se antes de se chegar à "terra não cultivada como pastagem"; "parece que

fossem pedras e algumas peças de madeira em ziguezague colocadas no topo para manter gado ou ovelhas ou algo do género". Esta vedação "estava branqueada com a idade".

(d) "Além deste ponto", isto é, dos "abetos", "há um lugar que foi escavado como que com um propósito, e há rochas por ali". "Não parece uma cave, mas parece que algumas rochas tivessem sido escavadas." Este local não era visível dos edifícios, mas poder-se-ia "vê-lo se se chegasse a um ponto bastante perto da casa, mas não seria tão marcado na imagem como as árvores. Ainda assim, era suficientemente perto para apontar e servir de referência para dar direções.... Havia algumas rochas bastante grandes."

(e) "Algumas [destas rochas] foram levadas para fazer algo no local da casa. . . havia alguns planos de construção definitivos que exigiam um muro, creio eu, e soa como se ele tivesse dito: 'Fomos buscar toda a nossa rocha aqui'. Disto não tenho muita certeza, mas sei que uma parte da rocha veio de lá, onde estavam os buracos, para o local da casa."

(f) "Havia, creio eu, perto de um portão de um curral onde o gado era mantido e recebia água, uma rocha grande que era redonda e, no entanto, bastante plana no topo e bastante notável pelo seu tamanho, mas havia alguns planos de construção definitivos que exigiam um muro", etc.

Até aqui, as afirmações no guião. Vejamos agora quais eram os factos reais dentro do meu conhecimento, seguindo a mesma ordem.

(a) Os "abetos" e "juníperos". Ficamos limitados por não saber se os nomes surgiram tal como a imagem, automaticamente, ou se, "vendo as árvores e arbustos, os nomes foram os que a própria médium deu do seu próprio vocabulário". Não havia juníperos, propriamente falado, mas havia uma série de cedros rasteiros muito baixos e, por alguns americanos, pelo que entendo, os cedros são chamados de juníperos. Nem, tanto quanto sei, havia na nossa pastagem quaisquer abetos [*firs*] segundo o nosso uso do termo. Mas em várias secções não apenas as árvores do género *Abies* são conhecidas como abetos, mas também, de acordo com o *Standard Dictionary*, o são certas pícias (*Picea*) e tsugas.

Lembro-me muito distintamente de um grupo (mais de "três ou quatro") de árvores de folha persistente que cresciam muito perto do aglomerado de cedros rasteiros. Mas se são estas as referidas, a sua localização no guião está aparentemente errada. Estavam "atrás dos edifícios", com certeza, mas não "à vista" deles, estando muito mais longe do que a vedação aparentemente referida depois (embora perto de outra vedação) e consideravelmente mais longe do que o "buraco", em vez de mais perto. Atrás dos edifícios, o pai plantou alguns pinheiros da Noruega, que eram os únicos num raio de milhas.

(b) A terra de pastagem. "Atrás dos edifícios" era de facto "terra não cultivada ou pastagem", terra na qual nunca se meteu um arado; era assim na minha infância e é assim hoje. À frente nunca houve nenhuma no meu tempo. Consigo lembrar-me de quando a terra de pastagem chegava muito perto a oeste, e também me lembro de quando uma faixa considerável desta foi desbravada. Mais tarde, gradualmente, toda a terra de pastagem a oeste tornou-se campos cultivados. "Atrás dos edifícios" teria sido a expressão através da parte vívida das minhas recordações de infância para denotar a localização da pastagem.

(c) A vedação e o muro. Mas, como indicado no guião, havia tanto um muro irregular de pedras como uma vedação antes de se chegar à pastagem — isto é, uma faixa cultivada ficava logo atrás dos edifícios. Quando eu era um rapaz pequeno, as pedras tinham sobre elas uma vedação em ziguezague à moda antiga (*snake fence*), substituída, provavelmente na altura em que eu tinha doze ou catorze anos, por uma vedação direita. "Branqueada com a idade" é eminentemente correto. Muitas das grandes e velhas travessas rachadas de madeira macia, acinzentadas e com líquenes pelo tempo, eu as serrei para lenha. A faixa de terra logo atrás da casa e do celeiro foi desbravada por volta de 1840, e a vedação em ziguezague provavelmente datava dessa época.

(d) "O lugar escavado". Não além de quaisquer abetos ou outras árvores (exceto macieiras), que eu me recorde, mas além da vedação e virado para oeste, podia ver-se, de perto dos edifícios como afirmado, a borda coberta de rochas de um grande "lugar escavado" perto do cume de um grande outeiro. Este lugar tinha sete pés de profundidade,

mais ou menos, de um lado, e descia gradualmente até à superfície do outro lado, onde as carroças tinham entrado de marcha-atrás para buscar cascalho.

Muitas cargas tinham sido retiradas, e "rochas" de vários tamanhos estavam amontoadas ao longo das bordas. Não havia outro lugar em toda a quinta como esta escavação na pastagem atrás dos edifícios. E se alguém, naqueles dias, estando perto dos edifícios, quisesse saber como chegar às árvores de folha persistente e aos arbustos de cedro perto delas, no canto superior da pastagem, apenas teria sido necessário dizer-lhe para subir até àquela escavação na colina, ponto no qual seria capaz de os ver. ("Suficientemente perto para apontar e servir de referência para dar direções.")

(e) Nada poderia ser mais verdadeiro do que o facto de "algumas das rochas que vieram daquela escavação terem sido levadas para fazer algo no local da casa". Havia "alguns planos de construção definitivos", de facto, pois uma casa nova substituiu a antiga quando eu tinha cerca de dez anos. O pai reconstruiu a parede da cave e ele próprio rachou o granito de que era composta a base da casa. Lembro-me distintamente de que pedras grandes vieram desta escavação e que o pai cortou algumas lajes de blocos de granito escavados deste outeiro. "Toda a nossa rocha" para estes fins veio da nossa quinta e da quinta adjacente do meu tio.

(f) O curral onde "o gado era mantido e recebia água" ficava no lado do celeiro voltado para o outeiro da escavação. Não me lembro da rocha descrita como estando perto do portão do curral, mas se, como o contexto imediato parece sugerir, foi usada para o muro, não há razão para que eu a recordasse. Muitas vezes, naqueles dias de "planos de construção definitivos", ajudei o pai a rachar rochas para o muro ou para a base, segurando e rodando a broca enquanto ele manejava a marreta.

Lembro-me de tais operações no outeiro, em dois locais no campo de baixo e num no campo do meu tio, mas deve ter havido mais. O pai tirava as suas rochas onde as conseguia encontrar; quanto mais perto da casa, melhor. Não se poderia esperar que, se as memórias de um espírito estão a ser transmitidas, elas devessem

sempre coincidir com as minhas memórias, especialmente naquela idade precoce. É muito possível que o que é afirmado sobre esta rocha, embora improvável de provar, seja um facto. Que as rochas estavam naquele local é certo.

7. O guião refere-se a uma "vara longa e lisa usada para conduzir bois. Não é claro para mim se havia bois mas havia uma aguilhada" guardada numa "espécie de sala num celeiro — pois existe a palavra caixa de ração onde algum grão era mantido e por que razão esta aguilhada era guardada eu não sei, mas parece ser uma relíquia de outros dias".

Por volta da altura em que as rochas estavam a ser preparadas para o muro, tínhamos um par de bois — nunca mais tivemos nenhuns depois. Lembro-me bem da aguilhada e creio que foi guardada algum tempo depois de os bois partirem, pois a minha memória dela é clara. Mas não tenho recordação de onde era guardada.

8. "Conheces um Henry que era ou deveria ser deste período?"

Foi precisamente por volta da altura em que a casa fora construída, quando eu tinha cerca de dez ou onze anos, que uma tia, com o seu marido Henry, cuja saúde se tinha degradado, veio viver para a casa do meu tio e avô, que ficava diagonalmente oposta à nossa. E, ocorre-me agora, o nome mencionado anteriormente nesta sessão, Orville, era o de um meio-irmão dele, o meu primo. Eu gostava tanto do Tio Henry como do Primo Orville. E, já agora, uma das duas visitas de Orville de que me lembro mais claramente começou com ele a vir ter comigo e com o meu pai quando estávamos ocupados num campo a perfurar uma daquelas rochas para fornecer lajes para a base da casa.

Neste ponto, consideremos novamente o nome Matilda. A pastagem atrás da casa, o muro intermédio e a vedação em ziguezague, a idade da vedação, a escavação de onde vieram as rochas, o emprego de algumas das rochas dela em ligação com planos de construção para fazer um muro — tudo o que se refere a "atrás dos edifícios" provou estar correto, exceto os "juníperos e abetos" e a sua localização, e eles lembram-nos os arbustos de cedro baixo e as

árvores de folha persistente que cresciam noutro lugar na pastagem. A referência a bois e a uma aguilhada está correta.

Havia uma "velha secretária" e a implicação de que o pai a usava está correta. Daniel era o chefe de uma das famílias mais próximas, íntimo da minha família e ligado a ela por um laço de sangue. Eu tinha um Tio Henry e um Primo Orville, que eram meio-irmãos. Mas mais do que isto — todos estes pormenores entram no quadro de 1870-1875. Apenas nesse período se enquadram a preparação de rochas para o muro e a remoção final da velha vedação em ziguezague. Nunca depois de 1875 tivemos bois. Foi dentro desse período que o meu pai usou a secretária — creio que nunca depois.

A minha recordação das visitas de Orville recai nesse período e possivelmente um ano ou dois antes dele. Foi nesse período que o Tio Henry viveu diagonalmente oposto (embora houvesse alturas posteriores, após a morte da minha tia, em que ele viveu na minha casa). "Daniel" pertence a este período, e antes e depois dele. Há nesta sessão tal agrupamento de factos, com um ou dois factos aproximados e apenas uma afirmação, à parte aquela sobre "Matilda", que posso contradizer absolutamente (a posição dos arbustos e árvores, e a raridade destas últimas), que me sinto compelido a indagar se poderá haver qualquer significado possível também para este nome.

Não há intenção de tornar "Matilda" probatória. Estou a tatear a causa do aparecimento desse nome, procurando comparar teorias para explicar a sua emergência.

Que tenha sido deliberadamente arriscado como um nome provável de encontrar uma Matilda no meu ambiente, não é razoável. Toda a gente sabe que é um nome incomum, pelo menos para o século XIX. Pode muito bem ser que a Sra. Soule não saiba quão incomum é, mas ela deve saber que é suficientemente incomum para ser uma aposta muito má. O mesmo acontecia com "Orville" e, no entanto, o nome era extremamente relevante.

Considerado como resultado de algum processo que não teve origem na escolha consciente da psíquica, restam-nos duas teorias para explicar o nome. A primeira é que foi provocado por algum

mecanismo de sonho em transe que apenas a psicanálise poderia ter rastreado.

A outra é que foi o resultado abortado de uma tentativa de dar um nome congruente com o período e o agrupamento de factos, um resultado que pode possivelmente conter vestígios do nome pretendido.

Eu preferiria sem hesitação a primeira teoria se esta sessão como um todo não mostrasse muito mais correspondência com factos, e factos dentro do quadro de um período definido, do que seria esperado pelo acaso. Se, além disso, o nome Matilda, remoto como é, provasse ser também muito mais próximo de um nome muito congruente do que a probabilidade do acaso levaria a esperar, não seria irracional ficar impressionado.

Na sessão de 15 de Dezembro, o nome "Amanda" foi dado (p. 371).

1 Para obter uma estimativa grosseira da proporção de *Orvilles* em relação à massa de nomes cristãos reconhecidos, consultei o *Who's Who in America* de 1901-2, que contém os nomes de homens nascidos em qualquer lugar nos primeiros três quartos do século XIX. Excluindo todos os nomes obviamente derivados de um apelido de família (assim, em "George Gray Barnard", eu contaria "George", mas não "Gray"), e começando no início da lista, decidi continuar até atingir o número 6.000.

Entre esse número, como qualquer pessoa pode verificar repetindo a minha tarefa, provou haver apenas dois *Orvilles*. Mas não parei aqui, pois poderia ser que um *Orville* estivesse dez ou cem nomes mais à frente, de modo que, se a pesquisa prosseguisse um pouco mais, a percentagem seria grandemente reduzida. Decidi continuar até que outro *Orville* fosse alcançado e aí parar. Foi alcançado na página 761. Entre 6.785 nomes cristãos reconhecidos, o número de *Orvilles* era três, ou 1 em 2.291. Muitas poucas pessoas listadas na obra consultada nasceram depois de 1875. Portanto, a probabilidade de *Orville* se ajustar a uma imagem de 1870-1875 relevante para mim era pequena. Se colocarmos o número médio de nomes cristãos diferentes pertencentes aos parentes masculinos,

amigos e vizinhos de um rapaz do campo no valor de 75 (no meu caso, tudo o que consegui evocar da memória foram 35, alguns deles detidos por várias pessoas), a probabilidade seria de cerca de 1 em 30.

Eu respondi: "Já ouvi o nome Amanda. Conheço um nome muito parecido". Isto não foi uma renúncia expressa do nome da minha parte. De facto, não me lembro de alguma vez ter conhecido uma Amanda na minha vida, ou o nome nos registos passados da minha tribo e das suas ligações colaterais. O nome muito parecido a que me referi era "Miranda", o da minha própria tia, a mulher do meu Tio Henry. A semelhança entre ele e o nome dado pode ser mostrada assim:

Mir ANDA aM ANDA

O comunicador disse: "Talvez não o tenha apanhado bem" e "Vou deixá-lo e tentar apanhá-lo mais tarde". E agora, a 7 de Janeiro, que contém "Henry", correspondendo ao nome do meu tio, e o nome raro "Orville", correspondendo ao do seu meio-irmão, o meu primo, surge a misteriosa "Matilda". Terá sido uma tentativa abortada de cumprir a promessa de 15 de Dezembro?

Sabemos que se alega ser difícil fazer passar nomes próprios e tendemos a olhar para essa alegação como uma desculpa conveniente para maus palpites. Mas, admitindo que existe tal coisa como a comunicação, é razoável supor que deva ser difícil conseguir que nomes próprios sejam expressos. Não podemos parar aqui para repetir todas as razões para pensar assim. Basta uma pista para dizer que muito do conteúdo das "mensagens" parece assumir uma forma pictórica, e que não há nada em "Higgins" ou "Peleg" para trabalhar numa imagem no cérebro da médium. Tal palavra é como uma pedra no fluxo do pensamento pictórico.

A indicação de alegadas letras iniciais de um nome, como S, ou M, ou W, é irritante para o investigador, mas pode muito bem representar um esforço válido para fazer passar um nome, por mais impertinente que isto possa ser. Por mais lamentável que seja o facto, acrescentando complexidade aos nossos problemas, ainda assim poderia ser que nomes próprios, especialmente os que não são familiares à pessoa cujo cérebro é transformado no canal de

comunicação, embora ocasionalmente surjam de forma direta, como no caso de "Orville", mais usualmente sejam vislumbres parciais como que por uma visão quase imperfeita, ou parcialmente captados como que por uma audição quase imperfeita.

E agora, embora "Matilda" seja um substituto pior para Miranda do que é "Amanda", consegue a primeira letra. E tem a última sílaba. E o mesmo número de letras e sílabas, e o acento na mesma sílaba.

Mi-ran-DA

Ma-til-DA

Pouco convincente, não é? E, no entanto, pode haver mais para nos dar que pensar do que à primeira vista parece. Passei um dia inteiro a percorrer uma massa de nomes femininos encontrados em antigos registos genealógicos na minha biblioteca, relativos a muitas famílias, e listei 367 nomes distintos e variantes pertencentes a 2.000 mulheres diferentes. Não havia entre os 367 nenhuns, um único nome de três sílabas além de Matilda que fosse suficientemente parecido com Miranda para começar com a mesma letra e terminar com a mesma sílaba.

Não se afirma que não exista ou nunca tenha existido outro — existiram todo o tipo de invenções estranhas (esta lista mostra uma "Oscaforia", uma "Angellette" e uma "Deidamia"), mas apenas que um tal nome é excessivamente raro. Os únicos outros nomes de três sílabas na mesma longa lista a terminar em "da" são Lucinda e Belinda. Estes dois são, a seguir a "Amanda", que surgiu a 15 de Dezembro, os mais parecidos com Miranda auditivamente na lista de 367 nomes; "Matilda" é o mais parecido com Miranda visualmente.

Depois de eu ter negado conhecer qualquer Matilda, o guião afirmou: "A Matilda morreu jovem e não era falada com frequência, mas está na família". Bem, Miranda morreu comparativamente jovem, aos 35 anos, e como isso foi há mais de meio século, é claro que é verdade que por muitos anos os vivos, absortos com o presente, não falaram dela com frequência. Se é isto que a passagem quer dizer, é verdade; se quer dizer que ela era uma criança quando morreu — e talvez isto fosse uma interpretação forçada — não é verdade.

"Matilda" e "Orville" são nomeados na mesma frase breve do guião. A minha Tia Miranda era cunhada do meu Primo Orville. Na primeira metade do período por volta de 1870-1875, ela e o seu marido Henry viveram na mesma cidade e não longe de Orville; na última parte desse período, os dois primeiros viveram diagonalmente opostos a nós, e Orville visitava por vezes brevemente ambas as famílias.

12 DE JANEIRO DE 1926, 11:10-12:10

(RELATIVO À MÃE DE W. F. P.)

Presentes: W. F. P. e a Sra. Guinan (Secretária). Alegada comunicadora, a mãe de W. F. P.

NOTAS BREVES

1. Observações sobre os meus dias de escola e conversas íntimas com a mãe, suficientemente corretas, embora demasiado vagas para serem particularmente probatórias, exceto pela afirmação de que "concordámos em não dizer nada sobre isso ['alguma marca especial, uma palavra de louvor' que eu recebera] por enquanto aos outros". Não me lembro de nada desse género e duvido.

2. Correto que eu estava habituado a "dizer a verdade", e observações sobre a relação íntima entre nós corretas e prováveis.

3. Se a mãe "te aconchegou [a mim]" para a noite, foi antes das minhas recordações. Quase todas as mães, que não empregam uma ama, e algumas que o fazem, suponho que aconchegam o seu filho muito pequeno. Sem dúvida que "lançaste os teus bracinhos à volta do meu pescoço mais uma vez para outro abraço" era verdade para mim quando era muito pequeno, mas é demasiado comum para ser probatório. Ainda assim, se os pensamentos da minha mãe estão a ser lidos, seria de esperar que tais pequenas cenas ternas fossem acarinhadas na sua memória. Podem estar nalgum estrato profundamente

enterrado da minha mente, mas não tenho nenhuma recordação de nada desse género.

4. Posso dizer definitivamente que a afirmação de que durante as minhas férias da escola a mãe vinha por vezes ao meu quarto de manhã para ver se eu estava acordado, não é verdade. Num período anterior, sim.

5. O "passeio — conduzir com um cavalo para outro lugar onde fomos a algo que era bastante importante para nós pois foi um evento que me deixou orgulhosa", sendo a ocasião a de um "diploma" quando me "formei", está correto. Os meus pais conduziram quarenta milhas para estarem presentes na minha primeira graduação. Tudo o resto, sobre o evento ser importante para a mãe, etc., é natural.

6. "A honra especial foi a forma como te formaste" tem relevância no facto de o meu lugar no programa ter sido de certa forma conspícuo. Mas "*cum laude*" não tem aplicação e, se a mãe usou essas palavras, teria, creio eu, necessitado de aprender o seu significado após a sua morte.

7. É feita a afirmação de que a minha mãe "tem mãos muito expressivas". Se assim é, nunca notei.

8. A minha tentativa de ver definido o tipo de lugar que tive no programa falhou. A razão dada é que "Não é uma questão de memória, é uma questão de emoção súbita que ninguém consegue explicar. É mais fácil para uns ultrapassar as emoções do que para outros, mas as emoções estão geralmente apenas submersas, e podem irromper a qualquer momento, seja na mente dos vivos do vosso lado ou do nosso". Esta contribuição para a teoria da comunicação e as suas dificuldades é plausível. Mas a declaração parece também implicar um temperamento emocional na minha mãe tal que tenderia por vezes a bloquear a expressão. A mãe era intensamente sensível e emocional, mas reprimia as suas emoções em grande medida. Em momentos de extrema tristeza ou alegria, era tão provável que ficasse bastante silenciosa, inibida de falar pela emoção.

9. Não sei se havia um leque como o descrito ou não.

10. A minha mãe, como afirmado, não tinha uma mão grande. Quando eu era muito jovem deve ter sido ainda uma mão "bonita", mas com o passar do tempo foi desfigurada pelo trabalho árduo de uma dona de casa do campo.

11. O único anel da minha mãe de que me lembro era um de "ouro muito simples".

14 DE JANEIRO DE 1926, 11:07-12:40

(MORTE DO IRMÃO DE W. F. P. E DOR DA MÃE)

Presentes: W. F. P. (Assistente) e a Sra. Guinan (Secretária). Respostas por W. F. P. Segue-se tudo o que diz respeito a ambos os lados da questão probatória.

1. "Estou a pensar agora num dia em que a morte entrou na nossa família (Sim, conta sobre isso.) há muito tempo (Sim.) e houve muitos dias de dor que se seguiram (Lembro-me) e tantas vezes pensámos na melhor forma de continuar sem ele e tu foste corajoso e bom mas o teu coração estava triste também"

Antes da morte do pai, depois de eu me tornar homem, houve apenas uma morte, a do meu irmão, na nossa família imediata. Depois, dois parentes morreram na casa, mas depois de eu ter deixado de ser um residente nela. Lembro-me claramente que a mãe se sentiu comovida pelos meus esforços para a animar e distrair depois de o meu irmão morrer.

2. "E depois pergunto-me se te lembras de duas coisas de que eu me lembro Uma foi um dia de primavera e uma estrada lamacenta e um desejo da minha parte de ir à sepultura e o sentimento de que poderia não ser capaz para tal pois após aquela morte não fiquei muito bem (Não me lembro desse dia em particular, embora seja de facto muito provável.) e a questão era sempre levantada sobre se eu seria capaz de o fazer (Sim.) mas tu parecias sentir sempre que se eu pudesse fazer o que desejava isso me ajudaria a suportar a perda e ajudou mas nunca recuperei totalmente a antiga força"

Embora não possa negar um único detalhe aqui, também não os posso afirmar todos; uma imagem verdadeira é apresentada. A mãe ficou terrivelmente abalada com a morte do seu filho pequeno, emocional e fisicamente. Ela era objeto de profunda preocupação, e as suas visitas à sepultura eram, creio eu, tanto temidas como impossíveis de negar. Na primavera era certo haver estradas lamacentas entre a casa e o cemitério.

3. "E foi então que tu ocupaste o teu lugar e o dele e estávamos muito próximos embora não falássemos muito sobre isso (Não.)"

Embora nove anos mais velho do que a criança morta, eu estava mais perto da idade dele por seis anos do que qualquer outro dos filhos. Decididamente "não falávamos muito sobre isso". Estávamos de facto muito "próximos" naqueles dias tristes.

4. "Tenho esse rapaz comigo agora e a aparente tragédia da sua morte perde-se na alegria da sua presença."

Correto, era um rapaz. Embora não possamos ter a certeza de que a palavra "tragédia" é empregada no seu sentido literal, é exatamente a palavra adequada em todos os sentidos, pois a morte não foi natural.

5. "Já não é um tema a ser evitado (Fico contente por sentires isso.) Sei como cada um tentava ignorar o assunto (Certo.) e as palavras *Não digam nada sobre isso à frente da mãe* devem ter sido repetidas muitas vezes e se eu ia para a sala da frente sentar-me um pouco alguém vinha ver onde eu estava e o que estava a fazer Foi difícil para todos nós"

Nós evitávamos de facto o assunto terrível, por nossa causa e ainda mais por causa da mãe. Ela tinha tendência para ir sozinha para a "sala da frente" (apenas o nosso nome para ela), remoer por um tempo e sair com mágoa nos olhos. Temíamos esses momentos, e é altamente provável que o meu pai ou a minha irmã mais velha entrassem por vezes com o propósito afirmado, mas não tenho memórias sobre isto.

6. "E havia algo que eu queria escrever sobre as suas travessuras a sua forma brilhante de entrar cheio de vida e a sua

pequena forma de brincar as suas formas de brincar (Sim.) com os animais de estimação o gato e sempre a desvalorizar qualquer coisa e afetuoso [Oral: 'Oh.'] mas sem ter medo de nada pensei na lenha lareiras de lenha e na forma como o rosto dele ficava tão vermelho e os olhos tão brilhantes e a voz tão alta e alegre Todos sentimos falta daquela voz pois ele falava e contava tudo o que acontecia Vou tentar dar-te mais conforme consiga mas saberás como todos o achávamos tão rápido e esperto"

Mais uma vez, temos um quadro geral dos modos da criança com o qual não encontro qualquer falha. Ele tinha apenas dois anos e meio quando morreu, mas estes números não dão ideia da sua inteligência precoce, que não desejo pormenorizar mais do que é feito no texto. Ele era "cheio de vida", corajoso e robusto, de voz forte, volúvel e notavelmente "rápido e esperto". A referência a um gato de estimação está correta; se um cão tivesse sido mencionado, estaria errado.

7. "Talvez a sua morte tenha causado mais impressão em ti e na tua vida do que qualquer outra coisa que alguma vez tenha acontecido, pois estáveis tão próximos e na idade em que isso deixou uma marca profunda (Muito certo.) na tua mente"

Absolutamente verdade. Por mais jovem que eu próprio fosse, a tragédia obscureceu a minha vida. Eu não conseguia pronunciar o nome da criança e o seu lugar parecia-me tão sagrado que quase me ressenti com o advento de um irmão mais novo, ao qual quase não prestei atenção até ele ter dois ou três anos. Tenho a certeza de que nenhum outro evento individual em toda a minha vida causou uma impressão tão profunda e duradoura.

Exceto por alguns detalhes prováveis, todos os factos apresentados nesta sessão tinham um lugar proeminente na minha memória e, por isso, prestam-se com especial facilidade à teoria telepática. Logicamente, porém, não militam contra a teoria da comunicação, uma vez que ocupavam um lugar tão proeminente, ou mais, na memória da minha mãe.

9 DE FEVEREIRO DE 1926, 11:08-12:15

(MORTE DO IRMÃO DE W. F. P.)

Presentes: W. F. P. (Assistente), Sra. G. (Secretária). Respostas por W. F. P.

Enquanto entrava em transe, a médium disse: "Continuo a ouvir o nome de Pillsbury". Este nome não tem relevância para mim ao longo da vida, exceto pelo facto de, quando eu tinha dezasseis anos, gostar de uma menina com esse nome, neta de um proeminente político democrata do Maine. Não sei se ela está viva ou morta. Imediatamente após a referência, surgiram observações sobre uma discussão familiar sobre se eu deveria ir para um lugar ou para outro. Tal discussão de facto ocorreu, a qual foi decidida pela minha ida para o lugar onde conheci esta menina.

Mas um destes lugares não era "muito distante" relativamente ao outro, e outros detalhes parecem incorretos, tais como "era como uma nomeação". Alguns anos mais tarde, estive perto de ser nomeado para um cargo na China, e é verdade em relação a isto que "senti um desejo de o aceitar", que oferecia a perspetiva de "uma carreira estável e brilhante" e que a alegada comunicadora, a minha mãe, "queria que tu [eu], se possível, estivesses mais perto". Mas, novamente, outros detalhes, como afirmado, não se ajustam ao quadro. Teoricamente, memórias reais poderiam estar envolvidas, mas, se assim fosse, foram tão distorcidas na transmissão que se tornaram totalmente sem valor probatório.

Conheci um "professor" com a descrição dada quando tinha entre 16 e 18 anos, mas não há nada no texto que o relacione com data, localidade ou evento. A probabilidade de eu ter conhecido, em algum momento, um professor com essa descrição ascende quase à certeza. A referência a "Kingman Snow", aparentemente um capitão de navio, é inteiramente sem significado para mim. A "Mãe" diz que ele "foi alguém que conheci primeiro pelo nome e depois conheci pessoalmente". A minha mãe, em tempos, dentro das minhas recordações, teve um parente que vivia à beira-mar num lugar onde havia vários velhos capitães de navio, e ela fez lá uma visita uma vez. É possível que houvesse um com esse nome, embora eu não esperasse descobrir que tal fosse o caso se estivesse em posição de indagar.

Neste ponto, o meu irmão pretendeu comunicar diretamente, aparentemente com dificuldade, falhando após algumas frases, sendo a mais definida: "Agora quero escrever sobre 4 de nós, alguns contigo, mas nem metade tão perto como eu, embora não possas falar comigo". Mesmo isto não é definido. Que "nós" — a família inteira? Não, porque nestas sessões já foram especificados o pai, a mãe, um irmão e uma irmã além de mim próprio. Todos os filhos? — se este é o significado, está errado. No momento da sua morte, mencionado logo a seguir? — nesse caso, a afirmação está correta.

"Sunbeam", a alegada intermediária, começou agora a falar. Disse que quem está a tentar escrever "não é um homem grande, mas um rapaz". Já a sua morte fora declarada "trágica", agora acrescenta-se: "Ele partiu muito depressa para o outro lado". Depois surge o que parece ser uma imagem significativa da qual é extraída uma inferência errada.

"Não creio que ele estivesse em casa, parece estar nalgum lugar lá fora porque vejo alguém a ir a uma porta, como uma porta exterior de uma casa e apenas a fazer isto — uma mulher, creio que a tua mãe, parecia estar a mover as mãos com um jeitinho tão excitada e a tentar manter-se calma por dentro."

O meu irmão não estava "lá fora" no momento do acidente, mas esta é claramente uma inferência da imagem visualizada. Eu nunca poderia esquecer a cena, da qual fazia parte a minha mãe a correr de um lado para o outro entre o rapazinho e a porta da frente da casa num estado de grande agitação. A sua verdadeira razão era ver se o mensageiro que estava a preparar o cavalo já tinha partido para o médico.

A seguir veio a menção de um "Charles" que seria "chamado Charlie", "alguém que tu conhecerias e ele conhecia". Tínhamos um primo Charles, sempre chamado Charlie, com cerca de seis anos e que vivia do outro lado da estrada. Depois, uma referência a um boné, associado à última vez que ele saiu, que ele punha e se afastava "como se fosse o dono do mundo — aquela forma feliz". Não tenho a mínima recordação do que ele usava naquela última vez que saiu (que foi

comigo), ou se tinha ou não um boné. Mas ele era uma criança muito saudável, desembaraçada e de aspeto feliz. Depois:

"Oh, é uma tragédia, apenas uma tragédia que entra numa vida. Ninguém poderia saber sobre isso. Tudo acabado antes que alguém saiba. Coisa chocante — chocou não só a família, mas a vizinhança — toda a gente por perto tem essa coisa chocante por perto. Como é que isto alguma vez aconteceu! Como é que isto alguma vez aconteceu! E sempre e para sempre tem sido uma espécie de mistério, é um — não é precisamente um mistério, é um mistério sobre ele — como é que lhe aconteceu a ele e parece que ele te quer contar sobre isso que sempre quis contar porque foi sempre esta pergunta — como é que aconteceu?

Não é tanto por que aconteceu, mas como pôde acontecer. (O que ele pensa sobre isso?) Não — o que a família pensou. Primeiro um e depois outro juntaram isto e isto e formaram uma ideia sobre o assunto, apanham um pouco de evidência aqui e finalmente chegam a uma conclusão sobre isso, como se fossem coisas que não sabem precisamente, mas pensam que sabem, vês? (Creio que sim.) Tudo bem."

Anteriormente, a morte fora declarada "trágica", mas certamente agora está claramente implícito que foi literalmente uma "tragédia", um fim não natural da vida, embora a natureza do acidente ainda não esteja expressa. "Tudo acabado antes que alguém saiba" — alguém estava de facto presente, mas falhou em notar um perigo presente até que tudo estivesse "acabado" e o destino selado. Enfaticamente, isto "chocou não só a família, mas toda a vizinhança", nada de parecido tinha acontecido antes em lugar algum por ali.

"Toda a gente por perto tem essa coisa chocante por perto" — o que pode significar esta frase curiosa? Para mim, é luminosa de significado. Para proteger qualquer evidência futura, não desejo dizer exatamente o que causou a morte, mas foi uma "coisa" passível de ter consequências "chocantes" em qualquer lugar, a qual estava naquela altura em várias das casas ao redor, segundo a minha recordação, trazida por uma razão comum não muito tempo antes. "Sempre e para sempre uma espécie de mistério" é modificado por "não é

precisamente um mistério" e "como é que aconteceu" em "como pôde acontecer", sem que nenhuma palavra fosse proferida por mim. Não houve mistério algum quanto à forma como aconteceu, mas *como pôde acontecer* expressa um sentimento autêntico: tudo estava tão feliz e calmo até um momento particular e depois, sem o mais ligeiro indício de perigo por um momento, todo o horror e tragédia. Nenhuma culpabilidade se atribui a ninguém, mas pensar-se-ia: como pude alguma vez esquecer-me de fazer aquele pequeno movimento que teria evitado a tragédia, e outro pensaria: como pude alguma vez falhar em notar o que estava de facto à minha frente e que num segundo eu poderia ter tornado seguro! Foi necessário o testemunho de várias pessoas combinadas para explicar como veio a acontecer.

A seguir vieram várias frases para expressar a proximidade do laço entre mim e o rapaz, "David e Jónatas", "o que morreu e tu pareciam ter um laço mais próximo do que tu com os outros ou ele com os outros". Creio que isto é verdade, outros membros da família poderiam não pensar assim. A minha irmã, muito mais velha do que eu, estava fora grande parte do tempo. Eu estava mais perto em idade por seis anos do que o meu outro irmão estava. Eu adorava a criança. "Os restantes não contam" é totalmente excessivo, mas há este facto curioso em justificação parcial do mesmo: que durante dois ou três anos após o nascimento de outro irmão, mais tarde, eu quase não lhe prestei atenção e tive um sentimento tolo como se ele fosse um usurpador.

"Às vezes, quando caminhas pelo lugar onde ele esteve — caminhas pelo chão — tudo te vem de forma tão fresca ao coração como se fosse ontem, e no entanto foi há anos e anos." Literalmente verdade. Sempre que visito o antigo lugar, agora fora da família, e caminho pela parte do campo onde fomos na última vez que ele saiu de casa, mesmo após estes muitos anos, a antiga memória apodera-se de mim. "Diretamente de um céu sem nuvens vem este choque que é uma das tragédias da tua vida", "um acidente pelo qual não podes culpar ninguém", "consigo ver que ele era diferente de qualquer outra pessoa que alguma vez tenha entrado na tua vida — nada alguma vez preencheu o lugar dele nem poderá preencher" — tudo correto, e eu não estou a dar quaisquer respostas, exceto "Sim. Correto", à

observação sobre o laço estreito, e não estou a manifestar emoção de forma alguma. "Pequeno como era, jovem como era, ele era muito viril e tinha grandes planos, ia fazer isto e aquilo, cheio de esperança brilhante", é tão correto quanto poderia ser para uma criança tão jovem. Naturalmente, os seus planos não seriam de longo alcance, mas ele era invulgarmente inteligente, ativo, brilhante e ensolarado. Finalmente surge:

"Agora um J — alguém começa com um J que estaria ligado a ele. Soa como Joe — não parece — não sei se Joe ou Josie, mas som em o, não soa como John mas Joe ou Josie — conheces alguém assim? (Não, conheço o nome de uma pessoa que começa por J.)"

Ele tinha um tio-avô Joseph que vivia um pouco mais acima na estrada, que raramente o via, e uma Tia Julia, mãe do Charlie, que vivia do outro lado da estrada e que o via quase todos os dias.

11 DE FEVEREIRO DE 1926

(IRMÃO DE W. F. P.)

Presente: Apenas a Sra. Guinan (Secretária). O comunicador pretendia ser o irmão de W. F. P.

NOTAS BREVES

Este é escasso em declarações factuais. Duas, relativas a brincadeiras de rapaz precoces, têm mais ou menos probabilidade, embora não sejam particularmente recordadas. Perguntaram-me se me lembrava de "Ralph", e eu de facto lembrei-me de um rapaz com esse nome, mas nunca tive nada a ver com ele. "E J" é demasiado indefinido. Não sei se o meu irmão caiu e magoou o polegar numa pedra ou não — não me recordo que o tenha feito. Depois surgiu uma afirmação contendo vários pormenores, todos declarados corretamente. Seria absurdo supor que a Sra. Soule tivesse quaisquer dados sobre o assunto, e é pena que uma afirmação tão probatória seja demasiado pessoal para ser impressa.

A seguir, referindo-se ao meu irmão falecido:

1. "Ele está a cantar qualquer coisa. . . Soa como. . . *pop goes the weasel*."

Isto é bastante impressionante. O meu irmão começou a cantar melodias antes de ter um ano de idade, e as palavras quase assim que conseguiu falar. Na altura em que morreu, conhecia um grande número de melodias de hinos e canções, com mais ou menos palavras, e nas suas brincadeiras cantava muito. "*Pop goes the weasel*" era uma canção da qual o meu pai cantava um trecho, e eu aprendi-a com ele. É quase certo que o meu irmão a conhecia, pois conhecia e cantava a maioria das peças que me eram familiares.

2. "Um tal calafrio apoderou-se dele, como um choque, um choque terrível, quando ele morreu."

O acidente envolveu um "choque terrível" para o seu sistema, certamente, embora a morte não se tenha seguido imediatamente. Não posso saber se o calafrio foi induzido; é perfeitamente possível, e talvez provável.

3. A mãe dele "afaga-lhe o cabelo — sabes, como se ele fosse um rapazinho, ele é um rapaz, mas é enquanto ela lhe afaga o cabelo. . . e ele está tão branco quanto pode estar. Rapaz bastante branco. Bastante branco na testa, mas queimado pelo sol. Adorava estar ao ar livre."

Ele era certamente "um rapazinho", mas quão pequeno ainda não foi esclarecido. A sua pele e o seu cabelo eram muito claros. Ele brincava consideravelmente ao ar livre, naturalmente. Não me recordo se mostrava marcas de queimaduras solares ou não.

4. Agora "parece que ele — é como deslizar ou patinar porque consigo ver gelo e água e tudo".

Isto soa como uma cena num rio ou lagoa. O único "deslizar" que ele fazia seria em pequenas placas de gelo perto da casa, ou possivelmente no riacho ali perto.

5. "Um medo de que as coisas lhe acontecessem porque ele era cuidadoso, mas corajoso, ao que parece . . . uma coragem natural para fazer as coisas."

Era uma criança ativa e vigorosa. Naturalmente, a sua mãe ficaria por vezes ansiosa quando ele estava fora de vista.

6. "Ele tem o sorriso mais bonito." Lembro-me dele como um rapaz amável e sorridente.

RESUMOS DE VÁRIAS SESSÕES

(AVÓ MATERNA DE W. F. P., A "CAMPANHA" E O TIO FRANK)

14 DE OUTUBRO DE 1925. (PRESENTES: W. F. P. E SECRETÁRIA.)

A primeira menção foi a de "uma velha roda que era usada para fiar", uma "roda pequena", "que era usada para o linho", "mais tarde transferida para outros". Quando a mãe do meu pai morreu, a sua pequena roda de fiar linho foi para ele.

Depois surge matéria sobre uma avó, evidentemente suposta pelo "controlador" ser a mesma, mas que se adequa à minha avó materna. "Pequena e algo débil" [aplica-se aos últimos meses da sua vida], assistida por uma "mulher mais jovem" que é de "estatura média e não especialmente encorpada, mas parece bem e capaz de fazer o que lhe é pedido" [poderia bem ser a minha tia, a única outra mulher que vivia na casa na altura, pois todos os pormenores se aplicam para esse período]. "Isto sugere um quarto na casa da avó. Não tenho bem a certeza de qual casa é esta, mas a sugestão é de uma que foi destruída, ou demolida ou queimada." [A ala anexa, na qual os meus avós viviam, foi mais tarde demolida.]

"Existe alguém nesse ramo da família chamado B? (Sim, existia. Gostaria que obtivesses o resto disso.) [Eu estava a pensar no seu nome de solteira, que começava por B.] e [Comecei a ver que estava no caminho errado.] (Sim.) Bet (Sim.) sy (Bom.)" De facto, o nome desta avó era Betsy.

"Ela nunca queria ter tempos monótonos ou ser deixada de fora da conversa. Ela é uma boa mulher. (Com certeza.)" Embora não fosse alegre, era muito conversadora e muito, muito boa.

"Ela tinha o dom — eu queria dizer o jeito para a enfermagem. (Sim.)" Isto é perfeitamente verdade.

"E ela era muito gentil (Sim.) e silenciosa nas suas ministrações (Sim.)" Absolutamente correto. Todas estas afirmações surgiram consecutivamente e sem hesitação.

Imediatamente seguiu-se uma imagem dela "com algumas cartas na mão que foram escritas por alguém que estava longe, as quais lhe eram muito queridas, e eram lidas e relidas e eram uma parte da sua vida que acrescentava tanto alegria como tristeza, pois aquele que estava separado dela teve algo de um fim trágico — não, não fim, mas condição trágica. E muitas vezes os seus olhos estavam húmidos, mas nunca se ouviam murmúrios, apenas isto: *Gostaria de saber*. A incerteza era difícil de suportar."

Algum tempo após a sessão, consultei algumas cartas antigas que nunca antes tinha lido. Várias delas foram escritas pelo meu Tio Frank quando estava na Marinha, várias pelo meu avô e uma pela minha avó para ele. Numa delas, o avô diz: "Os sentimentos da tua mãe... estão mais calmos perante a tua ausência do que eu esperava". Ele acrescenta: "Depois de termos notícias tuas, passamos muito bem por mais duas semanas; depois disso, não imaginas quão depressa a escuridão aumenta até recebermos outra carta".

A única carta escrita ao filho pela avó que li diz: "Querido, as palavras não conseguem exprimir a ansiedade que tenho por ti; por vezes sinto como se estivesses perdido para nós, noutras vezes a esperança revive e confio que nos voltaremos a encontrar". Várias das cartas de casa mencionam o conforto que o casal tem na netinha pequena do filho.

Temos nesta situação tudo o que corresponde aos pormenores do texto. "Cartas . . . escritas por alguém que estava longe, as quais lhe eram muito queridas"; "uma parte da sua vida que acrescentava tanto alegria como tristeza" — filhos amorosos e um neto bebé querido por perto, um filho longe na guerra "trágica", sujeito a sofrer perigo de vida; a mãe exteriormente calma exceto pelo "*Gostaria de saber*" se ele alguma vez voltará; a "incerteza difícil de suportar". Tudo isto, seguindo uma descrição reconhecível das características daquela

minha avó, juntamente com o seu próprio nome Betsy, parece-me decididamente impressionante.

Pergunto-me se tudo isto foi telepatia vinda de mim. Não tenho memórias da Guerra Civil, nenhum parente meu esteve alguma vez na guerra ou em qualquer outro estado de vida alarmante dentro das minhas recordações. Conhecendo os meus próprios hábitos mentais, não acredito que alguma vez tenha imaginado ou sequer pensado na minha avó a sentir ansiedade e anseio pelo regresso do seu rapaz. As histórias que o meu tio me contava sobre a sua vida na Marinha eram tão divertidas e isentas de perigo que nunca me teria ocorrido que qualquer grande ansiedade fosse sentida pelos seus pais. Uma combinação de bons palpites e dramatização por parte da Sra. Soule, se preferirem, mas dificilmente uma leitura de pensamentos que nunca tive.

15 DE OUTUBRO DE 1925. (PRESENTES: W. F. P. E SECRETÁRIA.)

Esta sessão contém algumas afirmações corretas, algumas inverificáveis porque se referem a assuntos anteriores às recordações dos vivos, e algumas incorretas. Houve uma tentativa curiosa de descrever um pequeno animal branco que fora um animal de estimação "há muito tempo na tua vida". Logo a seguir, foi perguntado se eu tivera um porco de estimação e, no entanto, no parágrafo anterior, fora alegado que havia "pêlo nele" e que é "pequeno como um esquilo". O facto é que, quando eu era um rapaz pequeno, tive um porquinho-da-índia branco muito estimado. Não consigo de todo identificar um parente descrito, e nunca tive um anel que estivesse partido. "Maçãs *Baldwin*", o tricotar de meias azuis e brancas, o meu pai ser um amante da verdade, algo rigoroso, o meu sentimento de "espécie de temor" por ele até eu crescer, etc., são suficientemente verdadeiros.

Mas uma passagem, embora indeterminada em alguns pontos, é peculiarmente sugestiva. Primeiro, com a observação: "Desejo agora escrever sobre uma cena inteiramente diferente", surgiu uma referência a uma escola em terreno elevado com vista para uma aldeia a alguma distância. "Parece que estavas a entrar no edifício para

participar em algo que não é uma aula de escola, mas mais como uma reunião local". Foi-me perguntado se eu alguma vez tinha pregado numa escola e respondi afirmativamente. Mas, apesar da minha resposta, surgiu isto: "Estavam presentes aqueles que te conheciam e sabiam do teu interesse por assuntos públicos, pois foi numa altura em que havia mais ou menos agitação sobre alguma situação política".

Uma bandeira foi hasteada não muito longe do local, mas "nada a ver com o teu trabalho daquele dia. . . . Tinha havido tanta contestação de partidos sobre o teu primeiro interesse nestes grandes temas, mas não havia dúvida sobre a tua posição e algumas das tuas próprias pessoas ficaram muito orgulhosas e felizes. . . . Vejo algumas coisas que apontam para os teus esforços que marcaram um ponto de viragem na forma como aquela eleição foi decidida e foi uma surpresa para ti mais tarde saber como os teus argumentos tinham tido impacto.... Não foi em 188 não consigo ver mas parece um 6. É algo sobre B." À minha pergunta sobre se B significava "o assunto, ou a cidade, ou o comunicador ou o quê", a resposta foi que era um participante na campanha.

O facto é que há cerca de trinta e três anos eu vivia, parte de cada semana, numa cidade do interior onde o tráfico de bebidas alcoólicas estava a causar estragos. Durante muitos anos, quase não houvera qualquer esforço para fechar as tabernas ao abrigo da lei de opção local, e quase toda a gente pensava que um esforço para o fazer seria quixotesco. Organizei uma campanha de palestras em quase todas as escolas da cidade e fiz a maior parte dos discursos eu próprio. Foi a minha primeira entrada pública em qualquer tipo de política. O sentimento local tornou-se intenso em consequência disso e houve uma votação maior do que a que ocorrera durante anos.

Não havia dúvida de que foram os meus esforços que "marcaram o ponto de viragem na forma como a eleição foi decidida", e a afirmação de que "foi uma surpresa para ti mais tarde saber como os teus argumentos tinham tido impacto" é exata, pois a vitória foi esmagadora. Isto ocorreu, não em 1886, mas em 1896 ou 1895. Tenho vergonha de dizer que não me lembro nem se alguma escola estava situada como afirmado, nem se algum dos outros oradores era um B. O nome daquela cidade começava por B.

17 DE DEZEMBRO DE 1925. (PRESENTES: W. F. P. E SECRETÁRIA.)

"Alguma vez foste a Fairfield? (Sim.) É no Maine, não é? (Sim; bem, diz o que encontras lá.)"

Fiquei naturalmente interessado porque o meu Tio Frank, depois de vender a casa do sótão, mudou-se para Fairfield, Maine, e, tendo casado novamente, viveu ali até ao fim da sua vida. O que se segue preenche um registo muito longo. As seguintes são as principais afirmações, corretas e incorretas.

Relativo a um homem, teoricamente o meu tio, embora não alegado como tal.

Contente por me ver quando eu chegava [Correto], ombros "um pouco descaídos mas logo se endireita" [creio ser verdade], "ele é um homem velho" [85 anos quando morreu], "tu gostavas muito dele" [verdade], "ele estava sempre interessado no que tu ias fazer a seguir" [sim], "e tu contavas-lhe sempre tudo" [sempre me senti à vontade para o fazer], "ele tem lábios algo finos" [tinha], "quase como uma barba curta" [médio curta], um pequeno lugar na parte de trás da cabeça "não tem tanto cabelo como a frente" [não tenho a certeza, mas o seu cabelo na frente era abundante], "fala como um homem do campo" [verdade], insinuação de que fora soldado [tinha sido, na Marinha], pistas sobre o tipo de farda [não apurei], tinha dentes amarelados [provável mas não certo] que eram dentes fortes, no entanto [pensa-se estar incorreto], referência a algo como um pífaro ou flauta, e insinuação de que ele teria gostado de o tocar não fossem os dedos rígidos [tanto quanto se sabe, tudo errado], muito magro na altura da morte [sim], "cheio de piada e tu não pensas tanto em piada, mas sempre houve tanta bondade" ["cheio de piada", se não tivesse sido modificado, estaria errado, ele tinha apenas um brilho tranquilo de humor; era muito íntegro e religioso sem ser pietista], "sobrancelhas algo pesadas" [sim], "nariz bom, forte, algo direito" [não é uma boa descrição, a menos que o nariz fosse visto de perfil; tinha um desvio para um dos lados], "não é bonito mas um rosto muito bom" [assim julgo], "quase como um — pergunto-me se esta é a

palavra certa — rosto espartano, que passaria por tudo e nunca vacilaria — essa é a maneira dele" [o seu rosto era singularmente imóvel, e o que quer que tivesse de fazer, levava-o a cabo sem qualquer alarido. Mas para o fim sofreu consideravelmente de desânimo, devido à degradação da saúde], deitava-se num sofá à moda antiga [sim, muitas vezes], em meias [caraterístico], teve durante muito tempo crises más com o estômago como indigestão [sim, teve durante muito tempo problemas deste carácter geral], "grande conversador quando se sente bem, gosta de falar sobre tudo" [verdade, um conversador volúvel e invulgarmente bom quando começava], parece ter ternura, tal ternura e gentileza" [era bondoso, mas não creio que estes termos sejam particularmente aplicáveis], "ele é tão inabalável sobre algo que pensa ser correto" [sim], "não era teimoso mas tinha a certeza das coisas" [tinha opiniões positivas sobre uma grande variedade de assuntos, mas não as impunha à atenção dos outros], "tinha uma fé nas coisas eternas sobre a qual não fala muito" [correto], "ele nota tudo o que cresce", coisas como um arbusto de gotas de neve [prestava pouca atenção a flores], cuidava bem do seu cavalo [cuidava], ia a uma loja onde conhecia e falava com toda a gente, "uma loja com a qual ele estava familiarizado — parece ter algo a ver com — se é a loja dele ou associada a ela... tem uma familiaridade particular para ele" [este tio foi para Fairfield para se tornar sócio de um homem numa loja. Isto foi há tanto tempo que não encontrei ninguém que se recorde da descrição da loja e se corresponde à do texto. A loja saiu das mãos dele muitos anos antes da sua morte. Mas a descrição dada do homem em quem ele estava "mais interessado lá" não está correta para o seu sócio].

Mulher, evidentemente a esposa do homem.

"Uma mulher bastante grande e gorda com óculos — não tão terrivelmente gorda mas redonda", "não uma mulher grande e muito gorda" [algo corpulenta nos seus últimos anos; usava óculos], "olhos azuis como berlindes" [sim], "ela é muito caseira e simpática boa sensata. . . tão convidativa e a primeira coisa é: já comeste e se não comeste vem comer alguma coisa e eu estava à espera de ti" [tudo se aplica, particularmente a observação, que é exatamente como a da Tia V.], "todos eles, eles adoram ter-te lá" [correto tanto para ela como

para o meu tio], viveu após a morte do homem [correto], "inclina-se sobre ele", "sentimento de estar aliviada por ele", "ternura, amor e grande desejo de ser corajosa", "como é que eu vou conseguir continuar — mais como alguém que viveu muito tempo com ele e não conseguia passar sem ele", "espero não demorar muito depois de ti", "sem necessidade particular como pobreza e tudo isso, mas metade dela tinha ido" [tudo certo, exceto por parecer haver qualquer tentativa de ser corajosa — a sua dor era extrema].

A casa deles e os seus arredores imediatos.

Tudo parece asseado por dentro [verdade], na casa "não estou em amarelos mais em cores cinzentas suaves, cinzento azulado" [o meu irmão pensa que o tom predominante era um cinzento amarelado], "espécie de despensa" fora da cozinha, "e creio que a pia é lá fora" [correto, a pia ficava na despensa], "mas há um edifício lá fora, lá para além . . . a mesma ordem lá fora . . . creio que há uma carruagem ali" [tudo certo], um móbile de prateleiras [*whatnot*] escuro numa das divisões [tinha havido tal móbile na casa anterior do tio; se ele o levou para Fairfield não consigo apurar], e nele "uma concha do mar — é mais ou menos do tamanho da tua mão se estivesse fechada... enrola-se por baixo e é acastanhada por fora e mais clara por dentro e é muito lisa como se fosse polida" [isto descreve uma concha do mar que estava na casa do meu tio antes de ele se mudar para Fairfield, e da qual me lembro bem; ele provavelmente levou-a quando se mudou], desenho representando uma pessoa na parede e uma fotografia de uma rapariga numa moldura descrita [não sei], arbusto de gotas de neve no quintal [possivelmente, mas apenas hortênsias são recordadas. Havia gotas de neve no antigo lugar, quando eu era rapaz].

A localização da casa e tentativa de descrição do "centro" da cidade.

A casa é onde é "meio campo, porque vejo coisas ali à volta a crescer, e a caminhar como se houvesse a liberdade da vida do campo", "seguindo caminho vais para o campo" e "ele está entre" o campo e "o centro onde existem lojas", mas "mesmo perto do centro" [tudo exatamente verdade].

"Existe um rio?" [existe], "há uma pequena ponte pedonal" [Não, pontes bastante grandes], "uma cidade tranquila" [sim], indo da antiga loja para a casa, a estação estaria à direita [não é assim], existe uma praça com algo alto nela, chamada algo como *Monument Square* ou *Fountain Square* [não existe nada desse género lá].

Afirmações diversas.

"Não podes ficar muito tempo — como uma visita — e vais de vez em quando de passagem de algum lugar para outro, paras ali" [Exatamente. Nos últimos doze anos apenas podia fazer visitas de algumas horas em viagens de passagem pelo local para outro destino], "ele tem alguém deixado além de ti aqui no corpo. Estão um bocado afastados" [ele não tinha nenhum parente num raio de quinze milhas. O seu único filho vivia muito mais longe], "um bebé que partiu há muito, muito tempo. . . parece o seu próprio bebé" [nunca ouvi dizer que ele tivesse perdido um bebé; perdeu uma rapariga aos quinze anos, mais de quarenta anos antes da sua própria morte], uma mulher é descrita, dizendo-se que viveu muito tempo em Fairfield [não a reconheço].

Dos pormenores relativos ao homem suposto ser o meu tio, relativos à sua esposa e relativos à sua casa, embora alguns pareçam estar errados, a grande massa está correta. Combinando-os com a menção de Fairfield, Maine, a probabilidade de tal preponderância de exatidão ser o resultado de mero palpite é infinitesimal.

Se eu estivesse a fazer experiências com uma psíquica estranha e a cidade que o meu parente habitou durante muitos anos fosse mencionada, eu suspeitaria imediatamente, e analisaria as afirmações que acompanham a menção da cidade, para ver se eram tais que pudessem ser facilmente obtidas por métodos detetivescos. Façamo-lo aqui.

Em nada do que alguma vez publiquei ou que alguma vez foi publicado sobre mim Fairfield é mencionada. O meu tio não era de forma alguma um homem proeminente. É necessário alguém muito íntimo e próximo dele para ter dado tal massa de dados relativos às suas características, à sua casa, etc. Ninguém a não ser dois ou três

parentes meus poderia saber, por exemplo, que eu apenas lhe fazia visitas quando estava a caminho de outro lugar.

Mas admitindo que a Sra. Soule teve contacto por acidente, diremos, com alguém que conheceu o meu tio nos seus últimos anos e a sua casa em Fairfield intimamente, essa pessoa teria de conhecer Fairfield igualmente bem. Ou, se fosse para fazer trabalho detetivesco, os dados mais fáceis e seguros de obter seriam a descrição de edifícios proeminentes e outros objetos naquela cidade. Não teria havido nada sobre uma ponte pedonal, ou *Monument Square*, e qualquer pessoa que soubesse da loja de há muito tempo do meu tio não diria que a estação de comboios ficava à direita indo da loja para a casa. Tal teoria fracassa. São os dados pessoais, tão difíceis que é quase impossível obtê-los por investigação, que achamos mais certos e mais abundantes; são os factos que poderiam ser obtidos com muito pouco trabalho e astúcia que são os mais escassos e os mais inseguros no registo.

29 DE DEZEMBRO DE 1925. (PRESENTES: W. F. P. E SECRETÁRIA.)

Este registo deve ser suprimido. Trata inteiramente do mesmo tema geral, embora com outros detalhes, que certas passagens dos registos da Sra. Allison sobre o trabalho da Sra. Leonard, passagens essas que foram igualmente suprimidas. É pena, uma vez que esta sessão, tal como as passagens omitidas da Sra. Allison, é no seu todo marcantemente probatória. Descontando o que poderia ter sido aprendido por rumores e o que poderiam ter sido deduções astutas a partir daí, reconhecendo também que certas afirmações estão cronologicamente misturadas, existe ainda um grande resíduo que é extremamente difícil de explicar. Implica o conhecimento detalhado e íntimo de alguém do interior.

Além das pessoas tratadas pelo texto de forma pouco elogiosa, e que certamente, em conversa com outros, não se teriam revelado assim, não mais de três ou quatro pessoas estavam suficientemente no interior para saber este ou aquele item declarado, e apenas duas os conheciam a todos em combinação. Alguns detalhes definidos, relativos a algumas cartas recentes, eram conhecidos por apenas uma pessoa fora do meu escritório.